

ANEXOS¹

Anexo 1 | Exemplos da Grelha de Análise de Conteúdo do Corpus

Peças datadas cronologicamente

Anexo	Data	Publicação	Título ²	Género	Dimensão	Tema principal
2	4 de maio de 1976	<i>Diário Popular</i>	À espera da reabilitação póstuma de um português que Salazar castigou por ter salvo milhares de judeus das garras nazis	Opinião	Grande	Reabilitação de ASM
3	25 de outubro de 1976	<i>Diário Popular</i>	Para quando a reabilitação do Dr. Sousa Mendes?	Opinião	Pequeno	Reabilitação de ASM
4	22 de fevereiro de 1979	<i>A Capital</i>	Um “justo” português	Perfil	Médio	Ato de Consciência
5	28 de janeiro de 1986	<i>A Capital</i>	Outro Wallenberg esquecido por nós - Cônsul Português em Bordéus Salva Milhares de Judeus	Reportagem	Grande	Ato de Consciência
6	5 de fevereiro de 1986	<i>Diário Popular</i>	Aristides de Sousa Mendes ainda não foi reabilitado	Opinião	Médio	Reabilitação de ASM
7	22 de março de 1986	<i>Correio da Manhã</i>	Salazar demitiu-o por salvar judeus e o filho exige agora desculpas de Soares	Reportagem	Grande	Reabilitação de ASM
8	24 de março de 1986	<i>A Capital</i>	“Wallenberg Português” merece ser reabilitado - Família de Aristides de Sousa Mendes pede que seja feita justiça	Reportagem	Grande	Reabilitação de ASM

¹Todas as fontes dos anexos são de autoria própria, à exceção dos casos explicitamente indicados.

²É acrescentada a primeira ou última página do periódico no caso de os artigos apresentarem destaque nas mesmas.

Anexo	Data	Publicação	Título	Gênero	Dimensão	Tema principal
9	10 de outubro de 1986	<i>O Jornal</i>	Diplomata português antinazi finalmente reabilitado	Reportagem	Grande	Ato de Consciência
10	19 de março de 1987	<i>O Século</i>	Antigo cônsul vai ser homenageado	Notícia	Pequeno	Homenagem
11	19 de maio de 1987	<i>Diário Popular</i>	O Herói Português do Holocausto	Reportagem	Grande	Ato de Consciência
12	3 de junho de 1987	<i>Diário Popular</i>	Cabanas de Viriato recorda o herói português do Holocausto	Notícia	Médio	Reabilitação de ASM
13	9 de agosto de 1987	<i>Diário de Notícias</i>	Homenagem nos EUA a Sousa Mendes	Notícia	Pequeno	Homenagem
14	10 de agosto de 1987	<i>O Século</i>	Câmara dos Representantes homenageou Sousa Mendes	Notícia	Médio	Homenagem
15	19 de março de 1988	<i>Diário de Notícias</i>	Cônsul Sousa Mendes reabilitado por unanimidade	Notícia	Médio	Reabilitação de ASM
16	25 de março de 1988	<i>O jornal ilustrado</i>	O crime de salvar judeus	Reportagem	Grande	Ato de Consciência
17	6 de dezembro de 1988	<i>Diário de Notícias</i>	Evocada memória de Sousa Mendes - EUA homenageiam ex-cônsul português	Notícia	Médio	Homenagem
18	21 de janeiro de 1989	<i>Sábado</i>	Os segredos do processo	Reportagem	Grande	Ato de Consciência
19	10 de setembro de 1989	<i>DN Magazine</i>	Portugal: o porto de abrigo	Reportagem	Grande	Ato de Consciência
20	28 de abril de 1990	<i>Diário de Notícias</i>	Sousa Mendes inspira livro	Notícia	Pequeno	ASM na Cultura
21	9 de maio de 1990	<i>Diário de Lisboa</i>	“O Caso Sousa Mendes” - Os vistos da justiça	Notícia	Médio	ASM na Cultura
22	22 de junho de 1990	<i>Diário de Lisboa</i>	Um samaritano português	Notícia	Médio	Homenagem

Anexo	Data	Publicação	Título	Gênero	Dimensão	Tema principal
23	22 de junho de 1990	<i>Diário Popular</i>	Salvou milhares de judeus na II Guerra - Aristides Sousa Mendes evocado em Lisboa	Notícia	Grande	Homenagem
24	22 de junho de 1990	<i>Correio da Manhã</i>	Sousa Mendes evocado por ter salvo judeus durante a 2.ª Guerra Mundial	Notícia	Médio	Homenagem
25	13 de janeiro de 1993	<i>Diário de Notícias</i>	Diana Andringa evoca cônsul que salvou judeus	Notícia	Médio	Homenagem
26	24 de janeiro de 1993	<i>Telepúblico</i>	Aristides de Sousa Mendes, o Cônsul Injustiçado - Desobedecer como um direito, um dever	Notícia	Grande	Ato de Consciência
27	24 de janeiro de 1993	<i>Correio da Manhã</i>	Aristides de Sousa Mendes - A história de um homem de Deus	Notícia	Grande	Ato de Consciência
28	8 de junho de 1993	<i>Correio da Manhã</i>	Comunidade judia homenageia Aristides Sousa Mendes por coragem e humanismo	Notícia	Grande	Ato de Consciência
29	9 de junho de 1993	<i>Público</i>	Foi a primeira...	Notícia	Médio	Homenagem
30	9 de junho de 1993	<i>A Capital</i>	“Foi um homem bom e corajoso” - Mário Soares evoca Aristides de Sousa Mendes	Notícia	Médio	Homenagem
31	9 de junho de 1993	<i>Correio da Manhã</i>	“Vida de Sousa Mendes orgulha Portugal” diz Soares	Notícia	Médio	Homenagem
32	9 de março de 1994	<i>Nova Gente</i>	Aristides de Sousa Mendes - O português que salvou milhares de Judeus	Reportagem	Grande	Ato de Consciência
33	21 de maio de 1994	<i>Revista Expresso</i>	Sousa Mendes homenageado	Notícia	Pequeno	Homenagem
34	30 de maio de 1994	<i>Diário de Notícias</i>	Bordéus recorda Sousa Mendes	Notícia	Grande	Homenagem
35	20 de março de 1995	<i>Público</i>	Homenagem a Sousa Mendes	Notícia	Grande	Homenagem

Anexo	Data	Publicação	Título	Gênero	Dimensão	Tema principal
36	25 de março de 1995	<i>Expresso</i>	Liberdade e ausências do PSD	Notícia	Grande	Homenagem
37	25 de março de 1995	<i>Público</i>	O cônsul de Bordéus à espera de justiça	Notícia	Grande	Homenagem
38	25 de março de 1995	<i>Diário de Notícias</i>	Aristides Sousa Mendes	Notícia	Pequeno	Homenagem
39	26 de março de 1995	<i>Correio da Manhã</i>	Português que salvou 30 mil recordado na Estação Parque	Notícia	Grande	Homenagem
40	1 de abril de 1995	<i>Jornal de Notícias</i>	Foi pena!...	Opinião	Grande	Ato de Consciência
41	6 de maio de 1995	<i>Jornal de Notícias</i>	O português que salvou milhares de refugiados	Reportagem	Grande	Ato de Consciência
42	15 de julho de 1995	<i>Público</i> (suplemento <i>Leituras</i>)	Sousa Mendes revisitado por Rui Afonso - O “grito” do “cônsul de Bordéus”	Notícia	Grande	ASM na Cultura
43	20 de julho de 1996	<i>Expresso</i>	Família de Sousa Mendes recebe indemnização	Notícia	Pequeno	Reabilitação de ASM
44	9 de novembro de 1996	<i>Revista Expresso</i>	Salazar, o cônsul e a criada	Reportagem	Grande	Ato de Consciência
45	8 de dezembro de 1996	<i>Público</i>	A casa, a miséria e o hotel	Opinião	Pequeno	Casa do Passal
46	8 de dezembro de 1996	<i>Público</i>	A “desobediência moral” de Sousa Mendes	Notícia	Grande	Homenagem
47	8 de dezembro de 1996	<i>Público</i>	“Homem bom”	Perfil	Médio	Ato de Consciência
48	1 de novembro de 1997	<i>Diário de Notícias</i>	Aristides Sousa Mendes evocado no “Le Monde”	Notícia	Médio	Homenagem

Anexo	Data	Publicação	Título	Gênero	Dimensão	Tema principal
49	22 de novembro de 1997	<i>Expresso</i>	Família de Aristides Sousa Mendes recusa indemnização de 15 mil contos	Notícia	Médio	Reabilitação de ASM
50	24 de novembro de 1997	<i>Público</i>	Casa de Aristides de Sousa Mendes vai ser hotel	Notícia	Grande	Casa do Passal
51	15 de maio de 1998	<i>Diário de Notícias</i>	Cônsul Sousa Mendes em selo	Notícia	Médio	Homenagem
52	13 de novembro de 1998	<i>Diário de Notícias</i>	Sousa Mendes homenageado em Estrasburgo e ONU	Notícia	Médio	Homenagem
53	16 de novembro de 1998	<i>A Capital</i>	Lembrar Aristides Sousa Mendes	Notícia	Médio	Casa do Passal
54	16 de novembro de 1998	<i>Correio da Manhã</i>	“Museu do Holocausto” em Cabanas de Viriato	Notícia	Médio	Casa do Passal
55	17 de novembro de 1998	<i>24 Horas</i>	O nosso herói de guerra	Notícia	Médio	Homenagem
56	17 de novembro de 1998	<i>Público</i>	José Alain Fralon, jornalista do “Le Monde” - Aristides é o anti-Papon	Entrevista	Grande	Ato de Consciência
57	17 de novembro de 1998	<i>Público</i>	Sousa Mendes herói da Europa	Notícia	Grande	Homenagem
58	17 de novembro de 1998	<i>Jornal de Notícias</i>	PE homenageia Sousa Mendes	Notícia	Médio	Homenagem
59	17 de novembro de 1998	<i>Público</i>	Em nome da dignidade	Perfil	Grande	Ato de Consciência
60	18 de novembro de 1998	<i>Público</i>	Evocação de dois “justos”	Notícia	Grande	Homenagem
61	18 de novembro de 1998	<i>Correio da Manhã</i>	Europa presta homenagem a Aristides de Sousa Mendes	Notícia	Médio	Homenagem
62	18 de novembro de 1998	<i>Jornal de Notícias</i>	Memória de Sousa Mendes preservada em Portugal	Notícia	Médio	Homenagem

Anexo	Data	Publicação	Título	Gênero	Dimensão	Tema principal
63	18 de novembro de 1998	24 Horas	O português que salvou milhares	Notícia	Médio	Homenagem
64	18 de novembro de 1998	Diário de Notícias	Sousa Mendes vai ter museu	Notícia	Médio	Homenagem
65	21 de novembro de 1998	Expresso	Aristides Sousa Mendes	Opinião	Médio	Ato de Consciência
66	21 de novembro de 1998	Expresso	Sousa Mendes homenageado	Notícia	Pequeno	Homenagem
67	22 de novembro de 1998	Notícias Magazine	O “holocausto” da casa de Sousa Mendes	Reportagem	Grande	Casa do Passal
68	3 de dezembro de 1998	Público	Livro francês sobre Sousa Mendes	Notícia	Médio	ASM na Cultura
69	11 de janeiro de 1999	Diário de Notícias	Aristides Sousa Mendes vai ter fundação	Notícia	Médio	Fundação ASM
70	17 de maio de 1999	Jornal de Notícias	Não podemos ignorar o “cônsul sem medo”	Notícia	Grande	Casa do Passal
71	29 de fevereiro de 2000	Público	Fundação sem dinheiro	Notícia	Grande	Fundação ASM
72	10 de março de 2000	Público	Comissão Aristides Sousa Mendes em Carregal do Sal - Câmara contra Fundação	Notícia	Médio	Fundação ASM
73	16 de março de 2000	Público	Aristides Sousa Mendes - 50 mil contos para fundação polémica	Notícia	Médio	Fundação ASM
74	17 de março de 2000	Diário de Notícias	Gama indemniza descendentes do cônsul Sousa Mendes	Notícia	Pequeno	Reabilitação de ASM
75	3 de abril de 2000	Diário de Notícias	Desobedecer e fazê-lo bem	Opinião	Médio	Ato de Consciência

Anexo	Data	Publicação	Título	Gênero	Dimensão	Tema principal
76	3 de abril de 2000	<i>Diário de Notícias</i>	Diplomatas salvaram 250 mil	Notícia	Grande	Ato de Consciência
77	3 de abril de 2000	<i>Jornal de Notícias</i>	O homem que deu vistos para a vida	Notícia	Grande	Homenagem
78	15 de julho de 2000	<i>Expresso</i>	Hotel Aristides Sousa Mendes	Notícia	Médio	Casa do Passal
79	23 de julho de 2000	<i>Diário de Notícias</i>	Das promessas do ministro à realidade nua e crua	Opinião	Médio	Fundação ASM
80	23 de julho de 2000	<i>Diário de Notícias</i>	O segundo castigo do cônsul rebelde	Reportagem	Grande	Fundação ASM
81	9 de agosto de 2000	<i>Público</i>	As “vidas poupadas”	Notícia	Grande	Homenagem
82	12 de dezembro de 2001	<i>Nova Gente</i>	Salvar dez mil vidas por dia	Reportagem	Grande	Ato de Consciência
83	25 de abril de 2002	<i>Diário de Notícias</i>	Aristides Sousa Mendes	Notícia	Pequeno	Homenagem
84	30 de dezembro de 2002	<i>Público</i>	Casa do “anjo de Bordéus” aguarda candidatura a Património da Humanidade	Notícia	Grande	Casa do Passal
85	26 de março de 2004	<i>DNA (suplemento do Diário de Notícias)</i>	Humanidade em ruína	Reportagem	Grande	Ato de Consciência
86	3 de abril de 2004	<i>Público</i>	Governo quer envolver mecenas na reconstrução da casa de Sousa Mendes	Notícia	Médio	Casa do Passal
87	3 de abril de 2004	<i>Diário de Notícias</i>	Reconstruir casa de Sousa Mendes	Notícia	Pequeno	Casa do Passal
88	15 de abril de 2004	<i>Diário de Notícias</i>	Sousa Mendes (1954-2004)	Opinião	Médio	Homenagem
89	3 de maio de 2004	<i>Diário de Notícias</i>	Em memória de um grande homem	Opinião	Médio	Ato de Consciência
90	3 de junho de 2004	<i>Público</i>	A segunda vingança de Salazar sobre Sousa Mendes	Notícia	Médio	Casa do Passal

Anexo	Data	Publicação	Título	Gênero	Dimensão	Tema principal
91	15 de junho de 2004	<i>Diário de Notícias</i>	Evocação de Sousa Mendes em 30 cidades	Notícia	Médio	Homenagem
92	17 de junho de 2004	<i>Diário de Notícias</i>	Aristides de Sousa Mendes - Três dias isolado até tomar a decisão	Perfil	Pequeno	Ato de Consciência
93	17 de junho de 2004	<i>Diário de Notícias</i>	O “Herói da Europa” que salvou 30 mil vidas	Notícia	Grande	Homenagem
94	18 de junho de 2004	<i>Diário de Notícias</i>	Cardeal evoca grandeza cívica do cônsul	Notícia	Médio	Homenagem
95	25 de junho de 2004	<i>Jornal de Notícias</i>	No encalço do “anjo” que a salvou dos nazis	Reportagem	Grande	Destinatários de vistos
96	1 de julho de 2004	<i>Diário de Notícias</i>	Nota de culpa de 1 de Agosto de 1940	Opinião	Grande	Ato de Consciência
97	25 de setembro de 2004	<i>Diário de Notícias</i>	Um gesto de alerta em memória de Sousa Mendes	Reportagem	Grande	Casa do Passal
98	23 de janeiro de 2005	<i>Domingo Magazine</i>	“Que o meu pai sirva de exemplo”	Entrevista	Grande	Ato de Consciência
99	6 de abril de 2005	<i>Público</i>	Homenagem a Sousa Mendes em Nova Iorque	Notícia	Médio	Homenagem
100	8 de maio de 2005	<i>Diário de Notícias</i>	O cônsul português que desafiou Salazar	Reportagem	Grande	Ato de Consciência
101	18 de dezembro de 2005	<i>Diário de Notícias</i>	Casa do Passal mais perto da recuperação	Notícia	Médio	Casa do Passal
102	28 de março de 2006	<i>Jornal de Notícias</i>	Solar de Aristides Mendes sem dinheiro para obras	Notícia	Médio	Casa do Passal
103	18 de junho de 2006	<i>Domingo Magazine</i>	António Sousa Mendes - “Penso que a causa do meu avô devia avançar com todas as fações políticas. É universal.”	Entrevista	Grande	Ato de Consciência

Anexo	Data	Publicação	Título	Género	Dimensão	Tema principal
104	19 de janeiro de 2007	<i>Público</i>	O voto num justo	Opinião	Grande	Ato de Consciência
105	1 de março de 2007	<i>Público</i>	A solidão de um “justo”	Opinião	Grande	Ato de Consciência
106	22 de junho de 2007	<i>P2 (Público, suplemento integrante)</i>	Os netos de Aristides da diáspora	Reportagem	Grande	Ato de Consciência
107	16 de fevereiro de 2008	<i>Sol</i>	Aristides virtual	Notícia	Médio	Museu Virtual
108	16 de fevereiro de 2008	<i>Expresso</i>	O museu da memória	Reportagem	Grande	Museu Virtual
109	18 de fevereiro de 2008	<i>Metro</i>	Museu virtual recupera Aristides de Sousa Mendes	Notícia	Médio	Museu Virtual
110	19 de fevereiro de 2008	<i>Público</i>	Inaugurado hoje museu virtual de Aristides	Notícia	Pequeno	Museu Virtual
111	20 de fevereiro de 2008	<i>Diário de Notícias</i>	Museu virtual evoca Sousa Mendes	Notícia	Médio	Museu Virtual
112	20 de fevereiro de 2008	<i>O Jogo</i>	Museu Virtual – Em memória de Aristides	Opinião	Pequeno	Museu Virtual
113	23 de fevereiro de 2008	<i>Expresso</i>	Ministros eram quatro	Notícia	Pequeno	Museu Virtual
114	1 de novembro de 2008	<i>Actual</i>	“Um mito criado por judeus”	Notícia	Pequeno	Negacionismo
115	7 de abril de 2009	<i>Diário de Notícias</i>	Um português na Alameda dos Justos	Notícia	Pequeno	Homenagem
116	8 de outubro de 2009	<i>Diário de Notícias</i>	Vida de Aristides em cinema	Notícia	Pequeno	ASM na Cultura
117	13 de outubro de 2009	<i>Diário de Notícias</i>	Victor Norte assume vida de Aristides de Sousa Mendes	Notícia	Médio	ASM na Cultura

Anexo	Data	Publicação	Título	Gênero	Dimensão	Tema principal
118	14 de outubro de 2009	<i>Jornal de Notícias</i>	O cônsul de Bordéus roda em Viana do Castelo	Notícia	Grande	ASM na Cultura
119	21 de outubro de 2009	<i>Jornal de Notícias</i>	O cônsul de Bordéus já roda em Viana do Castelo	Notícia	Médio	ASM na Cultura
120	21 de outubro de 2009	<i>Diário de Notícias</i>	Rodagem de “Cônsul de Bordéus” já começou	Notícia	Médio	ASM na Cultura
121	24 de outubro de 2009	<i>Jornal de Notícias</i>	Hermano Saraiva e Aristides Mendes	Correio do Leitor	Pequeno	Ato de Consciência
122	28 de novembro de 2009	<i>Jornal de Notícias</i>	Finalmente, Aristides de Sousa Mendes	Reportagem	Grande	ASM na Cultura
123	28 de novembro de 2009	<i>Jornal de Notícias</i>	“Tive menos coisas a que me agarrar. Estou um bocado em pânico”	Entrevista	Médio	ASM na Cultura
124	28 de janeiro de 2010	<i>Jornal de Notícias</i>	Lembrar o Holocausto	Notícia	Grande	Ato de Consciência
125	5 de fevereiro de 2010	<i>Diário de Notícias</i>	Casa de Aristides em risco de ruir	Notícia	Médio	Casa do Passal
126	11 de maio de 2010	<i>Diário de Notícias</i>	Vida de Aristides exposta em Berlim	Notícia	Pequeno	Homenagem
127	17 de junho de 2010	<i>Diário de Notícias</i>	1940	Efeméride	Pequeno	Ato de Consciência
128	6 de julho de 2010	<i>Diário de Notícias</i>	Aristides exposto em Nova Iorque	Notícia	Pequeno	Homenagem
129	4 de março de 2011	<i>Diário de Notícias</i>	Portugal tem oito novos monumentos nacionais	Notícia	Médio	Casa do Passal
130	5 de março de 2011	<i>Diário de Notícias</i>	Judeus salvos por Aristides defendem a casa do cônsul	Reportagem	Grande	Casa do Passal
131	15 de maio de 2011	<i>Diário de Notícias</i>	Falta projeto para uma candidatura	Notícia	Médio	Casa do Passal
132	26 de junho de 2011	<i>Diário de Notícias</i>	Aristides de Sousa Mendes dá nome a sala na renovada sinagoga de Viseu	Notícia	Médio	Homenagem
133	14 de janeiro de 2012	<i>Diário de Notícias</i>	Procura por pessoas salvas do holocausto	Notícia	Pequeno	Destinatários de vistos

Anexo	Data	Publicação	Título	Género	Dimensão	Tema principal
134	16 de janeiro de 2012	<i>Diário de Notícias</i>	Fundos “presos” por falta de avanço	Notícia	Pequeno	Casa do Passal
135	18 de maio de 2012	<i>Jornal de Notícias</i>	Deputados do PSD escrevem a Alain Juppé	Notícia	Pequeno	Homenagem
136	18 de maio de 2012	<i>Diário de Notícias</i>	PSD faz pedido a Bordéus	Notícia	Pequeno	Homenagem
137	9 de novembro de 2012	<i>Jornal de Notícias</i>	“Aristides teve um ato de amor grandioso”	Entrevista	Grande	ASM na Cultura
138	12 de novembro de 2012	<i>Jornal de Notícias</i>	Aristides de Sousa Mendes - O cônsul de Bordéus	Programação	Pequeno	ASM na Cultura
139	3 de abril de 2013	<i>Diário de Notícias</i>	1954	Efeméride	Pequeno	Ato de Consciência
140	13 de maio de 2013	<i>Jornal de Notícias</i>	Recital solidário e de homenagem	Notícia	Pequeno	Homenagem
141	14 de maio de 2013	<i>Diário de Notícias</i>	Recital lembra Aristides de Sousa Mendes	Notícia	Pequeno	Homenagem
142	13 de junho de 2013	<i>Visão</i>	A lista de Sousa Mendes	Reportagem	Grande	Destinatários de vistos
143	19 de junho de 2013	<i>Diário de Notícias</i>	Sousa Mendes vai ter um minimuseu	Notícia	Pequeno	Homenagem
144	20 de junho de 2013	<i>Diário de Notícias</i>	Sobreviventes do Holocausto à procura de raízes em Portugal	Reportagem	Grande	Destinatários de vistos
145	21 de junho de 2013	<i>Jornal de Notícias</i>	Sobreviventes visitam casa de Aristides Sousa Mendes	Notícia	Médio	Destinatários de vistos
146	22 de junho de 2013	<i>Diário de Notícias</i>	Aristides de Sousa Mendes - Sobreviventes do Holocausto em Lisboa	Notícia	Pequeno	Destinatários de vistos
147	9 de julho de 2013	<i>Diário de Notícias</i>	Aristides de Sousa Mendes no História	Notícia	Pequeno	ASM na Cultura
148	12 de setembro de 2013	<i>Diário de Notícias</i>	Cabanas de Viriato com 360 mil euros para obras	Notícia	Pequeno	Casa do Passal
149	12 de setembro de 2013	<i>Jornal de Notícias</i>	Casa de Sousa Mendes vai ser recuperada	Notícia	Pequeno	Casa do Passal

Anexo	Data	Publicação	Título	Género	Dimensão	Tema principal
150	12 de novembro de 2013	<i>Diário de Notícias</i>	Medalha de honra para Aristides	Notícia	Pequeno	Homenagem
151	9 de janeiro de 2014	<i>Diário de Notícias</i>	Petição por Aristides de Sousa Mendes	Notícia	Pequeno	ASM no Panteão
152	10 de janeiro de 2014	<i>Diário de Notícias</i>	“Aristides de Sousa Mendes não compete com Eusébio”	Entrevista	Grande	ASM no Panteão
153	7 de abril de 2014	<i>Jornal de Notícias</i>	Casa de Aristides vai ser recuperada	Notícia	Médio	Casa do Passal
154	7 de abril de 2014	<i>Diário de Notícias</i>	Recuperação da casa de Aristides de Sousa Mendes	Notícia	Pequeno	Casa do Passal
155	10 de abril de 2014	<i>Diário de Notícias</i>	Recital lembra Aristides de Sousa Mendes	Notícia	Pequeno	Homenagem
156	12 de agosto de 2014	<i>Jornal de Notícias</i>	Na Figueira ao fim de 12 anos	Notícia	Pequeno	Homenagem
157	22 de setembro de 2014	<i>Diário de Notícias</i>	Autarquia evoca legado de Aristides	Notícia	Pequeno	Homenagem
158	22 de setembro de 2014	<i>Diário de Notícias</i>	Primeiras obras prontas no fim do ano	Notícia	Médio	Casa do Passal
159	7 de dezembro de 2014	<i>Jornal de Notícias</i>	RTP1 emite filme português	Programação	Pequeno	ASM na Cultura
160	25 de fevereiro de 2015	<i>Diário de Notícias</i>	A petição que se segue: Aristides no Panteão	Notícia	Médio	ASM no Panteão
161	17 de junho de 2015	<i>Público</i>	Aristides de Sousa Mendes: o sublime que há em nós	Opinião	Médio	Ato de Consciência
162	4 de outubro de 2015	<i>Diário de Notícias</i>	Buenos Aires homenageou Aristides de Sousa Mendes	Notícia	Médio	Homenagem

Anexo	Data	Publicação	Título	Género	Dimensão	Tema principal
163	3 de janeiro de 2016	<i>Jornal de Notícias</i>	“Aristides personifica o herói moderno”	Notícia	Grande	ASM na Cultura
164	3 de janeiro de 2016	<i>Jornal de Notícias</i>	Projeto: Fundação grava em vídeo depoimentos de sobreviventes do Holocausto	Notícia	Médio	Destinatários de vistos
165	25 de janeiro de 2016	<i>Diário de Notícias</i>	Dois milhões de euros para restaurar casa	Notícia	Pequeno	Casa do Passal
166	25 de janeiro de 2016	<i>Diário de Notícias</i>	Exposição inédita é homenagem a Aristides de Sousa Mendes	Notícia	Grande	Homenagem
167	26 de março de 2016	<i>Jornal de Notícias</i>	Filme sobre Aristides Sousa Mendes passa na América	Notícia	Médio	ASM na Cultura
168	4 de julho de 2016	<i>Diário de Notícias</i>	Aristides de Sousa Mendes e a viagem do caminho da liberdade	Reportagem	Grande	Destinatários de vistos
169	23 de setembro de 2016	<i>Jornal de Notícias</i>	Condecorar Aristides	Notícia	Pequeno	Homenagem
170	3 de abril de 2017	<i>Jornal de Notícias</i>	Homenagem a Sousa Mendes	Notícia	Pequeno	Homenagem
171	4 de abril de 2017	<i>Jornal de Notícias</i>	Marcelo diz que condecoração de Aristides Sousa Mendes é “muito especial”	Notícia	Pequeno	Homenagem
172	4 de abril de 2017	<i>Diário de Notícias</i>	Museu dedicado a Aristides Sousa Mendes em 2019	Notícia	Médio	Casa do Passal
173	14 de junho de 2017	<i>Sábado</i>	O musical do cônsul-herói Aristides	Notícia	Grande	ASM na Cultura
174	16 de junho de 2017	<i>Evasões (suplemento DN e JN)</i>	Aristides - O Musical	Programação	Grande	ASM na Cultura
175	13 de julho de 2017	<i>Sábado</i>	O museu dos fugitivos judeus e de Aristides	Reportagem	Grande	Destinatários de vistos

Anexo	Data	Publicação	Título	Gênero	Dimensão	Tema principal
176	26 de julho de 2017	<i>Diário de Notícias</i>	Aristides de Sousa Mendes merece o Panteão Nacional	Opinião	Grande	Ato de Consciência
177	22 de agosto de 2017	<i>Jornal de Notícias</i>	Povo era pobre e não podia ajudar Aristides Sousa Mendes	Reportagem	Grande	Ato de Consciência
178	24 de agosto de 2017	<i>Sábado</i>	O novo museu - Abre em Vilar Formoso e é uma homenagem a Sousa Mendes	Notícia	Médio	Homenagem
179	27 de agosto de 2017	<i>Jornal de Notícias</i>	Vilar Formoso: um museu que é “uma lição”	Notícia	Pequeno	Homenagem
180	12 de outubro de 2017	<i>Visão</i>	Aristides de Sousa Mendes íntimo	Reportagem	Grande	Ato de Consciência
181	9 de fevereiro de 2019	<i>Diário de Notícias</i>	Aristides e Salazar voltam a encontrar-se em tribunal	Reportagem	Grande	Negacionismo
182	9 de fevereiro de 2019	<i>Diário de Notícias</i>	Cônsul português está a ser homenageado na sede da ONU	Notícia	Pequeno	Homenagem
183	31 de agosto de 2019	<i>Diário de Notícias</i>	Da repressão à liberdade em 22km	Reportagem	Grande	Casa do Passal
184	20 de novembro de 2019	<i>Correio da Manhã</i>	Aristides de Sousa Mendes - Livre quer Panteão	Notícia	Pequeno	ASM no Panteão
185	25 de janeiro de 2020	<i>Correio da Manhã</i>	Honrar o nome e a vida de Aristides	Opinião	Médio	Homenagem
186	5 de abril de 2020	<i>Correio da Manhã</i>	80 anos de um ato de heroísmo	Opinião	Médio	Ato de Consciência
187	10 de junho de 2020	<i>Jornal de Notícias</i>	Parlamento aprova que Aristides de Sousa Mendes fique no Panteão	Notícia	Pequeno	ASM no Panteão

Anexo	Data	Publicação	Título	Gênero	Dimensão	Tema principal
188	18 de junho de 2020	<i>Correio da Manhã</i>	Papa Francisco evoca cônsul português	Notícia	Pequeno	Homenagem
189	19 de junho de 2020	<i>Correio da Manhã</i>	Aristides de Sousa Mendes salvou a vida a Salvador Dalí	Notícia	Pequeno	Destinatários de vistos
190	19 de junho de 2020	<i>Jornal de Notícias</i>	Governo cria programa para lembrar Holocausto	Notícia	Médio	Homenagem
191	19 de junho de 2020	<i>Jornal de Notícias</i>	Para não esquecer o Holocausto	Notícia	Pequeno	Homenagem
192	20 de junho de 2020	<i>Correio da Manhã</i>	Portugal dá Panteão a Sousa Mendes	Opinião	Médio	ASM no Panteão
193	18 de julho de 2020	<i>E A Revista do Expresso</i>	Elogio da desobediência	Reportagem	Grande	Ato de Consciência
194	19 de julho de 2020	<i>Jornal de Notícias</i>	Honrar Aristides e os outros	Opinião	Médio	Ato de Consciência
195	20 de julho de 2020	<i>Destak</i>	“Legado de coragem e defesa da dignidade da pessoa humana”	Efeméride	Pequeno	Homenagem
196	20 de julho de 2020	<i>Correio da Manhã</i>	Marcelo evoca legado “de coragem”	Notícia	Pequeno	Homenagem
197	20 de julho de 2020	<i>Jornal de Notícias</i>	Marcelo evoca legado de coragem de Aristides Sousa Mendes	Notícia	Pequeno	Homenagem
198	7 de agosto de 2020	<i>Correio da Manhã</i>	Lembrar Aristides Sousa Mendes	Correio do Leitor	Pequeno	Ato de Consciência
199	8 de outubro de 2020	<i>Sábado</i>	Covid atrasa Panteão	Notícia	Grande	ASM no Panteão
200	17 de dezembro de 2020	<i>Jornal de Notícias</i>	Casa do Passal conhece modelo de gestão no verão	Notícia	Grande	Casa do Passal
201	17 de dezembro de 2020	<i>Jornal de Notícias</i>	Salvou milhares e morreu na miséria	Perfil	Pequeno	Ato de Consciência
202	2 de fevereiro de 2021	<i>Público</i>	Monumento a Aristides em Alfama ainda não é assunto encerrado	Reportagem	Grande	Homenagem

Anexo	Data	Publicação	Título	Género	Dimensão	Tema principal
203	21 de abril de 2021	<i>Correio da Manhã</i>	Exposição de Aristides em Peniche	Notícia	Pequeno	ASM na Cultura
204	21 de abril de 2021	<i>Jornal de Notícias</i>	Museu da Resistência e Liberdade mostra Aristides	Notícia	Pequeno	ASM na Cultura
205	12 de junho de 2021	<i>Jornal de Notícias</i>	Hermano Ruivo (...)	Notícia	Pequeno	Homenagem
206	17 de junho de 2021	<i>Diário de Notícias</i>	Heroísmo de Aristides não foi caso único e há outros portugueses no Yad Vashem	Notícia	Grande	Homenagem
207	17 de junho de 2021	<i>Diário de Notícias</i>	Conhecer para nunca esquecer	Opinião	Grande	Ato de Consciência
208	9 de julho de 2021	<i>Correio da Manhã</i>	Aristides vai receber honras de Panteão	Notícia	Grande	ASM no Panteão
209	9 de julho de 2021	<i>Jornal de Notícias</i>	Aristides de Sousa Mendes vai para o Panteão a 5 de outubro	Notícia	Pequeno	ASM no Panteão
210	16 de julho de 2021	<i>Evasões</i>	A Herança de Aristides	Programação	Grande	ASM na Cultura
211	19 de julho de 2021	<i>Jornal de Notícias</i>	Lançada medalha que homenageia Aristides de Sousa Mendes	Notícia	Pequeno	Homenagem
212	19 de julho de 2021	<i>Correio da Manhã</i>	A Herança de Aristides	Programação	Pequeno	ASM na Cultura
213	20 de julho de 2021	<i>Diário de Notícias</i>	Nos 136 anos do seu nascimento, Aristides tem um busto no parlamento	Notícia	Médio	Homenagem
214	20 de julho de 2021	<i>Correio da Manhã</i>	Aristides de Sousa Mendes no Panteão	Correio do Leitor	Pequeno	ASM no Panteão
215	18 de outubro de 2021	<i>Correio da Manhã</i>	Panteão Nacional	Efeméride	Pequeno	ASM no Panteão

Anexo	Data	Publicação	Título	Gênero	Dimensão	Tema principal
216	19 de outubro de 2021	<i>Correio da Manhã</i>	Panteão Nacional para o herói que desafiou o regime	Notícia	Grande	ASM no Panteão
217	19 de outubro de 2021	<i>Jornal de Notícias</i>	Aristides de Sousa Mendes recebe hoje honras de Panteão Nacional	Notícia	Pequeno	ASM no Panteão
218	20 de outubro de 2021	<i>Diário de Notícias</i>	Aristides e a palavra que não dizemos	Opinião	Médio	Ato de Consciência
219	20 de outubro de 2021	<i>Correio da Manhã</i>	Homenagem - Aristides de Sousa Mendes	Notícia	Grande	ASM no Panteão
220	20 de outubro de 2021	<i>Diário de Notícias</i>	Homenagem ao diplomata - “Portugal curva-se, eternamente grato” - Aristides já está no Panteão	Notícia	Grande	ASM no Panteão
221	20 de outubro de 2021	<i>Jornal de Negócios</i>	A última honra ao cônsul que salvou milhares de judeus	Notícia	Pequeno	ASM no Panteão
222	20 de outubro de 2021	<i>Jornal i</i>	Homenagem - Panteão dá visto a Aristides de Sousa Mendes	Notícia	Grande	ASM no Panteão
223	20 de outubro de 2021	<i>Diário de Notícias</i>	Aristides	Opinião	Grande	Ato de Consciência
224	20 de outubro de 2021	<i>Público</i>	Marcelo alerta que não há raças, etnias ou religiões superiores a outras	Notícia	Grande	ASM no Panteão
225	20 de outubro de 2021	<i>Jornal de Notícias</i>	Marcelo destaca “coragem” de Aristides	Notícia	Médio	ASM no Panteão
226	20 de outubro de 2021	<i>Correio da Manhã</i>	Resistir ao mal	Opinião	Médio	Ato de Consciência
227	21 de outubro de 2021	<i>Jornal de Notícias</i>	Celebrar Aristides de Sousa Mendes: um compromisso!	Opinião	Médio	Ato de Consciência

Anexo	Data	Publicação	Título	Gênero	Dimensão	Tema principal
228	21 de outubro de 2021	<i>Destak</i>	Honrar Aristides de Sousa Mendes	Correio do Leitor	Pequeno	Ato de Consciência
229	23 de outubro de 2021	<i>Diário de Notícias</i>	Obediente a uma lei maior	Opinião	Médio	Ato de Consciência
230	23 de outubro de 2021	<i>Diário de Notícias</i>	Aristides no Panteão: tão importante hoje como há 80 anos	Notícia	Pequeno	ASM no Panteão
231	16 de novembro de 2021	<i>Jornal de Notícias</i>	Aristides de Sousa Mendes: mais vale tarde do que nunca	Correio do Leitor	Pequeno	Ato de Consciência
232	21 de novembro de 2021	<i>Jornal de Notícias</i>	Aristides de Sousa Mendes vai ter nome em rua de Paris	Notícia	Pequeno	Homenagem

Colaço, A. (1976, maio 4). À espera da reabilitação póstuma de um português que Salazar castigou por ter salvo milhares de judeus das garras nazis. *Diário Popular*, 3,8.

OPINIÃO

À ESPERA DA REABILITAÇÃO PÓS-TUMA DE UM PORTUGUÊS QUE SALAZAR CASTIGOU POR TER SALVO MILHARES DE JUDEUS DAS GARRAS NAZIS

Por ANTÓNIO COLAÇO

O antigo cônsul de Portugal em Bordéus, dr. Aristides Sousa Mendes, e sua mulher, que salvaram a vida a dez mil judeus

O dr. Aristides de Sousa Mendes, cônsul de Portugal em Bordéus, por altura dos primeiros tempos da guerra de 1939-45, uma das vítimas da política fascista portuguesa, que, naquele tempo, fazia o jogo dos interesses nazis, aguará ainda que o seu nome seja reabilitado do vaxame solido então, imposta pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, por ter facilitado a fuga a dez mil pessoas, judeus na generalidade, perseguidos pela política hileriana. O seu «crime» foi ter desobedecido às instruções enviadas por aquele Ministério sobre os vistos em passaportes, instruções essas contendo logo na primeira alínea a proibição absoluta de os dar aos israelitas sem discriminação de nacionalidades. A pena que lhe foi imposta foi ter sido afastado do seu cargo.

Administração tem sido elogiada, em Portugal e no estrangeiro, manifestamente por engano, pois os enómis cas-bom ao país e sua população, cujos sentimentos altruístas e humanitários tiveram larga aplicação e recombância universal, justamente devido à desobediência do reclamante.

O ex-cônsul denunciava, assim, corajosamente, os falsos louros que eram atribuídos a Salazar e aos seus mandantes, elogiados por terem contribuído para salvar a vida a milhares de judeus, quando, afinal, o que tinham feito fora castigar o homem que isso fizera, efectivamente, desobedecendo a uma ordem desumana e passível de julgamento como crime contra a humanidade.

talvez por meros outros tenham estado no banco dos réus de Nuremberga. É evidente que Salazar e os seus esbirros não iriam reconhecer o seu erro, muito menos reabilitar quem tinha a coragem de os denunciar.

CONSIDERADO INTERNACIONALMENTE E VILIPENDIADO NO SEU PAÍS

Não obstante, Sousa Mendes era publicamente citado em numerosos relatos sobre a odissela da fuga dos judeus à perseguição nazi, recebia louvores das mais destacadas personalidades, incluindo a grã-duquesa Carlota do Luxemburgo, via a sua acção

exaltada em grande número de publicações, como o livro de Michael d'Avanches «Flight through Hol — How a portuguese saved thousands of jews during world war II», ou o artigo do «The Catholic Digest» — «The consul who disobeyed», o qual termina com esta frase pungente e ao mesmo tempo grandiosa: «Aristides de Sousa Mendes morreu em Portugal em 1954. Esquecido o pobre, mas sem jamais se ter arrependido dos seus actos».

É este homem bom e recto, destemido — porque ousou enfrentar o perigo nazi e a ilúnia de Salazar — que os seus 14 filhos querem que seja reabilitado, ainda que postumamente, mediante a reintegração no cargo de que foi afastado.

NA GALERIA DOS HERÓIS DA GUERRA SEM ARMAS

Sousa Mendes está por direito próprio na galeria dos heróis da guerra sem armas que arriscaram a vida durante a guerra para salvar milhares de perseguidos: Etta Shiber, Kitty Beaurepos e seu marido, o padre Christian, Chancel, Corbiers e Tissier, os padres Chaillet e Ouveaux e o rovereiro Vergara, que salvaram milhares de crianças judias, escondendo-as em casas francesas; Truus Wipmuller, Joop Westervael, o muller.

(Continua na 2.ª pág.)

PARA O FASCISMO A CONSTITUIÇÃO ERA LETRA MORTA

Numa reclamação, em 1945, enviada ao presidente da Assembleia Nacional, Sousa Mendes justificava assim a sua desobediência: «Tratando-se de milhares de pessoas de religião judaica, portincentes a todos os países invadidos, já perseguidos na Alemanha e noutros países seus forçados aderentes, entendeu o reclamante que não devia obedecer àquela proibição, por a considerar inconstitucional, em virtude do disposto no art. 3.º, n.º 3, da mesma Constituição, que garante a liberdade e a inviolabilidade de crenças, não permitindo que ninguém seja perseguido por causa delas, nem que ninguém seja obrigado a responder acerca da religião que professa, medida que aliás se lhe tornava necessária para saber qual a religião dos imigrantes e assim negar-lhes ou conceder-lhes o visto».

Claro que nem esta reclamação, nem outras enviadas, quer a deputados quer ao próprio Presidente da República, tiveram qualquer efeito. A violação das suas próprias leis pelas autoridades fascistas era prática corrente que não escandalizava senão os que se opunham ao regime. De mais, havia que dar secreta satisfação aos nazis. Isso o compreendeu o próprio Sousa Mendes ao assinar a reclamação enviada à Assembleia Nacional:

«Não alegou na resposta que deu no mesmo processo disciplinar estas circunstâncias, pelo motivo de, lavrando a guerra na Europa, não querer dar publicidade e relevo a uma atitude por parte de funcionários do Estado, que sobre ser inconstitucional, poderia ser interpretada como colaboração na obra de perseguição do governo hileriano contra os judeus, o que representaria uma quebra da neutralidade...»

E acrescentava, mais adiante:

«Não pode, porém, suportar a evidente injustiça com que foi tratado e conduziu ao absurdo, a que pede seja posto rápido termo, de o reclamante ter sido severamente punido por factos por que a

À ESPERA DE REABILITAÇÃO

(Continuação da 3.ª pág.)

dr. Franz Kauffmann, Anton Schmidt, Oskar Schindler, o dr. Alexander Mikolajkow e tantos outros, alguns dos quais viriam a ser fuzilados ou a morrer em campos de concentração. São esses acerca de quem George Kent escreveu: «Existe um antídoto para a indignação universal verificada quando o mundo soube como os nazis mataram seis milhões de judeus: a dignidade e o heroísmo de milhares de europeus que arriscaram a vida para arrancarem outros judeus das mãos de Hitler».

«Esta é a história encorajadora desses salvadores, homens e mulheres de todas as nacionalidades — franceses, holandeses, dinamarqueses, portugueses, belgas, italianos, portugueses e também alemães — que não puderam permanecer indiferentes enquanto outros sofriam e morriam».

Foram eles que evitaram que mais de 200 mil homens, mulheres e crianças fossem parar aos fornos crematórios. E entre esses estava Sousa Mendes, de quem George Kent escreve:

«Em Bordéus, o cônsul português concedeu vistos a todos os judeus que os requereram. Trabalhando quinze horas por dia, conseguiu, ao fim de três dias, passaportes carimbados que permitiram a entrada em Portugal de nove mil fugitivos de França. Além disso, abrigou e sustentou dezenas de eles, enquanto aguardavam transporte, e conduziu-os depois à estação de caminho de ferro no seu próprio automóvel.»

O que Kent não soube foi que Salazar nunca perdoaria a Sousa Mendes este «crime».

pág. 8

Anexo 3

Colaço, A. (1976, outubro 25). Para quando a reabilitação do Dr. Sousa Mendes?. *Diário Popular*, 3.

PARA QUANDO A REABILITAÇÃO DO DR. SOUSA MENDES?

EM Maio do corrente ano, foi publicado neste jornal um artigo no qual se chamava a atenção das autoridades para o facto de ainda não ter sido reabilitado o dr. Aristides Sousa Mendes, perseguido por Salazar quando, como cônsul de Portugal em Bordéus, desrespeitou as ordens do Ministério dos Negócios Estrangeiros a fim de poder dar fuga a milhares de pessoas que, perante o avanço das hordas hitlerianas, pretendiam deixar a França. O Governo fascista de Lisboa, submisso ao poderia nazi, recusava os vistos de entrada em Portugal a esses infelizes que, sem a coragem e determinação de Sousa Mendes, teriam perecido nas câmaras de

gás dos campos de concentração. Ao desobedecer às indicações do Governo salazarista, o cônsul incorreu na ira do ditador e foi punido. Ao que nos conste, ainda não lhe foi feita justiça. No entanto, já depois do seu falecimento, sua família enviou exposições à Assembleia Nacional e, logo após o 25 de Abril, a Spínola e a Palma Carlos, que, inclusivamente, tinha sido advogado de Sousa Mendes. Tudo inútil.

Entretanto, para além das homenagens que no estrangeiro se prestaram ao cônsul português por ter salvo a vida a dez mil judeus e a vinte mil outras pessoas, conforme referimos (e a essas homenagens podemos acrescentar a mais alta

condecoração de Yad Vashem de Jerusalém que foi entregue a uma filha do diplomata português, a título póstumo, e vinte árvores mandadas plantar por Ben Gurion, na Floresta dos Mártires, em honra do antigo cônsul em Bordéus) um programa da televisão nova-iorquina foi elaborado com base na obra humanitária daquele nosso con-cidadão.

Depois de tudo isso, porém, parece confirmar-se o ditado popular segundo o qual «santos da casa não fazem milagres». Na sua pátria, o dr. Aristides Sousa Mendes continua a ser ignorado. Que espera o Ministério dos Negócios Estrangeiros para o reabilitar?

A. COLAÇO

Anexo 4

Carvalho, A. (1979, fevereiro 22). Um “justo” português. *A Capital*, 15.

a um jovem rabino polaco vindo de Bruxelas com a mulher e seis filhas. Da conversa havida entre o rabino polaco e o diplomata português resultou, neste último, o despertar de uma consciência dormente de judeu cujos antepassados se tinham convertido quinhentos anos antes.

E, então, Aristides de Sousa Mendes, com a ajuda dos filhos, trabalhando de dia e de noite, vai conceder vistos nos passaportes de cerca de trinta mil refugiados, entre os quais dez mil judeus, que assim podiam entrar em Portugal e daqui partir para outros países.

Essa atitude de generosidade constituía, no entanto, uma grave desobediência às indicações do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que tinha dado ordem expressa aos nossos representantes diplomáticos de não concederem vistos de entrada em Portugal a refugiados judeus, a cidadãos vindos de países ocupados ou em vias de ocupação e a cidadãos soviéticos. Aristides de Sousa Mendes «ignorou» deliberadamente essa ordem para poder salvar trinta mil vidas, entre as quais a de membros dos Governos belga e francês, o barão Maurice de Rotschild, a grã-duquesa do Luxemburgo, seus familiares e membros da comitiva, o arquiduque de Habsburgo e família.

Foi chamado a San Sebastian pelo embaixador de Portugal em Madrid, que o repreende «pela sua desobediência». Mas ele manteve a sua posição e foi então chamado a Lisboa, ordem que acatou depois de fechar o consulado. Acusado pelo Ministério de desobediência disciplinar, foi afastado da carreira diplomática. Recorreu para o Supremo Tribunal Administrativo, apelou para a Assembleia Nacional, mas tudo em vão: Bordéus tinha sido a última etapa da sua carreira. Vítima da sua atitude corajosa, permanecerá afastado da diplomacia até à sua morte, em 1954, com 69 anos. Os filhos, igualmente vítimas da injustiça feita ao pai, emigraram para os Estados Unidos.

E foi em Nova Iorque, no consulado de Israel nessa cidade, que no dia 9 de Outubro de 1967 o Governo israelita prestou homenagem à sua memória, entregando a sua filha a Medalha dos Justos, criada para galardoar os cristãos que salvaram vidas de judeus durante o último conflito. A medalha tinha inscrito um ditado talmúdico: «Aquele que salva uma vida humana é como se salvasse o mundo inteiro.»

Por outro lado, o Governo de Israel mandou plantar uma árvore em seu nome na Avenida dos Justos, no Monte da Lembrança, em Jerusalém.

De tudo isto, do que foi o imenso sacrifício de um povo, se guardam a memória e os documentos no Instituto Comemorativo dos Mártires e dos Heróis, em Jerusalém (Instituto Yad Vashem).

Para que ninguém se esqueça. Para que isto não volte a acontecer. Nunca mais.

A. C.

Um «justo» português

Outra história que vale a pena ser contada, porque liga directamente o nosso País ao «Holocausto» e à odisséia dos refugiados, é a da acção do cônsul-geral de Portugal em Bordéus.

Aristides de Sousa Mendes do Amaral e Branco desempenhou funções diplomáticas em Georgetown, Zanzibar, São Francisco, Vigo e Antuérpia. Em 1939 foi nomeado cônsul-geral em Bordéus, ponto de afluência de refugiados de toda a Europa em guerra. Um dia abriu as portas do consulado

Carvalho, A. (1986, janeiro 28). Outro Wallenberg esquecido por nós - Cônsul Português em Bordéus Salva Milhares de Judeus. *A Capital*, 14,23.



Carvalho, A. (1986, janeiro 28). Outro Wallenberg esquecido por nós - Cônsul Português em Bordéus Salva Milhares de Judeus. *A Capital*, 14,23.

A CAPITAL, TERÇA-FEIRA, 28 DE JANEIRO DE 1986 23

Outro Wallenberg esquecido por nós

o português em Bordéus

salva milhares de judeus

Texto de ANTONIO CARVALHO

Histórias de uma casa

Do casamento de Aristides de Sousa Mendes e de Angelina Sousa Mendes resultou numerosa prole: nada mais nada menos que dezasseis filhos, os quais enchiam o magnífico palácio da Vila de S. Cristóvão. E, como se fossem poucos, convidavam, ainda, amigos para os visitarem nos finais-de-semana e nas férias, aumentando o bulício da grande casa, com os seus numerosos quartos (onde ainda restam alguns papéis de parede quase intactos), enormes salas, e capela particular, a cozinha de dimensões apropriadas para dar de comer a tanta gente. Paralelamente à casa, de quarto em quarto, de sala em sala, pudemos imaginar o movimento desses anos despreocupados. Era um solar recheado de preciosidades, incluindo cerca de uma dezena de pianos de cauda, qual deles o mais valioso. Aliás, os filhos do casal eram todos músicos e, juntos, formavam quase uma orquestra...

Aristides de Sousa Mendes era um homem de gostos requintados e deu trabalho a vários testeiros da região, na construção da sua casa, cuidando dos mínimos detalhes, desde o gradeamento no muro fronteiro ao palácio até a construção de uma porta de entrada da quinta mesmo de frente para a igreja, ou à pintura do brasão da família no tecto do grande hall de entrada (curiosamente, e apesar da degradação da casa, essa pintura ainda se mantém nas suas cores vivas).

Num dos pontos mais altos da propriedade ergue-se a estátua de um grande "Cristo-Rei". Aristides de Sousa Mendes enviou-a de Bordéus para ali em 1935 e chegou a pensar mandar construir uma grande escadaria de granito que desse acesso à imagem.

Entretanto, o dr. Sousa Mendes viveu a epopeia de Bordéus tão intensamente que chegou a trazer uma centena de refugiados para a sua própria casa. Arrastados para a sua propriedade por uma camioneta de fronteira para os trazer desde a fronteira ou então vinham em carros luxuosos que, depois, acabaram por ficar abandonados junto ao solar. Esses refugiados viviam largos meses alojados no palácio antes de seguirem o seu destino, partindo para outros países livres. Ainda há pouco tempo duas senhoras judias voltaram a Cabanas de Terra e da casa saudadas da terra e da casa onde tinham sido tão bem acolhidas. E foi grande a sua tristeza quando viram o estado em que o palácio se encontra...

De facto, a mansão acompanhada do seu proprietário na ruína. Expulso da carreira diplomática, Aristides de Sousa Mendes nunca se recompôs desse choque. Crivado de dívidas, que poderiam ter sido pagas apenas com a venda de um dos seus preciosos pianos, deixou que fosse tudo parar a hasta pública. Entretanto, D. Agelina morreu e a secretária do antigo diplomata, uma francesa sem escrúpulos, vendeu tudo o que ainda restava.

Felizmente, o antigo diplomata já não viu dar essa machadada final: retirado na sua casa do Bairro Azul, em Lisboa, viria a morrer em 1954...

O seu corpo foi depois trasladado para o jazigo da família, no cemitério de Cabanas de Viriato onde jaz o primeiro marido de Aristides de Sousa Mendes, ao respeito que lhe deve...

Esta passou por várias mãos, sofreu vários destinos, inclusive o de ser, momentaneamente, um gigantesco aviário, com milhares de pintos criados em cima das alcátilas...

A garagem que abrigava a camioneta dos refugiados guarda hoje aquele que foi o primeiro carro dos bombeiros locais, um Hudson Super Six, de matrícula AB-89-88...

E a quinta ficou amputada por urbanização recente, que fez passar por aí uma estrada.

O que irá acontecer à memória de Aristides de Sousa Mendes, ao respeito que lhe deve...

Continuará ignorado pelo seu País? E a sua casa, continuará a cair em ruínas? Ou como desejam os habitantes de Cabanas de Viriato, será aproveitada como estância turística, recuperada pelos descendentes dos judeus — e tantos foram — que por ali passaram durante a guerra...?

Vila de São Cristóvão, ontem e hoje, no tempo do esplendor e da ruína...

Colaço, A. (1986, fevereiro 5). Aristides de Sousa Mendes ainda não foi reabilitado. *Diário Popular*, 14.

14 GERAL

TÃO HERÓICO COMO WALLEMBERG

ARISTIDES DE SOUSA MENDES AINDA NÃO FOI REABILITADO

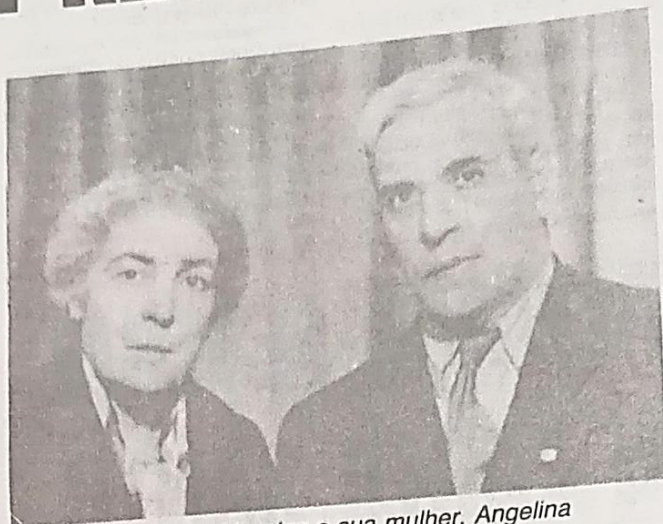
António Colaço

HÁ alguns anos, por duas ou três vezes, levantá-mos, neste jornal, a questão da expulsão do dr. Aristides de Sousa Mendes da carreira diplomática, devido ao facto de ter desagradado a Salazar o seu empenhamento na autêntica odisséia que foi o subtrair à perseguição nazi milhares de pessoas de vários países da Europa. Fizemo-lo convencidos de que o espírito de justiça emanado do 25 de Abril seria suficiente para reabilitar, se bem que a título póstumo, este homem corajoso e abnegado. Ninguem nos ouviu. Esquecimento tumular caiu sobre o assunto.

Agora, porém, reacendeu-se na nossa memória o seu caso. A RTP tem vindo a transmitir uma série intitulada «Wallemberg — a história de um herói», a qual retrata feito idêntico ao do cidadão português tão miseravelmente esquecido por nós, seus patrícios. Wallemberg era, também, diplomata, de nacionalidade sueca, e igualmente se tornou mundialmente célebre pela determinação com que se bateu para fazer sair da Hungria os judeus perseguidos pelo famigerado criminoso que deu pelo nome de Adolf Eichmann. Wallemberg era

secretário de Embaixada em Budapeste; Aristides de Sousa Mendes era cônsul geral em Bordéus. Ambos são hoje recordados em Jerusalém, onde cada um têm, como alguns outros notáveis, na Avenida dos Justos, uma placa e uma árvore com os seus nomes. Wallemberg, pelos vistos, é venerado no seu país e não só. O português teve como prémio na sua pátria o esquecimento.

Aristides de Sousa Mendes do Amaral e Abranches nasceu em 18 de Julho de 1885 (teria agora 100 anos) e licenciou-se em Direito, após o que iniciou a carreira diplomática, em 1910, servindo em vários países, nomeadamente, Brasil, Estados Unidos, Espanha, etc. A guerra de 39/45 apanhou-o em Bordéus. A sua acção, nesta cidade, a favor dos perseguidos pelos hitlerianos vem referida em numerosas publicações. Muitos daqueles a quem ele arrancou às garras nazis vieram alojar-se temporariamente na sua sumptuosa casa, a Vila São Cristóvão, em Cabanas de Viriato, palácio que actualmente se encontra em ruínas, pois as vicissitudes passadas pela família, a seguir à expulsão da carreira diplomática de Sou-



Aristides de Sousa Mendes e sua mulher, Angelina

sa Mendes, a isso a conduziu. O cônsul geral, completamente falho de saúde e bens, viria a falecer, em Lisboa, em 1954, com 69 amargurados anos de idade.

Esta, em breves linhas, a história insólita de um homem de bem que o fascismo português vexou por ter desobedecido a determinações superiores mais do que equívocas, desapiedadas, bem ao estilo salazarista. Mas que Salazar não lhe tivesse perdoado a sua atitude de solidariedade para com trinta mil pessoas, tantas foram as que salvou, entre elas dez mil judeus,

perseguidos pelo ódio político e rácico do nazismo, talvez se compreenda, embora sem justificação.

Agora que o Ministério dos Negócios Estrangeiros, sobretudo quando, depois do 25 de Abril, teve à sua frente tantos reconhecidos democratas e antifascistas, continue agarrado a leis disciplinares que podem ser muito de respeitar mas que neste caso resultam iníquas — isso não se pode aceitar sem protesto. Haja, portanto, quem assuma a responsabilidade de reabilitar e reintegrar, a título póstumo este homem que dignificou a diplomacia portuguesa.

Salazar demitiu-o por salvar judeus e o filho exige agora desculpas de Soares. (1986, março 22). *Correio da Manhã*, 25

SALAZAR DEMITIU-O POR SALVAR JUDEUS E O FILHO EXIGE AGORA DESCULPAS DE SOARES

Cônsul em Bordéus de 1938 a 1940

O filho de um diplomata português, demitido em 1940 por ter distribuído milhares de passaportes a judeus franceses perseguidos pelos nazis, quer que o Presidente da República apresente desculpas formais à família.

Segundo um despacho da UPI, John Abranches, luso-americano residente em Dublin (Irlanda), está a fazer circular um abaixo-assinado nesse sentido, para reabilitar a memória do seu pai, Aristides de Sousa Mendes, cônsul de Portugal em Bordéus de 1938 a 1940.

Quando as tropas alemãs invadiram a França em 1940 e começaram as perseguições aos judeus, aquele diplomata, contrariando as instruções do Ministério dos Negócios Estrangeiros, distribuiu milhares de passaportes permitindo a 50 mil pessoas fugirem para Portugal e daí, para a Palestina ou os Estados Unidos.

Aristides Abranches teve um papel semelhante ao do cônsul nazi em Budapeste, Raoul Wallenberg, cuja acção foi retratada numa série de televisão norte-americana recentemente difundida pela RTP, e que salvou milhares de judeus húngaros da morte nos campos de concentração nazis.

Como Wallenberg, que foi capturado em 1945 pelas tropas soviéticas e desapareceu sem

deixar rastros, Aristides Abranches conheceu um destino trágico: chamado para Lisboa em 1940, foi objecto de um processo disciplinar por ter infringido as instruções do ministério, demitido e acabou por morrer na miséria em 1954.

DIRECTAMENTE PARA MÁRIO SOARES

«Ele achava que uma vida humana era mais importante do que um papelinho» — disse a UPI John Abranches, 55 anos, que como vários dos seus treze irmãos e irmãs emigrou por não poder encontrar emprego em Portugal, na sequência das perseguições do regime.

Abranches recordou as dificuldades da sua infância, com toda a numerosa família a viver num apartamento de três divisões em Lisboa onde chovia. «A miséria era muita, vendemos tudo para sobreviver, estávamos na lista negra e, de repente, os amigos desapareceram» desabafou.

John Abranches, que emigrou para os Estados Unidos em 1950, decidiu, agora, exigir do recém-eleito Presidente da República que apresente desculpas públicas à sua família em nome do Estado português, reabilitando a memória do seu pai.

Para o efeito, e com a ajuda de amigos seus em Concord, onde trabalha como desenhador para uma empresa, o filho do «Wallenberg português» começou a distribuir um abaixo-assinado dirigido a Mário Soares.

Contactado pela UPI, o cônsul de Portugal em San Francisco, Mesquita de Brito, manifestou-se disposto a discutir o caso com John Abranches, mas o luso-americano disse achar que «são eles que têm a obrigação de me contactar».

O diplomata português Aristides de Sousa Mendes do Amaral e Abranches

«Aristides Mendes foi um dos grandes heróis do holocausto» — afirmou a UPI Aaron Brietbart, do Centro Simon Wiesenthal de Los Angeles, Califórnia.

«A sua missão era arranjar passaportes para permitir aos judeus fugirem para Portugal, e o seu Governo despojou-o de tudo» — acrescentou.

Aludindo às longínquas origens do nome do cônsul português, que remonta ao século XV, Brietbart afirmou que Abranches pertencia a uma das «mais aristocráticas famílias de Portugal».

«Ele perdeu tudo. Mas se alguém lhe perguntasse, ele dizia que voltaria a fazer o mesmo» — referiu.

Só o Estado Novo não reconheceu os seus méritos

Nascido em 19 de Julho de 1885, de uma aristocrática família portuguesa, Aristides de Sousa Mendes do Amaral e Abranches, só não viu reconhecida pelo Estado Novo a sua meritória acção na defesa dos judeus de Bordéus, perseguidos pelas forças nazis, que culminou uma brilhante carreira diplomática.

De facto, depois de se licenciar em Direito, Aristides Abranches, ocupou numerosos postos Consulares, sendo condecorado com a Cruz de Mérito da Cruz Vermelha Portuguesa, com a Ordem do Rei Leopoldo, da Bélgica, país que também lhe atribuiu o Grau de Comendador da Ordem da Coroa, além de ter sido agraciado com a Medalha de 3.ª Classe da Estrela Brilhante de Zanzibar.

Estas condecorações foram-lhe atribuídas na sequência dos postos diplomáticos que ocupou, desde que foi nomeado, em 12 de Maio de 1910, Cônsul de 3.ª Classe em Demerara, de onde transitou, em comissão de serviço, para a Galiza, em 19 de Julho de 1911. Daí, seguiu, em 24 de Agosto do mesmo ano, para o Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Lisboa.

Em 28 desse mês, vamos encontrá-lo como Cônsul-Geral de Portugal em Zanzibar, de onde seguiu, em Fevereiro de 1918, para Curitiba, Brasil, onde foi promovido, em Junho desse ano, a Cônsul de 1.ª classe.

CONVENIÊNCIA DE SERVIÇO

Disponível a partir de 27 de Junho de 1919, passou em Junho de 1921, para Cônsul interino em S. Francisco, e, daí, para Cônsul no Maranhão.

Cônsul em Porto Alegre em Novembro do mesmo ano, passou, em Janeiro de 1926, para a Direcção-Geral dos Negócios Comerciais e Consulares, onde se manteve até ser nomeado Cônsul de Portugal em Vigo, em Março do ano seguinte.

Génova seria o posto que não chegou a ocupar, tendo transitado, em 7 de Setembro de 1929, para Antuérpia.

Bordéus, onde exerceu a sua acção de defesa dos judeus perseguidos pelas forças de Hitler, seria a etapa seguinte, tendo tomado posse do cargo de Cônsul-Geral de Portugal naquela cidade em 1 de Agosto de 1938.

Contudo, o Estado Novo não gostou desta acção, talvez devido às suas simpatias pelo regime de Berlim, e colocou-o na disponibilidade, «por conveniência de serviço», em 27 de Julho de 1940.

A partir de 21 de Março de 1942, Aristides Abranches aguardou, em vão, a aposentação, que nunca viria, levando a sua numerosa família à miséria, situação em que viria a morrer, sem se ter arrependido da acção desenvolvida em Bordéus, em 1940.

O reconhecimento de Israel viria a título póstumo, em 9 de Outubro de 1967, quando o Cônsul-Geral daquele país em Nova Iorque entregou a Joana Mendes, filha do diplomata, a condecoração que o seu Governo atribuiu a Aristides Abranches.

«HERÓI DO HOLOCAUSTO» QUE VOLTARIA A FAZER O MESMO

Mas se a acção desinteressada de Aristides de Sousa Mendes do Amaral e Abranches foi esquecida em Portugal, tal não é o caso por parte daqueles por quem sacrificou a sua carreira.

A memória do falecido diplomata foi honrada, a título póstumo pelo Governo Israelita em 1967, e o seu feito ficou registado no museu de Yad Vashem em Jerusalém, dedicado às vítimas das perseguições nazis durante a Segunda Guerra Mundial.

Vinte árvores foram plantadas em seu nome na «Floresta dos Mártires», naquela cidade.

Joana Mendes, filha do Cônsul de Portugal em Bordéus ao receber, em 1967, em Nova Iorque a condecoração atribuída a seu pai pelo Governo Israelita

Carvalho, A. (1986, março 24). "Wallenberg Português" merece ser reabilitado - Família de Aristides de Sousa Mendes pede que seja feita justiça. *A Capital*, 5.

«WALLENBERG PORTUGUÊS» MERECE SER REABILITADO FAMÍLIA DE ARISTIDES DE SOUSA MENDES PEDE QUE SEJA FEITA JUSTIÇA

TEXTO
DE
ANTÓNIO CARVALHO

Nô passado dia 20 de Janeiro, «A Capital», RTP da série «Wallenberg», lembrava que Portugal também teve o seu «Wallenberg»: chamo-se Aristides de Sousa Mendes e foi cônsul em Bordéus, sacrificando a sua carreira diplomática para salvar a vida a milhares de judeus e de outros refugiados. Na passada semana chegou à nossa redacção um despacho da agência Lupa, enviada da NP, dando conta de que um filho de Aristides de Sousa Mendes, o luso-americano John Abranches, está a proceder à recolha de assinaturas num abaixo-assinado destinado a solicitar ao Presidente da República que, em nome do Estado português, sejam apresentadas desculpas públicas aos descendentes do corajoso diplomata.

Independente do sucesso ou insucesso dessa iniciativa de John Abranches, ou até de qualquer outra que se dará a melhor forma de fazer justiça à memória de Sousa Mendes, uma coisa é certa e indiscutível: este homem justo merece ser reabilitado, ainda que tenham passado mais de 40 anos sobre a sua morte.

Processo está feito

Alis, a tarefa está facilitada, uma vez que existe um processo de reabilitação póstuma de Aristides de Sousa Mendes, elaborado desde 1976 pelo dr. Nuno Bessa Lopes, outro diplomata português que foi embaixador na Alemanha e que no Ministério dos Negócios Estrangeiros chefiou a Repartição Consular, a Repartição de Questões Económicas e os Serviços Jurídicos e de Tratados.

O dr. Nuno Bessa Lopes defendia que «existe um processo de reabilitação póstuma de Aristides de Sousa Mendes, o que vem permitir a simplificação e a solução imediata do caso como se fosse um processo ordinário».

Em 12 de Agosto de 1974, Joana Sousa Mendes, filha do diplomata, apresentou uma petição à reabilitação da memória da seu pai e da reparação dos danos materiais e morais que lhe foram injustamente causados pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros. Dois anos depois, em 17 de Maio de 1976, foi determinado superintendente que esse assunto fosse tratado com urgência; todavia, dez anos após essa determinação do próprio ministro, o assunto continua por resolver.

Na altura, Bessa Lopes, que considerava este caso como «de alto significado na história diplomática portuguesa», manifestou a sua opinião de que se deveria proceder a uma averiguação sobre o caso de Bordéus, em 1940, que levou ao afastamento de Sousa Mendes, apurando-se as responsabilidades do Ministério dos Negócios Estrangeiros e definindo-se os danos materiais e morais causados. Para esse efeito, havia que colher elementos no processo individual e no processo disciplinar da vítima, existentes no Arquivo Geral daquele Ministério, bem como junto da 7.ª delegação da Direcção Geral de Contabilidade Pública, «visto que Sousa Mendes faleceu em 1954, na situação ambígua de «aguardando apuramento» que perdurou cerca de 14 anos, conforme consta dos Anuários Diplomáticos de 1953 e 1954, situação essa que já consta do Anuário referente a 1944».

Em face dos resultados dessa averiguação que Bessa Lopes preconizava, seria então determinada a melhor forma de reabilitação (condecoração póstuma, como fez Israel em 1967, ou designação mediante uma resolução da Assembleia da República) e a melhor forma de reparação dos danos, «nos termos da lei vigente ordinária, se possível, ou a fixar pela mesma Assembleia da República na resolução acima referida sobre o caso concreto, devendo para o efeito o Ministério dos Negócios Estrangeiros apresentar um pequeno livro branco».

«Reclamação serena»

O primeiro pedido de reparação desta injustiça foi feito pelo próprio Sousa Mendes através de uma reclamação «serena» feita em 10 de Dezembro de 1945 à Assembleia Nacional. Como diz Bessa Lopes, «era a primeira esperança que nascia no coração de um homem destruído pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, sem apelo. Provocava-se a queda do fascismo, como fenómeno europeu. Tudo em vão, não obstante o bem fundamentado das alegações em que invocava a inconstitucionalidade material das instruções que tinha recebido em Bordéus, emanadas do Ministério dos Negócios Estrangeiros, em que se discriminava expressamente contra os judeus em matéria de concessão de vistos em passaportes».

Essa reclamação «respeitosa, inteligente e diplomática» teve por destino o coxete do lito... Aristides de Sousa Mendes do Amaral e Abranches, de seu nome completo, diplomata de carreira — tal como seu irmão gêmeo, César, que foi o primeiro-ministro dos Negócios Estrangeiros de Oliveira Salazar — encontrava-se à quando, em 1940, a França foi ocupada pelas tropas de Hitler. Bordéus, cidade de fronteira, foi considerada «invasão» por muitos milhares de refugiados, judeus e não judeus, que procuravam escapar à fúria dos nazis. Perante esta situação,

Aristides de Sousa Mendes, ajudado pelos seus próprios filhos, durante três dias (16, 17 e 18 de Junho), desse ano de 1940, concedeu vistos a trinta mil refugiados, dos quais dez mil judeus. Mas Sousa Mendes não se limitou a conceder, imediatamente e gratuitamente, os vistos que lhe foram solicitados em Bordéus; como o consulado honorário em Baiona dependia de si, dedicou-se àquela cidade para prosseguir essa tarefa de salvação...

Entretanto, Teotónio Pereira, embaixador português em Madrid, era alertado para esta situação «incómoda» causada pelo cônsul de Bor-



Teotónio Pereira apresentou duas versões diferentes e contraditórias do caso que levou ao afastamento de Sousa Mendes



Aristides de Sousa Mendes foi afastado da carreira diplomática por ter salvo as vidas de 30 mil refugiados...

déus. Tal como declarou na instrução do processo disciplinar posto a Sousa Mendes, em que ficou como testemunha de acusação, Teotónio Pereira era de opinião de que «o procedimento do sr. Aristides Mendes implicava tal desvirtuamento que, ao comunicar logo em seguida às autoridades espanholas a decisão de dar por nulos os vistos concedidos pelo Consulado em Bordéus a numerosíssimas pessoas que ainda se encontravam em França, não duvidei em declarar que era minha convicção que o referido cônsul havia perdido o uso da razão».

Contradições

Este foi o depoimento de Teotónio Pereira em 1940.

No entanto, 33 anos mais tarde, no volume segundo das suas «Memórias», publicadas com o prefácio de Marcelo Caetano, o mesmo Teotónio Pereira dava uma versão totalmente diferente da sua atitude:

«Durante dois ou três dias circulei penosamente entre Hendai e Baiona, fazendo respeitar pelas autoridades espanholas os vistos portugueses e acudindo àquele desastre por todas as maneiras que estivessem ao meu alcance».

Contradição no seu depoimento acusatório. Alis, ainda no seu depoimento acusatório, Teotónio Pereira escrevia em 1940: «Desloquei-me a Baiona e ali me foi dito pelo cônsul sr. Faria Machado que o cônsul sr. Aristides de Sousa Mendes chegara a Baiona havia dois dias, e continuava a dar vistos, ordenando ainda a ele, e continuava a dar vistos, ordenando de igual forma e Faria Machado, que procedesse de igual forma e sem restrições de nenhuma espécie.

Faria Machado tivera o bom senso de fazer um telegrama para o ministério, comunicando as instruções de um funcionário de mais categoria e estava já procedendo nessa conformidade. «Sustei imediatamente semelhante resolução e pus as coisas no devido caminho, em conformidade com as ordens do Governo».

«Só no dia seguinte vim a encontrar o cônsul Aristides Mendes e pedi-lhe que me explicasse tão insólita atitude. De tudo o que ouvi e do seu aspecto de grande desalinho, deu-me a impressão de um homem perturbado e fora do seu estado normal. Mostrei não ter a mais ligeira noção dos actos cometidos e disse não possuir qualquer instrução contrária ao procedimento que seguia.

«Imediatamente lhe observei que a sua acção certamente seria causa de reparo, se não de procedimento superior, e o consenti que fosse a Bordéus buscar roupa e olhar pela família que ali deixara, e que aguardasse ordens do Governo».

Por seu turno, Salazar, em telegrama de 2 de Julho de 1940, informava o embaixador português em Londres, Américo Monteiro, que «vistos concedidos em Bordéus foram-no em contravenção de instruções expressas do ministério, por cônsul que já afastei do serviço».

Reconhecimento internacional

A resposta adequada às calúnias de Teotónio Pereira e à propalatória de Salazar seria, depois, dada pelas manifestações de apreço e gratidão do arquiduque Otão de Habsburgo, da imperatriz Zita e da grã-duquesa do Luxemburgo, apenas alguns dos muitos que foram salvos pelos actos desinteressados e humanitários do cônsul-geral Sousa Mendes. Atitudes que mereceram, igualmente, o alto reconhecimento de Israel, considerando o nosso cônsul como um dos «Justos» do último conflito, ou seja, um dos que, não sendo judeu, no entanto levaram o sentido da fraternidade (ou deveremos, antes, chamar-lhe amor...) ao ponto de se sacrificarem pela salvação das vidas de membros do povo de Israel.

Todavia, Sousa Mendes nunca se considerou digno de qualquer reconhecimento ou gratidão: na sua exposição à Assembleia Nacional, feita em 1945, ele declarava que tal gratidão deveria ser endossada ao povo português — «não pode, porém, suportar a evidente injustiça com que foi tratado e que conduziu ao absurdo, a que peço seja posto rápido termo, de o reclamante ter sido severamente punido por factos pelos quais a Administração tem sido elogiada em Portugal e no estrangeiro, manifestamente por engano, pois os encontros cabem ao País e à sua população, cujos sentimentos altruístas e humanitários tiveram retribuição universal, justamente devido à desobediência do reclamante».

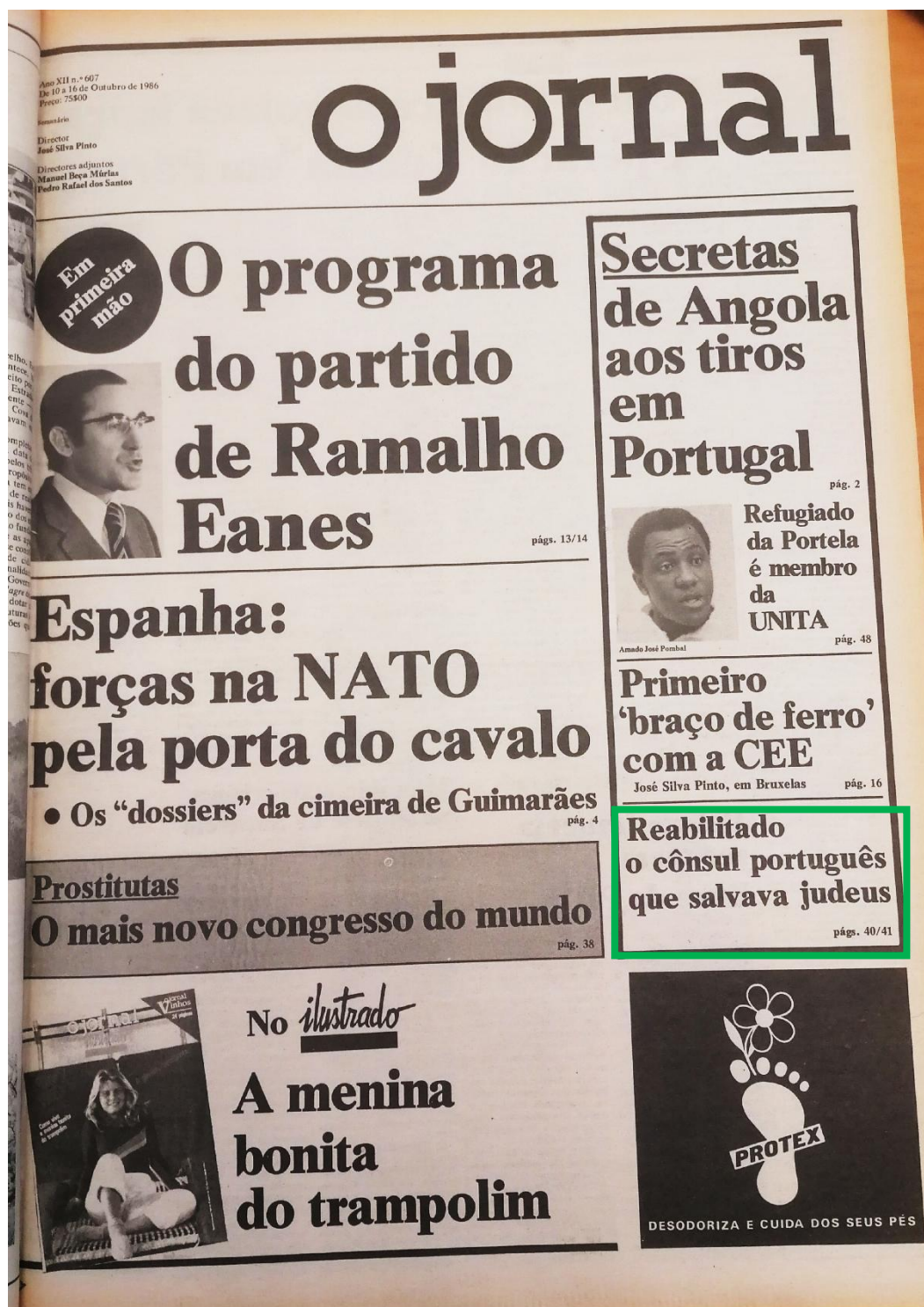
Claro que estas palavras caíram em saco roto... Em outros tempos e outras vontades. Mas, hoje, já será muito estranho que elas tenham o mesmo destino. Nomeadamente, se nos lembrarmos, como Bessa Lopes recorda, que depois de Abril de 1974 se publicaram diplomas legais que consideravam «amnistadas as infracções disciplinares de natureza política» e mandavam «reintegrar os aposentados compulsivamente». Mesmo nos casos de incapacidade ou falecimento, os benefícios de reintegração poderiam ser «requeridos pelos seus cônjuges, ascendentes ou descendentes em primeiro grau», foi exactamente isso que Joana Sousa Mendes, filha da vítima desta injustiça, requereu há 10 anos.

Em 1940, Aristides de Sousa Mendes foi certamente vítima de um conjunto de circunstâncias: por um lado, a ambiguidade política de Salazar durante o conflito, dando «uma no cravo e outra na ferradura»; por outro lado, as invejas que existiam em relação a César de Sousa Mendes, nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros, podem ter recaído sobre o seu irmão gêmeo, Aristides de Sousa Mendes...

Hoje, quase meio século depois, não existe qualquer razão aparente que impeça a aplicação da mais elementar justiça. Ela deve ser feita, e para que os filhos, netos e sobrinhos deste homem justo possam, ainda, acreditar que em Portugal existe justiça e os seus heróis, afinal, não são esquecidos. Aristides do Sousa Mendes foi um deles.

Anexo 9 | Destaque na primeira página

Smith, D. (1986, outubro 10). Diplomata português antinazi finalmente reabilitado. *O Jornal*, 40-41.



Anexo 9

Smith, D. (1986, outubro 10). Diplomata português antinazi finalmente reabilitado. *O Jornal*, 40-41.

40 ACTUALIDADE

Afastado por Salazar há 46 anos

Diplomata português antinazi finalmente reabilitado

Doug Smith □ Los Angeles

Sebastian Mendes, um funcionário dos correios já reformado, recebeu no mês passado um telefonema anunciando a concretização de um objectivo muito ambicionado que ele, os seus irmãos e as suas irmãs têm procurado alcançar durante grande parte das suas vidas.

Esse objectivo era a conquista da honra, procurada há quatro décadas pelos filhos de um diplomata português, dispersos pelo mundo depois da Segunda Guerra Mundial. Hoje, já morreram cinco e os outros nove são velhos de cabelo branco.

Esperaram e esforçaram-se durante toda a vida para alcançar o que desejam: a reabilitação do nome do pai, vítima de uma calúnia.

O telefonema de Washington, feito por um dos membros do pessoal do gabinete de um congressista, anunciava-lhes que tinham conseguido os seus objectivos. O Governo português, ao fim de 46 anos, concordou em reputar a condenação proferida contra o pai por insubordinação burocrática, prestando as honras devidas a um herói do holocausto.

mudar, graças em parte à intervenção de vários membros do Congresso.

Para festejar esse êxito que tanto se fez esperar, Sebastian Mendes e mais três dos seus irmãos vão-se reunir a 20 de Outubro no Centro de Estudos do Holocausto Simon Wiesenthal, em Los Angeles, numa cerimónia que congregará alguns membros do círculo cada vez mais vasto de amigos que os ajudaram.

Os irmãos Mendes que, segundo se espera, comparecerão à cerimónia incluem-se entre os vários filhos do diplomata que, após terem sido reduzidos à miséria no seu país, emigraram para a Bélgica, Canadá e Estados Unidos. Quatro fixaram-se na Califórnia, aí constituíram família, trabalharam e fizeram carreira, choraram a morte dos irmãos e irmãs e chegaram finalmente à idade da reforma.

Mas nunca esqueceram o caso do pai.

Inicialmente, recorreram a todos os pequenos artifícios, geralmente ineficazes, de que se puderam servir a tão grande distância para abalar o regime do ditador António de Oliveira Salazar, quase sempre através de um pedido de publicação da sua história dirigido aos jornais

locais, mas sem alcançarem grandes resultados.

«Enquanto Salazar esteve no poder, não se podia fazer nada» disse Sebastian Mendes, de 62 anos, o décimo filho do diplomata.

Ele e seu irmão Carlos, de 64 anos, residente em Los Angeles, não fizeram qualquer tentativa para cair nas boas graças do regime. Eram ambos americanos, nascidos em Berkeley, na Califórnia, no tempo em que o pai foi cônsul nessa cidade. Saíram de Portugal, em 1943, para se integrarem no Exército americano e participarem na invasão da Europa.

Na década de 1950, Sebastian escreveu um livro em que contava a história do pai, intitulado «Como um herói português salvou milhares de judeus durante a Segunda Guerra Mundial».

O livro contava uma história que, apesar de não ser muito conhecida, foi confirmada entretanto pelos historiadores do holocausto e por documentos diplomáticos portugueses.

Trinta mil vistos

Em Junho de 1940, em Bordéus, judeus em pânico e outros refugiados fugiam para o sul da França ocupada, para escapar à teia da perseguição nazi. O seu objectivo era Lisboa. Sousa Mendes, o cônsul de Portugal, foi procurado por milhares de pessoas que queriam vistos para atravessarem a Espanha de Franco, no seu percurso de fuga pelos Pireneus.

Os pedidos de vistos só podiam ser satisfeitos mediante uma autorização telegráfica da polícia portuguesa. Mas de acordo com uma investigação posterior do Ministério das Estrangeiros, os requerentes tinham de esperar em vão, por essa autorização, a menos que fossem indivíduos de «raça pura» ou sangue azul, pois nesse caso as autorizações vinham depressa.

O ditador Salazar resolvera

António de Sousa Mendes
Foi desobediência às ordens de Salazar

suspender a concessão de vistos a judeus, segundo o mesmo relatório de 1976 do Ministério das Estrangeiros.

Posto perante esse problema moral, Sousa Mendes optou pela consciência e contra a obediência. Começou a conceder vistos a todos os refugiados que os solicitavam.

Apesar de ser impossível determinar o número de refugiados que receberam vistos de Sousa Mendes ao longo de um período de três dias, as estimativas apontam para os 30 mil, sendo pelo menos 10 mil judeus.

Ao fim de três dias, acabou-se tudo. O Ministério dos Negócios Estrangeiros enviou o mais depressa possível um substituto e chamou Sousa Mendes a Lisboa. Depois do seu regresso, foi expulso da carreira diplomática sem direito a qualquer compensação e proibido de exercer a sua profissão de advogado. Caiu gradualmente na miséria.

Mas Sousa Mendes nunca renegou a sua decisão, nem face à desonra e à pobreza. Morreu em 1954, esquecido pelo seu país, mas não pelos filhos.

A casa onde viveu Sousa Mendes em Cabanas de Viriato
O espelho do esquecimento a que o proprietário foi votado

Anexo 9 | Continuação

Smith, D. (1986, outubro 10). Diplomata português antinazi finalmente reabilitado. *O Jornal*, 40-41.

O Portal da História

O relatório (1976) ficou esquecido

O primeiro raio de esperança só brilhou para eles em 1967, vindo dos Estados Unidos. Durante os testemunhos dos judeus que escaparam com a sua ajuda, o Yad Vashem, a autoridade encarregada de zelar pela memória dos mártires e dos heróis de Israel, incluiu Mendes entre os justos de raça judaica «que sacrificaram a sua segurança pessoal para salvar as vidas de inocentes». Apesar dessa homenagem, a família Mendes não foi ouvida em Portugal, onde o regime de Salazar se tornava cada vez mais repressivo. Salazar morreu em 1970, mas o regime manteve-se no poder até à Revolução de 1974.

Elisa Joana, uma das filhas de Mendes que ficou em Portugal, solicitou ao novo governo democrático uma revisão do caso do pai. Em Junho de 1976, um funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros entregou um relatório meticulosamente documentado em que concluiu que Mendes fora punido ilegalmente por um acto de insubordinação que tinha acabado por valer uma homenagem ao seu país.

O autor relatava que, depois da actuação de Mendes ter começado a ser elogiada, Salazar rejeitara um recurso para a recondução no seu cargo apresentado por Mendes em 1945 e permitira que o mérito do salvamento dos refugiados fosse atribuído a diplomatas leais.

O relatório menciona ainda a «profunda desilusão», sofrida pela família de Mendes, recordando que o governo considerasse imediatamente a recondução póstuma de Sousa Mendes e a «reparação dos prejuízos materiais e normais causados injustamente pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros».

Hoje em dia, as opiniões divergem no que se refere às razões que levaram a desprezar essa recomendação. Os filhos de Sousa Mendes estão convencidos de que os salazaristas do Ministério conseguiram enterrar o relatório.

Luis de Sousa, adido de Imprensa da Embaixada de Portugal em Washington, reconheceu que o caso fora esquecido, mas negou que tivesse havido qualquer má intenção. «Achámos que um homem que arriscou o seu emprego para salvar pessoas dos nazis é digno de grande estima e admiração», disse Luis de Sousa.

A resistência começou finalmente a ser vencida. Elisa Joana Mendes conseguiu que a história fosse publicada num jornal de Lisboa, *A Capital*. Vários jornais americanos interessaram-se pelo caso. Depois disso, o Congresso americano interveio também.

Condecoração de Mário Soares

Um outro irmão de Sebastião, o desenhador John Abranches, de 55 anos, residente em Oakland, na Califórnia, foi apresentado ao congressista Fortney Stark, deputado pela Califórnia, que apresentou na ordem do dia do Congresso uma declaração elogiando Sousa Mendes.

Na última Primavera, a história chegou aos ouvidos do congressista Tony Coelho, deputado pela Califórnia, que disse que se sentia orgulhoso com o acontecimento, na sua qualidade de primeiro luso-americano eleito para o Congresso.

«Os portugueses são um povo de bom coração» disse Coelho. «Este homem salvou 30 mil vidas. Não tem pés nem cabeça que o Governo português ignore uma coisa assim».

T. Coelho e o congressista Henry Waxman, deputados pela Califórnia, conseguiram neste Verão que uma resolução de elogio a Sousa Mendes fosse aprovada pelo Congresso. Em Agosto, enviaram uma carta, assinada por 70 congressistas, ao Presidente Mário Soares, solicitando-lhe que prestasse homenagem ao diplomata.

O caso foi resolvido no mês passado. O primeiro-ministro, Aníbal Cavaco Silva, em visita aos Estados Unidos acompanhado pelo ministro dos Estrangeiros, Pedro Pires de M...

O consul português em Bordéus com a mulher. Os filhos tiveram de emigrar para o estrangeiro

ACTUALIDADE

41

randia, encontrou-se com T. Coelho para discutirem outros tópicos. Mas Coelho, segundo ele próprio referiu, disse-lhes que o problema que mais lhe interessava era o caso Mendes.

Alguns dias depois, Coelho foi notificado de que o Presidente Soares prometera conceder uma condecoração a Sousa Mendes. «Ainda não foi decidido qual vai ser essa condecoração e quando será concedida», disse um funcionário da Embaixada de Portugal.

Mas seja qual for a medalha que lhe concedam, o significado do acto é claro. Ao fim de 46 anos, Sousa Mendes vai ser finalmente um herói na sua pátria.

©The Washington Post / Los Angeles Times News Services / O Jornal

Anexo 10

Antigo cônsul vai ser homenageado. (1987, março 19). *O Século*, 13.

Antigo cônsul vai ser homenageado

A Federação Internacional Judaica vai homenagear a 29 de Abril, em New Bedford, o antigo cônsul português em Bordéus, Aristides Sousa Mendes, que durante a Segunda Guerra emitiu cerca de 40 mil vistos a judeus.

O jornal «Portuguese Times», de New Bedford, disse que na homenagem estarão presentes o congressista luso-americano Tony Coelho e um dos filhos do antigo cônsul, John Abranches.

A sessão, patrocinada pela Federação Judaica, integra-se num conjunto de manifestações promovidas pela comunidade judaica dos Estados Unidos, em honra do antigo cônsul de Portugal em Bordéus que, desafiando o governo de Oliveira Salazar, salvou a vida a milhares de judeus. □

14

É hoje condecorado, a título póstumo, em Washington, pelo Presidente Mário Soares, o diplomata português Aristides de Sousa Mendes, o qual, desrespeitando ordens de Salazar, contribuiu para salvar a vida a milhares de judeus. Publicamos a seguir algumas passagens de um livro do jornalista norte-americano Reese Erlich que põe em causa a acção do Ministério dos Negócios Estrangeiros portugueses em todo o processo referente a Aristides de Sousa Mendes.

• REESE ERLICH

O HERÓI PORTUGUÊS DO HOLOCAUSTO

BORDEUS, França — Junho de 1940. Os nazis acabam de lançar a sua invasão-relâmpago sobre a França. Centenas de milhares de refugiados escaparam-se para a fronteira franco-espanhola, na esperança de se salvarem. Quando a gasolina se esgotava nos seus carros, eles negociavam-na, por vezes, pela perna da estrada. Houve alguns que chegaram a suicidar-se.

Para muitos, e em especial para os judeus, não havia

histórias indicam que o dr. Mendes salvou mais vidas do que qualquer outro indivíduo, durante o Holocausto, com a possível excepção do diplomata sueco Raoul Wallenberg.

Quando o dr. Mendes regressou a Lisboa, Salazar demitiu-o do Corpo Diplomático. O dr. Mendes não voltou a trabalhar, morrendo em 1954 na desonra e pobreza. A partir do fim da guerra, a família do dr. Mendes tentou reabilitar o nome do seu pai e fez esforços para que ele fosse home-

dava indicações de que a desonra posterior que recaiu sobre o dr. Aristides Mendes foi, em parte, devida à inveja que alguns funcionários do Ministério dos Estrangeiros tinham da situação do seu irmão César. Mendes é um nome mariano. Os marianos eram judeus convertidos à força ao catolicismo durante a Inquisição Portuguesa de 1497. Mendes, literalmente, quer dizer «Novo Cristo». João Abranches disse que, após 450 anos de prática católica, a sua possível herança judaica

era vista como uma curiosidade histórica. Mas, como os acontecimentos posteriores viriam a provar, o dr. Mendes continuava a ser judeu na opinião dos fascistas portugueses.

Em 1936, a família Mendes chegou a Bordéus, onde Aristides assumiu as funções de cônsul. Mesmo antes da invasão alemã, ele tudo fez para auxiliar os refugiados a porrem-se a salvo.

Em 13 de Maio de 1940, os alemães invadiram a França. Com aquele país enfraquecido pelos simpatizantes internos do fascismo, e com as políticas de apaziguamento dos aliados, os nazis esmagaram tudo na sua viagem para Paris. Centenas de milhares de refugiados fugiram, então, para o cantinho meridional francês, que continuou fora do controlo dos alemães.

Portugal... o documento do Governo... Depois... interior a... dr. Mend... acompan... viados e... continua... do a H... passage... fonteira... Govern... rhicime... emidos... eram vé... trada a... altura... Mas o... refúgi... e, assir... na de... gem al... dr. Me... bem q... las air... aquele... meoi... soalm... convi... fronte... da d... giado... Qu... Men... imer... Cor... de... deix... pou... da... luxi... ent... ant... Gr... Me... qu... vo... di...

Embora se tenha mantido formalmente neutro, o ditador português Salazar cooperava com o Eixo. Em 1940, ele passou instruções às suas embaixadas, para que não emitissem vistos aos exilados políticos portugueses, aos cidadãos soviéticos e a todos os judeus.

Quando o dr. Mendes rece-

beu essas instruções, sentiu-se destruído. Dezenas de milhares de refugiados encontravam-se acampados no exterior do Consulado Português em Bordéus. Que poderia ele dizer-lhes? César Mendes, o sobrinho do cônsul, encontrava-se presente nessa altura e recorda as palavras que o dr. Mendes dirigiu àquela multidão ali reunida.

«Não posso permitir que esta gente morra», disse ele, com a alma cheia de tristeza.

«Muitos deles são judeus e segundo a nossa Constituição estabelece, nem a religião nem a política de um estrangeiro poderão ser utilizadas para lhes negar o acolhimento de Portugal. Decidi seguir estes princípios... Nem que isso signifique a minha demissão, só poderei agir como cristão que sou, e conforme a minha consciência me aconselha».

E a partir de 16-18 de Junho de 1940, trabalhando até altas horas da noite, o dr. Mendes, juntamente com o seu filho mais velho e um sobrinho emitiram pelos seus próprios punhos mais de 30 mil vistos. Tendo lido a oferta de grandes quantias em ouro, o dr. Mendes nunca aceitou um vintém sequer pela emiss-

ção dos vistos. E, ao fim de três dias, o dr. Mendes calou exausto. Entretanto, o Governo de Salazar apercebendo-se do que o dr. Mendes fez em Bordéus, dois funcionários para o trazerem de volta a Lisboa.

Quando a sua viatura se aproximava da fronteira espanhola, eles pararam em Baiona, França, onde dezenas de milhares de refugiados aguardavam no Consulado Português a emissão dos seus vistos.

O dr. Mendes entrou no Consulado e insistiu com o pessoal para que passasse os vistos a todas as pessoas que pedissem. «Ainda não fui tratado do meu cargo», declarou o dr. Mendes. «Ainda sou o vosso superior». E com estas palavras, ele próprio passou pelo seu punho vistos a quem se podia considerar único, pois tratavam-se de tiras de papel em branco com as seguintes palavras escritas: «O Governo português pede ao Governo espanhol que conceda a cortesia de permitir que o portador deste visto atenda em liberdade o território espanhol. Trata-se de um refugiado do conflito europeu que segue com destino a

As duas faces do nazismo: as multidões que apoiaram o nacional-socialismo e as vítimas do holocausto. Tudo em nome de uma ideologia que tinha como principais inimigos os judeus, os democratas e os comunistas. Uma aborração

fuga possível, pois Franco, na Espanha, encerrara as suas fronteiras. No meio do caos e do desespero, houve um homem que se distinguiu: o dr. Aristides de Sousa Mendes, cônsul português em Bordéus, que emitiu vistos de trânsito para toda a gente — a despeito das ordens explícitas do seu Governo para que não autorizasse a entrada em Portugal dos judeus, russos e de certas outras personalidades.

Na posse dos vistos, os refugiados dispunham de passagem por Espanha, a caminho de Portugal neutro.

Durante três dias seguidos, pouco dormindo, o dr. Mendes desafiou as ordens dadas pelo ditador português, Salazar. Ninguém se deu ao trabalho de contar os vistos emitidos, mas os familiares dos seus beneficiários calculam que tenham atingido os trinta mil — o que talvez tenha significação a salvação de dez mil judeus da morte em campos de concentração nazis. Os

nageado, mas os sucessivos governos portugueses mantiveram-se insensíveis a essas delícias.

Contudo, este ano, uma invulgar aliança entre luso-americanos, grupos da comunidade judaica e os mais importantes congressistas americanos levaram o Governo português a agir. O Presidente português, dr. Mário Soares, tentou prestar homenagem, a título póstumo, ao dr. Mendes, com a entrega da Medalha da Ordem da Liberdade, numa cerimónia que terá hoje lugar em Washington.

Até agora, o Governo ignora também os pedidos feitos pela família do dr. Mendes para que seja erigido um monumento em sua memória, ou o estabelecimento de uma bolsa de estudos com o seu nome, assim como a sua promoção a título póstumo ao cargo de embaixador. Com a excepção de alguns jornalistas que têm publicado artigos seus ocasionais, o caso do dr.

E, assim, o caso do dr. Aristides de Sousa Mendes não envolve apenas um homem justo que foi desonrado há 47 anos — mas uma batalha que ainda hoje se trava contra o fascismo e o anti-semitismo.

Aristides de Sousa Mendes do Amaral e Estados Unidos nasceu em 19 de Julho de 1885, de família aristocrata. Formado em Direito, desempenhou cargos diplomáticos em Zanzibar, Brasil e Estados Unidos da América. O seu irmão gêmeo, César Mendes, foi o primeiro ministro dos Negócios Estrangeiros de Salazar, em 1932, mas pediu a demissão do cargo, que desempenhou num período inferior a um ano.

Os dois irmãos eram muito unidos e posteriormente trocavam correspondência todos os dias. Tinham também em comum, a antipatia pela política de Salazar. Um relatório governamental que andou escondido durante muito tempo,

fa... se... M... d... r... t... n... e... v... t... t... deix... pou... da... luxi... ent... ant... Gr... Me... qu... vo... di... fa... se... M... d... r... t... n... e... v... t... t... deix... pou... da... luxi... ent... ant... Gr... Me... qu... vo... di...

Erlich, R. (1987, maio 19). O Herói Português do Holocausto. *Diário Popular*, 14-15.

DIÁRIO POPULAR em foco

PORTUGUÊS DO CAUSTO

15

ssas instruções, sem-
struído. Dezenas de re-
de refugiados encon-
n-se acampados no en-
do Consulado Portu-
Bordéus. Que pos-
dizor-lhes? César Men-
o sobrinho do consu-
ntrava-se presente na
ura e recorda as pa-
que o dr. Mendes drin-
a multidão ali reunida.
ão posso permitir que
onte morra», disse ele.
a alma cheia de tristeza
os deles são judeus, e
ido a nossa Constituição
elece, nem a religião
a política de um re-
poderio, ser utilizada
hes negar o acolhimen-
ritual. Decidi seguir os
rincipios... Nem que eu
que a minha demissi-
derel agir como cristão
ou, e conforme a mi-
iência me aconselha.
u partir de 16-18 de Ju-
o 1940, trabalhando até
horas da noite, o dr.
es, juntamente com o
lho mais velho e um
ho emitiram pelos seus
punhos mais de 30
stos. Tendo lido a oferta
andes quantas em euro,
Mendes nunca aceito-
ntém sequer pela em-
da dos vistos. E, ao fim de
nais cansativos dias, o dr.
Mendes caiu exausto.

Portugal.» Depois, carimbava
o documento com o selo do
Governo português.

Depois de passar um dia
inteiro a emitir estes vistos, o
dr. Mendes e a sua família,
acompanhados pelos dois fun-
cionários especiais, de Salazar
continuíam viagem, chegando
a Hendaia, o ponto de
passagem mais importante da
fronteira franco-espanhola. O
Governo espanhol tivera co-
nhecimento de que os vistos
emitidos pelo dr. Mendes não
eram válidos e recusou a en-
trada aos refugiados. Nessa
altura, tudo parecia perdido.
Mas o dr. Mendes pediu aos
refugiados que o seguissem
e, assim, uma grande carava-
na de carros prosseguiu via-
gem até a próxima cidade. O
dr. Mendes pensara e muito
bem que as ordens espanho-
las ainda não teriam chegado
àquela posto de fronteira de
menor importância. E, pes-
soalmente, encarregou-se de
convencer os guardas da
fronteira a permitirem a en-
trada daquele miolar de re-
fugiados.

Quando, finalmente, o dr.
Mendes chegou a Lisboa, foi
imediatamente expulso do
Corpo Diplomático. Advogado
de profissão, nunca mais o
doutor trabalhou. A pouco e
pouco, a sua família foi for-
çada a vender os seus bens e a
luxuosa mansão da família
encontrou-se em ruínas. Um pouco
antes de terminar a Segunda
Grande Guerra Mundial, o dr.
Mendes foi vítima de um ata-
que de coração, que lhe pro-
vocou a paralisção do lado
direito do corpo.

A ditadura de Salazar dis-
farçava muito bem a sua re-
fusa de emitir vistos aos judeus
e o tratamento dado ao dr.
Mendes. Em 15 de Dezembro
de 1940, o agora famoso cor-
respondente do «New York
Times», James Reston, fazia
nas colunas daquele jornal
eco da versão oficial do Go-
verno português. «Inicialmen-
te, o Governo português con-
trolava o movimento dos re-
fugiados de França para Portu-
gal», escreveu Reston, «certi-
ficando-se de que todas as
pessoas que podiam os vistos
já tinham o seu transporte
assegurado para os Estados
Unidos da América ou para
qualquer outro país. O proble-
ma principal para Portugal,
nesta momento, é fazer seguir
viagem os oito mil refugiados
que se encontram ainda no
país, a maioria dos quais en-
trou em Portugal com vistos
sem validade». Claro que «os
vistos sem validade» eram
aqueles que o dr. Mendes tão

esmeradamente passara com
o seu próprio punho.

Alguns anos mais tarde,
quando Salazar tentava dis-
farçar a sua política pró-Eixo e
também granjear a amizade
de Israel, as entidades do seu
Governo reclamavam o crédito
por terem salvo os refugia-
dos judeus. O embaixador
português em Espanha, Teó-
tónio Pereira, escreveu no Se-
gundo Volume das suas Me-
mórias, publicadas em 1973,
o seguinte: «Durante dois ou
três dias andei diligentemente
de um lado para o outro, entre
Hendaia e Barcelona, a presio-
nar as autoridades espanho-
las para que respeitassem os
vistos emitidos pelos portu-
gueses, oferecendo o meu
apoio, com todos os meios de
que dispunha, para o fazer.»
Na verdade, Teótonio Pereira
foi uma das testemunhas prin-
cipais contra o dr. Mendes
durante o inquérito disciplinar
de que veio a resultar a de-
missão do dr. Mendes.

Embora os 14 filhos do dr.
Mendes se encontrassem es-
palhados por Portugal, Cani-
dã e Estados Unidos da Amé-
rica, os seus familiares con-
tinuam a enviar esforços no
sentido de conseguirem o re-
conhecimento do heroísmo do
seu pai. Em 1951, Sebastião
Mendes publicou um livro ten-
do como tema as acções do
seu pai, em França. A sua
filha Joana Mendes iniciou al-
guns refugiados judeus que
havam sido auxiliados por

O antigo cônsul de Portugal em Bordéus numa foto de 1911, com sua mulher, Angelina

seu pai, a escreverem para o
Centro do Holocausto Yad
Vashem, em Jerusalém. Em
1967, os representantes do
quilo Centro tiveram a en-
rega de uma medalha em ho-
menagem ao dr. Mendes ten-
do, mais tarde, sido pluriplaca
uma árvore em seu nome no
Jardim dos Virtuosos. Mas en-
quanto Salazar esteve no po-
der, e depois o seu sucessor
fascista, Marcello Caetano, o
nome do dr. Mendes conti-
nuou na penumbra em Portu-
gal.

Em 1974, a família Mendes
conseguiu que o novo Gover-
no levasse a cabo uma inves-
tigação sobre o caso do seu
pai. O Governo designou um
antigo embaixador altamente

respeitado, o dr. Nuno A. A.
Bessa Lopes, que apresentou
um relatório datado de 6 de
Junho de 1975 como resulta-
do das suas investigações. E
esse relatório era, na verda-
de, bem revelador.
O relatório ilibava o dr.
Mendes completamente de
culpas. Punha também co-
mo mito de que Salazar se
mantivera neutro durante os
primeiros anos de guerra, in-
sistindo que o ditador quera
obedecer à «basta nazi», e
que foi por isso que ele negou
a entrada dos judeus em Por-
tugal.

Mas o mais interessante de
tudo isto foi o dr. Bessa Lopes
ter feito menção a documen-
tos encontrados nos arquivos

do Ministério das Estrangeiros
em que se fazia alusão à
família do dr. Mendes como
sendo «descendente de ju-
deus». Houve quem, no Mi-
nistério das Estrangeiros, te-
nha pensado que o dr. Men-
des salvara os refugiados ju-
deus devido à sua própria
origem judaica. «Aparente-
mente», escreveu o dr. Bessa
Lopes, «o pobre conselheiro
Mendes sucumbira às garras
da nova inquisição que tempo-
ariamente convivia a haver en-
Portugal — o espírito inquisi-
torial deixara profundas raízes
na alma de Portugal».

O relatório de Bessa Lopes
suruiu-se de imediato e só em
fins de 1986 foi dado a cor-
rer publicamente.

O dr. Aristides Sousa Mendes e sua mulher, em 1929, com os filhos do casal

acional-socialismo e as atitudes que foram
tinha como principais vítimas os judeus, os

Cabanas de Viriato recorda o herói português do Holocausto. (1987, junho 3). *Diário Popular*, 4.

Cabanas de Viriato promove cerimónias para homenagear postumamente o dr. Sousa Mendes, prepara-se a inauguração de um busto e a impressão de uma brochura, depois em livro, conferência, projecções de filmes, etc., honrando a memória daquele que é considerado um herói do holocausto provocado pelos nazis.

CABANAS DE VIRIATO RECORDA O HERÓI PORTUGUÊS DO HOLOCAUSTO

A comissão organizadora das homenagens ao diplomata dr. Aristides Sousa Mendes, de Cabanas de Viriato, enviou-nos um ofício a felicitar o «DP» pela publicação do artigo do jornalista norte-americano Reese Erlich intitulado «O herói português do holocausto» (19/5 p.p.) e que tinha a ver com a odisseia do nosso antigo cônsul em Bordéus, o qual, por desobedecer às ordens de Salazar, salvando milhares de judeus de irem parar a campos de extermínio, foi expulso do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Recorde-se que Aristides Sousa Mendes só agora foi parcialmente reabilitado, mediante uma condecoração atribuída pelo Presidente Mário Soares, estando por concretizar a sua reintegração, a título póstumo, naquele Ministério.

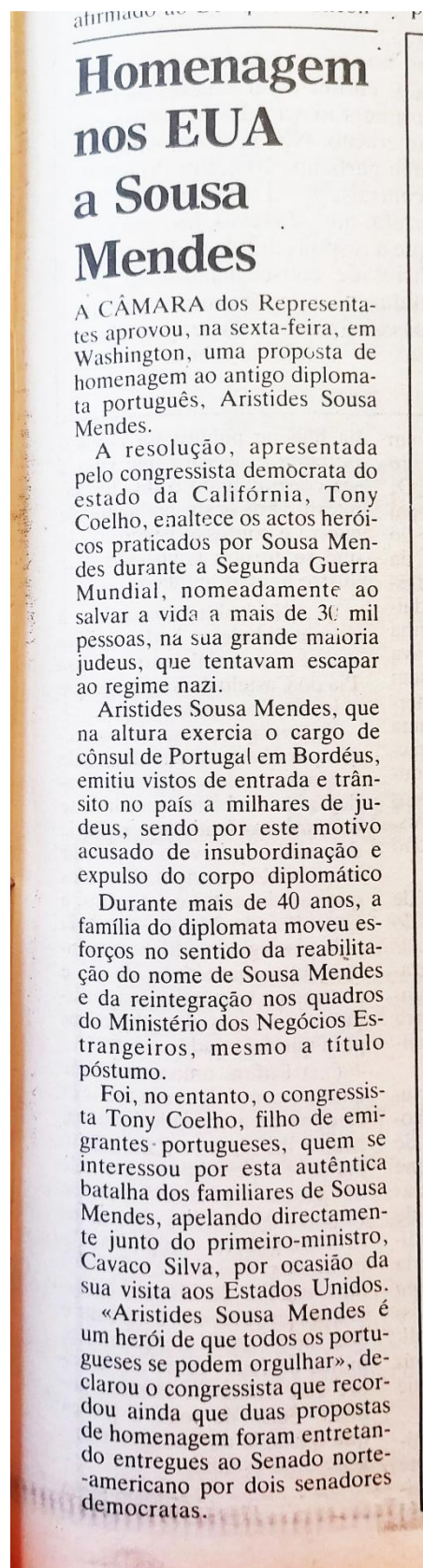
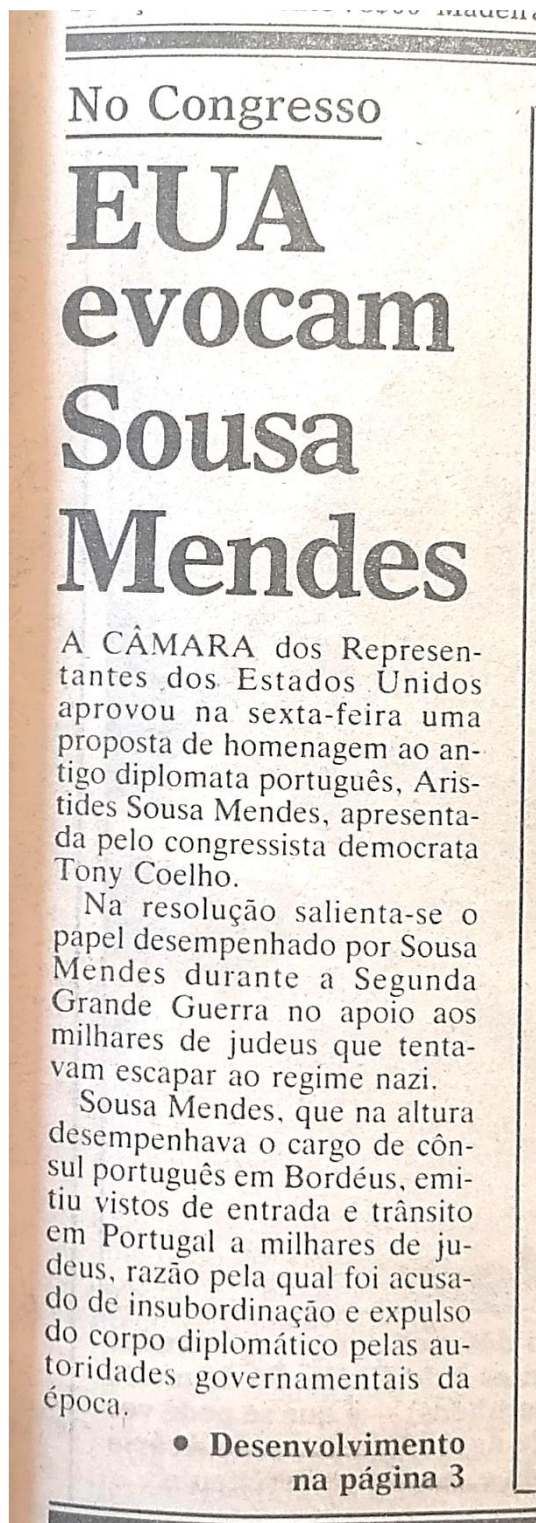
Salienta o representante da comissão organizadora, dr. Luís Humberto Costa Fidalgo, que o nosso jornal foi o primeiro órgão da Comunicação Social português e interessar-se pela situação criada ao dr. Sousa Mendes. E aponta: «O gesto do dr. Sousa Mendes foi reconhecido internacionalmente, nomeadamente por aqueles por quem sacrificou a família e carreira, ao contrário do que até à data aconteceu em Portugal.

Porém, os seus conterrâneos e todos aqueles que ao tempo, em Cabanas de Viriato — a sua terra natal e onde se encontra supultado no único bem ainda pertencente à família, o jazigo familiar —, conheceram o dr. Sousa Mendes, nunca esqueceram a sua acção e os muitos refugiados que se acolitaram na Casa do Passal, hoje em ruínas e

então pertencente ao dr. Sousa Mendes.

A Comissão tem o apoio do Governo Civil de Viseu, Câmara Municipal de Carregal do Sal, Assembleia de Freguesia de Cabanas de Viriato, Junta de Freguesia e associações locais.

A família Sousa Mendes está ligada a Cabanas, para além do facto de muitos dos seus membros serem dali naturais: foi o pai do antigo cônsul, dr. César Mendes, quando ministro dos Negócios Estrangeiros, em 1929, quem requereu ao governo o registo, tal como é hoje, do nome daquela localidade, então apenas Cabanas, o que trazia confusões com outras de igual designação — e de Viriato para homenagear o grande guerreiro chefe dos Lusitanos, que escolhera aquele lugar como ponto de partida dos seus inúmeros feitos.



Câmara dos Representantes homenageou Sousa Mendes. (1987, agosto 10). *O Século*, 3.

Câmara dos Representantes homenageou Sousa Mendes

A Câmara de Representantes dos Estados Unidos da América do Norte aprovou na passada sexta-feira, em Washington, uma proposta de homenagem ao antigo diplomata português Aristides de Sousa Mendes.

A resolução que propunha a homenagem foi apresentada pelo congressista democrata do Estado da Califórnia, Tony Coelho, um descendente de portugueses.

Na proposta, o congressista luso-americano enaltece os feitos praticados por Sousa Mendes durante os primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, nomeadamente o facto de ter salvo a vida a cerca de 30 mil pessoas, na maioria judeus que procuravam es-

capar aos campos de extermínio da Alemanha hitleriana.

Aristides de Sousa Mendes, que nos primeiros anos da guerra exercia o cargo de cônsul de Portugal em Bordéus, emitiu vistos de entrada e de trânsito pelo País a milhares de judeus, sendo por este motivo acusado de insubordinação e expulso do corpo diplomático português.

Durante mais de 40 anos a família do diplomata moveu esforços no sentido de reabilitar o nome de Sousa Mendes e de o ver reintegrado nos quadros do Ministério dos Negócios Estrangeiros, mesmo a título póstumo.

O congressista Tony Coelho interes-

sou-se por esta batalha dos familiares de Sousa Mendes, apelando directamente ao primeiro-ministro português, Cavaco Silva, por ocasião da sua visita aos Estados Unidos.

Também a comunidade judaica norte-americana desenvolveu alguns esforços nesse sentido e realizou uma homenagem a Aristides Sousa Mendes no ano passado.

No dizer de Tony Coelho, «Sousa Mendes é um herói de que todos os portugueses se podem orgulhar».

Outras duas propostas de homenagem foram entregues no Senado norte-americano por dois senadores democratas. □

Melo, G. (1988, março 19). Cônsul Sousa Mendes reabilitado por unanimidade. *Diário de Notícias*, 2.

Cônsul Sousa Mendes reabilitado por unanimidade

POR UNANIMIDADE e aclamação, o plenário da Assembleia da República aprovou ontem a reabilitação e integração do ex-cônsul de Portugal em Bordéus aquando da Segunda Guerra Mundial, Aristides de Sousa Mendes.

O projecto de lei, apresentado pelo PS, foi defendido, da tribuna, pelo seu primeiro subscritor, Jaime Gama, que disse

ser essa «reabilitação e reintegração póstuma na carreira diplomática um dever da democracia portuguesa para com um dos símbolos mais autênticos da generosidade, tolerância e compaixão humana do espírito português».

A consagração

Estava-se em Junho de 1940. Invadida a Polónia, levada, de roldão, toda a faixa europeia à

sua volta, os exércitos de Hitler entravam pela França, rumo a Paris.

Aristides de Sousa Mendes era, na altura, o cônsul-geral de Portugal em Bordéus. Nascido a 19 de Julho de 1885, descendia de uma família ligada à melhor aristocracia portuguesa. Licenciara-se em Direito, tendo, pouco depois, entrado para a carreira diplomática. Ocupara

numerosos postos consulares de projecção e obtivera múltiplas condecorações atribuídas pelo Estado Novo, «pelos altos e relevantes serviços prestados à nação», tendo sido ali colocado em 1 de Agosto de 1938.

Um ano depois eclodia a Segunda Guerra Mundial e iniciava-se o holocausto judaico que iria empurrar para os campos de concentração e as câmaras

de gás milhares de judeus em toda a Europa. A única possibilidade de salvação residia na fuga para um Portugal que se mantinha neutro para, daí, buscarem o porto seguro que a América lhes oferecia.

Contrariando as ordens rigorosas recebidas de Lisboa, no sentido de dificultar, ao máximo, a obtenção dos vistos de trânsito, Aristides de Sousa Mendes não se poupou a esforços para conseguir livrar do horror que os aguardava milhares de judeus que a ele recorriam. Durante três dias a fio, praticamente sem dormir, entregou-se à tarefa humanitária de emitir vistos para uma autêntica multidão em pânico ante o avanço das tropas hitlerianas. Calcula-se que mais de trinta mil pessoas tenham, nesse momento, conseguido escapar à sorte que os aguardava. Segundo os historiadores desse período negro da vida da Humanidade, terá sido, depois do diplomata sueco Raoul Wallenberg (sobre cuja acção foi já realizada uma série televisiva, que o ano passado se exibiu nos ecrãs portugueses) o homem que maior número de vidas conseguiu salvar do holocausto nazi.

Só que a desobediência às ordens de Salazar se pagava caro. Chamado a Lisboa, Aristides

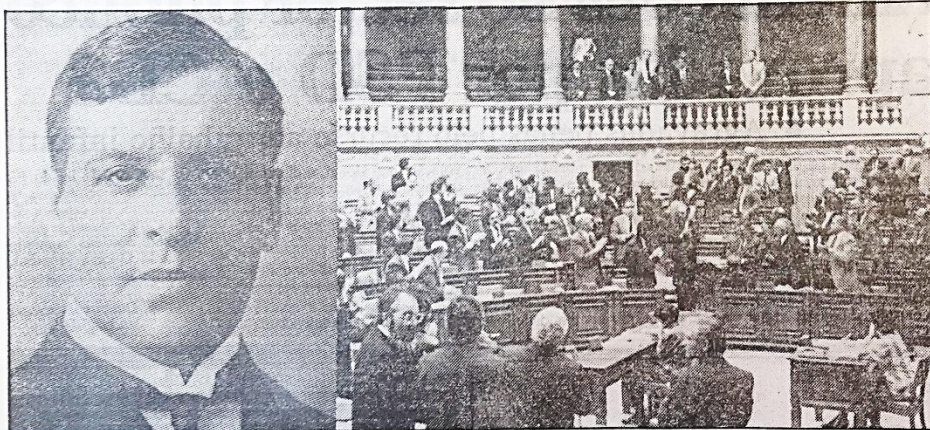
de Sousa Mendes foi demitido do corpo diplomático e não mais voltou a exercer qualquer função pública até à sua morte, em 1954. Morria pobre e, de acordo com os padrões do regime, desonrado.

Apenas trinta anos volvidos a sua consagração, em termos internacionais, se verificaria. E, hoje, um dos grandes nomes inscritos no «Livro dos Justos», da nação israelita, a par das homenagens que nos Estados Unidos da América lhe foram prestadas. E, em 19 de Maio do ano findo, era condecorado, a título póstumo, pelo Presidente Mário Soares. Em Washington, na presença dos seus numerosos descendentes aí radicados.

A consagração por parte da democracia portuguesa, substanciada no seu órgão parlamentar, essa, contudo, vinha tardando. Ocorreu na manhã de ontem. Unânime e de pé. Por aclamação.

Aristides de Sousa Mendes — Aristides de Sousa Mendes do Amaral Abranches, de seu nome completo —, é, desde ontem, um diplomata reabilitado e reintegrado em termos de carreira. Oficialmente. Já o era, porém, e há muito, por imperativo da consciência e do sentir do povo que todos somos.

G. de M.



A reabilitação de Aristides Sousa Mendes (à esquerda) mereceu unanimidade e aplauso dos deputados, com a presença de familiares do falecido cônsul de Bordéus nas galerias

Afonso, R. (1988, março 25). O crime de salvar judeus. *O jornal ilustrado*, 26-31.

Dossier



**SOUSA MENDES
O WALLENBERG
PORTUGUÊS**

O crime de salvar judeus

A reabilitação e reintegração póstuma na carreira diplomática de Aristides de Sousa Mendes acabam de ser aprovadas, por unanimidade e aclamação, pelo plenário da Assembleia da República. Nascido em 19 de Julho de 1885 no seio de uma família ligada à aristocracia portuguesa, licenciado em Direito e tendo enveredado pela Diplomacia, Sousa Mendes era cónsul-geral de Portugal em Bordéus quando eclodiu a II Guerra Mundial. E aí desempenhou papel decisivo salvando do Holocausto milhares de judeus a quem concedeu vistos de trânsito. A sua acção humanitária (é certo que depois do sueco Raoul Wallenberg foi o homem que maior número de pessoas conseguiu salvar do Holocausto nazi) desobedecia, entretanto, às ordens de Salazar. E o ditador não hesitou: condenou-o, mandando selar o processo. Só a persistência dos que quiseram reabilitar o nome de Sousa Mendes conseguiu, quase meio século depois, tornar públicos os documentos desse processo que aqui damos conta.

Condeno o cônsul de 1.ª classe, Aristides de Sousa Mendes, na pena de um ano de inactividade com direito a metade do vencimento de categoria, devendo em seguida ser aposentado.

Lisboa, 30 de Outubro de 1940
Oliveira Salazar

Assim se encerrou o processo disciplinar de um homem cujo único crime foi ter salvo milhares de vidas. Mas para o fazer desobedeceu às ordens de Salazar. Por isso Salazar destruiu-o.

Em seguida Salazar ordenou que as provas fossem seladas. Só agora, quase meio século mais tarde, é que os documentos foram finalmente tornados públicos.

Por que é que os documentos do processo disciplinar estiveram escondidos durante tanto tempo? Estiveram escondidos devido ao que revelavam sobre a política anti-semita adoptada por Salazar em

Rui Afonso *

relação aos refugiados, entre 1939 e 1940. Estiveram escondidos porque expunham Salazar e os seus aliados mais fiéis do Ministério dos Estrangeiros, Teotónio Pereira e o conde de Tovar, mostrando-os tal como eram — homens sem princípios. Estiveram escondidos porque revelavam um crime: não um crime cometido por

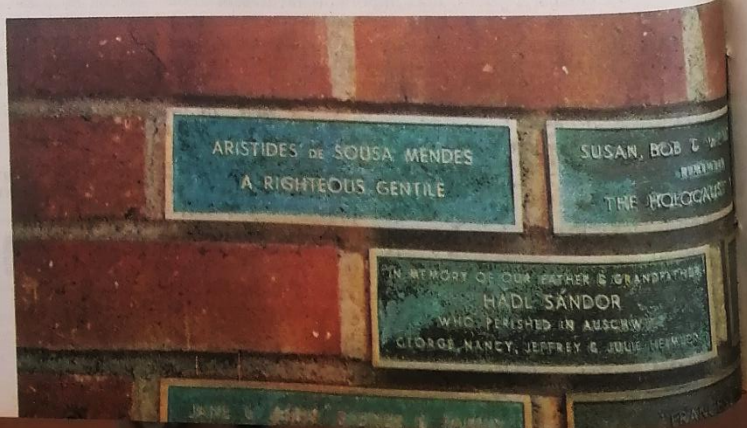
Mendes, mas sim um crime cometido contra Mendes.

Os indesejáveis judeus

Um despacho de 4 de Julho de 1940 do Ministro dos Estrangeiros de Salazar instaurou o processo disciplinar. Acusa Mendes de «concessão abusiva de vistos em passaportes de estrangeiros».

Junto ao despacho está um relatório

Museu de Yad Vashem, em Jerusalém: na lápide que homenageia os heróis e as vítimas do Holocausto, Aristides de Sousa Mendes começa a ser reconhecido como o maior herói depois do sueco Raoul Wallenberg que salvou 100 mil judeus durante a II Guerra Mundial



Afonso, R. (1988, março 25). O crime de salvar judeus. *O jornal ilustrado*, 26-31.


 MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS
 SECRETARIA GERAL

Atendendo a que há infracções cometidas, não se tendo em consideração a reincidência, pelo a pena do res do res, es. do regulamento disciplinar;

Atendendo a que do relatório consta e o Conselho reconhece a incapacidade profissional do arguido para dirigir consulados, especialmente os da sua categoria;

Condene o Consul de 1.ª classe, Aristides de Sousa Mendes, na pena de um ano de inactividade com direito a metade do vencimento da categoria, devendo em seguida ser aposentado.

Lisboa, 20 de Outubro de 1940.

M. T. T. T.

Dossier

1911: Aristides Sousa Mendes (com Angelina, sua mulher) em Damerara, na Guiana. Era o começo de uma carreira de mais de 30 anos



Foi assim (ilegalmente) que Salazar encerrou o processo, ordenando, depois, que as provas fossem seladas, esperando quase meio século para se tornarem públicas

sobre as «Irregularidades do cônsul de Portugal em Bordéus em matéria de passaportes». O autor é Pedro Tovar de Lemos, director-geral dos Negócios Económicos e Consulares do Ministério dos Negócios Estrangeiros. O facto de menos de um ano depois Tovar ter sido nomeado Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário em Berlim mostra bem o que era esse homem.

O relatório de Tovar cita três exemplos de vistos não autorizados concedidos por Mendes: um ao austríaco Arnoldo Wiznitzer, a 21 de Novembro de 1939; outro ao espanhol Eduardo Neira Laporte, a 1 de Março de 1940 (1); e vistos concedidos a três polacos não identificados, provavelmente judeus, a 29 de Maio de 1940. O relatório declara também que Mendes foi advertido depois de ter concedido o visto a Wiznitzer e novamente depois da concessão do visto a Laporte de que a repetição desses actos daria origem a «procedimento disciplinar». Mas Mendes não se deixou intimidar. O relatório cita também um memorando da Embaixada britânica, datado de 20 de Junho de 1940, informando o Ministério dos Estrangeiros de que o «cônsul de Portugal em Bordéus protela para fora das horas do expediente todos os pedidos de vistos».

Qual o teor das instruções a que Mendes desobedecia quando concedia esses

“ Os documentos estiveram escondidos quase meio século pelo que revelavam da política anti-semítica de Salazar ”

vistos? A resposta a essa pergunta está também contida nos documentos que deixaram agora de ser secretos. A circular n.º 14, datada de 11 de Novembro de 1939 e assinada «pelo Ministro» pelo secretário-geral do MNE, Teixeira de Sampaio, proibia os «cônsules de carreira» de concederem vistos — «sem prévia consulta ao Ministério dos Negócios Estrangeiros» — a quase todas as categorias de refugiados, especialmente a judeus.

Esses indesejáveis incluíam os «estrangeiros de nacionalidade indefinida, contestada ou em litígio», «apátridas», «portadores de passaportes Nansen», «russos», «estrangeiros que... apresentem nos seus passaportes a declaração ou qualquer sinal de não poderem regressar livremente

ao país de onde provêm», «judeus expulsos dos países da sua nacionalidade ou daqueles de onde provêm».

Em Junho de 1940 Mendes enviou centenas de telegramas a Salazar pedindo autorização para conceder passaportes a refugiados destas categorias. Como nem sequer recebesse resposta aos seus telegramas, resolveu tomar a iniciativa de conceder vistos a todos os que deles necessitavam.

A primeira testemunha do processo disciplinar foi Armando Lopo Simeão, cônsul de 1.ª classe em serviço na Repartição de Administração Consular do MNE. Simeão chegara a Baiona a 22 de Junho. O cônsul, José Faria Machado da Costa Freitas, informou-o de que «no dia 18 ou 19 de Junho entrou na Chancelaria do Consulado de Portugal em Baiona o cônsul de 1.ª classe em Bordéus, Sr. Aristides Mendes, e, arrogando a sua autoridade de superior hierárquico, começou concedendo vistos a toda a gente que os solicitava, alegando, ao que parece, que era necessário salvar toda essa gente. Uma multidão enorme enchia todas as ruas dos arredores do Consulado onde só podia circular-se acompanhado pela força pública que pretendia a custo manter o trânsito».

Teotónio Pereira, embaixador de Portugal em Madrid, como o diz Simeão no

Afonso, R. (1988, março 25). O crime de salvar judeus. *O jornal ilustrado*, 26-31.

Dossier



seu relatório a Salazar, «chegou aqui pela noite tendo dado as instruções seguintes: VISTOS de passaportes 'Nansen' só com bilhetes de barco. Ingleses, americanos, americanos do Sul, franceses (gente limpa) e belgas (personalidades)». A finalidade destas novas instruções, segundo Simeão, era «para evitar a entrada em Portugal de uma massa ignóbil e em grande parte indesejável sob o ponto de vista social».

Como o escreve Simeão no seu relatório e o repetiu no seu depoimento verbal subsequente, de regresso a San Sebastian com Pereira, encontraram Mendes na fronteira Hendaia-Irun. Diz no seu depoimento verbal: «O Sr. Dr. Aristides Mendes, se não foi acometido de loucura, porque estava de perfeito juízo, sofria de grave obcecção; porque, tendo o depoente insistido (sic) em demonstrar-lhe a gravidade do seu procedimento, ele lhe retorquia sempre que recusar o visto àquela pobre gente era um esforço superior às suas forças.»

A segunda testemunha chamada a de-

Um dever de elementar humanidade

por foi Agostinho Lourenço da Conceição Pereira, capitão do Exército português e director da Polícia de Vigilância. Testemunhou que «tendo estado em Vilar Formoso, durante os últimos dias de Junho do corrente ano, a fim de orientar a entrada de refugiados, verificou que a maioria dos estrangeiros que se apresentaram para entrar em Portugal, trazia os seus documentos visados pelo nosso Consulado em Bordéus; que entre esses estrangeiros se encontravam bastantes de nacionalidades a quem, por determinação do Ministério dos Negócios Estrangeiros, estava interdita a concessão de qualquer visto, mas que houve necessidade de deixar internar (sic) no País visto que as autoridades espanholas não consentiam no seu retorno alegando que a entrada em Espanha fora consentida em virtude de trazerem um visto bom para Portugal de um Consulado português».

Agostinho Lourenço prestou também depoimento sobre o visto e o passaporte falso concedido ao casal luxemburguês Paul Joseph Pierre Jules Miny e Maria da Conceição Tavares de Castro Miny em Maio de 1940.

Junto a este depoimento está uma carta de Mendes a Salazar, com data de 22 de Janeiro de 1940, justificando a concessão do visto a Wiznitzer. Mendes invoca aquilo que Tovar refere no seu relatório como «argumentos fúteis», dizendo, como o diz Tovar, «que o seu acto foi inspirado por sentimentos de humanidade». Wiznitzer, por exemplo, como Mendes informa Salazar, «seria internado num campo de concentração, deixando sua mulher e seu filho menor por assim dizer ao abandono num país onde não conheciam nin-

guém e onde se veriam na situação mais aflitiva».

Os ataques de Teotónio Pereira

A terceira e principal testemunha foi Teotónio Pereira. Depôs que tinha ido à fronteira de Irun para rectificar a situação criada pelo grande influxo de refugiados com vistos portugueses a Espanha. Em Irun teve ocasião de verificar que «a quase totalidade dos vistos fora concedida pelo cônsul em Bordéus».

O seu depoimento continua nos seguintes termos: «Desloquei-me em seguida a Baiona e ali me foi dito pelo cônsul Sr. Faria Machado, que o cônsul Sr. Aristides de Sousa Mendes chegara a Baiona havia dois dias e continuara a dar vistos, ordenando ainda a ele, Faria Machado, que procedesse de igual forma e sem restrições de nenhuma espécie.»

Pereira diz que pôs então «as coisas no devido caminho em conformidade com as ordens do Governo».

É interessante comparar este depoimento com as mentiras que Pereira escreveu no segundo volume das suas *Memórias* (Lisboa: Verbo, 1973, páginas 219 e 220). Diz o seguinte no livro: «Em 20 de Junho tomei a resolução de me deslocar à fronteira francesa. Chegavam notícias de



À esquerda — Sousa Mendes com a mulher e os filhos em 1929. Em primeiro plano (e da esquerda para a direita), Carlos, Sebastião, Teresinha e Pedro Nuno. Atrás, Clotilde, Joana, Angelina (a mulher), Luís Filipe, Aristides, Geraldo e Isabel

Afonso, R. (1988, março 25). O crime de salvar judeus. *O jornal ilustrado*, 26-31.



1947 — Sousa Mendes e a mulher: a injustiça já fora consumada

que multidões de fugitivos de várias nacionalidades se comprimiam na fronteira dos Pirenéus, buscando apavoradamente continuar a viagem para Portugal... Durante dois ou três dias circulei penosamente entre Hendaia e Baiona, fazendo respeitar pelas autoridades espanholas os vistos portugueses e acudindo àquele desastre por todas as maneiras que estivessem ao meu alcance.»

Esse hipócrita mentiroso escreve também: «Guardo na memória uma única nota de serenidade, da mais admirável serenidade que poderia contrastar com o espantoso caos que nos rodeava.»

Pereira descreveu também no seu depoimento o seu encontro com Mendes na fronteira Hendaia-Irun: «Só no dia seguinte vim a encontrar o cônsul Aristides Mendes e pedi-lhe que me explicasse tão

insólita actuação... De tudo o que ouvi e do seu aspecto de grande desalinho deixou-me a impressão dum homem perturbado e fora do seu estado normal. (...) O procedimento do Sr. Aristides Mendes implicava tal desvairamento, que ao comunicar logo em seguida às autoridades espanholas a decisão de dar por nulos os vistos concedidos pelo Consulado de Bor-

“Que sorte estaria reservada a tanta gente se caíssem nas mãos do inimigo?”

déus a numerosíssimas pessoas que ainda se encontravam em França, não tive dúvida em declarar que era minha convicção que o referido cônsul havia perdido o uso da razão.»

O depoimento contra Mendes conclui com um ataque injusto e maldoso à longa carreira de Mendes.

Desobediências...

Após ter ouvido as acusações formuladas contra Mendes, o instrutor do processo disciplinar, Francisco de Paula Brito Júnior, conselheiro de Legação e chefe da Repartição das Questões Económicas do Ministério dos Estrangeiros redigiu a nota de culpa. Tem a data de 1 de Agosto de 1940. As acusações são nada menos de 15.

Paula Brito considera que as infracções cometidas por Mendes são graves, não só porque Mendes desobedeceu às ordens de Salazar, como também por outras duas razões importantes. A primeira é que, segundo o instrutor, «A atitude do arguido deu lugar a uma situação desprestigiante para Portugal perante

Dossier

te as autoridades espanholas e as alemãs de ocupação». Não podemos esquecer que o regime de Franco era à época muito germanófilo — tal como o regime de Salazar, quando extremistas como Teotónio Pereira detinham posições de grande influência. Nem o regime de Franco, nem o de Salazar queriam ofender os nazis, que estavam desejosos de apanhar muitos dos refugiados ajudados por Mendes. Otto de Habsburgo era um deles. Mas havia muitos outros.

A segunda razão que leva Paula Brito a considerar que as transgressões de Mendes eram graves residia no facto de ele ter concedido vistos a judeus. A seus olhos, assim como aos de Salazar, a situação era ainda agravada pelo facto de muitos desses judeus serem oriundos da Polónia e da Rússia e considerados portanto ainda mais indesejáveis do que os judeus completamente assimilados e europeizados.

Paula Brito diz isto mesmo na linguagem racista eufemística da época. Entre os estrangeiros a quem Mendes concedeu vistos, afirma Paula Brito, «se encontravam bastantes de nacionalidades para as quais, por determinação do Ministério dos Negócios Estrangeiros, estava interdita a concessão de qualquer visto. Houve necessidade, porém, de deixar entrar no País esses estrangeiros em virtude das autoridades espanholas não consentirem no seu retorno».

A nota de culpa foi entregue a Mendes pelo próprio Paula Brito a 3 de Agosto de 1940. A carta de defesa de Mendes está datada de 11 de Agosto de 1940. Passará à história como uma das defesas jurídicas mais comoventes e importantes do nosso século.

Mendes começa por repetir as razões que invocara anteriormente para justificar a concessão de um visto a Arnold Wiznitzer, professor de Direito Internacional em Viena. «Como expus», diz Mendes, «o Dr. Wiznitzer ia ser internado num campo de concentração, o que a dar-se, teria como consequência encontrar-se a esposa e respectiva família sem a sua assistência de marido e pai em país estrangeiro cuja língua desconheciam.»

«Considere», argumenta Mendes com eloquência, «dever de elementar humanidade evitar tão grande contingência.»

Mendes descreve a situação terrível que se vivia em Bordéus durante as semanas críticas de Maio e Junho de 1940. Diz: «Desde que começou a afluência de pedidos de vistos (algumas centenas diariamente) não se fazia outra coisa na Chancelaria senão atender esses pedidos. O serviço começava às 9 horas da manhã e muitas vezes mesmo antes e prolongou-se durante várias semanas até às 1 e 2 horas da madrugada. Os interessados viam-se na necessidade de esperar as respostas dos telegramas em que se faziam



Em cima — A Vila de São Cristóvão, a quinta que Aristides de Sousa Mendes remodelou para uma família numerosa. A foto foi feita nos anos 30, os «anos felizes» do clã

Dossier



**SOUSA MENDES
O WALLENBERG
PORTUGUÊS**

Salazar e os interesses da Justiça

los, antes de prosseguirem na louca correria de fuga!

Mas, além deste aspecto emocionante ao máximo, que me enchia de comisseração por tanto infortúnio, outro havia para mim que não era para desprezar, o da sorte que estava reservada a tanta gente se caíssem nas mãos do inimigo. Com efeito eram numerosos entre os fugitivos os oficiais dos exércitos dos países ocupados anteriormente, austriacos, checos e polacos, os quais seriam fuzilados como rebeldes; eram igualmente numerosos os belgas, holandeses, franceses, luxemburgueses e até ingleses, que seriam submetidos ao duro regime dos campos de concentração alemães; havia intelectuais eminentes, artistas de renome, homens de Estado, diplomatas da mais alta categoria, grandes industriais e comerciantes, etc., que teriam a mesma sorte.

Muitos deles eram judeus, que, já perseguidos antes, procuravam angustiosamente escapar ao horror de novas perseguições.

Junte-se a este espectáculo o de centenas de crianças, que, acompanhando os pais, participavam dos seus sofrimentos e angústias, demandando cuidados que eles, naquela situação, lhes não podiam prestar. Pensemos ainda que toda esta multidão, por falta de alojamento, dormia nas ruas e praças públicas, sujeita à intempérie.

Quantos suicídios e outros actos de desespero se produziram, quantos actos de loucura de que eu próprio fui testemunha!

Tudo isto não podia deixar de me impressionar vivamente, a mim que sou chefe de numerosa família e compreendo melhor do que ninguém o que significa a falta de protecção à família.

Daí a minha atitude, inspirada única e exclusivamente nos sentimentos do altruísmo e de generosidade de que os portugueses, através dos seus oito séculos de história, souberam tantas vezes dar provas eloquentes e que tanto ilustram os nossos feitos heróicos.)

... e havia os judeus...

Paula Brito acusou Mendes dos crimes imperdoáveis de ter «desprestigiado» Portugal e de ter concedido vistos a judeus. Em resposta à primeira acusação, Mendes disse o seguinte:

«Procurei honrar a missão que me estava confiada e defender o nosso bom nome e prestígio. Recorreram a mim, como representante de Portugal, pessoas das

mais eminentes de muitos países com os quais mantivemos sempre as melhores relações: homens de Estado, Embaixadores e Ministros, generais e outros oficiais superiores, professores, homens de letras, académicos, artistas de renome, jornalistas, alguns deles com serviços a Portugal, estudantes universitários, pessoal de várias organizações da Cruz Vermelha, membros de casas reinantes, príncipes de sangue, compatentes de todas as patentes e postos, industriais e comerciantes, religiosos de ambos os sexos, mulheres e crianças carecendo de protecção. Deles recebi, em geral, palavras de apreço e consideração por Portugal, país hospitaleiro e acolhedor, único na Europa onde poderiam encontrar sossego e descanso para tantos sofrimentos e fadigas.

Para a minha consciência representam as suas palavras a mais preciosa recompensa pelo que por eles fiz. E agora consola-me sobremaneira ver nos jornais portugueses, diariamente, quanto a estada de todos esses estrangeiros está sendo apreciada e como eles se mostram reconhecidos à hospitalidade portuguesa e dignos dela.

Posso ter errado, mas, se errei, não o fiz com intenção, tendo procedido sempre segundo os ditames da minha consciência que, apesar do esgotamento nervoso que sofri e sofro ainda pelo excesso de trabalho suportado, passando semanas quase sem dormir, nunca deixou de me guiar no cumprimento dos meus deveres, com pleno conhecimento das minhas responsabilidades.)

A resposta de Mendes à segunda acusação, a concessão de vistos a judeus, é sucinta e correcta: «Não podia eu fazer diferenças de nacionalidade, visto obedecer a razões de humanidade que não distinguem raças nem nacionalidades».

Mendes explica as circunstâncias de excepção que o levaram a conceder um passaporte falso e um visto ao casal Miny. O marido estava «enfraquecido por uma operação cirúrgica que acabava de sofrer» e o casal estava «desprovido... de recursos pecuniários».

Em tudo, diz Mendes, procedeu «forçado pelas circunstâncias» que sobre o seu espírito «actuaram como razões de força maior».

Mendes cita três testemunhas em sua defesa: Francisco de Assis de Oliveira de Almeida Calheiros e Menezes, ministro de Portugal em Bruxelas; Agapito Pedroso Rodrigues, inspector consular; e o cônsul de 1.ª classe Agnelo Lopes da Cunha Pessoa, da Repartição da Administração Consular.

os seus pedidos ao Ministério. Daí a sua inquietação e impaciência e a pressão que sobre mim exerciam, enquanto as tropas alemãs se aproximavam.)

Mendes explica que «em todo o Sudoeste da França» reinava «um verdadeiro pânico». Em Baiona havia «tantos milhares de pessoas, cerca de 5000 na rua, de dia e de noite, sem arredar pé, à espera de vez, cerca de 20000 em toda a cidade, aguardando a ocasião de se aproximarem do Consulado».

Mendes conta que foi a Baiona: «Havia alguns dias que o senhor Faria Machado, cônsul naquela cidade, me telefonara a expor as dificuldades em que se encontrava em vista dos milhares de pessoas que assediavam a Chancelaria a seu cargo à espera que lhes fossem concedidos os vistos, apelava aflitivamente para a minha intervenção, pedindo instruções urgentíssimas que resolvessem a situação».

Mendes afirma que tanto Faria Machado, como Calheiros e Menezes colaboraram na concessão dos vistos, apesar de nenhum deles o ter admitido mais tarde.

Se eles caíssem nas mãos dos alemães...

Qual era o motivo que levava Mendes a conceder tantos milhares de vistos em Bordéus e Baiona (e em Hendaia, se bem que Mendes não fale nisso)? A resposta de Mendes é uma beleza:

«Era realmente meu objectivo salvar toda aquela gente, cuja aflição era indescritível: uns tinham perdido os seus cônjuges, outros não tinham notícias dos filhos extraviados, alguns haviam visto sucumbir pessoas queridas sob os bombardeamentos alemães que todos os dias se renovavam e não poupavam os fugitivos apavorados. Quantos tiveram de inumá-

Afonso, R. (1988, março 25). O crime de salvar judeus. *O jornal ilustrado*, 26-31.



João Paulo Abranches (à esquerda) filho de Sousa Mendes, com o congressista Tony Coelho (à direita): dois homens que lutaram para que fosse feita justiça ao nome do cônsul português

Pessoa e Rodrigues eram apenas testemunhas de carácter. Pessoa diz no seu depoimento que conhece Mendes «há cerca de trinta anos», que «nada conhece que possa diminuir moralmente o arguido, que considera pessoa de bem». Rodrigues dá também testemunho do «valor profissional» e «honorabilidade» de Mendes.

Entre os depoimentos apresentados em defesa de Mendes está incluída uma carta da escritora Gisèle Quittner Allotini, exprimindo a sua gratidão pelo visto que Mendes lhe concedeu.

Mendes incluiu na sua defesa um edi-

torial intitulado «Portugal foi sempre Cristão», publicado no «Diário de Notícias» de 14 de Agosto de 1940. Elogia-se aí o governo de Salazar, o Ministério do Interior e, inclusive, Agostinho Lourenço pela atitude cristã assumida em relação ao problema dos refugiados. O autor do editorial — teria sido Augusto de Castro? — atribui ao regime fascista as qualidades que motivaram os actos heróicos de Mendes, pelos quais este estava em vias de ser castigado.

A principal testemunha de defesa foi Calheiros e Menezes. O seu longo depoi-

mento verbal é a sua versão dos acontecimentos que ocorreram em Bordéus e Baiona em Junho de 1940. Confirma em grande medida os depoimentos das testemunhas anteriores. A novidade do depoimento de Calheiros e Menezes consiste no facto de ele argumentar que a actuação de Mendes teve circunstâncias atenuantes. Calheiros e Menezes que foi testemunha ocular dos horrores da situação dos refugiados em Maio e Junho de 1940, compreende e invoca em defesa de Mendes o estado de exaustão física e tormento moral em que o arguido se encontrava devido à situação dos refugiados.

Uma sentença ilegal

Depois de terem sido ouvidos todos os depoimentos, chegou a altura de pronunciar o veredicto e de ditar a sentença. Ninguém era suficientemente ingénuo para pensar que Mendes podia ser ilibado após ter sido acusado por Salazar. Mas qual seria a sentença?

O instrutor Paula Brito concluiu que Mendes seria provavelmente condenado a «suspensão do exercício e vencimento de mais de 30 até 180 dias». Mas deixou a Salazar a possibilidade de decretar uma pena mais severa se «no seu alto critério... melhor convier aos interesses da Justiça».

O relator, conde de Tovar, concluiu que a sentença devia ser o «Regresso à categoria imediatamente inferior».

As duas sentenças, apesar de imorais, eram tecnicamente legais. Mas a sentença pronunciada por Salazar já o não era. O «Regulamento Disciplinar dos Funcionários Cívicos» de 1913, que continuava em vigor, não contemplava essa pena.

Ao fim e ao cabo qual era o crime de Mendes? Como é que ele tinha atentado contra a nação que servia? A melhor resposta a esta pergunta é talvez a que Gisèle Quittner Allotini deu na sua carta a Mendes:

«Quero escrever-lhe para lhe testemunhar a admiração que inspira em todos os países estrangeiros onde exerceu as suas funções de cônsul. Faz a melhor propaganda a Portugal, faz honra à sua pátria. Todos os que o conheceram elogiam a sua coragem, o seu grande coração, o seu espírito cavalheiresco, e dizem se os portugueses se parecem com o Cônsul Geral Mendes, são um povo de cavalheiros e de heróis.»

Estas palavras de Gisèle Quittner Allotini continuam a ser hoje tão verdadeiras como o eram aqui há meio século atrás.

* Investigador.

(1) Passaporte concedido pelo Alto Comissariado para os Refugiados da Sociedade das Nações; muitos judeus oriundos da Polónia e da Rússia tinham passaportes deste tipo.

(Títulos e subtítulos da responsabilidade da Redacção).

Cronologia

1 de Setembro de 1939 — Hitler invade a Polónia.

3 de Setembro de 1939 — Início da II Guerra Mundial.

11 de Setembro de 1939 — Salazar proíbe a concessão de vistos sem a sua autorização prévia a quase todas as categorias de refugiados, nomeadamente os judeus.

Novembro de 1939 — Junho de 1940 — O cônsul português em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes, considera que as ordens de Salazar são desumanas e inconstitucionais. Desobedece-lhe várias vezes.

10 de Maio de 1940 — Hitler dá início à invasão da Bélgica, Holanda, Luxemburgo e França.

Maio e Junho de 1940 — Milhões de refugiados (avaliados em 7 milhões no fim de Junho) das quatro nações invadidas, muitos dos quais tinham fugido anteriormente de outras países já dominados pelos nazis, fogem diante do exército invasor alemão. O Sudoeste da França, incluindo Bordéus, Baiona, Toulouse e Hendaia, é inundado de refugiados. Muitos temem com razão pelas suas vidas e querem sair de França antes do país cair nas mãos dos nazis. Mas não o podem fazer sem vis-

tos. Aristides de Sousa Mendes é assediado diariamente por centenas e depois por milhares de refugiados que pedem vistos.

28 de Maio de 1940 — O rei da Bélgica rende-se.

10 de Junho de 1940 — O governo francês abandona Paris, juntando-se aos refugiados.

14 de Junho de 1940 — Hitler ocupa Paris.

Terceira semana de Junho — Aristides de Sousa Mendes resolve conceder vistos a toda a gente que precisa deles. Concede muitos milhares de vistos, em Bordéus, Baiona e Hendaia. Salva assim milhares de vidas. Muitas dessas pessoas, mas nem todas, são judeus.

20 e 21 de Junho — Os nazis bombardeiam Bordéus.

22 de Junho — A França rende-se a Hitler.

24 de Junho — Salazar ordena que Aristides de Sousa Mendes regressasse a Lisboa.

4 de Julho — Salazar dá ordem para que seja instaurado um processo disciplinar a Aristides de Sousa Mendes.

R.A.

Evocada memória de Sousa Mendes - EUA homenageiam ex-cônsul português. (1988, dezembro 6). *Diário de Notícias*, 3.

PREÇO CONTINENTE 505
MÉDIA 655 AÇORES 705

Hoje: 76 páginas

2 Deus Pinheiro
assina
acordo
na Turquia

3 Sousa Mendes
homenageado
pelo Senado
dos EUA

13 João Paulo II
ordena
inquérito
ao Banco
do Vaticano

22 Recheio
da casa
Rey-Colaço
em leilão

24 Ruínas
de Tróia
vão abrir
ao público

29 Pessoa
reúne
especialistas
em Lisboa

45 Os novos
contos
de fadas

Arquivo

Diário de Notícias

FUNDADO EM 1863

DIRECTOR DINIS DE ABREU
DIRECTORES-ADJUNTOS HELENA MARQUES • M. BETTENCOURT RESENDES

ANO 124 • N.º 43 724
TERÇA-FEIRA • 6 DE DEZEMBRO DE 1988



Polícia da RFA detém 12 pacifistas

A Polícia marítima alemã federal deteve ontem doze activistas do Greenpeace no momento em que tentavam impedir a entrada no porto de Emden ao navio sueco «Sigyn» (em segundo plano na foto), um cargueiro ao serviço de centrais nucleares.

O «Sigyn» preparava-se para recolher lixo atómico de um reactor da Baviera (Telefoto Lusa-EPA)

Sakharov pode visitar Portugal

— diz Medvedev

VADIM MEDVEDEV, responsável pelas questões ideológicas do Partido Comunista da União Soviética, afirmou ontem em Lisboa que as autoridades soviéticas «não levantarão problemas a uma eventual deslocação de Andrei Sakharov a Portugal».

Para Medvedev, que falava à saída de uma audiência com o Presidente da República, «não existem burocracias para qualquer impedimento» à visita. «Isso depende inteiramente da vontade do próprio Sakharov», referiu.

Quanto a uma eventual visita do dirigente soviético Mikhail Gorbachev a Lisboa, Medvedev recordou já ter sido aceite um convite nesse sentido dirigido por Mário Soares, não tendo, no entanto, adiantado qualquer data.

Construção de 26 palácios de justiça prevista em plano para 88/89

A CONSTRUÇÃO de 26 novos palácios de justiça terá lugar ao longo do biênio de 1988/89, período em que também terá início a contratação de 35 novos projectos técnicos para a execução de obras de edificação de outros tantos tribunais, revela o Plano de Actividades do Ministério da Justiça, a que o DN teve acesso.

Segundo o plano, no mesmo período deverá verificar-se a conclusão dos trabalhos de construção de 15 novos tribunais, dos quais 12 judiciais, dois de trabalho e um de família. As verbas envolvidas devem rondar os seis milhões e 300 mil contos, ou seja, três milhões em 1988 e 3,3 milhões de contos no próximo ano.

De acordo com o documento, «apesar do grande esforço iniciado no corrente ano, apenas será viável dotar a generalidade dos diferentes serviços» que lhe são afectos «de instalações adequadas no médio prazo», não sendo possível «sanar todas as carências no curto prazo».

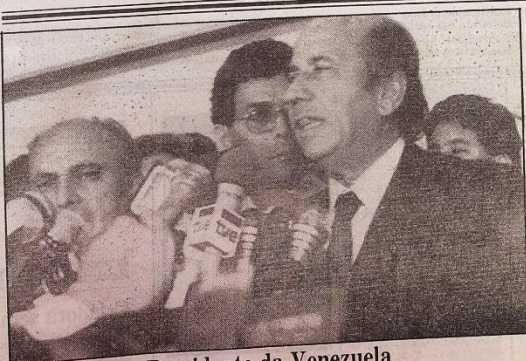
O parque judiciário e dos Serviços de Registo e Notariado é insuficiente, salienta o Ministério, e encontra-se bastante degradado, o que impõe a necessidade de um grande esforço de investimento.

Desenvolvimento na página 3

Juízes em greve paralisam tribunais

Adesão dos magistrados rondou os 90 por cento

Página 6

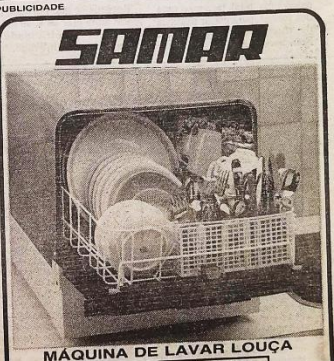


Pérez é novo Presidente da Venezuela

O candidato da Acção Democrática, o social-democrata Andrés Pérez, obteve cerca de 54 por cento dos votos venezuelanos, garantindo um segundo mandato de Presidente, o que acontece pela primeira vez na história do país. Pérez prometeu que o seu Governo terá uma política de concertação nacional (Telefoto Lusa-Reuter)

Noticiário na página 15

PUBLICIDADE



SAMAR

MÁQUINA DE LAVAR LOUÇA

PREÇO SENSACIONAL

REDUZIDAS DIMENSÕES: H-47,5 cm, L-46 cm e P-57 cm

6 PESSOAS • 5 PROGRAMAS

CONSUMO: 13 Lt. DE ÁGUA • 0,60 Kw/h

Anexo 17

Evocada memória de Sousa Mendes - EUA homenageiam ex-cônsul português. (1988, dezembro 6). *Diário de Notícias*, 3.



Pedro Sousa Mendes, filho do ex-cônsul de Portugal em Bordéus, agradeceu as homenagens a seu pai na audiência com Mário Soares, em Belém, que contou com a presença do embaixador norte-americano em Lisboa

Evocada memória de Sousa Mendes

EUA homenageiam ex-cônsul português

O EMBAIXADOR dos EUA em Lisboa entregou, ontem, ao Presidente da República o texto da resolução do Senado dos EUA onde se presta «especial homenagem ao diplomata português Aristides de Sousa Mendes pelos seus extraordinários feitos de solidariedade e justiça durante a II Guerra Mundial».

Cônsul de Portugal em Bordéus, na altura do conflito bélico, Aristides de Sousa Mendes desafiou as ordens governamentais e emitiu mais de 30 mil vistos portugueses a refugiados, dos quais pelo menos dez mil a judeus, salvando-os de morte quase certa.

O embaixador norte-americano definiu esta resolução do Senado do seu País como «uma medida complementar às decisões já adoptadas em Portugal pelo Presidente da República e pelo Parlamento».

Mário Soares condecorou Sousa Mendes a título póstumo, em 1987, com a Ordem da Liberdade, por ocasião da sua visita aos Estados Unidos, tendo

o Parlamento, por seu lado, aprovado por unanimidade e aclamação, durante a última sessão legislativa, a lei que reintegrou Sousa Mendes na carreira diplomática, a título póstumo.

O Presidente da República sublinhou, ontem, uma vez mais, os feitos de tipo humanitário acrescentando que «a solidariedade e a defesa dos direitos humanos são a grande tradição portuguesa».

«Sousa Mendes encarnou esse espírito num período em que vigorava um Governo ilegítimo e ditatorial», disse o Chefe de Estado, que destacou o duplo sentido das homenagens ao ex-diplomata: «repor os direitos de Sousa Mendes e condenar, a posteriori, a acção do Governo português». Por último, Mário Soares revelou uma garantia que lhe fora dada recentemente pelo Presidente da Câmara de Carregal do Sal (terra de Sousa Mendes): a casa do diplomata vai ser reconstruída e transformada em museu.

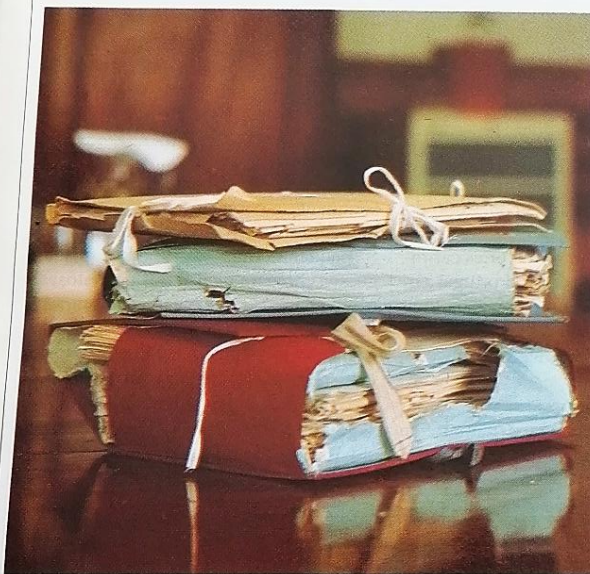
Rosa, C. (1989, janeiro 21). Os segredos do processo. *Sábado*, 37-41.

POLÍTICA

SOUSA MENDES

Ano de 1940: Aristides de Sousa Mendes, cônsul de Portugal em Bordéus, concede 30 mil vistos à revelia de Salazar. Diz-se que foi por isso condenado. Mas há dúvidas...

Os segredos do processo



J.C.Pratas

Processo disciplinar

Um segredo fechado a sete chaves

Vivia-se a Segunda Guerra Mundial. A Europa era dilacerada pelas tropas nazis. O Estado português mantinha, formalmente, uma posição de neutralidade e, por isso, Europa fora, milhares de refugiados convergiam para os consulados portugueses no intuito de obterem vistos de entrada em Portugal.

Por esta altura, Aristides de Sousa Mendes, cônsul de Portugal em Bordéus, no Sul da França, contrariando todas as ordens emanadas do Ministério dos Negócios Estrangeiros, concedeu milhares de vistos a refugiados.

Aristides de Sousa Mendes do Amaral e Abranches nasceu em 19 de Julho de 1885, de família aristocrata. Licenciado em Direito, desempenhou cargos diplomáticos em Zanzibar, Brasil, EUA, Antuérpia e Bordéus. O seu irmão gémeo, César Mendes, foi o primeiro ministro dos Negócios Estrangeiros de Salazar, em 1932,



Rosa, C. (1989, janeiro 21). Os segredos do processo. *Sábado*, 37-41.

POLÍTICA

mas pediu a demissão do cargo, que desempenhou durante menos de um ano.

Salazar não gostou da sua desobediência e, depois de várias repreensões, instaurou-lhe um processo disciplinar. Foi em Julho de 1940. Quatro meses depois Sousa Mendes era condenado e declarado incapacitado profissional.

Os processos disciplinar e individual de Sousa Mendes permaneceram, depois, guardados a sete chaves, no arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros. E foi aí que, passados mais de 40 anos, a *Sábado* os descobriu, tendo assim acesso aos segredos do controverso processo.

A moral ou a lei?

A luta que opôs Sousa Mendes ao MNE teve início em 11 de Novembro de 1939. Foi nesta data que, pela primeira vez, o MNE enviou às Legações portuguesas no estrangeiro normas que proibiam a concessão de vistos e passaportes consulares, sem prévia autorização do Ministério (ver cronologia).

Mas, a 21 de Novembro, o cônsul português concedeu um visto de entrada em Portugal ao austríaco Arnold Wizniter, professor de Direito Internacional em Viena, e o pedido de concessão foi dirigido ao MNE seis dias depois. O caso mereceu-lhe uma repreensão. Em Fevereiro de 1940, Sousa Mendes solicitou autorização para visar os pas-



Aristides (à esquerda) e o irmão César Mendes
Carreiras polémicas

saportes de Eduardo Neira Laporte e família. O MNE recusou a concessão do visto mas, em Março, os espanhóis chegaram a Lisboa com passaportes carimbados pelo Consulado de Portugal em Bordéus. Sousa Mendes foi mais uma vez repreendido e avisado de que "nova desobediência" daria lugar a procedimento disciplinar.

Entretanto, as tropas alemãs impunham o seu domínio e o número de refugiados aumentava. Entrar em Portu-

gal, país neutral e de fácil acesso ao continente americano, era o sonho de milhares de pessoas.

Enquanto nos consulados portugueses choviam os pedidos de vistos, o MNE restringia cada vez mais a entrada de estrangeiros no nosso país. E, se em Maio de 1940 proibiu a concessão de quaisquer vistos em passaportes sem prévia autorização, em 14 de Junho delegou na Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (a antecessora da PIDE) a

Percurso da rebeldia

11 de Novembro de 1939 - Circular enviada pelo MNE às Legações no estrangeiro: "Torna-se necessário adoptar certas providências e definir algumas normas em matéria de concessão de passaportes consulares portugueses e de vistos que previnam abusos e práticas de facilidade. Os cônsules de carreira não poderão conceder vistos consulares, sem prévia consulta ao MNE, a estrangeiros de nacionalidade indefinida, contestada ou em litígio; aos apátridas, aos portadores de passaportes Nausen e aos russos; aos judeus expulsos dos países da sua nacionalidade ou daqueles de onde provêm".

21 de Novembro de 1939 - Aristides de Sousa Mendes concede um visto ao austríaco Arnold Wizniter, professor universitário em Viena.

27 de Novembro de 1939 - Sousa Mendes pede autorização ao MNE para visar o passaporte do austríaco Wizniter.

16 de Janeiro de 1940 - O MNE repreende o cônsul português: "Com passaportes visados nesse Consulado em 21 de Novembro de 1939. Não se compreende qual o pedido de visto feito a este Ministério quando

V. Exa. já anteriormente havia concedido visto no passaporte dos referidos indivíduos".

22 de Janeiro de 1940 - Sousa Mendes justifica-se: "Quando o dr. Arnold Wizniter veio a este Consulado solicitar um visto para poder ir a Portugal em trânsito para outro país, informei-o de que só com autorização do Governo português poderia dar-lho. Ponderou-me então que, no caso de não obter um visto nesse mesmo dia, seria internado num campo de concentração, deixando sua mulher e seu filho menor por assim dizer ao abandono (...)".

3 de Fevereiro de 1940 - Sousa Mendes solicita autorização para visar o passaporte do espanhol Eduardo Neira Laporte.

1 de Março de 1940 - Concede um visto a Eduardo Laporte.

11 de Março de 1940 - O MNE recusa a concessão do visto: "Comunico que deve recusar o visto nos passaportes de Eduardo Neira Laporte e de sua mulher e filhos".

12 de março de 1940 - Laporte chega a Lisboa.

24 de Abril de 1940 - O cônsul em Bordéus é repreendido pelo MNE.

Anexo 18 | Continuação

Rosa, C. (1989, janeiro 21). Os segredos do processo. *Sábado*, 37-41.

autoridade de conceder ou recusar os vistos.

Quando foi repreendido pelo MNE, Aristides de Sousa Mendes defendeu-se alegando razões de carácter humanitário, que o Governo português aparentemente aceitou. Entretanto, a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado entrou em frenesim. Começaram a chegar ao MNE relatórios em que se alertava para o crescente número de estrangeiros que entravam em Portugal, com passaportes carimbados pelo cônsul de Portugal em Bordéus. Pressionando o MNE, a PVDE afirmava que os factos denotavam "o não cumprimento das ordens recebidas" por Sousa Mendes.

Apesar dos problemas, este continuava a sua actividade. Em 30 de Maio de 1940, concedeu um passaporte português a Maria da Conceição Miny, portuguesa de origem mas de nacionalidade luxemburguesa. No passaporte foi in-

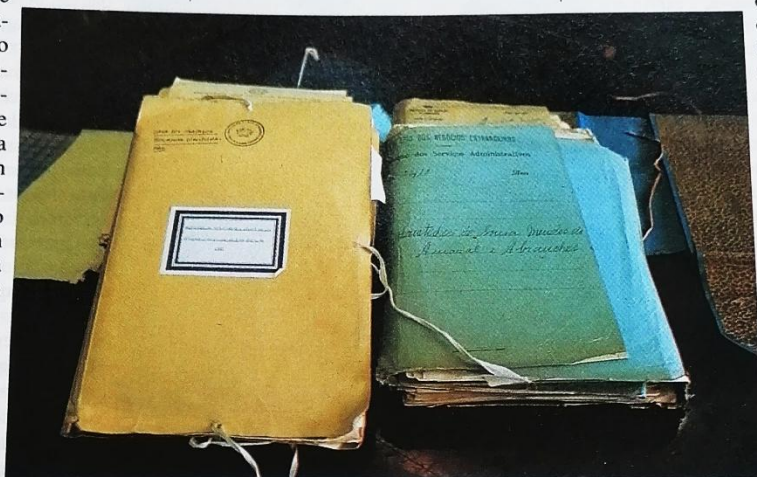
cluído Paul Miny, na qualidade de irmão. Tudo teria corrido normalmente se a PVDE não tivesse detido os luxemburgueses. Descobre-se então que são casa-

sabilidades, quase as únicas, pertencem ao cônsul português em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes". Mais tarde, o passaporte custou ao cônsul a acusação

de falsificação de documentos. Sousa Mendes justificou depois a concessão do passaporte: "O casal pediu-me um passaporte português, como se se tratasse de irmão e irmã, pelo receio de que o marido, em idade militar, ao passar a fronteira francesa, fosse detido para ser incorporado no exército luxemburguês que se organizava então em França".

Em meados de Junho de 1940 o exército alemão lançou uma inva-

são- relâmpago sobre a França. Centenas de milhares de refugiados dirigiram-se para a fronteira franco-espanhola. Para os refugiados judeus, em pânico, as possibilidades de fuga eram reduzidas, pois Franco, na Espanha, encerrara as suas fronteiras. Em de Junho de 1940 a



J.C. Pratas

Processos à guarda do MNE
Ainda por desclassificar

dos e Sousa Mendes fica numa posição delicada. A PVDE enviou um relatório ao MNE no qual afirmava que ao casal não se podia negar "responsabilidades pela utilização dum passaporte falso no que respeita à nacionalidade e ao parentesco, mas creio que as maiores respon-

devido à concessão de vistos a Arnold Wizniter e mulher e ao espanhol Laporte: "A repetição de factos desta natureza, lesivos da disciplina, é altamente prejudicial ao serviço. Fica V. Sa. advertido que qualquer nova falta de infracção nesta matéria será havida por desobediência e dará lugar a procedimento disciplinar em que não poderá deixar-se de ter em conta que são repetidos os actos de V. Sa. que motivam advertências e repreensões".

6 de Maio de 1940 - Sousa Mendes justifica-se: "O visto foi dado em circunstâncias especiais que não julguei incompatíveis com as instruções recebidas neste Consulado sobre vistos e passaportes estrangeiros".

16 de Maio de 1940 - São concedidos vistos aos luxemburgueses Paul Joseph Miny e a Maria da Conceição Miny, ela de origem portuguesa, tendo obtido nacionalidade luxemburguesa pelo casamento

17 de Maio de 1940 - Telegrama expedido pelo MNE às missões diplomáticas: "Comunicar urgentemente a Consulados subordinados essa Missão em caso algum poderão conceder vistos em passaportes sem prévia autorização este Ministério"

25 de Maio de 1940 - Circular enviada pelo MNE: "Verificar quais as autorizações dadas ao cônsul em Bordéus para se tomarem providências disciplinares"

28 de Maio de 1940 - A PVDE envia relatório ao MNE: "Tenho a honra de informar V. exa. que entraram ontem pela fronteira de Vilar Formoso

17 súbditos belgas, com vistos passados pelo sr. cônsul em Bordéus. Como nesta polícia não consta que esse Ministério tenha dado essas autorizações assim o levo ao conhecimento de V. Exa."

30 de Maio de 1940 - Sousa Mendes concede um passaporte português a Maria da Conceição Miny "acompanhada pelo seu ... (rasurado) Paul Miny de 19 anos de idade"

7 de Junho de 1940 - A PVDE comunica ao MNE que se "encontram retidos em Vilar Formoso três polacos com passaportes visados pelo cônsul de Portugal em Bordéus, o que denota o não cumprimento das ordens recebidas (...)"

14 de Junho de 1940 - O MNE envia circular às missões diplomáticas: "Os pedidos de vistos são dirigidos directamente pelos Consulados à PVDE (...)"

18/19 de Junho de 1940 - Sousa Mendes dirige-se ao Consulado de Baiona e concede todos os vistos pedidos quer para trânsito quer para residência em Portugal.

20 de Junho de 1940 - A embaixada britânica envia um memorando ao MNE: "o cônsul de Portugal em Bordéus protela para fora das horas de expediente todos os pedidos de vistos, e cobra por eles taxas extraordinárias".

26 de Junho de 1940 - Recomendada a substituição de Sousa Mendes e a instauração de um processo disciplinar.

Rosa, C. (1989, janeiro 21). Os segredos do processo. *Sábado*, 37-41.

POLÍTICA

tensão agravou-se. Dezenas de milhares de refugiados montaram acampamento no exterior do Consulado de Portugal em Bordéus. Naquela altura, Sousa Mendes, trabalhando até altas horas da noite e contrariando todas as ordens dadas por Salazar, concedeu milhares de vistos. Como ele afirmou na sua defesa, "Na chancelaria não se fazia outra coisa senão atender esses pedidos. O serviço começava às nove horas da manhã, às vezes mesmo antes, e prolongou-se durante várias semanas até à uma ou duas horas da madrugada".

O cônsul português foi mais tarde acusado de "cobrar taxas extraordinárias" pela concessão dos vistos. Mas o próprio Ministério dos Negócios Estrangeiros reconheceu, posteriormente, que os vistos foram dados gratuitamente.

Ao Consulado de Portugal em Baiona, dependente do de Bordéus, também chegou muita gente. O cônsul Faria Machado, face à dificuldade em conceder os vistos exigidos, telefonou a Sousa Mendes pedindo instruções que o ajudassem a resolver a situação. "Pensei ser meu dever ir em pessoa a Baiona responder ao apelo do meu colega". Esta afirmação foi depois



Angelina e Aristides
Uma vida difícil

contrariada pelas testemunhas de acusação, que fizeram crer que Sousa Mendes "ordenou a Faria Machado que concedesse os vistos solicitados e que essa expedição de vistos fosse feita gratuitamente".

Sousa Mendes afirmou, na defesa,

que ao chegar ao Consulado de Baiona "perante tantos milhares de pessoas, cerca de cinco mil na rua, de dia e de noite, sem arrear pé, cerca de 20 mil em toda a cidade, aguardando a ocasião de se aproximarem do Consulado, propus ao meu colega Faria Machado conceder-lhes os vistos desejados e, atendendo a que não havia materialmente tempo para proceder à cobrança de emolumentos e aos respectivos registos, deixar a regularização dos mesmos emolumentos aos funcionários da polícia da fronteira portuguesa, à entrada dos fugitivos".

"Era meu objectivo salvar toda aquela gente, cuja aflição era indiscutível. Uns tinham perdido os seus cônjuges, outros não tinham notícias dos filhos extraviados, alguns tinham visto sucumbir pessoas queridas sob os bombardeamentos alemães que todos os dias se renovavam e não poupavam os fugitivos apavora-

dos".

"Muitos deles eram judeus, que, já perseguidos antes, procuravam angustiosamente escapar ao horror de novas perseguições. (...) Quantos suicídios e quantos actos de desespero se produziram? Quantos actos de loucu-

4 de Julho de 1940 - Salazar determina a instauração do processo.

9 de Julho de 1940 - São propostas as testemunhas de acusação: o embaixador de Portugal em Madrid, Pedro Teotónio Pereira; o capitão Agostinho Lourenço, director da PVDE; e o dr. Arnaldo Lopo Simeão, cônsul de 1ª classe.

12 de Julho de 1940 - A PVDE envia relatório ao MNE: "chegaram a Lisboa os luxemburgueses Paul Miny e Maria da Conceição Miny (...) e organizado o processo verificou-se que o cônsul em Bordéus conferiu a estrangeiros passaportes portugueses (...).

15 de Julho de 1940 - testemunho de Lopo Simeão: "Sousa Mendes entrou no Consulado de Baiona e, arrogando a sua autoridade de superior hierárquico, concedeu vistos a todos os que os solicitavam (...). Se não fosse a intervenção patriótica e zelosa do embaixador de Portugal em Madrid, Teotónio Pereira, é impossível prever até que ponto ter-nos-ia arrastado a desonrabilidade dessa situação. Quando as forças alemãs chegaram à fronteira espanhola estava eu acidentalmente na Comandância dessa fronteira, tendo falado com o adido militar da Embaixada alemã em Madrid e verificando por essa forma a boa impressão".

16 de Julho de 1940 - Testemunho de Agostinho Lourenço, director da PVDE: "Confirmo os factos relatados excepto o que é comunicado a esta Secretaria de Estado pela Embaixada Britânica, de que não tenho conheci-

mento (...)".

10 Agosto de 1940 - Sousa Mendes apresenta a sua defesa.

19 de Agosto de 1940 - Depoimento de Fancisco de Calheiros Menezes, ministro plenipotenciário de Portugal em Bruxelas e testemunha de defesa de Sousa Mendes: "Um funcionário não tem que ser humano quando se trata de cumprir ordens, seja de que natureza forem (...). Posso garantir que para resistir às súplicas e implorações de tantos desgraçados apavorados com a aproximação do invasor e ao justo medo do campo de concentração, se requeria uma coragem moral pouco habitual (...). Vejo que o cônsul de Bordéus se deixou dominar pela dor da tragédia a que assistia".

29 de Agosto de 1940 - Relatório final do processo disciplinar: " (...) O arguido mostra-se sujeito a pena disciplinar. Trata-se de uma desobediência a ordens superiores em objecto de serviço".

19 de Outubro de 1940 - Parecer final: "Agrupam-se em quatro rubricas as culpas imputáveis: (...) desobediência, falsificação, abandono de lugar e concussão (...)".

30 de Outubro de 1940 - Despacho assinado por Oliveira Salazar: "(...) Condono o cônsul de 1ª classe na pena de um ano de inactividade com direito a metade do vencimento de categoria, devendo em seguida ser apor-

Rosa, C. (1989, janeiro 21). Os segredos do processo. *Sábado*, 37-41.

ra de que eu próprio fui testemunha".

A Condenação

Do processo individual de Sousa Mendes constam sete repreensões e um louvor. A primeira repreensão data de 15 de Fevereiro de 1917, por se "ausentar do posto de Zanzibar sem ter dado conhecimento à Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e à Legação de Londres". Outras repreensões foram dadas porque Sousa Mendes não compareceu, em 1927, para receber instruções do Ministro; não participou ao Ministro a interrupção de uma viagem de Vigo para Antuérpia em 1929; por "irregularidades na contabilidade consular", em Julho de 1935. Neste mesmo ano, Sousa Mendes foi também louvado pelo Governo "pelos serviços prestados por ocasião da exposição internacional de Antuérpia".

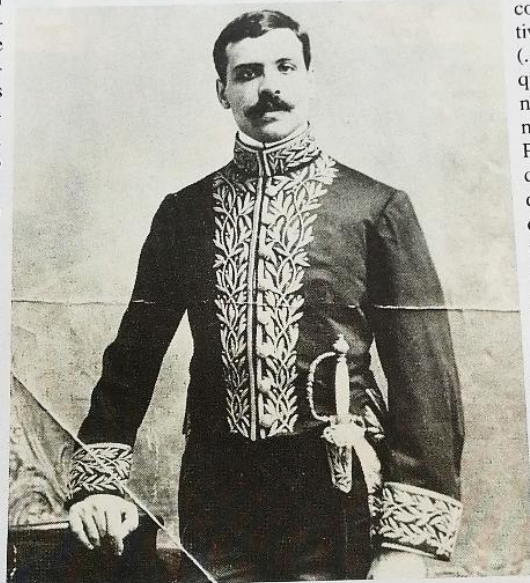
Um antigo embaixador português confidenciou-nos que "Sousa Mendes viveu toda a carreira diplomática debatendo-se com um duplo conflito: por um lado, as normas superiores e, por outro, os sentimentos de bondade e altruísmo que o levavam muitas vezes a violar a lei".

Na questão que o opôs ao Governo português entre Novembro de 1939 e Junho de 1940, o conflito entre a moral e a lei também esteve presente. Sousa Mendes foi várias vezes alertado para o seu procedimento, mas foi incapaz de dizer "Não".

Em Julho de 1940 Salazar instaurou-lhe um processo disciplinar. As testemunhas de acusação foram Teotónio Pereira, embaixador de Portugal em Madrid; Agostinho Lourenço, director da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado; e Arnaldo Lopo Simeão, o cônsul enviado pelo MNE aos Consulados de Baiona e Bordéus, onde, como ele afirmou, se cometiam graves irregularidades".

No dia 19 de Outubro de 1940 foi concluído o processo disciplinar. Sousa Mendes viu-se então acusado de "desobediência, falsificação de escritos, abandono de lugar e concussão". Podemos ler no parecer, assinado pelo conde de Tovar, ministro plenipotenciário de 1ª classe e director-geral dos Negócios Económicos e

Consulares do MNE, que "não considero provada a culpa de concussão; considero censurável o facto do arguido ter-se ausentado do Consulado em Bordéus, não me parecendo, porém, que tenha sido abandono de lugar; considero muito grave a série de actos de desobediência que, apesar de sucessivas repreensões se verificaram de Novembro de 1939 a fins de Junho de 1940 e, em meu entender, a falsificação de escritos praticada em 30 de Maio de 1940 excede a alçada deste Conselho".



Sousa Mendes
Um fim sem amigos

Mais: "difícilmente poderei, dada a incapacidade profissional do Arguido, subcrever, como vogal do Conselho deste Ministério, alguma futura proposta para a sua colocação num consulado geral ou mesmo num consulado de primeira classe".

A decisão final, assinada por Oliveira Salazar em 30 de Outubro de 1940, condena "o cônsul de 1ª classe, Aristides de Sousa Mendes, na pena de um ano de inactividade com direito a metade do vencimento de categoria, devendo em seguida ser aposentado".

Herói, 40 anos depois

Até ao 25 de Abril de 1974, por razões políticas, o nome de Sousa

Mendes não podia ser pronunciado e, de repente, após a Revolução, os feitos do Cônsul português correram de boca em boca. A vítima foi feita herói.

Este ano, a Assembleia da República aprovou por unanimidade a reabilitação e integração póstuma de Sousa Mendes. Para Costa Pereira, auditor jurídico, a pena aplicada por Salazar ao diplomata "infringiu um princípio elementar do direito disciplinar, por isso contrariava o princípio de que à mesma actividade delituosa só se-

ria aplicável uma pena e não duas, como foi o caso: um ano de inactividade seguido de aposentação (...). A pena de aposentação não quebrava os vínculos do funcionário ao Estado mas era uma pena expulsaiva", acrescentou Costa Pereira. O auditor referiu ainda que Salazar, apesar de ter dado o despacho punitivo, "não o mandou notificar ao arguido. Ordenou, sim, que fosse fechado em envelope lacrado e guardado no cofre do MNE".

O envelope a que se refere Costa Pereira ainda está, hoje, junto ao processo disciplinar. Só foi aberto depois de 1974, por uma Comissão para a Reintegração dos Servidores do Estado, que tinha a seu cargo apreciar os casos de perseguições políticas cometidas pelo antigo regime.

Recorde-se que no mês passado Mário Soares condecorou postumamente o dr. Sousa Mendes, com a Ordem da Liberdade.

Nos EUA e em Israel o diplomata português é sobejamente conhecido e desde há 20 anos que lhe são feitas homenagens. Em Nova Iorque, o Centro Camões organizou recentemente uma conferência sobre o cônsul português. O conferencista foi Douglas Wheeler, professor de História Moderna na Universidade de New Hampshire.

Neste momento reúnem-se esforços para reconstruir a antiga casa de Sousa Mendes, propriedade de dois particulares. Última-se ainda uma emissão de selos, com a imagem de Sousa Mendes, para ser lançada simultaneamente nos EUA e em Portugal. □

Célia Rosa

Anexo 19

Carvalho, A. (1989, setembro 10). Portugal: o porto de abrigo. *DN Magazine*.

Fotografias cedidas pela Sousa Mendes Foundation, ainda que a autora tenha consultado a edição original.



II GUERRA MUNDIAL

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

10 SET. 1989

1939-1989

PORTUGAL: O PORTO DE ABRIGO

Em Junho de 1940, enquanto o resto da Europa gemia sob o peso da guerra, uma vez mais, Portugal arvorava a capa da neutralidade e lançava um olhar de nostalgia sobre o passado, através das solenes comemorações dos Centenários. Era apenas um paradoxo, no meio de tantos outros a que o mundo moderno dava, então, realidade. Mas podemos imaginar a surpresa dos muitos refugiados que chegavam a Portugal nessa época — para eles, Portugal não só era o porto de abrigo seguro no meio da tempestade geral como descobriam, espantados, um país em festa.

Carvalho, A. (1989, setembro 10). Portugal: o porto de abrigo. *DN Magazine*.



1939-1989

Texto: António Carvalho

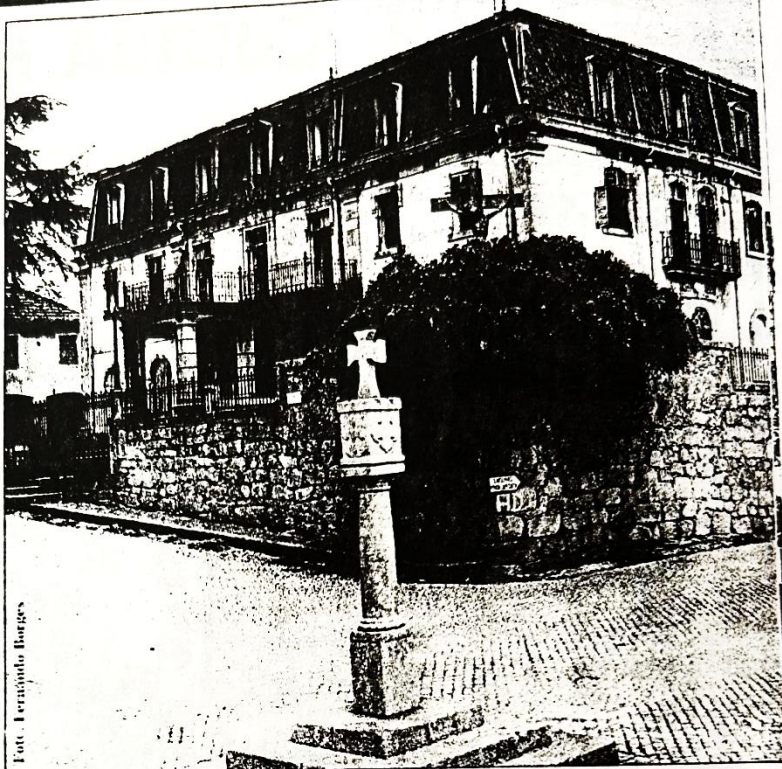
PORTUGAL no tempo da Segunda Guerra Mundial: uma difícil neutralidade.

Oficialmente, o País não devia pender para nenhum dos lados, Aliados ou o Eixo; na prática, a atitude do Governo (em que Salazar acumulava a presidência com a pasta dos Negócios Estrangeiros) vacilou muito nas suas simpatias, à medida que o conflito se desenrolava, e o povo (pelo menos os habitantes das grandes cidades) dividiu-se entre «germanófilos» e «anglófilos» — muita estratégia militar foi discutida à mesa dos cafés, enquanto outros desenhavam nos mapas, a lápis de cor, os avanços e recuos dos seus amigos e inimigos.

Trata-se de uma história que nunca foi escrita em detalhe mas da qual existem testemunhas ainda vivas, algumas das quais escreveram o que viveram e viram. Basta passar os olhos por alguns (poucos, infelizmente) livros de memórias — *Ao Fim da Memória*, de Fernanda de Castro, *Memórias de Costa Brochado*, por exemplo; ou, entre os estrangeiros, *Tricycle*, de Dusko Popov, *My Silent War*, de Kim Philby, ou *The Spy Wore Red*, de Aline, condessa de Romanones. E, sobretudo, romances, baseados em factos reais, como os de Suzanne Chantal, *Deus não Dorme* e *La Chaine et la Trame*, de Aquilino Ribeiro, *Volfrâmio*, ou de Joseph Kessel, *Croisade sans Croix*.

Lemo-los e percebemos que Portugal — especialmente Lisboa —, apesar da tão apregoada neutralidade, não escapou aos casos e acasos da guerra. Aliás, o mesmo aconteceu com os outros, oficialmente neutros: Suíça, Suécia, e até mesmo a Espanha, que declarou a sua «não beligerância». Ao contrário do que se pretendia fazer crer — e *O Pátio das Cantigas* tem uma cena muito significativa a esse respeito —, Portugal estava muito longe de ser uma espécie de novo «paraíso terrestre», onde nada se passava. É verdade que era essa a primeira impressão de quem chegava aqui, vindo de uma Europa às escuras ou iluminada apenas pelos cla-

II GUERRA MUNDIAL



rões dos bombardeamentos e dos incêndios. Mas, depois, pouco a pouco, verificava-se que a guerra também aqui estava presente de uma maneira mais subtil, sem dúvida, mas deixando as suas marcas nas pessoas e nas coisas.

De facto, se em 1939, nesses primeiros meses do conflito, e até mesmo na primeira metade de 1940, a guerra só existe lá longe, muito para além dos Pirenéus, a partir de metade de Junho este último ano tudo se precipita com a chegada em massa dos refugiados às nossas fronteiras e com a sua instalação no quotidiano dos Portugueses, tanto em Lisboa como noutros locais, Caldas da Rainha, Praia das Maças, Ericeira, Figueira da Foz, Curia ou Costa de Caparica.

Quantos refugiados passaram pelo nosso país? Os números nunca foram revelados mas sabemos, por exemplo, que só judeus foram cerca de 80 mil — esta informação, dada pela Comunidade Israelita de Lisboa, permite-nos calcular que foram certamente centenas de milhares os que procuraram aqui um refúgio, um abrigo, uma esperança no meio do desespero geral. Com a política sistemática de perseguição ideológica e étnica, feita pelas forças nazis nos territórios invadidos e ocupados, e com a queda da França, refugiados de todas as nacionalidades procuraram desesperadamente um visto de entrada em

Portugal — o único país atlântico que parecia poder escapar aos horrores da guerra, depois de Franco ter encerrado as fronteiras de Espanha. Assim, em Junho de 1940, Lisboa era o único porto livre da Europa continental, a última porta de saída para as Américas — como escreveu Koestler, um dos muitos escritores que por aqui passaram, Lisboa era «a última porta de um imenso campo de concentração que recobria a maior parte do continente».

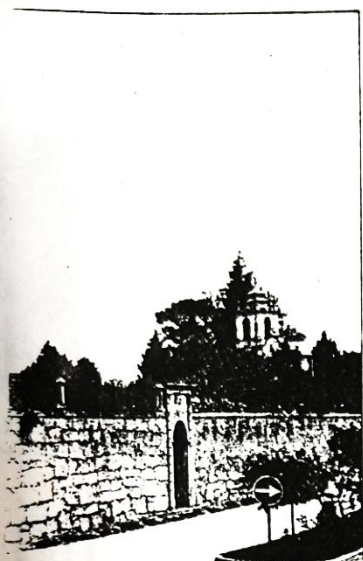
O caso Sousa Mendes

E foi nesta altura que se tornou decisiva a atitude corajosa do cônsul português em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes.

Bordéus, Junho de 1940. Milhares de refugiados, muitos deles judeus, invadem esta cidade francesa, fugindo diante do avanço dos soldados do Reich, que espalham o terror na Europa. Em poucos dias, a cidade triplica o seu número de habitantes — as autoridades locais falam de 700 ou 800 mil. O Consulado de Portugal está praticamente sitiado por uma multidão patética de seres humanos que tentam obter um visto para este país.

«A sala de estar, a sala de espera e os próprios escritórios do cônsul tinham sido postos à disposição dos refugiados, dezenas deles, dos dois sexos, de todas as idades, e muitos deles velhos e doentes. Ha-

Carvalho, A. (1989, setembro 10). Portugal: o porto de abrigo. *DN Magazine*.



Na sua mansão familiar de Cabanas de Viriato o dr. Aristides de Sousa Mendes albergou muitos dos refugiados que salvou

via mulheres grávidas, gente que tinha assistido, sem nada poder fazer para o impedir, ao espectáculo dos parentes a serem mortos nas estradas pela metralha dos aviões inimigos. Dormiam nas cadeiras, no chão, em cima dos tapetes, mortos de cansaço depois de esperarem dias e noites na rua, nas escadas e, finalmente, nos escritórios. Gente que não podia satisfazer as suas necessidades, que não comia nem bebia com medo de perder o seu lugar nas filas de espera... Muitos deles nada possuíam, a não ser as roupas que traziam vestidas.»

As portas do consulado tinham sido abertas por Aristides de Sousa Mendes, responsável pela delegação diplomática portuguesa naquela cidade do Sudoeste da França. Para este diplomata de 55 anos, com carreira feita em Espanha, Zanzibar,

Curitiba, S. Francisco, Boston, Maranhão, Porto Alegre, Vigo, Génova e Antuérpia, entre outros lugares, Bordéus representava o ponto mais alto da sua actividade e, também, o maior desafio posto à sua consciência: naqueles dias dramáticos de Junho, Sousa Mendes salvou pelo menos 30 mil vidas, das quais cerca de 10 mil judeus, que fugiam à ofensiva das tropas nazis.

Mas, ao contrário de Wallenberg, ele fez isso *contra* as ordens do seu Governo, o que lhe valeu a demissão, a perda de todos os bens e uma situação de profunda humilhação para si e para toda a família. Portugal gozava então de uma posição privilegiada: país neutro como a Suíça ou a Espanha, Portugal representava algo mais para os que procuravam fugir aos horrores da guerra — um ponto de partida para a liberdade. De facto, a Suíça, encravada entre países hostis ou beligerantes, não dava garantias de segurança, até por não possuir saída para o mar. Quanto à Espanha, nem mesmo ela escapava à suspeita de eventual colaboração com Hitler, depois de este ter apoiado Franco durante a guerra civil. Portugal, apesar da política ambígua do seu Governo, tinha em Lisboa um porto de onde partiam constantemente navios para outros continentes; e dali descolavam aviões que simbolizavam um início de vida nova noutro lugar.

A refugiada Lucie Matuszewitz, salva por Sousa Mendes, escreve em *Le Cactus et l'Ombrelle*, livro de memórias publicado em 1977: «Em Lisboa havia muita agitação e movimento nesse mês de Julho de 1940. Esta cidade era o lugar de chegada de todos os que fugiam na sequência da invasão do seu país pelos Alemães. Havia-os de todas as nacionalidades: franceses, belgas, holandeses e polacos, sem contar com os judeus alemães, austríacos e outros, que receavam as piores sevícias da parte dos nazis, mais fortes do que nunca depois da conquista da maior parte da Europa. (...) Lisboa era o último porto na Europa com destino às duas Américas. Todos os consulados dos países de além-mar eram assaltados por uma quantidade de pessoas desejosas de obter vistos de emigração. (...) Lisboa representava o porto de segurança na Europa, o último porto do Atlântico, de onde se podia partir para longe.»

Em Bordéus, ainda não ocupada nesse Verão de 1940, a situação piorava dia a dia: a cidade estava superpovoada de refugiados, vindos da Bélgica ou de outros países invadidos, como do resto da França, à espera de um «milagroso» visto que lhes permitisse seguir viagem. «Muitos deles nada possuíam, a não ser as roupas que traziam vestidas», conta César Mendes, sobrinho do cônsul português, que foi testemunha ocular do que se passou.

O visto para Portugal era a suprema ambição de todos esses refugiados. Sousa Mendes sentiu, como uma evidência, que tinha de fazer alguma coisa por eles, e rapidamente, antes que a situação piorasse na cidade, onde todos os dias chegavam milhares de fugitivos de comboio, de auto-

móvel, de carroça, de bicicleta ou até mesmo a pé. Simplesmente, ele tinha ordens formais do Governo português para não passar vistos a exilados políticos, cidadãos soviéticos ou judeus.

Que fazer? Diz um dos seus filhos, Philippe Mendes, hoje cidadão canadiano: «Meus pais pensaram: temos a nossa família, tudo o que herdámos e conseguimos juntar. A decisão que tomarmos terá graves consequências. Não sabemos o que vai acontecer, mas seja o que for não será agradável.»

A decisão foi influenciada por um dos refugiados que alojara no consulado, Haim Kruger, um rabino polaco. Segundo o relato depois feito por este a Joseph Matuszewitz (transcrito pela sua mulher, Lucie Matuszewitz, no livro já citado), as coisas passaram-se assim:

«Imagine que um dia sou abordado pelo cônsul de Portugal em Bordéus, que me diz: 'Meu pobre rabino, onde é que tu habitas aqui?' — 'Infelizmente', respondi, 'durmo na sala de espera da estação, com minha mulher e meus cinco filhos, num banco.'»

«Compreendo», respondeu o cônsul, «que nesta cidade de Bordéus, com todas as mentiras nazis que se ouvem de manhã à noite, na rádio, ninguém ouse dar-te alojamento. Ofereço-te hospitalidade, a ti e à tua família; vireis para minha casa.»

«Além disso», acrescentou o rabino, «já há dias que moro com o cônsul, ele é de uma extrema amabilidade para comigo e disse-me: 'Vai ao parque da cidade, onde se reúnem os refugiados que querem sair de França, e diz-lhes que darei vistos a todos para Portugal; não tenho esse direito porque as minhas instruções são as de não dar vistos para o meu país senão àqueles que têm vistos para além-mar. Sei que vou perder o meu posto, mas darei a Portugal, a minha pátria, a honra de acolher refugiados judeus para apagar o crime do ano de 1496, quando Portugal, com a ajuda da Inquisição, expulsou os Judeus, como o fez também a Espanha.'»

Entre 16 e 18 de Junho de 1940, trabalhando dia e noite, sem parar, o dr. Sousa Mendes, seu filho mais velho e o sobrinho César passaram vistos a cerca de 30 mil refugiados, sem receberem um tostão por essa tarefa perigosa e cansativa, apesar de lhes serem oferecidas grandes somas em dinheiro, ouro e jóias que os refugiados tinham conseguido salvar na fuga. Quando acabou essa missão, Sousa Mendes tombou exausto.

Enquanto isso, o Governo português, perante essa invasão indesejável de milhares de refugiados que atravessavam as fronteiras, actuou imediatamente. O embaixador em Madrid, Pedro Teotónio Pereira, homem da máxima confiança de Salazar (fora subsecretário de Estado das Corporações e da Previdência Social, ministro do Comércio e agente especial junto de Franco durante a guerra civil), chamou Sousa Mendes a San Sebastian e ameaçou-o de sofrer pesadas sanções disciplinares se não parasse. Sousa Mendes respondeu-lhe, com a maior firmeza, que

Carvalho, A. (1989, setembro 10). Portugal: o porto de abrigo. *DN Magazine*.



1939-1989

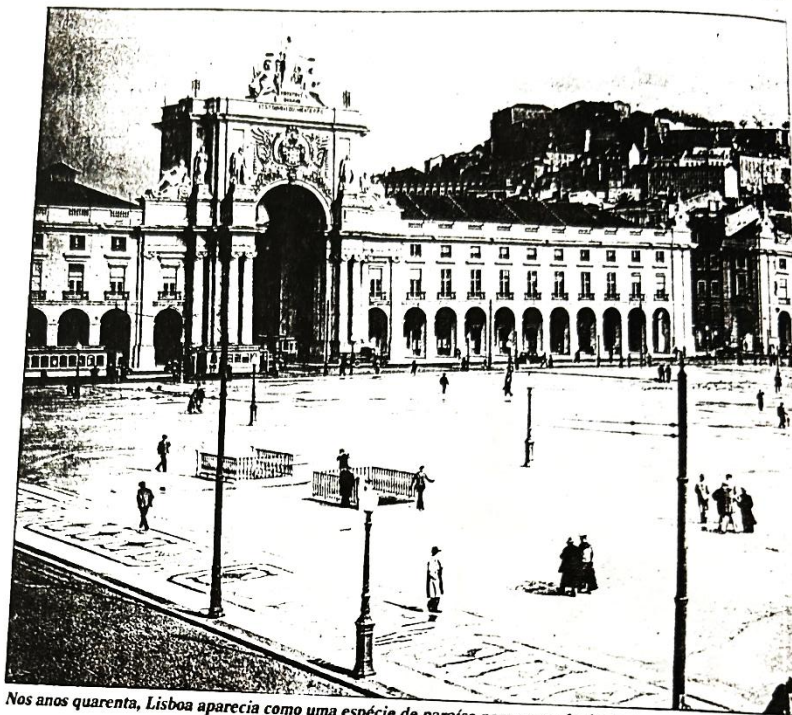
não lamentava nada que tivesse feito e que iria continuar a ter a única atitude que considerava correcta naquelas circunstâncias. Ainda segundo o testemunho de Philippe Mendes, Teotónio Pereira acusou-o de ter perdido a razão, mas Sousa Mendes replicou: «Será necessário ser louco para se fazer o que é justo?»

Não contente em passar os preciosos vistos (autênticos passaportes para a liberdade), Sousa Mendes pôs também à disposição dos refugiados a camioneta de passageiros que tinha adquirido a fim de transportar a sua numerosa família (mulher e 14 filhos) para Portugal ou dali para o estrangeiro. E transformou a sua casa — uma grande mansão aristocrática em Cabanas de Viriato, perto de Nelas, Viseu — num verdadeiro asilo. Aqueles refugiados, que tinham perdido tudo, ou quase, atravessando uma Europa em ruínas e às escuras, encontravam ali um lar, no seio de uma família feliz, vivendo numa aldeia bela e tranquila. Faziam piqueniques e excursões, eram recebidos pela hospitalidade típica das gentes da Beira Alta, de tal modo que comentavam: «Portugal é o país ideal porque se come e não se paga.» A noite, depois de jantar, a família Sousa Mendes formava uma orquestra ou sentava-se ao piano (a mansão tinha três pianos, entre os quais um *Bechstein*) e transformava em notas de música o sonho de felicidade, ainda que efêmera, dos seus hóspedes de múltiplas nacionalidades e origens... E, assim, os refugiados viveram à sua custa até conseguirem lugar num barco ou no avião que os transportava para os países livres do mundo.

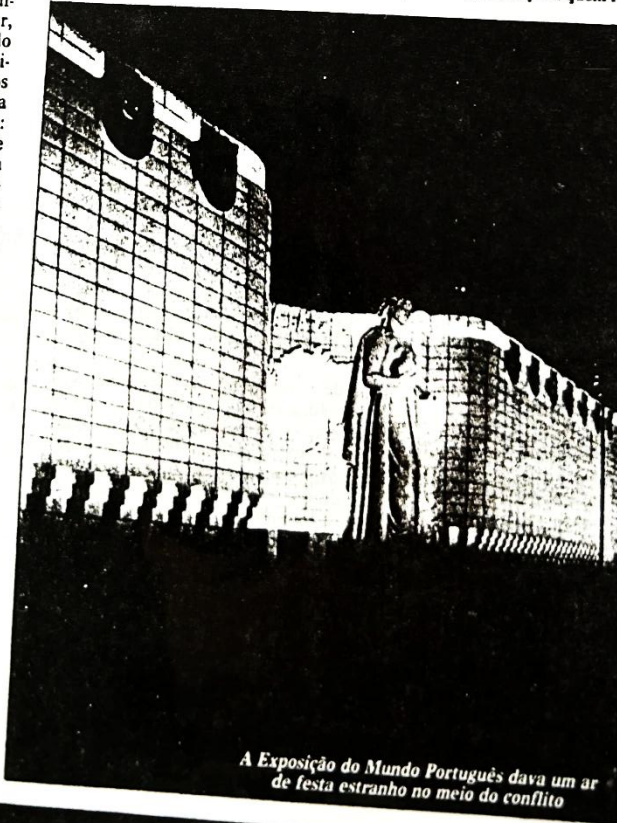
Depois do seu encontro dramático com o embaixador Teotónio Pereira, Sousa Mendes foi chamado a Lisboa, acusado de desobediência, demitido de suas funções e expulso da carreira diplomática. Nem sequer lhe valeu a influência do irmão gémeo, César, também diplomata e antigo ministro dos Negócios Estrangeiros. De um dia para o outro caiu no ostracismo público; na rua, os amigos e conhecidos evitavam falar-lhe, viravam a cara ou mudavam rapidamente de calçada.

Ainda recorreu para o Supremo Tribunal Administrativo e apelou para a Assembleia Nacional, expondo as razões profundas da sua atitude: tinha agido em função do bom nome de Portugal, e não para glória própria. Em vão: Bord...

A GUERRA MUNDIAL



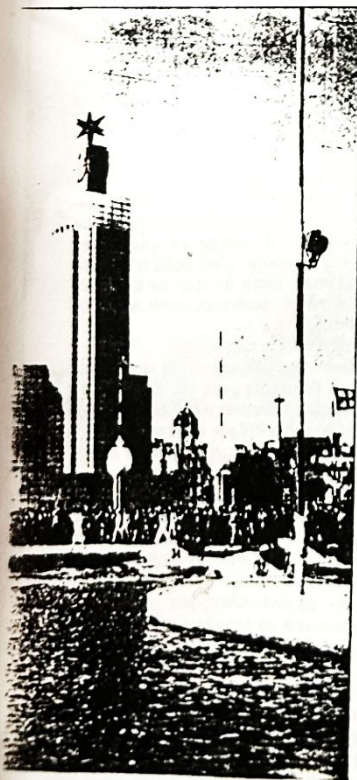
Nos anos quarenta, Lisboa aparecia como uma espécie de paraíso para quem fugia da guerra



A Exposição do Mundo Português dava um ar de festa estranho no meio do conflito



Carvalho, A. (1989, setembro 10). Portugal: o porto de abrigo. *DN Magazine*.



sido a última etapa da sua carreira. Significativamente, a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* ignora todos estes factos e limita-se a registar: «Passou à disponibilidade...»

Nem sequer conseguiu voltar a exercer a advocacia. Pai de numerosos filhos, habituado a viver numa situação abastada, Sousa Mendes passou os últimos anos de existência pobre e ignorado: morreu em 1954, depois de ter vendido tudo o que lhe restava para alimentar tantas bocas.

Isaac Bitton, que hoje vive em Washington, conta que há 45 anos, ainda adolescente, ajudava a sua tia a dirigir uma cozinha para refugiados judeus em Lisboa, quando um dia apareceu por lá uma grande família de portugueses pedindo ajuda. Bitton disse ao chefe da família: «Aqui é a Cozinha Económica Israelita de Lisboa. Porque é que vieram aqui? Isto é para os refugiados e para os pobres.» «Nós também somos refugiados...», respondeu-lhe o dr. Sousa Mendes.

Actualmente, o belo palacete dos Sousa Mendes, que conhecera tantos dias de esplendor, habitado por essa família generosa, é uma ruína ainda cheia de majestade, depois de passar por muitas mãos e muitas funções, incluindo a de aviário de milhares de pintos. Ainda há pouco tempo duas senhoras judias voltaram a Cabanas de Viriato para matar saudades da terra e dessa casa onde tinham sido tão bem acolhidas. E foi grande a sua tristeza quando viram o estado em que o palácio se encontra...

Também em ruínas está o jazigo da família, onde se encontra o corpo de Sousa Mendes num caixão igual a vários outros, coberto de pó.

Esquecido durante mais de 30 anos — excepto pela família, espalhada pelo mundo (África, Estados Unidos, Canadá) em busca de uma situação melhor, que lhe fora negada em Portugal, ou por aqueles que salvou —, a memória de Sousa Mendes começa agora a ser recordada publicamente. Em Maio de 1987, o Presidente da República, em cerimónia realizada na Embaixada de Portugal em Washington, entregou a membros da família Sousa Mendes as insígnias da Ordem da Liberdade, concedida a título póstumo ao «Wallenberg português». As comunidades portuguesa e judaica dos Estados Unidos prestaram-lhe homenagens, enquanto a Câmara dos Representantes aprovava uma proposta do mesmo teor, apresentada pelo congressista luso-americano Tony Coelho.

Todavia, a família de Aristides de Sousa Mendes e aqueles que ele salvou exigem mais: que o Governo português lhe preste a homenagem pública que lhe é devida na sua pátria. Tal como escreveu Tony Coelho na sua proposta, «Aristides de Sousa Mendes é um herói de quem todos os portugueses se podem orgulhar». Aos olhos do mundo, ele é alguém que procurou servir a solidariedade humana da melhor maneira que sabia: sacrificando tudo. Como afirma o prof. Sylvain Bromberger, um dos muitos que ele salvou com o seu gesto, «podemos dar-lhe todas as

medalhas do mundo, mas o que devemos realmente fazer é seguir o seu exemplo». Na Avenida dos Justos, em Jerusalém, há uma árvore e uma placa comemorativa, perpetuando o nome de Raoul Wallenberg, que salvou muitos milhares de judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Nessa mesma avenida existem uma árvore e uma placa com o nome de outro «gentio», Aristides de Sousa Mendes. Diz um ditado talmúdico: «Aquele que salva uma vida é como se salvasse o mundo inteiro.»

Alegria e tristeza

Nesse ano de 1940, os que chegavam a Lisboa tinham ainda um outro motivo para se sentirem «num outro planeta» — a cidade e, aliás, o país inteiro estava oficialmente em festa com as comemorações dos centenários. Ou seja, enquanto a Europa se debatia com os problemas de um presente de gemidos e ranger de dentes, em Portugal, aparentemente, só o passado contava: um passado de glórias, de heróis e de grandezas várias. Tratava-se, naturalmente, de uma operação de propaganda do Estado Novo feita à custa das figuras de D. Afonso Henriques, do infante D. Henrique e dos navegadores dos Descobrimentos. Uma operação que envolveu os mais importantes artistas, historiadores e intelectuais do País. E que só o fantasma, bem real, da guerra veio prejudicar no seu brilho de luz artificial.

De qualquer modo, para os refugiados era um espectáculo pelo menos insólito passear-se pelo cenário feérico da Exposição do Mundo Português. Eis o testemunho de Antoine de Saint-Exupéry, num excerto de *Lettre à un Otagé*:

«Quando, em Dezembro de 1940, atravessei Portugal com destino aos Estados Unidos, Lisboa apareceu-me como uma espécie de paraíso claro e triste. Falava-se, então, muito de uma invasão iminente, e Portugal agarrava-se à ilusão da sua felicidade. Lisboa, que tinha erguido a mais fascinante exposição do mundo, sorria com um sorriso um pouco forçado, como o das mães que não têm notícias dos filhos na frente de combate e se esforçam por manter a confiança: 'O meu filho está vivo porque eu sorrio...'. 'Olhai, assim dizia Lisboa, 'como sou feliz e pacífica e bem iluminada...'. O continente inteiro pesava sobre Portugal à maneira de uma montanha selvagem repleta das tribos aguerriadas. Lisboa em festa desafiava a Europa: 'Poderão tomar-me por alvo quando ponho tanto empenho em não me esconder? Quando sou de tal modo vulnerável?...'

As cidades do meu país eram, à noite, da cor da cinza. Desabitua-me de toda a luz e esta cidade esfuziante causava-me um vago mal-estar. Se os arredores são sombrios, os diamantes de uma vitrina muito iluminada atraem a gatinagem. Pressente-se que eles circulam. Contra Lisboa eu sentia pesar a noite da Europa habitada por grupos errantes de bombardeiros, como se tivessem farejado de longe esse tesouro.

Mas Portugal ignorava o apetite do monstro. Recusava acreditar nos maus indícios.

Carvalho, A. (1989, setembro 10). Portugal: o porto de abrigo. DN Magazine.



1939-1989

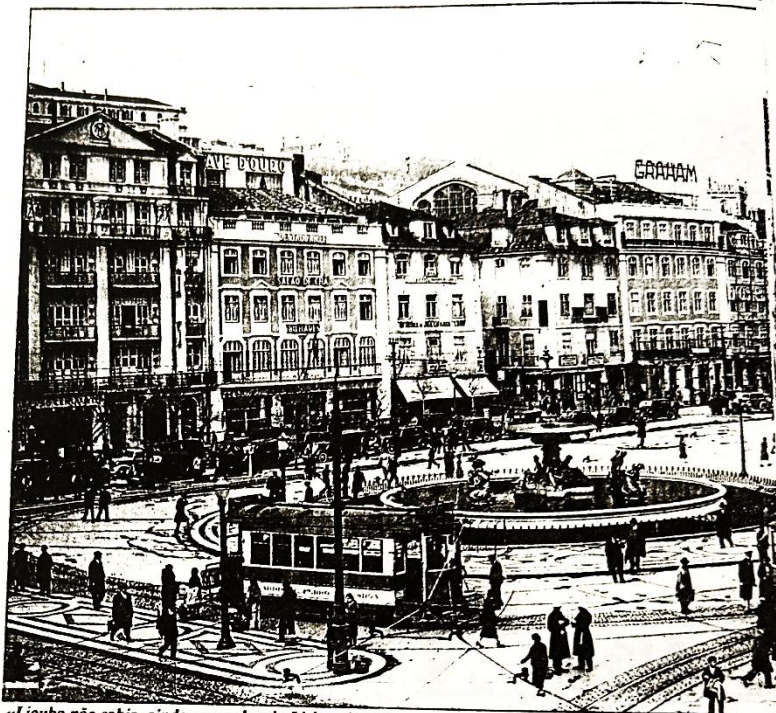
Portugal falava de arte com uma confiança desesperada. Ousar-se-ia esmagá-lo no seu culto da arte? Tinha posto à mostra todas as suas maravilhas. Mostrava os seus grandes homens. A falta de exército, à falta de canhões, tinha levantado, contra a panóplia dos invasores, todas as suas sentinelas de pedra: os poetas, os conquistadores, os exploradores. Todo o passado de Portugal, à falta de exército e canhões, barrava a estrada. Ousariam esmagá-lo e à sua herança de um passado glorioso? Eu passeava sem destino, cada tarde, melancólico, através dos êxitos dessa exposição de um gosto extremado, onde tudo raiava a perfeição, até a música, tão discreta, escolhida com tanto tacto e que nos jardins fluía docemente, sem espalhafato, como canto simples de uma fonte. Irão destruir no mundo este gosto maravilhoso da medida?

E eu achava Lisboa, sob o seu sorriso, mais triste que as minhas cidades mortas. (...) Mas Portugal tentava acreditar na felicidade. Brincava-se à felicidade em Lisboa a fim de que Deus acreditasse. Lisboa devia também o seu clima de tristeza à presença de certos refugiados. Não falo dos proscritos em busca de asilo. Não falo de emigrantes em busca de uma terra a fundar com o seu trabalho. Falo dos que se expatriavam para longe da miséria dos seus, para gozarem o seu dinheiro a bom recato.

Sem ter conseguido alojar-me na cidade, vivia no Estoril perto do Casino. Saía de uma guerra densa: o meu grupo aéreo, que durante nove meses nunca interrompera os seus voos sobre a Alemanha, tinha perdido, no decurso da única ofensiva alemã, três quartos das suas equipagens. Conhecedora, de regresso a casa, a morna atmosfera da escravidão e a ameaça da fome. Vivera a noite espessa das nossas cidades. E eis que, a dois passos de casa, todas as noites o Casino do Estoril se povoava de fantasmas.

Cadillacs silenciosos, que fingiam ir a alguma outra parte, depositavam-nos sobre a areia fina do pórtico de entrada. Eles tinham-se vestido para o jantar, como antigamente. Eles mostravam o seu *plastron* e as suas pérolas. Eles eram convidados uns dos outros para a refeição dos figurantes, onde não teriam nada a dizer-se. Depois, jogavam à roleta e ao bacará, seguindo as fortunas de cada um. Ia vê-los,

II GUERRA MUNDIAL



«Liouba não sabia, ainda, que a luz de Lisboa é mais límpida do que em qualquer outra região da Europa»

por vezes, sem sentir nem indignação nem ironia, apenas uma vaga angústia. A que vos perturba diante de um jardim zoológico: os sobreviventes de uma espécie extinta. Instalavam-se em volta das mesas, apertavam-se contra o *croupier* austero e esforçavam-se por sentir a esperança, o desespero, o medo, a inveja e o júbilo. Como seres vivos. Jogavam fortunas, talvez, que nesse mesmo minuto eram vazias de significado. Usavam moedas, talvez, fora de circulação. Os valores dos seus cofres estavam, talvez, garantidas por fábricas já confiscadas ou ameaçadas como estavam pelos bombardeamentos aéreos, já em vias de destruição. Esforçavam-se por acreditar, amarrando-se ao passado, como se nada, desde há um certo número de meses, tivesse começado a estalar sobre a terra, na legitimidade da sua febre, na cobertura dos seus cheques, na eternidade das suas convenções. Era irreal. Era um *ballet* de bonecas. E era triste.»

Uma cidade de homens

Um outro testemunho sobre o quotidiano dos refugiados e as suas emoções à chegada a Lisboa encontramo-lo num romance de Suzanne Chantal — que, aliás, foi jornalista do *Diário de Notícias* e ainda hoje, vivendo em França com o seu marido, o jornalista José Augusto, continua a ser uma admiradora incondicional do nosso país. Veja-se esta abertura do seu livro *Deus não Dorme*, publicado em 1944:

«Liouba viu um grande edifício de tijolos vermelhos como sangue, com cúpulas mouriscas. No corredor, os outros viajantes agitavam-se. Batiam as portas dos compartimentos. Empilhavam-se malas junto das saídas.

— Sim — disse o revisor — chegamos daqui a sete minutos.

Liouba continuou encostada à janela. Sabia que nada se parece menos com uma cidade do que o que se vê quando se chega pelo comboio; mas, nela, a curiosidade era mais forte do que as certezas. Sentia-se, nesse momento, como ao partir um bolo-rei...

— Viverei aqui? Quanto tempo?...

Pôde ainda ver um aqueduto de pernas altas, que se perdia pela colina povoada de casas pobres. Depois o comboio mergulhou no túnel e a cidade desapareceu.

A porta do *toilette* estava aberta e deixava ver, em desordem, toalhas húmidas, nódoas escuras de espuma. No ar, o perfume agressivo da dama que passara a noite na cabina ao lado. Liouba pusera no copo dos dentes as rosas que lhe tinham oferecido, na ante véspera, na estação da partida. Rosas de Setembro, em toda a sua beleza, e agora já fanadas sobre o caule escuro. Desfolhavam-se quando se lhes tocava e Liouba deitou-as fora.

O túnel parecia não mais acabar. O fumo cinzento e acre entrava por todas as fendas do comboio. Liouba tinha o interior das narinas enegrecido, a pele suja, os

Carvalho, A. (1989, setembro 10). Portugal: o porto de abrigo. *DN Magazine*.



Suzanne Chantal escreveu um testemunho espantoso sobre os refugiados em Portugal

cabelos baços de quem viaja há já muito tempo. Molhou um canto da toalha que devia ter sido a sua, mas desistiu. Para quê? Não tinha ninguém à sua espera no cais da chegada...

— Ninguém me espera — pensou. Mas o que é que me espera no final deste túnel? O *Sud-Express* arrumava-se, agora, entre

passeios de cimento. Trazia uma vedeta francesa, um lorde inglês caçador de búfalos e os jornalistas corriam ao longo do comboio, interrogando-se. Ouvira falar português no Consulado, na alfândega fronteiriça, e escutava agora, num esforço de atenção e com a mesma admiração e desalento.

— Nunca chegarei a perceber palavra...

Pela primeira vez, sentia-se completamente estranha a tudo que a rodeava — às coisas e às gentes, e, principalmente, à língua. Consolou-se:

— Bah! Há-de me servir de muito o português!

Com um gesto chamou um carregador, perguntou a si mesma se lhe falaria em inglês, em alemão... A mala escorregou-lhe das mãos. Praguejou, discretamente, em francês.

— Por aqui — disse o carregador, num francês quase sem sotaque.

Ouvir falar uma língua que se conhece, num país totalmente estranho, é como que encontrar um amigo perdido entre a multidão. Liouba pensou logo em mil perguntas que gostaria de fazer, mas o carregador avançava, dificilmente, ao longo do cais apinhado, e ela seguia-o conforme podia. As bagagens eram bem as de um estudante; absurdas: uma maravilhosa mala de vitela — cheia de etiquetas com nomes de capitais — e malas de fibra cujas pegs, já cansadas, estavam a desfazer-se. Trazia na mão, desajeitadamente, uma pequena máquina de escrever, uma grande boneca russa com diadema dourada e um saco de chocolates da Marquesa de Sevigné. Comera os chocolates, mas quisera guardar o saco como recordação. O impermeável e o casaco de Inverno, que não tinham cabido em nenhuma mala, pendiam do braço e varriam a poeira da estação.

Desembocou numa praça empedrada, barulhenta, espantosamente clara, após a penumbra do vestíbulo da estação. Eram só sete horas e Liouba não sabia, ainda, que a luz de Lisboa é mais límpida do que em qualquer outra região da Europa. O sol do fim da tarde descia numa poalha dourada sobre as mansardas de telhas verdes e todos os vidros cintilavam. Um táxi, porta aberta, esperava-a. Ao acaso, confundindo as moedas, pagou ao carregador. Este sorriu, um sorriso amável. Dera dinheiro a mais, com certeza...

— *Hotel Suisse* — disse num tom de voz firme, com autoridade.

Não se podia conhecer menos uma cidade do que ela conhecia esta. Na sua pequena vida de pedra que rola — e a preciosa mala de vitela guardava os vestígios — viajara bastante, mas chegara sempre aos países desconhecidos com algumas moradas de amigos, algumas indicações tomadas nas agências de turismo. Desta vez, porém, não tivera tempo. O *chauffeur* voltou-se para trás. Ela repetiu, com firmeza.

— *Hotel Suisse*.

O homem disse qualquer coisa onde, vagamente, Liouba reconheceu as sílabas de hotel... e Suisse sem dúvida com um «o» no fim, e outra coisa qualquer que ela não percebeu.

— Sim, sim — aprovou, tranquilamente. Sabia, por experiência, que, em todas as cidades do mundo, há um *Hotel Suisse*, ou *Swiss*, ou *Schweizer*, ou *Suíço*. Porque não aqui?

O táxi arrancou violentamente, deu uma grande volta no pátio da estação, depois lançou-se numa rua que descia, vertiginosamente. Liouba, que não era medrosa, sentiu o coração falhar.

— Não vá tão depressa — gritou. — Tenho muito tempo...

O *chauffeur* voltou-se a sorrir, disse ainda algumas palavras na sua misteriosa língua, e acelerou. Liouba fechou os olhos. Quando os tornou a abrir, o táxi seguia devagar, o motorista fazia as mudanças de velocidade, ruidosamente. É que a rua, agora, subia quase tanto como a outra há pouco descia. Liouba viu, atrás de si, uma avenida bordada de árvores. O táxi terminou a subida, deu a volta. Instantes depois parou. A rua era um pouco triste, mas o hotel tinha um ar digno, ao mesmo tempo modesto e confortável, ao mesmo tempo nunca, de todos os *Hotéis Suíços da Terra*, o ar que ela esperava encontrar...

Meia hora depois, Liouba debruçava-se na varanda, num segundo andar sobre uma rua estreita e quase a pique. Um ascensor amarelo trepava lentamente. À sua frente, uma fachada inexpressiva, e, à direita e à esquerda, o horizonte estava barrado por causa da inclinação, verdadeiramente extraordinária, da calçada. O olhar de Liouba, por um lado, estava a par do rés-do-chão, e, por outro, defrontava uma mansarda e uma e outra — calçada e mansarda — estavam no seu nível.

— É engraçado — disse para consigo.

Mas, no fundo, sentia-se bruscamente, terrivelmente triste. Uma vontade de chorar, idiota, irresistível.

O ar tinha essa ligeireza dos fins de tarde de Outono. Agora, que o Sol se pusera, fazia frio, bruscamente.

Garotos de pés nus, cabelos à escovinha, sujos, corriam pela rua abaixo, gritando os jornais da noite. Por vezes, paravam para se injuriarem, darem encontrões, apanharem pedras. Mas a inclinação da calçada arrastava-os contra vontade e eles continuavam a descer, às correrias, os pésitos negros de sujidade soando no empedrado.

Liouba — a camisa de Verão deixava-lhe nus os braços — teve um arrepio de frio.

— Já sei o que tenho — pensou — é frio.

Fechou a janela. O quarto era como todos os quartos de hotel, e o seu cheiro bem característico: poeira do tapete, cré para os vidros e solarina por causa da cama de metal. Assentou-se em cima da cama; depois estirou-se — os sapatos grossos, de *sport*, atirados sem cuidado sobre o edredão bordado.

Estava instalada: a boneca russa ao pé do candeeiro da mesa-de-cabeceira, a máquina de escrever sobre a escrivaninha e, no lavatório, um sabonete com restos de papel colado (envolvera-o ainda húmido), uma escova de dentes e uma caixa de pó-de-arroz, que se entornara quase toda dentro da mala. O casaco e o impermeável estavam pendurados no cabide da porta.



1939-1989

Era preciso, na verdade, que não tivesse nada que fazer para arrumar tudo com tanto cuidado.

O quarto tornara-se cinzento, no fim da tarde. Liouba bocejou. Sentia-se fora do mundo, fora do tempo. Numa cidade onde não conhecia uma só alma e sem que ninguém soubesse da sua existência...

— De resto, ninguém se interessa — pensou. Se tivesse uma fotografia na mesa-de-cabeceira, seria uma nota de intimidade que ficaria bem. Liouba tinha numa mala uma caixa cheia de instantâneos — grupos nas praias, em jardins ou em cachos em volta de um automóvel, sempre alegres e brincalhões. Lá estava ela agarrando raparigas pelo braço, rapazes pelo pescoço. Mas, nem nas suas malas, nem na sua carteira, nem no seu coração, uma imagem, uma cara: nem irmão, nem irmã, nem amante, nem parentes.

Cruzara as mãos atrás da nuca, olhava em volta com cansaço, à luz da lâmpada envolta num pano vermelho bordado. Não podia pensar. Na sua cabeça rodava, ainda, o ruído monótono do comboio. Levantou-se de um salto:

— Já sei o que tenho — disse — é fome...

A sala de jantar: limpa, fria, com uma luz um pouco forte de mais para ser íntima, precisamente um tudo-nada fraco para ser brilhante e alegre. E, em volta das mesas, pessoas que comiam muito, sem falar e sem se olharem: famílias.

Numa vista de olhos, Liouba fez o inventário. Desanimador. E começou, por sua vez, a devorar, como quem cumpre uma obrigação, quanto punham à sua frente: peixe frito, arroz, legumes com um gosto amargo de maus espinafres, frango em fricassé, croquetes, pastéis amarelos, estranhos, demasiado açucarados, deliciosos... Entre cada prato amachucava a maravilha, cor de laranja, e as três margaridas que ornavam a sua mesa solitária. Nada mais triste do que este festim. Notou que comera de mais, sem prazer, somente por puro e simples aborrecimento. Teve vergonha ao ver que o criado que a servira sorria. Saiu.

O primeiro contacto directo com uma cidade... Tenteia-se com o pé o empedrado, a rua, como no banho se experimenta a água. Toma-se a temperatura.

Liouba não sabia onde ia. Deixava-se conduzir pelo acaso. Primeiro, a inclinação da calçada; depois, essa corrente que leva os estrangeiros para o centro vivo das cidades, por forma, tão certa e inevitável,



«O primeiro contacto directo com uma cidade... Tenteia-se com o pé o empedrado, a rua, como no banho se experimenta a água»

como a circulação leva o sangue ao coração.

Viu um obelisco em volta do qual giravam automóveis e carros eléctricos; depois, uma estação ferroviária que não reconheceu; por fim, perdeu-se numa grande praça... Fontes cantavam baixinho delicada canção no rumor profundo da rua. Anúncios em néon desenhavam no céu ainda claro traços de azul-encofre, vermelho-alaranjado.

Liouba viu num enorme e luminoso relógio que eram quase dez horas. Sentia-se pouco à vontade. De repente compreendeu porquê...

Gostava da multidão... Gostava de andar por entre ela, de senti-la. Talvez porque se via tão só no mundo, a multidão era, para si, uma companhia, uma espécie de família.

Em Londres, a multidão fluida, rápida, escorregadia. Em Paris, a multidão sem peso, que se desfaz como uma nuvem, que flana, passeia por prazer, uma multidão que acaricia...

Mas, aqui, a turba era densa; atravessá-la era um esforço, pegava-se como alcatrão. E isto porque, por entre ela, não havia uma única mulher.

Desde que teve consciência desta verdade, Liouba sentiu-se cercada de homens, de centenas de homens, afogada numa onda de caras morenas, de olhos escuros, sob feltros castanhos.

Todos a olhavam. Uns iam e vinham; outros formavam grupos ao longo dos passeios, encostando-se às árvores e cuspidos com negligência.

Liouba continuava a andar e sentia colados à pele todos os olhares. Estava pouco à vontade. Para ter alguma coisa que a ocupasse quis comprar um jornal. Por de-

trás do balcão de onde pendiam dezenas de revistas ilustradas encontrava-se um homem. Agarrou num magazine, ao acaso, e enganou-se no dinheiro. Por todo o lado, à sua volta, homens. Uns compravam cigarros, outros olhavam-na fixamente, com tranquila insolência. A dois passos um grande «café». O seu anúncio verde inundava de luz o passeio. Um porteiro enorme à entrada. Lá de dentro, como um bafo, vinha um perfume quente de moka. Liouba acolheu-se no «café», como num refúgio. Mal entrou, os clientes levantaram a cabeça: caras morenas, olhos negros, feltros castanhos. Ali, uma vez mais, uma humanidade sem mulheres! Homens; dezenas, centenas de homens. Via multiplicarem-se essas caras, que tinham todas um ar de família, que se sobrepunham, como legiões de anjos ou de demónios, no fundo das telas dos primitivos representando o céu ou o inferno.

Liouba não tinha medo dos homens. Sempre tratara com eles, frente a frente. Sabia ser um bom camarada, e, de resto, se lhe faziam a corte, esse facto não lhe desagradava. Sentia-se mais à vontade com eles do que com outras mulheres.

Mas ali havia muitos! Havia de mais.

Liouba regressou ao hotel, o sangue a ruborescer-lhe o rosto.

— Quantos portugueses tem Portugal? — perguntou ao porteiro que lhe dava a chave do quarto.

— Bah... sete milhões e tal, mademoiselle — respondeu o outro, admirado com a pergunta.

— Sete milhões... Só... Julguei que havia mais...

Viu que o outro não a compreendia. Olhava-a — olhos escuros, tez morena... Liouba fugiu para o ascensor. □

Anexo 20

Sousa Mendes inspira livro. (1990, abril 28). *Diário de Notícias*, 25.

Sousa Mendes inspira livro

UM LIVRO da autoria do jornalista Rui Afonso vai ser lançado na quinta-feira, em Lisboa, revelando factos inéditos e «intrigas na alta hierarquia» da política externa salazarista, que estiveram na base da demissão do cônsul Aristides de Sousa Mendes.

Editada pela Caminho, a obra intitula-se *Injustiça — O Caso Sousa Mendes*, e o seu autor, um jornalista português radicado no Canadá, deslocar-se-á propositadamente a Portugal para estar presente na cerimónia de lançamento.

O caso Sousa Mendes, assim ficou conhecido, ocorreu em Maio de 1940, quando a França foi invadida pelas tropas nazis e ao Sudoeste do País acorreram multidões de refugiados com o intuito de atravessarem a fronteira com a Espanha, só possível com um visto para Portugal.

O então cônsul português em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes, contrariando ordens de Salazar, passou milhares de vistos, salvando outros tantos seres humanos da morte.

Sousa Mendes foi demitido do seu cargo, toda a sua carreira ruiu, e morreu na miséria em 1954. A família lutou quase 50 anos contra esta injustiça, mas só em Maio de 1988, por iniciativa do grupo parlamentar do PS, apoiado por todos os partidos, o nome de Sousa Mendes foi publicamente reabilitado.

O jornalista Rui Afonso foi o primeiro investigador a ter acesso a documentos do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da polícia política, incluindo cartas da vítima e do seu irmão. A obra descreve todo o processo de injustiça em torno de uma figura que se tornou conhecida em todo o mundo como o Wallenberg português.

“O Caso Sousa Mendes” - Os vistos da justiça. (1990, maio 9). *Diário de Lisboa*, 21.

«O Caso Sousa Mendes» Os vistos da justiça



A Assembleia da República, em 18 de Março do ano corrente, reabilitou e reintegrou, por unanimidade e aclamação, Aristides de Sousa Mendes no serviço diplomático. Sousa Mendes tinha sido cônsul-geral de Portugal em Bordéus, França, nos anos críticos de 1963 a 1940.

Como oportunamente noticiado, o projecto de lei do Partido Socialista foi apresentado na tribuna pelo seu autor e subscritor, Jaime Gama, que recordou aos deputados «a grave injustiça perpetrada contra Sousa Mendes» e propôs à Assembleia que a reparasse.»

Quem Sousa Mendes...?

Em Maio de 1940 a França é invadida pelas tropas nazis. Ao Sudoeste do país acorrem multidões de refugiados. A salvação seria atravessar a fronteira com Espanha. Mas isso só é possível com visto para Portugal. O cônsul português em Bruxelas, Aristides de Sousa Mendes, contrariando ordens de Salazar, passa milhares de vistos, salvando

outros tantos seres humanos de uma morte certa.

Um livro emocionante («Injustiça - O Caso Sousa Mendes», Rui Afonso, Caminho) encontra-se agora à disposição do leitor. Imprescindível. Por agora, e devido a falta de espaço, algumas palavras de Rui Afonso:

«Em Bordéus, a História prendeu Sousa Mendes nas suas garras. O seu destino passou a estar inelutavelmente ligado ao destino colectivo de dezenas de milhares de pessoas desesperadas.

Ele foi o homem certo no lugar certo no momento certo. Aquilo que alguns poderiam considerar como defeitos de personalidade num diplomata - a sua natureza demasiado emotiva e o seu carácter impulsivo - tornaram-se forças motoras do seu heroísmo. Salvou milhares de pessoas de um destino trágico. E pagou isso com a sua tragédia pessoal...» - Colecção **Nosso Mundo**, tradução do inglês de António Pescada.

Um samaritano português

Era um cônsul obscuro, de carreira sem sobressaltos e com medalhas. Bordéus foi a sua perdição e a sua glória. O nome é para honrar. Aristides de Sousa Mendes. Diplomata modesto, agigantou-se como homem. O fascismo não lhe perdoou; a democracia, tarde e a más horas, reconheceu-o entre os cidadãos exemplares.

Acerca deste «samaritano» falou ontem na Fundação Luso-Americana, a que preside Rui Machete, o Prof. Douglas Wheeler, catedrático de História Moderna na Universidade de New Hampshire e especialista em assuntos portugueses. Para redescobrir um herói da Segunda Guerra Mundial a quem cerca de 30 mil pessoas ficaram a dever a liberdade, um «samaritano português».

Aristides de Sousa Mendes era cônsul de Portugal em Bordéus no ano de 1940, na França invadida pelos nazis, Gentes em fuga para o Sul, desejando atravessar a Espanha em direcção ao nosso País para alcançarem depois outros destinos na Europa, cercaram-lhe o consulado, a pedir vistos. Que fazer? Salazar proibira a concessão

de vistos aos que procuravam refúgio temporário em Portugal, especialmente os judeus. (E escusado dissertar sobre a pretensa neutralidade portuguesa perante o conflito). Sousa Mendes desobedeceu e disse à multidão: «Mesmo que venha a ser demitido, só posso agir como cristão, seguindo os ditames da minha consciência». E disse ao Governo: «A minha atitude foi inspirada nos sentimentos de altruísmo e de generosidade de que os portugueses sempre souberam dar prova».

Não podia distinguir raças nem nacionalidades. Durante seis semanas e, no fim deste período, durante quatro dias e três noites sem parar, assinou guias para a liberdade, auxiliado pelos filhos e pela mulher. Caiu exausto, então; trinta mil pessoas, das quais dez mil judeus escapavam à Gestapo, aos campos de concentração, à morte.

Pagou assim a solidariedade com os perseguidos: Salazar mandou instaurar-lhe um processo, os investigadores divergiram quanto à pena a aplicar — Paula Brito propunha uma suspensão de funções, o conde de Tovar a

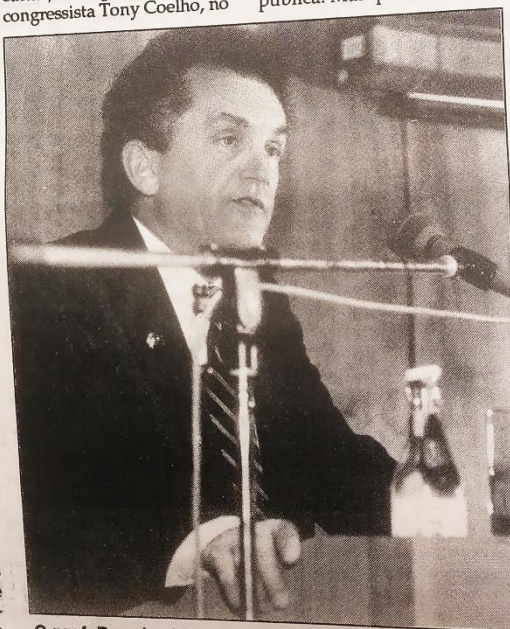
despromoção. O ditador decidiu: um ano de inatividade com metade do vencimento e, a seguir, a reforma.

Os recursos de Aristides Sousa Mendes, representado por Adelino da Palma Carlos, foram inúteis. (A um pedido de intercessão junto de Salazar, dirigido pela família ao cardeal Cerejeira, este recomendou que rezassem a Nossa Senhora de Fátima...). Sem meios que lhe permitissem sustentar a família (tinha treze filhos), sobrevivendo de explicações de Português aos funcionários da embaixada dos EUA e do produto da venda das propriedades em Cabanas de Viriato, sua terra natal, mortificado e doente, o cônsul morreu sem justiça — mas com as condolências de Salazar, enviadas ao irmão.

Depois do 25 de Abril, a família retomou o combate pela reabilitação de Aristides de Sousa Mendes. Um processo que se julgaria rápido porque indiscutível arrastou-se por mais de dez anos. Só em 1986, com a eleição de Mário Soares para a Presidência da República, o

processo conheceu avanços significativos, facilitados também pelos esforços de personalidades norte-americanas, designadamente o congressista Tony Coelho, no

mesmo sentido. Soares atribuiu-lhe a Ordem da Liberdade, a Assembleia da República reintegrou-o por unanimidade na função pública. Mas quantos sabem



O prof. Douglas Wheeler, proferindo a sua conferência

quem foi este homem? O Prof. Wheeler lembrou os feitos do diplomata sueco Raoul Wallenberg, que salvou do holocausto cem mil pessoas, para comparar o destino de um e de outro: Wallenberg foi tema de livros, filmes, peças de teatro; Sousa Mendes, tirando uns poucos artigos de jornal e o livro de Rui Afonso, não tem merecido mais que uma homenagem selecta. Herói da guerra, o obscuro cônsul português merece a homenagem de todos os homens livres. Existem, em Portugal e nos Estados Unidos (Sousa Mendes esteve colocado em S. Francisco), comissões fundadas para este fim. A conferência do Prof. Wheeler, a que assistiram o Presidente Soares, o ex-congressista Tony Coelho, o director executivo da Comissão Internacional de Homenagem a Aristides de Sousa Mendes, Robert Jacobvitz, e familiares de Sousa Mendes, contribuiu de forma assinalável para trazer ao convívio de todos nós um homem exemplar, que acabou por ser também um refugiado, como ele próprio disse, na sua Pátria.

J.P.O.

Salvou milhares de judeus na II Guerra - Aristides Sousa Mendes evocado em Lisboa. (1990, junho 22). *Diário Popular*, 6.

6 ■ DIÁRIO POPULAR ■ 22 DE JUNHO 1990

SALVOU MILHARES DE JUDEUS NA II GUERRA ARISTIDES SOUSA MENDES EVOCADO EM LISBOA

A RISTIDES Sousa Mendes, ex-cônsul de Portugal em Bordéus, que durante a II Guerra Mundial salvou milhares de judeus, foi ontem evocado em Lisboa, numa conferência a que assistiram, nomeadamente, o presidente da República e o embaixador norte-americano em Portugal. A conferência, intitulada «Um cônsul de consciências: doutor Aristides Sousa Mendes e o Estado Novo (1940-1954)», foi proferida por Douglas Wheeler, professor do departamento de História Moderna da Universidade de New Hampshire e editor da «Portuguese Studies Newsletter».

Douglas Wheeler descreveu pormenorizadamente a vida de Sousa Mendes, designadamente, «os bons e os maus períodos que atravessou».

Sousa Mendes, que um ano depois de eclodir a II Guerra Mundial era cônsul de Portugal em Bordéus, contrariou o regime salazarista, ao conceder vistos a milhares de judeus para poderem fugir para Portugal.

O professor norte-americano sublinhou que Sousa Mendes, contrariando ordens recebidas de Lisboa para dificultar a obtenção de vistos de passagem para Portugal, se empenhou, mesmo assim, em salvar milhares de judeus que a ele recorreram.

O estúdio norte-americano comparou-o a Wallenberg, um embaixador sueco que salvou a vida a cerca de 100 mil judeus só que sublinhou, «Wallenberg tinha ao seu serviço os funcionários de que necessitava e Sousa Mendes contava apenas com ele próprio».

Douglas Wheeler estra-



A família Sousa Mendes sofreu represálias do Estado Novo pelo facto de ter salvo milhares de judeus na II Guerra Mundial, durante a sua presença na Bélgica

nhou o facto de não haver documentos sobre o «Caso Sousa Mendes», visto que Wallenberg é tema de livros, filmes e peças de teatro.

«Sousa Mendes viu-se numa situação de emergência com o consulado cercado por refugiados da guerra, mas não se poupou a esforços para lhes resolver os problemas», salientou.

Mesmo depois de lhe proibirem a concessão de vistos, continuou Wheeler, Sousa Mendes negou-se a obedecer às ordens e, «como bom cristão, passou tantos vistos como a sua consciência entendeu».

Foi, por isso, condenado por Salazar a um ano de inactividade, à despromoção, recebendo apenas me-

tade da sua remuneração como cônsul, o que lhe causou graves dificuldades financeiras.

Sousa Mendes recorreu ainda da sentença através do seu advogado, Adelino da Palma Carlos, o primeiro chefe do Governo português após o 25 de Abril de 1974.

De acordo com o professor norte-americano, Palma Carlos chegou mesmo a ler em tribunal excertos de um manual de Marcelo Caetano, então professor catedrático de Direito, que viria a ser o presidente do conselho.

Reabilitação em 1987

Mas, apesar de Sousa Mendes reconhecer ter desobedecido a ordens superi-

ores, parecia votado ao esquecimento, passando à reforma e não conseguindo voltar a ser promovido.

Com 13 filhos para sustentar, a sua situação financeira tornou-se insuportável e Sousa Mendes foi obrigado a vender propriedades e a sua casa de Cabanas de Viriato, um palacete que, curiosamente, continha um cristo-rei com 40 pés de altura.

Veio, então, viver para um modesto apartamento em Lisboa, declarou Wheeler, sublinhando que alguns membros da sua família chegaram a fazer refeições em cantinas públicas.

Num acto de desespero, a família foi pedir ajuda ao cardeal Cerejeira, um ho-

mem que havia estudado em Coimbra com Salazar.

Sem mais palavras, o cardeal aconselhou-os a rezarem e a pedirem ajuda à nossa senhora de Fátima.

As necessidades obrigaram Sousa Mendes, descendente da melhor aristocracia portuguesa, a dar explicações de português a funcionários norte-americanos para sobreviver.

Os seus filhos emigraram, nomeadamente, para a Bélgica e para os Estados Unidos, graças aos conhecimentos do pai adquiridos durante o desempenho da carreira diplomática.

Sousa Mendes, formado em Direito, faleceu a 3 de

Abril de 1954 com 68 anos. Dias depois da sua morte, António Oliveira Salazar enviou uma carta de condolências à família do diplomata.

De acordo com o professor norte-americano, Sousa Mendes desobedecia às ordens «porque preferia estar do lado de Deus».

Acrescentou que, numa entrevista após a II Grande Guerra, um sobrinho de Sousa Mendes citou as suas palavras enquanto cônsul em Bordéus: «O meu governo proibiu a passagem de vistos. No entanto, não posso permitir que as pessoas morram. Vou agir como bom cristão e como a minha consciência entender».

O ex-cônsul de Portugal em Bordéus ficou esquecido até 1987, altura em que o Presidente da República, Mário Soares, o condecorou a título póstumo.

Um ano depois, em Março de 1988, a Assembleia da República aprovou por unanimidade e aclamação a reabilitação e integração póstuma na carreira diplomática do homem que se entregou à tarefa humanitária de emitir vistos consulares portugueses para cidadãos ameaçados pelo avanço das tropas hitlerianas.

Talvez por isso, Douglas Wheeler tenha frisado ter sido só durante o mandato presidencial de Mário Soares que Sousa Mendes foi realmente reabilitado em Portugal.

Não está só! Não está só! todo o tempo.
«Diário da Notícias»

Sousa Mendes evocado por ter salvo judeus durante a 2.^a Guerra Mundial. (1990, junho 22). *Correio da Manhã*, 52.

Sousa Mendes evocado por ter salvo judeus Durante a 2.^a Guerra Mundial

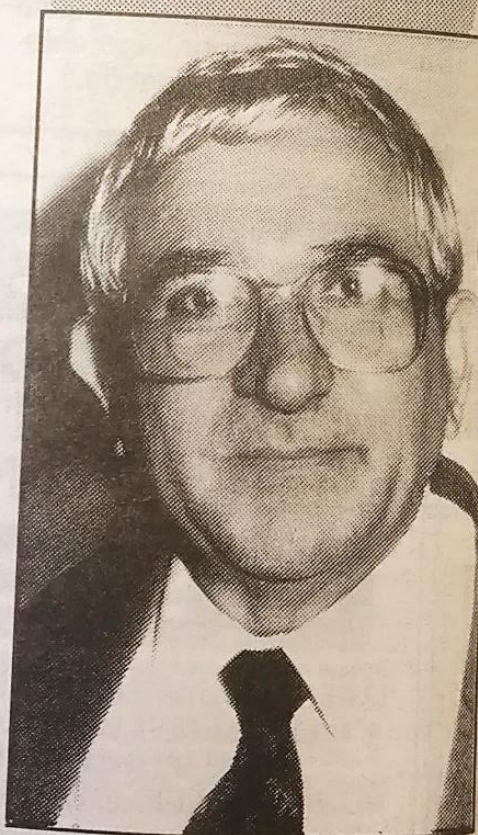
A figura de Aristides de Sousa Mendes, o cônsul português que durante a Segunda Grande Guerra se empenhou no salvamento de milhares de judeus que fugiam do terror nazi, foi ontem evocada na Fundação Luso-Americana, numa conferência patrocinada pelo Presidente da República, Mário Soares.

Douglas Wheeler foi o historiador norte-americano, especialista em assuntos portugueses, que fez uma extensa intervenção sobre a acção de Sousa Mendes, que na altura exercia o consulado em Lion, onde passou milhares de vistos a judeus que fugiam da perseguição nazi.

Apesar de Salazar ter proibido a concessão de vistos aos judeus, todos os dias o cônsul e os filhos passavam horas nessa tarefa, sem qualquer outro interesse que não fosse auxiliar os refugiados que, muito compreensivelmente, se encontravam em perfeito estado de desespero.

Em declarações ao nosso jornal, o filho de Sousa Mendes, John Paul Abranches, hoje com 58 anos e naturalizado norte-americano, afirmou: "Até que enfim que o caso do meu pai está a ser reconhecido em Portugal e pelo Governo português".

Quanto ao empenhamento do seu pai em salvar os judeus, disse que ele actuou "como um cristão muito bom, como um bom português e um bom humanitário".



John Paul Abranches, filho de Aristides de Sousa Mendes, disse ao "CM" que o seu pai foi um "grande herói para Portugal, provavelmente o único que o fez por ter salvo milhares de judeus"

rio. Nessa altura ele foi um grande herói para Portugal, provavelmente o único que o foi por ter salvo milhares de judeus vindos de toda a Europa".

Diana Andringa evoca cônsul que salvou judeus

«ÉRAMOS judeus, não tínhamos outro lugar para onde ir... Gosto de participar em tudo o que possa honrar a sua memória», refere Sonja Rath, holandesa, que durante a Segunda Guerra Mundial se refugiou na Figueira da Foz. A memória é a do cônsul Sousa Mendes. Deve-lhe a vida. O testemunho surge no documentário «Aristides de Sousa Mendes, o cônsul injustiçado», de Diana Andringa, a exibir no dia 24, em «Sinais do tempo», na TV2.

Durante três dias, 17, 18 e 19 de Julho de 1940, Sousa Mendes trabalhou dia e noite para conceder vistos a milhares de refugiados que, em Bordéus, queriam atingir Portugal. Apesar de ser um país neutro, as autoridades portuguesas deram ordens claras para não se visar os passaportes de pessoas «impuras» (ciganos, judeus), cidadãos do Leste europeu e

portadores de passaportes da Sociedade das Nações.

O cônsul escreve para Portugal pedindo autorização para conceder vistos. Não obtém resposta. Decide então visar os passaportes, trabalhando dia e noite, durante três dias. Pede depois aos colegas de Baiona e Toulouse que façam o mesmo.

Descoberta a desobediência, é irradiado da carreira diplomática, com meio ano de salário. De nada valem os protestos de Sousa Mendes. Tem 13 filhos e acaba por recorrer à Cantina Israelita de Lisboa, para refugiados. Morre na miséria, em 1954.

Só muito recentemente os filhos receberam uma medalha das mãos de Mário Soares. Mas não obtiveram resposta ao pedido de indemnização. Mais rápidos se mostraram os que pintaram inscrições nazis nas paredes de uma rua que tem o seu nome,

em Telheiras. Ao apresentar o programa a um número restrito de pessoas, na segunda-feira, Diana Andringa frisou que ainda poderia ser útil.

O trabalho feito pela RTP, com a colaboração da France 3 (Aquitânia) e da IBA (Israel), mostra preciosos testemunhos daqueles a quem o cônsul concedeu vistos e da sua família. As filmagens, realizadas em Israel, EUA e França, resultam num documentário vivo.

As pessoas, os acontecimentos, os locais falam-nos da vida de Sousa Mendes, mas também do que foi o terror da II Guerra Mundial.

Vale a pena recordar as palavras de Henry Zvi Deutsch, uma criança de nove anos, belga, que beneficiou dos vistos concedidos: «Mendes e o seu gesto nobre e humanitário foi uma luz nesse negro período da história que foi o holocausto.»

Anexo 26

Gonçalves, M. A. (1993, janeiro 24). Aristides de Sousa Mendes, o Cônsul Injustiçado - Desobedecer como um direito, um dever. *Telepúblico*, 2-3.

ANTEVISÃO

MARIA AUGUSTA GONÇALVES

Aristides de Sousa Mendes passou dias em casa, prostrado. Foi no começo de Maio de 1940. Ele era um homem dinâmico, alegre. E estava ali, parado, calado, sem reagir ao que quer que fosse. Chegara-lhe às mãos a ordem de serviço n.º 14, onde Salazar ordenava que não fossem concedidos vistos para Portugal a "pessoas impuras" nem a "a gente suspeita de actividades antinazis." Sousa Mendes era o cônsul de Portugal em Bordéus, quando a cidade transbordava de refugiados. E enviava telexes sobre telexes para Lisboa, pedindo autorização para a concessão de vistos. Numa manhã, sem que alguma resposta ao seu pedido tivesse chegado, sai de casa. Decidira assinar passaportes a todos aqueles que lhe pedissem. De dia e de noite, assim o fez. Em seis semanas, foram mais de 30 mil. Bordéus estava cheia de cidadãos europeus que fugiam da guerra, dos campos de concentração, da morte. Eram tudo o que Salazar não queria: "pessoas impuras, ciganos ou judeus", cidadãos de países ocupados por Hitler, portadores de passaportes da Sociedade das Nações — passaportes Nansen; eram homens, mulheres e crianças "suspeitos de actividades antinazis". Eram cidadãos franceses, austríacos, holandeses, polacos, checos, eram judeus e não judeus; eram pessoas que as forças nazis não poupariam à morte.

"Aristides de Sousa Mendes, o Cônsul Injustiçado", o documentário que Sinais do Tempo transmite hoje à noite, relembra esses dias de 1940 e os anos que se seguiram: o afastamento da carreira, a impossibilidade de reintegração, a impossibilidade de exercer advocacia; lembra um processo de reabilitação lento, desencadeado pela família de Sousa Mendes depois de Abril de 1974, um processo esquecido que só seria concluído no final da década de 80, mais de 30 anos depois da morte, quando a Assembleia da República decidiu por unanimidade reintegrar Sousa Mendes no corpo diplomático — já Mário Soares lhe concedera a Ordem da Liberdade, já as comunidades judaicas dos Estados Unidos tinham formado a Comissão Internacional de Homenagem a Aristides de Sousa Mendes, já o seu presidente, Robert Jacobovitz, o congressista luso-americano Tony Coelho e Douglas

Aristides de Sousa Mendes, o Cônsul Injustiçado

DESOBEDECER COMO UM DIREITO, UM DEVER

Ousou desobedecer a Salazar. Custou-lhe a vida. Em 1940, Aristides de Sousa Mendes era o cônsul de Portugal em Bordéus e, contra todas as ordens, concedeu vistos aos refugiados que os pediram. Foi pouco antes de a França se render a Hitler. Hoje, mais de meio século depois, passado o lento processo da sua reintegração, Lisboa tem uma rua com o nome de Sousa Mendes. Está numa placa destruída, cheia de inscrições nazis.



SINAIS DO TEMPO
**ARISTIDES DE SOUSA MENDES,
O CÔNSUL INJUSTIÇADO**

GUIÃO E TEXTOS DE DIANA ANDRINÇA
REALIZAÇÃO DE TERESA OLGA
RTP/DEP. PROGRAMAS DE ARTES E MÚSICAS-FRANCE 3-IBA (ISRAEL)
PORT. 1992. 58 MIN.
DOM. 24. TV 2, ÀS 00H20

TELE PÚBLICO
Sábado, 24.01.1992

2

Anexo 26 | Continuação

Gonçalves, M. A. (1993, janeiro 24). Aristides de Sousa Mendes, o Cônsul Injustiçado - Desobedecer como um direito, um dever. *Telepúblico*, 2-3.

Wheeler, professor de Estudos Portugueses na Universidade de New Hampshire, tinham intercedido a seu favor. O documentário que hoje se transmite define a personalidade do cônsul de Portugal em Bordéus. E não se limita a mostrar imagens da época, páginas do processo ou a relembrar em "voz off" os acontecimentos do começo desse Verão de 1940. A sua autora, Diana Andringa, foi procurar os refugiados que o diplomata salvou. Levou-os aos locais outrora percorridos e deixa ouvir as suas palavras. São os momentos mais fortes do programa. São talvez a maior homenagem ao diplomata. "O homem que de facto nos permitiu continuar vivos", diz Liesel Spett, uma das sobreviventes. O projecto foi apresentado ao antigo Departamento de Programas Documentais e Eruditos do Canal 2 (hoje, Departamento de Artes e Musicais), dirigido por Rui Esteves, que aceitou a proposta. Depois, foi a espera, para que a direcção da RTP o aprovasse. Os apoios do Documentary e do MAP-TV, projecto do programa comunitário Media, foram mais rápidos.

À equipa portuguesa, dirigida por Diana Andringa, autora do guião e dos textos, e pela realizadora Teresa Olga, juntaram-se as equipas da France 3, para as filmagens na região de Bordéus, da IBA de Israel e operadores de som e de câmara dos Estados Unidos. Para Diana Andringa "valeu a pena", não só pela evocação e pela descoberta da personalidade de Sousa Mendes, mas por tudo o que viveu ao lado dos antigos refugiados. "Estas escadas estavam cheias de gente — recordam. Mal cabem aqui duas pessoas lado a lado e estavam cheias de gente. Esperavam aqui, aflitos, quase sem esperança." Ann Ehrenfeld, uma ex-refugiada, lembra aqueles dias, à porta do consulado em Bordéus: "O meu pai desceu as escadas e gritou às pessoas: 'Dêem-me os vossos passaportes.' E elas deram. Ele juntou-os todos num monte e entregou-os a Sousa Mendes. Ele esteve horas e horas de pé a visá-los." "Eram montanhas de documentos — recorda Otto de Habsburgo. E ele, quase sem olhar, pôs os vistos. Para salvar vidas."

Dois irmãos, Sylvian e David Bromberger, regressaram a Bordéus mais de meio século passado sobre a sua fuga para Portugal. "Aqui, em redor desta praça, todos esperavam — dizem. Estávamos ali atrás. Um homem do consulado dirigiu-se ao centro. Trazia um saco cheio de passaportes. Um a um, tirava-os, chamava as pessoas. Não ouvimos os nossos nomes. Ele partiu para dentro. Pouco depois voltou com outro saco. Foi então que nos chamou." Diana Andringa, durante a antestreia do programa, recordou o momento em que os irmãos Bromberger voltaram ao Sudoeste da França, à mesma estrada onde um carro se cruzou com eles, naquele Verão de 1940. Foi assim que descobriram que os pais estavam vivos — porque iam vivos dentro do carro que passava. Há ainda outra mulher que olha a fronteira com Espanha, a linha do comboio que atravessou a pé, o posto onde apresentou o passaporte com o visto português. Está ali sozinha e olha espantada, porque "durante todos estes anos a ponte parecia enorme, parecia maior, e agora é tão pequena."

Aristides de Sousa Mendes regressaria a Lisboa com a família, poucos dias depois dos acontecimentos em Bordéus.

Foi sujeito a processo disciplinar, condenado a despromoção, apenas com metade do ordenado; foi-lhe recusada a hipótese de exercer advocacia, porque ninguém lhe dava ou negava a licença para o fazer. Não seria expulso da carreira diplomática. Para ele, antes a reforma. Foi pior: ficou para sempre no caminho indefinido do esquecimento, sem possibilidade de agir por si mesmo. Um castigo à medida de Salazar. Apenas no final da década de 80 o Ministério dos Negócios Estrangeiros reviu a pena a que o velho ditador o condenara. Nos anos 70, depois de Abril de 1974, já houvera várias tentativas para a revisão do processo. Mas o funcionalismo alegou que Sousa Mendes ainda podia representar um "mau exemplo" para o corpo diplomático português. Muitos anos antes, a um pedido de intercessão junto de Salazar, dirigido por amigos de Sousa Mendes ao cardeal Cerejeira, este recomendou que entregassem o caso às mãos da Nossa Senhora de Fátima; disse-lhes que esquecessem, que rezassem.

"A luz brilhará para sempre enquanto lembrarmos Mendes e outros gentios corajosos, que se recusam a ignorar o mal e actuam de acordo com a sua consciência", diz Henri Zvi, ex-refugiado judeu.

"É um sentimento estranho, saber que devo a minha vida a um herói que nunca conheci, que nunca vi, do qual só recentemente soube que se preocupou comigo, mesmo sem saber que eu existia", confessa um dos irmãos Bromberger. Perto do fim, Diana Andringa vai buscar um velho livro de Direito. Data de 1915 e, entre "os deveres do funcionário", encontra-se aquele que Aristides de Sousa Mendes cumpriu: o dever da desobediência. Ou a obrigação de pensar.

Hoje existe em Lisboa uma rua com o nome de Aristides de Sousa Mendes. Fica na urbanização de Telheiras. Há pouco mais de duas semanas, a placa que a identifica apareceu destruída, cheia de inscrições nazis. ●



Aristides de Sousa Mendes - A história de um homem de Deus. (1993, janeiro 24). *Correio da Manhã*, 34-35.



Anexo 27 | Continuação

Aristides de Sousa Mendes - A história de um homem de Deus. (1993, janeiro 24). *Correio da Manhã*, 34-35.



A casa de Cabanas de Viriato, onde Aristides viveu com a família



Aristides de Sousa Mendes passou vistos de entrada no nosso País a milhares de refugiados, atitude que Salazar encarou como uma "desobediência"

uma "pena" de um a seis meses de suspensão das suas actividades, ou ainda o retorno à anterior categoria profissional, mas Salazar lavra a sentença: irradiação da carreira diplomática, com meio ano de salário.

Sousa Mendes ainda interpôs um apelo ao Supremo Tribunal Administrativo. Tudo foi em vão e dentro em breve a sua (grande) família teria de regressar a Portugal, recorrendo muitas vezes à Cantina Israelita de Lisboa, prevista para refugiados.

Quando chegou a Lisboa, em Agosto de 40, Sousa Mendes verificou que poucos amigos e conhecidos estavam dispostos a ajudá-lo. Os poucos que o faziam, preferiam dar algum dinheiro para o sustento de uma família tão numerosa, agora a braços com uma pobreza conflagradora.

Abandonado por todos, Aristides recebe novo choque: a morte da mulher, alguns anos mais tarde. Casa de novo, desta vez com uma francesa com quem vai viver para Cabanas de Viriato, de onde era natural e onde viria a morrer, em 1954, na miséria.

Triste fim para quem tanto esforço dedicou ao

bem-estar dos outros.

Autora de um romance baseado na vida de Sousa Mendes, "O Cônsul", Júlia Nery falou ao "CM" desta figura de perfil psicológico ímpar: **Ele era um verdadeiro homem de cultura. Formado em Direito, os seus interesses culturais, que tentava transmitir aos filhos, abrangiam várias áreas. Todos eles tocavam algum instrumento e tinham aulas de pintura. Era um homem do mundo, porque percorreu quase todos os continentes, e também um homem de Deus, porque para ele não havia raças mas apenas seres humanos. Tinha um grande sentido ecuménico.**

Beirão de gema, Aristides de Sousa Mendes recebia os amigos com muita hospitalidade. **Abria-lhes a casa, pondo à sua disposição aquilo que tinha e não tinha**, recorda Júlia Nery, para quem o seu espírito de solidariedade foi notável.

O documentário que a RTP transmite hoje foi realizado em colaboração com a France 3 (Aquitaine) e a IBA (Israel), e ao abrigo do Programa Media da CE.

Comunidade judia homenageia Aristides Sousa Mendes por coragem e humanismo. (1993, junho 8). *Correio da Manhã*, 22-23.

COMUNIDADE JUDIA HOMENAGEIA ARISTIDES SOUSA MENDES

A Comunidade Isrealita de Lisboa homenageia hoje Sousa Mendes, o grande diplomata e humanista português, com o descerramento de uma lápide pelo presidente da República, Mário Soares, numa sinagoga de Lisboa. De acordo com o antigo líder da Comunidade Isrealita, Joshua Ruah, "esta homenagem tem somente o sentido de gratidão, e realiza-se nesta altura, porque só agora é que se verificaram as condições para tal, por indisponibilidade deste ou daquele político". Por outro lado, Joshua Ruah observou que não se pretende com isto fazer "pressão sobre o poder político com o intuito de o obrigar a cumprir a lei, indemnizando a família do homenageado". Aliás, observa Joshua Ruah, "a placa que vai ser descerrada já foi encomendada há quatro ou cinco anos". E já que se o tempo tende a tudo apagar, a memória dos homens tende a preservar o que de maior ou pior fizeram.

De facto, longe pareciam ir os dias em que dois telegramas enviados ao Consulado-Geral de Portugal em Bordéus faziam já anunciar o drama de Aristides de Sousa Mendes e respectiva família. Convocado a Lisboa por Oliveira Salazar, que ao tempo acumulava a pasta dos Negócios Estrangeiros com a de Presidente do Conselho de Ministros, o homem que conseguiu salvar a vida a pelo menos 10 mil pessoas, na sua maioria judeus e opositores ao nazismo, viu por este ser-lhe instaurado um processo por "concessão abusiva de vistos em passaportes de estrangeiros", o que pôs termo a uma carreira diplomática iniciada havia 30 anos. O regime, se bem que não se declarasse oficialmente favorável à Alemanha hitleriana, também não desejava hostilizá-la. Daí que o castigo infligido por Salazar a Sousa Mendes não podia ter sido pior. Condenou o diplomata "na pena de um ano de inactividade com direito a metade do vencimento da cate-

goria, devendo em seguida ser aposentado", conforme se pode ler na sentença datada de 30 de Outubro do mesmo ano.

No entanto, face ao exposto, em vez de aposentado, o antigo Cônsul-Geral em Bordéus, viu-se colocado "na disponibilidade aguardando aposentação", facto que o levou a manter até ao fim da vida a vã esperança de vir a ser readmitido ao serviço activo (1).

A vida

Mas quem foi Aristides de Sousa Mendes? Nascido no seio de uma família profundamente católica, Sousa Mendes encontrou sempre refúgio para as adversidades no seio da sua fé. Seu pai, José de Sousa Mendes, juiz de profissão, licenciara-se em Direito e em Teologia na Universidade de Coimbra. Sua mãe, D. Maria Angelina Ribeiro de Abranches descendia da família Roque Ribeiro de Abranches Castelo Branco, dera-o à luz no dia 19 de Julho de 1885 na pequena localidade de Cabanas de Viriato, perto de Mangualde, junto ao grande maciço da serra da Estrela.

César, seu irmão gêmeo, nascera antes da meia-noite. No entanto, as vida dos dois gêmeos estavam, pode-se assim dizer, entrelaçadas desde o nascimento com nós que nunca mais se desatariam.

Seguindo os passos paternos, em 1907, tanto César como Aristides acabariam por se licenciarem em Direito pela Universidade de Coimbra, tendo igualmente ambos enveredado pela carreira diplomática.

Em Maio de 1910, Aristides ocupava o cargo de cônsul de 2ª classe na Guiana Britânica, tendo em 26 de Agosto do ano seguinte sido nomeado Cônsul-Geral em Zanzibar. Ai as dificuldades foram grandes. A começar pelo clima nada favorável, Aristides viu-se a braços com o crescimento da sua família. Quatro dos seus seis filhos nas-

ceram aí. Contudo, as dificuldades não obstaram a que Sousa Mendes conseguisse o respeito das autoridades locais. O sultão não só o condecorou, como concordou em ser padrinho de um dos seus filhos. Mesmo assim as dificuldades ali sentidas não deixaram impelir o diplomata a pedir por várias vezes a sua transferência, o

que só conseguiu sete anos mais tarde. É então colocado em Curitiba, no Brasil, como cônsul de 1ª classe.

Mas as dificuldades de Sousa Mendes e da sua família não tardaram agravar-se. No ano seguinte é suspenso das funções que então ocupava em terras de Vera Cruz e colocado na disponibilidade, o que significava

uma redução substancial nos rendimentos da família. Tudo porque foi considerado como anti-republicano e anti-democrata.

Dois anos depois, a suspensão era levantada e Sousa Mendes parte com a família rumo aos Estados Unidos com o objectivo de dirigir o consulado em S. Francisco, ainda que temporariamente. Ai sua esposa, D. Angelina, dar-lhe-ia dois filhos, aumentando a prol para

jez.

A vida nos Estados Unidos não foi fácil. O cônsul envolveu-se em disputas com alguns notários luso-americanos. As discordâncias entre as partes chegou mesmo à Imprensa local.

Sousa Mendes acusou-os de serem indivíduos com "imensas fortunas ganhas principalmente explorando e enganando os portugueses (...), sacrificando sempre e sistematicamente os interesses de Portugal aos da América, para terem a consideração dos americanos" (2).

Sem mais delongas, retirou aos notários em causa o direito de reconhecer documentos no seu consulado, ou nos vice-consulados dele dependentes. Erro crasso. Numa América onde a livre iniciativa e a riqueza imperavam, era de esperar uma reacção do Departamento de Estado, o que provocou a seu regresso ao Brasil, mas agora ao Maranhão, no ano de 1924. Ai permaneceu, até ter sido chamado em 1926 a Lisboa.

Nesse mesmo ano, a 9 de Julho, o general António Oscar de Fragoso Carmona substituiu, através de um golpe de Estado, o general Gomes da Costa.

Ascensão e queda

Com o início do Estado Novo, Aristides de Sousa Mendes vê a sua carreira receber um novo impulso. O estado de desgraça em caíra é subitamente interrompido com a sua nomeação, em 1927, para o apetecido lugar de Cônsul em Vigo. Esta nomeação atribuiu-a



Aristides de Sousa Mendes salvou a vida a mais de dez mil pessoas a quem passou vistos de entrada em Portugal (Foto de capa de "Injustiça, o caso de Sousa Mendes", Rui Afonso, Editorial Caminho, 1990)

Comunidade judia homenageia Aristides Sousa Mendes por coragem e humanismo. (1993, junho 8). *Correio da Manhã*, 22-23.

HOMENAGEIA

Por coragem e humanismo

S o próprio diplomata a motivos de confiança por parte do regime militar, já que, nas suas próprias palavras, via nele "o funcionário próprio para vigiar e inutilizar os maneios políticos contra a Ditadura"(3).

Mercê da sua confiança no novo regime, Sousa Mendes vê-se, dois anos mais tarde, em Antuérpia, como Cônsul-Geral de Portugal. O posto para além de lucrativo era prestigioso. Porém, só em 1936 é que Aristides de Sousa Mendes e família se mudam para aquela cidade belga. Até então tinham-se quedado por Lovaina, onde nasceram os seus décimo terceiro e décimo quarto filhos. Ai, nada mais, nada menos do que três filhos e três filhas frequentaram a célebre Universidade Católica.

O apreço que grangeou nos meios políticos e diplomáticos belgas, fez com que o rei, Leopoldo III, que o tinha em grande estima, o tivesse condecorado por duas vezes, fazendo-o oficial da Ordem de Leopoldo e comendador da Ordem da Coroa, a condecoração mais alta da Bélgica.

Em 1938 ambiciona o cargo de chefe de missão de segunda classe na legação chinesa ou japonesa. Salazar recusa e transfere-o para Bordéus.

Em Setembro de 1939 começa a II Grande Guerra com a ocupação da Polónia pelos exércitos de Hitler. Quase de imediato, a Grã-Breanha e a França declaram guerra à Alemanha. Os chefes militares franceses depositam toda a sua confiança nas fortificações que constituem a célebre linha Maginot. Contudo, estas fortificações revelaram-se iam impotentes para travar os "Panzer" alemães e a concepção de "guerra relâmpago" que lhes estava subjacente.

Em poucas semanas grande parte da França encontrou-se ocupada pelos exércitos nazis e Pétain vê-se obrigado a instalar um governo colaboracionista em Vichy.

Perante o desenrolar dos acontecimentos, milhares de judeus e opositores ao nacional socialismo vêem-se obrigados a procurar refúgio em países neutros. A Espanha, recentemente saída de uma guerra civil não queria ver-se a braços com os refugiados, pelo que a grande esperança destes era Portugal, quanto mais não fosse como país intermediário. Mas para atravessar território espanhol eram necessários vistos para Portugal. Sousa Mendes não os nega a quem lho rogava. Foram milhares deles que o diplomata português passou entre 17 e 19 de Junho em Bordéus. Contudo, insatisfeito com a acção do cônsul em Hendaye, dirigiu-se àquela cidade fronteiriça onde assumiu pessoalmente as funções, passando mais alguns milhares.

A Salazar e a polícia política ficaram furiosos. De imediato foi instaurado o processo que condenaria o cônsul.

A 13 de Abril de 1954, morria no Hospital da Ordem Terceira, na mais completa pobreza, Aristides de Sousa Mendes.

Em Outubro de 1967, o Estado de Israel entregava, em Nova Iorque, à família Sousa Mendes, uma medalha comemorativa que honrava a memória de seu pai. (4). Entre 1986 e 1988, a par das pressões exercidas sobre o Governo português no sentido da reabilitação do diplomata, muitas organizações judaicas norte-americanas e associações de portugueses nos Estados Unidos e Canadá homenagearam Sousa Mendes. Mas só a 19 de Março de 1988, com a aprovação na Assembleia da República um projecto de lei da autoria do deputado socialista Jaime Gama, Aristides de Sousa Mendes seria reabilitado oficialmente pelo Estado Português.

Notas:
(1) Rui Afonso, *Injustiça*, Editorial Caminho, Lisboa, 1990, p. 137
(2) Cf. Op. cit, p. 25
(3) Cf. Ibidem, p. 27
(4) Cf. Ibidem, pp. 151-152

Anexo 29

A.M. (1993, junho 9). Foi a primeira... . *Público*, 44.



FOI A PRIMEIRA vez que um chefe de Estado esteve na Sinagoga de Lisboa. O pretexto foi a homenagem ao cônsul Aristides de Sousa Mendes que, em 1940, em Bordéus, possibilitou a liberdade a mais de 30 mil pessoas — das quais, cerca de 10 mil judeus — concedendo-lhes visto de entrada em Portugal. Com esse gesto, Sousa Mendes desobedecia a uma ordem de Salazar, sendo demitido da carreira diplomática e morrendo na miséria, em 1954. “Um homem bom e corajoso”, salientou Soares. Que, “perante dois caminhos, escolheu o da justiça, da tolerância e da ética”, acrescentou Joshua Ruah, organiza-

dor da cerimónia. Uma homenagem “muito oportuna”, quando renascem os atentados aos direitos humanos, sublinhou Aristides Sousa Mendes, neto do cônsul. “Prefiro estar com Deus contra os homens a estar com os homens contra Deus”, costumava repetir o cônsul, que se assumia como católico, em defesa da sua atitude. “Kipa” na cabeça, símbolo da mão de Deus sobre cada um, o oficiante e os participantes na cerimónia já tinham pedido, na “haxcabá” [oração em favor dos falecidos], o “repouso absoluto na celestial morada, sob as asas da divina presença” para a alma do falecido. ■ A.M.

“Foi um homem bom e corajoso” - Mário Soares evoca Aristides de Sousa Mendes. (1993, junho 9). *A Capital*, 3.

«Foi um homem bom e corajoso» MÁRIO SOARES EVOCA ARISTIDES DE SOUSA MENDES

O Presidente da República, Mário Soares, exaltou ontem a coragem e bondade de Aristides de Sousa Mendes ao descerrar uma lápida com o nome do ex-cônsul de Portugal em Bordéus na sinagoga Shaarei Tikvah, em Lisboa. «Aristides de Sousa Mendes foi um homem bom, corajoso, que em anos difíceis, de medo e subserviência teve a coragem de desobedecer e dizer não», salientou Soares.

O Presidente da República, que participou na cerimónia com o tradicional «kipa» (barrete que simboliza o respeito pela casa de Deus na tradição judaica) considerou que a sua presença na sinagoga, a assistir a uma «cerimónia religiosa e cívica», como chefe de Estado português teve «um significado muito importante». Falou depois da sua estada, «há uns anos», numa outra sinagoga, em Castelo de Vide e lembrou que durante essa visita teve ocasião «de invocar as perseguições de que os judeus foram vítimas em Portugal, no tempo da inquisição» e de «pedir desculpa a todos os que foram perseguidos».

Durante a cerimónia, um neto de Aristides de Sousa Mendes, falando em representação de todos os seus familiares, salientou a «oportunidade» da homenagem a seu avô, «num momento em que, por todo o mundo, se voltam a assistir a atentados aos direitos humanos».

Recordou os sacrifícios de Sousa Mendes e o lema que o moveu: «prefiro estar com Deus contra os homens do que com os homens contra Deus.»



(Telefoto LUSA/João Trindade)

O Presidente da República durante a homenagem a Aristides de Sousa Mendes: «Depois do 25 de Abril, Portugal reencontrou a mais nobre tradição do universalismo e do respeito para com os outros, seja qual for a sua crença»

Também Joshua Ruah, ex-presidente da comunidade israelita de Lisboa e presidente da comissão organizadora da homenagem frisou o espírito altruísta e generoso de Sousa Mendes, «um homem que perante dois caminhos escolheu o da justiça».

Ao descerramento da lápida com o nome de Aristides de Sousa Mendes na sinagoga Shaarei Tikvah, antecedida por uma breve cerimónia religiosa a que assistiu o rabino

Abraham Assor, assistiu, além do Chefe de Estado e de Maria Barroso, o presidente da Assembleia da República, Barbosa de Melo.

Os embaixadores da França e de Israel em Portugal, o representante do ministro dos Negócios Estrangeiros, Domingos Jerónimo, e o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Jorge Sampaio, foram outras personalidades que se associaram à homenagem.

“Vida de Sousa Mendes orgulha Portugal” diz Soares. (1993, junho 9). *Correio da Manhã*, 40.

40 Cm 9.6.93

'VIDA DE SOUSA MENDES ORGULHA PORTUGAL'

Diz Soares

O presidente da República, Mário Soares, afirmou ontem, durante a homenagem que a Comunidade Israelita de Lisboa efectuou em honra de Aristides de Sousa Mendes, ao descerrar uma lápide evocando a vida e a obra do ex-Cônsul Geral de Portugal em Bordéus, que o homenageado foi “um homem que nos faz sentir orgulho de sermos portugueses”.

Mário Soares sublinhou a importância da sua presença entre a Comunidade Israelita, visto ser “a primeira vez que um chefe do Estado aqui entra, nesta sinagoga quase centenária, e assiste a uma cerimónia religiosa e cívica”, ao mesmo tempo que vinca “o significado de Portugal como uma terra de liberdade e de tolerância em que todas as religiões têm lugar e que o homem sai dignificado”.

Nesse sentido, o chefe do Estado reafirmou que “todos são iguais perante a lei num país democrático e livre”.

Antes da alocução de Mário Soares, fora a vez de um neto do homenageado salientar a postura



Mário Soares descerrando a lápide com que a Comunidade Israelita de Lisboa homenageou o diplomata português que salvou milhares de judeus em plena Segunda Grande Guerra

de Sousa Mendes ao desobedecer a Salazar, fazendo juz ao lema: “Prefiro estar com Deus contra os homens do que estar com os homens contra Deus”.

O presidente da assembleia geral da Comunidade Israelita de Lisboa, Mosés Ayash, em representação do presidente da Comunidade, Max Korn, ausente por motivos de saúde, considerou o homenageado um “símbolo do inconformismo de um homem que não hesitou face hecatombe salvar milhares de judeus”.

Por seu lado, o presidente da comissão organizadora da cerimónia, Joshua Ruah sublinhou a figura do ex-cônsul, afirmando a escolha do caminho da “Justiça, da tolerância, da ética, abandonado o da subserviência”.

Recorde-se que Aristides de Sousa Mendes fez uso das suas funções de Cônsul-Geral de Portugal em Bordéus para salvar dezenas de milhares de pessoas durante o holocausto, designadamente através de concessão de passaportes portugueses a perseguidos pelas forças nazis, entre os quais judeus.

Anexo 32 | Destaque na primeira página

Carrilho, S. (1994, março 9). Aristides de Sousa Mendes - O português que salvou milhares de Judeus. *Nova Gente*, 44-47.



Carrilho, S. (1994, março 9). Aristides de Sousa Mendes - O português que salvou milhares de Judeus. *Nova Gente*, 44-47.

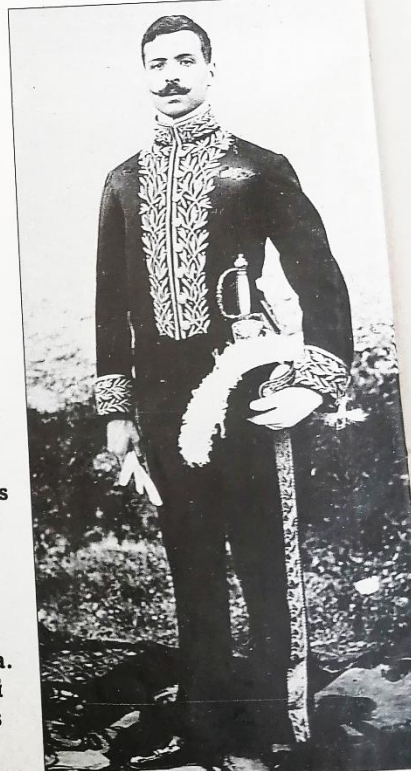
GENTE reportagem



Herói da Segunda Guerra Mundial
ARISTIDES DE SOUSA MENDES

O português que salvou milhares de Judeus

O último filme de Steven Spielberg deu brado e valeu-lhe o Globo de Ouro de 1994 sendo um forte candidato aos Óscares deste ano. A Lista de Schindler narra a vida de um industrial alemão, Oskar Schindler, que salvou mais de mil judeus durante a II Guerra Mundial. O nosso país também teve um herói na época. Aristides de Sousa Mendes — então cônsul-geral de Portugal em Bordéus (sul de França) quando a guerra eclodiu — concedeu, diz-se, cerca de 30 mil vistos de passagem por Portugal, para daí buscarem o porto seguro que a América oferecia. Desobedeceu às ordens de Salazar e pagou por isso. Foi "afastado" da sua actividade diplomática até ao fim dos seus dias. Hoje, e apesar das diversas homenagens à memória daquele homem (efectuadas em vários países), os seus herdeiros ainda esperam pela indemnização decretada em 1988, por decisão da Assembleia na República.



Aristides de Sousa Mendes: um homem nobre, que pagou caro a desobediência a Salazar

Carrilho, S. (1994, março 9). Aristides de Sousa Mendes - O português que salvou milhares de Judeus. *Nova Gente*, 44-47.

ARISTIDES de Sousa Mendes do Amaral e Abranches nasceu em 19 de Julho de 1885 na localidade de Cabanas de Viriato (Concelho do Carregal do Sal, distrito de Viseu). Filho do juiz José de Sousa Mendes e de Maria Angelina Ribeiro de Abranches, Aristides era gémeo de César de Sousa Mendes, que viria a ser, durante nove meses, ministro dos Negócios Estrangeiros de Salazar.

Licenciado em Direito, foi professor e advogado, tendo-se lançado na diplomacia por intermédio do conde de Águeda. Desempenhou cargos diplomáticos em Zanzibar, Brasil, EUA, Antuérpia e Bordéus.

Aristides e Angelina tiveram 14 filhos. Por imperativos profissionais, os filhos de Sousa Mendes tiveram uma infância atribulada, como refere Pedro Nuno, um dos seus descendentes directos: *"A minha infância foi um pouco aqui, um pouco além, visto que meu pai era diplomata; o que o levou a fixar residência em diversos países."*

Pedro Nuno vai relembrando histórias de um passado já longínquo. Algumas dessas recordações conferem-lhe um brilho no olhar e um sorriso no rosto. Como aquela lembrança da época em que a família, numerosa, viajava numa espécie de mini-autocarro que o cônsul comprara para esse efeito.

As histórias de família não se ficam por aí: Pedro Nuno conta que, certa vez, quando o pai pretendeu adquirir outro veículo para a família, ele próprio o ajudou e fez uma espécie de "croqui" do que se pretendia. O projecto seria apresentado à General Motors que não lhes construiu o mini-autocarro mas também não lhes devolveu o projecto.

Apesar da sociedade de então ser completamente diferente da actual, a esposa de Aristides de Sousa Mendes, *"que acompanhou sempre o marido na sua carreira e em toda a parte"*, já conduzia o seu automóvel em 1920, quando estiveram na América.

A Bélgica foi a nação onde



O ex-cônsul de Portugal em Bordéus com a mulher, Angelina, e dez dos seus catorze filhos

a família residiu mais tempo. Aí permaneceram oito anos — o tempo suficiente para que alguns dos filhos do cônsul se diplomassem na Universidade.

Pedro Nuno recorda o pai com muita admiração. *"Foi muito generoso e muito bom para todos nós. Teve, evidentemente, algumas inquietações, mas tentou sempre dar o melhor aos filhos."*

"Uns aproveitaram, outros não, mas foi sempre um pai dedicado."

Só que Aristides de Sousa Mendes não foi só um pai dedicado. Ele foi também um homem solidário, que ficou consagrado em muitos países flagelados pelo exército hitleriano como o "Wallenberg português". Nas palavras do seu filho, *"um homem que fez tudo o que*

ninguém mais fez. Deu a sua vida, a sua carreira, pela causa dos refugiados".

Um terrível dilema

Ironicamente, pensamos hoje, a sua carreira foi afectada pelos seus actos de solidariedade para com os seus semelhantes. Foi um herói da Segunda Guerra Mundial, um homem do qual todos nos devemos orgulhar, porque era português.

Tudo aconteceu no sul de França. Aristides de Sousa Mendes era então o cônsul-geral de Portugal em Bordéus. Quando a Alemanha invadiu a França, em Maio de 1940, milhares de judeus e não-judeus iniciaram uma longa caminhada. O seu destino era Bordéus, onde esperavam obter vistos para os países neutrais, Espanha e Portugal.

Naquela época, o filho do cônsul português, Pedro Nuno — então com 20 anos — estava em Bordéus com o pai. Ele próprio ajudou o pai no envio de telegramas para Salazar mas... *"nunca obtivemos resposta"*.

A data de 10 de Maio de 1940 ficou marcada pelo início de afluência de uma imensa vaga de refugiados ao Consulado português em Bordéus.

"A situação era muito difícil. O meu pai estava numa situação tremenda. Ele sabia que muitos milhares de pessoas poderiam perder a vida."

O cônsul português viveu um terrível dilema: passar *"ilegalmente"* os vistos, infringindo ordens superiores,

NA VÉSPERA DO BOMBARDEAMENTO...

Pedro Nuno Sousa Mendes e a sua prima Maria Adelaide estão casados há 52 anos. Casaram em Junho de 1942, dois anos após a eclosão da Segunda Guerra Mundial. A família de Adelaide encontrava-se em Varsóvia na véspera da cidade ter sido bombardeada por tropas hitlerianas. *"As famílias dos outros diplomatas já tinham saído da cidade. O embaixador americano aconselhou então o meu pai a mandar a família para fora de Varsóvia."* Tal decisão valeu-lhes a vida. A família estava para se refugiar em casa de um amigo judeu. A estrada que teriam de percorrer até à moradia foi totalmente destruída no primeiro bombardeamento. Sairam no último comboio. O destino era Paris. *"Foi uma viagem terrível. Quem se levantasse perdia o lugar. Por isso, tivemos que ir sentados até chegarmos a Paris."* □



Maria Adelaide, casada há 52 anos com o filho do ex-cônsul português, saiu de Varsóvia na véspera da cidade ter sido bombardeada

Carrilho, S. (1994, março 9). Aristides de Sousa Mendes - O português que salvou milhares de Judeus. *Nova Gente*, 44-47.

GENTE reportagem



Um grupo de refugiados pouco antes do embarque que os conduziria ao "porto seguro" que a América lhes oferecia



Assistência, na Gare Marítima de Conde de Óbidos (Lisboa) a refugiados judeus provenientes do campo de concentração de Bergen-Belsen



Embarque de refugiados, em 1943 — num barco fretado pelo American Joint — rumo à América

"Wallenberg português" concedia vistos da liberdade

Recusou grandes fortunas



"Comentou-se no estrangeiro que o Governo de Salazar é que ajudou aqueles milhares de refugiados", diz Pedro Nuno, um dos filhos de Aristides de Sousa Mendes

ou não ajudar os milhares de pessoas que dependiam directamente da sua boa vontade.

Pedro Nuno conta que a situação era de tal modo constrangedora que seu pai esteve de cama três dias, após o que tomou uma decisão: deu ordem aos seus subordinados para conceder os vistos de passagem por Portugal. O próprio cônsul "meteu mãos à obra", ajudando os funcionários do Consulado para que a tarefa se tornasse menos morosa. "O necessário era ter um papel, carimbo e assinatura."

Os refugiados eram aos milhares nos arredores do Consulado português e nem todos eram judeus. Pedro Nuno, testemunha ocular de toda a situação, diz que de entre os milhares de refugiados, alguns eram actores de cinema, escritores, membros da família real da Áustria e de outras Casas Reais...

A ajuda do ex-cônsul aos refugiados não se confinou à passagem dos almejados vistos. A sua casa em Bordéus chegou a albergar inúmeros desconhecidos. Nunca mais tiveram a sala de visitas e até a cozinha foi "ocupada" por um casal de refugiados.

O cônsul português seria mais tarde acusado de "cobrar taxas extraordinárias" pela concessão dos vistos. Mas o próprio Ministério dos Negócios Estrangeiros reconheceu, posteriormente, que os vistos foram passados gratuitamente. A propósito, o filho do ex-cônsul, diz que bastantes pessoas quiseram oferecer verdadeiras fortunas a seu pai mas todas foram recusadas.

"Chegou a comentar-se no estrangeiro que quem ajudou aqueles milhares de refugiados foi o Governo de Salazar e é isso que se tende a esclarecer."

A situação era delicada. "Até se comentou que a Península Ibérica poderia ser invadida pelos alemães. Eles queriam ocupar Gibraltar e, se tal acontecesse, Portugal seria muito incomodado." Esse era mais um dos motivos apontados para que houvesse cautela com a política praticada por Portugal.

Pedro Nuno faz, no entanto, questão de salientar que a atitude do pai não se prendeu com qualquer ideia de desobediência para com Salazar. Até porque o chefe da Nação portuguesa sempre gostou muito da família.

César, irmão gêmeo de Aristides, foi o primeiro ministro dos Negócios Estrangeiros do regime salazarista. Antes da desobediência de Aristides, Salazar chegou a ter longas conversas com o cônsul no seu gabinete.

Mas perante a desobediência de Aristides às ordens emanadas pelo Governo português, desde Novembro de 1939 até sensivelmente Maio de 1940, Salazar não perdoou: a 4 de Julho de 1940 determinou a instauração de um processo disciplinar. As testemunhas de acusação foram Teotónio Pereira, embaixador de Portugal em Madrid, Agostinho Lourenço (director da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado) e Amaldo Lopo Simeão — o cônsul enviado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros aos Consulados de Baiona e Bordéus, onde, como ele afirmou, "se cometiam graves irregularidades".

A decisão final, assinada por Oliveira Salazar a 30 de Outubro de 1940, condenou "o cônsul de 1.ª classe, Aristides de Sousa Mendes, na pena de um ano de inactividade com direito a metade do vencimento de categoria, devendo em seguida ser aposentado".

Carrilho, S. (1994, março 9). Aristides de Sousa Mendes - O português que salvou milhares de Judeus. *Nova Gente*, 44-47.

O ano passado (na Sinagoga da Comunidade Israelita em Portugal) o Presidente da República descerrou uma lápide de homenagem a Sousa Mendes. Uma cerimónia a que não faltaram descendentes do ex-cônsul

Indemnização ainda não chegou

Em Benfica, a placa toponímica de uma rua recorda o grande humanitarista português

Aristides de Sousa Mendes acabaria por falecer (em Abril de 1954) na sua mansão de Cabanas de Viriato, ao lado da mulher que tanto o apoiara, Angelina, e longe dos filhos que aconselhara, entretanto, a emigrar. "Vimo-nos na contingência de partirmos para o estrangeiro. Não havia nada a esperar. Éramos sobejamente conhecidos e como se fôssemos uns malandros."

Por todo o mundo, vivem ainda milhares de pessoas que lhe devem a vida. A França, o Canadá, os Estados Unidos e Israel já o homenagearam diversas vezes. Em Montreal há um jardim com

o seu nome, em Jerusalém uma praça e em Lisboa uma rua que lembram os seus feitos. A primeira homenagem pública por parte das autoridades portuguesas teve lugar em 1987, quando Mário Soares o condecorou, a título póstumo, com a Ordem da Liberdade, por ocasião de uma visita aos Estados Unidos. No ano seguinte, em 1988, foi aprovada (na Assembleia da República) uma lei que reintegrava Sousa Mendes na carreira diplomática, decretando uma indemnização aos seus herdeiros. Vai para seis anos. Estranhamente, a família ainda nada recebeu! A descendência de Aristides Sousa Mendes encontra-se dispersa pelos Estados Unidos, Canadá, Portugal, Bélgica e África — aliás, os países de nascimento de alguns dos seus filhos. Actualmente com 73 anos, o doutor Pedro Nuno é um dos dois descendentes directos do ex-cônsul a residir em Portugal. Reformou-se há 25 anos, da sua actividade no Zaire (Congo Belga) ao serviço do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Bélgica. □

Texto: São Carrilho
Fotos: Helder Maia, Fernando Paulo, Lusa e cedidas por familiares e Sinagoga Israelita

Moisés Ayash "FOI UM HOMEM COM LETRA GRANDE"

"O doutor Sousa Mendes é o marco da indignação e revolta. A única forma que teve de ajudar os judeus, não obstante as instruções rigorosas do Governo de então, foi colocando em risco a sua carreira. Ele não hesitou em deitar-lhes 'a ponte' que era o visto de passagem por Portugal". A afirmação pertence a Moisés Ayash, presidente da mesa da Assembleia Geral da Comunidade Israelita em Lisboa e da Câmara do Comércio Portugal/Israel. Um homem que conheceu Aristides Sousa Mendes após os acontecimentos de Bordéus. O ex-cônsul procurou Moisés Ayash na Rua da Prata, em Lisboa. Ayash era então o secretário-geral da Companhia de Petróleo de Angola e membro da comunidade judaica. "Não me recordo muito bem que idade tinha na altura. Sei que era já um homem com família constituída. Conversámos sobre muitas coisas. Lembro-me inclusive que ele falou de um filho que estava mal; que sofria de uma doença." Questionado sobre a impressão causada pelo ex-cônsul, comenta que uma pessoa que pratica grandes feitos não dá aos mesmos a importância que ele teve na altura. "Foi um herói. Um homem com letra grande. E também sofreu muito. Certas 'questões' políticas são impiedosas." Sobre o motivo que levaria o ex-cônsul a procurá-lo, e sem entrar em grandes detalhes, Moisés Ayash diz ser uma pessoa extrovertida. Que se tornou notado pela sua maneira de ser. "Talvez fosse essa a razão porque me procurou." Nunca mais se viram. Moisés Ayash assistiria, anos mais tarde, a duas homenagens a Sousa Mendes: na Fundação Luso-Americana e na Sinagoga da Comunidade Israelita, em Lisboa. □

"Foi também um homem que sofreu muito. Certas 'questões' políticas são impiedosas", diz Moisés Ayash, presidente da Mesa da Assembleia Geral da Comunidade Israelita em Lisboa

Sousa Mendes homenageado. (1994, maio 21). *Revista Expresso*, 17.

SOUSA MENDES HOMENAGEADO

No Instituto Alemão está aberta, até 16 de Julho, a exposição «Fugindo de Hitler e do Holocausto — Emigrantes em Portugal entre 1933 e 1945», com fotografias e filmes sobre os 100 mil refugiados que fugiram ao nazismo por Portugal. Em Bordéus, França, é hoje homenageado o cônsul português **Aristides de Sousa Mendes**, que salvou cerca de mil judeus à revelia de Salazar.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, SEGUNDA-FEIRA 30 MAIO 1994

SOCIEDADE **25**

SOARES DESCERROU BUSTO DO ANTIGO CÔNSUL PORTUGUÊS

Bordéus recorda Sousa Mendes

«Quem salva uma vida, salva um mundo», tal é a frase inscrita na lápide, ontem descerrada em Bordéus, em homenagem ao cônsul Aristides Sousa Mendes.

ÁLVARO MORNA
Em Bordéus

Uma homenagem de Bordéus e da comunidade judia ao antigo cônsul de Portugal em Bordéus Aristides Sousa Mendes, que, em 1940, salvou 30 mil pessoas, entre as quais dez mil judeus perseguidos pelos nazis alemães.

Uma cerimónia breve que contou com a presença de Mário Soares, personalidades locais, representantes da comunidade judia e dois netos de Aristides Sousa Mendes.

Uma homenagem prestada 54 anos após o antigo cônsul de Portugal ter concedido vistos de entrada em Portugal a milhares de perseguidos pelo nazismo e que vieram em 1940 bater à porta do Consulado de Portugal, como a última esperança de escapar à barbárie.

Contrariando as directivas do Governo de Lisboa onde Salazar acumulava então a Presidência do Conselho e o Ministério dos Negócios Estrangeiros, aquele humanista não hesitou em conceder os

vistos a esses refugiados, muitos dos quais estavam condenados a fazerem a viagem para o inferno dos campos da morte.

Destituído das funções pela ditadura de Salazar, perseguido pelo regime, Sousa Mendes morreu no esquecimento e na miséria em 1954.

Lenta reabilitação termina em 1988

Após o 25 de Abril e apesar de alguma resistência vinda de altos funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros que defendiam o princípio da «intransigente disciplina» a que devem estar submetidos os diplomatas, começou uma lenta reabilitação do antigo cônsul de Portugal em Bordéus.

Uma reabilitação que culminou com a publicação, no *Diário da República* de 16 de Abril de 1988, do decreto que concedia a reintegração diplomática, a título póstumo, de Sousa Mendes.

Foram precisos 48 anos para que justiça lhe fosse feita. A história deste homem foi contada num filme de Diana Andringa e de Teresa Olga apresentado com grande sucesso em antestreia, sexta-feira em Bordéus, e difundido ontem pela televisão francesa.

Um filme, produzido pela TRT e France 3, que retrata através de documentos e testemunhos o estranho percurso de um homem que dizia que preferia desobedecer a outro homem que contrariar a sua consciência.

Um busto oferecido pela comunidade portuguesa residente em Bordéus foi igual-

mente inaugurado naquela cidade cuja edilidade decidiu atribuir o nome de Aristides Sousa Mendes a uma das ruas bordelesas.

Um importante liceu daquela cidade será igualmente baptizado com o nome do antigo cônsul de Portugal em Bordéus.



► MÁRIO SOARES cumprimenta dois jovens após a cerimónia

Melo, A. (1995, março 20). Homenagem a Sousa Mendes. *Público*, 22.

Solidário com os perseguidos do nazismo

Homenagem a Sousa Mendes

"ERA REALMENTE meu objectivo salvar toda aquela gente." "Aquele gente" a que alude Aristides Sousa Mendes eram os milhares de foragidos à tropa hitleriana, que em Maio de 1940 entrara em Paris. Cônsul em Bordéus, Aristides concede vistos de entrada em Portugal a todos os que o solicitam. Salazar aposentou-o compulsivamente.

O descerramento de um "Memorial" da autoria de João Cutileiro, dia 24 de Março, às 17h00, em Lisboa, na gare metropolitana do Parque, ficará a assinalar, impressivamente, a semana de homenagem nacional a Aristides Sousa Mendes — "o homem que nos permitiu continuar vivos", nas palavras de Liesel Spett, uma foragida à perseguição nazi, a quem o cônsul de Bordéus deu o "visto para a salvação".

A homenagem decorre em vários pontos do país, associando locais referenciais da vida de Sousa Mendes com localidades onde a presença judaica em Portugal foi (ou é) uma realidade. É o caso da jornada de hoje, que principia com uma visita à casa materna do homenageado, em Cabanas de Viriato (Carregal do Sal), e se prolonga por uma vista guiada à judiaria e ao centro histórico da Guarda.

Amanhã, o programa prevê uma confraternização com a comunidade judaica de Belmonte, com recepção na sinagoga à comitiva que dos Estados Unidos se deslocou expressamente a Portugal para participar nesta iniciativa da Fundação Pro Dignitate. Participam na homenagem, além

A acção de Aristides Sousa Mendes só na década de 90 começou a ser divulgada, com os trabalhos editoriais de Rui Afonso, "Injustiça: o caso de Sousa Mendes" (Caminho, 1991) e Júlia Nery, "O Cônsul", (Dom Quixote, 1991), a que se acrescentou, em 1993, o excelente documentário televisivo de Diana Andringa, "Aristides de Sousa Mendes o Cônsul Injustiçado", apresentado na TV 2 na noite de 24 de Janeiro de 1993.

O que sobressai destes trabalhos é a determinação com que Sousa Mendes assume as suas responsabilidades pelo que fez em Bordéus. Invoca sempre, face às ameaças que lhe faz o embaixador Theotónio Pereira, primeiro, e, depois, aos castigos disciplinares impostos por Salazar o seu duplo dever, como diplomata, de defender os seus compatriotas e socorrer, em função dos meios, todos os que se acolhessem à hospitalidade e protecção do país que representava. De resto, foi o que ainda muito recentemente ocorreu em Djakarta, quando um grupo de timorenses procurou refúgio na embaixada norte-americana.

No documentário de Diana Andringa esta situação é ilustrada com a citação de duas normas de conduta legal, uma de 1916, de J. M. de Magalhães Colaço, sobre "A desobediência dos funcionários administrativos e a sua responsabilidade criminal"; a outra, assinada pelos juizes do Supremo Tribunal Administrativo, Coelho de Carvalho, Almeida Ferrão e Azevedo

pam na homenagem, além da delegação norte-americana, diversas associações públicas portuguesas e internacionais, como a Associação Académica de Coimbra e a Fundação Luso-Americana, câmaras municipais e instituições privadas, designadamente o Cinema Tivoli e Filmes Lusomundo.

Castelo de Vide, com visita à sinagoga e à velha judiaria, preenche a jornada de quarta-feira, após o que o programa das evocações se desloca para Tomar. No dia 24, quinta-feira, depois de um percurso em Tomar que inclui a sinagoga que Samuel Schwartz, nos anos 20, recuperou e dotou com um Museu Hebraico, as cerimónias centram-se em Lisboa. À noite, no Tivoli, decorrerá uma sessão evocativa com a presença do Presidente da República.

Além dos discursos esclarecendo o papel desempenhado por Sousa Mendes na II Guerra Mundial, a sessão inclui uma parte de intervenção artística. O programa indica a participação do Grupo de Teatro, de Carlos Avilez, da Orquestra Metropolitana de Lisboa, de Tunas Académicas e a projecção de filmes.

Almeida Ferrão e Azevedo Souto, de Junho de 1941, que negaram provimento ao recurso de Sousa Mendes contra a sanção disciplinar que Salazar lhe impusera.

"Quando se convençam [os funcionários] de que a ordem não reúna todos estes requisitos [legais e que estejam dentro das competências de quem dá a ordem e quem a recebe], têm o dever de desobedecer", escrevia Magalhães Colaço. Foi isso que fez o cônsul de Portugal em Bordéus, ao não reconhecer competência ao superior hierárquico que, em Maio de 1940, lhe enviou uma directiva para não conceder vistos a "pessoas impuras" ou "a gente suspeita de actividades antinazis".

Uma atitude que terá permitido salvar cerca de 30 mil pessoas, perseguidos pelas tropas de Hitler, pois Sousa Mendes não fingiu ignorar a existência dos campos de concentração nazis. Não hesita em dizê-lo aos seus superiores hierárquicos, em defesa da sua atitude: "Se caíssem nas mãos do inimigo — todos eles seriam submetidos ao duro regime dos campos de concentração." ■

António Melo

25 • MARÇO • 95

Liberdade e ausências do PSD

Os valores da liberdade e da resistência à opressão foram homenageados nas figuras de Humberto Delgado, Salgueiro Maia e Aristides de Sousa Mendes. Cavaco Silva e o 'poder laranja' não quiseram associar-se

JOSÉ PEDRO
CASTANHEIRA

HUMBERTO Delgado, Salgueiro Maia, Aristides de Sousa Mendes. Todos eles têm, em comum, o facto de se terem oposto — cada um à sua maneira — à ditadura que caiu a 25 de Abril. Todos eles hão-de figurar, com toda a probabilidade, na lista dos heróis portugueses deste século. Os três foram homenageados em cerimónias presididas por Mário Soares. O primeiro-ministro não esteve presente em nenhuma, enquanto o Governo e o partido maioritário quase não deram sinal de vida.

«O maior herói português» — Aristides de Sousa Mendes foi assim classificado, com compreensível exagero, pelo seu 13.º filho, João Paulo Abranches, ao receber das mãos do Presidente da República a Grã-Cruz da Ordem de Cristo, a mais antiga condecoração nacional. O antigo cinema Tivoli, em Lisboa, encheu-se na noite de quinta-feira na sessão de encerramento da homenagem nacional ao ex-cônsul de Portugal em Bordéus.

Desrespeitando as ordens emanadas do Ministério dos Negócios Estrangeiros (à época, tutelado pelo próprio presidente do Conselho, Oliveira Salazar), Sousa Mendes concedeu vistos de entrada em Portugal a cerca de trinta mil pessoas — muito especialmente judeus — que fugiam da perseguição movida pelos nazis no início da Segunda Guerra. À luz da História, sabe-se que foi um gesto salvador. No entanto, o cônsul viria a ser severamente punido por Salazar — processado disciplinarmente, viria a ser demitido da carreira diplomática. Morreu em 1954 «na miséria» — como acentuou, na quinta-feira, o poeta David Mourão-Ferreira.

A homenagem foi organizada pela Fundação Pró Dignidade, presidida por Maria Barroso. Por estranho que pareça, o Governo esteve completamente à margem da iniciativa, à qual se associaram várias personalidades e organizações de França, Estados Unidos e Israel. O facto, aliás, já fora criticado pela presidente da

«Aristides de Sousa Mendes Society», Carolina Matos, ao discursar na terra natal do cônsul, Cabanas de Viriato (Carregal do Sal). A este lamento juntou-se o conde Botelho, Nuno de Medeiros, outro dos impulsionadores da homenagem, que considerou «vergonhoso» o facto do Governo ainda não ter indemnizado a família do ex-cônsul.

Soares demarca-se de secretário de Estado...

Para a sessão do Tivoli, não estava anunciada a presença na mesa de nenhum membro do Governo. Apareceu, no entanto, o secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, prontamente convidado pelos organizadores a usar da palavra. O presidente da Câmara de Lisboa, Jorge Sampaio, manifestou mesmo a intenção de dar o seu lugar ao governante, mas Soares fez ver que todos pudessem discursar.

Num curto improviso, Luís Sousa Macedo afirmou, «em nome do Governo», que tinha «a maior honra em associar-se» à homenagem. O secretário de Estado, que é o responsável pela rede consular, louvou o gesto de Aristides, «independentemente do juízo sobre o cumprimento formal das suas funções» enquanto funcionário do MNE.

Mário Soares não gostou desta ambiguidade e fez questão de o dizer publicamente. Usando da palavra logo a seguir ao secretário de Estado, reservou as suas primeiras palavras para se demarcar do governante. Para o chefe de Estado, que também foi titular do MNE, o cônsul em Bordéus «foi não somente um homem bom e generoso — ele teve a coragem de desobedecer a ordens iníquas».

Soares enalteceu ainda dois outros diplomatas que, nos seus postos na Europa do holocausto, seguiram as pisadas de Aristides — Carlos Almeida Sampaio Garrido e Alberto Teixeira Branquinho —, ao mesmo tempo que anunciava a sua condecoração, a título póstumo, para breve. Sobre os três diplomatas que não acabaram as ordens superiores,



Mário Soares ao entregar, anteontem, a Grã-Cruz da Ordem de Cristo ao filho de Aristides de Sousa Mendes: uma homenagem a um herói português deste século

Soares enfatizou que «soberam cumprir o seu dever em circunstâncias difíceis».

O Presidente não ficou por aí e atribuiu a Sousa Mendes uma segunda condecoração: à Ordem da Liberdade, já concedida em 1987 aquando de uma homenagem realizada nos Estados Unidos, juntou agora a Grã-Cruz da Ordem de Cristo. Uma insígnia que, independentemente da sua justiça, parece significar uma crítica velada ao Governo, considerado o principal responsável pelo atraso, vai para sete anos, na concessão de uma indemnização à família, aprovada por decisão votada pela Assembleia da República.

... e critica Alegre

Dois dias antes da homenagem a Aristides, realizou-se a sessão de lançamento de uma biografia de Salgueiro Maia — o capitão Branquinho —, ao mesmo tempo que anunciava a sua condecoração, a título póstumo, para breve. Sobre os três diplomatas que não acabaram as ordens superiores,

presentante do espírito da revolução dos cravos, Maia morreu com um cancro em 1992, em circunstâncias que provocaram uma enorme controvérsia. Com efeito, e apesar de um parecer unânime favorável do Conselho Consultivo da Procuradoria-Geral da República, o Governo recusou-se a atribuir ao militar uma pensão vitalícia, por serviços distintos. Na mesma altura, porém, o Executivo concedeu uma pensão semelhante a dois responsáveis da extinta PIDE/DGS, a política política do regime derubado em 25 de Abril.

Este facto foi devidamente salientado por Manuel Alegre, um dos oradores da sessão com que as editoras Círculo de Leitores e ASA assinalaram a promoção do livro, da autoria do jornalista António de Sousa Duarte. Presentes, o Presidente da República e o presidente da Assembleia da República, o social-democrata Barbosa de Melo.

Revelando alguma incomodidade, o Governo optou por não se fazer representar na cerimónia, no que

dapê» ao discurso do deputado socialista. «A revolução portuguesa não é uma revolução perdida nem traída», acentuou o Presidente, sem, no entanto, deixar de reconhecer que «há uma contracultura da liberdade em Portugal».

Horas antes, Soares presidiu a uma outra sessão de homenagem: desta vez, ao professor Alfredo de Sousa, falecido no ano passado num acidente de viação. Promovida pela Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa, de que Alfredo de Sousa foi o primeiro director, a sessão contou com as presenças da ministra da Educação, Manuela Ferreira Leite, e do ministro da República para os Açores, Mário Pinto — ambos amigos íntimos do homenageado. Notada foi a ausência do primeiro-ministro, Cavaco Silva, que também não enviou qualquer mensagem — ao contrário, por exemplo, do ministro da Indústria, Mira Amaral.

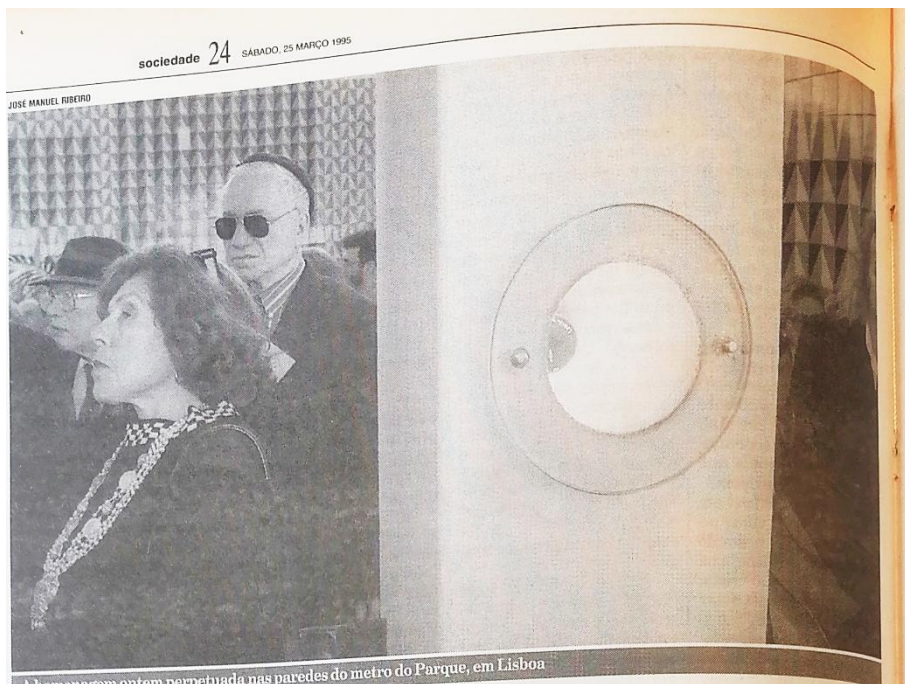
Formados ambos pelo ISCEF, companheiros no PSD e colegas, enquanto professores, na Universidade Nova de Lisboa, Sousa e Cavaco divergiram quanto à orientação a ser dada à política económica. Nos últimos anos, Sousa passou mesmo a ser um crítico implacável da gestão de Cavaco Silva. Traçando o perfil do professor defunto, o ex-ministro das Finanças, Miguel Belez, acentuou o seu carácter de «independente até à rebeldia, antes de mais um homem livre».

Já no mês passado Cavaco Silva não se associara à homenagem nacional ao general Humberto Delgado, por ocasião do 30.º aniversário do seu assassinio por uma brigada da PIDE. Na inauguração do monumento que assinala o local onde Delgado foi encontrado morto, o Governo fez-se representar pelo ministro da Justiça e pelo secretário de Estado da Defesa.



PARA
BASTA C

Melo, A. (1995, março 25). O cônsul de Bordéus à espera de justiça. *Público*, 24.



A homenagem ontem perpetuada nas paredes do metro do Parque, em Lisboa

Palavras comoventes e uma condecoração na homenagem a Sousa Mendes

O cônsul de Bordéus à espera de justiça

António Melo

Suspenderam-no da função consular em 1940. Morreu em 1954 clamando justiça. Fê-la a Assembleia da República, em 1988, ao votar a reintegração profissional, a título póstumo. Nos Negócios Estrangeiros, porém, o processo aguarda despacho. Enquanto aguarda, Sousa Mendes foi graciado com a Grã-Cruz da Ordem de Cristo.

Aristides de Sousa Mendes foi recordado, saudado, elogiado e condecorado na sessão evocativa realizada na noite de quinta-feira no Tivoli, em Lisboa. Houve momentos de emoção, foi o caso da intervenção dos jovens do Grupo de Teatro de Cascais, e outros de vibração, designadamente quando o Presidente da República entregou a João Paulo, 13º filho de Sousa Mendes, a Grã-Cruz da Ordem de Cristo.

A vida de Sousa Mendes foi uma odisséia, desde que em Maio de 1910 assumiu o cargo de cônsul na Guiana Britânica. Em Outubro desse ano a monarquia é abolida e Sousa Neves não faz, como muitos outros, proclamações públicas de adesão ao regime republicano. Esse não é o seu estilo e nunca será. Age em consciência, mesmo quando publicamente lhe apontam erros de uma atitude individualista. Foi assim em 17 de Junho de 1940, quando, cônsul em Bordéus, tem conhecimento que milhares de foragidos da ocupação nazi chegam àquela cidade francesa. Pedem-lhe o visto que lhes permita atravessar a Espanha, chegar a Portugal, buscar refúgio nos EUA.

Entre o dever de cônsul e a directiva recente, que lhe diz para não conceder vistos a "pessoas impuras" nem "a gente suspeita de actividades antinazis", trava-se um drama de consciência que o deixa prostrado no leito durante 48 horas. Quando decide erguer-se, a decisão está tomada. Ele tem obrigações de cônsul. Recordar-se do ditame de Montesquieu, citado por David Mourão Ferreira, um dos oradores da sessão: "Se tiver conhecimento de algo que possa ser útil à França e prejudicial à Europa dele não farei uso; e do mesmo modo agirei se esse conhecimento for útil à Europa e prejudicial ao género humano".

Age dentro das suas competências e nas 48 horas seguintes concede os vistos que pode a todos os judeus e perseguidos do nazismo. Quantos foram não se sabe, talvez 30 mil. Salazar, que então acumulava a Presidência do Conselho com a pasta dos Negócios Estrangeiros, envia Teotónio Pereira a Bordéus, com a missão de suspender o cônsul e instaurar-lhe um processo disciplinar.

Suspenso por um ano, é, a seguir, aposentado compulsivamente. Protesta e apela aos tribunais, mas em 1941, os juizes Carvalho, Ferrão e Souto, do Supremo Tribunal Administrativo, indeferem-lhe o requerimento.

Não à iniquidade

"Teve a coragem de dizer 'não' à iniquidade; mostrou essa capacidade que faz a grandeza da condição humana" — disse Mário Soares, no elogio ao homenageado. "Excepcional não devia ter sido a atitude de Sousa Mendes ao salvar 30 mil vidas. Excepcional é ter tido possibilidade de as salvar e nada ter feito", disse mais adiante, considerando imperativo citar o nome de dois outros diplomatas que tiveram atitude idêntica: Sampaio Garrido e Carlos Branquinho (cuja acção em Budapeste

foi revelada pelo PÚBLICO em 27/3 e 3/4 de 1994).

Excepcional e "iníquo", acentuou o Presidente da República, "foi o regime de Salazar, que durou 40 anos, e o da Inquisição, no século XVI", expulsando o judeus de Portugal. "Um acto, sublinhou, pelo qual [o Presidente da República] já pediu publicamente desculpas à comunidade judaica".

"Da comunidade judaica e por ela" falou Joshua Ruah. "É um enigma o sofrimento dos justos", comentou o representante da comunidade judaica, dando por exemplo Sousa Mendes, que "viu a própria família cair na miséria" por ter sido justo. Podem os homens decidir "em livre arbítrio" das suas acções, ou há "uma predestinação" que determina o sofrimento e a felicidade? Ruah escolheu a primeira proposta, mesmo no caso de Sousa Mendes, em que o absurdo parece ser a única explicação. O acto que Sousa Mendes conscientemente assumiu foi o da "troca da sua liberdade pela de milhares de pessoas".

Uma decisão "que ia contra a corrente" e "naquele momento foi muito difícil", salientou Jorge Sampaio, numa declaração breve, acrescentando serem "estes momentos que fazem a história da humanidade".

Coube a Maria Barroso, presidente da Fundação Pro Dignitate, organizadora da homenagem nacional a Sousa Mendes, abrir a sessão, insistindo na "referência cívica" que para todas as gerações, com destaque para as mais novas, é Sousa Mendes.

Foi último orador o décimo-terceiro filho do cônsul de Bordéus, João Paulo, a residir há muitos anos nos EUA, a quem coube agradecer a condecoração que o Presidente da República depusera nas suas mãos. Falou singelamente, reclamando para seu pai o título de "herói nacional". Dele se pode dizer que "salvara vidas", em contraste com

outros vultos da nossa história que "para ela entraram como heróis, é certo, mas por motivos muito diferentes".

A frase ausente

Foram muitos os discursos, uns breves, outros menos. Alguns tiveram a medida exacta, como o do o secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, Sousa Macedo. A crer em comentários e declarações feitas no intervalo da cerimónia, faltou-lhe, contudo, uma frase que, a existir, teria feito dele o "discurso" da noite e não "mais" um, como de facto ocorreu.

O secretário de Estado do MNE acentuou o papel indispensável da rede consular no apoio à diáspora portuguesa e, também, a todos os seres que necessitem de ajuda e esteja ao alcance do cônsul fazê-lo, seja qual for o credo ou raça.

A função consular, comentou, não tem a projecção das grandes manobras diplomáticas, o que a torna ainda mais meritória. O perfil exemplar de cônsul que o secretário de Estado traçou talhava, frase a frase, o de Sousa Mendes. Sobre o homem disse que "era bom, generoso, dele se podendo dizer que fez seu apátnio um dos maiores valores da humanidade: a solidariedade".

Distinguido o funcionário, enaltecido o homem, aguardante o auditorio que o governante concretizasse a admiração que o MNE tinha por ele. Que mais não fosse, o anúncio ministerial da reintegração nos serviços consulares, consagrando, na prática, o voto deliberativo — mas não executivo — da Assembleia da República. Nesse passo do discurso, porém, as frases foram confusas, só dando para perceber que "para além das dificuldades administrativas" o que contava era o "exemplo de dignidade" do cônsul de Bordéus. ■

Aristides Sousa Mendes. (1995, março 25). *Diário de Notícias*, 22.

ARISTIDES SOUSA MENDES A Fundação Pro Dignitate prestou uma homenagem nacional a Aristides de Sousa Mendes, o cônsul em Bordéus que salvou milhares de judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Na



homenagem, realizada na noite de quinta-feira num cinema lisboeta, estiveram presentes, entre outros, Maria Barroso, presidente da Fundação Pro Dignitate, Mário Soares e cerca de 50 personalidades da comunidade judaica

americana.

Granada, N. (1995, março 26). Português que salvou 30 mil recordado na Estação Parque. *Correio da Manhã*, 10-11.

10 Cm 26.3.95

Metro de Lisboa homenageia herói da Humanidade

PORTUGUÊS QUE SALVOU 30 MIL RECORDADO NA ESTAÇÃO P



O Metropolitano de Lisboa perpetua, na Estação Parque, a memória de Aristides de Sousa Mendes, o diplomata português que salvou das garras do Nazismo 30 mil foragidos de guerra, entre os quais mais de 10 mil judeus.

No ato da Estação, à direita de quem entra, eis um óculo melido numa base. Espanta-se pelo óculo. Dentro, uma medalha põe em evidência a memória de Aristides de Sousa Mendes.

Autor: João Cutileiro.

Assim a homenagem, numa estação do Metro de Lisboa cujo tratamento estético é exactamente dedicado ao tema universalista dos Direitos do Homem, ao heroísmo de um cidadão que, apiedado da sorte de muitos milhares de pessoas e contrariando as ordens do Governo de Salazar, deu apenas voz ao imperativo da sua consciência humanista.

A que preço? Comprometeu para sempre a carreira diplomática, sepultou o seu futuro e o futuro dos seus filhos e acabou por morrer na miséria.

O desceitar do simples mas significativo monumento a Sousa Mendes foi participado por dezenas de pessoas. Estavam dois filhos, Pedro Nuno, que veio da América, e João Paulo, de Lisboa, além de mais de doze netos e bisnetos e três sobrinhas. Um dos sobrinhas, José Augusto Alpoim, recordou-nos o em Portugal, depois do seu acto heroico a favor de tantos milhares de pessoas: «O meu falecido pai, engº Sousa Mendes, então na CUF, ajudou-o muito, com dinheiro, como podia...»

Os filhos foram unânimes: «Estamos muito felizes. Finalmente, a nossa terra faz justiça à família Sousa Mendes».

Estavam ainda numerosos norte-americanos, a maioria descendentes de pessoas salvas por Sousa Mendes, elementos da «Sociedade Aristides de Sousa Mendes», da «Fundação Pro Dignitate» e representantes da Comunidade Judaica em Portugal.

«Macabro holocausto»

«A história cumpriu-se, o macabro holocausto violento de forma indescritível direitos humanos inalienáveis, mas a nossa memória colectiva, infelizmente, é demasiado curta e volátil», afirmou o presidente do Metropolitano de Lisboa, engº Consiglieri Pedroso.

«É muito gratificante para o Metropolitano de Lisboa» acrescentou — que nesta nossa Estação Parque, cuja intervenção plástica foi dedicada ao tema da Declaração Universal dos Direitos do Homem, tenha hoje lugar uma simples mas sentida homenagem a uma grande portuguesa da nossa História Contemporânea, por demais desconhecida da maior parte dos cidadãos do nosso país, não obstante a sua dimensão humanista e o papel

importante que, corajosamente, desempenhou numa fase dramática da vida da Humanidade».

«Retiro-me a Aristides de Sousa Mendes que, na qualidade de cônsul do nosso país em Bordéus e com risco da sua própria vida, salvou muitos milhares de judeus da grande tragédia que foi, no âmbito da 2ª Guerra Mundial, o terrível holocausto».

«Se alguns de nós, mais velhos e mais esclarecidos, conhecemos os factos e os contornos trágicos dessa fase negra do Mundo em que vivemos, a questão é que a maior parte dos nossos jovens e dos nossos conterrâneos em geral não têm uma noção precisa do que foram esses tempos de dor e de sofrimento», sublinhou Consiglieri Pedroso.

«A cerimónia que hoje está aqui a ter lugar tem também, por isso mesmo, uma dimensão pedagógica orientada para as novas gerações, os filhos dos nossos filhos, os futuros cidadãos de um mundo que desejamos mais justo e mais fraterno».

«A peça escultórica que ficará permanentemente inscrita nesta Estação, da autoria de João Cutileiro — a cujo talento rendo o preito da minha admiração —, evocará um homem que foi, seguramente, um dos nossos grandes», concluiu.

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, dr. Jorge Sampaio, destacou a obra realizada pelo Metropolitano na cidade, visando o seu progresso, e o papel cívico e cultural da Estação Parque, «dedicada, como é, aos Direitos do Homem», com palavras de apreço para a obra de João Cutileiro que eterniza «a coragem e o exemplo de Aristides de Sousa Mendes em prol da Humanidade».

«Por esta estação passam vagões de homens e mulheres, vagões de adolescentes», disse a dra. Maria Barroso, para formular o voto de que «eles procurem saber que homem é aquele naquela medalhinha».

Depois de citar o poeta inglês que disse «Eu pertencio à Humanidade!», Maria Barroso observou: «Foi isso que Aristides de Sousa Mendes fez, salvando 30 mil pessoas da intolerância e do ódio — da morte».

Quem era?

Aristides de Sousa Mendes do Amaral e Abranches nasceu a 19 de Julho de 1865 em Cabanas de Viriato (Mangualde), filho do juiz José de Sousa Mendes e de Maria Angelina Ribeiro de Abranches Castelo Branco. Com seu irmão gêmeo, César, licenciou-se em Direito em Coimbra (1907). Casou com Angelina de Sousa Mendes, da qual teve 14 filhos. Em 1910, ingressou na carreira diplomática.

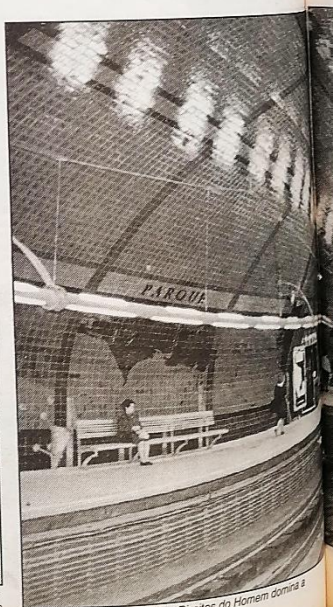
Foi cônsul em Demarara (Guiana Britânica), Zanzibar, Curitiba, São Francisco, Maranhão, Porto Alegre, Vigo, Antuérpia e Bordéus, nesta cidade de França a partir de 1.8.1938.

O que dele se sabe como homem é que era católico conservador, de simpatias monárquicas, determinado nas suas opções e chefe de família extremo que arrostava trabalho e dificuldades materiais para que pão e educação não faltassem à numerosa prole.

Como funcionário consular, demonstrou competência escrupulosa na defesa dos interesses de Portugal. Rui Afonso, no livro «Injustiça», editado pela «Caminho» em 1990, refere que uma «prova do zelo de Sousa Men-



Consiglieri Pedroso, ladeado por Maria Barroso e Jorge Sampaio: «É gratificante para o Metropolitano homenagear um grande português»



A Declaração Universal dos Direitos do Homem domina a remodelada Estação Parque



A tradição humanitária de Portugal, que Sousa Mendes respeitou imolando a sua carreira diplomática, pode evocar-se nesta foto de 1914: crianças alemãs, fugidas à 1ª Guerra Mundial, posam no Parque Rainha D. Leonor, nas Caldas da Rainha

Granada, N. (1995, março 26). Português que salvou 30 mil recordado na Estação Parque. *Correio da Manhã*, 10-11.

30 MIL PARQUE

des são os não menos de 38 mil judeus, principalmente sobre temas comerciais, por ele elaborados enquanto esteve em Zanzibar. Nesses estudos sugeriu vias para aumentar o comércio português na África Oriental Britânica. Efectuou à sua própria custa viagens a Tanga, Dar-es-Salaam, Mombassa e Nairobi, para falar do comércio português. Aprendeu mesmo a falar swahili.

Pelo que se sabe, não foi afortunado como diplomata, achando reverses advindos de manobras políticas forçadas em Lisboa, sindicâncias, suspensões... O que mais engrandecia o seu nobilíssimo gesto de, numa hora negra e decisiva, ter salvado milhares de homens, mulheres e crianças das botafarras hitlerianas que então esmagavam uma Europa atônita e crispada.

É sabendo, como sabia, que a sua incrível coragem iria ser paga não com a morte -- que em certos casos tudo apaga e esquece --, mas com o holocausto da sua própria vida.

Em 1918, era cônsul de 1ª classe em Curitiba, Brasil. No ano seguinte, é suspenso das funções por ser considerado anti-republicano e anti-democrata. Dos anos depois, a suspensão é levantada e segue para São Francisco (EUA) para chefiar o consulado português.

Mais problemas: o cônsul não aguentou a influente uso-americanismo. Acusaram-no de serem pessoas -- com inensas fortunas -- ganhas principalmente explorando e enganando os portugueses (...), sacrificando sempre e sistematicamente os interesses de Portugal aos da América, para terem a consideração dos americanos.

Esta posição de força levava ao seu retorno ao Brasil, em 1924, cônsul no Maranhão. Ali permaneceu até 1926, ano em que foi chamado a Lisboa, devido ao 28 de Maio que implantou o Estado Novo.

Nos primeiros anos, o Governo de Salazar concedeu crédito diplomático a Aristides de Sousa Mendes, dado que o seu perfil conservador servia os desígnios do novo regime. Em 1927, segue para Vigo (Espanha), ainda vice-cônsul. Dois anos mais tarde, em 1929, em Antuérpia (Bélgica), agora cônsul-geral. O seu papel de diplomata consciencioso e activo é reconhecido pelo próprio rei Leopoldo III, que o condecorou duas vezes: Oficial da Ordem de Leopoldo e Comendador da Ordem da Coroa, esta a mais alta condecoração belga.

Em 1938, é transferido para o consulado em Bordéus. A II Grande Guerra avizinhava-se...

A peça da autoria de João Cutileiro, na Estação Parque. Quem passa, espanta pelo óculo... e vê a medalha evocativa de Aristides de Sousa Mendes

Maginot -- para travar o avanço das tropas hitlerianas. Em vão. A 13 de Maio de 1940, em poucas semanas, grande parte do território francês é tomado de assalto pelos blindados "Panzer" que introduzem uma técnica de "guerra relâmpago". Centenas de milhares de famílias procuram refúgio no Sudoeste de França. Entre estas, milhares de judeus.

Aqui começa a gesta heroica de Aristides de Sousa Franco, embora os sinais do seu espírito de solidariedade se apercebam antes. De acordo com o Reeser Erlich, jornalista de Oakland, Califórnia, autor de um livro sobre a figura e obra do cônsul português, "mesmo antes da invasão alemã, ele fez tudo o que era possível para ajudar os refugiados a encontrarem segurança".

Norbert Gingold, judeu austríaco, em 1939 estava num campo de refugiados em França. Hoje, vive em São Francisco, na Califórnia. "Mendes visitou-nos várias vezes no campo de refugiados, próximo de Bordéus. Pedia aos franceses para nos deixarem sair dali com destino a Portugal, o que foi negado".

Pouco depois da eclosão da Guerra, o Governo de Lisboa ordenou o heroísmo de seu pai e pela sua reabilitação como diplomata injustamente tratado pela máquina política de Lisboa.

Negócios Estrangeiros de Salazar, encontrava-se em Bordéus nesses dias conturbados. Registou a fala amargurada do irmão: "Não posso permitir que estas pessoas morram. Muitos são judeus e a nossa Constituição diz que a religião ou a política devem ser usadas para lhes recusar o refúgio em Portugal".

Ante o drama dos refugiados e a ordem de Salazar, Mendes enveredou pelo heroísmo: "Decidi seguir este princípio, mesmo que seja cristão, como manda a minha consciência".

Entre 16 e 18 de Junho de 1940, sem tréguas nem para dormir, Mendes, o seu filho Norbert e o funcionário consular José da Silva Ferreira de Seabra, ainda vivo, passaram mais de 30 mil vistos. Ofereciam-lhe grandes quantias, jóias, peças de ouro... O cônsul português nada aceitou.

Entre 16 e 18 de Junho de 1940, sem tréguas nem para dormir, Mendes, o seu filho Norbert e o funcionário consular José da Silva Ferreira de Seabra, ainda vivo, passaram mais de 30 mil vistos. Ofereciam-lhe grandes quantias, jóias, peças de ouro... O cônsul português nada aceitou.

Um português intempestivo, repentinamente "enlouquecido" pela paixão do Homem, crucificava-se em vida -- para salvar. A ritmo febril, assumia e cancelava o novo destino de milhares de refugiados. Era a liberdade! A liberdade!

D. Angelina, a mulher de Mendes, desdorava-se em cuidados para com os refúgios, como podia, a cuidando, no consulado, dos mais doentes, das crianças...

O episódio de Bayonne

Quando o Governo de Lisboa soube da incrível desobediência do seu cônsul-geral em Bordéus, enviou a uma comissão de dois agentes para o trazerem de volta.

Acompanhado da família, o cônsul acatou a ordem. Mas, ao passarem por Bayonne, localidade francesa já perto da fronteira com Espanha, Mendes ficou surpreendido: milhares de refugiados esperavam, junto ao nosso consulado, vistos de entrada em Portugal. Desembarçando-se dos agentes, autoritário, entrou no edifício e clamou:

'Quem salva uma vida, salva o mundo inteiro'

Os filhos de Aristides de Sousa Mendes nunca deixaram de esforçar-se pelo reconhecimento público do heroísmo de seu pai e pela sua reabilitação como diplomata injustamente tratado pela máquina política de Lisboa.

Em 1951, o filho Sebastião Mendes fez sair nos Estados Unidos um livro a relatar a acção do pai a favor dos refugiados. A filha Joana escreveu ao então ministro dos Negócios Estrangeiros português a solicitar a revisão do processo de seu pai. Sem resposta. Não parou: pediu a judeus que ele ajudara em Bordéus depoimentos para o Museu do Holocausto (Yad Vashem) em Jerusalém. Enviou também uma carta a Ben-Gurion, primeiro-ministro israelita, a descrever a entrega total de seu pai à causa dos judeus em fuga ao nazismo.

O gabinete de Gurion, em 1961, informou Joana de que Israel plantara 20 árvores em memória de Aristides de Sousa Mendes, na Floresta dos Mártires em Jerusalém, frente ao Museu do Holocausto.

Em Outubro de 1967, Israel entregava à família Sousa Mendes, em Nova Iorque, a mais alta distinção da Yad Vashem, em sinal de gratidão pelos judeus salvos por Mendes, com a seguinte inscrição do Talmude: "Quem salva uma vida humana é como se salvasse o mundo inteiro".

Quando o nosso cônsul em Bordéus recebeu esta ordem, sentiu-se desmoralizado. Uma multidão de refugiados estava acampada frente ao consulado português, na esperança de obter um visto salvador para Portugal que permitisse cruzar a Espanha sem problemas.

César, o irmão gêmeo de Aristides, que foi ministro dos

Em 1969, Joana volta a dirigir-se ao regime de Lisboa. "A minha maior aspiração é ver a memória de meu pai reabilitada pelo Governo da Nação Portuguesa, pois a sua grande obra humanitária enaltece e dignifica profundamente Portugal e o seu nobre povo, assim como a nossa história diplomática." Nada.

Depois do 25 de Abril de 1974, Joana regressa com os apelos de justiça. Em Agosto, envia ao Governo uma bem documentada exposição. O processo de reabilitação do pai é, enfim, entregue em boas mãos: o falecido diplomata Bessa Lopes. Apenas em duas semanas, elabora o relatório, após ter compulsado mais de 200 páginas de documentos. Conclui pela legalidade do processo disciplinar movido ao cônsul em Bordéus, facto que o levava à "disponibilidade" com vencimento reduzido (1940) e a "aguardar aposentação" (1942), situação penosa e desgastante em que sena mantido até à sua morte, durante 14 longos e negros anos.

Finalmente, a família Sousa Mendes acabaria por ver-se compensada moral e socialmente por tanto infortuno. A 19 de Março de 1988, com a aprovação de um projecto de lei apresentado por Jaime Gama na Assembleia da República, o pai passa oficialmente reabilitado. A sua memória, pelo Estado Português.

Em 1969, Joana volta a dirigir-se ao regime de Lisboa. "A minha maior aspiração é ver a memória de meu pai reabilitada pelo Governo da Nação Portuguesa, pois a sua grande obra humanitária enaltece e dignifica profundamente Portugal e o seu nobre povo, assim como a nossa história diplomática." Nada.

Depois do 25 de Abril de 1974, Joana regressa com os apelos de justiça. Em Agosto, envia ao Governo uma bem documentada exposição. O processo de reabilitação do pai é, enfim, entregue em boas mãos: o falecido diplomata Bessa Lopes. Apenas em duas semanas, elabora o relatório, após ter compulsado mais de 200 páginas de documentos. Conclui pela legalidade do processo disciplinar movido ao cônsul em Bordéus, facto que o levava à "disponibilidade" com vencimento reduzido (1940) e a "aguardar aposentação" (1942), situação penosa e desgastante em que sena mantido até à sua morte, durante 14 longos e negros anos.

Finalmente, a família Sousa Mendes acabaria por ver-se compensada moral e socialmente por tanto infortuno. A 19 de Março de 1988, com a aprovação de um projecto de lei apresentado por Jaime Gama na Assembleia da República, o pai passa oficialmente reabilitado. A sua memória, pelo Estado Português.

26.3.95 Cma 11

para os funcionários: «Ainda sou o vosso superior, pois não fui destituído do meu posto. Passem vistos a quem os solicitar!»

Acto contínuo, pôs-se a passar vistos, ajudado pelo funcionário consular Manuel Braga, também ainda vivo. Tudo em simples papéis carimbados em que escrevia: «O Governo Português requer ao Governo espanhol a cortesia de permitir ao portador circular livremente por Espanha. Ele é refugiado do conflito europeu e está a caminho de Portugal».

Estava um dia inteiro em Bayonne nesta missão humanitária, posto o que segurava a viagem para Lisboa. Já em Hendaya, quase a entrar em Espanha, Mendes foi de novo surpreendido: muitas centenas de refugiados apinhavam-se na da fronteira. O Governo espanhol recebera informação de que os vistos emitidos pelo cônsul português não eram válidos...

Não desistiu. Pediu aos refugiados que o seguissem. Foi uma grande caravana automóvel até ao posto fronteiriço. Falando com energia e convicção aos guardas espanhóis, conseguiu a passagem de mil refugiados.

Em Lisboa, foi logo correndo do seu cargo, passando à situação de "disponibilidade", com grande corte no vencimento. Também foi impedido de exercer a actividade de advogado.

Aos poucos, a sua sacrificada família, agora da doze filhos (dos haviam falecido) vendeu bens, dispersou-se para ganhar a vida, uns por Portugal, outros no Canadá e Estados Unidos.

Antes do fim da Guerra, o orgulhoso diplomata que desafiara o regime de Lisboa sofreu um ataque cerebral e ficou hemiplégico. Emprego, bens, saúde, tudo se foi.

O filho João Abrancens contava, com tristeza: Muitas vezes, quando andava na rua, as pessoas evitavam falar com o meu pai, porque não queriam ser envolvidas no seu problema...

A 13 de Abril de 1954, aos 69 anos, Aristides de Sousa Mendes morreu no Hospital da Ordem Terceira, em Lisboa.

Esquecido dos portugueses, mas bem vivo, inapagável, nos 30 mil corações que salvava num gesto universalista. Em resumo trágico: de mal com os homens, por amor aos homens.

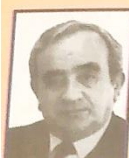
Texto: Novais Granada
Fotos: Pedro Paiva

JORNAL DE NOTÍCIAS

Última Página

AMANHÃ
Em Leça da Palmeira,
a partir das 16 horas,
a tradicional procissão dos Passos.

A



Rui Osório

se pelo esforço comum
rete na Conferência dos
l sobre o Clima, que se
o corrente, sob os aus-
ação de delegações de

e do Desenvolvimento,
va, peremptoriamente,
tais pode resolver sozi-
o clima seja, ou venha
ta dos governos, conti-
concretizará sem uma
parceria global.
Meio Ambiente e De-
a avançado pouco ou
naturais para a sobre-
no agora em Berlim,
em desenvolvimento,
eus mercados com os

nfiança sobre tais ci-
gação, por exemplo,
escapes dos automó-
nosso clima. Outras
em-se em relação às
ónio e ao "efeito de

a da Terra, que, tal-
o dos "integrados".
i, a verdade é que a
bém é verdade que,
r 6,3 bilhões de pesa-
ção, os problemas
de ambiente (lixos,
ticular nas megaci-
ões de habitantes.
as maiores cidades
ngai e Reno/Ruhr,
e habitantes; hoje,
ade do México, S.
i, milhões.
ma hipótese redu-
stas, de reconheci-
Mas, a realidade
im é verdade que
az de seleccionar
mas dificilmente
lo ambiente. Isso
em desenvolvedo-
ológico desleixa-
rmos poucos há-
lo ambiente que
de vida. Somos -
ra. Deve ser por
como a recente
ento nos soam a
nem pensa assim,

iência, também é
muito perigosa.
as que estimulem
ambientalista, em
l e solidário. Isso
impede, nem nos
casa.

FOI PENA!...



Pacheco de Andrade

Colaborador

Têm-se registado alguns equívocos a propósito de homenagens prestadas a determinadas figuras da vida nacional que uma justiça póstuma deliberou enaltecer. Os equívocos estão na ausência de quem deveria ter estado presente e não esteve, acabando, assim, por partidarizar uma expressão de reconhecimento que teria de ser de todos e foi só de alguns.

Refiro-me, concretamente, à reparação pública que acaba de ser feita a Aristides de Sousa Mendes, o cônsul português em Bordéus, que, durante a última Guerra Mundial e contrariando ordens do então chefe do Governo, Oliveira Salazar, deu vistos de entrada no nosso país a mais de 30 mil pessoas, a maior parte judeus, poupando-as, assim, aos horrores dos campos de concentração nazis.

Olhada à distância, a iniciativa de Aristides de Sousa Martins aparece-nos como um acto de consciência, praticado por alguém que não hesitou em ser fiel à sua dignidade, ao sê-lo à dignidade dos outros, e que soube discernir, com lucidez e coragem, o que é obedecer à decisão desumana de um governante e o que é, moralmente e assumidamente, rejeitá-la.

Por isso, constitui uma impertinência o parêntesis do secretário de Estado Luís de Sousa Macedo, que, ao falar "em nome do Governo" e ao expressar "a maior honra em associar-se à homenagem" prestada ao ex-cônsul, disse fazê-lo "independentemente do juízo sobre o cumprimento formal das suas funções". Isto é, como funcionário de Estado, e não já como pessoa com sentimentos humanos, Aristides de Sousa Mendes terá errado!

E estranho, para não dizer espantoso, que, decorridos mais de 50 anos sobre a tragédia que foi o Holocausto, seja ainda possível por uma reserva de virgindade diplomática a quem sacrificou toda uma carreira por ter recusado colaborar num genocídio, que o Governo de Salazar olhava com manifesta insensibilidade. Ficou, assim, expressa na contensão verbal do secretário de Estado a distância que alguns políticos entendem dever existir entre o exercício de um cargo oficial e a sua articulação, terra a terra, com um indeclinável sentimento de solidariedade.

Conhecem-se, hoje, as consequências daquele acto de corajosa desobediência. Mas haverá desobediência da parte de quem rejeita colaborar num crime? Aristides de Sousa Mendes foi destituído do cargo e foram-lhe cortados todos os caminhos que lhe permitiriam uma situação material digna. Morreu na miséria.

Quando a memória das atrocidades cometidas na Guerra de 1939/45 se mantém viva e as portas dos tribunais continuam abertas para que sejam julgados alguns carrascos que ficaram impunes, e que são agora descobertos, a homenagem prestada a um português que evitou que 30 mil pessoas apodrescessem em campos de concentração não teve a projecção que deveria ter e, não obstante a presença do presidente da República, foi quase discreta. De facto, não se compreende que o Governo se tenha feito representar de modo tão insignificante e que nem o primeiro-ministro nem o ministro dos Negócios Estrangeiros estivessem presentes.

Não se trata aqui de uma crítica de matiz eleitoralista ao Governo, a juntar a tantas outras que a Oposição legitimamente faz. O objectivo destas linhas é acentuar que a ausência de personalidades de mais vulto deste Governo na manifestação póstuma a

Aristides de Sousa Mendes foi escandalosamente provinciana. Motivada por ter estado ali o presidente da República? Por amor de Deus!... Sublinhe-se que, a nível de Estado, foi ele o único que cumpriu, apesar da presença secundária de um governante.

É lamentável que se queiram atirar para o redondel das quezílias políticas personalidades e figuras históricas que nada têm a ver com os desentendimentos entre Belém e S. Bento, nem com os confrontos entre os partidos. Por este andar, qualquer dia, Luís de Camões será uma referência a secundarizar por uns e a enaltecer por outros.

A ensombrar o incompreensível distanciamiento das primeiras figuras do Governo avoluma-se o facto de, até hoje, não ter sido atribuída qualquer indemnização à família do ex-cônsul. Aqui, não é só o actual Governo que

merece ser censurado. Merecem-no todos os governos que, desde o 25 de Abril de 1974, esqueceram Aristides de Sousa Mendes e não lhe fizeram a reparação a que tinha direito.

Foi um episódio triste, este de o Governo não ter dado o justo relevo a um vulto da nossa História contemporânea. Quando, lá fora, se buscam nos arquivos da última Guerra Mundial (para contrastar com os campos de concentração e os seus fornos crematórios) gestos heróicos de resistência, atitudes de solidariedade com aqueles que eram perseguidos e exemplos de coragem dados por quem escolheu guiar-se pela sua consciência, ao rejeitar decisões politicamente imorais, os governantes portugueses minimizaram um compatriota nosso, que foi castigado por ter sido humano. Foi pena e é triste.

HOJE

EUROPA

15 h	Estado do tempo
16	Pouco nublado
17	Muito nublado
18	Chuvoso
19	Chuvoso
20	Chuvoso

O TEMPO

O Instituto de Meteorologia prevê, para o Continente, no Norte e Centro céu pouco nublado. O vento será fraco a moderado.

apresentar-se-á cavado a grosso, com ondulação Sueste, de dois a três metros.

quena vaza...

AMANHÃ

Alves, E. (1995, maio 6). O português que salvou milhares de refugiados. *Jornal de Notícias*, 15.



Alves, E. (1995, maio 6). O português que salvou milhares de refugiados. *Jornal de Notícias*, 15.

DE NOTÍCIAS • SÁBADO, 6 DE MAIO DE 1995

INTERNACIONAL | 15

RESISTÊNCIA AO NAZISMO: OS JUSTOS

O PORTUGUÊS QUE SALVOU MILHARES DE REFUGIADOS

foram nos EUA, Canadá, França, Bélgica e Israel, e cidadãos portugueses e brasileiros Sousa Mendes ajudaram os homens justos em guerra que a Humanidade agora contra a besta nazi, salvou milhares de pessoas da morte e dos campos de concentração como "compensação". Salazar demitiu-o e colocou a família na miséria, a reabilitação nacional, votada por unanimidade pela Assembleia da República em 1988, e a Gra-Cruz da Ordem de Cristo, outorgada em Março passado, 41 anos depois da sua morte, vieram, ente, muito tarde.

Expênio Alves

Nascido a 10 de Julho de 1885, em Colónias de Viana, perto de Matosinhos, César Sousa Mendes, que durante nove meses ministrou as Negociações Estrangeiras da ditadura Antares de Sousa Mendes, foi um dos grandes benfazeiros da comunidade portuguesa em Coimbra. Dirigeu e decidiu, tal como o irmão, a carreira diplomática. O seu primeiro posto foi Demerara, na Guiana Britânica, onde chegou em Maio de 1911. Em 1912 foi para o Rio de Janeiro, onde conheceu a esposa, Angelina de Sousa Mendes. O primeiro dos seus 14 filhos, António, nasceu em 1913. As Antares César, nasceu um ano antes. Em Agosto de 1911 partiu para a Alemanha como cônsul em Berlim. Aqui permaneceu até ao estado de guerra, quando foi obrigado a regressar. Depois de alguns meses de estadia forçada em Portugal por razões de saúde, a estadia em Viana de Sousa Mendes foi curta. O filho mais velho, os seus filhos, não foi fácil, já que a família foi afectada pela crise

carência de simpatia. O Brasil, com seu regime monárquico, não gozava portanto das simpatias do regime republicano, proclamado em 15 de novembro de 1910. Aristides morreu jovem e promissor, ativo e inovador, e oprimido pelas dezenas de relações comerciais entaviadas de Zanzibar para Lisboa com sugestões práticas para o aumento do comércio português nas colônias britânicas a norte de Moçambique. As difíceis condições da vida, que afectavam sobretudo as suas crianças, levaram-no a pedir a transferência, formalizada por D. Afonso Pina, então chefe da diplomacia. Partiu para Curitiba (Brasil) em Março de 1918, mas, meses depois, com a morte de Sinesio, ficou suspenso por ser considerado opo-

Oficialmente inactivo durante dois anos, colaborou, no entanto, com o irmão César, colocado em Embaixada em Berlim. Em meados de 1921 retomou as funções de cônsul, desta vez em S. Francisco (EUA), onde permaneceu dois anos e viu nascer o nono e o décimo filhos. Homem franco e emotivo, incapaz de reprimir sentimentos e convicções, Sousa Mendes agravados os problemas de gestão de tão numerosa prole com o conflito com alguns membros da comunidade portuguesa local, viu a maioria notários a quem acusava de obterem grandes fortunas enriquecendo os próprios compartimentos.

FILHOS E CONTINENTES

manifestação em Oakland (Março de 1924). Aristides de S. Mendes foi transferido de sua para o Brasil, passando sucessivamente por Maranhão e Porto Alegre, até ser colocado em Lisboa (1926) no próprio MNE. Com o fim da Ditadura Militar em 1926 de Maio, Aristides foi designado assal em Vigo "por motivo de confiança" pelo regime, como próprio admitiu. O trabalho em Vigo, cidade próxima da fronteira com a Espanha, consistia em fazer vezes de vigilância aos navios do novo regime, mercedemente por parte da hierarquia, conforme assinalou Aristides na sua própria defesa a Salazar, a exoneração de Bordêus

de Setembro de 1929 nova es-
de Sousa Mendes: o consulado
Ataídes, considerado um p
tendoso e de prestígio. Em 1
César, o irmão, foi nomeado m
dos Negócios Estrangeiros,
foi que exerceu apenas dur
nove meses, suficientes poré
manejar fortes inimigos dent



O diplomata português Aristides de Sousa Mendes em Antuérpia, com os 10 filhos, nos anos 30.

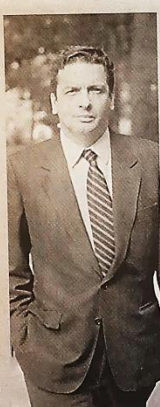
"COMO É TARDIA A JUSTIÇA EM PORTUGAL..."

"Fez-se alguma justiça, mas foi tardia...", sublinhou ao JN um dos descendentes de Sousa Mendes, o neto Álvaro capitão do Exército, radicado em Lisboa. Para este familiar do heróico diplomata, é "triste também que tenham sido fortes pressões externas a decidir as autoridades portuguesas a aceitar a reabilitação do meu avô".

Muitos dos descendentes dos refugiados que Aristides Sousa Mendes salvou da morte ainda hoje conservam religiosamente o precioso visto por ele rubricado nos dias 17, 18 e 19 de Junho de 1940. Foram eles que, a par da família, sobretudo a filha Joana, ainda viva, tornaram possível a viragem de atitude de Lisboa.

Alvaro Sousa Mendes reconhece que a história do seu antepassado levou tempo, mesmo nos Estados Unidos, a atrair as atenções. Um dos filhos, Sebastião, residente na Califórnia, decidiu dedicar a história do pai, convencido que assesse poderia despertar o interesse das pessoas. "Flight Through Hell" (Fuga Através do Inferno), publicado com dificuldades, em 1951, não obteve, porém, os resultados esperados. "Foi a decisão da minha filha Joana — casada Alvaro — de escrever, em 1958, no chefe do Governo de Israel, Ben Gurion, que fez mexer as coisas. Três anos depois, um assessor de Ben Gurion

escreveu-me para Roma 1894



Álvaro de Sousa Mendes. Foto César Sarto

informar que Israel tinha plantado 20 árvores em memória do povo na Floresta dos Mártires, em Jerusalém".

Em 1967, a Yad Vashem ("Autoridade para a Recordação dos Mártires do Holocausto") concedeu-lhe a sua mais alta distinção, uma medalha com a inscrição do Talmude: "Quem salva uma vida humana é como se salvasse o mundo inteiro."

Encorajada, Joana escreveu a Franco Nogueira e a Américo Tomás relatando as homenagens a seu pai, mas não obteve qualquer resposta. Álvaro Sousa Mendes recorda então a exposição enviada, depois do 25 de Abril, por sua tia ao II Governo Provisório, em 1976.

Agosto de 1974.

Graças a um despacho de Melo Antunes, o caso Sousa Mendes foi analisado pelo embaixador Bessa Lopes, um diplomata também perseguido pela ditadura e que, motivado pela sua própria experiência, estudou profundamente o dossier. A sua conclusão foi no sentido da total reabilitação de Sousa Mendes cujo caso, friso, é de "alto significado na história diplomática portuguesa" e deve ser apresentado ao Parlamento e à opinião pública.

**ONZE MIL ÁRVORES
NO DESERTO!**

Todavia, e até 1986, ano em que Jaime Gama reiniciou o processo de reabilitação, apenas dois jornalistas (Antônio Colaço, de "Diário Popular, em 1976, e Antônio Carvalho, de "A Capital" em 1979) se interessaram pelo caso, que permaneceu silenciado.

no MNE. Bessa Lopes continuará marginalizado no Ministério até à sua morte em 1983. Na sequência da série "Wallenberg - A História de um Herói", transmitida pela RTP em 1986 e que relata a odisséia do suco que salvou mais de 100 mil vidas do holocausto, os

Estimulado pelo facto, um outro filho de Sousa Mendes, João Paulo, residente nos EUA, desenvolveu uma intensa campanha internacional e conseguiu interessar o influente congressista de ascendência lusa, Tony Coelho, que - salienta-nos o neto Álvaro - teve

salta-nos o neto Álvaro, que teve um papel decisivo na mudança de atitude das autoridades portuguesas. Um intenso folhetim de evasivas e indecisões (Cavaco Silva considerava em 1986 que Sousa Mendes tinha desobedecido a ordens... e o MNE, ainda hoje, aponta reservas sobre o caso e insiste na reparação material à família) culminou com a aprovação unânime na AR do diploma elaborado por Jaime Gama e com a Ordem da Liberdade e de Cristo entregues por Soares à família.

Há um ano, por ocasião do 50º aniversário da morte de Sousa Mendes, sucederam-se as homenagens em todo o mundo. Distinção no Congresso, em Washington, nomes de rua e bustos no Canadá, na Bélgica e em França e conta o neto com ternura - "os mil árvores plantadas, o ano passado, no deserto de Neguev. Um árvore por cada refugiado salvo pelo meu avô".

"QUANTO
DESESPERO..."

Na sua resposta a uma das principais acusações ('passar vistos a todos os que os solicitavam, alegando que era necessário salvar toda essa gente...') feitas no processo disciplinar ordenado pelo ditador, Sousa Mendes descreve, de modo impressionante, o cenário de milhares de pessoas 'cuja aflição era indescritível'.

"Era realmente meu objectivo salvar toda aquela gente: uns tinham perdido os seus cônjuges, outros não tinham notícias dos filhos extraviados, alguns haviam visto sucumbir pessoas queridas sob os bombardeamentos alemães que todos os dias se renovavam e não poupavam os fugitivos apavorados. Quantos tiveram de enterrá-los, antes de prosseguirem na louca correria da fuga!"

ma. Além deste aspecto que me-
nencia de consideração por tanto in-
fortúnio, outro havia para mim que
não era de desprezar, o da sorte que
estava reservada a tanta gente que
caísse nas mãos do inimigo. Com esse
efeito, eram numerosos entre os fu-
gitivos os oficiais dos exércitos dos
países ocupados anteriormente, atri-
tuários, checos e polacos, os qua-
is seriam fuzilados como rebeldes
eram igualmente numerosos os bo-
gas, holandeses, franceses, luxem-
burgueses e até ingleses, que se-
riam submetidos ao duro regime de
campos de concentração alemães.
havia intelectuais eminentes, arti-
stas de renome, homens de Estado,
diplomatas da mais alta categoria,
grandes industriais e comerciantes

"Muitos deles eram judeus que perseguidos antes, procuravam gustosamente escapar ao horror

*Por fim, um sem número de milhares de todos os países invadidos que procuravam evitar ficar à mercê da brutal sensualidade teutônica.

Junte-se a tudo isto a tragédia das centenas de crianças que, acompanhando os pais, viviam os seus sofrimentos e angústias, demandando cuidados que eles, naquela situação, não podiam prestar. Pense ainda que toda esta multidão, sem falta de alojamento, dormia em ruas e praças públicas sujeitas a intempéries.

"Quantos suicídios e outros atos de desespero se produziram, quantos actos de loucura de que o próprio foi testemunha! Tudo isto podia deixar de me impressionar, mas, para mim, não o foi. Não apenas, mas, a mim que sou chegado a uma numerosa família e compreendo, portanto, melhor do que ninguém, o que significa a falta de protecção à vida. Dai a minha atitude, inspirada e exclusivamente nos princípios de altruísmo e de generosidade de que os portugueses, através dos seus oito séculos de história, souberam tantas vezes dar prova eloquentes e que tanto ilustram os nossos feitos heróicos".

ministério, os mesmos que, oito anos depois, foram impedidos de processo movido a "falsidades", queda do MNR e o fim do problema das Casas Mendes, que em meados dos anos 30 não se cobria já de considerar o "perdido" Salazar, o caso da nossa desgracia.

A estadia na Bélgica, onde nasceu em 1913, e 14 filhos e se fez a morte de outros dois, um dos recém-licenciado em Ciências Políticas e Diplomáticas para a universidade de Lovaina, em 1938. Dificuldades financeiras (falta de subsídios dos seus estudantes universitários, e grandes despesas com a casa de Cabanas de Virato) obrigou a família a abandonar as terras do MNE. Então, Mendes e a esposa, com os filhos, em busca de uma vida melhor, sempre atenta e diligente, animou a comunidade na cidade, fundou a Associação Portuguesa, fez conferências e palestras sobre a nossa história e cultura.

e, graças à estima do rei Leopoldo, recebeu a Ordem da Coroa, então mais alta condecoração belga.

OS DIAS DE BORDEÚS

Em Fevereiro de 1938 escreveu Salazar, a quem pediu, invocando sua antiguidade na carreira, a colação em Pequim ou Tóquio. O autor respondeu transferindo-o, em Agosto, para Bordéus. Uma "desão positiva", como assinala o escritor luso-canadiano Rui Afonso, autor da mais completa obra sobre o caso e vida de Aristides ("Injustiço - O caso Sousa Mendes", Ed. Caminho, 1989), pois a intransigência do ditador acabou por salvar milhares de refugiados e opositores ao nazismo.

Nos primeiros meses de Bordé Sousa Mendes assistiu à chegada de dezenas de milhares de refugiados espanhóis, que procuravam escapar

aos massacres das falanges franquistas. Um ano depois, na mesma cidade, prestes a ser invadida e ocupada pelo Exército nazista, o cônsul viu uma discreta história de amor com uma jovem francesa (Andrea, 19 anos, mãe do seu 15º filho, Maria Rosa) e emocionava-se até ao desespero com os dramas de outros imigrantes e fugitivos de toda a Europa, ansiando escapar, via Portugal, para Espanha (franquista e pró-nazista) para aceitar os refugiados, à morte dos seus amigos de resistência.

Numa angustiante corrida contra o tempo, e contra as instruções formais de Salazar, dadas pouco depois da invasão da Polónia pelos exércitos de Hitler, de não emitir vistos, sobretudo a judeus e a fascistas, Sousa Mendes passou a libertar de documentos salvado deslocando-se mesmo a Bayona para forçar o cônsul local, sob a

pel. Em três dias, os 17 a 19 de junho de 1940, os presos foram transportados para o muni-
cipalio, e pressionado certamen-
te por Berlim, o ditador, que
mulava a pasta do MNE, em
24 de Junho dois telegramas es-
tando o regresso imediato au-
to do cônsul-geral português
Bordéus. Um despacho de Pro-
a de 4 Julho, ordenava o pro-
disciplinar contra Sousa Me-
assado de 6 Julho, com abusi-
visão em passaportes de estran-
ros". Sancionado e colocado,
sua morte, em 1954, na situação
reforma compulsiva, com mes-
do salário, o cônsul viu quem
a família emigrar sem que ju-
fo fosse feita. Para um hom-
justo e heróico, a reabilitação
gou, estranhamente, 40 anos
da morte e um regime que
na recuperou a liberdade de
tristez.

Anexo 42 | Destaque na primeira página

Melo, A. (1995, julho 15). Sousa Mendes revisitado por Rui Afonso - O “grito” do “cônsul de Bordéus”. *Público – suplemento Leituras*, 10.



Melo, A. (1995, julho 15). Sousa Mendes revisitado por Rui Afonso - O "grito" do "cônsul de Bordéus". *Público – suplemento Leituras*, 10.

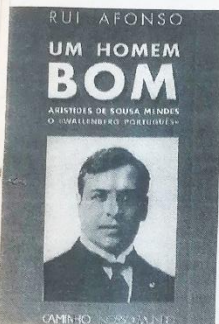
P/

LIVROS

Sousa Mendes revisitado por Rui Afonso

O "GRITO" DO "CÔNSUL DE BORDÉUS"

ANTÓNIO MELO



Título: Um Homem Bom — Aristides de Sousa Mendes, o "Wallenberg Português"
Autor: Rui Afonso
Editor: Caminho
350 pgs., 3990\$00

A biografia de Rui Afonso sobre Aristides Sousa Mendes traz à memória "O Grito", pintura de Edvard Munch. "O homem bom" que Salazar responsabilizou de excesso de humanidade bebeu até ao fel a angústia premonitória de Munch. O cônsul "bon vivant", jovial, católico e exemplar pai de família — era exímio na arte dos contrários — fez o que podia para salvar os perseguidos do regime de Hitler. A angústia converteu-se em agonia, moral e material, quando a obstinação salazarista exigiu "castigo para a desobediência". Oportunidade para alguns saldarem velhos rancores.

Enquanto Sousa Mendes se torturava no seu dilema, a França passava pela sua própria agonia. Tal como ele, a França teria que escolher, nos três dias seguintes, entre a prudência da rendição e a coragem da resistência" (p. 73) — escreve Rui Afonso a sua biografia sobre Aristides Sousa Mendes "o Wallenberg português". O dilema do homem perante a História e a atitude individual diante dos acontecimentos que testemunha e interpreta vão servir de fio condutor desta biografia de "um homem bom".

O dilema — rendição ou resistência — será resolvi-

do de maneira diferente por Sousa Mendes e pelo marechal francês. Enquanto o cônsul português em Bordéus decide fazer o (im)possível para "salvar toda aquela gente", alguns quarteiros mais longe, na prefeitura, onde se alojara a presidência francesa, a maioria governamental inclina-se nitidamente para o "armistício".

Entre 16 a 22 de Junho, discute-se a posição da França face à invasão nazi. O primeiro-ministro Reynaud recusa a rendição e propõe-se prosseguir o combate. É substituído por Pétain no dia 16 de Junho. A 22 de Junho, este assina a capitulação ou, segundo a sua terminologia, o "armistício sem condições".

Sousa Mendes, neste interim, concede, de manhã à noite, vistos de entrada em Portugal a todos os refugiados que alitivamente lho imploram. Indiscriminadamente, da família real do Luxemburgo à anónima família judia austríaca, em fuga permanente desde a anexação do seu país por Hitler, em 1939. Também ignora distinções racionais, de religião ou de ideologia, como, sublinhará na sua defesa, o estipulava a Constituição do seu país. Mas, sobretudo, lho ordenava a sua consciência de cristão.

A atitude do cônsul Sousa Mendes na defesa dos refugiados de Bordéus esteve silenciada em Portugal até 1988. Quando, no dia 18 de Março desse ano, a Assembleia da República aprova unanimemente um voto de louvor à memória de Aristides de Sousa Mendes e determina a sua reintegração na função consular, a título póstumo, a opinião pública portuguesa ignora, na sua esmagadora maioria, o significado desta votação e quem foi Sousa Mendes.

Coube a Rui Afonso fazer o primeiro rasgo nesta indiferença, a que não foram alheios os jornalistas parlamentares desse ano, incapazes de transmitir e amplificar mediaticamente a votação desse dia. Em 1990 publica, com a chancela da Editorial Caminho, "Injustiça — O Caso Sousa Mendes", autêntica reportagem ao vivo sobre uma indignação. O autor indigna-se da pusilidade dos políticos portugueses perante as pressões de congressistas norte-americanos e das contra-pressões do velho aparelho do Estado Novo, ainda po-

deroso no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

O trabalho pioneiro de Rui Afonso foi sendo colmatado. Surgiu um ficção histórica de Júlia Nery, em 1991, intitulada "O Cônsul", (Dom Quixote), e, em tempos de grandes audiências, em 1993, na TV2, o documentário de Diana Andringa, "Aristides de Sousa Mendes, o Cônsul Injustiçado". Já este ano, também com a assinatura de Diana Andringa, a TV2 estreia, em Junho, a reportagem "A Ponte Entre Dois Povos" sobre a homenagem nacional a Sousa Mendes, que decorreu de 18 a 24 de Março deste ano.

Rui Afonso faz a síntese destes vários contributos na sua biografia "Um Homem Bom", cujo único grande defeito, diga-se, foi não conseguir estar pronto quando decorreu essa homenagem que encerrou, sob a presidência de Mário Soares, com uma sessão de gala no cinema Tivoli, em Lisboa, completamente animada.

Se em "Injustiça", a preocupação de Rui Afonso era "avisar a malta", abanar a opinião pública, arrastando-lhe com a verdade, como punhos, agora, em "Um Homem Bom" é o retrato de Sousa Mendes que lhe interessa. É uma biografia de corpo inteiro, com várias páginas de bibliografia, escrita mais com admiração do que com a paixão que atravessava o livro anterior. Sente-se que Rui Afonso cumpre uma promessa que fez a si mesmo: reabilitar a memória do cônsul de Bordéus, dar dele testemunho aos seus contemporâneos e, mesmo se postumamente, esbater a desumanidade e as ingratidões de que foram vítimas Sousa Mendes e sua mulher Angelina.

Rui Afonso deu à biografia de Sousa Mendes o subtítulo de "O Wallenberg português". Em contrapartida, nem uma só referência, no decurso das 350 páginas do livro, a Schindler e à história que dele fez Spielberg. É, obviamente, um separar de águas entre as duas personagens e, sobretudo, entre dois olhares de Rui Afonso, creditado pela inserção do biógrafo na História, e o de Spielberg, responsabilizando cada um dos espectadores pelo seu papel num eventual drama "à Schindler". Único denominador comum: a recusa de uma desculpabilização amorfa a "ordens superiores", como se a consciência não fosse uma essência fundamental da natureza humana.

A opção pela associação de Mendes a Wallenberg é significativa. Raul Wallenberg, diplomata sueco durante a II Guerra Mundial, desempenhou um papel humanitário idêntico ao do cônsul de Bordéus, auxiliando os judeus húngaros a escapar aos campos de concentração nazis e à "solução final" planeada pelo estado-maior de Hitler.

O seu aparelho de fuga permitiu salvar, ao que se pensa, cem mil vidas. Mas, convém acrescentar, Wallenberg contava com o apoio discreto do seu país, que optara pela neutralidade, tal como Portugal. O seu Governo sueco não fingia ignorar o que se passava nos campos de concentração nazis, como ocorreu com Salazar e o seu Ministério dos Negócios Estrangeiros, onde a eminência parida se chamava Luís Sampaio. Secretário-geral do MNE, foi ele que ordenou que a bandeira nacional fosse içada a meia haste, em sinal de luto, quando soube da morte de Hitler.

Raul Wallenberg, pacifista convicto, foi reconhecido pelo seu Governo. Mesmo se o seu desaparecimento, em 1947, na ex-União Soviética ainda não está esclarecido (purga estalinista?), seguiu, em todo o caso, um percurso político por si escolhido. Sousa Mendes não teve a oportunidade do seu congénere sueco. A legação política de Salazar e os apoios internacionais que a "guerra fria" trouxe ao Estado Novo esfriaram, sem qualquer dúvida, as mostras de gratidão que muitos deviam ao cônsul de Bordéus.

No momento em que a perseguição salazarista se abate definitivamente sobre Sousa Mendes e o denso com uma reforma miserável, incapacitado de porvir a numerosa família de 12 filhos, só um dos rios e poderosos que o cônsul ajudou a escapar-se à tormenta nazi veio em sua ajuda. Foi Maurice de Rothschild, conta Rui Afonso, e, mesmo assim, foi preciso o filho de Sousa Mendes, Geraldo, dirigir-se-lhe. Em 1946, enviou um cheque de 30 contos, o que, nesse tempo era uma soma razoável. O amor próprio de Sousa Mendes, porém, impediu-o de voltar a socorrer-se desse apoio.

Apesar desta amargura, assegura Rui Afonso, nunca Aristides ou sua mulher, Angelina, se mostraram arrependidos pela atitude que tomaram em Bordéus, em Junho de 1940. ■



Aristides de Sousa Mendes com cerca de 30 anos

"SENTIDOS PÊSAMES"

"A viagem [a Ribérac, em França, onde vivia a filha Maria Rosa, nascida de uma ligação extra-matrimonial] deixou-o exausto e, em Lisboa, numa pensão sem aquecimento, apanhou uma pneumonia. Andréa [a segunda mulher] levou-o para o Hospital da Ordem Terceira, uma clínica gratuita para os pobres (...). Aristides Sousa Mendes morreu a 3 de Abril de 1954, de uma trombose cerebral, agravada pela pneumonia (...).

"César, o irmão de Aristides, recebeu as habituais condolências, muitas delas de colegas que tinham evitado Sousa Mendes desde que ele caíra em desgraça. O novo secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, embaixador Vasco da Cunha, enviou o seu cartão. Também Salazar enviou o seu, no qual escreveu duas palavras: 'Sentidos pêsames'. César escreveu-lhe a agradecer". ■

SÁBADO, 15 JULHO 1995

10

PÚBLICO

LEITURAS

Família de Sousa Mendes recebe indemnização. (1996, julho 20). *Expresso*, 1.



grupo
ia

CHAMPANHE

A «saison» algarvia arrancou com a festa do champanhe. Faltaram os políticos, mas a juventude garantiu a continuidade

VIVA págs. 4 e 5



PREÇOS

Continente	400\$00
Madeira	520\$00
Açores	560\$00

IVA 5% incluído

es

JOSÉ ANTÓNIO LIMA
NANDO MADRINHA e HENRIQUE MONTEIRO

Nº 1238 de 20 - JULHO - 96

Integram esta edição, para além deste corpo principal, os seguintes cadernos: Economia, Privado, Viva, Emprego, Revista, Cartaz, Guia das Cidades de Portugal - 7 Coimbra, Dossier: Universidade de Aveiro

Bónus

repesca 1/5 dos alunos

da Coopera- Um silêncio ar o profun- que Belém e a não com- x-ministros specialmen- teiro, tanto linhou uma Belém, «é o im o pelou- Um mem- pediu para classificou egligência alácio daságina 3 ▶

■ Marçal Grilo diz que ‘não é exequível’ decisão do Parlamento

Sem bónus	Com bónus
Matemática  26%	 4%
Química  35%	 16%
Física  33%	 16%

24 HORAS

Família de Sousa Mendes recebe indemnização

O MINISTRO Jaime Gama decidiu ontem indemnizar a família de Aristides Sousa Mendes, o cônsul de Portugal que Salazar expulsou da carreira diplomática por ter concedido passaportes a 30 mil judeus, durante a II Grande Guerra. Há vários anos que Assembleia da República tinha decidido homenageá-lo, mas só agora se vai concretizar a doação de 15 mil contos.

Juiz adia debate sobre Alqueva

O JUIZ do tribunal da comarca de Beja impediu ontem a discussão pública sobre o projecto alternativo à transferência da Aldeia da Luz para a herdade da Julioa, em consequência da construção da barragem de Alqueva. A decisão do magistrado consta de um despacho favorável a uma providência cautelar apresentada pelos autores do plano, que inclui a construção de diques e a consequente manutenção do povoado no local onde se encontra. Os dois projectistas — Matta Antunes e Manuel Lapão — tinham-se queixado de a Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas do Alqueva (EDIA) estar a apropriar-se de uma ideia que não lhe pertence e a discuti-la numa reunião com os residentes da aldeia. O encontro foi dado por encerrado logo após a sua abertura (ver pág. 14).

Nunes Liberato promovido em Bruxelas

NUNES Liberato, antigo secretário-geral do PSD e director de...

Anexo 44 | Destaque na primeira página

Magno, C. (1996, novembro 9). Salazar, o cônsul e a criada. *Revista Expresso*, 48-55



Anexo 44

Magno, C. (1996, novembro 9). Salazar, o cônsul e a criada. *Revista Expresso*, 48-55



Magno, C. (1996, novembro 9). Salazar, o cônsul e a criada. *Revista Expresso*, 48-55.

SALAZAR, O CÔNSUL E A CRIADA



SÉRGIO GRANADEIRO

FOI ALUNA DA IRMÃ DE SALAZAR. SERVIU O CÔNSUL DE PORTUGAL EM BORDÉUS NO INÍCIO DA II GUERRA MUNDIAL. QUANDO ARISTIDES DE SOUSA MENDES CAIU EM DESGRAÇA, POR TER PASSADO VISTOS A JUDEUS EM FUGA AO NAZISMO, COM ELE CONTINUOU. CHAMA-SE FERNANDA DIAS DE JESUS SILVA E A SUA VERSÃO DA TRAGÉDIA DO «WALLENBERG PORTUGUÊS» VAI SERVIR DE ARGUMENTO PARA UM FILME PRODUZIDO NOS ESTADOS UNIDOS

Texto de CARLOS MAGNO

Magno, C. (1996, novembro 9). Salazar, o cônsul e a criada. *Revista Expresso*, 48-55.

FERNANDA viajava sentada entre o condutor e a sua esposa Angelina quando o carro superlotado capotou perto de Salamanca. O automóvel era um modelo único da Ford com 17 lugares e tinha sido feito de encomenda para transportar a mulher e os 14 filhos do cônsul de Portugal em Bordéus. Ao volante vinha o próprio cônsul Aristides de Sousa Mendes. Nervoso. Com o coração aos saltos e a alma no acelerador. Tinha de chegar rapidamente à fronteira portuguesa. Não queria que Salazar soubesse que ele se ausentaria por três dias do seu posto diplomático para pôr os filhos a salvo. As tropas hitlerianas tinham já invadido a Polónia e ameaçavam entrar pela França dentro. O cônsul sabia que, ao deslocar-se sem autorização do Ministério dos Negócios Estrangeiros, estava a correr um grande risco. Sobretudo, porque Salazar já o tinha posto sob vigilância quando soube que ele violara instruções do seu Governo ao passar alguns «vistos» de entrada em Portugal a judeus perseguidos pelo nazismo. Apesar de serem conterrâneos, ambos católicos e monárquicos, Salazar, oriundo de uma classe social mais baixa, não gostava daquele diplomata filho da aristocracia rural beirã. Achava-o demasiado preso a princípios humanistas e sabia que ele alimentava um profundo desprezo político por Adolfo Hitler.

Fernanda Dias era empregada da família Sousa Mendes. Seguiu viagem sentada entre Aristides e a esposa porque enjoava sempre nos automóveis. Os frequentes vó-

mitos daquela jovem de 17 anos obrigaram o cônsul apressado a parar várias vezes. Cheios de fome, sem mantimentos nem dinheiro, o diplomata e os seus passageiros foram comendo fruta brava colhida nas bermas da estrada. Estávamos no final da década de 30. O nazismo crescia. A Espanha tinha saído da guerra civil e os franquistas vencedores dedicavam-se agora à caça dos republicanos. Os fuzilamentos dos vencidos estavam ainda na ordem do dia em todas as localidades do trajecto da família Sousa Mendes.

O carro de Sousa Mendes dava nas vistas. Não só pelo tamanho, invulgar mesmo para a época, mas também pelo aspecto angustiado dos seus passageiros, num tempo em que as estradas estavam peçadas de refugiados políticos. A matrícula diplomática ajudava a abrir caminho, mas Aristides de Sousa Mendes já estava a ser alvo de uma apertada vigilância por parte da polícia política portuguesa. As autori-



Fernanda Silva com uma das filhas de Aristides de Sousa Mendes

dades espanholas seguiam-lhe também o rasto, naturalmente. Atrás do carro de Sousa Mendes vinha outra viatura com uma princesa belga fugida à ameaça nazi. Quando o carro capotou, Fernanda Dias perdeu os sentidos, momentaneamente. Ao recuperar, reparou que o veículo se tinha imobilizado mesmo junto a um precipício. «Graças a Deus, não morreu ninguém, graças a Deus!... Graças a Deus!...», disse o cônsul, erguendo os olhos ao céu. Fernanda lembra esta cena ainda aturdida. Agora com 74 anos, a antiga empregada, ao mesmo tempo que parece desejar esquecer certos episódios, recorda-os

porque eles lhe trazem de volta a imagem do homem que ainda hoje considera «o mais justo e sofredor de todos os santos». E nem sequer inclui o acidente de Salamanca no calvário do cônsul. A tragédia de Aristides de Sousa Mendes foi mais fria. Mais lenta. Mais martirizante. E mais brutal do que qualquer despiste de automóvel. Fernanda foi testemunha silenciosa desse suplício. No princípio e no fim.

«SALAZAR FOI UM CARRASCO!»

TREZE anos depois deste acidente ela própria haveria de ver Aristides de Sousa Mendes tiritar de frio e de fome. «E eu sem poder fazer nada!... Se eu pudesse, tinha dado a minha vida pelo dr. Aristides!...» E com lágrimas que a fazem reviver os dias do desespero, recorda: «O senhor

Magno, C. (1996, novembro 9). Salazar, o cônsul e a criada. *Revista Expresso*, 48-55.



Foto das filhas
do casal
Sousa Mendes

cônsul morreu de fome e de frio a tentar queimar as portas do palácio quando já nem sequer tinha força nos dedos para deitar as tábuas à lareira.» Embora saiba que Sousa Mendes morreu no hospital da Ordem Terceira em Lisboa, repete sempre. «Na realidade ele morreu ali, mesmo onde tinha nascido. Só que nasceu num palácio e morreu na miséria.» Soluça e repete: «Matá-lo assim foi como matar Cristo outra vez!...»

Fernanda e o seu marido foram confidentes do cônsul já no final da vida. E ainda hoje sustenta que, além de Salazar, quem mais torturou Aristides foi uma loira francesa chamada Andrée Cibial Rey que um dia apareceu na casa dos Sousa Mendes em Cabanas de Viriato com uma miúda pela mão. «O diabo de saias e lábios muito pintados dizia que aquela criança era filha ilegítima daquele santo.» E era mesmo. Chamava-se Maria Rosa, tinha nascido de uma ligação extraconjugal em 1940, exactamente no ano em que todas as desgraças se abateram sobre o diplomata. A esposa sabia do caso e sofria de ciúmes, naturalmente. Salazar também sabia da ligação clandestina daquele católico conservador com aquela francesa espampante que, segundo Rui Afonso, biógrafo do cônsul, anunciou a sua própria gravidez em plena missa dominical na catedral de Ribérac. Um escândalo a atormentar mais a vida de Sousa Mendes, já então a braços com múltiplos problemas pessoais, políticos e diplomáticos. Foi quando a situação em França começou a tornar-se insustentável que o cônsul decidiu trazer os filhos e as empregadas para a sua casa da Beira Alta. Fernanda ficou em Cabanas de Viriato a tratar dos filhos e Aristides regressou com a mulher a Bordéus onde, no dizer de Rui Afonso, «a história prendeu Sousa Mendes nas suas garras». O

resumo do biógrafo é a melhor síntese do gesto humanitário do diplomata português: «Em Maio de 1940, a França é invadida pelas tropas nazis. Ao Sudoeste do país acorrem multidões de refugiados. A salvação seria atravessar a fronteira com Espanha. Mas isso só é possível com visto para Portugal. O cônsul português em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes, contrariando ordens de Salazar, passa milhares de vistos, salvando ou-



**Sousa Mendes
é hoje um
herói nacional
em Israel
e todo o mundo civilizado
celebra o seu espírito**

tros tantos seres humanos da morte certa.» E conclui Rui Afonso: «Ele foi o homem certo no lugar certo. Aquilo que alguns poderiam considerar como defeitos da personalidade num diplomata — a sua natureza demasiado emotiva e o seu carácter impulsivo — tornaram-se forças motoras do seu heroísmo. Salvou milhares de pessoas de um destino trágico. E pagou isso com a sua tragédia pessoal.» Sousa Mendes é hoje um herói nacional em Israel e todo o Mundo civilizado celebra o seu espírito.

Salazar é que não perdeu tempo a castigá-lo. E fê-lo com requintes políticos de sadismo administrativo mandando-o apresentar-se primeiro no Ministério dos Negócios Estrangeiros onde o pobre Aristides nunca conseguia ser recebido. Depois passou-o «à disponibilidade aguardando aposentação». Era a condenação à morte lenta. Fernanda conta que, uma noite, «o senhor cônsul chegou a casa depois de um dia inteiro de espera no Ministério. Pousou o chapéu de diplomata no bengaleiro e nem teve tempo de se sentar. Só conseguiu dizer 'Isto não se faz' antes de soltar uma golfada de sangue». Doente, impedido de trabalhar e de emigrar, Aristides de Sousa Mendes arrastou-se anos a fio pelas ruas da amargura. A antiga empregada recorda o dia em que o seu marido foi acompanhá-lo a uma consulta médica. Quando o ajudava a subir a rua, passou por eles um automóvel reluzente. «Era o Caeiro da Mata mas fingiu que não o viu, embora o senhor cônsul o tenha cumprimentado educadamente.» O regime não lhe perdoava aquilo que todo o mundo enaltecia. Fernanda diz que a única vez que viu o cônsul praguejar foi quando Aristides soube que Salazar tinha recebido agradecimentos dos países Aliados por ter aberto as ►

Magno, C. (1996, novembro 9). Salazar, o cônsul e a criada. *Revista Expresso*, 48-55.

A família Sousa Mendes com alguns dos seus conselheiros espirituais



► fronteiras de Portugal aos refugiados que por aqui passaram. A hipocrisia estava institucionalizada. E, enquanto o país supostamente neutral resistia aos ventos democráticos do pós-guerra, Aristides de Sousa Mendes, para sobreviver, era obrigado a vender o palácio dos seus nobres antepassados e o respectivo recheio. «Só ficaram as bandeiras dos países onde ele tinha representado Portugal», lembra Fernanda Dias. «Ele ainda pediu ao meu marido que o ajudasse a vender os dois pianos que havia lá em casa mas depois foi aquela ave de rapina francesa que se encarregou disso!...» O rancor de Fernanda Dias por André não esmoreceu. Sabe-se que Aristides chegou a casar com ela depois da morte de Angelina, mas, para a empregada, aquela loira, que só falava francês e dava berros em português, será sempre «o diabo de saias» que veio cá «fazer o inferno na Terra a um homem que só pode estar no céu». André Cíbil Rey e Oliveira Salazar rivalizam nos ódios de estimação da empregada: «Éramos todos beirões, mas Salazar foi um carasco e não merece só que lhe tenham cortado a cabeça da estátua de Santa Comba. Já o meu falecido marido dizia que aquele monstro merece que lhe cusпам na campa.» Ao contrário do que possa parecer, o ódio desta mulher por Salazar não tem contornos políticos. É a prova de que não há réstia de ideologia na sua raiva ao líder do antigo regime é que ela própria conserva orgulhosamente fotografias de Américo Thomaz a inaugurar a casa onde ainda hoje vive. Como o seu marido era fiscal da Câmara e a sua habitação era a primeira do novo bairro, foi nela que o então Presidente entrou para fazer o discurso do costume. De resto, Fernanda Dias não tem quei-

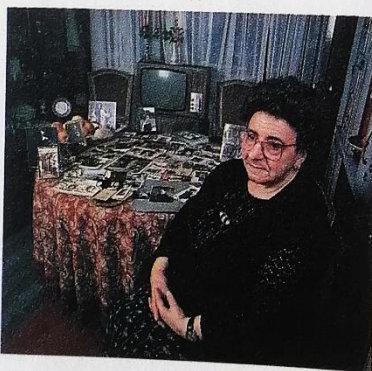
xa do regime e até serviu sempre nos corredores do poder. O seu marido tinha, em pleno marcelismo, a concessão do restaurante das piscinas da Granja, frequentado então pelas principais figuras políticas da época, e acha que «o 25 de Abril veio acabar com o respeito e a educação de muita gente». Este lamento revela tudo: «Ai! que nunca mais houve festas como aquelas!...» E quando fala dos salões aristocráticos, está naturalmente a referir-se

também à casa dos Sousa Mendes. Antes da tragédia, naturalmente.

CAVACO TAMBÉM...

VOLTEMOS ao carro capotado na estrada de Salamanca. Ironia do destino, os primeiros socorros vieram de uma «limousine» que passava no local. Nela viajavam Doña Carmen Polo y Martinez Valdez e sua filha Carmencita. Ou seja, a mulher e a filha do ditador espanhol Francisco Franco.

Apesar do aparato do acidente, só Clotilde, a filha do cônsul, se feriu ao sair do carro capotado. «A menina Clotilde cortou a mão no vidro da janela», lembra Fernanda Dias, sentada num sofá por onde se espalham fotografias e cartas da família Sousa Mendes. Vive num bairro camarário do Porto, nunca foi citada em nenhum livro ou biografia sobre o chamado «Wallenberg português». Alguns filhos de Aristides mantêm correspondência com a antiga empregada mas outros perderam-lhe completamente o rasto. E o que Fernanda Dias mais desejava «era rever o João Paulo, porque esse fui eu que o criei!...» Todos os nomes próprios e percurso pessoal de cada um dos muitos filhos de Sousa Mendes estão ainda bem presentes no espírito desta mulher a quem várias anestésias de outras tantas operações varreram já um pouco a memória. Baralha a política portuguesa actual e ►



Salazar não perdeu tempo a castigá-lo. E fê-lo com requintes de sadismo mandando-o apresentar-se no MNE, onde nunca conseguia ser recebido

Magno, C. (1996, novembro 9). Salazar, o cônsul e a criada. *Revista Expresso*, 48-55.

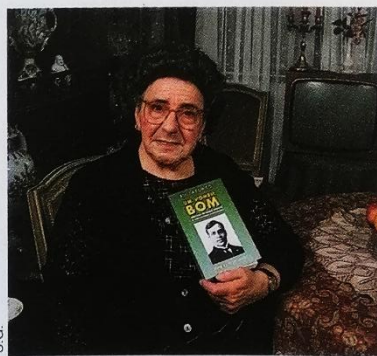
O palacete da família Sousa Mendes em Cabanas de Viriato



► até julga que Jaime Gama foi ministro dos Negócios Estrangeiros de Cavaco Silva, porque diz que Gama fez tudo para reabilitar o nome do cônsul apesar de o primeiro-ministro não querer. Confunde o bloco central com o período cavaquista porque foi nesse Governo de Mário Soares que o então ministro Jaime Gama pôs em marcha o processo de reabilitação diplomática de Sousa Mendes. Por outro lado, Fernanda Dias está ainda traumatizada com o anterior primeiro-ministro porque, segundo Joana de Sousa Mendes lhe contou, quando foi pedir a Cavaco Silva para acelerar o processo da reintegração póstuma do cônsul no quadro diplomático, ouviu esta resposta: «**Oh! minha senhora, o seu pai desrespeitou ordens superiores e se um dos meus ministros me desobedecesse eu também...**» Fernanda Dias conta que Joana estava lavada em lágrimas e ela própria ficou em estado de choque com a declaração de Cavaco. Ao contrário, as iniciativas pessoais de Mário Soares para perpetuar a memória do cônsul fazem do ex-Presidente da República outro dos heróis de Fernanda Dias. Guarda recortes de jornais com discursos na Assembleia da República e notícias de homenagens prestadas ao diplomata em todo o Mundo. Saltou na cadeira quando o secretário de Estado das Comunidades, José Lello, a informou de que no próximo dia 9 de Dezembro vai ser inaugurada pelo primeiro-ministro francês Alain Juppé e por Jaime Gama uma rua com o nome de Aristides de Sousa Mendes na cidade de Bordéus. Foi, aliás, uma empregada doméstica de José Lello quem, por acaso, descobriu que a antiga empregada do cônsul vivia no Bairro do Carriçal, muito próximo da residência do secretário de Estado das Comunidades. E ele próprio se encarregou de dar notícias de Fernanda Dias não só a João

Paulo de Sousa Mendes mas a uma produtora americana que está a preparar um filme sobre a vida de Aristides. Os contactos para a recolha do seu testemunho foram já estabelecidos e é natural que a memória pessoal de Fernanda Dias seja utilizada não só na pesquisa do filme mas também no próprio argumento. Porque a vida desta mulher dava um romance.

Nasceu em Carregal do Sal e foi aluna da irmã de Salazar na escola primária. Filha



Impedido de trabalhar, Aristides de Sousa Mendes arrastou-se anos a fio pelas ruas da amargura

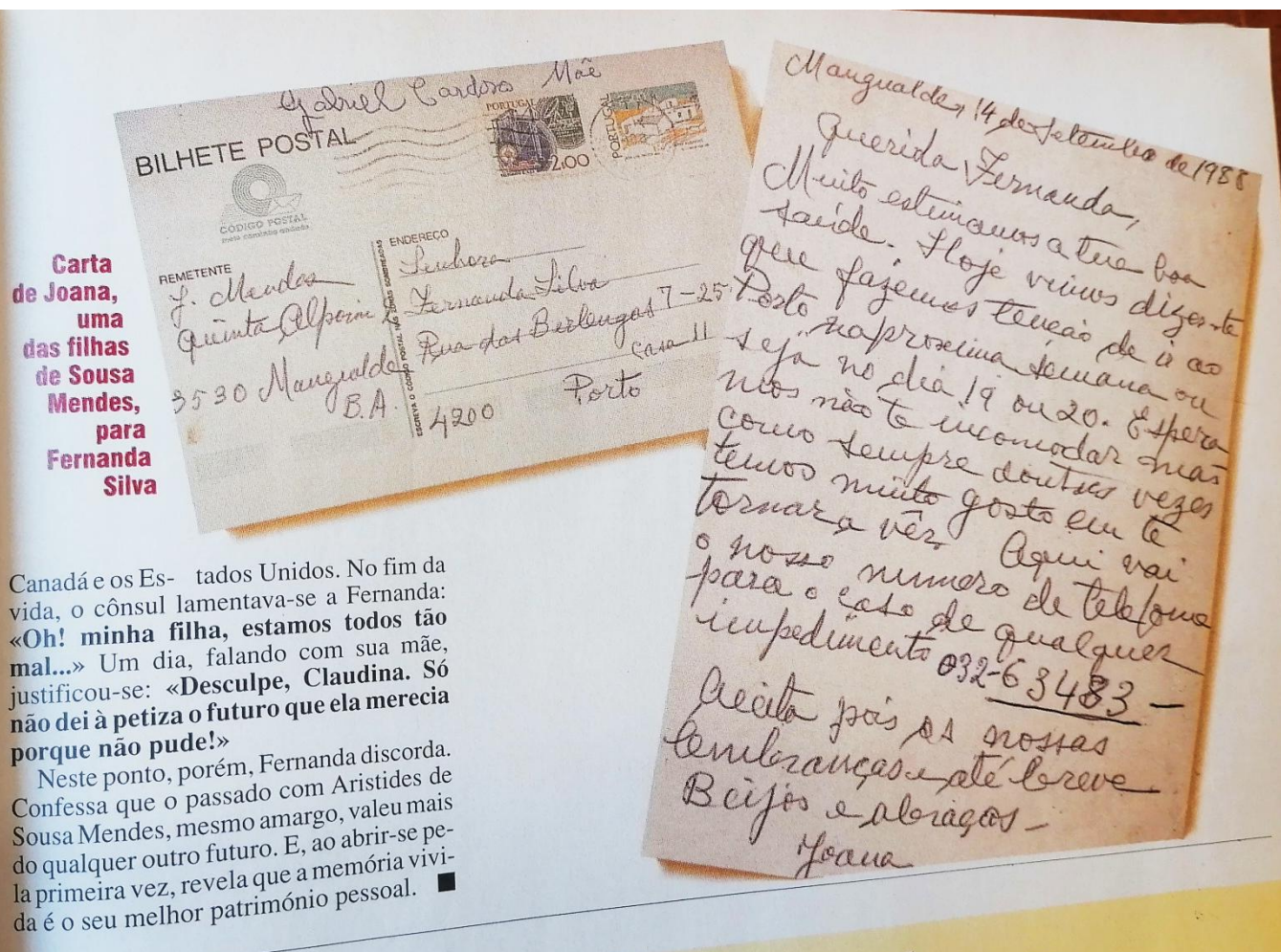
do primeiro casamento de «**uma senhora muito bonita**» que, «**quando conheceu o meu pai já tinha quatro filhos de um solteirão muito rico lá da Beira**», Fernanda foi muito cedo trabalhar para casa do cônsul Sousa Mendes. «**Não**

tinha ordenado, mas naquela altura servir em casa de um diplomata valia mais do que ir para um colégio.» O pai tinha partido para o Brasil à procura de melhor sorte e a mãe de Fernanda entregou a sua filha ao cônsul na certeza de que ficava com o futuro assegurado.

Primeiro foi para a Antuérpia. Quando Aristides mudou de posto, «a petiza» — «**era assim que me chamavam**» — viu-se no consulado de Bordéus com a guerra a rebentar e os primeiros refugiados judeus a baterem à porta da chancelaria. Aprendeu o francês sem mestre e fazia um pouco de tudo: «**Era 'concierge' [porteira], cuidava dos meninos, atendia o telefone e ajudava no que fosse preciso.**» Garante que «**o senhor cônsul nunca aceitou jóias e diamantes ou obras de arte que os mais desesperados lhe ofereciam**». Mas confessa: «**A mim davam-me pequenas gorjetas.**» As recordações desse tempo em que viveu no número 14 do Quai Louis XIII em Bordéus baralham-se-lhe no espírito. Lembra-se da Bourse Maritime e da esplanada de Quinconces. Às vezes, o seu olhar parece ainda parado nas docas do rio Garone. Fernanda ficou marcada para sempre com o reboliço dos refugiados e a serena tempestade interior do cônsul Sousa Mendes. Quando regressou com ele a Lisboa, foi várias vezes à associação judaica buscar comida para a sua casa. Era a retribuição possível da comunidade que ele tinha ajudado a sobreviver ao holocausto. Essa mesma comunidade apoiou também os filhos de Aristides que nessa altura já tinham emigrado para o

Anexo 44 | Continuação

Magno, C. (1996, novembro 9). Salazar, o cônsul e a criada. *Revista Expresso*, 48-55.



Marujo, A. (1996, dezembro 8). A casa, a miséria e o hotel. *Público*, 27.

Comentário

António Marujo

A casa, a miséria e o hotel

DEPOIS de anos de abandono, após várias sugestões e votos de empenhamento diversos, a casa onde Aristides Sousa Mendes viveu, após ter sido afastado por Salazar da carreira diplomática, vai ser transformada num hotel — o projecto está já em fase de licenciamento camarário. O cônsul que, em Bordéus, passou vistos a mais de 30 mil pessoas que fugiam do totalitarismo nazi (entre os quais, pelo menos 10 mil judeus), acolheu mais tarde, no seu palacete de Cabanas de Viriato (Carregal do Sal), muitos seguidores da religião hebraica à procura de refúgio ou de abrigo temporário, em trânsito para os EUA.

Tudo isto é triste. O Estado Novo fez o que lhe competia: um diplomata que desobedece a Salazar, salvando tanta gente de ir parar aos campos de concentração nazis, tinha que ser irradiado. Destituído do cargo, demitido da carreira diplomática, arruinado, Sousa Mendes morreu na miséria, em 1954, sem nunca ter negado a sua ajuda a ninguém. E defendendo-se das perseguições do Estado Novo com a sua convicção católica: "Prefiro estar com Deus contra os homens, a estar com os homens contra Deus."

Com a democracia, pensávamos todos, o país ajustaria contas com o passado, faria justiça aos que o fascismo nacional ultrajara, devolveria dignidade à memória. Esperança vã. Barros Basto (irradiado da tropa por causa das suas convicções judaicas) está à espera da reintegração no Exército; Sousa Mendes é sucessivamente homenageado, mas aguarda a execução da reintegração no Ministério dos Negócios Estrangeiros (votada pelo Parlamento em 1988, sob proposta do actual ministro Jaime Gama).

A casa de Sousa Mendes esteve durante anos em ruínas. O então Presidente da República, Mário Soares, sugeriu que ali se construísse um centro pela paz. Em 1983, por ocasião da homenagem que a Comunidade Israelita de Lisboa prestou a Sousa Mendes, o seu presidente, Joshua Ruah, manifestou-se favorável à hipótese lançada por Soares, com a criação de um museu do holocausto e da tolerância. "Lugar ligado à memória", o palacete — transformado em tempos num aviário — chegou a ser declarado, pela assembleia municipal de Carregal do Sal, como de interesse local.

Bastaria o esforço de algumas vontades para que o edifício fosse comprado e nele se dinamizasse um pólo de "memória e reencontro" cultural, social e religioso. No Estado, na autarquia, na comunidade judaica ou em outras instituições religiosas não apareceu ninguém que desse corpo à ideia. Sobrará, para o futuro, um hotel, onde poderemos descansar de preocupações menores e, talvez, inventar um novo turismo — o humanitário.

A miséria que rodeou a morte de Aristides Sousa Mendes, sucede a miséria de um país que não dá valor aos seus. ■

Melo, A. (1996, dezembro 8). A “desobediência moral” de Sousa Mendes. *Público*, 26-27.

sociedade 26 DOMINGO, 8 DEZEMBRO 1996

SOCIEDADE

Museu da República e Resistência leva o “cônsul de Bordéus” às escolas

A “desobediência moral” de Sousa Mendes

António Melo

Os painéis dão o sinal. O vídeo anuncia uma aula diferente. O colóquio permite falar do que mais impressionou. Uma separata sobre a atitude do “cônsul de Bordéus”, Aristides Sousa Mendes — que salvou dez mil judeus das perseguições nazis —, reforça o que se viu e ouviu. Valorizar o exemplo que deu Sousa Mendes é o objectivo. Pagou caro o seu gesto de nobreza, que nunca renegou: morreu numa cama de hospital para pobres, a 3 de Abril de 1954. Ainda falta muito para que toda a justiça lhe seja feita. Este é o contributo do Museu da República e Resistência.



Aristides Sousa Mendes e a esposa, Angelina, em 1911

Amanhã (dia 9), Bordéus passará a ter na sua toponímia uma Rua Aristides Sousa Mendes. É a maneira escolhida pela municipalidade da cidade francesa para comemorar o Dia dos Direitos Humanos, que tem o seu contraponto numa cerimónia promovida pela Fundação Pro Dignitate, no Colégio Moderno, em Lisboa. Nesta cerimónia, com o patrocínio da Câmara Municipal de Lisboa, Fundação Luso-Americana, Metropolitana de Lisboa e Casa Pia, entre outras entidades, serão entregues os prémios aos alunos do ensino secundário, galardoados num concurso que teve por tema “A figura de Aristides de Sousa Mendes e a sua acção exemplar”.

No dia seguinte, em Sintra, numa outra escola, a “Leal da Câmara”, o cenário será outro, embora a figura evocada seja a mesma. O Museu da República e Resistência leva a esta escola o seu projecto “A Coragem da Tolerância”, algo de pedagogicamente bem feito que tem no

“cônsul de Bordéus” a sua referência principal.

“O projecto nasceu no Museu. Contactámos diversas instituições, mas só o Ministério da Educação deu resposta positiva, garantindo um apoio financeiro de cerca de dois mil contos”, explica João Mário Mascarenhas, director do Museu da República e Resistência. Para o executar pediu o apoio de Maria João Martins, jornalista e autora de “O Paraíso Triste”, uma visão de Lisboa durante a II Guerra Mundial.

Com estes dois mil contos realizaram um vídeo de meia hora onde se faz uma biografia sucinta e correcta de Sousa Mendes e puseram de pé o projecto, que não quiseram limitá-lo a um visionamento passivo.

O público alvo eram (e são) os jovens. Como eles se encontram predominantemente nas escolas, pensaram numa acção pedagógica, “mais do que didáctica”. Os objectivos ultrapassam assim a mera evocação de Sousa Mendes. A partir dela propõem uma conduta de vida

baseada no princípio da tolerância e do respeito pelas diferenças dos que nos rodeiam: indivíduos e comunidades.

“Não ser chato, antes despertar a atenção” foi o princípio orientador desta acção pedagógica. Daí a recusa de uma exposição no Museu e um “vídeo” posto à disposição das escolas. É a exposição e o vídeo que vão às escolas.

No átrio, ou outro local visível, colocam os 36 painéis com fotos alusivas à vida do “cônsul de Bordéus” e à II Guerra Mundial. Quebra-se, assim, a rotina da escola. As fotos são sugestivas, as legendas simples e a leitura do conjunto é fácil.

O passo seguinte é o vídeo, com uma explicação mais elaborada dos objectivos cívicos. Traça-se o perfil de Aristides Sousa Mendes — nascido numa família da aristocracia rural, com casa senhorial em Cabanas de Viriato (Carregal do Sal), de fortes convicções monárquicas. Refere-se, em seguida, a sua actividade consular, cheia de altos e baixos, até chegarmos a Agosto de 1938, quando é colocado em Bordéus. A Europa vive momentos de tensão política: há perseguições na Alemanha, cujas ambições expansionistas são óbvias, e a perspectiva de uma guerra continental é perceptível pela opinião pública. Só os governos de Paris e Londres pareciam não ver essas ameaças, permitindo que Hitler reforçasse o seu poder bélico de ano para ano.

Junho de 1940

Chega Junho de 1940 e com ele o ponto mais alto da ofensiva germânica — a conquista da França.

Soltam-se, então, imagens de levadas de refugiados a calcorrear as estradas de França,

Em nome da dignidade

“NÃO SEI o que é que o futuro reserva para vossa mãe, para vocês e para mim mesmo. Materialmente, a vida não será tão boa para nós como tem sido até agora. Contudo, sejamos corajosos e tenhamos em mente que, ao dar a esses refugiados a possibilidade de viverem, teremos uma possibilidade mais de entrar no Reino dos Céus, porque, ao fazê-lo, não faremos mais do que praticar os mandamentos de Deus.” Estas palavras são de Aristides Sousa Mendes, dirigidas aos seus filhos quando tomou a decisão de “salvar toda aquela gente”.

Esta “gente” eram os milhares de foragidos à tropa hitleriana, que em 16 de Junho de 1940 ocupou Paris e se amontoavam, literalmente, à

porta do consulado português em Bordéus, dirigido por Aristides Sousa Mendes. Muitos eram refugiados vindos de outros países já ocupados — Polónia, Checoslováquia, Áustria... Empurrados mais uma vez para fora das suas casas, tinham diante de si a Espanha franquista, que lhes recusava asilo.

O Portugal salazarista não fechava as portas, mas também não as abria. Desde que obtivessem visto e se comprometessem a seguir para as Américas, podiam entrar.

O problema estava em arranjar o visto. Salazar, era ministro dos Negócios Estrangeiros e da Defesa, além de primeiro-ministro e tinha a tutela sobre a polícia política (PVDE — Polícia de Vi-

gilância e Defesa do Estado). A última coisa que desejava era ter dentro do “seu” país os perseguidos do regime nazi. Primeiro, porque eram estrangeiros, depois, se eram perseguidos, mesmo se só por serem judeus, isso dava-lhes uma má imagem. O futuro embaixador Marcello Mathias, então um dos seus braços direitos dentro do MNE, di-lo de uma maneira muito clara em Fevereiro de 1936, num relatório que sobre a “questão dos judeus alemães” Salazar lhe solicitara:

“Com a subida ao poder do nacional-socialismo alemão, agravou-se a situação dos judeus alemães que foram forçados, em grande número, a abandonar o país e a perder os seus direitos políticos.

“Essa perseguição que, por motivos económicos, étnicos e religiosos lhes vem movendo o Governo nacional-socialista, deu aos judeus expulsos ou fugidos da Alemanha certo carácter comunista que os tornou suspeitos à maioria dos Estados capitalistas.

“Por outro lado, certos países ocidentais, como Portugal, onde não existe o problema semita, não veriam certamente com satisfação a entrada na comunidade nacional desses elementos, cuja tendência nómada e diferenciação racial e religiosa os tornam praticamente inassimiláveis (...).”

Como a legislação da I República, promulgada em 1913, era francamente permissiva nesta matéria de entrada de judeus, sobretudo

Melo, A. (1996, dezembro 8). A “desobediência moral” de Sousa Mendes. *Público*, 26-27.



Edifício onde, em 1940, estava instalado o Consulado de Bordéus

Bélgica e demais países europeus ocupados pelos exércitos nazis. E chegamos a Bordéus, onde vem desaguar este oceano de angústias. Para muitos — a maioria — é a última fronteira. Aqui serão presos pelo invasor, internados em campos de concentração, antes de serem enviados para os campos de extermínio, na Polónia ou Austria.

Aristides Sousa Mendes sabe, como a maioria dos seus contemporâneos, que é esse o destino de todos os que ficarem naquela terra. Lisboa pode ser "uma ponte para a liberdade", como escreve a revista "Times".

Para isso, porém, é preciso ter um visto para Portugal. Só assim as autoridades espanholas o deixam passar. Salazar toma uma posição ambígua: publicamente mostra-se tolerante na concessão de vistos.

mas dentro do Ministério multiplica as dificuldades para os conceder. A intenção é dizer "sim" e fazer "não" (ver "Em nome da dignidade").

De 16 a 18 de Maio, o cônsul português em Bordéus sofreu da sua impotência de “funcionário zeloso das ordens superiores”. Mas Sousa Mendes era um homem consciente, que se questionava moralmente. Qual era o seu papel naquele drama? Testemunha cúmplice? Não dizia explicitamente o estatuto de funcionário diplomático que era seu dever “ajudar pessoas em perigo”? Haveria pessoas em maior perigo do que aquelas que se comprimiam à porta do consulado?

Ao fim desses três dias libertou-se da angústia e tomou uma decisão. "Ia salvar toda aquela gente". Ia passá-los vistos, sem esperar pela

se provassem descender dos que D. Manuel e a Inquisição haviam expulso, considerava que se lhe devia pôr termo. Aconselhava, para maior rapidez e discrição, que se fizesse tudo internamente: "Para adopção destes princípios [de revisão da legislação de 1913] não seria necessário o recurso a diploma legislativo, visto o artigo 701 do regulamento Consular dar força regulamentar às instruções deste Ministério sobre a matéria"

O relatório de Mathias tem a menção de "concordo" e a data: 15/2/36. Passou a ser a nova política interna do MNE e o cônsul honorário em Atenas, Lencastre e Menezes, que na opinião de Mathias se excedera na concessão de vistos a oriundos da Austria e Próximo Oriente, foi o primeiro a ver revogado os seus direitos consulares.

Mas, dizer publicamente que essa era a política oficial do país — à semelhança do que na Espanha franquista se fazia — iria indispor, te-

autorização superior — que, se viesse, já não encontraria vivo quem a solicitara.

Questões quentes

De tudo isso fala o vídeo, enaltecendo a atitude de Aristides de Sousa Mendes e a sua "capacidade de resistência às ordens injustas". Sem esquecer que "foram precisos 34 anos para reabilitar a memória de Sousa Mendes", e ainda não totalmente, já que a sua reintegração plena nos quadros da carreira diplomática continua a aguardar despacho ministerial (ver "Homem Bom", de Rui Afonso, ed. Caminho).

Findo o visionamento, segue-se um debate com os dois autores e outras pessoas que a escola queira convidar.

"A questão dos refugiados ainda é matéria de actualidade", diz João Mário Mascarenhas, falando sobre os aspectos do vídeo que maior interesse despertam nos auditórios escolares. Os moderadores, por seu turno, orientam a conversa para a valorização da "coragem e tolerância" exemplares de Sousa Mendes.

"E quando não somos tolerantes, que fazer?" — questionou uma jovem num destes debates. "Foi uma pergunta embaraçosa", confessa Maria João

Martins, que numa estrita perspectiva pedagógica se deu conta de ter caído num paradoxo. João Mário resolveu-o com atitudes da abordagem política. "A política é uma dimensão incontornável da vida das sociedades", sublinhou. A ditadura opõe-se a democracia e à tirania o consenso. Em democracia — argumentou — as opções estão sempre em aberto, mas em ditadura elas bloqueiam-se. E por isso legítimo e necessário que as sociedades democráticas mantenham todas as alternativas de discussão, menos as que conduzem à ditadura, ou seja ao seu suicídio.

"De qualquer modo, com perguntas fáceis ou difíceis, a experiência tem sido gratificante, e julgo que atingimos o nosso objectivo, que é fazer que os jovens integrem como vivências os factos que lhes transmitimos" — diz o director do Museu da República e Resistência. ■

mia Salazar, os "velhos aliados ingleses". Por isso, abriu a passagem aos exilados, mas, sem que se soubesse, estabeleceu um rigoroso controle interno à concessão de vistos. Os cônsules converteram-se em simples caixas de correio e nem mesmo os altos funcionários do MNE podiam decidir nessa matéria. Por ordem expressa de Salazar, frequentemente renovada, todos os pedidos de concessão de visto deviam receber o aval prévio da PVDE.

Foi neste contexto que Aristides Sousa Mendes, em perfeita consciência dos riscos que assumia, decidiu "salvar toda aquela gente", concedendo-lhes os vistos. Fe-lo por sua iniciativa, num acto de "desobediência moral" diante de um regulamento interno que, disse na sua defesa, violava a Constituição. Aludia ao "artigo 8º, nº 3, que garante a liberdade e inviolabilidade de crenças, não permitindo que ninguém seja perseguido por causa delas nem obrigado a responder acerca da religião que professa". ■ **A.M.**

Melo, A. (1996, dezembro 8). "Homem bom". *Público*, 27.

PERFIL

"Homem bom"

UM "HOMEM bom" que bebeu até ao fel a angústia dessa bondade, assim qualifica Rui Afonso o "cônsul de Bordéus", na excelente biografia que sobre ele fez (Ed. Caminho, 1995). Salazar responsabilizou-o de excesso de humanidade e levantou-lhe um processo infame, que ainda por cima reduziu a mera "questão administrativa", do foro disciplinar.

O cônsul era, até Junho de 1940, um "bon vivant", pessoa jovial, católico praticante e exemplar pai de família. Por imperativo moral, comprometeu essa vida fácil para salvar milhares de pessoas que o regime de Hitler perseguia. Mas os seus contemporâneos, incluindo os que ajudou a salvar, pouco fizeram para lhe amenizar a vida, quando ficou sem o ganha-pão do emprego consular.

No momento em que a perseguição salazarista se abateu definitivamente sobre Sousa Mendes e o deixou com uma reforma miserável, incapacitado de porvir à numerosa família de 12 filhos, só um dos ricos e poderosos que o cônsul ajudou

a escapar à tormenta nazi veio em sua ajuda. Foi Maurice de Rothschild, conta Rui Afonso, e, mesmo assim, foi preciso o filho de Sousa Mendes, Geraldo, dirigir-se-lhe. Em 1946, enviou um cheque de 30 contos, o que, nesse tempo era uma soma razoável. O amor próprio de Sousa Mendes, porém, impediu-o de voltar a socorrer-se desse apoio.

Apesar desta amargura, assegura Rui Afonso, nunca Aristides ou sua mulher,



Angelina, se mostraram arrependidos pela atitude que tomaram em Bordéus, em Junho de 1940.

A vida de Sousa Mendes decidiu-se entre 16 a 22 de Junho de 1940. Nesses dias discutia-se a posição da França face à invasão nazi. O primeiro-ministro Reynaud recusava a rendição e propunha-se prosseguir o combate. Pétain substituiu-o no dia 16 de Junho e a 22 assinou a capitulação ou, segundo a sua terminologia, um "armistício sem condições".

Sousa Mendes, ciente do que se passava, aproveita este interim para, de manhã à noite, conceder vistos de entrada em Portugal a todos os refugiados que lho imploram. Fá-lo indiscriminadamente, da família real do Luxemburgo à anónima família judia austriaca, sem cobrar um tostão, atitude que vai ser considerada como "agravante" no processo disciplinar. Ignorou também, como sublinhou na sua defesa, distinções ráticas, de religião ou de ideologia. Agia, sobretudo, por imperativo da sua consciência de cristão.

A atitude do cônsul Sousa Mendes na defesa dos refugiados de Bordéus esteve silenciada em Portugal até 1988. Foi no dia 18 de Março desse ano que a Assembleia da República aprovou unanimemente um voto de louvor à memória de Aristides de Sousa Mendes e determinou a sua reintegração na função consular, a título póstumo.

No entanto, até agora, essa reintegração não se fez ainda plenamente, pois aguarda que um despacho interno ministerial recolha Sousa Mendes nos quadros diplomáticos. Enquanto isso não se fizer, o voto da Assembleia da República só tem valor simbólico. Foi o que indignadamente disse Nuno de Medeiros, então embaixador itinerante do Presidência da República, em 20 de Março de 1995, na homenagem nacional que se fez a Sousa Mendes. Nuno de Medeiros considerou "vergonhoso que o Governo português não tenha ainda indemnizado a família de Aristides de Sousa Mendes".

Esperava-se que na sessão solene que encerrou a homenagem, quatro dias mais tarde, no cinema Tivoli, em Lisboa, o então secretário de Estado Sousa Macedo respondesse a este desafio. Ficou-se, porém, pelo elogio de circunstância, a que acrescentou um prudente: "Independentemente do juízo que se possa fazer do cumprimento formal da função [consular]".

Depois disso houve eleições, e uma nova equipa ministerial, liderada por Jaime Gama, instalou-se no Palácio das Necessidades. Porém, que tenha vindo a público, não se registou qualquer alteração no estatuto diplomático de Aristides Sousa Mendes, apesar de ter sido por proposta do actual ministro, então deputado Jaime Gama, que a Assembleia da República, em Março de 1988, votou a reintegração do "cônsul de Bordéus" no Ministério dos Negócios Estrangeiros. ■ A.M.

Sousa, A. (1997, novembro 1). Aristides Sousa Mendes evocado no “Le Monde”. *Diário de Notícias*, 27.

Aristides Sousa Mendes evocado no «Le Monde»

Cônsul português salvou 30 mil judeus na II Guerra

■ ANTÓNIA DE SOUSA

Aristides de Sousa Mendes, o cônsul português que redimiu Portugal da expulsão dos judeus ao salvar 30 mil pessoas das garras nazis, das quais dez mil eram judias, foi, ontem, homenageado pelo jornal *Le Monde*, numa evocação de página inteira, publicada na secção «Horizontes».

O texto, do jornalista José-Alain Fralon, com Alexandre Flucher-Monteiro em Lisboa, saiu precisamente no dia em que perfaziam 500 anos da expulsão dos judeus ou da sua conversão, com data-limite até finais de Outubro de 1497 pelo édito de D. Manuel.

Foi, decerto, uma coincidência, pois a peça, intitulada «O cônsul que salvou trinta mil pessoas», não faz referência a esse facto. É a figura ímpar do cônsul de Portugal em Bordéus, «esse justo», e a sua corajosa heroicidade que é posta em relevo. Em contraponto, é dada a ambiguidade de Salazar que «não repreendeu Mendes de ter ousado “pôr os seus imperativos de consciência à frente das suas obrigações de funcionário”», mas também não lhe perdoou, condenando-o por essa ousadia. Primeiro a um ano de inactividade e a receber metade do vencimento e depois ao afastamento e á miséria.

«Prostrado, não dirigindo a palavra aos seus próximos, Aristides de Sousa Mendes do Amaral e Abranches, cônsul de Portugal em Bordéus, não deixou o leito

durante três dias. No apartamento do primeiro andar do Quai Luís XVIII, Angelina, sua mulher, José e Pedro, dois dos seus filhos, interrogavam-se. «E depois», conta hoje o Pedro, «levantou-se como que apaziguado e cheio de uma imensa energia, abriu a porta da chancelaria, e disse, em voz alta: “Doravante, darei o visto a toda a gente, não há mais nacionalidade, raça, nem religião!”»

É desta forma, romaneada, que *Le Monde* introduz o cônsul que, a 16 de Junho de 1940, começou «a maior acção de salvamento levada a cabo por uma só pessoa durante o Holocausto». Uma das fontes de informação, citada mais de uma vez, foi o documentário «*remarquable*» de Teresa Olga, «O cônsul proscrito».

Infelizmente, a história e o exemplo de Aristides Mendes não são suficientemente conhecidos em Portugal. Silenciado pela ditadura, já depois de 1974, conforme lembra *Le Monde*, «após a Revolução dos Cravos que pôs fim á ditadura, um funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros pediu a reabilitação de Sousa Mendes, mas a hierarquia fez-lhe saber que o cônsul havia cometido a pior das faltas para um funcionário: a desobediência».

A desobediência na guerra pode levar ao fuzilamento ou tornar o soldado num herói. Sousa Mendes é um herói a quem Portugal deve a remissão de erros passados. *Le Monde* ao exaltar Aristides, reconhece e honra a alma do povo português.

Anexo 49 | Destaque na primeira página

Castanheira, J.P. (1997, novembro 22). Família de Aristides Sousa Mendes recusa indemnização de 15 mil contos. Expresso, 9.

REVISTA

CASOS DE POLÍCIA

O EXPRESSO acompanhou durante várias noites as rusgas da PSP e conta o que viu — do lado dos margens e da polícia

POLÍCIA

O EXPRESSO acompanhou durante várias noites as rusgas da PSP e conta o que viu — do lado dos margens e da polícia

MODA

A moda negra Alek Wek está a conquistar os circuitos da moda com uma beleza que alguns consideram «primitiva»

GUERRA

A mais recente Crise do Golfo revela realidades sociais e culturais no domínio das armas químicas e biológicas

LIVROS

O livro de Laurence Sterne «A Vida e Opiniões de Tristram Shandy», agora traduzido para português, contém o melhor do romance e história do romance

PREÇOS

Conteúdo 400\$00
Mídia 220\$00
Apoios 560\$00
IVA 5% incluído

Endereço na Internet: <http://www.expresso.pt>

EXPRESSO

22 NOVEMBRO - 97

DIRECTOR: JOSÉ ANTÓNIO SARAIVA

DIRECTOR-ADJUNTO: JOSÉ ANTÓNIO LIMA

SUBDIRECTORES: FERNANDO MADRINHA e HENRIQUE MONTEIRO

Alberto Costa ameaça sair

«Se mexerem nas minhas competências, vou-me embora»

ALGUÉM quis decidir sobre as minhas competências, vou-me embora», diz o ministro da Administração Interna, Alberto Costa, ao EXPRESSO. O ministro da Administração Interna revela a sua recusa de transferir a tutela da Protecção Civil para o sistema de Estado Armado. Vozes ameaça «bater com

António Vitorino admite voltar

«Não fecho a porta a um regresso, mas farei uma travessia do deserto»

ANTÓNIO Vitorino promete fazer uma «travessia do deserto», mas não pôs de lado a hipótese de regressar ao activo assim que estiverem esclarecidas todas as implicações do caso que rodeia a sua demissão. «Não fecho a porta ao meu regresso quando tudo estiver esclarecido. Mas há sempre um

24 HORAS

Exames do 12.º com erros
OS EXAMES do 12.º ano apresentaram erros científicos e falhas pedagógicas, assim «valendo significativamente de pena», afirmaram os professores. Inquiridos pelo Diário de Notícias, os professores do Colégio Nacional de Exames do Ensino Secundário, ao analisar os exames, chegaram ao recurso a reclusões científicas e erros pedagógicos (ver pag. 14).

Expo-98 vendeu 500 mil
A SÉTIMA da abertura da Expo-98 já registou 2,5 milhões de visitantes, o que é uma vez de visitantes. O número, que já ultrapassou os 500 mil bilheteiros, corresponde a três milhões de entradas.

Sarsfield ainda não actiou
SARSFIELD, o chefe de polícia, não conseguiu pôr Breda e Azevedo para detenção. O chefe de polícia, Sarsfield, não conseguiu pôr Breda e Azevedo para detenção. O chefe de polícia, Sarsfield, não conseguiu pôr Breda e Azevedo para detenção.

Monteiro acusa Guterres de o ter enganado

MUNIEL Monteiro acusa António Guterres de o ter enganado. Monteiro diz que o PS, «ao mudar de rumo», está a «desrespeitar um compromisso político» ratificado pelo presidente do PS e pelo secretário-geral do PS, António Guterres, no sentido de «ponderar» a alteração

Negócio milionário falha na advocacia

Arthur Andersen quis comprar por mais de um milhão o escritório de António Maria Pereira

Família de Sousa Mendes rejeita indemnização

A FAMÍLIA de Aristides Sousa Mendes rejeita a indemnização de 15 mil contos oferecida pelo Ministério da Administração Interna. A família de Aristides Sousa Mendes rejeita a indemnização de 15 mil contos oferecida pelo Ministério da Administração Interna.

Espírito Santo à beira de romper com Benfica

O BANCO ESSI, do grupo Espírito Santo, poderá não participar na operação de aquisição de acções da sociedade desportiva do Benfica. Em causa estarão uma série de contratos efectuados sob a presidência de Manuel Damásio, mas que comprometem o clube da Luz perante credores, entre os quais se contam instituições de crédito.

Ordem abre processo a Vale e Azevedo

JOÃO Vale e Azevedo têm introduzida uma participação disciplinar na Ordem dos Advogados, por publicidade ilícita aos serviços da sua sociedade de advocacia. A publicidade a Vale e Azevedo é feita numa página na Internet (www.vaz-azevedo-associados.pt), em que se encontra a uma visita virtual ao escritório. A abrir, surge logo a informação de que os seus advogados «encontram-se ao nível dos melhores do mundo na sua especialidade».

Damásio e Futre querem gerir Grão-Pará

MANUEL Damásio e Paulo Futre colaboraram com o investidor bolista Jorge Figueiredo para elegerem um representante na administração da empresa Grão-Pará, de que Damásio é sócio. Manuel Damásio entrou depois, mas pelas mesmas razões, comentou Figueiredo ao EXPRESSO.

Guia do Crédito

O EXPRESSO e o Instituto do Consumidor publicam, em parceria com a Associação Nacional das Instituições de Crédito, um guia dedicado ao Crédito. No âmbito da prevenção do crédito, o guia deve ser utilizado com «cautela, peso e moderação», para que se evitem situações de sobre-endividamento que já se verificam em larga escala nalguns países.

MÃOS OCUPADAS?

Novo MIMO Sem Mãos.

Muito perto do que é importante

Castanheira, J.P. (1997, novembro 22). Família de Aristides Sousa Mendes recusa indemnização de 15 mil contos. *Expresso*, 9.

Família de Aristides Sousa Mendes recusa indemnização de 15 mil contos

O Parlamento ofereceu 800 contos e o MNE subiu para 15 mil, mas a família Sousa Mendes acha que o dinheiro não é a reparação adequada

JOSÉ PEDRO CASTANHEIRA

OS HERDEIROS do ex-cônsul de Portugal em Bordéus, Aristides Sousa Mendes, não aceitam a indemnização de 15 mil contos que lhes foi atribuída pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros. Esta decisão foi comunicada ao *EXPRESSO* pelo capitão Álvaro Sousa Mendes, um dos numerosos netos do falecido diplomata e que, como acentuou, tem

«uma procuração implícita» da família para tratar do assunto com o Estado. «Já conversei com a restante família e decidimos não aceitar aquela indemnização. Pensamos que não é justa, não é reparadora dos sofrimentos causados pelo antigo regime, não apenas ao meu avô mas a todos os seus filhos e netos» — afirmou Álvaro Sousa Mendes. «Se o meu avô honrou o país e a pátria, então tem de ser tratado com a dignidade correspondente».

Esta posição foi suscitada por um ofício do secretário-geral do MNE informando a família de que «a resolução da questão da indemnização reparadora (...) se encontra dependente do envio a este Ministério do documento de habitação de herdeiros». O ofício, subscrito pelo embaixador Francisco Knopfli e

com data de 2 de Outubro ainda não teve uma resposta da família. Esta é a razão por que o gabinete do ministro ainda não tinha conhecimento oficial da recusa.

Família deseja uma casa-museu

Muito mais do que uma indemnização, o que os herdeiros desejariam — explicou Álvaro Sousa Mendes — era a transformação do velho palacete de Cabanas

Jaime Gama, no decorrer da cerimónia de entrega do Prémio Aristides Sousa Mendes, instituído pela Associação Sindical dos Diplomatas Portugueses. Durante o encontro, a que também esteve presente o secretário-geral do Ministério, Gama informou a família do valor da indemnização e não terá excluído a hipótese de se projectar uma casa-museu. Posteriormente, o representante da família pediu telefonicamente uma audiência com o embaixador Knopfli. Sem sucesso. Até que este lhe dirigiu o citado ofício, que surpreendeu o capitão Sousa Mendes na medida em que não contém qualquer referência à eventual casa-museu.

Como se sabe, Aristides Sousa Mendes desobedeceu às instruções do Ministério — à época dirigido pelo próprio Salazar — e passou um número estimado em trinta mil vistos a refugiados, grande parte deles judeus fugindo ao avanço do nazismo. O comportamento do cônsul em Bordéus, em Junho de 1940, custou-lhe caro: a pena de um ano de inactividade e a passagem compulsiva à reforma.

O diplomata viveu os seus últimos anos «na miséria» — como sublinhou David Mourão-Ferreira, numa sessão de homenagem em 1995. Faleceu em 1954. Ao funeral não compareceu ne-



O palacete de Cabanas do Viriato: a família preferia que o Estado criasse aqui uma casa-museu ou uma fundação para apoio a refugiados

hum dos seus 14 filhos — entretanto obrigados a sair do país, espalhando-se pelos EUA, Canadá, Bélgica e África.

A indemnização à família decorre de uma lei aprovada por unanimidade pela Assembleia da República em 1988. O diploma determinava ainda a reintegração no MNE e a sua promoção ao posto imediato na carreira diplomática — o que já se verificou.

As condicionantes pre-

vistas na legislação fizeram com que a indemnização não ultrapassasse os 800 contos — um montante ridículo por tão escasso. «Era simplesmente indigno», foi como o capitão Sousa Mendes o classificou. O actual Governo decidiu torner a questão. O ministro Jaime Gama decidiu-se por um montante superior (15 mil contos), mas que fica aquém das expectativas dos herdeiros, que prefeririam que o Estado honrasse a me-

mória do ex-cônsul de uma forma perene.

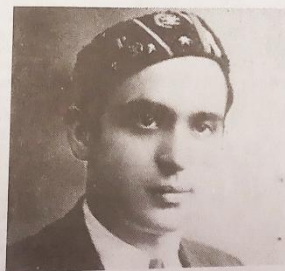
Livro lançado em Frankfurt

A memória de Sousa Mendes voltou a ser evocada esta semana pela RTP, a propósito da exibição, quarta-feira, no Canal 1, do fil-

me *A Lista de Schindler*. Na véspera, a uma hora muito tardia, o Canal 2 passou o filme «O Cônsul Injustiçado», da autoria de Diana Andringa e Teresa Olga.

No mês passado, durante a Feira do Livro de Frankfurt, foi lançada uma versão em alemão de um livro sobre o famoso diplomata: O

Cônsul, uma ficção da autoria de Julia Nery. O livro já fora traduzido para francês e lançado por uma editora de Bordéus, a cidade onde Sousa Mendes ajudou a salvar milhares de refugiados e cuja memória está assinalada numa rua com o seu nome e num busto erguido no Jardim da Resistência.



O cônsul Aristides de Sousa Mendes

de Viriato (Carregal do Sal), outrora pertencente à família, «numa espécie de casa-museu», ou, melhor ainda, «na sede de uma fundação» vocacionada para o apoio a refugiados. O problema é que, entretanto, o solar passou para a posse de um grupo imobiliário, que projecta transformá-lo numa unidade hoteleira.

Segundo o capitão Sousa Mendes, o assunto foi por ele abordado no princípio do ano com o ministro

SEGUNDA-FEIRA, 24 NOVEMBRO 1997 53 local

PAÍS

Projecto gera contestação

Casa de Aristides de Sousa Mendes vai ser hotel

ALEXANDRA CORREIA



Enquanto não se decide em definitivo o futuro da casa de Aristides de Sousa Mendes, o edifício vai-se degradando

A ANTIGA casa de Aristides de Sousa Mendes, o cônsul português em Bordéus que, em 1940, ajudou mais de 30 mil judeus e refugiados a fugir da perseguição dos nazis em França, concedendo-lhes vistos para Portugal, vai ser transformada num hotel. Situado em Cabanas de Viriato, concelho de Carregal do Sal, Viseu, o palacete acabou por ser abandonado depois da morte do cônsul e encontra-se quase em ruínas, tendo mesmo chegado a ser usado como aviário. O início das obras está previsto já para Dezembro, mas o projecto do hotel é contestado por algumas pessoas da região, adeptas de um museu no local.

Declarado de "Relevante Valor Arquitectónico, Histórico-Cultural" pela Direcção-Geral do Turismo e em vias de classificação pelo Instituto Português do Património Arquitectónico (Ippar), o palacete, de estilo neoclássico, foi mandado construir pelo padre António Ribeiro de Abranches, abade de Alcobaça, e mais tarde herdado pelo seu afilhado Aristides de Sousa Mendes, que o mandou reconstruir em 1910. Depois da morte de Sousa Mendes, a casa teve vários proprietários, até que foi comprada, há três anos, pela empresa Quinta do Passal, Empreendimentos Turísticos, com vista à construção de um hotel. Antes esteve nas mãos da Campos & Nunes,

uma empresa ligada ao presidente da Câmara de Carregal do Sal.

No projecto, o palacete é referido como estando em "adiantado estado de degradação", não sendo por isso possível recuperar o interior. "No conjunto, existem vários elementos de grande valor arquitectónico que urge preservar, nomeadamente as suas fachadas, um portal no extremo poente da quinta, uma cruz com um cristo crucificado, para além de inúmeros outros", lê-se ainda no projecto. Dezoito quartos, uma suite, dois bares, um restaurante, uma sala polivalente com capacidade para 500 pes-

soas, duas piscinas, um "court" de ténis, estacionamento para 42 viaturas e um grande jardim constituem os atractivos do empreendimento.

Para o responsável da Comissão de Homenagem ao Cônsul Aristides de Sousa Mendes de Cabanas de Viriato, Luís Fidalgo, "fazer um hotel na casa de Sousa Mendes é passar uma esponja sobre a história". Seria mais interessante, acrescenta, seguir a proposta de Mário Soares, que há alguns anos lançou a ideia de ali se fazer um centro pela paz, que congregasse os países que não participaram na II

Guerra Mundial. Joshua Ruah, líder da comunidade judaica em Portugal, apoiou então a ideia do ex-Presidente da República, falando de uma espécie de museu do holocausto ou de um museu da tolerância, "contra os extremismos e a xenofobia".

"Queríamos que este lugar fosse algo de dinâmico. Vêm cá pessoas interessadas em conhecer a história, mas depois não há nada para lhes dar senão ruínas", desabafa Luís Fidalgo. A Comissão Sousa Mendes pretendia que fosse realizada uma obra que "perpetuasse a memória do cônsul, um espaço vivo que real-

casasse os valores do Aristides".

Comissão sensibiliza ministros

O responsável da comissão considera que "nunca houve por parte da Câmara de Carregal do Sal o empenhamento que a causa merece", acrescentando que "o que está em causa é um valor universal que o futuro vai enriquecendo". O presidente da câmara, Atílio Nunes, afirma, por seu lado, que a propriedade é privada e que a autarquia "não tem poder

financeiro para a comprar". Além disso, o projecto do hotel já mereceu aprovação camarária. A comissão já tem em andamento acções no sentido de sensibilizar algumas entidades, nomeadamente os ministros da Cultura e dos Negócios Estrangeiros, "para o perigo que representa fazer um hotel no local".

A Comissão de Homenagem ao Cônsul foi criada em 1986 com o objectivo de "sensibilizar as pessoas para a questão da casa e para dar a conhecer a história de Aristides de Sousa Mendes". Com intensa participação em colóquios e lançamento de livros, a comissão pretende "fazer a ligação do homem à terra", uma vez que, lembra Luís Fidalgo, as pessoas da região não guardam muitas recordações do cônsul e da sua história. "As lembranças que

há são sobretudo dos piqueniques e das festas que o Aristides deu quando tinha convidados ilustres. No tempo da guerra, isto era um oásis", referiu.

Carlos Adolfo Abranches de Aguiar, primo de Aristides de Sousa Mendes, recorda o cônsul como sendo uma pessoa "alegre, comunicativa e brincalhona". "Toda a gente o respeitava e ele era agradável para todos", disse. Para Carlos Adolfo, "é melhor fazer um hotel na casa do Aristides do que deixá-la como está, em ruínas, mas preferia que se fizesse o tal museu de que falava Mário Soares". ■

Alexandra Correia

Cônsul Sousa Mendes em selo. (1998, maio 15). *Diário de Notícias*, 26.

TRIBUTO

Cônsul Sousa Mendes em selo

A emissão feita pelo serviço de filatelia israelita para assinalar o Dia do Holocausto foi dedicada aos diplomatas «Justos entre as nações»

■ O rosto do cônsul português Aristides de Sousa Mendes figura no selo que este ano assinalou o Dia do Holocausto em Israel. A emissão feita pelo serviço de filatelia israelita foi dedicada aos diplomatas «justos entre as nações», ou seja, aqueles que arriscaram as suas vidas e carreiras para salvar judeus durante o Holocausto – como foi o caso do cônsul português em Bordéus, que em Junho de 1940 passou vistos a muitos milhares de judeus (e não judeus), permitindo-lhes que chegassem a Portugal e assim escapassem à perseguição. Toman-do essa atitude contra as ordens que tinha recebido, Aristides de Sousa Mendes foi afastado da carreira diplomática e terminou os seus dias na miséria.

No selo agora emitido em Israel, Aristides de Sousa Mendes (proclamado «Justo entre as nações» em 1966) aparece lado a lado com Sempo Sugihara, cônsul japonês na Lituânia em 1940; Selahattin Ulkumen, cônsul turco em Rodes, em Julho de 1944;



ESTRASBURGO. Parlamento Europeu vai homenagear Sousa Mendes

Giorgio Perlasca, membro da legação espanhola em Budapeste, em 1944; e Charles Lutz, diplomata suíço em Budapeste – todos eles tendo em comum o mesmo gesto de salvação dos judeus em perigo.

Entretanto, o Parlamento Europeu prepara uma homenagem a Aristides de Sousa Mendes, a ser prestada no próximo mês de Novembro, em Estrasburgo. A cerimónia deverá contar com a presença do arquiduque Otão de

Habsburgo – um dos muitos que foram salvos com os vistos passados pelo diplomata – e de altas individualidades portuguesas (Jaime Gama, que tanto se bateu no Parlamento português pela reabilitação de Sousa Mendes, poderia muito bem ser um dos convidados). A iniciativa coube aos deputados Lucas Pires, Luís Marinho e Barros Moura, e será concretizada com a colaboração da Embaixada de Israel em Lisboa e com o Congresso Mundial Judaico.

Sousa Mendes homenageado em Estrasburgo e ONU. (1998, novembro 13). *Diário de Notícias*, 9.

MEMÓRIA

Sousa Mendes homenageado em Estrasburgo e ONU

■ Aristides de Sousa Mendes é uma das figuras centrais de uma exposição itinerante que já percorreu várias cidades dos Estados Unidos e em breve estará na sede das Nações Unidas, em Nova Iorque. O cônsul português em Bordéus que, durante a II Guerra Mundial, salvou a vida a milhares de judeus em fuga, passando-lhes vistos para Portugal, será também objecto de uma homenagem do Parlamento Europeu, em Estrasburgo, no dia 17.

A cerimónia de Estrasburgo contará com a presença de John Paul Abranches, filho de Aristides Sousa Mendes, e de Eric Saul, o responsável pela exposição «Visas for life: the righteous diplomats» («Vistos para a vida: os diplomatas da dignidade»).

A exposição esteve prevista para a sede da ONU, em Outubro de 1996, mas contratempos vá-

A exposição itinerante, em que figura Aristides Sousa Mendes, já percorre os EUA há dois anos

rios foram adiando a sua realização. A demora acabou por ser enriquecedora, uma vez que, inicialmente, só se centrava na figura de quatro diplomatas que tiveram intervenção meritória na II Guerra: Aristides de Sousa Mendes, o sueco Raoul de Wallenberg, o japonês Sugihara e o holandês Zwartendijk. Como uma bola de neve, foram-se agregando outros nomes, resultantes de diversos testemunhos.

Só no que respeita a diplomatas portuguesas, o levantamento inclui nomes como os do antigo cônsul em Budapeste, Carlos de Liz Teixeira Branquinho, e do seu predecessor e mentor, Sampaio Garrido, bem como de um cônsul em Paris, Carvalho da Silva. Eric Saul gostaria de alargar a exposição-agradecimento a todos os diplomatas que alguma vez tenham intervindo para minorar a tragédia da II Guerra. Por isso, aguarda testemunhos directos ou de descendentes sobre nomes que possam estar no esquecimento. Os depoimentos deverão ser enviados a João Crisóstomo, 4439, 64th. Street, Woodside, NY 11377, EUA, ou para o seu telefone/fax 001 717 899 77 76.

RECUPERAÇÃO DA CASA DO CÔNSUL PORTUGUÊS PODE CUSTAR MEIO MILHÃO DE CONTOS

Lembrar Aristides Sousa Mendes

UM GRUPO de cidadãos de Cabanas de Viriato, Carregal do Sal, pretende adquirir e restaurar a casa onde viveu Aristides de Sousa Mendes para ali instalar uma fundação com o nome do cônsul que salvou 30 mil pessoas do holocausto nazi.

A ideia é fazer do edifício a sede da Fundação Aristides de Sousa Mendes e, simultaneamente, uma espécie de «Museu do Holocausto». Para concretizar tal intento, os cidadãos necessitam, contudo, de reunir centenas de milhares de contos, não só para comprar o edifício, um palacete de estilo neoclássico, mas também para o restaurarem, já que se encontra praticamente em ruínas.

José Leal Loureiro, uma das pessoas empenhadas na criação da fundação, disse à

Lusa que não há uma estimativa da verba necessária para avançar com o projecto, mas que ela será da ordem das centenas de milhares de contos.

Já o presidente da Câmara Municipal de Carregal do Sal, Atilio Nunes, que participa no projecto na qualidade de «simples cidadão», avança um montante: meio milhão de contos.

Apoios, já há alguns. Da Junta de Freguesia de Cabanas de Viriato, do presidente da Comunidade Israelita em Lisboa, Joshua Ruah, de Maria Barroso Soares e da própria família de Aristides de Sousa Mendes, que se disponibilizou para atribuir à fundação o dinheiro que receber do Estado a título de indemnização pela demissão ilegal do cônsul. Outros apoios poderão surgir em breve. A Câmara de

Carregal do Sal vai debater a questão numa das suas próximas reuniões, além de terem sido pedidas contribuições a outras instituições, como a União Europeia e os Estados português e israelita.

Abandonado desde os anos 50, apesar de declarado de «relevante valor arquitectónico histórico-cultural», o palacete foi mandado construir pelo padre António Ribeiro de Abranches, abade de Alcobaça, e mais tarde herdado pelo seu afilhado Aristides de Sousa Mendes, que o mandou reconstruir em 1910.

Recentemente, o edifício esteve em vias de ser transformado em hotel, mas, segundo apurou a Lusa, o projecto foi abandonado. Embora em estado de avançada degradação, o imóvel continua a atrair à terra natal do cônsul numerosos

estrangeiros, na maioria norte-americanos e israelitas que, por descenderem de pessoas salvas por Sousa Mendes, lhe devem, literalmente, a existência.

Aristides de Sousa Mendes, enquanto cônsul de Portugal em Bordéus (França), concedeu, entre 16 e 22 de Junho de 1940, cerca de 30 mil vistos a outras tantas pessoas perseguidas pelo regime nazi, desde a família real do Luxemburgo a anónimas famílias judias, que assim puderam refugiar-se em Portugal.

O comportamento do cônsul contrariava ordens de Salazar, pelo que o ditador o afastou da carreira diplomática, contribuindo para que Sousa Mendes acabasse por morrer na miséria em 1954 num asilo franciscano, em Lisboa, com um traje de monge.

“Museu do Holocausto” em Cabanas de Viriato. (1998, novembro 16). *Correio da Manhã*, 20.

trabalhadores.

ser avaliadas e ponderadas, sobre- podemos ajudar Portugal a ser

'Museu do Holocausto' em Cabanas de Viriato

Um grupo de cidadãos de Cabanas de Viriato, Carregal do Sal, pretende adquirir e restaurar a casa onde viveu Aristides de Sousa Mendes para ali instalar uma fundação com o nome do cônsul que salvou 30 mil pessoas do holocausto nazi.

A ideia é fazer do edifício a sede da Fundação Aristides de Sousa Mendes e, simultaneamente, uma espécie de “Museu do Holocausto”.

Para concretizar tal intento, os cidadãos necessitam de reunir centenas de milhares de contos, não só para comprarem o edifício - um palacete de estilo neo-clássico -, mas também para o restaurarem, já que se encontra praticamente em ruínas.

José Leal Loureiro, uma das pessoas empenhadas na criação da fundação, esclareceu que não há uma estimativa da verba necessária para avançar com o projecto, mas que ela será da ordem das centenas de milhares de contos.

Já o presidente da Câmara Municipal de Carregal do Sal,



A casa onde viveu o cônsul português espera apoios para ser restaurada e transformada num “Museu do Holocausto” (foto Paulo Novais/Lusa/CM)

Atílio Nunes, que participa no projecto na qualidade de “simples cidadão”, avançou um montante: meio milhão de contos.

Apoios já há alguns. Da Junta de Freguesia de Cabanas de Viriato, do presidente da Comunidade Israelita de Lisboa, Joshua Ruah, de Maria Barroso Soares e da própria família de Aristides de Sousa Mendes, que se disponibilizou para atribuir à fundação o dinheiro que receber do Estado a título de indemnização pela demissão ilegal do cônsul.

Outros apoios poderão surgir em breve. A Câmara de Carregal do Sal vai debater a questão numa das suas próximas reuniões, além de terem sido pedidas contribuições a outras instituições, como a União Europeia e os Estados portugueses e israelita.

Abandonado desde os anos 50, apesar de declarado de “relevante valor arquitectónico histórico-cultural”, o palacete foi mandado construir pelo padre António Ribeiro de Abranches, abade de Alcobaça, e, mais

tarde, herdado pelo seu afilhado Aristides de Sousa Mendes, que o mandou reconstruir em 1910.

Recentemente, o edifício esteve em vias de ser transformado em hotel, mas o projecto foi abandonado.

Embora em estado de avançada degradação, o imóvel continua a atrair à terra natal do cônsul numerosos estrangeiros, na maioria norte-americanos e israelitas que, por descenderem de pessoas salvas por Sousa Mendes, lhe devem, literalmente, a existência.

Aristides de Sousa Mendes, enquanto cônsul de Portugal em Bordéus (França), concedeu, entre 16 e 22 de Junho de 1940, cerca de 30 mil vistos a outras tantas pessoas perseguidas pelo regime nazi, desde a família real do Luxemburgo a anónimas famílias judias, que assim puderam refugiar-se em Portugal.

O comportamento do cônsul contrariava ordens de Salazar, pelo que foi afastado da carreira diplomática, contribuindo para que Sousa Mendes acabasse por morrer na miséria em 1954 num asilo franciscano, em Lisboa, com um traje de monge.

Aristides de Sousa Mendes homenageado hoje no Parlamento Europeu

O nosso herói de guerra

Na livraria Mollat, em pleno centro da cidade francesa de Bordéus, um expositor da secção de História é ocupado pela biografia de Aristides de Sousa Mendes, cônsul português naquela cidade, em 1940, hoje homenageado pelo Parlamento Europeu. "Le Juste de Bordeaux", da autoria do jornalista José-Alain Fralon, foi editado pela própria livraria no início de Outubro. Marie-Hélène Berthault, funcionária da Mollat, diz que o livro "está a vender bastante bem".

Quando saiu, a obra fez a montra da livraria e encheu de curiosidade os transeuntes. "As pessoas da cidade vêm à livraria propositadamente para comprar o livro. Eu já o li e fiz questão de tirar uma fotografia da montra quando esteve exposto, para guardar co-

mo recordação", refere Marie-Hélène com um sorriso.

Curiosidade francesa

Segundo Marie-Hélène, a curiosidade pelo homem que, contra a vontade do seu governo, entregou cerca de 30 mil vistos a refugiados judeus durante a II Guerra Mundial, parte sobretudo dos franceses, apesar de a comunidade portuguesa na cidade ser uma das mais significativas.

A homenagem do Parlamento Europeu decorre 44 anos depois de o cônsul ter morrido na miséria num asilo franciscano de Lisboa (Salazar destituiu-o do seu cargo e negou-lhe uma pensão acusando-o de desobediência), 14 anos depois de um busto seu ter sido inaugurado na cidade de Bordéus e 11 depois de receber, a título póstumo,



A capa do livro dedicado ao cônsul português

a Ordem da Liberdade.

Para que a sua memória seja totalmente reabilitada só é necessário que os portugueses fiquem a conhecer tão bem o seu nome como o do alemão Oskar Schindler e, se possível, que na página da Internet do Ministério do Negócios Estrangeiros israelita – onde é citado como um dos "Justos das Nações" – lhe seja devolvida a sua verdadeira nacionalidade, já que vem referido como "o cônsul espanhol em Bordéus".

PATRICIA CARVALHO

Cunha, I. A. (1998, novembro 17). José Alain Fralon, jornalista do "Le Monde" - Aristides é o anti-Papon. *Público*, 3.



José Alain Fralon, jornalista do "Le Monde"

Aristides é o anti-Papon

MUITO DO interesse que a Europa está a atribuir a Aristides de Sousa Mendes, deve-se a José Alain Fralon, o jornalista do jornal francês "Le Monde" que escreveu um longo artigo sobre o cônsul português e um livro que mereceu manchetes no "Times" de Londres. Em entrevista ao PÚBLICO, Fralon confessa-se fascinado pela personalidade de Sousa Mendes, que descobriu durante a cobertura do processo de Maurice Papon, o alto funcionário da França colaboracionista de Vichy que assinou sem discutir, e aparentemente sem estados de alma, a deportação de vários judeus para os campos da morte alemães. Na mesma cidade e praticamente na mesma altura em que Sousa Mendes decidiu salvar todos os refugiados que lhe bateram à porta. O jornalista promete que as suas investigações sobre o cônsul português não vão ficar por aqui e está já a preparar um filme para o cinema sobre o mesmo tema.

PÚBLICO — Porque se interessou por Aristides de Sousa Mendes?

JOSÉ ALAIN FRALON — Ouvei falar dele durante a cobertura do processo de Maurice Papon. Foi alertado para a sua existência por um frade franciscano, Jacques Rivière, que teve um papel essencial na obtenção do seu reconhecimento em Bordéus. Comecei a interessar-me pelo personagem, investiguei e escrevi uma história no "Monde". Essa página foi lida por muita, muita gente. Houve pessoas que me telefonaram dos Estados Unidos, muito reconhecidas por terem descoberto o nome do homem que os salvava. Outros pediram-me o artigo na parede. Muitos quiseram ver-me para contarem as suas experiências. Isso fez-me ter vontade de saber mais sobre ele: quanto mais investigava mais me parecia uma personalidade complexa e interessante.

P. — O seu interesse não terá também a ver com o facto de Sousa Mendes ser o exacto negativo de Papon?

R. — Exactamente, penso que Sousa Mendes

é verdadeiramente o anti-Papon. Tinha a mesma origem de Papon, era um homem muito à direita, um aristocrata monárquico do Norte de Portugal. Não era um revolucionário. É isso que torna o seu gesto ainda mais extraordinário. No fim de contas, era português, poderia ter recusado assinar os vistos e ter regressado tranquilamente a Portugal sem qualquer remorso na consciência. Fez um acto positivo quando apenas se lhe pedia para obedecer e, sobretudo, quando nada na sua vida o levava a isso.

P. — Qual foi o traço da personalidade de Sousa Mendes que mais o impressionou?

R. — A sua força de viver. Em tudo: nos disparates que fazia, no dinheiro louco que gastava, nos 14 filhos (dois morreram bebés), na ligação com André Cibial (que viria a ser a sua segunda mulher). É um detalhe importante o facto de André estar grávida dele quando tudo isto aconteceu. É alguém em ruptura com o seu meio, com a sua religião. É um excesso de vida que fez com que ele não se tenha limitado a salvar 100 ou 500 pessoas, mas milhares. O que é extraordinário é que levou ao extremo a sua desobediência. Também me impressionou a sua relação com Salazar. Ele pensou sempre que Salazar lhe perdoaria, sobretudo em 1945, depois da vitória dos Aliados. Só que tinha subestimado esse aspecto mesquinho e rancoroso de Salazar. Esta história mostra bem, aliás, como Portugal estava cortado da Europa.

Também me impressionou a sua relação com Salazar.

Ele pensou sempre que Salazar lhe perdoaria, sobretudo em 1945, depois da vitória dos Aliados.

Só que tinha subestimado esse aspecto mesquinho e rancoroso de Salazar.

Esta história mostra bem, aliás, como Portugal estava cortado da Europa.

dos que estivera do bom lado. Mas não, Portugal estava completamente afastado do Mundo. E, por seu lado, Sousa Mendes não utilizou a seu favor o que acontecera. Poderia ter telefonado a meio mundo para explicar um acto que só lhe ficava bem, para que pressionassem Salazar a dar-lhe um posto. Mas não, esperou sempre, estava tão seguro do seu direito. Não tinha feito uma revolução contra Salazar, apenas tinha desobedecido por uma boa causa e por um curto espaço de tempo. Estava convencido de que Salazar e o "establishment" católico português acabariam por se pôr do seu lado. É um personagem apaixonante.

P. — Pensa que ele subestimou o risco?

R. — A minha intuição — só posso ter intuições sobre uma pessoa que não conheci e de quem pouca gente fala — é que ele pensava que Salazar, sendo tão profundamente católico como ele, teria a capacidade de perceber o seu gesto. Claro que ele sabia que tinha desobedecido, mas pensou que só levaria um "puxão de orelhas". Não pensou que Salazar o perseguisse toda a vida com o seu ódio e a sua mesquinhez.

P. — É possível saber se, apesar das dificuldades, ele encarava com orgulho o facto de ter salvo milhares de vidas?

R. — Há coisas estranhas: por exemplo, a filha do segundo casamento, Marie-Rose, nunca soube o que o pai fez, ele não falava disso. A mãe [André Cibial], em contrapartida, falava como se ele se tivesse enganado, como se tivesse feito uma asneira de juventude de que não vale a pena falar. Mas os seus filhos tinham muito orgulho no pai. Não sei

se ele, um dia, não terá dito que se calhar fez uma asneira ou se, em contrapartida, sempre pensou que tinha razão. Mesmo no regime de Salazar, que não era de fascismo puro e duro, devia haver uma enorme pressão psicológica sobre pessoas como Sousa Mendes.

P. — Como se pode explicar o acto de Bordéus?

R. — É muito difícil dizer, porque ele próprio não explicou. Há várias explicações possíveis. O filho Pedro Nuno, muito católico, diz que foi entre a sua consciência e Deus. Sousa Mendes passou três dias isolado, sem falar com ninguém, quase delirante, antes de decidir salvar todos os refugiados. A explicação de que foi a voz de Deus, a Bíblia, é talvez a mais simples, como sempre nas questões religiosas: foi Deus ou foi o diabo. Sem dúvida que este aspecto deve ter contribuído, mas houve outros. Houve o rabi Krugger, de Antuérpia, que o pressionou muito a conceder vistos não apenas à sua família mas a todos os que esperavam no exterior do consulado. O que não se sabe é como encontrou ele o rabi Krugger, como se criou uma relação entre estas duas personalidades. Outro aspecto é o facto de estar em ruptura, por estar prestes a ter um filho de André, que também não deve ter sido indiferente. Mas, sobretudo, penso que era um homem bom. Este homem, que adorava os seus 14 filhos, que gostava de toda a gente, que gostava de dinheiro sem pensar, tinha uma grande bondade, não no sentido político, mas no sentido de caridade um pouco cristã. Em Cabanas de Viriato, uma vez por semana, os pobres vinham de todos os cantos comer em sua casa. E, em Bordéus, quando viu aqueles milhares de pessoas em frente do consulado, penso que ficou profundamente chocado. E que, consciente de que apenas lhe bastaria assinar um visto para lhes salvar a vida, decidiu fazê-lo. Para mim é a explicação mais simples: uma assinatura e salvo-os. Acima de tudo, era um homem bom. ■ **I.A.C.**



Com a esposa, Angelina, em 1947

Otto de Habsburgo não esquece

ENTRE OS 30 mil refugiados, na maior parte anónimos, que terão recebido vistos de Aristides de Sousa Mendes, 19 membros da família Habsburgo residente na Áustria-Hungria até à Primeira Guerra Mundial tiveram, muito provavelmente, a vida salva graças ao cônsul português.

Aos comandos da fuga da família, instalada em Paris entre a anexação da Áustria e a entrada dos alemães em França, estava o filho mais velho e herdeiro do último imperador austro-húngaro, Otto de Habsburgo. Com ele, a imperatriz Zita, sua mãe, e vários irmãos. O ódio de Hitler aos Habsburgos, repellido pela afronta que constituiu a recusa repetida do jovem Otto, então com 28 anos, em aceitar um encontro com o ditador, não permitia à família

outra alternativa senão fugir o mais depressa possível de França. Em Bordéus, para onde convergiam os refugiados à frente das tropas alemãs, os vistos inscritos pelo cônsul português em cada um dos 19 passaportes permitiram-lhes partir "in extremis" para Portugal e, daí, para os Estados Unidos.

Deputado europeu pela Alemanha há quase duas décadas, com 86 anos completados na próxima sexta-feira, Otto de Habsburgo nunca se esqueceu do que deve ao cônsul português. Apesar de não o ter conhecido pessoalmente, guarda, senão o ter conhecido pessoalmente, o "Le Monde" de José-Alain Fralon, jornalista do "Le Monde", "uma grande memória da sua acção". No seu livro sobre Sousa Mendes, Fralon conta que Habsburgo respondeu uma vez a um jornalista que men-

cionou as vidas que salvara durante a guerra: "Eu só cumpri o meu dever, enquanto que Sousa Mendes fez uma acção admirável."

Numa carta dirigida em Setembro de 1986 a António, neto de Sousa Mendes, Otto de Habsburgo, ainda segundo Fralon, escreveu: "Quero, uma vez mais, dizer-lhe por escrito até que ponto estou eternamente agradecido ao seu avô. Foi um gentilhomem, um homem de coragem e de uma integridade admiráveis, que serviu os seus princípios em detrimento dos seus interesses pessoais. Num período em que muitos homens foram cobardes, ele foi um verdadeiro herói do Ocidente. Pode estar orgulhoso do seu avô."

Não é de admirar que Otto de Habsburgo te-

nha sido um dos principais impulsionadores da homenagem que hoje será prestada ao cônsul português perseguido por Salazar, no Parlamento Europeu. Ele próprio pretende usar da palavra para contar as circunstâncias que o levaram a recorrer a Sousa Mendes e a forma como este não só aceitou conceder os necessários vistos aos membros da família imperial, como a várias centenas de outros refugiados, judeus ou não, que fugiram dos nazis. Apenas uma pneumonia, que o obrigou ao repouso nas últimas semanas na sua casa de Peocking, na Baviera, parece ser capaz de o impedir de estar hoje em Estrasburgo. Se assim for, o seu texto será lido por Karl de Habsburgo, o seu filho mais velho, igualmente deputado no Parlamento Europeu. ■

Anexo 57 | Destaque na primeira página

Cunha, I. A. (1998, novembro 17). Sousa Mendes herói da Europa. *Público*, 2.

Terça-feira
17 de Novembro de 1998
Diário • Ano 9 n.º 3169
140500
IVA incluído
Director José Manuel Fernandes
Directores-adjuntos Nuno Pacheco
e José Queirós
Lisboa: Rua de Santo, 265 — 1769-010 LISBOA
Tel: 4150-414 PORTO
Publico na Internet: <http://www.publico.pt>
E-Mail: publico@publico.pt

PÚBLICO

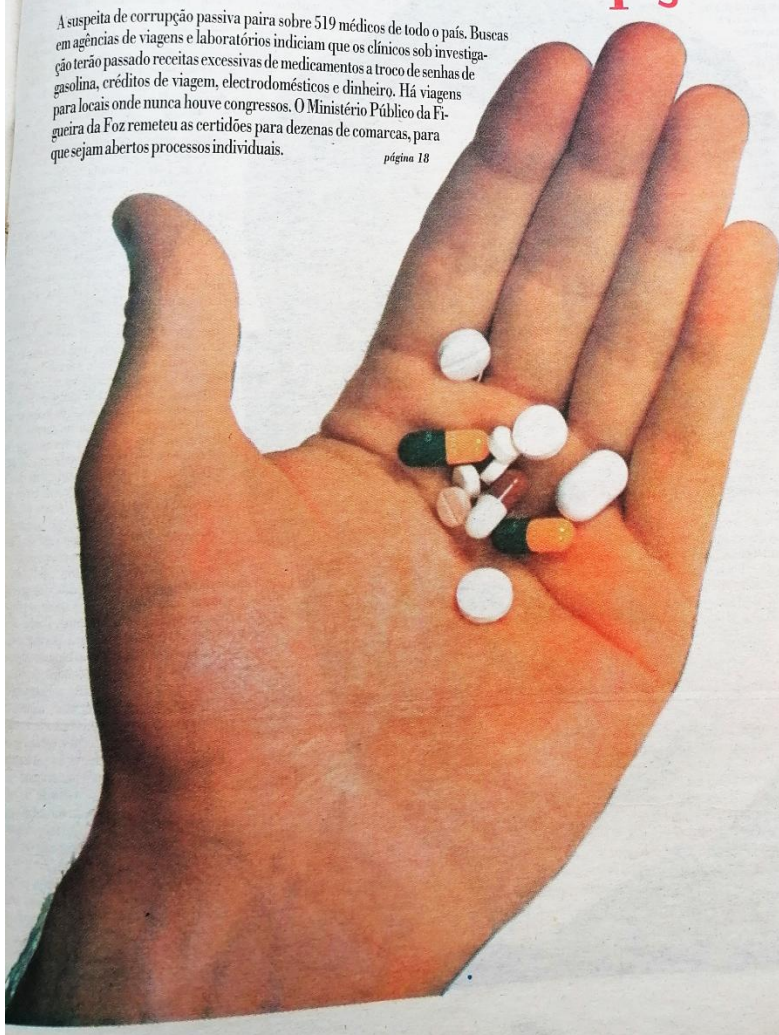
edição LISBOA

Ministério Público da Figueira da Foz desencadeia grande ofensiva

Mais de 500 médicos suspeitos de corrupção

A suspeita de corrupção passiva paira sobre 519 médicos de todo o país. Buscas em agências de viagens e laboratórios indicam que os clínicos sob investigação terão passado receitas excessivas de medicamentos a troco de senhas de gasolina, créditos de viagem, electrodomésticos e dinheiro. Há viagens para locais onde nunca houve congressos. O Ministério Público da Figueira da Foz remeteu as certidões para dezenas de comarcas, para que sejam abertos processos individuais.

página 18



EXPO '98 acabou.
Mas felizmente
vai poder repetir alguns
dos melhores momentos.

Importador Exclusivo Adilson Ramos Pinto

Parlamento Europeu
**Homenagem
a Aristides
Sousa Mendes**

Aristides de Sousa Mendes é hoje homenageado no Parlamento Europeu, recordando os 30 mil refugiados do regime nazi que salvou, em Junho de 1940, em Bordéus, ao conceder-lhes vistos de entrada em Portugal. Será a primeira celebração da sua coragem ao nível da União Europeia.

páginas 2 a 4

**Universidade Professores
devem ser avaliados**

página 23

**ONU Guterres quer
Conselho de Segurança
Económico**

página 5

**Timor Gama escreve
a Madeleine Albright**

página 7

**Agenda 2000 Portugal
ataca com especialistas**

página 36

**Odrinhas Museus
abrem na Primavera**

Local

**Crédito
Habitação
BPI**

**TÃO
PERSONALIZADO
QUE TEM
UMA TAXA
DE JURO
SÓ PARA SI.**

Isabel Arriaga e Cunha,
em Estrasburgo

Contra o esquecimento. Do horror do Holocausto, mas também da coragem dos "justos" que, ao salvarem dezenas de milhares de vidas durante a Segunda Guerra, constituíram um milagre, mas muitos judeus num mundo que não sabia, ou não queria saber.

Esse é o sentido que Euramenagem que o Parlamento Europeu (PE) vai hoje prestar em Estrasburgo a Aristides de Sousa Mendes e ao bulgário Dimitar Pechev que, em circunstâncias diferentes, salvaram milhares de vidas das garras dos nazis. Através deles, o PE pretende expressar o seu reconhecimento a todos os "justos" que "de-

sempenharam um papel eminente na luta contra a barbárie nazi pondo a sua própria vida em perigo", explicou ao PÚBLICO o eurodeputado belga Willy de Clercq, presidente do intergrupo parlamentar de amizade entre a União Europeia e o Estado Hebreu, responsável pelas comemorações. "Há vários que o fizeram, mas quisemos limitá-los a estes dois exemplos. São pessoas pouco conhecidas mas que, em circunstâncias diferentes, tiveram um papel heróico. Através deles prestare-

mos homenagem a todos os outros", precisou.

Nomes como Raoul Wallenberg, o diplomata sueco em Budapeste, Hiran Bingham, diplomata americano em Marseilha; George Duckwitz, diplomata alemão em Copenhaga; Feng Shan Ho, cônsul chinês em Viena; Carl Lutz, diplomata suíço em Budapeste; Chiune Sugihara, cônsul japonês nos Estados bálticos; Jan Zwartendijk, cônsul holandês na Letônia, são apenas alguns exemplos de homens que, como Aristides de Sousa Mendes, mereceram o estatuto de "justos".

tos entre as nações" atribuído por Israel a todos os que salvaram a vida a judeus durante o Holocausto. Os descendentes de alguns deles estarão, aliás, presentes hoje em Estrasburgo para participar na homenagem a Sousa Mendes e a Dimitar Pecherov, presidente do parlamento búlgaro durante a ocupação alemã que recusou entregar milhares de judeus aos nazis.

Grande parte dos europeus envolvidos nas comemorações só começou a ouvir falar de Sousa Mendes há muito pouco tempo. Mas exatamente no dia 31 de Outubro do ano passado, através de um extenso artigo publicado no jornal francês "Le Monde" por dois seus jornalistas, José-Alain Fralon, que revelou ao mundo um herói até então desconhecido (ver entrevista deste número destaque). O texto que publicou um ano depois — "Un juste de Bordeaux" — tem direito à maior atenção: "chete do mes" de 1917, de 1918, de 1919, de 1920, de 1921, de 1922, de 1923, de 1924, de 1925, de 1926, de 1927, de 1928, de 1929, de 1930, de 1931, de 1932, de 1933, de 1934, de 1935, de 1936, de 1937, de 1938, de 1939, de 1940, de 1941, de 1942, de 1943, de 1944, de 1945, de 1946, de 1947, de 1948, de 1949, de 1950, de 1951, de 1952, de 1953, de 1954, de 1955, de 1956, de 1957, de 1958, de 1959, de 1960, de 1961, de 1962, de 1963, de 1964, de 1965, de 1966, de 1967, de 1968, de 1969, de 1970, de 1971, de 1972, de 1973, de 1974, de 1975, de 1976, de 1977, de 1978, de 1979, de 1980, de 1981, de 1982, de 1983, de 1984, de 1985, de 1986, de 1987, de 1988, de 1989, de 1990, de 1991, de 1992, de 1993, de 1994, de 1995, de 1996, de 1997, de 1998, de 1999, de 2000, de 2001, de 2002, de 2003, de 2004, de 2005, de 2006, de 2007, de 2008, de 2009, de 2010, de 2011, de 2012, de 2013, de 2014, de 2015, de 2016, de 2017, de 2018, de 2019, de 2020, de 2021, de 2022, de 2023, de 2024, de 2025, de 2026, de 2027, de 2028, de 2029, de 2030, de 2031, de 2032, de 2033, de 2034, de 2035, de 2036, de 2037, de 2038, de 2039, de 2040, de 2041, de 2042, de 2043, de 2044, de 2045, de 2046, de 2047, de 2048, de 2049, de 2050, de 2051, de 2052, de 2053, de 2054, de 2055, de 2056, de 2057, de 2058, de 2059, de 2060, de 2061, de 2062, de 2063, de 2064, de 2065, de 2066, de 2067, de 2068, de 2069, de 2070, de 2071, de 2072, de 2073, de 2074, de 2075, de 2076, de 2077, de 2078, de 2079, de 2080, de 2081, de 2082, de 2083, de 2084, de 2085, de 2086, de 2087, de 2088, de 2089, de 2090, de 2091, de 2092, de 2093, de 2094, de 2095, de 2096, de 2097, de 2098, de 2099, de 2100, de 2101, de 2102, de 2103, de 2104, de 2105, de 2106, de 2107, de 2108, de 2109, de 2110, de 2111, de 2112, de 2113, de 2114, de 2115, de 2116, de 2117, de 2118, de 2119, de 2120, de 2121, de 2122, de 2123, de 2124, de 2125, de 2126, de 2127, de 2128, de 2129, de 2130, de 2131, de 2132, de 2133, de 2134, de 2135, de 2136, de 2137, de 2138, de 2139, de 2140, de 2141, de 2142, de 2143, de 2144, de 2145, de 2146, de 2147, de 2148, de 2149, de 2150, de 2151, de 2152, de 2153, de 2154, de 2155, de 2156, de 2157, de 2158, de 2159, de 2160, de 2161, de 2162, de 2163, de 2164, de 2165, de 2166, de 2167, de 2168, de 2169, de 2170, de 2171, de 2172, de 2173, de 2174, de 2175, de 2176, de 2177, de 2178, de 2179, de 2180, de 2181, de 2182, de 2183, de 2184, de 2185, de 2186, de 2187, de 2188, de 2189, de 2190, de 2191, de 2192, de 2193, de 2194, de 2195, de 2196, de 2197, de 2198, de 2199, de 2200, de 2201, de 2202, de 2203, de 2204, de 2205, de 2206, de 2207, de 2208, de 2209, de 2210, de 2211, de 2212, de 2213, de 2214, de 2215, de 2216, de 2217, de 2218, de 2219, de 2220, de 2221, de 2222, de 2223, de 2224, de 2225, de 2226, de 2227, de 2228, de 2229, de 2230, de 2231, de 2232, de 2233, de 2234, de 2235, de 2236, de 2237, de 2238, de 2239, de 2240, de 2241, de 2242, de 2243, de 2244, de 2245, de 2246, de 2247, de 2248, de 2249, de 2250, de 2251, de 2252, de 2253, de 2254, de 2255, de 2256, de 2257, de 2258, de 2259, de 2260, de 2261, de 2262, de 2263, de 2264, de 2265, de 2266, de 2267, de 2268, de 2269, de 2270, de 2271, de 2272, de 2273, de 2274, de 2275, de 2276, de 2277, de 2278, de 2279, de 2280, de 2281, de 2282, de 2283, de 2284, de 2285, de 2286, de 2287, de 2288, de 2289, de 2290, de 2291, de 2292, de 2293, de 2294, de 2295, de 2296, de 2297, de 2298, de 2299, de 2300, de 2301, de 2302, de 2303, de 2304, de 2305, de 2306, de 2307, de 2308, de 2309, de 2310, de 2311, de 2312, de 2313, de 2314, de 2315, de 2316, de 2317, de 2318, de 2319, de 2320, de 2321, de 2322, de 2323, de 2324, de 2325, de 2326, de 2327, de 2328, de 2329, de 2330, de 2331, de 2332, de 2333, de 2334, de 2335, de 2336, de 2337, de 2338, de 2339, de 2340, de 2341, de 2342, de 2343, de 2344, de 2345, de 2346, de 2347, de 2348, de 2349, de 2350, de 2351, de 2352, de 2353, de 2354, de 2355, de 2356, de 2357, de 2358, de 2359, de 2360, de 2361, de 2362, de 2363, de 2364, de 2365, de 2366, de 2367, de 2368, de 2369, de 2370, de 2371, de 2372, de 2373, de 2374, de 2375, de 2376, de 2377, de 2378, de 2379, de 2380, de 2381, de 2382, de 2383, de 2384, de 2385, de 2386, de 2387, de 2388, de 2389, de 2390, de 2391, de 2392, de 2393, de 2394, de 2395, de 2396, de 2397, de 2398, de 2399, de 2400, de 2401, de 2402, de 2403, de 2404, de 2405, de 2406, de 2407, de 2408, de 2409, de 2410, de 2411, de 2412, de 2413, de 2414, de 2415, de 2416, de 2417, de 2418, de 2419, de 2420, de 2421, de 2422, de 2423, de 2424, de 2425, de 2426, de 2427, de 2428, de 2429, de 2430, de 2431, de 2432, de 2433, de 2434, de 2435, de 2436, de 2437, de 2438, de 2439, de 2440, de 2441, de 2442, de 2443, de 2444, de 2445, de 2446, de 2447, de 2448, de 2449, de 2450, de 2451, de 2452, de 2453, de 2454, de 2455, de 2456, de 2457, de 2458, de 2459, de 2460, de 2461, de 2462, de 2463, de 2464, de 2465, de 2466, de 2467, de 2468, de 2469, de 2470, de 2471, de 2472, de 2473, de 2474, de 2475, de 2476, de 2477, de 2478, de 2479, de 2480, de 2481, de 2482, de 2483, de 2484, de 2485, de

Emman
Nahson,
meiro secreta-
da missão de
rael junto à
UE, em Br-
las, foi uma
pessoa que
soubemos
existência
Sousa Me-
através do
nal francês
gundo o qu-
plicou ao
BLICO, o
de Fralon
lhe de imedi-
ideia de conv-
o PE a presta-
uma homenagem.
niso a alguns
do intergru parlam-
UE-Estado Hebreu
ve uma recepção
de: vários dos seus mem-
tinham lido o mesmo
quiseram saber mais.
artigo tornou imensa gen-
conheceu.

Mensagem para o futuro

"O Holocausto foi o acontecimento mais traumatizante para o povo judeu e foram as pessoas como Sousa Mendes que permitiram às pessoas sentir-se menos abandonadas."

das e desesperadas", afirmou Nahshon. Dai as comemorações, não só para invocar o passado e a coragem do consil português — "um dos raros que deixou guiar pela sua consciência, mesmo sabendo que pagaria o preço" —, mas também para lançar uma mensagem para o futuro, para que o seu gesto sirva de exemplo para todos nós", afirma o diplomata israelita. "A homenagem ocorre no momento certo, no momento em que as tendências racistas nacionalistas e intolerantes manifestam de novo", sublinha Uriel de Ciermo.

povo judeu — quem sal-
va a vida, salva a humanidade
da Segunda — a Bíblia —
sal português é igualmente
símbolo dos valores europeus,
explicam os promotores da in-
iciativa. “Souza Mendes é o
herói da construção europeia
porque é ele também que la-
ça as bases morais da união
“Europa”, afirma Nahshon.
A dimensão europeia do seu
assenta na mensagem de
manidade, de respeito do
mem, do indivíduo, dos seus
lores, da liberdade e da tole-
cia, e contra a barbárie,
opressão”, corrobora Will-
Clercq. “É uma mensagem
é baseada na forma como a
ropa se constrói e se desen-
desde o fim da Segunda
Mundial.”

Dois filhos do primeiro casamento de Sousa Mendes chegaram, uma filha do segundo, e vieram desfilando os refugiados salvos pelo cônsul português. Os três ficaram por vezes de lado, para não atrapalhar o trabalho por na cerimônia de homenagem em Estrasburgo, será representado por António Gama, ministro dos Negócios Estrangeiros, e por António Sérgio, enviado especial da República para a França, para representar a PE e a República Portuguesa. A guarda pelo seu irmão, o Sr. Maria Gil-Robles, e os seus filhos, os quais permaneceram em Paris, entre os quais o português António Gil-Robles, filho de Maria, Diana Andradinha, jornalista portuguesa, e o único filho existente em Portugal, o Sr. João de Sousa Mendes, deslocaram-se para Estrasburgo a projectar alguns trabalhos para a obra. Para a celebração da Páscoa, estará presente todo o parlamento português, um historiador.

Otto de Habsburgo da dinastia imperial húngara e deputado será um dos oradores que tomará como oboe da sa Mendes, em Junho, os vistos que permitem a fuga de Francofonia, antes da de Pétain, que teria, finalmente, colocado a mercê do ódio de caixas).

PE homenageia Sousa Mendes

Ao emitir 30 mil passaportes a judeus,
o cônsul salvou milhares de vidas

CORRESPONDENTE EM BRUXELAS
VASCO PINTO GANDRA

O Parlamento Europeu vai hoje homenagear os feitos heróicos de Aristides de Sousa Mendes como cônsul-geral de Bordéus (França) entre 1938 e 1940.

Sousa Mendes nasceu em Cabanas de Viriato (Beira Alta) a 19 de Junho de 1885 e licenciou-se em direito na Universidade de Coimbra em 1908. Em 1911, ingressou na carreira diplomática, tendo sido cônsul, sucessivamente, em Curitiba (Brasil), S. Francisco (EUA), Maranhão (Brasil), Vigo (Espanha), Antuérpia (Bélgica) e Bordéus. Em 1940, as tropas nazis invadiram a Holanda, a Bélgica e a zona norte e a costa atlântica da França.

A Bordéus chegaram diariamente milhares de refugiados perseguidos pelos alemães e que, a partir das zonas não ocupadas pelos exércitos de Hitler, procuraram escapar ao terror nazi. Ao emitir cerca de 30 mil passaportes contra as ordens de Oliveira Salazar, Aristides de Sousa Mendes salvou milhares de vidas da perseguição nazi e do Holocausto.

Segundo o historiador Yehuda Bauer, perito na história do Holocausto, Sousa Mendes foi a pessoa que, sozinha e contra tudo e todos, realizou a maior operação de salvamento da história do Holocausto.

A 30 de Outubro de 1940, o cônsul português foi condenado

por Salazar, com um despacho punitivo, a uma reforma compulsiva não remunerada, com proibição da prática de advocacia. Assim, o aristocrata Sousa Mendes viria a falecer, em 1954, na miséria e no esquecimento.

Contudo, Aristides de Sousa Mendes foi homenageado em Israel, em 1961, assim como nos Estados Unidos da América, Canadá e França. A primeira homenagem pública por parte das autoridades portuguesas surgiu em 1987 quando Mário Soares, então presidente da República, condecorou Aristides de Sousa Mendes, a título póstumo, com a Ordem da Liberdade.

A sua reintegração na carreira diplomática foi-lhe concedida pela Assembleia da República em 1988, ou seja, 48 anos após o despacho de Oliveira Salazar, 34 anos depois da sua morte e 14 anos após 1974.

O presidente do Parlamento Europeu (PE), o espanhol Gil Robles, que abre a cerimónia de hoje com um discurso, destacou Aristides de Sousa Mendes como um herói que colocou a vida dos seus semelhantes para além dos riscos e das dificuldades.

"Sousa Mendes teve a coragem de passar por cima dos regulamentos e das ordens da ditadura de Oliveira Salazar para salvar muitas vidas humanas. Isso é um valor excepcional", afirmou o presidente do Parlamento Europeu.



Pardado, aos 30 anos

Com o rabino Kruger, em 1940

O que resta da casa de Aristides Sousa Mendes em Cabanas de Viriato

perfil

Em nome da dignidade

"NÃO SEI o que é que o futuro reserva para vossa mãe, para vocês e para mim mesmo. Materialmente, a vida não será tão boa para nós como tem sido até agora. Contudo, sejamos corajosos e tenhamos em mente que, ao dar a esses refugiados a possibilidade de viverem, teremos uma possibilidade mais de entrar no Reino dos Céus, porque, ao fazê-lo, não faremos mais do que praticar os mandamentos de Deus." Estas palavras são de Aristides Sousa Mendes, dirigidas aos seus filhos quando tomou a decisão de "salvar toda aquela gente".

Essa "gente" eram os milhares de foragidos à tropa hitleriana, que em 16 de Junho de 1940 ocupou Paris. Amontavam-se, literalmente, à porta do consulado português em Bordéus, dirigido por Sousa Mendes. Muitos eram refugiados vindos de outros países já ocupados — Polónia, Checoslováquia, Austria... Empurrados mais uma vez para fora das suas casas, tinham diante de si a Espanha franquista, que lhes recusava asilo.

O Portugal salazarista não fechava as portas, mas também não as abria. Desde que obtivessem visto e se comprometessem a seguir para as Américas, podiam entrar.

O problema estava em arranjar o visto. Salazar, presidente do Conselho de Ministros, que nessa altura era também ministro dos Negócios Estrangeiros e da Defesa e tinha a tutela sobre a polícia política (PVDE, Polícia de Vigilância e Defesa do Estado), não queria ter dentro do "seu" país os perseguidos do regime nazi. Primeiro, porque eram estrangeiros, depois, se eram perseguidos, mesmo se só por serem judeus, isso dava-lhes uma má imagem.

O futuro embaixador Marcello Mathias, então um dos seus braços direitos dentro do Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE), diz isso mesmo numa "informação" sobre a "questão dos judeus alemães". Tem a data de 15 de Fevereiro de 1936 e visava revogar legislação de 1913 sobre reconhecimento de nacionalidade.

"Com a subida ao poder do nacional-socialismo alemão, agravou-se a situação dos judeus alemães, que foram forçados, em grande número, a abandonar o país e a perder os seus direitos políticos. Essa perseguição que, por motivos económicos, étnicos e religiosos, lhes vem movendo o Governo nacional-socialista, deu aos judeus expulsos ou fugidos da Alemanha certo carácter comunista que os tornou suspeitos à maioria dos Estados capitalistas" (ver PÚBLICO de 12/11/38).

A legislação da I República de 1913 era claramente humanitária e propunha-se concluir a política de reconciliação nacional que o marquês de Pombal iniciara ao pôr fim à distinção entre cristãos velhos e novos. Todos os judeus da diáspora portuguesa eram reconhecidos cidadãos nacionais, desde que provassem descendência de quem a Inquisição havia expulso.

O relatório de Mathias recebeu a menção de "concordo" e passou a inspirar a política que Salazar queria imprimir ao MNE. Os representantes com-

sulares deviam converter-se em simples caixas de correio e os pedidos do concessão de visto deviam receber o prévio aval da PVDE. A aceitação interna deste regime levantou resistências, das quais a de Sousa Mendes é a mais notável. Mas houve outras, como a de Sampaio Garrido e Carlos Branquinho, no consulado de Budapeste, ou José Luís Archer, em Paris. Há ainda o caso do cônsul honorário em Atenas, Lencastre e Menezes, o primeiro a ver revogado os seus direitos consulares, por alegadamente conceder em excesso a nacionalidade portuguesa a judeus da Austria.

Desobediência moral

Foi neste contexto que Aristides Sousa Mendes, com perfeita consciência dos riscos que assumia, decidiu "salvar toda aquela gente", concedendo-lhe os vistos. Fe-lo por sua iniciativa, num acto de "desobediência moral" diante de um regulamento interno que, disse na sua defesa, violava a Constituição.

Aludia assim ao "Artigo 8º, nº 3, que garante a liberdade e inviolabilidade de crenças, não permitindo que ninguém seja perseguido por causa delas, nem obrigado a responder acerca da religião que professa".

Diana Andringa, num documentário que tornou mundialmente conhecido o gesto do "cônsul injustiçado" (RTP 2, 24/01/93), ilustrou o dilema de Sousa Mendes com duas citações: uma de J. M. de Magalhães Colaço, de 1916, e outra do Supremo Tribunal Administrativo (STA), de 1941.

Aludindo à "desobediência dos funcionários administrativos e a sua responsabilidade criminal" diz Magalhães Colaço: "Quando se convengam [os funcionários] de que a ordem não reúnem todos estes requisitos [leais e que estejam dentro das competências de quem dá a ordem e de quem a recebe], têm o dever de desobedecer."

Foi isso que fez o cônsul de Portugal em Bordéus, ao não reconhecer competência ao superior hierárquico que, em Maio de 1940, lhe enviou uma directiva para não conceder vistos "a gente suspeita de actividades antinazis". E foi esta directiva que os juizes Coelho de Carvalho, Almeida Ferrão e Azevedo Souto, do STA transformaram em sentença judicial, em Junho de 1941, quando negaram provimento ao recurso de Sousa Mendes contra a sanção disciplinar que Salazar lhe impusera e o afastava, para todos os efeitos, da carreira diplomática.

O "cônsul de Bordéus", na excelente biografia que sobre ele fez Rui Afonso ("Aristides de Sousa Mendes, o 'Wallenberg' Português", Ed. Caminho, 1995) foi um "homem bom" que bebeu até ao fim a angústia dessa bondade.

Até no terrível mês de Junho de 1940, o "cônsul" foi um "bon vivant", temperamento jovial, católico praticante e exemplar pai de família. Comprometeu essa vida fácil para salvar milhares de pessoas que o regime de Hi-

tlar perseguia. A opção fez-se entre 16 e 22 de Junho de 1940.

Nesses dias discutia-se a posição da França face à invasão nazi. O primeiro-ministro Reynaud recusava a rendição e propunha-se prosseguir o combate. Pétain substituiu-o no dia 16 de Junho e a 22 assinou a capitulação ou, segundo a sua terminologia, um "armistício sem condições".

As homenagens sabem sempre bem e a justiça nunca chega tarde, mas há uma amarga ironia nesta redescoberta do papel de "justo" desempenhado pelo "cônsul de Bordéus". É preciso que se diga que os seus contemporâneos, incluindo os que ajudaram a salvar, pouco fizeram para lhe amenizar a vida, quando ficou sem o ganha-pão do emprego consular. No momento em que a perseguição salazarista se abateu definitivamente sobre Sousa Mendes e o deixou com uma reforma miserável, incapacitado de prover a numerosa família de 12 filhos, só um dos ricos e poderosos que o cônsul ajudou a escapar à tormenta nazi veio em sua ajuda — Maurice de Rothschild. Mesmo assim, conta Rui Afonso, a iniciativa partiu do filho, Geraldo Sousa Mendes. Em 1946, Maurice de Rothschild enviou um cheque de 30 contos, o que nesse tempo era uma soma razoável. O amor próprio de Aristides Sousa Mendes, porém, impediu-o de voltar a socorrer-se desse apoio.

Morreu de pneumonia, sozinho, indigente, numa cama do Hospital da Ordem Terceira, em 3 de Abril de 1954. Tinha 68 anos. Nasceu no dia 19 de Julho de 1885 no seio de uma família da aristocracia rural, de fortes convicções monárquicas, com casa senhorial em Cabanas de Viriato (Carregal do Sal).

Apesar da amargura do final da vida, nunca Aristides ou sua mulher, Angelina, se mostraram arrependidos pela atitude que tomaram em Bordéus, em Junho de 1940, assegurando o seu biógrafo Rui Afonso.

António Melo

SOCIEDADE



O cônsul aos 21 anos, estudante em Coimbra. Com a mulher, Angelina, na Guiana, em 1911. Edifício onde, em 1940, no primeiro andar, funcionava o Consulado de Portugal em Bordéus

Parlamento Europeu homenageou ontem o português Aristides de Sousa Mendes e o búlgaro Dimitar Peshev

Evocação de dois “justos”

Isabel Arriaga e Cunha, em Estrasburgo

Jaime Gama prometeu o apoio do Governo ao projecto de transformar em museu a casa de Aristides de Sousa Mendes, em Cabanas de Viriato. A promessa foi feita no Parlamento Europeu, no quadro da homenagem prestada ao cônsul português.

De ver de justiça e de ver de memória, para combater os extremismos, o racismo e a xenofobia. Foi nesta dupla perspectiva de invocação do passado e de mensagem para o futuro que o Parlamento Europeu (PE) prestou ontem a primeira ho-

menagem “europeia” a Aristides de Sousa Mendes, o cônsul português em Bordéus que, em 1940, salvou milhares de refugiados da perseguição nazi.

A cerimónia, que contemplou igualmente o estadista búlgaro Dimitar Peshev, considerado o único político num país aliado da Alemanha durante a guerra que conseguiu impedir a deportação de milhares de judeus, permitiu uma sucessão comvente de testemunhos de familiares e sobreviventes do Holocausto que devem a vida aos dois “justos”.

“Tinham religiões diferentes, países diferentes, culturas diferentes, mas ambos, numa hora decisiva, agiram da mesma forma”, resumiu Otto de Habsburgo, herdeiro da família imperial austro-húngara e deputado europeu — ele próprio salvo por um visto de Sousa Mendes — que, impedido de estar presente por doença, teve o seu depoimento lido pelo seu filho Karl. Ambos morreram, igualmente, ostracizados nos seus respectivos países.

“Só se encontra o verdadei-

ro heroísmo nas pessoas que nunca aspiraram a ser heróis”, disse por seu lado Jorge Sampaio, Presidente da República, numa mensagem (ver caixa) lida em seu nome, e num português quase perfeito, pelo presidente do PE, José-Maria Gil-Robles, que abdicou, aliás, do seu tempo de palavra para o efeito.

“Sentimos uma imperiosa obrigação, moral e política, de promover este dever de memória”, disse Nicole Fontaine, vice-presidente do PE, no momento da entrega de uma medalha do PE a João Paulo, o mais novo dos catorze filhos do cônsul. Com ele, mais de vinte e cinco membros da família de Sousa Mendes fizeram questão de se deslocar de Portugal, dos Estados Unidos e do Canadá para estarem presentes numa cerimónia que deixou muitos de lágrimas nos olhos. “Estou muito satisfeito”, afirmou João Paulo, no fim, aos jornalistas. “Tínhamos perdido toda a esperança de ver justiça feita ao nosso pai”, explicou.

A família teve aliás razões para poder esperar que a sua

vontade de fazer perdurar a memória do seu antepassado poderá, finalmente, ser concretizada. Esta esperança nasceu depois de Jaime Gama, ministro dos Negócios Estrangeiros, igualmente presente em representação de Portugal, ter prometido o apoio do Governo ao projecto de transformação da casa de Aristides, em Cabanas de Viriato, num museu evocativo do acto heroico do cônsul perseguido por Salazar.

“O Governo português reitera de forma solene a sua disposição para apoiar a criação de uma instituição que se propõe, em articulação com a família, recuperar a antiga casa do diplomata português em Cabanas de Viriato, transformando-a em Museu”, afirmou o ministro no discurso proferido durante a cerimónia. “Estamos disponíveis para contribuir de forma muito efectiva para a realização de uma iniciativa que faça perdurar a memória de Sousa Mendes”, precisou depois aos jornalistas, considerando, todavia, que “a iniciativa deve partir da família”.

“A abertura do ministro foi concreta”, afirmou ao PÚBLICO Álvaro de Sousa Mendes, neto do cônsul e de certa forma o representante da família na sua pretensão de criar uma fundação Sousa Mendes e transformar a sua casa, que se encontra há vários anos em ruínas, num museu. “Pela primeira vez vejo a porta realmente aberta”, afirmou. O próximo passo, explicou, será a criação de uma entidade jurídica reunindo a família para negociar com o Ministério dos Negócios Estrangeiros a aquisição da casa e os termos da criação de uma fundação para continuar a obra de Aristides, nomeadamente a assistência a refugiados”. Apesar de dispersos por vários continentes, os descendentes de Sousa Mendes permanecem mobilizados nos esforços de reabilitar a sua imagem.

Harry Kney-Tal, embaixador de Israel, expressou o “agradecimento eterno” do seu país e do seu povo a Sousa Mendes e a Peshev. “Em tempos de adversidade, ódio e desespero,

apenas uns poucos enfrentaram a máquina de extermínio nazi. As suas únicas armas foram a coragem, a consciência e a humanidade”. Para o povo judeu, vítima da Shoah (o termo hebreu para Holocausto), Sousa Mendes, Peshev e outros “permitiram saber que nas sombras mais profundas do vale da morte, não estávamos totalmente abandonados”.

Todos os oradores, sem excepção, lembraram que a lembrança das lições de coragem do passado terá de servir de código moral para o futuro. “A memória não é só um dever, é também um direito. Temos o direito de lembrar o desastre em toda a sua intensidade e de não esquecer os que deixaram a sua consciência ser o seu guia”, afirmou o embaixador de Israel. “Sobretudo quando volta a haver na Europa tantos refugiados e, esquecida desse passado próximo, a Europa comunitária tende por vezes a fechar-se”, sublinhou Diana Andringa, a jornalista portuguesa autora do único documentário existente sobre Sousa Mendes. ■

Sampaio contra o branqueamento da História

O PRESIDENTE da República, Jorge Sampaio, enviou ontem uma mensagem ao Parlamento Europeu em que se associa à homenagem da instituição ao português Aristides de Sousa Mendes, reconhecido herói por ter salvo milhares de fugitivos ao regime nazi.

A evocação de Aristides de Sousa Mendes é interpretada por Jorge Sampaio “como uma homenagem que os povos da Europa tributam a este homem bom, a este português que, com inteira justiça,

figura no panteão dos grandes heróis da resistência à perseguição, à intolerância e à barbárie nazi”.

Jorge Sampaio lembra que se “continuam, infelizmente, a ouvir algumas vozes que procuram justificar o que não tem justificação, que tentam banalizar crimes hediondos contra a Humanidade, que procuram branquear a História”.

“Numa época, como é a nossa, em que o conformismo e a acomodação se podem perigosamente confundir com a falta e compromisso face a valores e

princípios essenciais, acredito firmemente que o exemplo de Aristides de Sousa Mendes assume uma particular importância”, sublinha o PR.

A mensagem presidencial evoca ainda a frase inscrita no monumento erigido numa praça de Bordéus ao ex-cônsul de Portugal naquela cidade francesa, e que “continua tão válida hoje, como ontem e como sempre: Nous sommes contre le racisme, contre la xénophobie, contre les persécutions...” [Somos contra o racismo, con-

tra a xenofobia, contra as perseguições...].

Para o Presidente da República, “todos devemos à coerência” dos que “não cederam, não vergaram e não renunciaram à defesa intransigente das causas justas” o registo de “grandes vitórias da História”.

“É cinco décadas volvidas, a derrota da barbárie e da insanidade elevada a razão de Estado constitui uma dessas vitórias que importa continuar a evocar”, conclui Jorge Sampaio. ■

Europa presta homenagem a Aristides de Sousa Mendes. (1998, novembro 18). *Correio da Manhã*, 17.

Europa presta homenagem a Aristides de Sousa Mendes

As memórias de um eurodeputado perseguido pela Alemanha nazi e salvo por Aristides de Sousa Mendes foram o ponto alto da homenagem feita ontem pelo Parlamento Europeu ao diplomata português que salvou dos campos de concentração milhares de pessoas. O autor do testemunho foi Otto von Habsburg, descendente do imperador austro-húngaro e actual eurodeputado democrata-cristão.

Otto von Habsburg simbolizou ontem os milhares de refugiados a quem, em 1940, Aristides de Sousa Mendes concedeu vistos de trânsito para Portugal, ignorando instruções do governo de Salazar. Calcula-se que só em cinco dias o diplomata português, que na altura ocupava o cargo de cônsul-geral de Portugal em Bordéus, tenha assinado mais de 30 mil vistos.

A desobediência valeu-lhe um processo disciplinar e a reforma compulsiva, passando a receber uma pensão de reforma insuficiente para uma numerosa família de 14 filhos. Teve que hipotecar as propriedades familiares

que possuía e acabou por morrer, a 3 de Abril de 1954, em situação de extrema pobreza.

Ontem, o Parlamento Europeu decidiu reconhecer o valor deste acto, numa iniciativa que partiu do Inter-Grupo Estado Hebreu-União Europeia, um grupo de parlamentares europeus que têm em comum o interesse pelas relações com Israel e em cujo seio foi constituída uma comissão de honra para prestar homenagem à coragem e humanidade do diplomata português.

Na cerimónia, além de descendentes do homenageado, estiveram presentes o ministro dos Negócios Estrangeiros português, Jaime Gama, o presidente do Parlamento Europeu, José Maria Gil-Robles, e o embaixador de Israel junto da União Europeia, Harry Kneytal.

O ministro português louvou a iniciativa de Aristides de Sousa Mendes, considerando que o diplomata, "ao praticar um acto de desobediência civil contra um poder ditatorial, deixou-nos um exemplo singular dos valores étnicos e cívicos que nos devem guiar".

Memória de Sousa Mendes preservada em Portugal. (1998, novembro 18). *Jornal de Notícias*, 15.

Memória de Sousa Mendes preservada em Portugal

**Cônsul
português
homenageado
no Parlamento
Europeu**

O Governo de Portugal prometeu ajudar a erigir um museu dedicado ao único português imortalizado por ter salvo milhares de pessoas da barbárie nazi - Aristides de Sousa Mendes.

A promessa solene partiu do ministro dos Negócios Estrangeiros português, Jaime Gama, que falava em cerimónia de homenagem à memória do cônsul de Portugal em Bordéus entre 1938 e 1940, realizada na sede francesa do Parlamento Europeu, por iniciativa de um grupo de eurodeputados. Assistiram à cerimónia descendentes do antigo cônsul de Portugal em Bordéus, França, incluindo o seu filho mais novo, naturalizado norte-americano, John Paul Abranches.

Nenhum membro do clã Sousa Mendes foi chamado a intervir na cerimónia marcada por vários discursos, incluindo os dos presidentes da República Portuguesa, Jorge Sampaio, e do PE, José Maria Gil-Robles, do embaixador de Israel junto da UE, Harry Kneytal, e de um representante do Congresso Judaico Europeu, Gilbert Roos.

Os descendentes de Sousa Mendes têm um sonho antigo. Trata-se da recuperação da casa do diplomata na sua terra natal, Cabanas de Viriato, no concelho de Carregal do Sal. "(Sousa Mendes) está no panteão dos grandes heróis", sublinhou Jorge Sampaio, citado por José Maria Gil-Robles, a quem coube ler o discurso do presidente português, ausente da cerimónia.

Falando em nome de seu tio Otto von Habsburg, descendente do último imperador austro-húngaro, deputado europeu e um dos beneficiários dos vistos corajosamente distribuídos por Sousa Mendes, Karl Von Habsburg elogiou no antigo diplomata português o "cumprimento de imperativos éticos" que colocara acima das considerações políticas.

A homenagem a Aristides Sousa Mendes foi realizada em simultâneo com o elogio público ao estadista búlgaro Dimitar Peshev.

Homenagem a Aristides de Sousa Mendes

O português que salvou milhares

Uma homenagem ao cônsul português Aristides de Sousa Mendes, que salvou milhares de refugiados do regime nazi, teve ontem lugar no Parlamento Europeu e contou com um precioso testemunho: o do eurodeputado Otto von Habsburg – descendente do imperador austro-húngaro. O seu tio, o arquiduque Karl Von Habsburg, foi um dos beneficiários dos vistos distribuídos pelo cônsul durante o regime nazi.

Habsburg elogiou no antigo diplomata português o “cum-

primento de imperativos éticos” que colocara acima das considerações políticas.

A iniciativa da homenagem partiu do Inter-Grupo Estado Hebreu-União Europeia (grupo de parlamentares europeus que têm em comum o interesse pelas relações com Israel).

O antigo cônsul de Portugal em Bordéus, entre 1938 e 1940, concedeu vistos de trânsito a 30 mil pessoas, incluindo dez mil judeus, salvando-os dos campos de concentração e extermínio dos nazis, desobedecendo às “or-

dens vis e injustas” de Salazar.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, presente na cerimónia, garantiu que o governo ajudará a erigir um museu dedicado ao único português imortalizado por ter salvo milhares de pessoas da barbárie nazi.

Filho de Aristides lamenta atraso

À cerimónia assistiram também cerca de vinte descendentes de Aristides de Sousa Mendes, incluindo o seu filho mais novo, naturalizado nor-

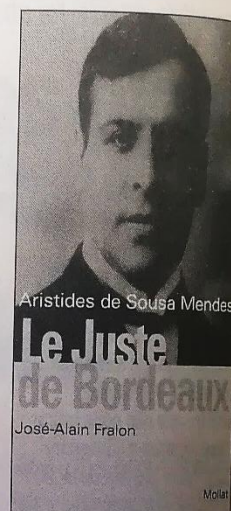
te-americano, John Paul Abranches.

Nenhum membro do clã Sousa Mendes foi chamado a discursar. Mas, depois da cerimónia, o benjamim, John Paul Abranches falou aos jornalistas portugueses. Lamentou o atraso de décadas com que as autoridades portuguesas reabilitaram a memória de seu pai e as hesitações com que, alegadamente, foram examinados os pedidos de reparação material que foram sendo apresentados pela família do antigo diplomata, arruinado

por desobedecer a Salazar.

Confrontados com a miséria que se abatera sobre a família – Sousa Mendes, a mulher e 14 filhos – após a demissão do diplomata, vários dos seus descendentes foram forçados a emigrar. Muitos estão hoje espalhados pelos quatro cantos do mundo, mobilizados em favor de um sonho antigo: a recuperação da casa de Aristides na sua terra natal, Cabanas de Viriato, no concelho de Carregal do Sal.

Para o Presidente da República, Jorge Sampaio, o exem-



plo do cônsul assume particular importância na época que vivemos, de “conformismo e acomodação”. ■

Sousa Mendes vai ter museu. (1998, novembro 18). *Diário de Notícias*, 27.

HOMENAGEM

Sousa Mendes vai ter museu

Descendentes do diplomata que salvou milhares de pessoas durante a II Guerra Mundial lamentam atraso na reparação. Família passou grandes dificuldades e uma parte foi obrigada a emigrar

■ O Governo de Portugal prometeu ajudar a erigir um museu dedicado ao único português imortalizado por ter salvo milhares de pessoas da barbárie nazi – Aristides de Sousa Mendes.

A promessa foi feita pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, na cerimónia de homenagem à memória do cônsul de Portugal em Bordéus entre 1938 e 1940, realizada na sede francesa do Parlamento Europeu.

Assistiu à cerimónia uma vineta de descendentes de Aristides de Sousa Mendes, incluindo o seu filho mais novo, naturalizado norte-americano, John Paul Abranches. Nenhum membro do clã Sousa Mendes foi chamado a intervir na sessão, marcada por vários discursos, incluindo o enviado pelo presidente da República Portuguesa, Jorge Sampaio, o do embaixador de Israel junto da UE, Harry Kneytal, e de um representante do Congresso Judaico Europeu. O presidente do PE, José Maria Gil-Robles preferiu abdicar da sua intervenção e optou pela leitura da mensagem de Jorge Sampaio.

Falando aos jornalistas, John Paul Abranches lamentou o atraso de décadas com que as autoridades portuguesas reabilitaram a memória de seu pai e as hesitações com que, alegadamente, foram examinados os pedidos de reparação material apresentados pela família do diplomata, arruinado por desobedecer a Salazar.



HERÓI. Sousa Mendes desobedeceu a Salazar. A atitude valeu-lhe a ruína

Confrontados com a miséria que se abatera sobre a família (Sousa Mendes, a mulher e 14 filhos), vários dos seus descendentes foram forçados a emigrar. Muitos estão, hoje, espalhados pelo mundo, sem deixarem de se mobilizar para a concretização de um sonho antigo: recuperar a

casa de Aristides na sua terra natal, Cabanas de Viriato.

Parafraseando o diplomata que, no Verão de 1940, concedeu vistos de trânsito a 30 mil pessoas, incluindo dez mil judeus, salvando-os dos campos de concentração e extermínio dos nazis, Jaime Gama denunciou as «or-

dens vis e injustas» emanadas do Governo português de então.

«Declaro que darei, sem encargos, um visto a quem quer que o peça (...), todos e quaisquer refugiados (...) são seres humanos e o seu estatuto na vida, religião ou cor são totalmente irrelevantes para mim», declarou Sousa Mendes na véspera do acto de desobediência que lhe valeu a ruína, mas também a transformação numa figura histórica imortalizada pelo povo judeu e pelos democratas.

«Sousa Mendes está no panteão dos grandes heróis», sublinhou Jorge Sampaio, citado por José Maria Gil-Robles, a quem coube ler o discurso do Presidente português, ausente da sessão.

Susceptível de embaraçar os portugueses presentes, a intervenção da jornalista Diana Andringa, convidada pela organização a expor o conteúdo de um documento televisivo sobre Sousa Mendes, não exibido por razões técnicas, marcou a cerimónia. Resumindo as condições em que fez a reportagem, Diana Andringa lembrou que, em 1992, um diplomata, no Palácio das Necessidades, a advertiu para não destacar a desobediência lúcida e pensada de Sousa Mendes. O interlocutor da jornalista justificou-se com a necessidade de não deixar mal colocados todos os diplomatas contemporâneos do herói da reportagem, que não demonstraram a mesma coragem de desobedecer a regras desumanas.

14 SOCIEDADE

HENRIQUE MONTEIRO



A MÁQUINA DA VERDADE

Aristides Sousa Mendes

ESTA semana o Parlamento Europeu homenageou um português que, infelizmente, é muito pouco conhecido em Portugal. E, no entanto, morreu solitário e praticamente na miséria em nome daqueles que são, sem dúvida, os mais nobres ideais de um ser humano: o respeito pela vida, a convicção humanista e universalista e o sentido da virtude e do bem. É certo que alguns destes conceitos, nomeadamente o último, parecem estar um pouco fora de moda, mas aqueles que persistem em defendê-los concordarão em que vale a pena insistir no assunto.

Aristides Sousa Mendes, assim se chamava o português que a Europa homenageou, era conservador, católico e cônsul em Bordéus na altura da II Guerra. Como se sabe, desobedeceu a Salazar e permitiu que inúmeros judeus, mas também outros perseguidos da barbárie nazi conseguissem vistos de entrada em Portugal e assim ficassem a salvo do delírio sanguinário que assolava o Continente. O regime — o mesmo que hoje é, por vezes, apontado como um brando paternalismo vagamente autoritário — nunca lhe perdoou e expulsou-o da diplomacia, condenando-o a uma sobrevivência modesta e humilhante para quem, como ele, parecia estar destinado a não conhecer dificuldades.

Muitos funcionários do regime anterior — bem como alguns da nossa democracia — justificam certas acções questionáveis com o facto de estarem a cumprir ordens. Podia tê-lo feito Sousa Mendes, tanto mais que dele dependia uma família não pequena — tinha 12 filhos. Mas a sua ética humanista e o seu conceito de virtude sobrepuseram-se a uma ordem iníqua, como é dever num ser humano em toda a extensão e amplitude da palavra. Provou que, mesmo num regime onde não há liberdade, num meio onde não

imperava a dignidade, existe para cada indivíduo a real possibilidade de se manter livre e digno.

SENDO católico e conservador, provou que os grandes actos heróicos em defesa da vida e da liberdade nada têm a ver com opções partidárias ou políticas ou até ideológicas (se nesta categoria descontarmos os extremismos). Num país em que a direita — e a própria Igreja Católica — se encostou, salvo raras excepções, a um regime totalitário, é importante conhecer-se o exemplo de alguém que, não sendo de esquerda, foi capaz de se sacrificar, quase até à imolação, em nome da tolerância.

Em Portugal, onde tão rapidamente se criam heróis para todos os gostos, Aristides Sousa Mendes continua a ser quase desconhecido. É certo que em horários pouco nobres já a RTP lhe dedicou um magnífico documentário da autoria de Diana Andringa e que a comunicação social se lhe referiu algumas vezes; é verdade que o Ministério dos Negócios Estrangeiros o homenageou, bem como o Parlamento português e o próprio Presidente da República. E é claro que Portugal não tem nenhum Spielberg que ponha em cinema a história do Cônsul, considerado herói em Israel, talvez mais interessante que a de Schindler (embora Luiz-Francisco Rebello tenha agora editado uma peça de teatro — **A Desobediência** — inspirada na sua vida).

Há dias o jornalista Ferreira Fernandes sugeria dar o nome de Sousa Mendes a um pedaço do céu de Lisboa ou a uma parte do Tejo, proposta que de tão bela é utópica.

Descendo um pouco mais à terra, há ainda seguramente muito a fazer para tornar conhecido o exemplo de Aristides Sousa Mendes e, sobretudo, para apreender a sua lição de vida.

Sousa Mendes homenageado. (1998, novembro 21). *Expresso*, 21.

TERÇA, 17

Sousa Mendes homenageado

O PARLAMENTO Europeu presta homenagem ao antigo diplomata português Aristides Sousa Mendes, que, quando cônsul em Bordéus entre 1938 e 1940, passou mais de 30 mil vistos a judeus que fugiam da perseguição nazi. Essa atitude digna, mas de desobediência àquilo que era orientação de Salazar, valeu-lhe a reforma compulsiva e, com 14 filhos, viver o resto da vida com dificuldades económicas.

Anexo 67 | Destaque na primeira página

Amaro, C. (1998, novembro 22). O “holocausto” da casa de Sousa Mendes. *Notícias Magazine*, 60-66.



Amaro, C. (1998, novembro 22). O “holocausto” da casa de Sousa Mendes. *Notícias Magazine*, 60-66.



[REPORTAGEM]

O “holocausto” da casa de Sousa Mendes

As homenagens ao homem que salvou milhares de pessoas dos campos de extermínio nazi não sensibilizaram quem de direito para a salvaguarda do seu património. A casa de Aristides de Sousa Mendes, o “herói português do Holocausto”, é agora um depósito de entulho e assim permanecerá enquanto não se definir o seu futuro

Texto de Carla Amaro
Fotografias de Augusto Baptista

Até dá dó. Está bem que se definam prioridades para a recuperação do património nacional, mas não está bem que uma dessas prioridades não seja a reconstrução da Casa do Passal, em Cabanas de Viriato (Carregal do Sal). Para muito boa gente, o nome desta casa não diz rigorosamente nada e, provavelmente, o nome do antigo proprietário também não. Provavelmente, a maioria dos portugueses ouviu pela primeira vez o nome de Aristides de Sousa Mendes há apenas 11 anos, quando o ex-presidente da República português, Mário Soares, em visita aos Estados Unidos, lhe atribuiu, a título póstumo, a Ordem da Liberdade. Foi então que os portugueses, perdão, a maioria deles, teve conhecimento de um dos casos de heroísmo mais tocantes da nossa história recente.

Se tivéssemos um Steven Spielberg, era mais do que certo que a história de Aristides já teria percorrido todas as salas de cinema do mundo inteiro, à semelhança do que o realizador americano fez com Schindler no filme “A Lista de Schindler”. Também Aristides de Sousa Mendes, quando era cônsul de Portugal em Bordéus, salvou milhares de pessoas dos campos de extermínio nazi, concedendo vistos para Portugal a todos os refu-

60 | NOTÍCIAS MAGAZINE

Amaro, C. (1998, novembro 22). O “holocausto” da casa de Sousa Mendes. *Notícias Magazine*, 60-66.

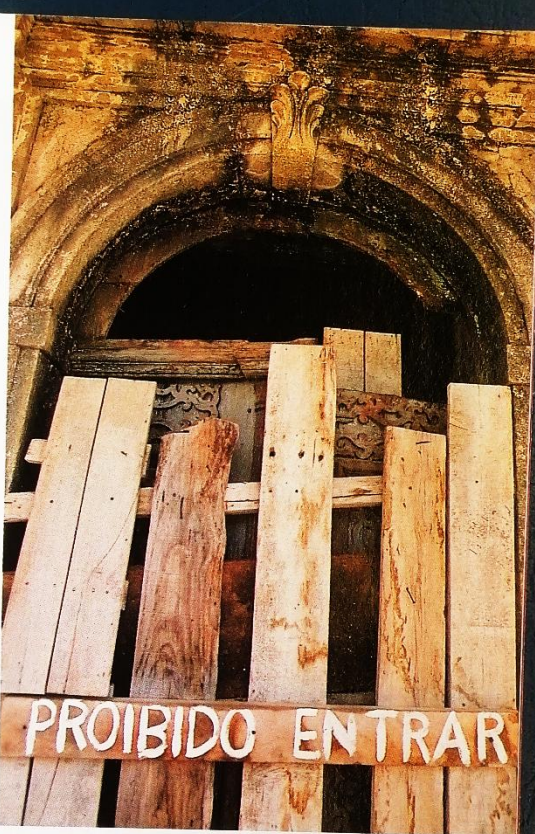


giados que a ele recorreram, entre os quais dez mil judeus. Em três dias passou mais de trinta mil vistos – estava-se em 1940, quando a França se rendeu a Hitler. Para os fugitivos do holocausto nazi, Portugal era apenas a porta atlântica para o porto seguro que a América lhes oferecia.

Schindler e Sousa Mendes salvaram milhares de pessoas dos campos de concentração, mas são figuras bem distintas. Como escreveu Diana Andringa, num artigo intitulado “Em nome das vidas salvas”, “o primeiro era um *bom vivant*, um homem sem princípios, orientado por uma única ideia: enriquecer; o outro era um pai de família católico, com uma carreira diplomática estabelecida. Schindler começa por se interessar pelos judeus apenas como mão-de-obra barata. Sousa Mendes tinha já, antes dos acontecimentos que, em Junho de 1940, o viriam a transformar num *gentio virtuoso*, concedido vistos a indivíduos perseguidos, como judeus ou “vermelhos”, e tentado libertar um compositor austríaco, judeu, de um campo de internamento, em França”.

Morreu pobre e “desonrado”

A desobediência de Aristides de Sousa Mendes às ordens de Salazar, que queria por todos os meios



manter-se “neutro” naquele conflito, saiu-lhe cara. O ditador aposentou-o compulsivamente: “Condeno o cônsul de 1ª classe, Aristides de Sousa Mendes, na pena de um ano de inactividade com direito a metade do vencimento de categoria, devendo em seguida ser aposentado”, lê-se num documento assinado por Oliveira Salazar em 30 de Outubro de 1940. Assim se encerrou o processo disciplinar de um homem cujo único crime foi ter salvo milhares de vidas, sem olhar a diferenças de raça e de nacionalidade.

Demitido da carreira diplomática, Sousa Mendes não mais voltou a exercer qualquer função pública até à sua morte, em 1954.

Mas não sem ter respondido a Salazar: “Era realmente meu objectivo salvar toda aquela gente. Se caíssem nas mãos do inimigo, todos eles seriam submetidos ao duro regime dos campos de concentração”. Frizava ainda que se tinha limitado a agir segundo os ditames da consciência e não podia por isso estar arrependido.

Morreu na miséria e, segundo os padrões do regime, desonrado. Os últimos anos de vida passou-os na sua Casa do Passal, onde aliás acolhia muitos dos refugiados a quem tinha passado vistos. Os habitantes mais velhos de Cabanas de Viriato ainda se lembram “do homem



bom que ajudava quem precisasse” e dos “refugiados que se acoitaram na casa dele durante o tempo da guerra”.

Pela Casa do Passal passaram membros dos governos belga e austríaco e muitas outras personalidades que pediram ajuda a Sousa Mendes para escapar das tropas de Hitler. “Todos eles encontraram um verdadeiro lar na casa do cônsul, antes de irem para outros destinos de exílio”, recorda José Martins, que ainda menino ficava parado diante daquele palacete a ver o corropio de entradas e saídas de gente desconhecida.

NOTÍCIAS MAGAZINE | 61

Anexo 67 | Continuação

Amaro, C. (1998, novembro 22). O “holocausto” da casa de Sousa Mendes. *Notícias Magazine*, 60-66.



Aristides de Sousa Mendes

Hoje, sempre que passa pela Casa do Passal, deixada ao abandono, José Martins sente mágoa e revolta. Ele que acompanhou a par e passo a sua reconstrução e posterior degradação. “O cônsul, antes de lá viver, mandou-a reconstruir e acrescentou-lhe o andar de cima. Comecei a dar os primeiros passos já a casa estava em obras e em obras permaneceu até eu entrar para a escola primária. Quando ficou pronta, ele e a família passaram aqui os períodos de férias. Vinham numa camioneta tipo de passageiros. Ele, a mulher, os 14 filhos e sete criadas”.

A gratidão que José Martins tem para com Aristides de Sousa Mendes vem dos tempos em que se fez sacristão: “Eles eram muito católicos, via-os sempre na Missa. Um dia ele levou-me junto da empregada dele para que me desse o pequeno-almoço todos os dias. Isto são pormenores sem importância, mas por aqui se vê o homem bom e generoso que era. Estou-lhe muito grato”.

“Se as paredes desta casa falassem...”

Quando, em finais dos anos 20 e princípios de 30, Aristides de Sousa Mendes recuperou o velho imóvel “belle époque”, pertencente à família da mulher, estava longe de imaginar o estado de degradação a que o palacete chegaria depois da sua morte. Não olhou a meios nem poupou dinheiro. Um luxo de casa.

O imponente muro de pedra e os portões de ferro que separavam a casa da estrada impressionavam quem a visitasse pela primeira vez. Num dos cantos do muro, Sousa Mendes mandou colocar uma escultura em tama-

Anexo 67 | Continuação

Amaro, C. (1998, novembro 22). O “holocausto” da casa de Sousa Mendes. *Notícias Magazine*, 60-66.



Anexo 67 | Continuação

Amaro, C. (1998, novembro 22). O “holocausto” da casa de Sousa Mendes. *Notícias Magazine*, 60-66.



nho natural de Cristo crucificado.

A casa tinha uma cave, três pisos e mais de 20 salas. “O brasão de armas da família, pintado no tecto do átrio principal, era a primeira coisa em que se reparava ao entrar”, diz José Martins, não esquecendo a referência às varandas de onde vezes sem conta pôde desfrutar da esplêndida vista sobre a Serra da Estrela.

No primeiro andar havia uma galeria envidraçada,

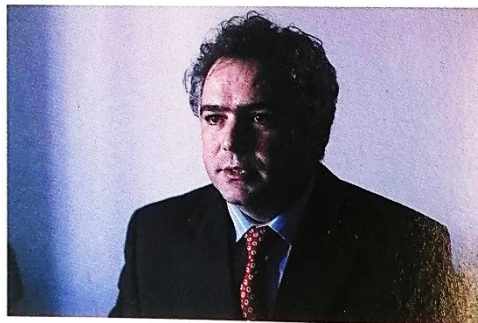
Sousa Mendes foi demitido da carreira diplomática. Mas respondeu a Salazar dizendo: “Era realmente meu objectivo salvar toda aquela gente. Se caíssem nas mãos do inimigo, todos eles seriam submetidos ao duro regime dos campos de concentração”

reservada a lugar de leitura e repouso, a sala de jogos, a biblioteca, a sala de jantar corrente, a sala de bilhar e várias outras salas. Os móveis eram lindos. As cortinas de veludo. Dois pianos (um deles um Bechstein) e uma pianola americana testemunhavam a paixão do cônsul pela música. Uma escada em espiral dava acesso ao segundo andar, onde ficava a sala de jantar de cerimónia, a sala de recepções, a sala japonesa e os quartos de convidados. Cadeiras brasonadas com lombada de couro faziam parte da mobília da sala de jantar. As refeições eram servidas na mais fina loiça chinesa. Um requinte. Na parede, uma reprodução da *Última Ceia* de Leonardo Da Vinci. No último andar ficavam os quartos de dormir da família Sousa Mendes e das criadas.

Nada disto, porém, resta da Casa do Passal. O seu interior é agora um depósito de entulho. “O que aquela casa foi e o que é agora”, lamenta José Martins com alguma raiva. “Só de pensar que a casa chegou a este ponto por culpa e desleixo de terceiros...”. Para José Martins, foi acto premeditado: “Os proprietários que a casa foi tendo, depois da morte do cônsul, deixaram que ela se degradasse porque havia interesses lucrativos. Agora querem fazer daquilo um hotel”.

“Antes as ruínas do que um hotel”

Do espólio da casa, sabe-se que Aristides de Sousa Mendes foi vendendo aqui e acolá algumas peças para se sustentar. Crivado de dívidas, deixou que tudo fosse parar a hasta pública. De resto, foi “por puro acto de vandalismo” que tudo o mais desapareceu. José Martins afirma que até de aviário a casa serviu. “A biblioteca nada mais tinha senão galinhas e frangos. Pitos criados em alcatifa, sim senhor, isso é que é luxo”.



Luís Fidalgo, da Comissão de Homenagens a Sousa Mendes

Mais misterioso do que o destino do recheio da casa é o futuro do que resta dela. Já quiseram ali instalar um Quartel dos Bombeiros, uma residência particular, um lar de idosos. Aquando da reabilitação póstuma de Sousa Mendes, o ex-presidente da República, Mário Soares, propôs a construção de um Museu do Holocausto, um centro pela paz ou um repositório da história dos países que não entraram directamente no conflito da II Guerra Mundial. Hoje fala-se num empreendimento hoteleiro de luxo. A verdade é que os anos vão passando e nada se faz. Museu ou hotel, para os conterrâneos de Sousa

Amaro, C. (1998, novembro 22). O “holocausto” da casa de Sousa Mendes. *Notícias Magazine*, 60-66.



Mendes pouco importa. O importante é tirar aquela casa do abandono, erguer as paredes e dar-lhe vida.

Da mesma opinião é o presidente da Câmara de Carregal do Sal. Atílio dos Santos Nunes, que já foi um dos proprietários da Casa do Passal, o que quer é que ali “se faça alguma coisa com utilidade”. Admite que um museu seria a solução ideal “por estar à altura da personalidade de Sousa Mendes”, mas compreende que nenhum investidor privado queira fazer um empreendimento que depois não dê lucro. “Um hotel com sala de congressos para 700 pessoas não me parece má ideia. Vai trazer a Carregal do Sal muita gente de todo o País e de

diversas partes do mundo”.

Contra o aproveitamento da casa para fins hoteleiros está a Comissão Organizadora das Homenagens a Aristides de Sousa Mendes, fundada em 1986 em Cabanas de Viriato. Um dos seus membros, Luís Fidalgo, não tem poupado esforços no apelo às autoridades nacionais para que a Casa do Passal venha a ser um museu para divulgação dos valores pelos quais Sousa Mendes se regiu. “Valores contra o racismo e a xenofobia. Há quem pense que é melhor um hotel do que as ruínas. Eu prefiro as ruínas, porque enquanto houver ali uma pedra há memória. Se lá estiver um hotel, é como passar uma esponja e não fica nada, as pessoas não se interrogam”.

Verdade seja dita: tanta homenagem se fez a Aristides de Sousa Mendes em Portugal e lá fora, publicaram-se livros sobre ele, fizeram-se filmes, peças de teatro, bustos, documentários na televisão... Afinal, que outras homenagens mais merece o cônsul senão a recuperação do seu património? Ficamos à espera de ver a Casa do Passal novamente em pé. Em nome de Sousa Mendes, da sua família, dos refugiados que salvou, da sua terra natal e dos seus conterrâneos. ■

“Há quem pense que é melhor um hotel do que as ruínas. Eu prefiro as ruínas, porque enquanto houver ali uma pedra há memória. Se lá estiver um hotel, é como passar uma esponja e não fica nada, as pessoas não se interrogam”

Lançada hoje em Portugal obra de jornalista do "Le Monde"

Livro francês sobre Sousa Mendes



"O JUSTO de Bordéus", livro-reportagem de José-Alain Fralon, que levou o caso do cônsul Aristides Sousa Mendes ao Parlamento Europeu, vai ser hoje apresentado ao público português. O autor, jornalista de "Le Monde", conta que tomou contacto com a história de Sousa Mendes quando no ano passado fazia em Bordéus a cobertura do julgamento de Papon para o seu jornal.

Papon foi julgado e condenado por colaboração com os nazis na deportação de judeus france-

ses para os campos de concentração nazis. Durante o seu julgamento, Papon, que naquele tempo era governador-civil, justificou a sua actuação com a necessidade de obedecer aos regulamentos e às directivas das hierarquias.

Foi este comportamento "obediente" que chocou o jornalista, levando-o a investigar a história de Bordéus na época da invasão da França pelos exércitos nazis (Junho de 1940). Deparou com o caso Sousa Mendes, cônsul de Portugal naquela cidade.

Ao invés de Papon, o cônsul português teve um entendimento diferente do que era seguir os regulamentos. Pôs acima das directivas do seu Ministério, que o obrigavam a consultar a polícia política portuguesa sempre que lhe fosse solicitado um visto, a sua consciência de diplomata, que o obrigava a prestar auxílio a pessoas em perigo. Aqueles milhares de pessoas que faziam fila à porta do consulado estavam realmente em perigo de serem enviadas para campos de concentração, de onde

certamente não regressariam vivas. Como Papon, ele sabia disso.

Por isso, sem consultar os superiores hierárquicos, concedeu quantos vistos pôde durante três dias. E se mais não concedeu foi porque Salazar enviou a Bordéus o seu representante em Madrid, Theotónio Pereira, com a incumbência de suspender a sua actividade consular.

Aristides Sousa Mendes foi objecto de um processo disciplinar e não foi colocado em mais nenhum consulado. Morreu muito

pobre, vitimado por uma pneumonia, no Hospital da Ordem Terceira, em 3 de Abril de 1954. Tinha 68 anos.

Fralon faz deste homem um retrato vivo, baseado em depoimentos e testemunhos de contemporâneos e familiares e, também, na história de Portugal sob o regime salazarista. Será ele próprio que hoje, às 18h30, com António Carvalho, apresentará o seu livro, numa sessão promovida pela Librarie Française em Lisboa (Av. Marquês de Tomar, 38). ■

PROJECTO

Aristides Sousa Mendes vai ter fundação

A instituição pode nascer em Cabanas de Viriato, salvando a antiga casa do diplomata

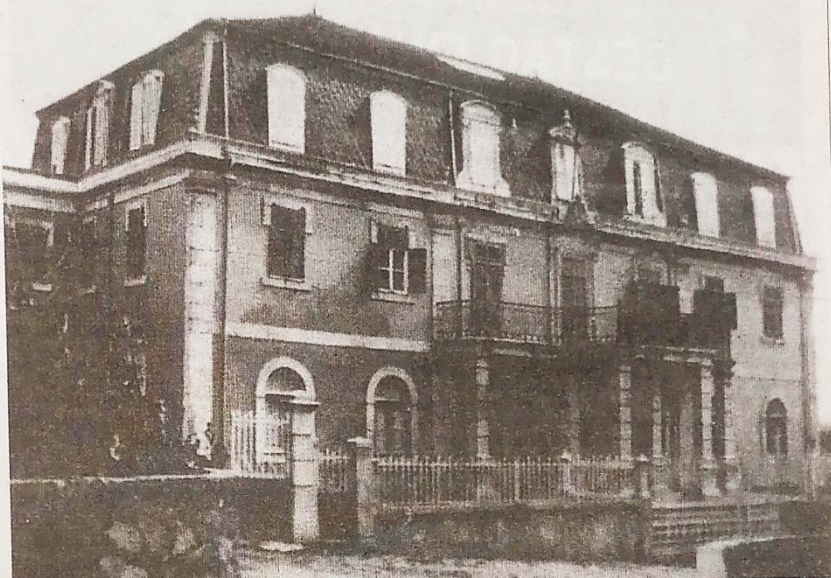
ANTÓNIO CARVALHO

Se tudo correr bem, como se espera e deseja há muitos anos, vamos ter uma Fundação Aristides de Sousa Mendes, com sede na própria mansão daquele diplomata e da sua família, em Cabanas de Viriato, Carregal do Sal. Isto significa que, em simultâneo, se preserva a memória e o exemplo daquele que, desobedecendo a ordens iníquas, salvou milhares de vidas de refugiados, e se recupera a Casa do Passal, por onde passaram numerosos desses mesmos refugiados.

O anúncio destas iniciativas conjuntas foi feito durante uma sessão realizada na passada sexta-feira, na Biblioteca-Museu República e Resistência, em Lisboa, aliás no âmbito de um ciclo de homenagem a Aristides de Sousa Mendes que ali tem estado a decorrer. Com a presença de membros da família e também de representantes de diversas entidades interessadas em dar apoio (Município de Carregal do Sal,

Junta de Freguesia de Cabanas de Viriato, Fundação Pro-Dignitate, Comunidade Israelita de Lisboa) e ainda do embaixador Fernando Neves, em representação de Jaime Gama, e do alto-comissário para a Imigração e as Minorias Étnicas, José Leitão, apresentou-se o perfil da futura fundação: instrumento indispensável para sustentar os propósitos das homenagens feitas ou a fazer a Aristides de Sousa Mendes, conservar a memória do ilustre diplomata através de um projecto próprio, igualmente voltado para o nosso tempo, e ainda para a convergência dos apoios que permitam recuperar a sua Casa do Passal em Cabanas de Viriato. Esta iniciativa poderá assentar em quatro pilares: a família Sousa Mendes, que contribuiria com o dinheiro que venha a receber do Estado, o Município de Carregal do Sal, o Estado e a União Europeia.

Tal como foi lembrado várias vezes nesta sessão, o ministro dos Negócios Estrangeiros, intervinde durante a homenagem a Sousa



MEMÓRIA. A casa de Sousa Mendes, hoje em ruínas, poderá vir a ser preservada como sede da futura fundação

Mendes que lhe foi prestada pelo Parlamento Europeu, em 17 de Novembro, referiu que o Governo estava disponível «para contribuir de forma muito efectiva para

Resta agora cerrar fileiras, de uma vez por todas, homenageando o homem e criando o local em Cabanas de Viriato

a realização de uma iniciativa que faça perdurar a memória de Sousa Mendes» e disposto a apoiar «a criação de uma instituição que se proponha, em articulação com a família, recuperar a antiga casa do diplomata português em Ca-

banas de Viriato, transformando-a em museu». Estas palavras de Jaime Gama em Estrasburgo foram vistas como um compromisso solene, em nome do Governo, tendente a contribuir de forma real e visível para a realização destes objectivos. No entanto, o embaixador Fernando Neves teve o cuidado de sublinhar que a iniciativa deve apoiar-se na sociedade civil e não pode basear-se apenas no Governo. Por outro lado, a antiga casa de Aristides de Sousa Mendes pertence hoje a outros proprietários, uma sociedade anónima, que tem o projecto de transformar a mansão num hotel – esse projecto, segundo afirmou Luís Fidalgo, da comissão de homenagens de Cabanas de Viriato,

constituiria o apagamento da memória de Aristides de Sousa Mendes na sua terra natal. A propósito, Atilio dos Santos Nunes, presidente da Câmara Municipal de Carregal do Sal, realçou que os actuais proprietários estão disponíveis para vender a casa. O que levou Joshua Ruah, presidente da Comunidade Israelita de Lisboa, a comentar que, felizmente, o hotel naquela casa não é rentável, senão já teríamos o facto consumado... «Resta-nos agora cerrar fileiras, de uma vez por todas, e homenagear o homem e criar o local.» Uma vez concluída a compra, a mansão daquele «justo entre as nações» poderá transformar-se em lugar da memória da guerra e dos direitos humanos.

SEGUNDA-FEIRA, 11 JANEIRO 1999

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

SOCIEDADE

21

Cardoso, T. (1999, maio 17). Não podemos ignorar o “cônsul sem medo”. *Jornal de Notícias*, 31.



Não podemos ignorar o "cônsul sem medo"

Presidente da República aplaude criação de museu na casa do ilustre diplomata Aristides Sousa Mendes, em Cabanas de Viriato

TERESA CARDOSO



Colaborador FLÁVIO ANDRÉ

TERESA CARDOSO

Foi com emoção que o presidente da República, Jorge Sampaio, esteve ontem em Cabanas de Viriato, concelho de Carregal do Sal. Uma emoção justificada pelo facto de estar a pisar a terra onde nasceu Aristides Sousa Mendes, o cônsul português, em Bordéus, que durante a I Guerra Mundial passou milhares de vistos para Portugal a judeus que fugiam da perseguição dos nazis. Milhares de vidas foram salvas, custando ao "cônsul sem medo" a perda do cargo e prejuízos profissionais e pessoais irreparáveis. Acabou por morrer na prisão completa miséria.

Jorge Sampaio lamentou que Aristides Sousa Mendes "seja hoje mais conhecido e recordado na América e em Israel do que em Portugal" e exortou o país para que não permita, nunca mais, "que um homem tão corajoso quanto este, não tenha do seu país e da sua terra o reconhecimento que merece".

Família abdica

Esperado, apesar da chuva copiosa e persistente, por centenas de habitantes de Cabanas de Viriato, o presidente da República teve de limitar-se a ver por fora a Casa do Passal, um magnífico edifício da década de 30 em total estado de abandono e de degradação, onde Aristides Sousa Mendes passou os últimos dias da sua vida. Um pouco mais acima, em terrenos que pertencem à antiga quinta onde está implantado o palacete, ergue-se o Cristo Rei que o cônsul trouxe da Bélgica e que é hoje o "ex-libris" de Cabanas de Viriato e das suas gentes.

Com o presidente da República muito atento, membros da comissão incumbida de pôr em marcha a criação da Fundação Aristides Sousa Mendes, anunciaram que a família do cônsul acaba de abdicar, em favor desta organização, de qualquer indenização que venha a receber do Estado Português. Essa indenização, cujo montante é ainda desconhecido, vai ajudar a comprar e a reconstruir a casa do Passal, actualmente na mão de dois privados de Cabanas de Viriato.

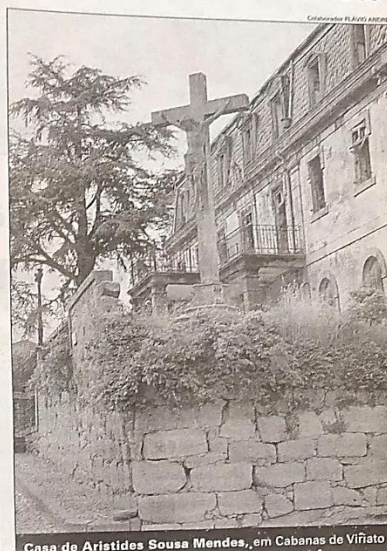
Um museu vivo

Um museu vivo
Luis Fidalgo, da equipa pró-Fundação Aristides Sousa Mendes, avalia em 400 mil contos o montante necessário à compra (120 mil) e reconstrução (280 mil contos) da Casa do Passal. Ali será instalado um museu vivo, com memórias do cônsul, aberto à comunidade e, como diz o presidente da República, "para que a memória não se perca".

A acompanhar a comitiva presidencial, João Cravinho, mi-



Presidente Sampaio efusivamente saudado em Carregal do Sal



Casa de Aristides Sousa Mendes, em Cabanas de Viana

nistro do Planeamento e Ordenamento do Território, mostrou-se disponível para co-financiar a reconstrução do imóvel. O presidente da República admite que as comunidades portuguesas poderão dar também a sua ajuda a este projecto e vai mais longe ao exortar o país e o Distrito de Viseu, "a provarem a sua solidariedade na reconstrução da casa onde viveu Aristides Sousa Mendes", contribuindo, deste modo, "para dar dimensão de simbolismo cívico a quem foi tal esquicço por Portugal e pelos portugueses".

Cabanas de Viriato vai receber, na próxima semana, 15 refugiados kosovares. Este facto pretextou ao presidente da República reafirmar o apreço que nutre por uma terra que, na linha do seu conterrâneo, "sabe gritar bem alto os valores da liberdade e da solidariedade".

"Partido dos autarcas"

"Partido dos autarcas"
A visita de Jorge Sampaio a Carregal do Sal, teve como primeira etapa a cerimónia de bênção e lançamento da primeira pedra do futuro edifício dos Paços do Concelho.

Recebido por uma multidão de carregalenses, Sampaio ouviu do presidente da Câmara local, Atílio dos Santos Nunes, palavras de muito reconhecimento por aceitar presidir à uma cerimônia de tão grande significado para este município. Agradeceu estes extensivos a João Cravinhos, a quem o autarca não perdeu a oportunidade de pedir a li-

gação Canas de Senhorim/Mangualde, no âmbito do IC12 integrado no Plano Rodoviário Nacional. No seu jeito peculiar, o social-democrata Atilio dos Santos Nunes referiu que o "partido" dos autarcas que querem fazer alguma coisa pela sua terra, "tem que ser o partido que está à frente do Governo".

O presidente da República afirmou que, numa época pré-eleitoral, "é bom constatar o bom relacionamento entre po-

der local e central", considerando mesmo que esta ligação é, cada vez mais, "indispensável". Colaboração, cooperação e solidariedade são para Jorge Sampaio - que não esquece a sua experiência enquanto autarca -, "as chaves para o desenvolvimento das regiões e do país". Sampaio salientou a importância do conceito complementaridade, e reduziu ao seu real significado a palavra barrismo, que "deve ser um elemento mobilizador das

populações'. A um mês da eleição para o Parlamento Europeu, Jorge Sampaio apelou à participação dos portugueses. 'É importante dar ao mundo a impressão de que estamos empenhados neste processo eleitoral', diz Jorge Sampaio, para quem a União Europeia, 'é efectivamente importante e necessita da participação de todos os portugueses não como espectadores ou testemunhas, mas como elementos intervenientes da sua construção'.

ALEXANDRA CORREIA

TERÇA-FEIRA, 29 FEVEREIRO 2000 19 sociedade



A casa do diplomata em Cabanas de Viriato, Carregal do Sal, está a desmoronar-se

Homenagem a Aristides Sousa Mendes

Fundação sem dinheiro

OS HERDEIROS do consúlio de Bordéus decidiram entregar 15 mil contos para o arranque da Fundação Aristides Sousa Mendes, esperando que outras entidades, públicas e privadas, venham a contribuir com mais fundos, de modo a poder adquirir-se a casa familiar de Cabanas de Viriato e transformá-la em museu e centro de estudos dos direitos humanos.

A Fundação Aristides Sousa Mendes passou a ter existência legal quando um grupo de pessoas, entre elas dois Sousa Mendes, se constituiu há dias em comissão instaladora e formalizou o acto num cartório notarial lisboeta.

A presidente é Maria Barroso, que a partir da Fundação Pro-Dignidade, tem dinamizado iniciativas de divulgação do papel que teve Aristides Sousa Mendes na salvação de judeus perseguidos pelos nazis durante a II Guerra Mundial.

António Sousa Mendes, neto do consúlio destituído por Salazar, disse ao PÚBLICO que para instalar a Fundação a família decidiu doar os 15 mil contos que recebeu do Ministério dos Negócios Estrangeiros, devidos pela reintegração na carreira diplomática do seu avô.

O actual ministro Jaime Gama conhece bem o processo, pois foi ele que em Março de 1988, quando era deputado, apresentou na Assembleia da República a proposta que determinou a reintegração do "consúlio de Bordéus". Segundo António Sousa Mendes, nas conversas já tidas com Jaime Gama, ficou assente um contributo especial do MNE da ordem dos 50 mil contos para que se constituísse a Fundação.

O objectivo principal da nova administração é readquirir o edifício familiar de Cabanas de Viriato, no concelho de Carregal do Sal, que a família vendeu há muitos anos. A sociedade

que o adquiriu tinha em vista a sua transformação em hotel, mas nada se fez e o palacete está em completa ruína. As conversações para a revenda avançam lentamente. Os actuais proprietários fixaram o preço em 115 mil contos, justificado com as legítimas expectativas de lucro, um valor considerado excessivo tendo em conta o montante por que terá sido anteriormente vendida pelos herdeiros de Sousa Mendes.

As negociações prosseguem e espera-se que o presidente do município de Carregal do Sal, Atilio Nunes, que também faz parte da administração da Fundação, contribua para que se chegue a um acordo e se passe à fase seguinte, que é da classificação patrimonial do imóvel e do seu restauro. Além de um museu que recorde o exemplo de abnegação que deu Aristides Sousa Mendes, a Fundação quer instalar no edifício um centro de estudos de direitos humanos, com actividades próprias.

Maria Barroso, em declarações ao PÚBLICO, realçou este aspecto da Fundação, dizendo que "Aristides foi um paradigma de generosidade e respeito dos direitos humanos, que deve ser uma referência moral e cívica para os jovens". Quando, acrescentou, "se vivem momen-

tos que nos trazem à memória os piores horrores de racismo do nazismo, como é o caso de Haider na Áustria e de El Ejido na Andaluzia espanhola", é preciso despertar "os sentimentos de generosidade, para que os jovens não permitam que se regida no campo da tolerância e dos direitos humanos".

Aristides Sousa Mendes nasceu em 1886, em Cabanas de Viriato, e ingressou na carreira diplomática durante o regime monárquico. Em Junho de 1940, era consúlio em Bordéus, assistiu à chegada de levadas de refugiados, que procuravam escapar dos exércitos nazis, que tinham invadido a França. Diante do seu consúlio estendiam-se filas de milhares de pessoas que aguardavam dia e noite que lhes fosse dado um visto que lhes permitisse encontrar refúgio em Portugal. Mas Salazar, que chamara a si a pasta dos Negócios Estrangeiros, dera ordens estritas, para que os vistos só fossem concedidos um por um, após recebida autorização de Lisboa.

Depois de uma angústia que durou três dias, Aristides Sousa Mendes tomou uma decisão que lhe iria arruinar a carreira diplomática, mas salvar milhares de vidas.

Entre 16 a 22 de Junho de

1940 discutia-se em Bordéus a posição da França face à invasão nazi. O primeiro-ministro Reynaud recusava a rendição e propunha-se prosseguir o combate. Mas o parlamento retirou-lhe a confiança. Pétain substituiu-o no dia 16 de Junho e a 22 assinou um "armistício sem condições" com o III Reich.

Sousa Mendes aproveitou este interm para, de manhã à noite, conceder vistos de entrada em Portugal a todos os refugiados que lho imploravam. Fê-lo indiscriminadamente, da família real do Luxemburgo à anónima família judia austríaca. Agia por imperativo da sua consciência de cristão, disse mais tarde no processo disciplinar que lhe foi movido e determinou o seu afastamento da carreira diplomática.

"Não sei o que é que o futuro reserva para vossa mãe, para vocês e para mim mesmo. Materialmente, a vida não será tão boa para nós como tem sido até agora. Contudo, sejamos corajosos e tenhamos em mente que, ao dar a esses refugiados a possibilidade de viverem, teremos uma possibilidade mais de entrar no reino dos céus, porque, ao fazê-lo, não faremos mais do que praticar os mandamentos de Deus." Estas palavras, dirigidas aos seus filhos, são de Aristides Sousa Mendes, citadas na biografia que lhe fez Rui Afonso ("Um Homem Bom", Ed. Caminho). Escreveu-as quando tomou a decisão de "salvar toda aquela gente", obedecendo ao princípio de ajuda humanitária, que se sobrepuja às circulares administrativas vindas da secretaria-geral do ministério, como também disse em sua defesa no processo disciplinar.

Morreu indigente, vitimado por uma pneumonia, no Hospital da Ordem Terceira, em 3 de Abril de 1954, com 68 anos. ■

António Melo



Aristides Sousa Mendes

"Não sei o que é que o futuro reserva para vossa mãe, para vocês e para mim mesmo. Materialmente, a vida não será tão boa para nós como tem sido até agora"

PÚBLICO

Melo, A. (2000, março 10). Comissão Aristides Sousa Mendes em Carregal do Sal - Câmara contra Fundação. *Público*, 18.

Comissão Aristides Sousa Mendes em Carregal do Sal Câmara contra Fundação

“A ESCRITURA da Fundação, a fazer-se, devia ser no salão nobre dos Paços do Concelho”, diz Atílio dos Santos Nunes, presidente do município de Carregal do Sal, que se mostra descontente com o modo como se processou a instituição notarial da Fundação Sousa Mendes, no passado 24 de Fevereiro, em Lisboa (ver PÚBLICO de 27/2/00).

Atílio Santos Nunes, que não faz parte da administração da Fundação, ao contrário do que por erro então se publicou, diz que a sua acção para celebrar a memória e o exemplo do antigo cônsul em Bordéus passa pela legalização de uma comissão que funciona na sede do concelho, presidida pelo advogado Luís Fidalgo.

Em declarações ao PÚBLICO afirmou que há dois anos que esta comissão desenvolve esforços junto das autoridades governamentais para recuperar a antiga casa de família de Aristides Sousa Mendes, em Cabanas de Viriato. Disse que foi dado um “grande passo” nesse sentido quando em 15 de Maio

do ano passado o Presidente da República visitou o concelho, em companhia do então ministro do Planeamento e do Equipamento, João Cravinho.

O ministro mostrou-se então disponível em estudar um projecto de restauro do palacete de Cabanas de Viriato, com vista a fazer dele uma casa-museu em memória de Sousa Mendes.

Atílio Nunes, eleito como independente nas listas do PSD, diz que a disponibilidade de Cravinho não foi meramente circunstancial, pois três dias depois foi contactado “pelo secretário de Estado do Ordenamento, José Augusto de Carvalho, que transitou para este Governo”, que lhe reafirmou a vontade governamental de reabilitar a residência para casa-museu.

Sousa Mendes era cônsul em Bordéus quando a França foi invadida pelos nazis, em Junho de 1940, e ultrapassou as ordens de Salazar ao conceder vistos de entrada em Portugal a todos os refugiados que lho imploravam. Este gesto foi qualificado de “acto de indisciplina” por parte de Oliveira Salazar.

Aristides Sousa Mendes foi afastado da carreira diplomática e morreu indigente, vitimado por uma pneumonia, no Hospital da Ordem Terceira, em 3 de Abril de 1954, com 68 anos.

O palacete, em ruínas, encontra-se actualmente na posse de uma sociedade que tem por principais accionistas o industrial hoteleiro Fernando Campos e o arquitecto Óscar Santos. Estava destinado nos anos 70 a ser transformado em hotel.

O presidente do município de Carregal do Sal considera possível ultrapassar este obstáculo e mantém-se reservado quanto ao preço pedido pelos actuais proprietários. Esse preço, disse ao PÚBLICO António Sousa Mendes, neto do cônsul, é de 115 mil contos, um valor que considera excessivo tendo em conta o montante de compra.

O autarca disse que a Comissão Aristides Sousa Mendes “vai realizar as obras de restauro e depois convidará a Fundação para aí se instalar”, já que entende ser esse o lugar adequado para a sua sede. ■

António Melo

Aristides Sousa Mendes

50 mil contos para fundação polémica

O MINISTÉRIO dos Negócios Estrangeiros decidiu atribuir à família de Aristides Sousa Mendes uma verba de 50 mil contos, destinada à realização dos projectos da Fundação recentemente constituída em Lisboa e destinada a perpetuar a memória e o exemplo do cônsul de Portugal em Bordéus, quando em Junho de 1940 a França foi invadida pelos nazis (PÚBLICO de 29/2/00).

Sousa Mendes ultrapassou então as ordens de Salazar, ao conceder vistos de entrada em Portugal a todos os refugiados que lho imploravam. Este gesto foi qualificado de “acto de indisciplina” por parte de Oliveira Salazar. O cônsul foi afastado da carreira diplomática e morreu indigente, vitimado por uma pneumonia, no Hospital da Ordem Terceira, em 3 de Abril de 1954, com 68 anos.

Alguma polémica

O ministro Jaime Gama, a quem coube, enquanto deputado, apresentar na Assembleia da República, em Março de 1988, o processo de reabilitação de Sousa Mendes, procederá pessoalmente à entrega deste dom, em cerimónia que decorre sexta-feira, às 10h., na sala dos Embaixadores,

no Palácio das Necessidades.

A constituição desta Fundação, apesar de há muito reclamada, não foi bem recebida pela Câmara de Carregal do Sal, concelho natal do cônsul de Bordéus.

Atílio Santos Nunes, presidente do município disse ao PÚBLICO que a sua acção para celebrar a memória do antigo cônsul passa pela legalização da comissão Aristides Sousa Mendes, que vê mais capacitada para proceder à reabilitação da residência de Sousa Mendes, em Cabana de Viriato, e aí proceder à instalação da Fundação.

Também a Protectus, associação de iniciativa privada que se constituiu para a defesa do património natural, histórico e cultural, contesta a criação desta Fundação. Entende que ela nasce sob o signo da subsidiariedade estatal, em vez de procurar apoios na sociedade civil.

Oliveira Antunes, seu presidente, disse ao PÚBLICO que foi esse o sentido da proposta que fez num congresso, em 3 de Dezembro de 1998, e que colheu, afirma, a adesão dos actuais promotores da Fundação Sousa Mendes, designadamente Maria Barroso, presidente da Fundação Pro-Dignitate, e o deputado Barros Moura. ■

António Melo

Diário de Notícias

Av. da Liberdade, 266 - 1250-145 LISBOA, Telef.: 21 318 75 00 Fax redacção: 21 318 75 15-21 318 73 16
Fax publicidade: 21 318 75 03-21 318 75 04 Redacção Porto: Rua Gonzalo Orestes, 195-B 4000 PORTO Telef.: 22 209 63 50 Fax: 22 208 11 01
Distribuição: Porto Telef.: 280 804 161; Coimbra Telef.: 230 859 621; Leiria Telef.: 244 812 061
ENDEQUE INTERNET www.dn.pt E-Mail Address: -dn@gnipmail.telecom.pt

Imoprazo
2,75+0,25% TNB

BNC
Banco Nacional de Crédito Imobiliário
soluções e serviços

5 605290 000010

SEXTA-FEIRA 17 MARÇO 2000

REABILITAÇÃO

Gama indemniza descendentes do cônsul Sousa Mendes

■ Jaime Gama entrega hoje 50 mil contos aos descendentes do cônsul Aristides Sousa Mendes com destino à fundação que terá o nome do diplomata demitido por Salazar por salvar judeus dos campos de concentração nazis. Além disso, o ministro entrega também 15 mil contos a título de indemnização do Estado português pela decisão do ditador.

O DN sabe que os descendentes do cônsul Sousa Mendes vão igualmente destinar o valor da indemnização à fundação, que poderá, entre outras hipóteses, ficar instalada no palacete de Cabanas do Viriato (Carregal do Sal) outrora pertencente à família Sousa Mendes.

O projecto dos descendentes do cônsul tem sido o de instalar no velho solar da família uma instituição vocacionada para apoio aos refugiados, além de uma casa-museu ou um memorial de Sousa Mendes.

O DN num minuto

NACIONAL
Parlamento. «O PS deixou cair a solidariedade a Mário Soares!» A frase foi ontem proferida pelo deputado popular Basílio Horta, na Assembleia da República, logo após a aprovação de um voto de protesto sobre o diferendo entre as autoridades de Luanda e a família Soares. O texto aprovado pelo PS, contra todas as expectativas, foi elaborado pelo Bloco de Esquerda e não contém nenhuma referência explícita, nas suas conclusões, ao ex-presidente da República nem ao actual presidente da Câmara Municipal de Lisboa. **Página 4**

INTERNACIONAL
Taiwan. A China continua a enviar sinais ameaçadores ao eleitorado taiwanês para que nas presidenciais de amanhã não vote no candidato independente Chen Shui-bian, actual presidente da Câmara de Taipé e político muito popular na ilha, de 20 milhões de habitantes, que desde 1949 escapa ao domínio de Pequim. **Página 10**

SOCIEDADE
Droga. O anteprojecto do Governo de despenalização do consumo de drogas, ontem apresentado, penaliza mais o consumidor ocasional do que o toxicodependente – e não mexe em aspectos essenciais da lei. **Página 18**

Xenofobia. O presidente da Câmara de Poiares negou ontem qualquer conotação racista ou xenófoba ao comunicado do município contra a presença, no concelho, de «grupos étnicos ou nómadas», que garantiu respeitar. **Página 19**

Católicos. A segunda parte do Inquérito Permanente às Atitudes Sociais dos Portugueses, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, dedicado à religiosidade por reboar, dedicado aos comportamentos, revela resultados surpreendentes. As suposições teóricas da Sociologia da Religião foram abaladas. Afinal, os mais praticantes dos rituais da Igreja Católica apresentam-se como sendo os menos felizes e os mais intolerantes dos cidadãos. **Páginas 22 e 23**

Moçambique. Durante um mês, oito mil pessoas em Chilaulene, distrito de Xai-Xai, a 20 quilómetros da capital provincial de Gaza, ficaram completamente esquecidas. **Página 20**

EDUCAÇÃO
Escola. A construção da identidade europeia implica que se integrem nos programas escolares conhecimentos comuns da Europa, nomeadamente nas áreas de história, geografia, cultura e línguas. Esta é a mensagem que o Presidente da República vai hoje transmitir. **Página 24**

CIÊNCIA E AMBIENTE
Genética. Um estudo sobre as patilinhagens (cromossoma Y) brasileiras permitiu perceber que os nossos antepassados deixaram uma forte pretensão no país que colonizaram. O ancestral genético Sérgio Pena revela em primeira mão ao DN as principais conclusões, que colocam o Brasil como o «detonator da masculinidade portuguesa». **Página 26**

REGIONAL
Incêndios. A praga dos fogos já chegou, com os bombeiros a enfrentarem grandes dificuldades. **Página 29**

DESPORTO
Rali. As dificuldades do rali de Portugal começam hoje. **Página 33**

NEGÓCIOS
Estudo. O número de empresas a falir está a aumentar. **Página 34**

ÍNDICE	
IMPRESSÕES	2 e 3
NACIONAL	4 a 9
INTERNACIONAL	10 a 14
OPINIÃO	16 e 17
SOCIEDADE	18 a 23
EDUCAÇÃO	24 e 25
CIÊNCIA E AMBIENTE	26
REGIONAL	28 a 30

ARTES & MULTIMÉDIA
Livro. Guarda Republicana e Paulistas de Miranda deram ontem as boas-vindas a Sampaio e a Chiriac, na cerimónia inaugural do Salão do Livro em Paris. **Página 40**

NET
Recetas. Publicidade e comércio dão boas receitas à rede. **Página 51**

TV & RÁDIO
Cinema. Kundum, de Matin Scorsese, passa em Telecinco 1. **Página 55**

LOTARIA

1 – 71 231 – 6 000 contos
2 – 87 256 – 1 500 contos
3 – 50 987 – 1 000 contos
4 – 26 790 – 620 contos
Série sorteadas: sexta.

DESPORTO	31 a 33
NEGÓCIOS	34 a 38
ARTES & MULTIMÉDIA	39 a 41
UTILIDADES	44 a 48
BOA VIDA	49
PESSOAS	50
NET	51 a 53
TV	54 a 58

FUTEBOL

Grupo da Média Capital na SAD do União de Leiria

■ Pais do Amaral, um dos líderes da Média Capital, empresa detentora da TVI, estará presente, hoje (11 horas), na conferência de imprensa promovida pelo União de Leiria, na qual serão divulgados os parceiros sociais da SAD do clube da cidade do Lis, já constituída. Nestas circunstâncias, está assegurada a participação do grupo de Pais do Amaral no respectivo capital.

João Bartolomeu, presidente da direcção do Leiria, recusouse, ontem, a revelar pormenores sobre o assunto, mas considerou que esta SAD «será um marco histórico na vida do futebol português».

A fechar

PUBLICIDADE

Desafio para jovens criativos

Anúncios a concurso deverão apelar à diminuição do consumo de álcool

■ Anúncios sobre a diminuição do consumo de álcool entre os jovens, sem se transmitir uma mensagem castradora: este é o tema proposto aos publicitários com idades até aos 30 anos interessados em participar no Prémio Jovens Criativos 2000, promovido pelo Diário de Notícias/Belarte e agência TBWA/EPG, e que ontem foi apresentado oficialmente.

A dupla vencedora irá participar no The Young Creatives Competition, iniciativa realizada paralelamente ao Festival de Cannes. O regulamento e o briefing serão publicados na segunda-feira no suplemento «Negócios» do DN e estarão igualmente disponíveis no site www.dn.pt.

APDIOS. Responsáveis do DN, Belarte e TBWA/EPG apresentaram o prémio

VIAGENS-FANTASMAS

Cunha Rodrigues «iliba» Octávio Teixeira e João Amaral

■ O procurador-geral da República «ilibou» ontem, em carta pessoal, os deputados do PCP Octávio Teixeira e João Amaral de qualquer responsabilidade criminal no âmbito do denunciado processo das viagens-fantasma. Octávio Teixeira compareceu-se ao DN com o facto de a PGR ter esclarecido o seu alegado envolvimento e o de João Amaral neste megaprocessamento. «Tínhamos o receio de que eventual prescrição dos crimes viessem a deixar tudo e nada num grande pantano», frisou o líder parlamentar do PCP.

Ordenado

Dê a volta ao seu ordenado

Adira ao Caixaordenado!
Crie novas funcionalidades na sua conta à ordem:

- Antecipação do Ordenado;
- Seguros Exclusivos: Protecção Ordenado, Multicídio, Incêndio, Roubo, Furto, Surtido e Acidentes Médica Domiciliária.

BENEFICIE DE BÓNUS NA TAXA DE JURO DO CRÉDITO PESSOAL E DE MUITAS OUTRAS VANTAGENS.
Depois de qualquer Agência de CCR ou peça informações através do 24 242 75 55, ou e-mail crc@caixaordenado.pt ou no nosso site www.ccp.pt

Caixa Geral de Depósitos

Gama indemniza descendentes do cônsul Sousa Mendes. (2000, março 17). *Diário de Notícias*, 56.

REABILITAÇÃO

Gama indemniza descendentes do cônsul Sousa Mendes

■ Jaime Gama entrega hoje 50 mil contos aos descendentes do cônsul Aristides Sousa Mendes com destino à fundação que terá o nome do diplomata demitido por Salazar por salvar judeus dos campos de concentração nazis. Além disso, o ministro entrega também 15 mil contos a título de indemnização do Estado português pela decisão do ditador.

O DN sabe que os descendentes do cônsul Sousa Mendes vão igualmente destinar o valor da indemnização à fundação, que poderá, entre outras hipóteses, ficar instalada no palacete de Cabanas do Viriato (Carregal do Sal) outrora pertencente à família Sousa Mendes.

O projecto dos descendentes do cônsul tem sido o de instalar no velho solar da família uma instituição vocacionada para apoio aos refugiados, além de uma casa-museu ou um memorial de Sousa Mendes.

Albino, C. (2000, abril 3). Desobedecer e fazê-lo bem. *Diário de Notícias*, 22.

COMENTÁRIO

Desobedecer e fazê-lo bem



CARLOS ALBINO

O afastamento de Aristides de Sousa Mendes por Salazar ocorreu numa época em que o corpo diplomático e consular do MNE formava uma pequena comunidade de 150 funcionários que, fortemente hierarquizada, facilmente podia ser amedrontada – 92 diplomatas (apenas seis no grau de embaixador) e 58 cónsules. Assim se compreende que o cónsul de Bordéus tenha recebido tão fracos apoios dos colegas, nem um dedo de apoio do então secretário-geral do MNE, Teixeira de Sampaio, quando era alvo da barragem cerrada de Pedro de Lemos (conde de Tovar) antes de este ser nomeado embaixador junto de Hitler.

Salazar, no processo contra Aristides de Sousa Mendes, além de, para a época e nas circunstâncias da guerra, ter agido com relativa rapidez na punição do diplomata, mostrou efectivamente o grau do seu carácter e das suas concepções humanitárias face a gentes indefesas como as que recorreram ao cónsul de Bordéus. Aristides é que não hesitou em correr o risco de ser acusado (como foi) de irregularidades na concessão de vistos por falta de «autorização prévia», salvando cerca de 30 mil seres humanos da mortandade certa, como se fosse possível salvar tanta gente com «autorização prévia».

Aristides de Sousa Mendes desobedeceu e desobedeceu bem em 1940, não imaginando ele que, passados escassos quatro anos, colegas seus colocados na legação em Budapeste haveriam de ser estimulados pelo mesmo Salazar a fazerem o mesmo ou, a rigor, coisa apenas semelhante ao que já se fizera em Bordéus.

Com a aproximação do fim de Hitler e de Mussolini, Salazar precisava em 1944 de fazer algum currículo humanitário, exclusivamente para ser exibido a Londres e a Washington mesmo que o cinismo e a hipocrisia fossem demasiadamente evidentes.

De que se tenha conhecimento, são raros os casos em que diplomatas portugueses não tenham hesitado em correr riscos na defesa de interesses superiores aos do poder circunstancial com que se cruzam na carreira. Mas que por vezes têm desobedecido bem, lá isso é verdade.

Por exemplo e mais recentemente, se o embaixador Gaspar da Silva, quando chefiava a missão em Paris, não hesitou em formalizar a candidatura portuguesa à Expo'98, pondo em crise instruções concretas de Lisboa em sentido contrário, ele não o fez certamente para ser condecorado quando anos depois foram distribuídos elogios e disputadas honras pelos adoptivos da iniciativa.

No caso do cónsul Sousa Mendes, mais de 30 mil pessoas foram salvas e no caso do embaixador Gaspar da Silva a Expo fez-se. Mas desobedeceram, e bem.

Carlos Albino é o correspondente diplomático do DN. Endereço electrónico: carlosalbino@mail.telepac.pt

Diário de Notícias

FUNDADO EM 1864

DIRECTOR: MÁRIO BETTENCOURT RESENDES | DIRECTOR ADJUNTO: ANTÓNIO RIBEIRO FERREIRA | PREÇO (IVA INCLuíDO): 100\$ - 0,50 EURO | ANO 136.º - Nº 47 858 SEGUNDA-FEIRA, 3 DE ABRIL DE 2000

LIVROS DE OURO
Hoje, grátis com o DN, mais três fotos do Porto (30), Sporting (58) e Benfica (35)

AMÁLIA
Disco em espanhol com canções inéditas chega hoje ao mercado
PÁGINA 41

HOLOCAUSTO
Diplomatas salvaram 250 mil pessoas das mãos dos nazis
PÁGINAS 21 E 22

COMBUSTÍVEIS

Aumentos das gasolinas dão lucro ao Governo

Novos preços incluem uma receita extra de dois milhões de contos por mês para pagar dívidas às petrolíferas. Protestos começam hoje, com buzinao em Lisboa e uma marcha lenta quarta-feira

Os novos preços da gasolina e do gasóleo vão dar um ganho extraordinário de mais de dois milhões de contos por mês ao Governo. Esta receita será canalizada para o pagamento, até ao final do ano, da actual dívida do Estado às companhias petrolíferas, que totaliza 14,5 milhões de contos. Este compromisso consta do acordo assinado com a Associação Portuguesa das Empresas Petrolíferas pouco antes do anúncio do aumento dos preços. A amplitude da subida dos combustíveis explica-se, assim, pelo valor dessa dívida. Ao contrário, a receita fiscal do Estado não sobe, para já, nem um tostão. Entretanto, o presidente da Petrolgal, que está de missionário, entrou em período de férias até Maio. Com a rescisão do contrato deverá receber 170 mil contos. **Páginas 3, 8 e Negócios**



UE/ÁFRICA

Guterres pode reunir-se com Eduardo dos Santos no Cairo

FERNANDO SOUSA, no Cairo

Começa hoje no Cairo a Cimeira UE/África, com os direitos humanos e a dívida externa dos países africanos em cima da mesa. António Guterres, que chegou ontem à noite à capital egípcia, pode encontrar-se à margem da cimeira com o Presidente de Angola, José Eduardo dos Santos. **Páginas 5 e 6**

BARÓMETRO

Polémicas com Angola dividem portugueses

A actuação do Governo relativamente a Angola é considerada positiva por 42 por cento dos interrogados no barómetro DN/TSF/Market, elaborado no auge da guerra verbal entre Luanda e a família Soares. Mas 41 por cento consideram que a equipa liderada por Guterres teve uma actuação negativa neste domínio. **Página 7**



MAIS PRIMEIRO. O Sporting venceu ontem o Belenenses por uma bola a zero em Alvalade, gol de Acosta, e fica agora com quatro pontos de vantagem sobre o segundo classificado, o FC Porto, que foi derrotado sábado pelo Benfica na Luz. **Páginas 33 a 36**

PUBLICIDADE

Assustado com as taxas?

NADA QUE O CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS NÃO RESOLVA.

Taxa Protegida	Taxa Garantida	Taxa Variável
Nunca sobe acima de um valor acordado.	Não varia durante os próximos anos.	Varia em função das taxas do mercado
 CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS	 BANCO PINTO & SOTTO MAYOR	 BANCO TOTTA & AGÓRES

SEGUNDA-FEIRA, 3 ABRIL 2000 | DIÁRIO DE NOTÍCIAS | 21

EXPOSIÇÃO PASSAPORTES PARA A VIDA

Aristides de Sousa Mendes, Sampayo Garrido, Teixeira Branquinho e Agenore Magno (o italiano que foi cônsul de Portugal em Milão) são os quatro nomes que as Necessidades podem invocar com orgulho na sede da ONU, entre os 80 funcionários diplomáticos de todas as nacionalidades que deram «passaportes para a vida» aos perseguidos pelo nazismo

Diplomatas salvaram 250 mil

Exposição na ONU prova como Salazar teve de «evoluir» de 1940 a 1944, conforme o lugar: Bordéus, Milão ou Budapeste

■ CARLOS ALBINO

O estado-maior judaico internacional está hoje em peso, na sede das Nações Unidas (Nova Iorque), na inauguração da exposição «Passaportes para a vida: os diplomatas justos de todas as Nações», patente até 28 de Abril. Durante o holocausto de 1938 a 1945, mais de 80 diplomatas colocados em embaixadas ou em postos consulares do mundo ocupado pelos nazis concederam vistos a judeus à beira de marcharem para campos de concentração, salvando-os assim das câmaras de gás.

Maria Barroso, presidente da Fundação Sousa Mendes, a quem Jaime Gama entregou recentemente o valor da indemnização devida pelo Estado ao diplomata afastado por Salazar, é uma das personalidades que vão usar da palavra na cerimónia de abertura, em Nova Iorque.

Mais de 250 mil judeus agradeceram continuar vivos a esses diplomatas, muitos dos quais contrariaram as ordens dos respectivos governos. Foi o caso do diplomata português Aristides de Sousa Mendes, cônsul em Bordéus que desafiou as ordens de Salazar que, na ânsia de controlo pessoal do poder, acumulava as funções de presidente do Conselho com as de três ministérios (Finanças, Guerra e Negócios Estrangeiros).

Aristides de Sousa Mendes salvou pelo menos dez mil judeus (além de mais outros 20 mil perseguidos), concedendo-lhes até 1940 vistos ou mesmo passaportes portugueses, sendo por isso afastado da carreira diplomática pelo chefe do regime da Constituição de 1933. Após o afastamento de Aristides, o posto consular em Bordéus permaneceu vago até final da guerra, o mesmo acontecendo nos postos consulares do Havre e Marselha (nos postos de carreira em França, apenas o cônsul-geral em Paris não levantou ondas).

Dos 80 diplomatas a que hoje se presta homenagem em Nova Iorque, apenas dois estão vivos e

HERÓI. Com o afastamento de Aristides de Sousa Mendes, posto consular em Bordéus esteve vago até final da guerra

Plano para a mostra andar pelo mundo

O Presidente do Instituto Diplomático (ID), embaixador Manuel Corte-Real, projecta que a parte documental portuguesa da exposição hoje inaugurada na ONU percorra, depois de 28 de Abril, diversas cidades espalhadas pelo mundo e que tenham importantes comunidades portuguesas, designadamente com ligações a universidades.

A meia centena de docu-

mentos, segundo o embaixador, está organizada de forma a mostrar aos portugueses na diáspora e a universidades estrangeiras interessadas a forma como os diplomatas portugueses se empenharam em acções humanitárias de salvamento no auge da Segunda Guerra Mundial, designadamente o cônsul de Portugal em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes.

país em Rodas.

Por parte do Palácio das Necessidades, registe-se que são quatro os bons pontos de honra que Portugal levou para Nova Iorque.

Meia centena de documentos do importante Arquivo Histórico-Diplomático do MNE comprovam não só a corajosa actuação de Aristides de Sousa Mendes em 1940 no Consulado de Bordéus, mas também as missões cumpridas na Hungria, já em 1944, pelo chefe da legação em Budapeste, Carlos Sampayo Garrido, e pelo segundo-secretário Alberto Teixeira Branquinho. Além disso, a exposição documental preparada para Nova Iorque pelo Instituto Diplomático exhibe também o contributo do então cônsul de Portugal em Milão, o italiano Agenore Magno.

Os documentos portugueses expostos em Nova Iorque provam como Salazar e sequazes tiveram de «evoluir» de 1940 (quando Aristides foi castigado e colocado na disponibilidade «por conve-

niência de serviço») até 1944, quando o chefe do regime já estava conformado com a cada vez mais anunciada vitória dos aliados e correspondente derrota do eixo nazi-fascista Berlim-Roma.

Salazar que em 1940, com apoio, denúncia e conivência da máquina das Necessidades de então, expulsava Aristides da carreira, já em 1944 era ele próprio a dar instruções à legação em Budapeste para «proceder à semelhança do ministro (embaixador) da Suécia» no salvamento de judeus, acentuando mesmo que «deve ser feito esforço no sentido de salvar o maior número possível de refugiados». Em quatro anos, ditador e máquina de propaganda do regime tiveram que mudar as aparências.

De qualquer forma, Sampayo

Dos 80 homenageados, apenas dois estão vivos: o polaco Jan Karshi e o turco Selahattin Ulkumen

Garrido e Teixeira Branquinho aproveitaram bem as nuances de Lisboa e não se pouparam a quaisquer sacrifícios para salvar, também eles, o máximo número de vidas.

Sorte diferente foi a do cônsul de Portugal em Milão, Agenore Magno, que foi exonerado apesar da solidariedade que recebeu do também cônsul de Portugal em Génova, Alfredo Casanova, que dirigiu insistentes pedidos a Salazar para que reconsiderasse a decisão.

No entanto, apesar de exoneração, Agenore Magno desconheceu pura e simplesmente a ordem do ditador de Lisboa e, em Julho de 1946, terminada já a guerra, a máquina das Necessidades estava incomodada pelo facto de o cônsul honorário ter continuado «a assinar todos os documentos oficiais na qualidade de cônsul», porque mais incómodos lhe terão causado o número de refugiados salvos por Agenore ao longo dos anos da guerra.

SINAGOGA. Aristides de Sousa Mendes e sua mulher, Angelina, foram ontem recordados pela Comunidade Israelita de Lisboa, na sinagoga da Rua Alexandre Herculano. Samuel Levy, presidente da CIL, sublinhou que era «um tributo a um grande homem» e o «dever de manter acesa a memória, lutando contra o esquecimento». José Leiriao, alto-comissário para as Minorias Étnicas, salientou o «exemplo de quem soube dizer não ao intolerável e à banalidade do mal, que contagia as consciências». Sousa Mendes foi «um homem bom e justo».

22 DIÁRIO DE NOTÍCIAS | SEGUNDA-FEIRA, 3 ABRIL 2000 SOCIEDADE

EXPOSIÇÃO PASSAPORTES PARA A VIDA

Aristides é incomparável

Em Budapeste salvou-se gente mas com «autorização prévia», a fórmula que Salazar mais prezava. A lógica da punição do cônsul de Bordéus também levou a proibir apoio aos resistentes lituanos

C. A.

A acção humanitária do cônsul Aristides de Sousa Mendes não tem comparação possível com as actuações de outros raros diplomatas portugueses empenhados em salvamentos de refugiados, designadamente os dois em serviço na legação em Budapeste.

Aristides foi o único que furou a fórmula da «autorização prévia» imposta por Salazar para a concessão de vistos, fórmula essa integralmente respeitada na legação em Budapeste, onde os funcionários portugueses foram confrontados com o seguimento ou não de práticas humanitárias de outros Estados neutrais. Mesmo para imitação de procedimentos, pediram autorização a Salazar.

A lógica da punição aplicada a Aristides em 1940 relaciona-se de resto com a estratégia de Salazar, então apenas abertamente parceiro de Franco, mas mantendo reservadas as simpatias por aspectos essenciais dos regimes de Hitler e de Mussolini, como se desprende claramente da correspondência trocada com os embaixadores junto da Santa Sé, primeiro Vasco de Quevedo (sobretudo do regime franquista) e depois Carneiro Pacheco, este último verdadeira extensão no Vaticano e que chegou a influenciar o cardeal Piacelli (futuro Pio XII) sobre interesses cruciais da própria Alemanha.

É assim que, face a uma sugestão de Carneiro Pacheco (início de 1941) para instalação em Portugal de um seminário católico para lituanos e de um conselho patriótico que seria encarregado da defesa dos direitos da Lituânia, Salazar corta cerce o objectivo com a seguinte instrução: «A nossa atitude acerca dos países bálticos logo que se incorporaram na URSS desaconselha que concedamos a quaisquer lituanos facilidades que nos liguem ou pareçam mostrar apoio ou interesse nosso por questões da vida interna desses países», pelo que «não convém admitir a ideia de possível estabelecimento e funcionamento de qualquer conselho de organizações externas em Portugal».

CORROPIO. Lisboa, em 1944, passou a apresentar corropio de refugiados com apoio de organizações americanas

DESTINO. O «Niassa», por exemplo, zarpou em Janeiro de 1944: 141 refugiados de 21 países com destino à Palestina

CENÁRIOS

BORDÉUS, 1940

- **Parecer.** A 26 de Março, a administração consular do MNE emite parecer acerca das «irregularidades» do cônsul em Bordéus na concessão de vistos «sem prévia autorização». O parecer recebe despacho contra o cônsul, da parte do então secretário-geral do MNE, Luiz Teixeira de Sampaio.
- **Prisões.** A polícia política secreta de Salazar comunica (7 de Junho) a prisão de três súbditos polacos a quem o cônsul de Portugal em Bordéus visou passaportes «contra todas as instruções dadas, uma vez que se tratava de indivíduos que não estavam autorizados a entrar em Portugal».
- **Denúncia.** Em 21 de Junho, um telegrama do cônsul (honorário) de Portugal em Bayonne informa Salazar «das ordens

transmitidas pessoalmente» por Aristides «para a concessão gratuita de vistos de trânsito em todos os passaportes».

- **Participação.** O conde de Tovar (director-geral dos Negócios Consulares), em 26 de Junho, participa ao MNE Salazar das irregularidades do cônsul em Bordéus na concessão de vistos em passaportes. Salazar ordena instauração de processo oito dias depois.
- **Processo.** A 4 de Julho, Salazar ordena a instauração de um processo disciplinar ao cônsul em Bordéus, designado como instrutor o cônsul-geral em Paris, Francisco Paula Brito.
- **Diário de Notícias.** A 23 de Agosto, Aristides de Sousa Mendes envia para as Necessidades um recorte do DN como peça a disciplinar.
- **Condenação.** Salazar, em 30 de Outubro, condena o cônsul à pena de um ano de inactividade com direito a metade do vencimento da categoria, devendo em seguida ser aposentado.

MILÃO, 1941-46

- **Desconfiança.** Em 28 de Fevereiro de 1941, em nota interna «Agenciores Magno não merece a confiança do MNE para continuar a desempenhar o cargo de cônsul de Portugal em Milão», refugiados.
- **Exoneração.** Salazar assina o decreto de exoneração de Agenciores Magno, a 3 de Abril de 1941.
- **Descoberta.** Cinco anos depois, em 15 de Junho de 1946, os serviços do MNE descobrem que, «apesar de ter sido exoneração, o sr. Agenciores Magno tem

continuado como gerente do posto» em Milão» e no dia seguinte uma nota interna das Necessidades confirma que o mesmo «continua a assinar todos os documentos oficiais na qualidade de cônsul».

BUDAPESTE, 1944

- **Estímulo.** Salazar, em 7 de Agosto, comunica à legação em Budapeste para fazer «esforço no sentido de salvar o maior número de refugiados».
- **Mais.** A 15 de Agosto, Salazar autoriza a legação a conceder passaportes provisórios por motivos humanitários.
- **Mais ainda.** A 23 de Agosto, é ainda Salazar quem aprova a iniciativa da legação de aderir às diligências dos representantes dos países neutros em Budapeste de protesto contra a deportação de judeus.

Cardoso, I. (2000, abril 3). O homem que deu vistos para a vida. *Jornal de Notícias*, 16.

16 SOCIEDADE

O homem que deu vistos para a vida

Aristides de Sousa Mendes homenageado na Sinagoga de Lisboa. Hoje é evocado na ONU

JOÃO RIBEIRO

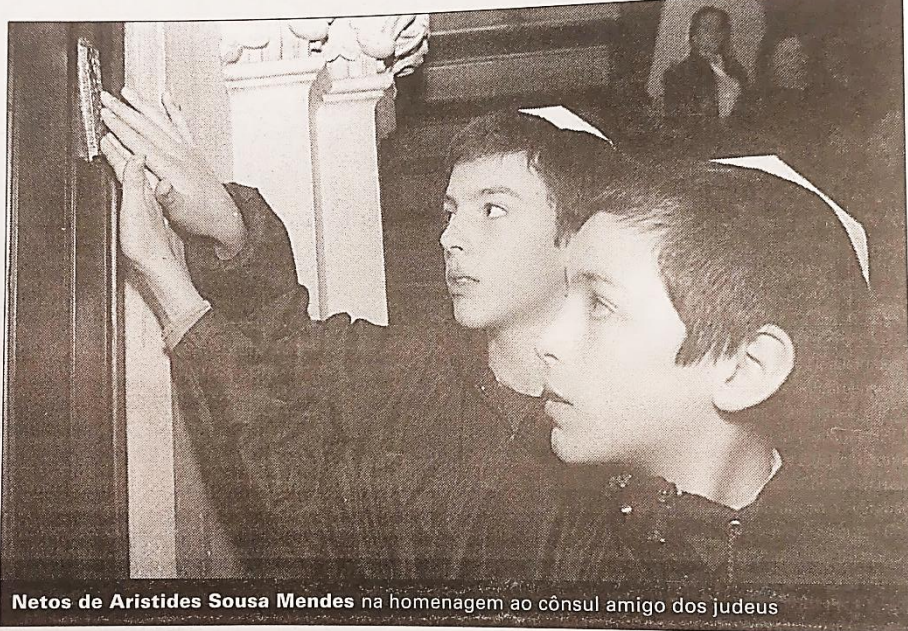
INÊS CARDOSO

Foi "uma cerimónia simples e curta, mas sentida", que abriu dois dias de homenagem a Aristides de Sousa Mendes. Na Sinagoga de Lisboa, centenas de pessoas lembraram, ontem, o cônsul português que, em 1940, passou cerca de 30 mil vistos de trânsito em Bordéus, dez mil dos quais a judeus.

Para Samuel Levy, presidente da comunidade israelita de Lisboa, homenagear o diplomata é "um acto de gratidão, mas também de reparação" das "injustiças" a que foi sujeito. Em Portugal, só em 1989, "passados mais de 20 anos sobre a morte de Salazar e 15 sobre a instauração da democracia", se fez "a reabilitação de Sousa Mendes, reintegrando-o, postumamente, no corpo diplomático".

A anteceder a leitura de um salmo e de uma oração pelo diplomata e esposa, Samuel Levy sublinhou que as vidas salvas não se limitaram àqueles a quem foi passado um visto, estendendo-se às respectivos descendências: "Ao longo dos anos, as vidas salvas por ele multiplicar-se-ão indefinidamente". Citando o livro sagrado dos judeus, lembrou que "aquele que salva uma vida é como se salvasse o mundo inteiro".

Também presente na Sinagoga, o Comissário para as Minorias Étnicas considerou que o exemplo de Aristides Sousa Mendes demonstra "a importância de dizer sempre não ao intolerável, por mais difíceis que sejam as circunstâncias". Um exemplo ainda e sempre actual, sustentou José Leitão, dadas as



Netos de Aristides Sousa Mendes na homenagem ao cônsul amigo dos judeus

actuais tentativas para "branquear o nazismo".

Exposição em Nova Iorque

Francisco Sousa Mendes, um dos muitos netos do diplomata, explicou ao JN que a homenagem nacional tem "todo o significado" para a família, por indicar que "finalmente se está a fazer justiça". Confessou também ser com emoção que conheceu alguns refugiados salvos pelo avô, durante uma acção comemorativa realizada, há vários anos, na estação de Metro do Parque. "Houve um que exibiu o visto passado pelo meu avô", recorda. "O tal visto para a vida".

Clotilde Vitória, outra neta do homenageado, sustenta que

o reconhecimento do seu trabalho continua a estar "muito longe do que merece" e lamenta que muitos portugueses o desconheçam. Opinião idêntica têm Stephano e Jan, de 11 e 14 anos, bisnetos de Sousa Mendes. "É bom que haja homenagens, para que a causa dele seja mais conhecida", afirma Jan. Tens orgulho do que fez o teu bisavô?, perguntam-lhe. "Sim", responde de imediato, com um largo sorriso. "Salvou muitas pessoas".

Depois da cerimónia na Sinagoga de Lisboa, o programa de ontem prosseguiu com um colóquio no Forum Picoas, uma sessão no memorial existente na estação de Metro do Parque

e, às 22 e 30 horas, uma missa presidida pelo patriarca de Lisboa, D. José Policarpo. Hoje, dia em que se completam 46 anos sobre a morte de Sousa Mendes, a II Homenagem Nacional é encerrada com um espectáculo musical na Cruz Vermelha Portuguesa.

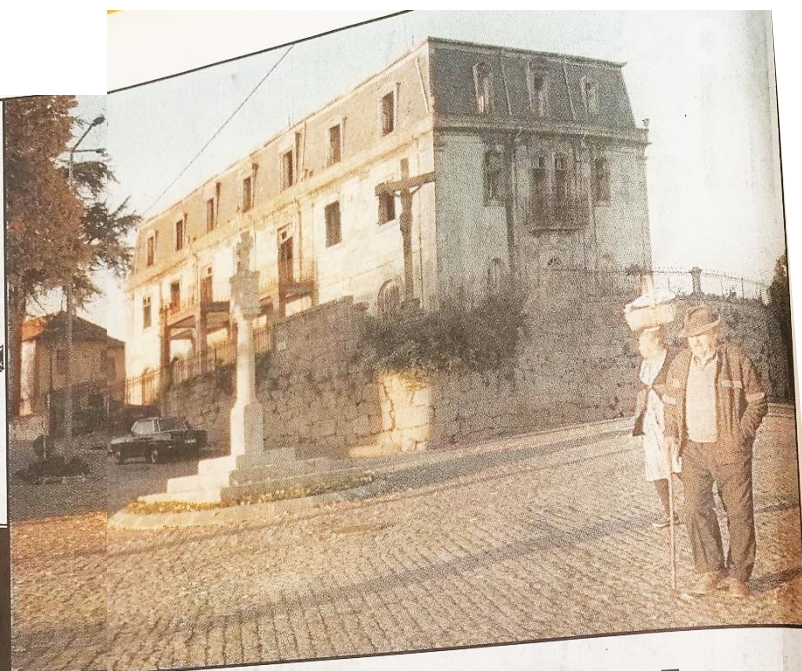
Também em Nova Iorque o diplomata será hoje lembrado, através de uma exposição inaugurada na sede da ONU, com a presença de Kofi Annan, Maria Barroso e Elie Wiesel (Prémio Nobel da Paz). Intitulada "Vistos para a Vida", a exposição evoca 65 diplomatas de 22 países que durante a II Grande Guerra salvaram milhões de pessoas do regime de Hitler.

Marcelino, V. (2000, julho 15). Hotel Aristides Sousa Mendes. *Expresso*, 18.

18 PAÍS



À direita, a casa onde Aristides Sousa Mendes nasceu e viveu os seus últimos dias, actualmente em ruínas. A Fundação com o nome do cônsul quer transformá-la num museu de Direitos Humanos, mas não consegue chegar a acordo com os proprietários. Em cima, perspectiva da fachada do hotel, com projecto já aprovado



Hotel Aristides Sousa Mendes

Em vez de museu dos Direitos Humanos, a antiga casa do ex-cônsul português em Bordéus poderá tornar-se num hotel

VALENTINA MARCELINO

OS ACTUAIS proprietários da casa que pertenceu a Aristides Sousa Mendes, em Cabanas de Viriato (Carregal do Sal), querem começar a construir um hotel naquele espaço, no próximo mês de Setembro. As conversações com a Fundação Sousa Mendes para a venda daquela residência, actualmente em ruínas, estão num impasse devido a desentendimentos vários.

Os proprietários (Quinta do Passal, Sociedade de Empreendimentos Turísticos, SA) invocam um alvará para o projecto da unidade

de hoteleira, deferido pela autarquia local em 1995, e um subsídio de cerca de 150 mil contos, já aprovado pela Direcção-Geral de Turismo. A empresa não está disposta a esperar mais de dois meses para fechar negócio.

A Fundação Sousa Mendes, criada no início do ano, deseja restaurar e transformar a casa num museu dos direitos humanos, que evoque o cônsul português em Bordéus que, contrariando ordens de Salazar, passou vistos e salvou cerca de 30 mil judeus durante a II Guerra Mundial.

Maria Barroso, presidente da Fundação, está «inco-

modada» com a situação e do lado da comunidade judaica em Portugal há mesmo quem apele ao Estado para proceder à expropriação do imóvel.

Especulação imobiliária

Em Março último, a Fundação, de que fazem parte alguns dos descendentes do diplomata, recebeu 65 mil contos do Governo para iniciar a reparação da residência. Mas até agora não conseguiu sequer comprar a casa.

António Moncada Sousa Mendes, neto de Aristides, assumiu os contactos

com a sociedade possuidora do imóvel, juntamente com outro administrador, José Miguel Duarte. O neto do ex-cônsul acusa os proprietários de estarem a fazer «especulação imobiliária» e não aceita o preço de 135 mil contos por eles reivindicado.

Paralelamente, estes dois administradores são contestados em Carregal do Sal, por membros de uma comissão local de homenagem a Sousa Mendes, liderada pelo presidente da autarquia. A referida comissão responsabiliza-os pela «má condução das negociações» e quer que sejam «afastados» do processo.

O edil diz que, antes da criação da Fundação, a autarquia tinha negociado a compra da casa por 115 mil contos. Atílio Nunes entende que «pode aproveitar-se para o museu o mesmo projecto do hotel aprovado pela Câmara».

O mesmo não pensa Oscar Santos, arquitecto que elaborou o projecto hoteleiro e, simultaneamente, membro do conselho de administração da sociedade proprietária. «São estruturas completamente diferentes», afirma. Santos refuta as acusações que lhe são lançadas pela Fundação, embora reconheça que, quando comprou a casa, foi

«com fins comerciais e não com o intuito de homenagear ninguém».

«Justiças» diversas

Este responsável da sociedade de empreendimentos considera que os 135 mil contos são um valor «justo» para o imóvel. «Justo porque, apesar de ser muito abaixo do real preço de mercado — trata-se de uma casa com três pisos, vinte quartos, cinco salões, garagens e uma capela —, compensamos os investimentos que fizemos, nomeadamente com o projecto do hotel e o subsídio, que assim fica-

ria cancelado», justifica Oscar Santos.

Maria Barroso classifica como «questiúnculas» todos estes desentendimentos. Não entende «porque é que o presidente da Câmara quer ver o neto de Sousa Mendes afastado» deste processo. «É natural que a família esteja envolvida», assevera a ex-primeira-dama. Maria Barroso acredita que «haverá muitos empresários interessados» em patrocinar a aquisição da moradia e a sua transformação num museu. «Seria com certeza um local de peregrinação e acolhimento de gente de todo o mundo, entre os

quais os familiares dos judeus salvos, que já ali se deslocam regularmente», acrescenta ainda.

Para Joshua Ruah, destacado membro da comunidade judaica, havia uma solução: «O Estado expropriava a casa, declarando-o património nacional e acabava com a 'negociata'». A Fundação, contudo, não quer que se chegue a esse ponto: «Seria uma contradição muito grande iniciar uma obra destas de forma litigiosa quando se pretende homenagear uma figura pacífica como a que foi o meu avô», afirma António Moncada Sousa Mendes.

Albino, C. (2000, julho 23). Das promessas do ministro à realidade nua e crua. *Diário de Notícias*, 7.

COMENTÁRIO

Das promessas do ministro à realidade nua e crua



CARLOS ALBINO

A Fundação Aristides de Sousa Mendes começa mal. Maria Barroso – que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, no primeiro acto público da instituição, definiu e bem como o garante de que a fundação iria chegar a bom porto – afinal, não tem poderes nem competências para intervir, exercendo, quando muito, um magistério moral.

Mas, mais grave ainda, a forma leviana como foi indicada a

sede da fundação e o facto de membros respeitadas do Conselho Geral desconhecerem estatutos e que os seus nomes foram usados numa escritura pública, obrigam sem dúvida a uma revisão do processo, onde nem um só diplomata entrou como pelo menos por deferência deveria ter acontecido.

Na verdade, não se trata de uma fundação em que uma família de herdeiros ricos resolva desdobrar-se em beneficências socialmente esmagantes ou em concertos fiscais para desprotegidos.

Poder-se-ia esperar tudo da Fundação Aristides de Sousa Mendes, menos uma fundação familiar e muito menos ainda a fundação de um só neto dentro de extensa família.

Com tudo o que se tem dito, filmado e escrito sobre Aristides de Sousa Mendes, se fosse feita uma sondagem, os resultados não andariam longe de 90 por cento dos inquiridos a garantirem que a Casa do Passal já foi recuperada ou, quando muito, estaria nos acabamentos, enquanto 75 por cento acreditariam já que em Cabanas de Viriato está a funcionar um Centro de Documentação de Direitos Humanos e que, pelo menos um dos 30 mil judeus salvos pelo ex-cônsul português em Bordéus, lhe salvou a memória e a dignidade. Admite-se que apenas uma minoria de cinco por cento diria ter ouvido falar num Centro Internacional de Acolhimento de Asilados e Refugiados, sugerido pelo ministro Jaime Gama quando entregou os

cheques, porque também quem os recebeu não ouviu o ministro dos Negócios Estrangeiros dizer isso mesmo, como que a deixar um discreto conselho para que os 200 mil contos concedidos para a ideia peregrina do hotel, fossem transferidos para um projecto de interesse nacional embora menos turístico. Infelizmente, apesar do festival mediático, nem sequer a urna do cônsul – perante a qual me curvei e me comovi – foi coberta com o pano macio da piedade enquanto a Casa do Passal continua em vergonhosa ruína e sem que o chamado património nacional classifique o imóvel com o valor que tem para além da pedra e do reboco.

Carlos Albino é correspondente diplomático do DN

Diário de Notícias

www.dn.pt

DIRECTOR: MARIO BUTTENCOURT RESENDES | DIRECTOR ADJUNTO: ANTONIO RIBEIRO FERREIRA | PREÇO (IVA INCLUIDA): 200\$ 1 EURO | ANO 136.º | FUNDADO EM 1864 | Nº 47 969 | DOMINGO, 23 DE JULHO DE 2000

História da Taça de Portugal
Hoje com o DN
6.º fascículo **grátis**

NEURÓNIOS
■ Tudo o que deve saber para os pais continuarem a sê-lo depois do divórcio
■ Os tiques de Verão
NOTÍCIAS MAGAZINE

PSOE
José Zapatero venceu José Bono por nove votos
PÁGINA 11

JUSTIÇA

Vítimas identificaram jovens detidos pela PSP

Acusados de assaltos a gasolinhas vão amanhã a tribunal. Ontem registaram-se mais dois furtos



ARSENAL. Um polícia mostra uma arma do material apreendido aos jovens assaltantes e que se presume tenha sido utilizada em assaltos a gasolinhas

■ A PSP de Setúbal deteve ontem, no bairro da Bela Vista, na periferia da cidade, seis jovens suspeitos da autoria dos assaltos que, na madrugada de quinta-feira, tiveram por alvo várias gasolinhas da área da Grande Lisboa. Quatro deles foram já reconhecidos pelas vítimas como tendo participado nessa vaga de assaltos, associada ao roubo e tentativa de violação da atriz Lídia Franco. Foi também em Setúbal, que a polícia recuperou algumas viaturas então roubadas. A PSP admite que os seis jovens, de 16 a 20 anos — a

que se junta um sétimo, menor, e já libertado —, tenham ligações a outros grupos. Ontem registaram-se mais dois assaltos, em gasolinhas de Aveiro e Gaia. **Página 30**

CONTRADIÇÕES

Fundação Aristides de Sousa Mendes está paralisada

■ A Fundação Aristides de Sousa Mendes, instituída em Fevereiro deste ano com o fundo inicial de 65 mil contos entregues pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, está na prática paralisada. Com uma administração de discórdia, a fundação enterrou-se em tradições e está envolta nas teias de um incompreensível negócio em torno do solar extorquido judicialmente ao ex-cônsul. **Páginas 6 e 7**

MACABRO

Comércio de órgãos humanos com imigrantes em Itália

■ A Direcção Antimáfia de Trieste manifestou publicamente o receio de que o tráfico de imigrantes clandestinos para Itália encubra um negócio macabro: a venda ilegal de órgãos. As autoridades suspeitam que o preço a pagar pelos indocumentados para chegar à Itália tanto poderá ser um rim como um olho ou, até, a própria vida (para recolha de maior número de órgãos). **Página 20**

Desporto



REAL MADRID
Presidente garante apresentação de Figo
Página 38



CICLISMO
A Volta a Portugal em infográfico no DN
Páginas 41 a 43

Concentração



FARO
Excessos de motards provocaram dois mortos e três feridos
Página 24

CRÉDITO PREDIAL
Euro/Yen Valorização
Cultive a rentabilidade.

MÁXIMO 40%

MÍNIMO GARANTIDO 4%

Subscreva já. Oferta limitada.
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

6 DIÁRIO DE NOTÍCIAS | DOMINGO, 23 JULHO 2000
NACIONAL

POLÉMICA ARISTIDES DE SOUSA MENDES

Fundação com o nome do cônsul em Bordéus, instituída em Fevereiro e encorajada por dois cheques entregues por Jaime Gama, marginalizou a terra natal do diplomata, enterrou-se em contradições e está envolta nas teias de um incompreensível negócio em torno do solar extorquido judicialmente ao homem que Salazar perseguiu até à morte

O segundo castigo do cônsul rebelde

Fundação Aristides Sousa Mendes, com uma administração da discórdia, só tem 65 mil contos para uma sede de 150 mil

■ CARLOS ALBINO

A Fundação Aristides de Sousa Mendes, instituída em Fevereiro deste ano com o fundo inicial de 65 mil contos entregues pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, está na prática paralisada e, a não ser que ocorra alguma inversão de marcha, é tudo menos uma fundação.

Maria Barroso aceitou ser presidente da instituição, mas afinal não tem quaisquer funções ou poderes, tratando-se de um cargo vazio e sem interferência vinculativa na vida da fundação.

Por sua vez, o conselho de administração, que, segundo o documento notarial pode chegar aos nove elementos, continua reduzido aos três membros iniciais: dois netos do cônsul (um, que preside ao órgão, é o capitão Alvaro Sousa Mendes, em serviço nos Açores e que disse ao DN não se pronunciar por ora sobre a questão; outro é António Pedro Sousa Mendes, cuja residência em Lisboa é dada como delegação da instituição) e o advogado José Alecrim Duarte, sem quaisquer antecedentes no longo processo que culminou na criação da fundação, mas que entrou «por indicação pessoal» de António Pedro.

Um terceiro neto, com o nome igual ao do avô Aristides e irmão do capitão Alvaro, recusou integrar este conselho de administração, por discordância profunda com a estratégia seguida pelo primo António, que no dia da fundação é, assim, apenas acompanhado pelo advogado Alecrim Duarte.

Aristides de Sousa Mendes, que fez logo depender a sua participação de alterações ao projecto inicial de estatutos (posição que continua a manter como condição de adesão), reitera ao DN que o papel da família descendente do cônsul não está definido, não se conformando com a noção de «estípes» introduzida nos estatutos (o cônsul, recorde-se, deixou 12 filhos) e denuncia que «as pessoas



SÓ VISTO. O estado a que chegou o solar extorquido a Aristides de Sousa Mendes pelo Tribunal de Santa Comba Dão, terra de Salazar, contado não tem graça

que desde sempre deram a cara em defesa do avô não figuram no Conselho Geral».

Como exemplos das omissões, este descendente do célebre cônsul português em Bordéus que

salvou milhares de judeus durante a II Guerra Mundial cita autores de obras de reconhecido mérito sobre o diplomata, como Rui Afonso e Júlia Nery, e ainda, entre outros nomes, a escultora Marga-

rida Santos e Leal Loureiro.

Além disso, com a entrega de 15 mil contos à família, a título de indemnização, e de mais 50 mil contos para as despesas iniciais de instalação da fundação, o neto homónimo do cônsul afirma que «o governo descartou-se da principal responsabilidade», que seria a de readquirir o solar do avô, extorquido judicialmente (a Casa do Passal, como o imóvel é conhecido). A entidade proprietária exige uma verba entre 115 e 150 mil contos para ceder o edifício, quantia que a fundação está longe de possuir.

Já para o administrador em exercício, António Pedro, não há qualquer motivo para se questionar a transparência do processo da fundação. António Pedro diz que houve uma reunião do conselho de administração na presença de Maria Barroso, no Colégio Moderno, em que ficou aprovado

cooptar dois novos membros para a direcção da instituição: Atilio dos Santos Nunes (presidente da Câmara Municipal de Carregal do Sal, em representação da autarquia) e Luís Fidalgo, membro influente da Assembleia Municipal e um dos mais conhecidos dinamizadores locais das iniciativas ligadas ao nome do cônsul. «Falta só escrevermos a acta», garante António Pedro.

Só que o presidente da Câmara afirma ao DN que, «nas actuais circunstâncias», não aceita integrar a administração da fundação, enquanto Luís Fidalgo condiciona a sua entrada a uma revisão dos estatutos e uma clarificação total da vida da instituição.

Os dois desconhecem a deliberação alegada por António Pedro e lamentam que a presidente da fundação, Maria Barroso, não tenha poderes estatutários outorgados.

Foram fundadores sem saberem de nada

Personalidades proeminentes, apresentadas ao terceiro cartório notarial de Lisboa como instituidoras da Fundação Aristides de Sousa Mendes, não só desconheciam terem sido usadas na escritura pública como também terem sido investidas como membros do Conselho Geral, órgão de sete elementos que, para além de funções consultivas, eleger o conselho fiscal e o presidente da fundação. A Joshua Ruah, membro destacado da

comunidade judaica, por exemplo, nem sequer lhe enviaram cópia dos estatutos cujo conteúdo desconhecia em absoluto quando foi confrontado pelo DN. Também o jornalista António Carlos Carvalho, autor da primeira grande reportagem feita no País sobre o cônsul de Bordéus e que na sequência apresentou à RTP o primeiro projecto de documentário sobre o diplomata, desconhecia ser membro do Conselho Geral da fundação.

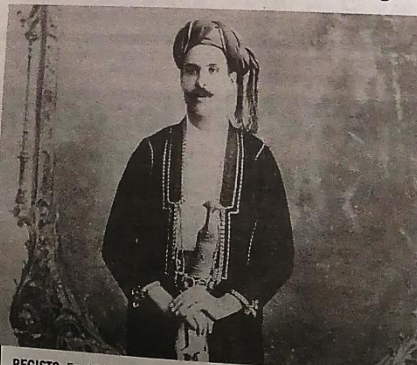
Escritura «precipitada» e estatutos sobre o joelho

Fundação instituiu-se de costas viradas para Cabanas de Viriato, a freguesia natal do cônsul, que hoje o tem como emblema

■ C. A.

Carregal do Sal, sede do concelho, e Cabanas de Viriato (onde o cônsul nasceu e onde viveu praticamente até aos últimos dias), sentem-se marginalizadas no processo de instituição da Fundação Aristides de Sousa Mendes, onde de resto não dispõem de uma única representação inicial.

O presidente da câmara de Carregal do Sal, Atilio dos Santos Nunes, não se conforma com o facto de a escritura pública da Fundação Aristides de Sousa Mendes ter decorrido num recôndito cartório de Lisboa: «Esse acto deveria ter acontecido no Salão Nobre do nosso município, que há muito apoiou a criação da fundação.»



REGISTO. Em 1916, com o traje do sultão de Zanzibar, de quem foi amigo

Atilio dos Santos Nunes responsabiliza directamente António Pedro de Sousa Mendes e José Alecrim Duarte pelo que classifica «uma precipitação irresponsável».

Por outro lado, o advogado Luís Fidalgo, que dinamizou a primeira estrutura organizada de evocação de Sousa Mendes sob a designação de Comissão de Homagem, insistiu por escrito até ao último momento junto dos dois administradores da fundação criticados pelo presidente da câmara, no sentido do adiamento da escritura em Lisboa «a fim de permitir ponderação e que o acto fosse revelasse maturidade».

Luís Fidalgo, que largos meses antes da escritura formulou reparos técnicos e de conteúdo ao pro-

jecto de estatutos, nota que o documento fundador acabou por ser redigido sobre os joelhos.

Entretanto, o presidente da Junta de Freguesia de Cabanas de Viriato, Rui Pessoa, confrontado com o facto de a fundação apresentar como sede o edifício da autarquia, acabou por confirmar que não houve qualquer deliberação tomada nesse sentido quer pela junta quer pela assembleia de freguesia.

Rui Pessoa ressalva que isso não quer dizer que não haja vontade em ceder instalações mas que os órgãos autárquicos deveriam ter sido consultados antes da escritura e não depois. Há um ofício tardio sobre esta matéria a que, por isso, a junta nem deu resposta.

Albino, C. (2000, julho 23). O segundo castigo do cônsul rebelde. *Diário de Notícias*, 6-7.

POLÉMICA ARISTIDES DE SOUSA MENDES

Nem o nome prestigiado lhe gravaram no jazigo

Uma de Aristides de Sousa Mendes parece objecto sem valor na posta restante da memória

C. A.

Até se lhe ouvem os ossos estremeecer na urna. Apesar das milhentas homenagens, umas nacionais envolvendo as mais altas figuras do Estado, outras internacionais (Genebra, Nova Iorque...), e apesar de meio-mundo o considerar um herói deveras, o jazigo que acolhe os restos do cônsul Aristides de Sousa Mendes, no cemitério da pacífica freguesia de Cabanas de Viriato, nem o nome do diplomata tem gravado em qualquer cantinho e o caixão está obliquo no chão ao lado de outras duas aparentes incógnitas.

Como as prateleiras do jazigo estão vazias, até parece que mantém ali a urna de Sousa Mendes como amostra sem valor na posta restante da memória.

Apenas uma pequena fotografia cremada pelo sol que bate em chapa pelos fins de manhã dá sem glória a pista de que está ali o

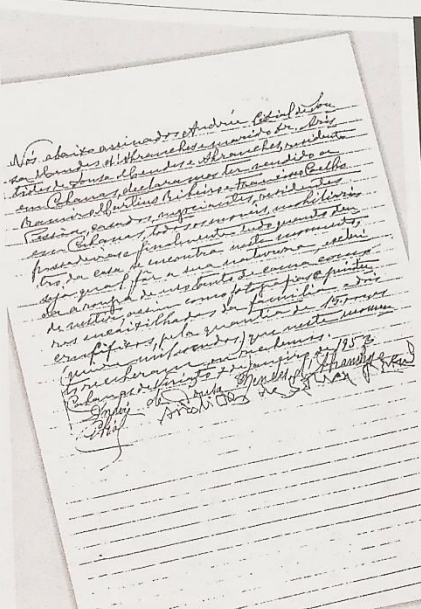
salvador de cerca de 30 mil seres humanos.

A dois passos deste continuado desconchavo, acontece ainda pior.

O solar que Aristides de Sousa Mendes viu ser extorquido judicialmente, na sequência de uma acção de execução por dívidas movida por dois bancos, está em ruínas.

O solar foi adquirido, naturalmente, ao preço da uva mijona (70 contos, em 1953) por dois credores que invocaram o direito de preferência. Emblemática residência final do cônsul onde o diplomata chegou a acolher muitos dos que ele próprio salvou do crematório nazi, está em derrocada, é uma lixeira vergonhosa e está no centro de um incompreensível negócio imobiliário.

A venda judicial do solar foi, na prática, o golpe fatal que o Salazar de Santa Comba sempre sonhou aplicar no «desobediente»



ATÉ AO FIM. Só não lhe levaram a roupa da cama e muito pouco mais

diplomata da sua vizinha aldeia de Cabanas.

Na residência oficial de São Bento, deve ter ecoado cínica gargalhada quando o tribunal de Santa Comba Dão retirou o me-

lhor dos bens ao cônsul, a Casa do Passal, como ainda hoje é conhecida na região. O solar, convém assinalar, jamais regressou à posse ou uso da família Sousa Mendes.

Nas mãos de uma sociedade anónima

Turismo quis tornar Casa do Passal em hotel. Mas toda a zona envolvente está descaracterizada

C. A.

O destino da casa do cônsul caiu no impasse. A Fundação Aristides de Sousa Mendes propõe-se adquirir e recuperar o imóvel, mas a sociedade anónima proprietária do edifício exige uma quantia (entre 115 mil e 130 mil contos, conforme as versões) que a fundação está longe de possuir.

Apesar da movimentação nacional e internacional em torno da figura do cônsul, o IPPAR não tomou iniciativas para a classificação do edifício.

Desde a decisão do tribunal de

Santa Comba Dão, em 1953, a Casa do Passal passou por várias mãos acabando por ser adquirida, há mais de 20 anos, pela empresa Campos e Nunes, Lda, constituída entre Atilio dos Santos Nunes (presidente da Câmara de Carregal do Sal) e Fernando da Silva Campos (vereador desta autarquia). De caminho, foram desanexadas várias unidades da propriedade inicial (cinco ao todo). O antigo conjunto urbano e rústico foi completamente retalhado e toda a zona está descaracterizada.

A empresa acabaria por se transformar em sociedade anóni-

ma e já com a designação de Quinta do Passal - Empreendimentos Turísticos, SA, candidatou-se ao financiamento público de um projecto que visava fundamentalmente integrar o solar num complexo hoteleiro. Este projecto já se encontra licenciado.

A posição outrora detida pelo presidente da câmara na firma Campos e Nunes acabou por ser vendida ao arquitecto Oscar Campos. Atilio Nunes garantiu ao DN que hoje não tem qualquer posição na sociedade anónima proprietária da casa do cônsul.

O movimento internacional

em torno da figura de Aristides de Sousa Mendes acabou por travar o empreendimento turístico, pois a Casa do Passal está indissolvelmente ligada ao cônsul.

António Pedro Sousa Mendes, um dos três administradores da fundação, disse ao DN que decidiu mandar fazer uma avaliação do edifício por uma firma especializada para que a instituição possa negociar o preço da Casa do Passal. Mas quem segue o processo considera que «sem dinheiro, sem estratégia e o apoio da gente da terra, o objecto do neto do cônsul é inviável e irrealista».

REGISTOS

■ **Projecto.** Em 8 de Janeiro de 1999, é apresentado no Museu da República e Resistência o projecto de constituição da Fundação Aristides de Sousa Mendes. O projecto foi coordenado por João Leal Loureiro, afastado depois do processo sem explicações de qualquer espécie, tal como a maioria de uma lista de 35 personalidades.

■ **Apoios.** É esse projecto coordenado por Leal Loureiro que recebe apoios expressos da família do cônsul, da Assembleia Municipal e da Câmara de Carregal do Sal, da Assembleia e da Junta de Freguesia de Cabanas de Viriato, e da presidente da Fundação Pro Dignitate, Maria Barroso, entre outras entidades.

■ **Sampaio.** O Presidente da República, em 16 de Maio de 1999, visita a Casa do Passal. Com este gesto, Jorge Sampaio exprimeu apoio à iniciativa da fundação.

■ **Cravinho.** Ao lado de Sampaio, o ex-ministro do Equipamento, João Cravinho, assume publicamente dar «um significativo apoio governamental» na reconstrução da Casa do Passal para a Fundação.

■ **Hotel.** A reconstrução da casa do cônsul para posterior entrega à fundação, colidia assim com uma candidatura, por parte dos proprietários do edifício, a fundos comunitários. Houve maquetes, promoção nos jornais e lobbies para instalar no local um hotel.

■ **Um dos netos.** Em Junho de 1999, Luís Fidalgo, da Comissão de Homenagem, demarca-se dos propósitos evidenciados por um neto do cônsul, António Pedro Sousa Mendes, em pontos essenciais dos estatutos da pretendida fundação, designadamente a de esta dever ultrapassar «em muito, uma mera fundação de base familiar».

■ **Advertência.** Pouco antes da escritura pública, Luís Fidalgo apela a António Pedro Sousa Mendes para adiar o acto marcado num cartório de Lisboa a fim de a fundação surja «pensadamente, de forma consensual e sustentada».

■ **Facto.** A escritura da fundação realiza-se em 23 de Fevereiro de 2000, com sede no edifício da Junta de Freguesia de Cabanas de Viriato sem a adequada deliberação prévia e autorização expressa e com uma delegação na residência particular do activo neto do cônsul.

■ **Cheques.** Em 17 de Março de 2000, o ministro dos Negócios Estrangeiros entrega dois cheques: um de 15 mil contos à família a título de indemnização paga pelo Estado e outro de 50 mil contos para a fundação. Na cerimónia que decorreu na Sala dos Embaixadores, o ministro formula o desejo de que na casa do Cônsul, uma vez recuperada, possa vir a funcionar, entre outras unidades de actuação designadamente universitária e de divulgação dos direitos humanos, um centro de acolhimento de asilados e refugiados.

SOCIEDADE

15 sociedade

Três diplomatas portugueses na inauguração da Assembleia Geral da ONU

As “vidas poupadas”

António Melo

A exposição coincide com a abertura da Assembleia Geral das Nações Unidas, a 12 de Setembro. Mas Nova Iorque só a verá lá mais para diante. “As vidas poupadas”, exposição que recorda o papel de diplomatas portugueses durante a II Guerra Mundial, apresenta-se primeiro à colónia lusu de Newark.

Vidas poupadas: a acção de três diplomatas portugueses na II Guerra Mundial é uma exposição do Ministério dos Negócios Estrangeiros, a cargo de Manuela Franco, comissária científica, e Isabel Fevereiro, conservadora do Arquivo Histórico-Diplomático, com o apoio do Instituto Diplomático. Está feita a pensar num público alargado, sensível a uma mensagem de solidariedade e de defensor dos direitos humanos.

Ela propõe-se seguir o itinerário de três diplomatas portuguesas, reconhecidas pelo seu papel em salvar pessoas dos campos de extermínio nazis. O primeiro é Aristides Sousa Mendes, cônsul em Bordéus quando da invasão da França pelos exércitos nazis, em 1940. A sua acção foi reconhecida pela Assembleia da República por voto unânime de 19 de Março de 1988 e já este ano, em Março, através de doação do MNE, foi criada uma fundação com o seu nome. O seu nome foi devidamente enaltecido na Conferência sobre o Holocausto, que se realizou em Janeiro deste ano em Estocolmo.

A acção de Sampaio Garrido e Alberto Branquinho na capital da Hungria, em 1944, foi divulgada através de uma investigação jornalística de João Mendes e Clara Viana, publicada nas edições de 27 de Março e 3 de Abril de 1994 do PÚBLICO. No seguimento desse trabalho, o Ministério dos Negócios Estrangeiros húngaro decidiu homenagear estes dois diplomatas, numa cerimónia que decorreu na embaixada em Lisboa, a 16 de Maio de 1995, “pela coragem e solidariedade de que deram provas ao livrar dos campos de concentração nazi centenas de judeus”.

São três nomes em tudo distintos: Aristides Sousa Mendes, Sampaio Garrido e Alberto Branquinho. Em comum, o terem sido diplomatas e desempenhado um papel humanitário para com aqueles que os nazis mais perseguiram — os judeus. A sua manei-

ra, cada um cumpriu o seu dever. No caso de Sousa Mendes, cônsul em Bordéus, “obedecendo primeiramente à sua consciência”, no caso dos dois outros, jogando o melhor possível com as armas da persuasão junto dos superiores hierárquicos e as contingências da guerra.

O que surpreende é porque é que estes três homens, que se distinguiram entre milhares de diplomatas seus contemporâneos pela lisura do seu comportamento e espírito humanitário, só agora, passado meio século são reconhecidos publicamente.

O caso de Sousa Mendes assumiu mesmo formas extremas de perseguição sem que nenhum dos que socorreu — com excepção de Maurice de Rothschild — se lembrasse de, a seu turno, o socorrer. Morreu de pneumonia, sozinho, indigente, numa cama do Hospital da Ordem Terceira, em 3 de Abril de 1954, com 68 anos.

Para trás ficava a história de uma “injustiça” sobre um “homem bom”, que só em 1995 chegou ao conhecimento do grande público através dos livros de Rui Afonso (Editorial Caminho, 1990 e 1995) e de um documentário de Diana Andringa apresentado em 1993 na RTP-2 (“O Cônsul Injustificado”).

Já antes, em 1967, o Memorial do Holocausto (Yad Vashem) em Israel tinha prestado uma homenagem ao cônsul de Bordéus. Reconheceu nele um “justo” e perpetuou a sua memória plantando uma árvore com o seu nome no parque onde se evocam os actos dos que não submergiram ao medo e ao ódio racista do III Reich.

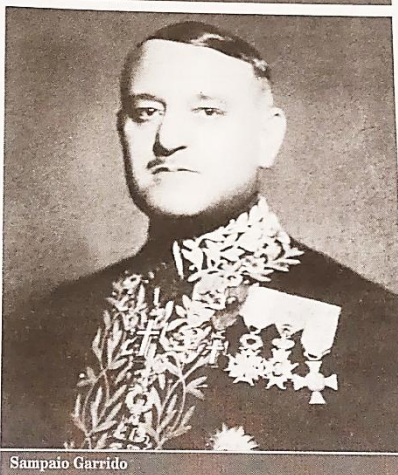
Foi um acto sem seguimento. A honra de Sousa Mendes, atingida por um processo disciplinar movido por Salazar por desobediência às ordens superiores, que levou ao seu afastamento da carreira diplomática, só seria reabilitada quando a democracia chegasse a Portugal.

Mesmo então, houve delongas que só se explicam por estranhas cumplicidades e velhos rancores. A filha do cônsul, Joana Sousa Mendes, tentou logo em Agosto de 1974 a abertura do processo de reabilitação. O processo foi entregue a embaixador Bessa Lopes, injustamente esquecido neste esforço, de longos anos, para que a memória de Sousa Mendes fosse reabilitada.

Foi um trabalho aturado que realizou num tempo célere, entregando-o em Junho de 1976, havendo que considere que essa dedicação lhe atingiu definitivamente a saúde. Infelizmente, as resistências internas bloquearam este trabalho, que, como salienta Manuela Franco, comissária da exposição, só veio a lume dez anos depois, em 1986, quando a Assembleia da República, através do então deputado Jaime Gama, chamou a si o processo de reabilitação.



Sousa Mendes



Sampaio Garrido



Alberto Branquinho

Isabel Fevereiro, directora do Arquivo Histórico Diplomático e filha do embaixador Bessa Lopes, sublinha a exemplaridade do trabalho por ele feito, de que apenas fala cumprir “um livro branco sobre o caso Aristides Sousa Mendes”, a cargo do MNE.

Garrido e Branquinho

O caso de Sampaio Garrido e Alberto Carlos Branquinho não teve o dramatismo do de Sousa Mendes, nem estes dois diplomatas sofreram directamente pelo seu desempenho em Budapeste.

É um facto que Sampaio Garrido foi chamado precipitadamente a Lisboa, havendo quem pretenda, como evidência a reportagem de João Mendes e Clara Viana, que esse chamamento tinha em vista uma repreensão.

Com efeito, apesar de agonizante, as ordens de Hitler eram estritas e os SS cumpriam-nas com zelo: prioridade total para a “solução final”. Os comboios com judeus destinados aos campos de extermínio tinham prioridade de via sobre os próprios comboios militares. Calcula-se que meio milhão de judeus foi dizimado nesse ano de ocupação da Hungria.

Sampaio Garrido fazia parte de um grupo de ligação de países neutrais, que incluía a delegação da Suécia a da Santa Sé e a portuguesa. Tentavam arranjar passaportes para tirar a uma morte certa os membros da comunidade judaica. Garrido usou o estratagemas de alugar uma vasta propriedade para a legação, onde deu abrigo a dezenas de refugiados judeus que aguardavam um livre-trânsito diplomático.

As autoridades de ocupação chegaram a fazer uma busca à legação, mas Sampaio Garrido conseguiu evitar detenções, assumindo que no dia seguinte aquelas pessoas se apresentariam devidamente legalizadas às autoridades alemãs. Garrido recebeu que a chamada a Lisboa significasse uma repreensão e fez o regresso pela Suíça, onde se manteve algum tempo em gozo de férias, esperando que as guerras acabasse.

Manuela Franco esclarece no trabalho de investigação que fez para o catálogo da exposição que não foi essa a razão que levou à substituição de Sampaio Garrido por Branquinho. Terá sido precisamente uma medida política tomada pelo MNE, que ao baixar o grau de representação diplomática de embaixador para encarregado de negócios queria mostrar que não reconhecia ao governo húngaro um verdadeiro estatuto de independência. De facto, Teixeira Branquinho prosseguiu a política do seu antecessor quanto à protecção dada pela legação aos que nela buscavam refúgio. Segundo dados do Congresso Mundial Judaico, salvou assim mil vidas. ■

Bordéus, 1940

Gulana Britânica, 1911

Raoul Wallenberg



Chiune Sugihara



Per Anger



Giorgio Perlasca



Maia, E.L. (2001, dezembro 12). Salvar dez mil vidas por dia. *Nova Gente*, 100-102.

dez mil vidas por dia

go" num parque junto da sinagoga de Bordéus, foi encontrado por Mendes, que o acolheu no consulado. Informado pelo rabino do que Hitler estava a preparar para os judeus da Europa, aterrado pelo desespero que via crescer à sua volta, Mendes terá tido uma enorme depressão, que o levou à cama e o fez permanecer deitado três dias.

Quando finalmente reagiu, a decisão estava tomada. Iria desobedecer às ordens de Salazar, Presidente do Conselho e Ministro dos Negócios Estrangeiros. Este homem de 55 anos, casado e pai de 14 filhos, preparava-se para dar um passo decisivo. No dia 16 de Junho de 1940, e durante os dois dias seguintes, entre as oito e as três horas da manhã, ajudado pelo rabino, pela mulher e por dois dos seus filhos (os outros estavam em Portugal), dá início a uma "maratona" de assinatura de vistos que ultrapassa largamente os documentos timbrados disponíveis no consulado. Quando isso acontece, começa a assinar em folhas brancas, depois mesmo em bocados avulsos de papel. Em todos estes cerca de 30 000 documentos, que irão salvar outras tantas vidas, aporá o selo do consula-

Francisco, EUA, 1922

Com César, o irmão gémeo, em 1932

do e a sua assinatura pessoal.

A medida do desespero é difícil de imaginar por quem não viveu a situação. O medo do que se preparava não afligia apenas judeus e gente "sem nome". Charles Oulmont, escritor e professor na Sorbonne, trazia consigo quatro sacas de batatas cheias de ouro, e prometeu metade a Sousa Mendes. O arquiduque Otto de Habsburgo, herdeiro da coroa austríaca e adversário fidalgo de Hitler, veio acompanhado do irmão, Carlos Luís, do secretário, o conde Degenfeld, e do adido de Imprensa Martin Fuchs, que, depois da guerra, seria embaixador da Áustria em Paris. A grã-duquesa do Luxemburgo, que, acompanhada pelo marido, Félix, tinha abandonado o seu pequeno país na própria manhã da invasão, chegou acompanhada de grande número de membros do seu Governo, muitos dos quais judeus. Vieram também Albert de Vleschauer, Administrador Geral do Congo Belga e do Ruanda-Burundi, Norbert Gingold, pianista, Salvador Dali, Julien Green, Jacques Audibert, e tantos outros.

De Lisboa, chega o aviso: qualquer erro será considerado desobediência e implicará processo disciplinar. Salazar não quer ver chegar a Portugal os suspeitos de actividades políticas contra o nazismo: nobres, comunistas, homossexuais, judeus... A 22 de Junho, a França capitula. Salazar manda dois funcionários a Bordéus, encarregados de... velar pela "segurança" de Sousa Mendes, no seu regresso forçado a Lisboa. Em Bayonne, Mendes vê uma multidão à porta do consula-

do português e pede informações ao vice-cônsul, que lhe diz estar a cumprir as ordens do Governo. "Ainda sou seu superior", atalha o cônsul, e vá de assinar novos vistos, por sobre o carimbo do renitente e aterrorizado vice-cônsul. Quando chega a Hendaye vê nova multidão de refugiados, impedidos de entrar em Espanha. Franco tinha fechado as fronteiras. Mendes diz-lhes que o sigam até uma pequena estalagem próxima, onde pede papel e desata a assinar novos vistos. Depois, pede-lhes que o sigam até um posto fronteiriço que conhece, sem telefone, onde se apresenta ao guarda como cônsul português, declarando-lhe que todos os que o acompanham possuem vistos. Impedido de comunicar com Madrid, e perante documentos legais, o guarda deixa passar a multidão.

A 30 de Outubro, Sousa Mendes é condenado a um ano de inactividade, com metade dos honorários, e à reforma compulsiva passado aquele período. A acta de acusação aponta-lhe o crime de ter "desonrado Portugal perante as autoridades espanholas e as forças alemãs de ocupação". Mendes defende-se: "O meu único objectivo foi salvar pessoas cujo sofrimento era imprescrevível." Sobre aqueles que salvou, dirá: "Sempre recebi delas palavras de respeito e consideração por Portugal, país hospitaleiro e acolhedor, o único na Europa onde podiam encontrar tranquilidade(...). As suas palavras representam a maior das recompensas para a minha consciência."

Diplomata, Mendes é "reformado". Advogado, é impedido de exercer. Aristocrata, é

O filho do rabbi Krüger com António e Álvaro de Sousa Mendes

Jan Zwartendijk

Feng Shan Ho

Hiram (Harry) Bingham IV

Carl (Charles) Lutz

Maia, E.L. (2001, dezembro 12). Salvar dez mil vidas por dia. *Nova Gente*, 100-102.

GENTE Acontecimento

"Só quis salvar pessoas"

visto frequentemente a comer, com a família, na cantina judaica, misturado com os refugiados e como tal se considerando, a si e aos seus. Nem sequer lhe dão uma carta de condução para substituir a sua, obtida no estrangeiro. Com a ajuda da Comunidade Judaica de Lisboa, consegue mandar alguns filhos para os EUA, dois dos quais desembarcarão na Normandia. O "hortelão" Salazar, plebeu do Vinheiro, vingava-se do "seu" monárquico de Cabanas de Viriato, cuja aristocracia de espírito não consegue conceber, com a sanha de um servo da gleba parvenu. A 4 de Julho de 1940, criticara-o por "colocar os seus imperativos de consciência acima dos seus deveres de funcionário" (note-se que, mesmo depois do 25 de Abril e durante muitos anos, a atitude dos nossos ministros e secretários de Estado não mudou muito: um subsecretário de Estado, encarregado de representar o Governo numa homenagem a

No ano da sua morte, 1954

Aristides de Sousa Mendes acabará por morrer de tristeza e penúria a 3 de Abril de 1954, com 69 anos, no hospital franciscano. Vai a sepultar envolvido num burel dos monges, tal o estado de pobreza a que tinha chegado.

Lá fora, o alcance da barbárie nazi só aos poucos é compreendido e digerido pelas pessoas. Chaim Krüger não esqueceu o homem a quem ficou a dever a vida, e cuja abnegação teve oportunidade de testemunhar. E proclamou-a bem alto. E é assim que, em 1966, o Instituto Yad Vashem de Jerusalém proclama Aristides de Sousa Mendes como um Justo Entre as Nações, a par de homens que, "por sua iniciativa, em territórios controlados por alemães ou seus colaboradores, arriscando a sua liberdade, segurança e vida, sem receber remuneração ou recompensa, actuando contra ordens explícitas dos seus superiores, arriscando as suas carreiras", ajudaram "uma grande quantidade de judeus". O nome de Mendes surge hoje ao lado de heróis como Raoul Wallenberg, Per Anger, Feng Shan Ho, Carl Lutz, Chiune Sugihara, Giorgio Perlasca, Jan Zwartendijk, Hiram Bingham IV, etc., dos quais Oskar Schindler talvez seja hoje o mais conhecido, na sequência do filme de Steven Spielberg, *Schindler's List*. Mas convém lembrar que Mendes não olhou a credos nem a raças, e, dos 30 000 que salvou, "apenas" 10 000 eram judeus. Ninguém melhor que ele para nos explicar o que é a dignidade: "Ainda que me destituam, apenas posso agir como cristão, como me dita a consciência. Se tenho que desobedecer a ordens, prefiro estar com Deus contra os homens que com os homens contra Deus".

Texto: E. Leão Maia; Fotos: Sara Wong, Pedro Monteiro e cortesia Álvaro e António de Sousa Mendes; Agradecimentos: F. Aristides de Sousa Mendes e Emb. de Israel

Uma difícil reabilitação

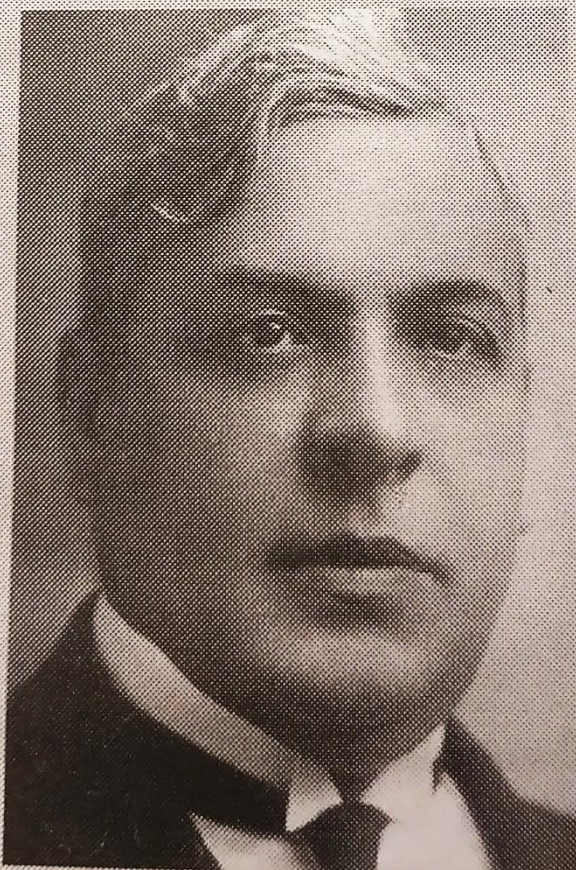
- 1961** – Plantação de 20 árvores no Museu Yad Vashem, em Jerusalém
- 1963** – Medalha do Yad Vashem: "A Aristides de Sousa Mendes, o povo judeu agradece"
- 1967** – O Cônsul Geral de Israel atribui a Joana, filha de S. M., a Medalha de Ouro dos Justos do Yad Vashem
- 1974** – A família Sousa Mendes pede ao Governo uma homenagem, depois do 25 de Abril
- 1983** – Na página 131 de *The Courage to Care*, Rittner Mers publica a cópia de um visto assinado por S. M.. A partir daí, muitos sobreviventes reconhecem quem os salvou
- 1987** – Em Washington, Mário Soares entrega a Medalha da Ordem e da Liberdade à família de S. M.. A comunidade Luso-Americana, o estado de New Jersey e o município de Jerusalém homenageiam-no
- 1988** – A Assembleia da República reintegra S. M. na carreira diplomática, como Embaixador. Em Bordéus, é criado o Comité National Français d'Hommage
- 1991** – A jornalista Diana Andringa realiza em Bordéus o documentário *O Cônsul Injustiçado*
- 1993** – Bordéus: Mário Soares inaugura o busto de A. S. M. e uma placa no antigo consulado. No deserto do Negheb, em Israel, são plantadas 10 000 árvores em sua homenagem
- 1995** – Soares entrega a João Paulo, um dos filhos, a Grande Cruz da Ordem de Cristo, perante a ausência dos membros do Governo de Cavaco Silva. Rui Afonso publica *O Homem Bom*
- 1998** – Na sequência do processo Papon, em Bordéus, o jornalista, Alain Fralon publica *Le Juste de Bordeaux*. Homenagem do Parlamento Europeu de Estrasburgo
- 1999** – Jorge Sampaio visita Cabanas de Viriato
- 2000** – É criada a Fundação Aristides de Sousa Mendes, sob a presidência de Maria Barroso. Funciona na Rua Augusto Rosa, 66, 2º Dto, 1100-059 Lisboa; Tel.: 21 886 22 50

Anexo 83

Aristides Sousa Mendes. (2002, abril 25). *Diário de Notícias*, 19.

ARISTIDES SOUSA MENDES.

O cônsul de Portugal em Bordéus durante a Segunda Guerra Mundial, Aristides de Sousa Mendes, foi na terça-feira homenageado em São Paulo com a colocação de um busto na mais importante associação judaica da América Latina. A homenagem, promovida pelas comunidades portuguesa e judaica de São Paulo e materializada na colocação do busto de Sousa Mendes, assinala os 48 anos da morte do conhecido «Schindler português».



Albuquerque, M. (2002, dezembro 30). Casa do “anjo de Bordéus” aguarda candidatura a Património da Humanidade. *Público*, 41.



A casa do cônsul que facultou vistos a judeus fugidos do nazismo pode acolher a sede da fundação que lhe perpetua o nome

Casa do “anjo de Bordéus” aguarda candidatura a Património da Humanidade

NO CONCELHO DE
CARREGAL DO SAL

Figura de Aristides de Sousa Mendes pode impulsionar economia de Cabanas de Viriato

MARIA ALBUQUERQUE

Terra de gente simples e humilde, a freguesia de Cabanas de Viriato, no concelho de Carregal do Sal, ostenta com orgulho o epíteto de terra natal de Aristides de Sousa Mendes, também conhecido como o “anjo de Bordéus” ou “o salvador de vidas”. Cônsul português em Bordéus, durante a II Guerra Mundial, Aristides de Sousa Mendes salvou a vida a milhares de judeus que fugiam da perseguição nazi, emitindo vistos de entrada no país. O acto, numa clara desobediência a Oliveira Salazar, valeu-lhe a exoneração do cargo de diplomata. O “salvador de vidas” acabou por regressar a Portugal, sem emprego e destituído de qualquer pensão, tendo morrido na miséria em Lisboa, em 1954.

Apesar de hoje ser considerado um herói, durante mais de duas décadas Sousa Mendes foi votado ao esquecimento num país que não soube reconhecer a grandeza dos seus actos. Entre os habitantes mais velhos da vila há, no entanto, quem ainda se lembre da bondade do ex-diplomata. “Era uma pessoa muito boa! Muito boa, mesmo. E era bonito! Lembro-me bem

dele. Todos gostavam do senhor cônsul”, recorda Elisa Figueiredo, de 85 anos.

Passados 48 anos da sua morte, a freguesia de Cabanas de Viriato continua a aguardar pelo devido reconhecimento daquele filho da terra. Para os residentes, o primeiro passo dessa ratificação deveria passar pela concretização das “tão faladas obras” de recuperação da casa da família e pela sua eventual candidatura a Património da Humanidade. A ideia está a ser estudada pela Fundação Aristides de Sousa Mendes, que entregou a coordenação científica do projecto ao Centro de Estudos Interdisciplinares do século XX, da Universidade de Coimbra. Entre os habitantes não há quem duvide de que a recuperação da Casa do Passal iria impulsionar o turismo da vila e, consequentemente, a economia local. “Podiam até ser criados novos postos de trabalho. Não tenho dúvidas nenhuma de que ia ser muito bom para nós”, frisou Fernando Campos.

Mas, para já, a imponente residência onde nasceu o “anjo de Bordéus” continua votada ao mesmo abandono de que padeceu Sousa Mendes. Praticamente em ruínas, o “palácio do cônsul”, despojado de todo o recheio logo após a sua morte, chegou a ser utilizado para fins pouco condizentes com a sua imponente, nomeadamente como galinheiro, curral ou pocilga. “Muitas coisas valiosas, mobílias, carpetes e outras relíquias, foram deixadas fora pela segunda mulher dele. Eu

era uma miúda, mas ainda me lembro. Depois, mais tarde, venderam isto por uma bagatela e os novos donos alugaram aquilo a um senhor qualquer, que pôs lá pitos”, lembra Augusta Modesto.

Após o (tardio) reconhecimento público do heroísmo do cônsul, têm sido diversas as hipóteses colocadas para a ocupação do espaço. Tendo-se chegado a ponderar a ideia de se transformar a Casa do Passal num hotel ou até num museu alusivo ao Holocausto. Entretanto, com a compra do edifício pela Fundação Aristides de Sousa Mendes, o objectivo é a sua reconstrução para aí instalar a sede da instituição, que pretende perpetuar o seu nome. O passo seguinte deve-

rá ser a apresentação de uma candidatura à UNESCO para que considere o edifício como Património Mundial. Um projecto ambicioso que, segundo responsáveis da fundação, poderá ser viável, fundamentalmente pelo simbolismo que a casa encerra.

Mas enquanto as obras no edifício não avançam, Cabanas de Viriato assiste atenta ao desenrolar do processo de recuperação, valorização e reabilitação de ruas, avenidas, fontanários, muros e lavadouros em toda a zona envolvente à Casa do Passal. Um investimento da autarquia, avaliado em 382 mil euros e participado em 70 por cento pelo Programa Operacional da Região Centro. Entre os residentes de Cabanas há quem considere que “não foi só o palácio [do cônsul] que foi votado ao esquecimento”, havendo quem reclame que “nenhum investimento de vulto foi feito na vila, durante os últimos 10 anos”. Por isso, são muitos os que se mostram cépticos face ao anúncio das obras de recuperação urbanística, dizendo que só acreditam vendo. “Bem precisamos de muitos melhoramentos nas ruas e não só”.

Muitos dos residentes da freguesia queixam-se, ainda, das “poucas ofertas de emprego”, o que “obriga à deslocação de mão-de-obra para Carregal do Sal ou para outros concelhos vizinhos, como Nelas ou Mangualde”. “Temos aqui uma fábrica de confeções e pouco mais. Havia um grande mercado de lanifícios, mas acabou. E na agricultura já

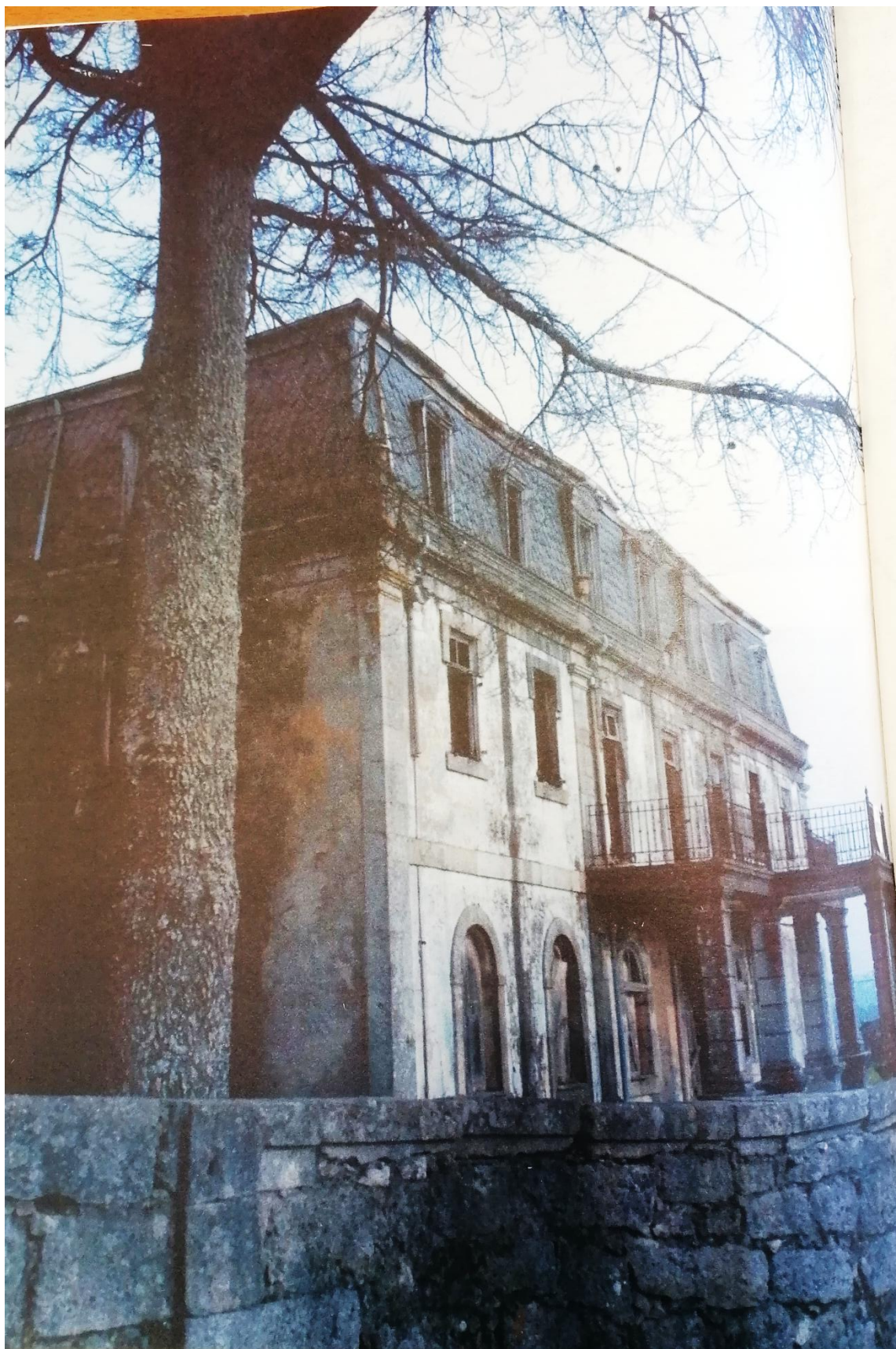
ninguém quer trabalhar. Só as pessoas da minha idade”, lamentou Fernando Campos, um idoso que toda a vida viveu em Cabanas de Viriato. Entre os habitantes da terra são, por isso, muitos os que buscam melhor sorte, imigrando. “Vão principalmente para a Alemanha, a Suíça e a França. Mas, mesmo assim, já houve mais pessoas imigradas. Muitos vão para lá, mas constroem cá casa e sempre vão desenvolvendo isto”, explicou. Por isso, a ideia de que com as obras possam surgir novos postos de trabalho é olhada com agrado pelos moradores. Outros acreditam que o problema exige uma medida de fundo que só pode ser tomada pela Câmara de Carregal do Sal. “A autarquia devia criar condições mais atractivas para os empresários. Podia, por exemplo, vender a um preço mais acessível o metro quadrado dos terrenos destinados a empresas”, sublinhou o cidadão que preferiu manter o anonimato.

Todos os anos, passam pela terra natal de Aristides de Sousa Mendes “largas centenas de turistas, nomeadamente judeus americanos”, para plantar uma árvore e visitar o lugar onde nasceu “o anjo de Bordéus”. Por isso, os residentes da vila acreditam que a recuperação da zona envolvente “ao palácio do cônsul” possa “mantê-los por cá mais uns dias”. “É dinheiro que entra na freguesia, principalmente para os cafés, os restaurantes e casas de turismo de habitação”, frisou um morador. ■

A imponente residência onde nasceu o “anjo de Bordéus” continua votada ao mesmo abandono de que padeceu Sousa Mendes. Praticamente em ruínas, o “palácio do cônsul”, despojado de todo o recheio logo após a sua morte, chegou a ser utilizado para fins pouco condizentes com a sua imponente

Anexo 85

Gonçalves, P. (2004, março 26). Humanidade em ruína. *DNA*, 18-23.



Calcula-se que tenha salvo, em 1940, cerca de 30 mil pessoas, cujo destino seria os campos de concentração nazí. Cônsul de Portugal em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes não resistiu aos apelos da sua consciência e perante a «afiliação indescritível» de uma multidão em fuga, à medida que as tropas alemãs avançavam, decidiu, desobedecendo ao próprio governo, conceder vistos para que pudessem entrar em Portugal. Este gesto humanitário valeu-lhe a expulsão da carreira diplomática. Perseguido e depois esquecido, acabou por morrer sozinho e na miséria. Hoje, decorridos 50 anos sobre a sua morte, o seu nome ainda não foi completamente reabilitado. A família está convencida de que tal poderá acontecer na sequência da recuperação da casa do Passal, em Cabanas de Viriato, também em ruínas, que se pretende transformar em

Casa Museu Aristides de Sousa Mendes

TEXTO DE PAULA GONÇALVES | FOTOGRAFIAS DE SUSANA PAIVA

Humanidade em ruína...

EM CABANAS DE VIRIATO, A CASA DE FAMÍLIA DE Aristides de Sousa Mendes foi, durante vários anos, «uma referência», tal como «o senhor doutor», como os mais velhos ainda se lhe referem. Fernando Campos, de 80 anos, define-a como «um palácio, um sonho», onde ele, na altura criança, fascinado com «tanto luxo», não resistia a dar «umas espreitadelas», sempre que passava a caminho da escola.

Nessa altura cônsul de Portugal em Antuérpia, nos anos de ouro da sua carreira, Aristides de Sousa Mendes tinha acabado de recuperar a casa de família, equipando-a com «tudo do bom e do melhor, com mobílias fabulosas». No interior «até uma capela tinha» e segundo garante José Fernandes, também residente em Cabanas de Viriato, antigo barbeiro de Aristides de Sousa Mendes, «a gente até se perdia lá dentro».

Quem poderia imaginar que esse «palácio» se transformaria um dia em aviário. Mas foi o que aconteceu depois da casa, abandonada, ter sido vendida em hasta pública. Para os que guardam a imagem daquela família «fidalga» foi, igualmente, «uma dor de alma ver aquela gente chegar àquele ponto».

Quando esteve em Antuérpia, recorda Fernando Campos, «até tinha uma camioneta», encomendada directamente à General Motors, «para transportar os 14 filhos e as 11 criadas». Chegadas a Cabanas de Viriato, nas férias, «era uma festa, até a banda tocava, porque ele era o rei cá da vila. Depois, a guerra foi o desastre para eles». Foi assim, perplexo, que o viu, já numa fase decadente, «a ir comer a sopita a casa de antigas criadas».

«Era um homem excepcional, mas para si não foi bom», conclui. De facto, Aristides de Sousa Mendes, em 1940, cônsul de Portugal em Bordéus, optou por desobedecer ao governo, arriscando o seu próprio bem estar e da sua família, concedendo milhares de vistos a refugiados, grande parte judeus, que eram perseguidos pelas tropas nazis, que acabavam de invadir a França. Calcula-se que tenha, assim, salvo dos campos de concentração cerca de 30 mil indivíduos.

As pessoas a quem concedia vistos eram, inicialmente, encaminhadas para Cabanas de Viriato. Os mais velhos, como António Borges Silvestre, de 86 anos, ainda se lembram de ver chegar «um mundo de gente». A população local estranhava, mas não questionava e nem sequer tinha a noção exacta do que estava a acontecer. «Era gente fina, alguns traziam carrões bons para aquela altura, e falavam estrangeiro. Não percebíamos nada do que diziam». Tinha, contudo, a noção que «era gente ilustre».

«Hoje vinham uns, amanhã outros», descreve António Borges Silvestre. «Faziam por aí piqueniques e nós ficávamos a admirar. Não falavam português, mas tiravam o chapéu como forma de cumprimento».

No entanto, a desobediência ao governo português valeu a Aristides de Sousa Mendes «a miséria», como referem os habitantes de Cabanas de Viriato que assistiram, atónitos, «à ruína de uma pessoa daquelas». Alvo de processo disciplinar, acabaria por ser expulso da carreira diplomática, ficando assim sem forma de sustento. «Foi muito triste e olhe que nós nem devemos ter tido a noção da tragédia». Como conclui José Fernandes, Aristides de Sousa Mendes «era uma jóia de homem. Por ser bom é que estragou a vida».

As dificuldades económicas foram de tal ordem que, recorda Fernando Campos, «se viram obrigados a vender todo o recheio da casa e, já numa fase final, em que a sua senhora já tinha falecido, vinha aí uma francesa que, no Inverno, para se aquecerem, até arrancou parte do soalho da casa, que queimou na lareira».

Nos anos que passou em Antuérpia, ainda há quem se lembre de ter visto chegar um cristo-rei «em caixotes de madeira». A encomenda «veio de comboio até à estação de Oliveirinha, e daí, de carro de bois, para Cabanas», tendo sido instalado no topo da quinta. Quando o local foi abandonado «o cristo-rei não foi abaixo porque o homem da máquina não o conseguiu fazer, mas ainda tentou».

António Borges Silvestre ainda se lembra do dia do casamento da «menina mais velha do senhor doutor. Ali tocou a música, o chão estava coberto de flores e o povo veio todo ver. Foi extraordinário». Depois, «seguiu-se a fase triste, com a guerra tiraram-lhe tudo. Viveu muito mal. As criadas desapareceram. A casa ficou abandonada e acabou por ser vendida em hasta pública», na altura por 80 contos.

A casa teve, entretanto, vários proprietários. Um dos últimos foi Fernando Campos, que hoje lamenta não ter guardado algum do pouco espólio que ali ainda existia. «Tinham lá ficado muitos livros, mas acabaram por ser

Anexo 85 | Continuação

Gonçalves, P. (2004, março 26). Humanidade em ruína. *DNA*, 18-23.

roubados. E até vária correspondência. Estava ali a vida toda do casal, desde o namoro até ao final. Hoje tenho pena de não os ter guardado».

Foi a Fernando Campos e ao seu sócio que foi adquirida a casa, que agora se encontra na posse da Fundação Aristides de Sousa Mendes. A ideia é recuperá-la e transformá-la em Casa Museu.

Segundo Alvaro de Sousa Mendes, do conselho de administração da Fundação e neto do cônsul, está a ser feito um projecto para recuperação do edifício, que deverá incluir uma biblioteca sobre diversos temas, como atentados aos direitos humanos, refugiados e II Guerra Mundial. «Pretendemos também instalar um museu sobre Aristides de Sousa Mendes e também um espaço que funcionasse como museu do Holocausto. Em simultâneo teríamos um centro de documentação, com tudo aquilo que pudesse lembrar o meu avô e também o contexto em que ele desenvolveu a sua acção».

Mas, antes disso, são necessárias verbas para recuperar o imóvel, que se encontra em avançado estado de degradação. «Eu sabia que não iria ser fácil, mas tenho esperança. Reconheço que o projecto é um tanto ambicioso, mas creio que é necessário para todos nós, portugueses», afirma Alvaro de Sousa Mendes.

«Falar hoje de Aristides de Sousa Mendes representa a necessidade de fazer algo em relação a ele. Deixar para a posteridade algo que relembre a sua acção». Apesar da Assembleia da República ter aprovado, em 1988, a sua integração a título póstumo na carreira diplomática, muito ainda há a fazer pela reabilitação do seu nome.

Alvaro de Sousa Mendes considera que o nome do seu avô ainda não «está devidamente reconhecido em Portugal», não obstante várias iniciativas que têm sido realizadas. Lembra, a propósito, que a Fundação é regularmente convidada pelas escolas para falar da atitude de Aristides de Sousa Mendes e do contexto em que actuou. Em 2000, como homenagem a Aristides de Sousa Mendes e com o slogan «Em memória deste homem e por amor à Humanidade: dê sangue», teve também início uma campanha de recolha, cujo objectivo seria conseguir chegar às 30 mil dádivas, tantas quantas as vidas que terá salvo.

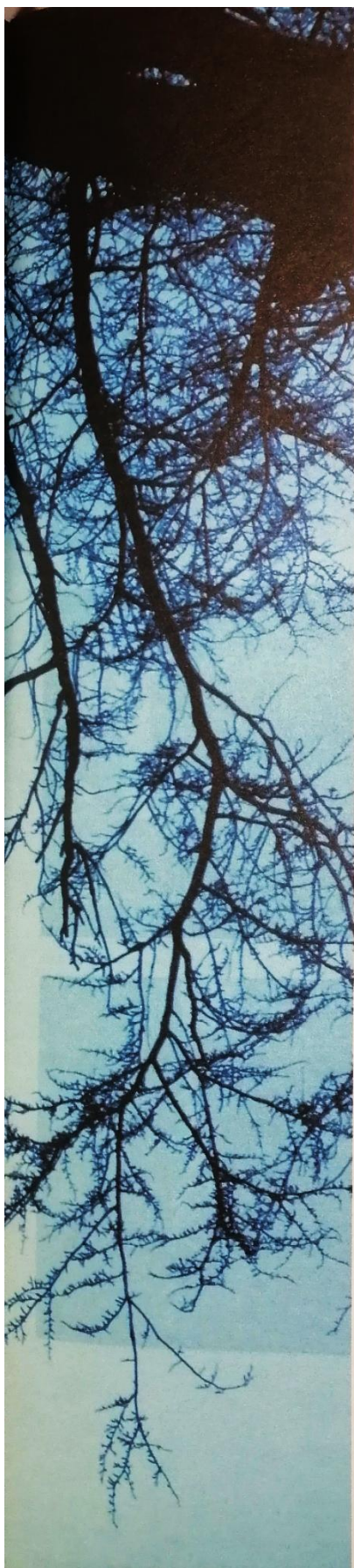
Este ano, em que se assinala, a 3 de Abril, o cinquentário da sua morte, são várias as iniciativas que estão programadas, nomeadamente em Cabanas de Viriato, onde está a decorrer um projecto que inclui exposições e colóquios. Também em Coimbra será descerrada uma placa numa das casas que habitou e organizada uma exposição que pretende recordar os seus anos de estudante universitário. O evento realiza-se no Arquivo da Universidade, de 27 de Abril a 21 de Maio, sendo organizado, em parceria, pelo Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX e Arquivo da Universidade de Coimbra.

Luís Fidalgo, membro da Fundação, refere as pessoas que todos os anos visitam a casa, nomeadamente grupos americanos, e que na quinta plantam árvores «em nome de Aristides e Angelina», sua esposa. «Triste para nós, portugueses, seria que não tivéssemos, dentro de poucos anos, a Fundação (mensagem dos valores representados pelo acto de Sousa Mendes) aqui a funcionar e que, bem próximo, assistíssemos à recuperação da casa de Oliveira Salazar e da sua transformação em museu do fascismo».

Júlio Mendes, presidente da Junta de Freguesia de Cabanas de Viriato, está optimista relativamente ao futuro do imóvel, «porque os portugueses sempre souberam honrar os seus valentes e na altura própria saberão ser justos».

Os irmãos, Alvaro e Francisco de Sousa Mendes, têm hoje a noção de que ao longo de toda a sua vida ouviram contar a história dos seus avós. Uma história que, na altura,





ra, crianças, consideravam estranha. «Perguntava-me porque é que ele era castigado, tendo feito o bem», refere Alvaro de Sousa Mendes.

Em Junho de 1940, data em que as tropas alemãs invadiram a França, Aristides de Sousa Mendes era cônsul em Bordéus. Numa altura em que o governo português tinha dado ordens expressas a todos os seus consulados no sentido de não serem concedidos vistos a refugiados judeus, exilados políticos e cidadãos provenientes dos países de Leste, Aristides de Sousa Mendes, perante o desespero de uma multidão em fuga, decidiu, como o próprio acabaria por justificar, agir de acordo com a sua consciência. Assim, no dia 17 de Junho decidiu conceder vistos a todos os que o solicitassem, trabalhando três dias e três noites consecutivas, calculando-se que tenha atribuído cerca de 30 mil vistos.

«Não podia eu fazer diferenças de nacionalidades, visto obedecer a razões de humanidade que não distinguem raças nem nacionalidades», refere quando apresenta a sua defesa, na sequência do processo disciplinar que lhe foi movido, por motivo de desobediência.

«Era mesmo meu objectivo salvar aquela gente toda, cuja afiliação era indescritível», diz ainda, justificando que a sua atitude se inspirou «única e exclusivamente nos sentimentos de altruísmo e de generosidade de que os portugueses, através dos seus oito séculos de história, souberam tantas vezes dar provas eloquentes e que tanto ilustram os nossos feitos heróicos».

No entanto, tal atitude culminou com a expulsão da carreira diplomática, tendo sido condenado na pena de um ano de inactividade, com direito a metade do vencimento da categoria, devendo em seguida ser aposentado. Tal nunca viria, contudo, a acontecer, acabando por ficar na situação de «aguardando aposentação» até ao final da sua vida.

Encontrando-se numa situação de miséria, acabaria por sugerir aos filhos que abandonassem o país, «já que mesmo eles eram alvo de perseguição, não conseguindo arranjar emprego, pelo que a maior parte acabou por se refugiar nos Estados Unidos da América», recorda Alvaro de Sousa Mendes.

Lembra, a propósito um facto curioso: «dois dos meus tios saíram de Portugal em 1944 e foram para os EUA, sendo que aí chegaram vão fazer parte do grupo das tropas americanas que vão por cobro à guerra, em 1945».

«O meu avô era extraordinário», recorda Alvaro de Sousa Mendes, ao referir que quando Salazar «o mandou ir buscar a Bordéus, ele ao passar em Baiona, ao ver uma série de refugiados na fronteira, ainda foi passar mais uns vistos, porque administrativamente tinha, ainda nessa altura, poder sobre o cônsul que estava em Baiona».

Os dias mais terríveis, em Bordéus, sucederam-se a partir de 17 de Junho, quando Aristides de Sousa Mendes nem sequer descansou para passar vistos. «Nessa altura estavam dois tios meus com ele e contam que foram dias tenebrosos, devido à invasão das tropas alemãs. A maioria das embaixadas fechou as portas. Por isso a única possibilidade que havia era a de Portugal. Um dos filhos contava que quando vinha da Universidade tinha grande dificuldade em entrar em casa porque havia, impedindo a passagem, uma fila interminável de refugiados pelas escadas acima».

Numa altura em que tinha ordens expressas para não conceder mais vistos, observa Alvaro de Sousa Mendes, «continuou a fazê-lo, agindo de acordo com a sua consciência e salvando milhares de pessoas, mesmo consciente de que estava a prejudicar a sua própria família». Todavia, pelo que se apercebeu, os filhos «compreenderam desde o início a atitude do pai. Nenhum deles se revoltou, apesar de estarem conscientes de que a sua vida, em termos de bem estar, tinha chegado ao fim».

O que terá levado Aristides de Sousa Mendes a desobedecer ao governo português, arriscando a sua própria carreira, para salvar milhares de pessoas? Lina Madeira, investigadora do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20), da Universidade de Coimbra, diz que em face da sua carreira, «é perfeitamente compreensível» aquela atitude. Aristides era um homem emotivo, que agia de acordo com o seu coração.

Lina Madeira, presentemente a fazer a tese de doutoramento sobre Aristides de Sousa Mendes (orientada pelo professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Luís Reis Torgal) mais do que estudar o que se passou em 1940, procurou saber o que tinha feito anteriormente. A ideia era perceber se se tratava de um acto isolado, ou se estaria em consonância com toda a sua actividade anterior, tendo-se verificado esta última hipótese.

Assim, retrocedeu até à fase do ensino liceal, que do primeiro ao quinto ano, é feito em Aveiro, cidade onde o seu pai era juiz. No arquivo do então liceu de Aveiro encontrou

Numa altura em que tinha ordens expressas para não conceder mais vistos, Aristides de Sousa Mendes «continuou a fazê-lo, agindo de acordo com a sua consciência e salvando milhares de pessoas, mesmo consciente de que estava a prejudicar a sua própria família»

um aluno que estava entre o suficiente e o bom, com classificações praticamente idênticas às do irmão gêmeo, César de Sousa Mendes. As classificações melhoraram um pouco em Évora, onde os dois irmãos fazem o 6.º e o 7.º ano. Já na Universidade de Coimbra, onde concluem o curso de Direito, os dois irmãos são apresentados como bons alunos, com uma classificação de 16 valores.

Os dois foram depois professores do ensino secundário durante um ano. Aristides de Sousa Mendes deu aulas no Porto, enquanto o irmão o fez em Lisboa. «No concurso a que depois se sujeitaram para entrarem no Ministério dos Negócios Estrangeiros, figuram igualmente louvores de ambos os liceus por onde passaram como professores». Aliás, nesse concurso foram os melhores classificados, entrando no Ministério dos Negócios Estrangeiros nos últimos meses da Monarquia, sendo colocados em locais distintos.

No caso de Aristides de Sousa Mendes, foi enviado para o continente americano. «Foi para a chamada Guiana Britânica, tendo estado aí pouco tempo». Lina Madeira lembra que partiu a 7 de Setembro de 1910, permanecendo aí até 2 de Abril de 1911. Apesar de não ter encontrado muita documentação, «calcula-se que fizesse o que qualquer cônsul recém-chegado faria, ou seja, tarefas de carácter bastante burocrático».

Nesta altura há um facto curioso, que Lina Madeira passa a explicar: «Actualmente diz-se que Aristides era monárquico. A República é implantada em Outubro de 1910 e quando ele regressa a Lisboa, em Abril de 1911, vai ser convidado, juntamente com outros jovens funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros, para ir em missão especial para a Galiza. Esta missão consistia, nem mais

Anexo 85 | Continuação

Gonçalves, P. (2004, março 26). Humanidade em ruína. *DNA*, 18-23.

nem menos, em controlar a acção dos monárquicos que pretendiam neutralizar a República».

Como refere Lina Madeira, se Aristides de Sousa Mendes já nessa altura era conhecido como monárquico, não se compreende que o Ministério o tenha colocado naquela mesma função.

Essa é, contudo, uma missão muito curta, circunscrita ao Verão de 1911, sendo depois colocado em Zanzibar (actual Tanzânia). «Aí verifica-se que tem uma acção muito intensa como cônsul, mostra-se extremamente dinâmico, dedicado à sua causa e aquando de todas as datas em que havia que celebrar a República, empenha-se imenso. Podemos perguntar: seria um empenhamento sincero? Não sabemos. O certo é que para esta altura ele toma uma série de medidas em que pretende destacar sempre a sua dedicação à República, por um lado, e a sua confiança nessa mesma República».

Aí permanece durante sete anos, até 1918, havendo registo de um primeiro reparo que tem a ver com uma questão familiar. No Ministério dos Negócios Estrangeiros, explica Lina Madeira, «há regras muito apertadas em termos de conduta. Se eventualmente alguma delas não for seguida, é claro que os funcionários podem incorrer em sanções». No caso de Aristides de Sousa Mendes tudo esteve relacionado com o facto de se ter ausentado do seu posto sem dar conhecimento ao seu superior hierárquico. Mas fez-lo pelo facto de um dos seus filhos estar gravemente doente. «Em termos humanos compreende-se perfeitamente, ou seja, um pai que vê o filho entre a vida e a morte, pensa que o que tem de fazer de imediato é tentar salvá-lo. Em termos de orgânica do Ministério não é bem assim».

Mas continua em Zanzibar «a mostrar uma óptima folha de serviço», motivo pelo qual pretendia depois ser elevado à categoria de cônsul de primeira classe. «Curiosamente, e ao contrário do irmão, ele vai demorar bastante tempo para o conseguir. Só sete anos depois é que de facto o alcança, em 1918».

Terão então começado as inimizades no interior do Ministério, conseguindo a ascensão na carreira durante a ditadura de Sidónio Pais, tendo sido, na sequência dessa promoção, colocado em Curitiba. «A ditadura durou um ano, Sidónio Pais morre e em 1919 Aristides de Sousa Mendes é colocado na disponibilidade».

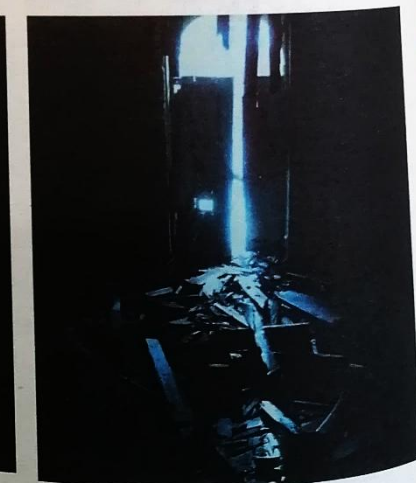
Este é um processo que acaba por hipotecar boa parte da sua carreira, como refere a investigadora. «Isto porque há troca de acusações. Há opiniões muito divergentes sobre a sua actuação nesse mesmo posto. É fruto dessas mesmas divergentes opiniões que é colocado na disponibilidade», assim permanecendo até 1921.

A partir daí, os cargos que lhe são atribuídos são de gerente interino, não lhe sendo dado novamente um consulado até à ditadura militar, ficando assim impossibilitado de ascender na carreira.

«Pessoalmente, Aristides de Sousa Mendes fica muito magoado com a actuação do Ministério. Se não era monárquico, começa aí o seu afastamento face à República. Não foi o único, houve muitos assim, que inicialmente tinham grandes esperanças na República, depois acabam por se sentir frustrados».

Em 1921, quando vai gerir interinamente o consulado em S. Francisco, volta a ter problemas graves com a comunidade portuguesa. «Pela documentação que já consultei, é possível verificar que Aristides de Sousa Mendes deveria ser uma pessoa muito emotiva e precisamente por isso, ao contrário daquilo que se pede a um diplomata, às vezes agia mais com o coração do que propriamente guiado pela razão».

Neste caso concreto, acrescenta, «pedir-se-ia um pouco mais de sensatez no sentido de não melindrar a colónia



Aristides de Sousa Mendes, na sua defe-

sa, diz que preferia ficar do lado de Deus

contra os homens do que do lado dos ho-

mens contra Deus, era sincero. «Ele terá

sido levado a agir como agiu pelos seus

princípios. É-lhe instaurado o processo e

ele vai alegar sempre que agira em confor-

midade com os seus princípios, que acha-

va, inclusivamente, que eram os princípios

que melhor espelhavam a maneira de ser

portuguesa»

que, segundo Lina Madeira, se prendem com questões relacionadas com o dia-a-dia da contabilidade. Um dos processos que lhe é movido é, mais uma vez, acusando-o de ter abandonado o seu lugar sem informar os seus superiores.

Em 1932, o irmão de Aristides de Sousa Mendes é indigitado ministro dos Negócios Estrangeiros. Uma passagem que, como diz Lina Madeira, não é muito bem recordada. «Anteriormente terão existido atritos entre César de Sousa Mendes e alguns diplomatas», que levaram alguns elementos importantes no ministério a ficarem com uma opinião «muito negativa». Aristides era irmão de César, por isso «era natural que se pensasse o mesmo de ambos, ainda que tivessem personalidades diferentes».

Depois dos anos de ouro em Antuérpia, Aristides de Sousa Mendes, em 1937, pretende deixar o consulado e entrar na carreira da diplomacia propriamente dita. «Está com quase 30 anos de carreira. O que acontece é que Salazar em vez de lhe permitir essa mesma promoção, pelo contrário, vai colocá-lo em Bordéus, o que era uma despromoção. Comparadas as duas cidades, Antuérpia era bastante mais importante do que Bordéus». Esta decisão é um sinal de que, naquele momento, «não era muito bem visto por Salazar, na

portuguesa e assim levar o seu navio a bom porto, sem que de facto os elementos mais importantes da comunidade portuguesa da altura em S. Francisco vissem a actuação do cônsul como alguém que lhes pretendia fazer frente». Algo que, segundo a investigadora, se verificou na altura e se vai voltar a verificar no Brasil, quando vai gerir interinamente o consulado do Maranhão.

Tanto num local como no outro, vão surgir acusações de que era monárquico. «Nos processos que é possível consultar no Ministério encontram-se, por mais de uma vez, telegramas da parte de determinados elementos da comunidade portuguesa que acusam o cônsul de ser monárquico e fazem ver a quem se encontra à frente do Ministério que a República não ganhava muito com isso».

Aristides de Sousa Mendes defende-se sempre, utilizando como argumento o seu patriotismo. «De facto desde 1910 que é possível verificar que é um valor. Escuda-se sempre no seu patriotismo. Quer em S. Francisco, como no Maranhão, diz que agiu como agiu por amor à pátria. É sempre esta ideia de pátria que procura fazer prevalecer e precisamente por isso acusa a comunidade que está contra ele de ser anti-patriota e de esses elementos porem em causa o nome da pátria, que é o valor maior que defende». Nas suas defesas também se encontram inúmeros testemunhos a seu favor.

Um facto inegável é ser uma pessoa extremamente preocupada com a pátria e, por outro lado, com a cultura portuguesa. Em S. Francisco, por exemplo, isso nota-se «através do seu empenhamento na criação de uma cadeira de português, numa escola superior».

Até 1926 não lhe é directamente atribuído qualquer cargo, sendo colocado, depois de S. Francisco e do Maranhão, na direcção-geral dos Negócios Comerciais e Consulares. Só quando foi instaurada a ditadura militar é que lhe foi atribuído novamente um consulado, neste caso em Vigo, e por razões específicas.

«A ditadura militar sabia da existência de muitos republicanos e democratas que estavam a agir em Espanha, que se vinham movimentando próximo das fronteiras, e queria controlá-los e neutralizá-los. Precisamente pelo facto de Aristides de Sousa Mendes anteriormente ter sido afectado pela I República, entenderam que, de facto, ele reunia todos os atributos que lhe permitiam ser fiel à ditadura militar, ou seja, empenhar-se profundamente no controlo desses mesmos republicanos e democratas».

Mais uma vez surge, também aqui, aquilo que Lina Madeira diz ser uma pequena censura, precisamente pelo facto de não acautelar todos os trâmites protocolares. «Acusa-o o ministro dos Negócios Estrangeiros da altura de que antes de sair de Lisboa deveria ter tido a preocupação de ter uma entrevista pessoal com ele. Aristides de Sousa Mendes alega, pelo contrário, que julgava ser tão importante ir defender o quanto antes o consulado que até se esqueceu. São estes pequenos reparos que se vão sucedendo ao longo da carreira».

Dois anos depois de Vigo, Aristides de Sousa Mendes ascende ao consulado de Antuérpia, sendo estes os «seus anos de ouro». Desde logo pelo prestígio da própria cidade e também pelo que representava para o próprio consulado. «Era uma cidade extremamente dinâmica em termos económicos e daí vão advir proventos para o consulado. É nesta altura que os seus filhos frequentam a universidade. São anos de ouro mesmo em termos de estabilidade material».

É precisamente nesta altura que recupera o palacete de Cabanas de Viriato. É durante esse mesmo período que faz transportar a estátua do cristo-rei, que vem em blocos de Antuérpia. «Quem vivia em Cabanas de Viriato podia aperceber-se desse mesmo bem-estar, ainda que ele fosse extremamente generoso com as pessoas».

Mas mesmo durante este período surgem várias censuras

altura ministro dos Negócios Estrangeiros.

Chega-se assim a Bordéus e ao começo da Guerra. Portugal fica numa posição de neutralidade. «Tinhamos uma ditadura e na altura, por demais evidente, uma certa simpatia pró-Alemanha, em detrimento dos aliados, ainda que isso não fosse dito de uma forma notória».

A Alemanha vai avançando e ocupando territórios, até que, em Junho de 1940, «a partir do momento em que a França foi ocupada e a Espanha ainda não tinha definido bem a sua neutralidade, chegamos a temer que a Alemanha nos pudesse vir também a invadir». Ou seja, acrescenta a investigadora, «se a Espanha tivesse tomado o partido da Alemanha isso era possível. Tinhamos apenas ali os Pirinéus a separar-nos dos alemães. É compreensível, por esta perspectiva e atendendo à política externa, que tivessem sido tomadas determinadas medidas por parte do Ministério dos Negócios Estrangeiros no sentido de não tentar melindrar a Alemanha».

São medidas extremamente desumanas, reconhece Lina Madeira. Contudo, em face do contexto político da época, «poder-se-ão compreender por esta mesma razão: não melindrar a Alemanha de forma a que não nos invada. Por outro lado, é claro que haveria simpatia da parte de determinados elementos do regime em relação à Alemanha. Depois, dentro da PIDE começam a haver instruções, cada vez mais rigorosas, no sentido de os vistos serem passados com reservas extremas. Primeiro, com a anuência do Ministério, depois chegamos a um ponto em que só com a anuência da PIDE».

O que Aristides de Sousa Mendes faz é pura e simplesmente não aguardar por esse aval. O que o terá levado a tomar esta decisão? «Em face de uma carreira onde por várias vezes notamos um homem emotivo, impulsivo, que agia de acordo com o seu coração, os seus sentimentos, não admira. É perfeitamente compreensível tendo em conta a carreira».

Por outro lado, há também o seu catolicismo. «Parece tratar-se de um homem profundamente católico e, na altura, determinados sectores do catolicismo também permitem compreender a postura dele relativamente à I República, que começa a ser apelidada de jacobina, portanto republicanos igual a jacobinos contra o catolicismo».

Lina Madeira acredita que quando Aristides de Sousa Mendes, na sua defesa, diz que preferia ficar do lado de Deus contra os homens do que do lado dos homens contra Deus, era sincero. «Ele terá sido levado a agir como agiu pelos seus princípios. É-lhe instaurado o processo e ele vai alegar sempre que agira em conformidade com os seus princípios, que achava, inclusivamente, que eram os princípios que melhor espelhavam a maneira de ser portuguesa».

O facto é que salva a vida a milhares de pessoas. «Se não fosse ele teriam morrido. Ele permite que esses mesmos refugiados possam atravessar a Espanha e depois entrar em Portugal. Um pouco depois, na imprensa portuguesa, começam a surgir notícias em favor do acolhimento, da hospitalidade portuguesa. Indo ao encontro dos princípios católicos, a nação tinha conseguido e sabido receber todos aqueles refugiados. Nunca se fala no nome dele». O próprio Salazar, como recorda Lina Madeira, «vem valer-se da boa impressão com que se fica entre as nações aliadas por esse mesmo acolhimento que é feito. Em abono da verdade, se não tivesse sido Aristides de Sousa Mendes, eles não tinham cá chegado».

No entanto, apesar de incluir tudo isso na sua defesa, de nada lhe valeu. «Será sempre a questão da desobediência que é salientada e que faz com que ele acabe por ficar na disponibilidade e depois aguardando indefinidamente a aposentação».

Apesar do seu gesto ter sido «profundamente humanitário», à luz dos preceitos do Ministério, foi de facto uma desobediência. ■

Amaral, N. (2004, abril 2). Governo quer envolver mecenas na reconstrução da casa de Sousa Mendes.

Público, 13.

Governo quer envolver mecenas na reconstrução da casa de Sousa Mendes

“Há várias entidades estrangeiras que têm uma palavra a dizer, os feitos dele foram universais”, afirmou o ministro da Cultura

NUNO AMARAL

Cinquenta anos depois da morte de Aristides de Sousa Mendes, a fundação com o nome do cônsul português em Bordéus continua a aguardar a conjugação de esforços para requalificar a casa do diplomata, em Cabanas de Viriato. Aristides de Sousa Mendes, conhecido como o “anjo de Bordéus”, foi contra as ordens de Salazar. Entre 17 e 19 de Junho de 1940, trabalhando dia e noite, emitiu visto de entrada em Portugal a todos quantos o solicitassem, estimando-se hoje que tenham sido cerca de 30 mil os que o obtiveram, dez mil dos quais de origem judia.

A família e a fundação criada em 2000 com o nome do cônsul admitem que “teoricamente” a justiça foi feita para com Aristides de Sousa Mendes, mas defendem que o Estado português devia agora apoiar a reconstrução da Casa do Passal, em Cabanas de Viriato (Carregal do Sal), onde passava férias na companhia dos 14 filhos.

O ministro da Cultura, Pedro Roseta, garantiu ontem em Viseu que o Governo vai estudar o projecto de requalificação da Casa do Passal. “Recebi há poucos dias uma representação da fundação Aristides de Sousa Mendes, e portanto agora vamos estudar ver o que se pode fazer”, salientou no final de uma cerimónia comemorativa do 50º aniversário da morte do diplomata, falecido a 3 de Abril de 1954, organizada pela Confraria de Saberes e Sabores da Beira “Grão Vasco”. Roseta vincou que em breve tenciona visitar a casa de Caba-



Aristides de Sousa Mendes

nas de Viriato, frisando que não pode ser apenas o Estado a suportar os custos da reconstrução. “Não será evidentemente de um dia para outro e terá de haver também um financiamento de várias entidades, de algum mecenato e eventualmente entidades estrangeiras”, expôs.

Na antiga casa do Cônsul, a Fundação Aristides de Sousa Mendes pretende instalar um museu dedicado ao holocausto. Roseta sublinhou que além da reconstrução da casa, é fundamental “a afirmação da memória” e do exemplo “do herói português” até porque a figura do “Schindler português” tem a ver com questões “ligadas a direitos humanos, justiça, educação e a muitas outras áreas”. “Para além daquilo que os portugueses lhe devem como farol de humanidade, julgo que há também muitas outras na-

cionalidades que são devedoras da acção de Aristides de Sousa Mendes, são eles que têm reconhecido”, argumentou. “Ele é um homem para todos os tempos e para toda a humanidade”, reforçou.

Depois de Aristides de Sousa Mendes ter abandonado a casa, devido ao grande número de dívidas contraídas, esta foi adquirida em hasta pública por 200 contos, por credores, dois comerciantes que depois a venderam a uma pessoa de Coimbra, em 1970. Neste período chegou a albergar um aviário numa das suas alas.

Em Março de 2001, a Fundação Aristides de Sousa Mendes adquiriu a casa e o que restava da quinta, com o contributo do então o ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama. O preço final da compra, de 128 mil contos, integra os 15 mil da indemnização paga pelo Estado à família, que a doou à fundação.

Depois de passar os vistos a cerca de 30 mil pessoas perseguidas pelos nazis, Sousa Mendes foi chamado a Lisboa por Salazar a 24 de Junho. Salazar acusa o então cônsul de Bordéus de concessão abusiva de vistos a estrangeiros e instaurar-lhe um processo disciplinar que acaba por resultar, na prática, na expulsão da carreira diplomática. “Salazar condenou Aristides à pobreza e à fome como vingança”, disse ontem Fernando Amaral, antigo presidente da Assembleia da República. Também presente na cerimónia, a encarregada de Negócios da Embaixada de Israel em Portugal, Irit Savion, realçou que “aquele que preserva a vida de uma pessoa é como se preservasse o mundo inteiro”. “Lamento que o nome desse grande herói português, a quem estamos todos agradecidos, não seja tão conhecido como Schindler e Raoul Wallenberg apesar de os seus feitos terem sido semelhantes”, vincou Irit Savion. ■

VISEU

Reconstruir casa de Sousa Mendes

O ministro da Cultura, Pedro Roseta, garantiu ontem que o Governo vai estudar a possibilidade de financiar a reconstrução da casa de Cabanas de Viriato que pertencia ao cônsul Aristides de Sousa Mendes, actualmente em ruínas.

«Alguma coisa terá de se fazer para marcar a memória de Aristides de Sousa Mendes», disse Pedro Roseta em Viseu, no final de uma cerimónia comemorativa do 50.º aniversário da morte do diplomata. O governante referiu que apenas recentemente teve conhecimento da intenção da Fundação Aristides de Sousa Mendes de recuperar a Casa do Passal para instalar um museu dedicado ao holocausto.

Presente na sessão, a encarregada de Negócios da Embaixada de Israel em Portugal, Irit Savion, lembrou que Aristides Sousa Mendes, pai de 14 filhos, arriscou a carreira e a vida da sua família, desobedecendo a ordens de Salazar para salvar 30 mil refugiados.

Sousa Mendes (1954-2004)

ANTÓNIO
VALDEMAR
Redactor do DN



Cinquenta anos depois da morte de Sousa Mendes, voltou a ser recordada a memória do cônsul de Portugal que, no período da guerra de 1939 a 1945, se destacou por emitir vistos a milhares de judeus, perseguidos pelos nazis. As homenagens em Portugal e no estrangeiro abrangeram uma rua a inaugurar em Coimbra, no seguimento da proposta de Reis Torgal; e, também, a atribuição do nome a uma escola secundária em Bordéus e de uma rua em Belges, nos

arredores daquela cidade do Sudoeste da França.

As homenagens em Bordéus estão associadas ao local onde Sousa Mendes exerceu funções consulares e conseguiu salvar os judeus da tragédia do Holocausto. Relativamente a Coimbra ficou a dever-se, entre outras circunstâncias, ao facto de ter sido dos alunos mais distintos da Universidade.

De 1902 a 1907, Aristides de Sousa Mendes frequentou a Faculdade de Direito. Pertenceu a uma geração da qual fizeram parte personalidades relevantes da política, do magistério universitário e de vários domínios da cultura. Pouco antes já se haviam licenciado figuras com a dimensão intelectual de Teixeira de Pas-

coas, Afonso Lopes Vieira, Augusto Gil e Alberto Costa, o ainda e sempre celebrado autor d'*O Livro do Doutor Assis*, o mais audacioso e contundente libelo contra o formalismo universitário.

Pertenceu Aristides de Sousa Mendes ao curso de, por exemplo, António Granjo, Álvaro de Castro, Luís da Câmara Reis. Numa investigação a que procedemos nos Anuários da Universidade, verificámos que, juntamente com Luís Ribeiro (a quem Nemésio chamou «alma e consciência dos Açores»), foi sempre classificado com 16 valores. Apenas alcançaram notas mais altas José Gabriel Pinto Coelho e Luís da Cunha Gonçalves (19 valores), José Lobo de Ávila Lima (18 valores) e Fer-

nando Emygdio (17 valores).

Foi colega e contemporâneo de personalidades – as quais, nos anos 30 e 40, editaram um pequeno jornal *A Farça*, com interessantes revelações de Coimbra – que ainda serviram a monarquia nas derradeiras lutas partidárias; ou prepararam o advento da República e intervieram nos diferentes sectores do regime implantado em 1910.

Neste caldo de política e de cultura, não faltaram os que se passaram com armas e bagagens para o salazarismo ou constituíram a espinha dorsal da resistência da oposição democrática. Correndo o risco de omissão involuntária, parece-nos que o único que participou ainda no 25 de Abril terá sido João Sarmento Pimentel.

Já se escreveu muito, mas ainda não se escreveu tudo a propósito de Sousa Mendes.

O recente depoimento do embaixador Carlos Fernandes não foi tão exaustivo quanto esperávamos. Prometeu-nos Humberto Morgado, memória viva do ministério, deixar um testemunho esclarecedor.

O embaixador Albano Nogueira, porventura, último contemporâneo de Sousa Mendes nas Necessidades, poderá, decerto, prestar contributos de incontestável importância, para se conhecer em toda a extensão e profundidade a carreira de Sousa Mendes no Ministério dos Negócios Estrangeiros e as consequências relativas à passagem de vistos.

TRIBUTO

Em memória de um grande homem

YEHIEL YATIV
Antigo embaixador
de Israel em Portugal



Comemoramos este ano o 50.º aniversário da morte de Aristides de Sousa Mendes, um grande homem que num gesto de desobediência, como cônsul de Portugal em Bordéus durante a Segunda Guerra Mundial, decidiu atribuir milhares de vistos a refugiados que fugiam dos horrores da Alemanha nazi. Por ter seguido a sua consciência em vez das instruções do seu Governo, foi expulso da carreira diplomática.

A sua morte em Lisboa, a 3 de Abril de 1954, na destituição e na miséria, de facto enriqueceu o mundo com um importante e duradouro legado. Sousa Mendes morreu na pobreza e na degradação, mas o seu espírito permanece vivo e cada vez mais forte.

Em 1967, foi reconhecido por Israel como sendo um «Homem Justo» e mais tarde foi reabilitado por Portugal e pelo mundo inteiro. A sua reabilitação levantou as questões que este grande homem defendeu, evocou os motivos que motivaram a sua tolerância e a fonte da sua convicção na santidade dos Direitos Hu-

manos. Manifestar estas ideias naqueles dias de iniquidade na Europa, era um acto da mais alta coragem e integridade.

Agora, 50 anos depois, chegou o momento de tentarmos compreender o significado da sua visão e da sua mensagem. O problema que Sousa Mendes defrontou naqueles dias sombrios foi o conflito entre o apelo do dever e o apelo da consciência. As pessoas que estão em lugares em que devem tomar decisões, quer seja na diplomacia, na política ou em qualquer outro domínio, por vezes são confrontadas com o dilema de escolher entre o dever de obedecer às instruções do governo ou seguir uma voz interior que os chama para salvarem o semelhante.

Só a grandeza de um homem com uma firme convicção na transcendência da vida humana permite defrontar tal desafio.

Sousa Mendes era um homem de Deus, um homem de princípios, assim, não teve qualquer dúvida: quando milhares de vidas humanas na Europa estavam em grande perigo, ele deu prioridade ao apelo da sua consciência. Foi uma decisão muito difícil de tomar, mas, no caso de Sousa Mendes parece que, desde o início ele estava convencido de que se tratava da opção certa e estava determinado a segui-la, pois como ele pró-

prio o diz de forma tão simples:

«Era verdadeiramente o meu objectivo salvar toda aquela gente.»

Foi uma decisão corajosa, pois ele sabia que a sua convicção e as suas ideias eram contrárias à política e à realidade que se vivia na Europa e no seu próprio país. Numa Europa paralisada pelo medo, ele estava consciente de que nenhum homem daria a vida para salvar o seu próximo. As forças do mal eram tão poderosas e intimidantes que a palavra esperança não passava de um desejo vão. Sousa Mendes acreditava que podia servir-se da sua posição para gerar uma réstea de esperança e proporcionar porto seguro a milhares de refugiados. Deu um exemplo pessoal e pagou um preço altíssimo. A questão que se coloca hoje é de saber se o seu sacrifício foi em vão ou se, pelo contrário, a lição foi eficaz.

Quando o Parlamento Europeu, num relatório publicado a 31 de Março de 2004, declara que expressões de intolerância, incluindo casos de anti-semitismo, estão de novo a atingir níveis preocupantes na Europa, temos de nos voltar para Sousa Mendes para encontrarmos orientação e aconselhamento. Não há dúvida de que o seu legado é universal, pois ele acreditava que todos aqueles milhares de refugiados deviam ser salvos,

independentemente da raça, religião ou sexo.

É com dor que sentimos a sua falta hoje, mas o seu espírito guiar-nos-á num esforço conjunto para promovermos a sua incomparável herança.

Sempre fui da opinião, mesmo quando estive em Lisboa como embaixador, que a saga de Sousa Mendes deve ser realçada e servir de capítulo fundamental da História e assim educar as gerações futuras. Acredito que no centro do seu legado há uma lição universal para toda a Humanidade.

Portanto, quando fui convidado para a cerimónia de aquisição formal da antiga residência de Sousa Mendes pela família com o objectivo de aí instalarem uma Fundação com o mesmo nome, considerei este acontecimento como o mais importante em que participei durante a minha estadia em Lisboa como embaixador de Israel. Declarei isso mesmo, no meu discurso de despedida, durante o almoço que o Ministério dos Negócios Estrangeiros me ofereceu antes da minha partida, e no qual tive o privilégio de ter como convidada a dr.ª Maria Barroso, presidente da Fundação Aristides de Sousa Mendes. Sublinhei no meu discurso que para termos um futuro mais promissor, devemos aprender

as lições do passado e para tal não há melhor maneira do que transformarmos a Fundação Aristides de Sousa Mendes num centro mundial para a promoção dos direitos humanos.

Os numerosos eventos marcando o 50.º aniversário da morte de Sousa Mendes, através do mundo, indicam já a importância da universalidade da sua mensagem. Este aspecto deverá ser encorajado e reforçado em todos os países que acreditam na preponderância da vida humana.

Em Israel e junto das comunidades judaicas espalhadas por todo o mundo, Sousa Mendes ocupa um lugar especial. Em 2002, o Estado de Israel atribuiu-lhe o título de Cidadão Honorário. A Comunidade Judaica de Londres plantou uma floresta especialmente em sua memória e a 3 de Abril de 2004, as Autoridades Postais de Israel lançaram um selo para comemorar o 50.º aniversário da sua morte. Estes são apenas alguns exemplos do que tem sido feito em Israel e noutros países. Devemos mobilizar apoios a nível mundial para dar à Fundação a oportunidade de criar raízes, para que a memória de Sousa Mendes não seja apenas um capítulo da História, mas antes uma memória viva e uma fonte de inspiração para as gerações vindouras.

A segunda vingança de Salazar sobre Sousa Mendes

Na II Guerra Mundial, um cônsul português em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes, salvou de uma morte quase certa 30 mil refugiados (um terço dos quais judeus) concedendo-lhes vistos para fugirem de França em direcção a Portugal (de onde depois partiram para os mais variados destinos, a maior parte para o EUA). Salazar não gostou. Fez expulsar Sousa Mendes da carreira diplomática. Este foi empobrecendo até morrer na miséria, em 1954. Vendeu a bela mansão de Cabanas de Viriato (concelho de Carregal do Sal, distrito de Viseu).

No penúltimo Governo, Jaime Gama, ministro dos Negócios Estrangeiros, financiou a constituição de uma Fundação Aristides de Sousa Mendes – em cuja administração têm assento dois dos seus netos – que, com o subsídio recebido, comprou de novo a mansão de Cabanas, de há muito só um velho destroço onde as paredes mal se aguentam em pé. A Fundação recebia também um subsídio anual do Ministério da Cultura. Só que este terá sido cortado. Resultado: agora tem a mansão mas não tem dinheiro para a recuperar. Ontem a campanha do PS, com Sousa Franco à cabeça,

foi visitar Cabanas de Viriato e a Fundação, aproveitando para falar de Sousa Mendes como um “exemplo sempre presente” da “luta da Europa boa contra a Europa má”.

Os administradores aproveitaram então para se queixar da falta de dinheiro (um dos netos do cônsul confessou ao PÚBLICO que a comunidade judia ainda não se comprometeu a apoiar a iniciativa). Um deles, precisamente o presidente da Fundação, Luís Fidalgo, queixou-se mesmo da “ironia da História”: aparentemente não falta nem dinheiro nem vontade para, em Santa Comba Dão, a escassos quilómetros de Cabanas de Viriato, reconstruir a “Casa Salazar” (o ditador nasceu nesta vila viseense), no que se pretende vir a ser um museu do Estado Novo. Por outras palavras: há verbas para recuperar a memória de Salazar – como Fidalgo disse, o “carrasco de Sousa Mendes”. Já parece não haver para fazer o mesmo com a obra de um homem que salvou 30 mil almas. Os candidatos do PS a eurodeputados comprometeram-se a tudo fazer para conseguir na Europa financiamentos para a Fundação, nomeadamente ao abrigo de programas de apoio à luta contra o racismo.

Evocação de Sousa Mendes em 30 cidades. (2004, junho 15). *Diário de Notícias*, 17.

Evocação de Sousa Mendes em 30 cidades

Mais de 30 cidades espalhadas pelo mundo prestarão tributo à memória do diplomata Aristides Sousa Mendes na próxima quinta-feira, em «dia de reconhecimento e acção de graças» pela passagem do 64.º aniversário da emissão de vistos a refugiados de guerra pelo então cônsul português colocado em Bordéus.

Trata-se de uma cerimónia ecuménica, a que se associam católicos e judeus, e na qual se evocarão outros diplomatas que seguiram o seu gesto durante a II Guerra Mundial.

Promovido pelo vice-presidente da Fundação Raoul Wallenberg, João Crisóstomo, e pelo Comité Internacional Angelo Roncalli (Papa João XXIII), com o apoio do Vaticano e do Ministério dos Negócios

A iniciativa enquadra-se no programa evocativo do meio século da morte do diplomata português

Estrangeiros portugueses, o dia será assinalado com missas de acção de graças em cidades como Paris, Nova Iorque, Los Angeles, S. Francisco, Caracas e, naturalmente, Lisboa e Bordéus, entre outras na África do Sul, Argentina, Austrália, Bélgica, Luxemburgo, Holanda, Canadá, Espanha e Polónia, bem como nos países de língua oficial portuguesa.

Também na Alemanha se realizam cerimónias associadas a esta jornada de reconhecimento da acção do diplomata português, no âmbito dos encontros de oração judaico-cristãos que, a cada dois anos, decorrem naquele país.

A instituição, a nível mundial, de 17 de Junho como dia de homenagem à memória de todos aqueles diplomatas que, de várias formas, se envolveram no apoio a refugiados durante a Segunda Guerra Mundial constitui, também, um dos objectivos desta iniciativa, enquadrada no programa evocativo do 50.º aniversário da morte de Aristides Sousa Mendes.

O diplomata nasceu em 1885 no distrito de Viseu e veio a falecer em 1954, em Lisboa.

Anexo 92

Barroso, J. M. (2004, junho 17). Aristides de Sousa Mendes - Três dias isolado até tomar a decisão. *Diário de Notícias*, 19.

Perfil

ARISTIDES DE SOUSA MENDES
Diplomata

Três dias isolado até tomar a decisão

«Uma assinatura e salvo-os», terá sido o pensamento mais óbvio de um homem bom, cônsul português em Bordéus, quando, naquela semana de Junho de 1944, decidiu conceder um visto para Portugal a milhares de pessoas reunidas em frente do consulado? Ou terá sido apenas a sua forte consciência cristã? O certo é que Aristides de Sousa Mendes, contrariando ordens de Lisboa, permitiu a 30 mil refugiados do na-

zismo fazerem de Portugal a sua ponte de passagem para a liberdade. Segundo um dos filhos, Sousa Mendes passou três dias isolado, sem falar com ninguém, até decidir a 17 de Junho conceder os vistos: uma simples semana de desobediência ao seu Governo, por uma boa causa. O seu acto de rebeldia viria a ser punido por Salazar, que o demitiu – acabando por morrer na miséria, em 1954. O acto e a sua memória foram reconhecidos e homenageados em Portugal, após o 25 de Abril, em Israel e pelo Parlamento Europeu. Licenciado em Direito, 1907, por Coimbra, Sousa Mendes seguiria depois a carreira diplomática.

HOMENAGEM MUNDIAL A ARISTIDES DE SOUSA MENDES

O «Herói da Europa» que salvou 30 mil vidas

Portugal celebra hoje também a memória do diplomata português que Salazar puniu

■ JOSÉ MANUEL BARROSO

O cardeal patriarca, D. José Policarpo, preside à missa que hoje homenageará, na Sé de Lisboa, pelas 11 horas, a memória do diplomata português Aristides de Sousa Mendes – o qual, há 60 anos, a 17 de Junho, decidiu iniciar a concessão de vistos, para entrar em Portugal, a cidadãos de toda a Europa perseguidos pelo nazismo.

Desobedecendo a ordens recebidas do governo de Salazar, Sousa Mendes ajudou assim a salvar cerca de 30 mil vidas, entre as quais as de cerca de 10 mil judeus. E provocou a abertura das portas de Portugal aos refugiados do nazismo, passando pelo país dezenas de milhares de pessoas cujo destino, na sua maioria, foi os Estados Unidos e o continente americano.

Aristides de Sousa Mendes seria depois punido pelo governo de Lisboa, mas o dia 17 de Junho é hoje o Dia do Reconhecimento, em tributo a todos os diplomatas cuja acção permitiu salvar vidas a judeus e outros cidadãos europeus, durante o Holocausto. Em 1998, Sousa Mendes seria considerado Herói da Europa, em homenagem prestada pelo Parlamento Europeu.

MOVIMENTO. Missas e outros actos religiosos terão hoje lugar em 22

países, lembrando Sousa Mendes e mais uma centena de diplomatas de diversos países – como o sueco Raoul Wallenberg, o americano Hiram Bingham, o chinês Feng Shan Ho, o suíço Carl Lutz, o japonês Chiune Sugihara ou o holandês Jan Zwartendijk, considerados por Israel como «justos entre as nações».

Missas serão celebradas em todo o mundo lusófono e onde há comunidades portuguesas – Aristides de Sousa Mendes era profundamente católico. Ao movimento de homenagem juntaram-se também associações judaicas de duas dezenas de países, uma vez que o diplomata português é considerado também um herói do povo judeu. O cardeal Renato Martino celebrará a missa que terá lugar em Roma, no Vaticano, na qual Portugal estará representado pelos embaixadores na Santa Sé e em Itália.

O movimento mundial de homenagem à memória de Aristides de Sousa Mendes e dos outros diplomatas que salvaram cidadãos da perseguição nazi teve início, no ano passado, em Nova Iorque, sendo dele pioneiro e principal impulsor o português João Crisóstomo, vice-presidente do Angelo Roncalli Committee e da Raoul Wallenberg Foundation.

Integrada também nas comemorações portuguesas do Dia do Reconhecimento, a Fundação Pro Dignitate promove, amanhã (na sua sede à Praça de Estrela, em Lisboa, pelas 18 horas), uma sessão de homenagem ao diplomata, na qual o historiador João Medina falará de «Um justo português, Aristides de Sousa Mendes».



17 DE JUNHO. Desobedecer ao Governo de Lisboa, «por uma boa causa»

Perfil

ARISTIDES DE SOUSA MENDES
Diplomata

Três dias isolado até tomar a decisão

«Uma assinatura e salvo-os», terá sido o pensamento mais óbvio de um homem bom, cônsul português em Bordéus, quando, naquela semana de Junho de 1944, decidiu conceder um visto para Portugal a milhares de pessoas reunidas em frente do consulado? Ou terá sido apenas a sua forte consciência cristã? O certo é que Aristides de Sousa Mendes, contrariando ordens de Lisboa, permitiu a 30 mil refugiados do na-

zismo fazerem de Portugal a sua ponte de passagem para a liberdade. Segundo um dos filhos, Sousa Mendes passou três dias isolado, sem falar com ninguém, até decidir a 17 de Junho conceder os vistos: uma simples semana de desobediência ao seu Governo, por uma boa causa. O seu acto de rebeldia viria a ser punido por Salazar, que o demitiu – acabando por morrer na miséria, em 1954. O acto e a sua memória foram reconhecidos e homenageados em Portugal, após o 25 de Abril, em Israel e pelo Parlamento Europeu. Licenciado em Direito, 1907, por Coimbra, Sousa Mendes seguiria depois a carreira diplomática.

Cardeal evoca grandeza cívica do cônsul. (2004, junho 18). *Diário de Notícias*, 6.

ARISTIDES DE SOUSA MENDES

Cardeal evoca grandeza cívica do cônsul

Arquivo DN-Eduardo Tomé

O cardeal patriarca de Lisboa, D. José Policarpo, realçou ontem a nobreza de carácter e a consciência cívica de Aristides de Sousa Mendes, na missa que celebrou em memória do antigo cônsul de Portugal em Bordéus, França.

Falecido há 50 anos, Aristides de Sousa Mendes contrariou as ordens de Salazar quando, há 60 anos, emitiu vistos de entrada em Portugal a cerca de 30 mil cidadãos europeus, muitos deles judeus, salvando-os assim das forças alemãs de Adolf Hitler. Esta foi a maior operação de salvamento empreendida

por uma só pessoa, durante o Holocausto, o que já lhe valeu o título de «Schindler português».

Na missa que celebrou na Sé Catedral, em Lisboa, o cardeal patriarca afirmou que «Aristides de Sousa Mendes deixou um grande testemunho de coerência e de enorme consciência cívica, tomando decisões corajosas e heróicas ao enfrentar ordens estabelecidas».

«Além da grandeza cívica, Aristides de Sousa Mendes tinha uma consciência motivada pela dignidade da pessoa humana», que pôs «acima da ordem estabelecida, cor-



HOMENAGEM. D. José Policarpo fez elogio do diplomata de Bordéus

rendo os riscos inerentes», disse D. José Policarpo na sua homília.

«A voz da consciência deveria falar sempre mais alto», afirmou o cardeal patriarca, acrescentando que a «interioridade humana deve ser prezada independentemente da religião» de cada um.

Também presente na cerimónia, o líder da comunidade judaica em Portugal, Boaz Pash, considerou que Aristides de Sousa Mendes «simboliza uma forma de vida que todos deveriam ter».

«Mais do que um exemplo, Aristides é um símbolo de consciência e

a consciência tem de surgir antes de qualquer religião e de qualquer interesse», defendeu.

Para o líder da comunidade multicultural em Portugal, Abdool Vakil, Aristides de Sousa Mendes «tem uma dimensão universal e é um exemplo a seguir para todos os homens, independentemente da religião que professam».

Já a presidente da Fundação Aristides de Sousa Mendes, Maria Barroso, afirmou que, «no momento em que o mundo atravessa grandes mudanças, Aristides tem de ser lembrado como uma referência». «Isso é fundamental para terminarmos com as guerras e com a intolerância e caminharmos no sentido do amor e da justiça», disse.

Anexo 95 | Destaque primeira página

Campos, J.L. (2004, junho 25). No encalço do “anjo” que a salvou dos nazis. *Jornal de Notícias*, 3-5.



JORNAL DE NOTÍCIAS
Sexta-feira, 25 de Junho de 2004

3

EM FOCO

ARISTIDES
SOUSA MENDES

MEMÓRIAS ➤ Em Junho de 1940, contra as ordens de Salazar, o cônsul português em Bordéus assinou os passaportes da família Vos. A filha do casal veio a Portugal conhecer mais do seu herói.

HOLOCAUSTO ■■ Eva Veeter soube, há poucos meses, que foi Aristides Sousa Mendes quem ajudou a sua família ■■ Esteve em Portugal para conhecer tudo sobre o “cônsul desobediente”

No encalço do “anjo”
que a salvou dos nazisJoão Luis Campos TEXTOS
Manuel Correia FOTOS

O pai nunca lhes falou dos anos de tortura junto ao rio Kwai, no campo de concentração japonês na II Guerra Mundial. A mãe também não lhes falou muito dos três anos que passaram num campo de refugiados na Indonésia. Faleceu dois meses antes das duas irmãs descobrirem o nome português que lhes “falava” desses tempos idos. Aristides de Sousa Mendes, o “anjo de Bordéus” que lhes salvou a vida, em Junho de 1940.

Eva Neeter, agora com 68 anos, a irmã mais velha do casal Vos, partiu, ontem, de Portugal com o coração cheio de emoções. Levava na bagagem tudo o que conseguiu saber sobre Aristides de Sousa Mendes, alguma tristeza por ter perdido o trabalho do cônsul português foi ensozrado, du-

rante muito tempo, mas vontade de ajudar os familiares de “Aristides”. Partira da Austrália para a Europa para saber mais sobre o seu passado. Dois netos de Aristides de Sousa Mendes contaram-lhe toda a história do “cônsul desobediente”, guiando-a a Cabanas de Viriato.

Depois, rumou a Coimbra, onde, há precisamente 64 anos, os seus pais passaram seis meses “fantásticos”. As pequenas fotos que a mãe guardava com a inscrição “foi este o senhor muito amável que nos ajudou em Coimbra” levaram-na à antiga fábrica de sabão dos Martha, em Santa Clara. Carlos Martha já faleceu, mas sabe-se que acolheu algumas famílias refugiadas. “Deve ter sido ele que os ajudou a comprar o bilhete do barco. O meu pai não tinha di-

nheiro e não trabalhava”, conta Eva, que, aos quatro anos, após a invasão da Holanda das tropas nazis, iniciou uma viagem que teria parado abruptamente não fosse a determinação do cônsul.

Não se recorda de muito pormenor. “Foram muito meses sempre em viagem”, justifica, mas momentos depois exclama: “Lembro-me de passarem os aviões a dispararem e de termos de sair da estrada”. A mesma estrada que a levaria ao Consulado português em Bordéus, numa altura em que Aristides Sousa Mendes já deixara para trás os (poucos) pruridos que a circular 14 – emanada por Salazar – lhe levantara. afirmou então: “A partir de agora, não há mais raças ou religiões... vou dar vistos de entrada para Portugal a todos os que o necessitarem”. Aos judeus Vos, a cumprir-se a circular 14, resultou negado visto. Pouco dias depois, a Alemanha conquistava Paris. A morte era o destino mais certo.

Cunhado escolheu à sorte
um livro sobre o cônsul

■ Foi um puro golpe de sorte. “O meu cunhado foi à biblioteca”, em Melbourne, “e escolheu um livro ao acaso”: “Le Juste de Bordeaux”, de José Alain Fralon. “A minha irmã leu o livro em duas horas e ainda não sabemos porquê foi pegar nos documentos dos meus pais”, explica Eva Neeter, claramente emocionada cada vez que conta esse episódio que mudou o resto dos seus dias. Foi então que descobriu o carimbo, bem visível de Aristides de Sousa Mendes no passaporte da família Vos (foto).

“Ela chegou à minha casa em lágrimas”, conta Eva sobre a irmã mais nova, Anne Kiven. Foi a sua vez de ler o livro num ápice e de gravar na sua memória o nome de Aristides. Sabiam que tinham estado em Coimbra, onde foram “muito bem tratados”, mas

pouco mais. “Só agora conhecemos a nossa verdadeira história”, assume Eva, que imediatamente começou a recolher todo o tipo de informação referente ao cônsul. A viagem à Europa já estava planeada mas Portugal, mais concretamente Cabanas de Viriato e Coimbra, não estavam no roteiro. Passaram a estar. “Para o ano vem a minha irmã”, assume Eva, que regressa cheia de informações para partilhar com Anne.





4 EM FOCO

18 DE JUNHO DE 1895

Aristides de Sousa Mendes nasceu em Cabanas de Viriato, Visão

CURSOU DIREITO EM COIMBRA

Licenciou-se em 1907 e, três anos depois, abraçou a carreira diplomática

AGOSTO DE 1938 EM FRANÇA

Contrariado, vai para Bordéus, depois do Brasil, Bélgica, entre outros

DRAMA ■ A história de Eva tem tanto de fantástico como de trágico ■ Visita terminou com colocação de pedra no túmulo do seu “anjo”

“Toda a sua história é fantástica”, visivelmente entusiasmada com os quatro dias que passou em Portugal, Eva Neeter não pensava obter tantos detalhes, tanta informação sobre o tal “anjo de Bordéus”. Como se fosse possível, afinal foi o homem que os retirou das mãos dos nazis, parte ainda com “mais respeito e admiração” por Aristides “Catorze filhos!”, exclama a cidadã australiana. Mas o maior espanto, como assumiu pouco antes de partir, prende-se com o desconhecimento “deste herói” pela sociedade em geral. O seu marido, Robert, ele também alvo da fúria nazi (ver caixa), resume o porquê da sua surpresa. Mais, da sua sincera indignação. “Thomas Keneally (um escritor australiano) foi aos Estados Unidos. Um dia comprou uma mala e na loja contaram-lhe uma história verdadeira sobre a II Guerra Mundial. Voltou e escreveu o livro ‘Lista de Schindler’ que depois passou a filme pelas mãos de Steven Spielberg. Mas Schindler salvou alguns milhares de judeus enquanto Aristides terá salvo 30 mil pessoas, entre as quais 10 mil judeus. E ninguém sabe disso?” Uma pergunta que ganha mais força quando, já em Cabanas de Viriato, os netos do cônsul, Álvaro e António de Sousa Mendes, esticam os braços e dizem: “era aquela a casa dele”.

Apesar da acentuada degradação do palacete, Eva faz questão de ver todos os pequenos recantos. Como se estivesse a montar as peças de um puzzle. Um puzzle de que os pais não chegaram a ter consciência. “Se tivéssemos sabido disto antes, a minha mãe tinha vindo cá. De certeza”, refere, lamentando ainda os muitos pormenores que Rosine Berthe Vos lhes poderia ter narrado. “Ela tinha uma memória fantástica, apesar dos seus mais de 90 anos”, refere, orgulhosa, a filha mais velha. Arrependida, porém, de nunca ter “puxado” pela história. Talvez, atêinconscientemente, evitando reabrir velhas chagas que os anos foram tentando sarar. Judeus, em Maio de 1940,

Personagem real



A degradação avançada da casa onde Aristides Sousa Mendes criou os seus 14 filhos impressionou Eva, que promete tudo fazer para angariar fundos para a sua restauração.

Robert foi colega de escola de Anne Frank na Holanda

■ Entre o presente (o trabalho que está a ser feito para honrar a memória do cônsul) e o passado (a viagem da família Vos da Holanda até Melbourne), as conversas com Eva e Robert cruzam-se com muitos filmes, livros, etc. Algo que ambos utilizavam para tentar dizer que “era mesmo assim, como vimos no cinema ou na televisão”. Aliás, Robert Veeter, agora com 74 anos, tem também ele a sua “história”. Nascido em Amsterdão, foi colega de escola de Anne Frank. “Morávamos na mesma zona, tínhamos a mesma idade e andávamos na mesma escola”, refere “Bob”. Só quando leu o livro se apercebeu da triste coincidência, embora admita não se recordar na menina que es-

creveu um diário nos dois anos em que esteve escondida num refúgio com oito pessoas. Robert também andou escondido, mas nos arredores de Amsterdão, andando de um lado para o outro. Sabe, quer dizer, imagina, que a mãe morreu, como muitos milhares de perseguidos, em Auschwitz e admite que o pai também, mas também disso “não há certeza”. Talvez por isso, tenha apoiado desde o primeiro minuto a viagem até Cabanas de Viriato e Coimbra e agora assumo o desejo de apoiar a Fundação Aristides de Sousa Mendes. “Vamos fazer tudo para divulgar a sua história e juntar dinheiro para recuperar a casa”. Eles próprios, garantem, vão dar o exemplo.

após a queda da Holanda, fizeram-se à estrada. Elias Vos negociava relógios mas deixou tudo para trás. Tinham Portugal como ponto de embarque para a América e o destino quis que passassem por Bordéus. O livro que despertou as irmãs Vos para a história refere que, dias antes da data do visto a esta família, o cônsul tinha recebido uma resposta negativa, de Lisboa, à autorização solicitada ao rabino Kruger e família. Após uns dias fechado no quarto, iniciou aquilo que o historiador Yehuda Bauer classifica de “a maior acção de salvamento levada a cabo por uma só pessoa durante o Holocausto”. A mesma pessoa que vivera na casa que Eva agora visitava. “Aqui era a sala de fumo. Deste lado ficavam as meninas, do lado delá os rapazes”, vão contando os dois netos. Ainda em Cabanas de Viriato, visitou-se o jazigo onde se encontra o cônsul. Um momento de reflexão que termina com Eva e Robert a colocarem uma pedra sobre o caixão de Aristides. Álvaro e António, num gesto solidário, fazem o mesmo.

Coimbra foi paragem do casal Vos durante seis meses. A foto que Eva trazia era de Agosto de 1940. Era de uma antiga fábrica de sabão, explicámos-lhe. O homem na foto que segura na irmã de Eva ao colo, é Carlos Martha, de uma conhecida família da cidade. A fábrica já foi substituída por apartamentos, mas uma estrela de David no passeio fá-la reflectir “Sabão diz-me alguma coisa”, afirma, num exercício hercúleo de recuar 60 anos no calendário. “Provavelmente”, afirma, não são os Martha a ajudar os Vos na compra do bilhete para a América, mas a falta de visto recusado biou-os para a Ásia, mais concretamente para Jacarta, onde, dois anos depois, seriam presos pelos japoneses. Elias foi para um campo de concentração na zona do Kwai, Rosine e as duas filhas passaram três anos num campo de concentração na Indonésia. A família reuniu-se em Melbourne todos estes anos de sofrimento e foram motivo de muita conversa. Não conheceram, assim, a história do “anjo” que os salvou.

Campos, J.L. (2004, junho 25). No encalço do “anjo” que a salvou dos nazis. *Jornal de Notícias*, 3-5.

JORNAL DE NOTÍCIAS
Sexta-feira, 25 de Junho de 2004

EM FOCO 5

➔ **HISTÓRICO**
JUNHO
DE 1940 Contra Salazar passa vis-
tos que salvam refugia-
dos da II Guerra Mundial

➔ **ESTADO**
NOVO
CASTIGA-O Como punição, é afasta-
do da diplomacia: os 14
filhos têm de emigrar

➔ **UMA MORTE** Morre em 1954, em
SEM GLÓRIA Lisboa, longe dos filhos
NA MISÉRIA sem dinheiro

al de novela de horror

angustiosos que a recuperem

Um livro sobre a vida do cônsul mudou a vida da australiana

De Coimbra apenas tinha poucas
fotos. Eva é a menina mais velha.
Com a ajuda do JN, soube quem foi
a família que a ajudou durante seis
meses. Na foto da esquerda, é
Carlos Martha quem segura ao colo
a pequena Anne, que, 60 anos de-
pois, descobriria toda a história

O futuro

REABILITAÇÃO

Fundação tenta recuperar o palacete

Os netos António e Álvaro guiaram o casal Veeter

■■■ Criada em Fevereiro de 2000, a Fundação Aristides de Sousa Mendes (FASM) tem como principal objectivo divulgar ao máximo a história do “cônsul desobediente”. Álvaro de Sousa Mendes preside à fundação e, a par com o seu primo António, guiou Eva pelo passado do avô. “Há muitos casos como este. São recordações penosas em que as pessoas não mexem muito e acabam por nunca saber quem e como as salvou”, frisa, explicando que assim as “pessoas não ligam uma coisa com a outra”. A dinamização da Casa Museu Aristides de Sousa Mendes poderá ser a âncora para a maior divulgação daquele homem. O antigo palacete em Cabanas de Viriato, hoje muito degradado (até galinhas já a usaram como casa), foi readquirido pelos Sousa Mendes com o apoio do Estado e da própria família que entretanto recebera uma indemnização pela injustiça de que Aristides Sousa Mendes foi alvo. Moral e legal. O cônsul foi suspenso por um ano e, no final desse período, teria direito a uma reforma que nunca viria a receber, terminando a sua vida na miséria. “O Governo de Salazar nunca permitiu que o nome de Aristides viesse cá para fora”, afirma o seu neto, que recorda, com pesar, as notícias, já em 1945/46, na “Ti-

mes”, onde se referia que “Portugal tinha sido um país extremamente hospitaleiro ao dizer que tinha salvo milhares de refugiados, mas havia um encombimento total do cônsul”. Só após o 25 de Abril, continua Álvaro, os jornalistas começaram a publicar trabalhos sobre o seu avô: “Primeiro no ‘Diário Popular’, depois no ‘Diário de Lisboa’ e outros os seguiram”. Em 1988, o cônsul foi reconhecido e reabilitado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros e, em 1995, Mário Soares atribuiu-lhe a Grã-Cruz da Ordem de Cristo, mas, agora que se assinalam os 50 anos da sua morte, os netos entendem que esta reabilitação “ainda não está terminada”. Serão necessários, assume o presidente da FASM, 2,5 milhões de euros para recuperar a casa de família, para onde os netos têm um projecto muito ambicioso, mas ainda poucos fundos. Segundo Álvaro de Sousa Mendes, o palacete “terá um museu do holocausto, até porque não existe nenhum em Portugal, um museu sobre o cônsul, uma biblioteca, um centro de memória e arquivo de documentos disponíveis para investigadores, portugueses e estrangeiros”. A ideia será a de eriar, ainda, um Centro de Estudo de Direitos Humanos, em Cabanas de Viriato.

PONTO DE VISTA

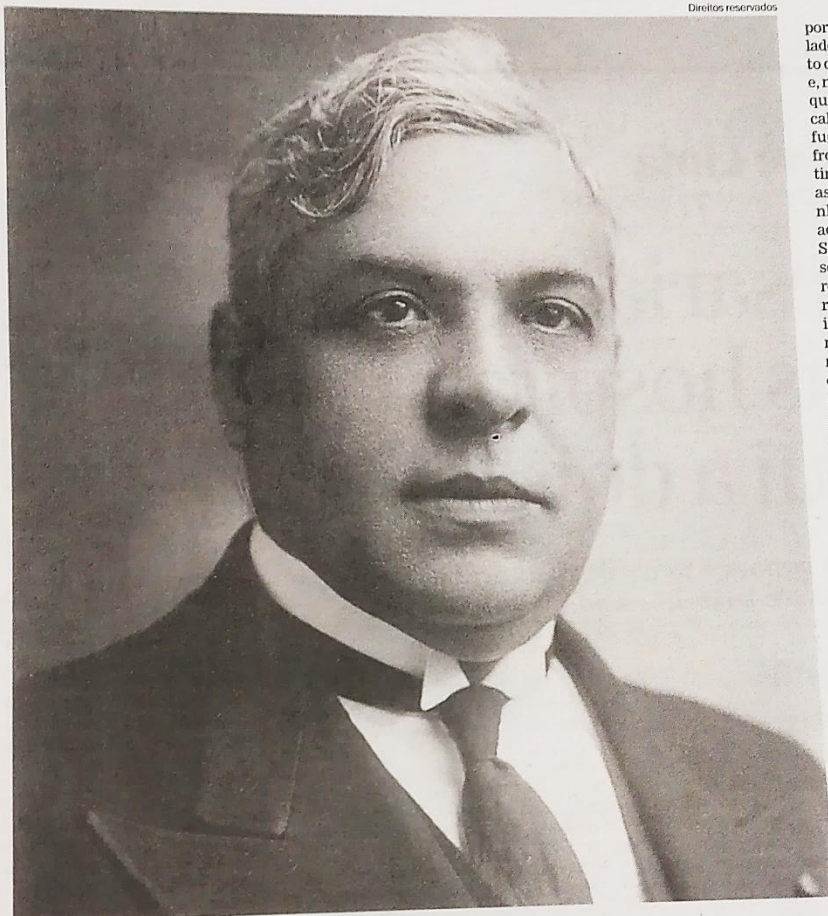
Nota de culpa de 1 de Agosto de 1940

BERNARDO RIBEIRO DA CUNHA
Diplomata
Docente universitário



Este ano comemora-se o cinquentenário da morte de Aristides de Sousa Mendes, o cônsul português que, em Junho de 1940, salvou milhares de refugiados da invasão alemã da Bélgica e França.

Extractos do processo que lhe foi movido no Ministério dos Negócios Estrangeiros ajudam-nos a perceber melhor os contornos da actuação do cônsul. O diplomata Calheiros e Menezes, na qualidade de testemunha de defesa, arguiu que Aristides de Sousa Mendes tinha diante de si as «súplicas e as implorações de tantos desgraçados, apavorados com a aproximação do invasor e o justo medo do campo de concentração, ou ainda pior, do fuzilamento... Eram milhares de pessoas angustiadas que tinham sido metralhadas ou bombardeadas na fuga. É neste ambiente, afigura-se ao depoente, que tem de ser vista e julgada a atitude do arguido». Já a acusação, a cargo de outro conhecido diplomata, concluiu que: «De tudo o que ouvi (...) deixou-me a impressão de um homem perturbado e fora do seu estado normal. Mostrou não ter a mais ligeira noção dos actos cometidos e disse não possuir quaisquer instruções contrárias ao procedimento que seguira.» Um parêntesis: porque é que os refugiados se concentravam diante do Consulado de Portugal em Bordéus, quando o que pretendiam era entrar em Espanha para escapar ao exército invasor alemão? A razão era simples: as autoridades espanholas apenas deixavam entrar pessoas em trânsito, que tivessem previamente obtido visto para entrada em Portugal. Assolada por três anos de guerra civil, a Espanha franquista e germanófila não queria refugiados. Só aqueles que podiam provar, com um visto português, que não tinham a intenção de permanecer no seu território eram autorizados a entrar. Por isso, o cônsul espanhol



Direitos reservados

remetia os refugiados para o Consulado português em Bordéus.

Face às instruções hierárquicas que determinavam a impossibilidade de concessão de vistos «aos judeus expulsos dos países da sua nacionalidade ou de aqueles de onde provêm», Aristides de Sousa Mendes poderia ter dito aos refugiados quanto lamentava a posição espanhola, mas que nada podia fazer. Podia ter «davado as mãos» da questão e imputar às autoridades de ou-

tro país a impossibilidade de atravessar a fronteira. Não o fez. Não por falta de consciência das consequências, mas porque, nas suas palavras, registadas no processo instrutório, «era realmente meu objectivo salvar toda aquela gente cuja aflicção era indescritível (...) Não podia eu fazer diferença, (...) visto obedecer a razões de humanidade que não distinguem raças, nem nacionalidades».

E acrescentou: «Posso ter erra-

do. Mas, se errei, não o fiz com intenção, tendo procedido sempre segundo os ditames da minha consciência que... nunca deixou de me guiar no cumprimento dos meus deveres, com pleno conhecimento das minhas responsabilidades.»

Nos dias 17, 18 e 19 de Junho de 1940, Aristides de Sousa Mendes e dois dos seus filhos mais velhos emitiram em Bordéus milhares de vistos em passaportes colectivos de refugiados. Mas o cônsul não se dá

por contente. Dirige-se ao Consulado de Portugal em Bayonne, junto da fronteira franco-espanhola, e, na qualidade de superior hierárquico, intima o receoso cônsul local a passar vistos à população em fuga. Desloca-se ainda à cidade fronteiriça de Hendaye, onde continuou a fornecer vistos. Quando as autoridades fronteiriças espanholas finalmente deixaram de aceitar os vistos por ele passados, Sousa Mendes acompanhou pessoalmente um grande número de refugiados através da fronteira para lhes assegurar a passagem. É impossível estabelecer os números exactos, mas estimam-se em mais de 20 mil os refugiados que conseguiram fugir de França, atravessar o território espanhol e entrar em Portugal graças aos vistos de Sousa Mendes.

Aristides de Sousa Mendes pagou caro a sua opção e, tal como outras grandes figuras da nossa história, morreu sem rendimentos e sem o reconhecimento que lhe era devido pelo País.

Em 1998, as autoridades portuguesas finalmente procedem à reabilitação oficial de Aristides de Sousa Mendes, reintegrando-o na carreira diplomática com a categoria de embaixador e condecorando-o com a Ordem da Liberdade. Falta, no entanto, recuperar a Casa do Passal, antiga residência do cônsul em Portugal, que ficou ao abandono, e nela instalar a Fundação Aristides de Sousa Mendes. Só assim se poderá apagar definitivamente o teor do parágrafo nono da nota de culpa, emitida a 1 de Agosto de 1940 no âmbito do processo disciplinar mandado instaurar pelo ministro dos Negócios Estrangeiros: «A atitude do arguido deu lugar a uma situação desprestigiante para Portugal perante as autoridades espanholas e as alemãs de ocupação.» Cinco anos depois, o desprestígio perante a ocupação transformava-se em prestígio diante da liberdade e da democracia. Mas, para Aristides de Sousa Mendes, ainda tarda cumprir-se este reconhecimento.

bjrc@oninetspeed.pt

PATRIMÓNIO

Um gesto de alerta em memória de Sousa Mendes

Grupo de voluntários procede a pequenos arranjos na arruinada casa do diplomata

■ MARIA JOÃO PINTO

Num mundo ideal, o trabalho voluntário que hoje se iniciará em Carregal do Sal não seria, sequer, necessário. Mas, no mundo real, opera-se na esfera do possível – e, quando a alma não é pequena, do que está para além dele. Mais do que palavras de circunstância, um grupo de voluntários oferecerá o seu tempo para proceder, nos próximos dias, a acções de limpeza e a pequenos arranjos na arruinada casa de Aristides de Sousa Mendes em Cabanas de Viriato. E «mostrar que é possível fazer alguma coisa».

Intervenções de carácter reversível que visarão, sobretudo, cobrir provisoriamente vãos de portas e janelas e o telhado do imóvel, que em parte colapsou – um simples gesto para prevenir que um novo inverno destrua um pouco mais dos interiores da casa, em particular os do último piso, que se desenvolve em mansarda. Entre os participantes nesta jornada estão João Crisóstomo e António Rodrigues, dois portugueses há largos anos radicados nos Estados Unidos e que,

já antes, mesmo longe do seu País, haviam movido montanhas em matéria de intervenção cívica em prol das gravuras do vale do Côa, da causa de Timor e, mais recentemente, da memória de Aristides de Sousa Mendes. Como referiram ao DN, «vamos mostrar que é possível fazer alguma coisa e sensibilizar as pessoas – muitas não imaginam, sequer, o estado terrível em que a casa de Aristides de Sousa Mendes se encontra. A verdade é que não se pode esperar mais um dia».

Uma «acção simbólica» e um simples gesto no ano do cinquentenário da morte do diplomata, e que é, também, um apelo a quem puder ajudar: devoluta há largas décadas, a Casa do Passal está hoje na posse da fundação instituída em memória de Sousa Mendes, mas a organização, constituída em 2000, não dispõe de meios financeiros para, sozinha, dar corpo ao projecto que sonhou: recuperar o imóvel e fazer dele uma casa-museu com valências complementares de centro de estudos na área dos direitos humanos, como lembrou ao DN Mariana Abrantes de Sousa, economista e presidente da Soroptimist International em Portugal, que, como voluntária, está também a ajudar a fundação.

A aquisição da casa, apoiada pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros e formalizada em 2001 (por 600 mil euros), absorveu o



EM RISCO. Casa do Passal está em situação extraordinariamente precária

grosso das verbas de que a fundação dispunha, lembra Mariana de Sousa, «estimando-se que o projecto da casa-museu ascenda a quatro milhões de euros».

Casa-museu a partir da qual irradiariam outras acções, em particular junto da comunidade escolar, tirando também partido da localização da casa, virada, a nascente, para os horizontes da serra da Estrela. Horizontes de liberdade como os que o antigo cônsul de Portugal em Bordéus ofereceu, por sua conta e risco, a mais de 30 mil refugiados na II Guerra Mundial. Alguns deles estiveram nessa casa, construída em Oitocentos.

«Uma história extraordinária, comvente e mobilizadora», que a fundação tem procurado difundir

Projecto de casa-museu ascende a quatro milhões de euros, verba de que a fundação está longe de dispor

junto dos ensinamentos básicos e secundários ou participando em parcerias como a que estabeleceu com o Instituto Português do Sangue, visando a recolha de 30 mil dádivas. José Cymbron, docente universitário, recorda, a este propósito, o painel que alunos e professores da escola de Cabanas de Viriato conceberam, figurando uma frase muito simples, mas eloquente: «Queremos dar sangue novo à casa de Aristides de Sousa Mendes». Não como unidade hoteleira – como quase esteve para acontecer nos anos 90 –, mas como o lugar que é seu por direito.

A acção humanitária do diplomata está a ser presentemente evocada em duas exposições, na Biblioteca Nacional, em Lisboa, e na Câmara de Carregal do Sal.

Casa está em vias de classificação

■ M. J. P.

A Casa do Passal encontra-se em vias de classificação há quatro anos, mais concretamente desde 20 de Junho de 2000, data do despacho de abertura do processo. Apesar de, juridicamente, beneficiar de garantias de protecção idênticas às de um imóvel cuja classificação foi já formalizada, a verdade é que vários anos de espera podem ser anos de mais para bens em situação crítica e que não foram, sequer, objecto de uma intervenção de emergência.

Longe de ser caso isolado – no seu estado e nesta espera –, o drama da casa de Aristides de Sousa Mendes ilustra bem a necessidade, há largos anos sentida, de agilizar os procedimentos de classificação em Portugal – grande parte dos quais do mero foro administrativo –, mantendo, naturalmente, critérios de rigor na avaliação.

No mais recente número da revista *Património – Estudos*, publicada pelo Ippar, e dedicado à área da salvaguarda, um artigo elaborado por técnicos da Direcção Regional de Lisboa do instituto lembrava, justamente, que «a tramitação

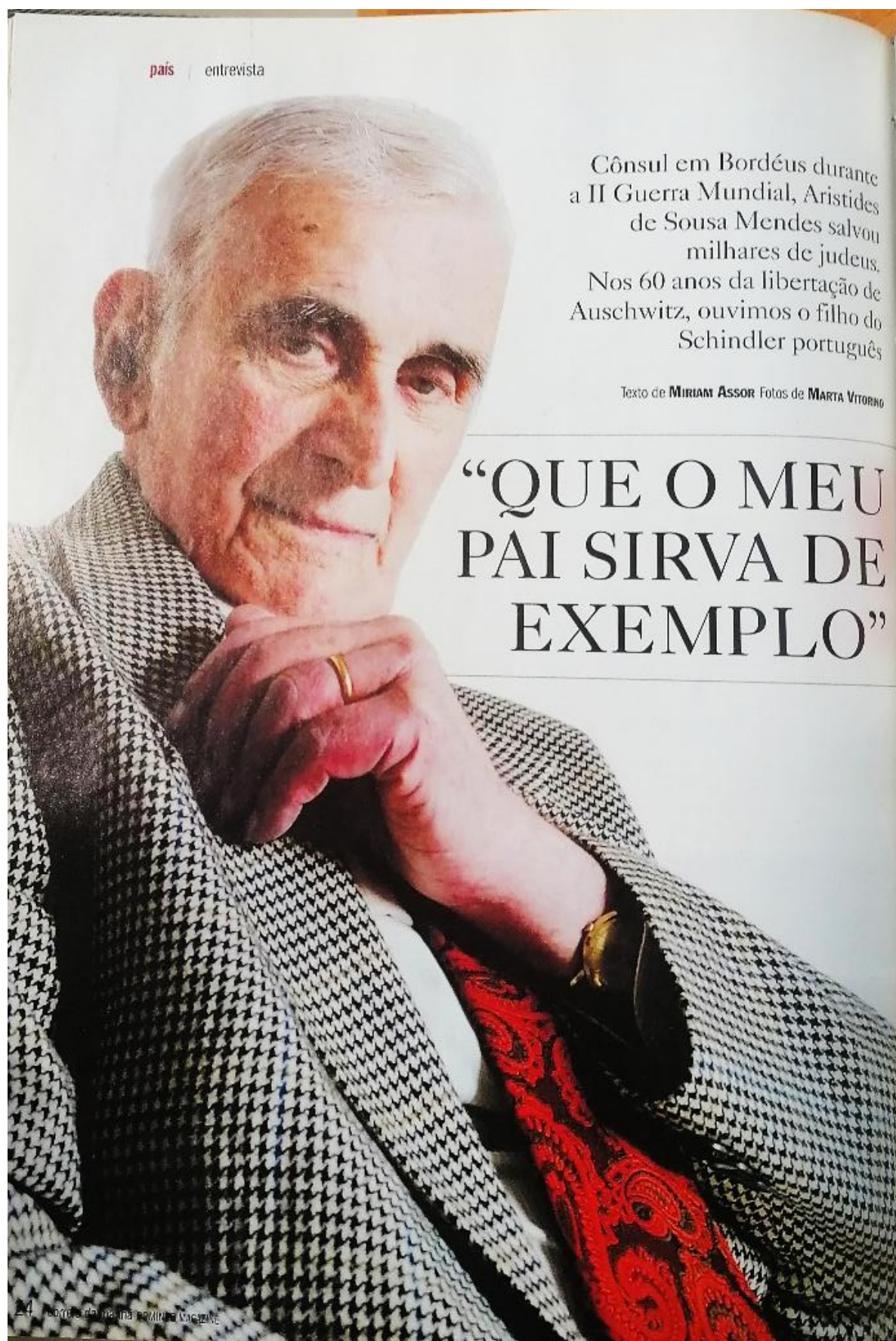
de um procedimento de classificação é hoje demasiado morosa» em Portugal. Da proposta de classificação de um bem à publicação do diploma legal que o atesta em *Diário da República*, há 13 etapas a cumprir, algumas delas «não dependentes do Ippar» e cujos tempos de aplicação ultrapassam em muito o cerne do processo – a apreciação técnica do bem (ou conjunto de bens) em presença e do seu valor.

Entre notificações, audições, editais e eventuais reclamações, não será de estranhar a «dificuldade em cumprir os prazos estabelecidos» legalmente. Um procedimento de classificação, lembram os autores, «deve ser concluído no prazo máximo de um ano» (passível de prorrogação «por mais um, no caso de conjuntos e sítios»). A realidade é, porém, bem diferente.

Mas o estado da Casa do Passal remete-nos, também, para uma outra questão: o desprezo a que a arquitectura civil de finais do século XIX/alvares do século XX continua a ser votada em Portugal. Arquitectura ligada, em tantos casos, a figuras-chave da sua História.

Anexo 98

Assor, M. (2005, janeiro 23). “Que o meu pai sirva de exemplo”. *Domingo Magazine*, 24-27.



Assor, M. (2005, janeiro 23). "Que o meu pai sirva de exemplo". *Domingo Magazine*, 24-27.

Pedro Nuno é o filho de Aristides de Sousa Mendial estava em Bordéus e desobedeceu às ordens de Salazar, seladas na Circular 14 – o despacho que proibia os diplomatas de conceder vistos a judeus e a quem estivesse no escopo nazi. A atitude dele levou a que pelo menos dez mil judeus não entrassem no matadoiro nacional socialista. O Estado Novo não lhe perdoou; expulsou-o do corpo diplomático, deixou-o sem vencimento e fê-lo cair na miséria.

Os oitenta e muitos anos não atropelam a memória de Pedro. Descreve o que viu em Bordéus: uma enchente de refugiados que trazia a aflição no semblante. Relata a angústia sentida pelo seu pai, em vésperas de arriscar a carreira e o sustento dos seus catorze filhos. Recorda os três dias de Junho, em que as portas do consulado ficaram escancaradas para que o pai passasse compulsivamente vistos.

Quando a PIDE chegou à cidade francesa, Aristides já tinha saltado a fronteira para seguir a promessa: salvar mais pessoas. É nesta altura que Pedro regressa a Portugal. Mas por pouco tempo: o nome da sua família tinha entrado no índice nacional, e os filhos de Sousa Mendes seriam obrigados a emigrar para sobreviver.

Foi o que fizeram. Uns partem para os Estados Unidos da América e Canadá, Pedro opta por África, onde ficou cerca de vinte anos.

entrevista | país

Pedro Nuno

filho de Aristides Sousa Mendes



Logo que a II Guerra Mundial estalou, os seus irmãos vieram para Portugal. Qual foi a razão de ter sido o único filho de Aristides de Sousa Mendes a permanecer em Bordéus?

Eu tinha vinte anos, frequentava o 3º ano de Direito e adorava os meus estudos. A minha vida académica estava no auge e não podia largar a tão desejada carreira de advogado. No princípio da Guerra, ainda ficou a morar connosco um irmão, mas ele não suportou aquele ambiente horripilante. Uma atmosfera que ia ficando cada vez mais pesada e insuportável.

Como descreve o ambiente?

Era uma fatalidade, uma tragédia. Grávidas, velhos, crianças, homens, mulheres, que estavam em doloroso estado de desespero. Numa aflição agonizante. Num sofrimento brutal. Bordéus estava inundado de refugiados. Estas pessoas não queriam viver. Viver. Tenho a certeza que não haverá diferença entre o que é o inferno.

mas não quis trocar o horror pela paz portuguesa.

Como seria eu capaz de me ir embora? Não queria deixar o meu pai e a minha mãe.

Ele reagiu imediatamente a este cenário?

O meu pai, que já estava cansado de tantas contrariedades, acabou por ficar doente.

As "contrariedades" eram o facto de Salazar não ter gostado de alguns vistos concedidos pelo seu pai antes de 1940?

Ele entendeu de pronto que estava diante de uma questão meramente humanitária e, como a vida de seres humanos dependia exclusivamente do seu carimbo, da sua assinatura, decidiu que tinha que conceder vistos sem a autorização do governo português. Já nessa ocasião percebeu o que viria atrás. Ele sabia perfeitamente qual seria a atitude de Salazar e, como tal, ainda ficava mais triste e mais doente. Mas nunca teve medo.

E foi repreendido por Teotónio Pereira, o então embaixador de Portugal em Madrid.

Pois foi, mas de nada serviu esse puxão

de orelhas. O meu pai, mesmo consciente do enorme risco que corria, decidiu salvar todas as criaturas que podia.

A descomunal concessão de vistos surgiu em meados de Junho?

Sim, foi nesse mês que a situação ficou totalmente inumana. E se em Bordéus já havia um mar de gente afilta, em Junho houve uma avalanche de tormento. Milhares de refugiados com a angústia gravada nos rostos. Procuravam uma coisa que agora pode parecer simples, mas naquele tempo era deveras impossível: viver.

Os refugiados concentravam-se em que lugares?

Em todos os lados. Não havia uma esquina, um canto onde eles não estivessem. As suas caras eram assustadoras. Precisavam de viver e não sabiam se seria exequível. A fila que ia dar ao consulado era infinita. Sem fim. Gente, gente e mais gente. É incalculável, inenarrável, impossível de descrever. Ficavam dias no mesmo sítio. Dias. Não largavam os lugares para não perderem a

Assor, M. (2005, janeiro 23). "Que o meu pai sirva de exemplo". *Domingo Magazine*, 24-27.

país | entrevista

vez. Quando eu saía para ir às aulas, parecia que um continente queria entrar no consulado.

Falava com essas pessoas?

Dizia-lhes coisas para os animar, para que sorrissem, para ver alguma esperança naquelas faces tão amarguradas. Às vezes dizia, para os tranquilizar: "Eu sou o filho do cônsul, o meu pai irá ajudar-vos".

Estava convicto que o seu pai não ia ficar apático?

Sem dúvida. Era um homem muito bom, muito generoso. Como é que ele ficaria indiferente diante daquela terrível situação?

Quando é que surge a decisão de conceder vistos?

Durante três dias o meu pai ficou doente, não comia, não dormia, estava em retiro no seu quarto. Até que numa manhã saiu da cama, arranjou-se, vestiu-se e, quando ia a sair, a minha mãe perguntou-lhe: "Não me dizes para onde vais?". Eu estava em casa e ouvi a resposta: "Olha Gigi eu ouvi uma voz que me disse: levanta-te e vai dar vistos a todos. A todos. Sem nenhuma excepção. E é isso que eu decidi".

Abriu a porta da chancelaria, viu o abismo de multidão que continuava à espera de um milagre, e em voz alta pronunciou esta frase: "Eu quero dizer-vos que a partir de agora vocês vão receber vistos. Vocês e todos".

Esteve três dias a reflectir e outros três dias a dar vistos incessantemente...

Naqueles três dias de Junho não sossegou um minuto. Ele tinha que cumprir a promessa feita: conferir licença a todos. Se dormisse ou se comesse, perderia tempo, e era menos uma pessoa que seria salva. Recordo-me muito bem: 17, 18 e 19 de Junho de 1940. Não houve descanso.

É verdade que alguns refugiados dormiram no consulado?

Com certeza. Ficavam onde cabiam;

nas camas, em cima dos tapetes, sentados nas cadeiras, sofás, eu sei lá! Foi ali que conheci o rabino Kruger, a mulher e os filhos. Eles sentiram bem na pele o gesto do meu pai.

Voltou a ver algum deles?

Não. Escrevemo-nos. Telefonámo-nos.

Fez amigos durante a Guerra?

Estávamos numa altura em que as pessoas tinham muita pressa e muita aflição. Não havia tempo para nada que não fosse sobreviver. Mas lembro-me não fosse dormir num quarto ao lado do meu. Ficámos a falar quase a noite toda. Contava-me os seus sonhos, a tremenda vontade que tinha de viver em absoluta liberdade, sem ter que sentir medos e perseguições. Eu desabafava as minhas coisas. Antes das sete da manhã, despedimo-nos. Ainda lhe disse que um dia haveríamos de fazer muita coisa juntos. Ele sorriu, bateu com a porta e nunca mais o vi. Se é meu amigo? Nunca segredei tanta coisa em tão pouco tempo a alguém...

Quando a PIDE chegou a Bordéus, os seus pais já estavam a caminho de Bayona?

É bom que se saiba: ele não fugiu à PIDE, o que pretendia era conseguir abonar mais vistos. Em Bordéus já não era viável, por isso, foi em direcção à fronteira para salvar mais pessoas. Deu

vistos em todos os lados onde via refugiados. No caminho, nas ruas, nos cafés, etc.

Ficou ainda em Bordéus?

Não. Vim de carro com um casal belga. O meu pai aconselhou-me a regressar. Era perigoso ficar.

Quando é que tornou a ver o seu pai?

Curiosamente, a meio do caminho, quase a chegar à fronteira, estávamos a pôr gasolina no carro, e quem é que eu avisto do outro lado da rua? O meu pai. Foi emocionante. Não falámos, mas



Algumas das condecorações ganhas por Pedro Nuno ao serviço do Ministério dos Negócios Estrangeiros



Casamento de Pedro Nuno com Maria Adelaide. À direita vê-se Aristides e a mulher



César e Aristides de Sousa Mendes, os dois irmãos gémeos da família



Aristides de Sousa Mendes vestido como sultão. A foto foi tirada em Zanzibar, em 1915



Casa do Passal, em Cabanas de Viriato. A foto é da década de 30

crédito da minhã DOMINGO MAGAZINE

Assor, M. (2005, janeiro 23). "Que o meu pai sirva de exemplo". *Domingo Magazine*, 24-27.

entrevista | país

dissemos muita coisa naquele silêncio. Mas quando é que a família se reencontra na Casa do Passal, em Cabanas de Viriato?

Fui cheguei após oito dias de ter partido, e os meus pais regressaram logo a seguir, talvez depois de duas semanas. Como é que ele estava?

Sentia-se aliviado. Disse-me, a mim e aos meus irmãos, que tinha feito o que a sua consciência mandava.

Ele previa castigos governamentais?

O meu pai pediu-nos para termos muita coragem, para sermos fortes, porque o futuro que se aproximava iria ser negro, muito negro. Advertiu-nos que íamos sofrer muito. Garantiu-nos que iríamos entender o seu comportamento, naquela altura ou mais tarde.

Acha que ele, alguma vez, se arrependeu?

Nunca. Apesar da solidão e do desespero de ter ficado sem emprego, nunca lhe ouvi nem senti um mínimo remorso.

Nem mesmo com um processo disciplinar, Notas de Culpa, e de ter ficado sem vencimento?

Nunca teve um milésimo de segundo de arrependimento. Se ele pudesse ter salvo mais gente tê-lo-ia feito.

O seu pai teve ajuda dos amigos?

Amigos? Quais amigos? Antes de Junho de 1940 ele tinha muitos, mas depois, ficou muito sozinho. As pessoas tinham pavor de serem vistas ao pé dele. A minha mãe não aguentou aquela injustiça e morreu pouco tempo depois.

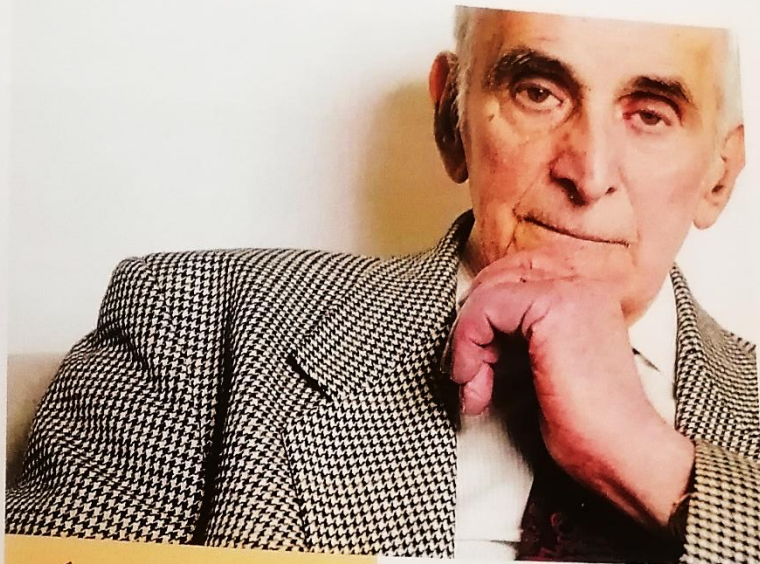
E ele voltou a casar com uma francesa.

Sim, mas essa companhia não lhe tirava a dor que lhe vinha da alma. Sozinho. Sem dinheiro. Na miséria. Os filhos longe, porque precisavam de sobreviver. E a nossa Casa do Passal estava vazia e deteriorada.

E porque motivo os filhos tinham que estar longe?

Para se ter uma ideia da nossa situação, todos nós tivemos que emigrar. Em Portugal, ninguém nos dava emprego. As pessoas tinham medo de estar ligados à família Sousa Mendes. Salazar não ia gostar. Elas seriam postas de lado e punidas.

Os meus irmãos foram para os E.U.A e Canadá... Eu bem queria ter ido para a América, mas tinha que esperar sete anos por um visto. Sete anos. E como



“ Dizem que o meu pai nem roupa tinha para ser enterrado. Foi sepultado com as vestes de franciscano que o hospital lhe deu ”

eu não podia esperar esta enxurrada de anos, fui para África, e já casado.

A sua irmã Joana escreveu uma carta a Américo Tomás onde pedia ajuda, mas nunca obteve resposta

A minha irmã era muito corajosa. Tinha muita força. Mandou uma carta ao Almirante Tomás, no entanto, ele nunca respondeu. Mas a carta que ela escreveu ao Ben Gurion, teve resposta e resultados.

Nos anos 60 foram plantadas no bosque do Museu do Holocausto vinte árvores em nome do nosso pai e, passado pouco tempo, recebeu uma medalha dos Justos entre as Nações.

Quando o seu pai morreu em 1954, ainda estava em Portugal?

Não, já me tinha ido embora. É curiosa, a coincidência; em Março desse ano eu tinha recebido uma carta do meu pai. Dizia-me que muito em breve me faria

uma visita. Mas não chegou a fazer essa maravilhosa surpresa. Morreu precisamente passado um mês.

Morreu a 3 de Abril, num quarto do Hospital da Ordem Terceira...

E dizem que nem roupa tinha para ser enterrado. Foi sepultado com vestes de franciscano, a roupa que o hospital lhe deu.

Hoje em dia Portugal redimiou-se?

O meu pai tem ruas com o seu nome, uma escola, são publicados livros sobre a sua vida; Portugal já reconheceu o gesto do meu pai: o Estado português ajudou a comprar a Casa do Passal.

Uma casa que está em ruínas...

Está, mas há-de deixar de estar.

Como?

Com a vontade de todos.

Considera urgente a sua reconstrução?

É lógico que sim. Portugal e a Fundação Aristides de Sousa Mendes devem participar e incentivar essa reedificação. **A casa, quando estiver restaurada, voltará para a família?**

Não, absolutamente. Fica para Portugal, para o Mundo, para que nunca se esqueçam do português que ajudou a salvar a humanidade. Que a conduta do meu pai sirva de exemplo. ■

Homenagem a Sousa Mendes em Nova Iorque

O nome de Aristides de Sousa Mendes figurará, a partir de hoje, na Galeria dos Salvadores do Museu da Herança Judaica, em Nova Iorque, onde ficará também em exposição o livro de registos onde se lêem os nomes dos primeiros 2000 vistos emitidos no dia 17 de Junho de 1940 pelo antigo cônsul português em Bordéus. O facto será brindado com vinho *casher* produzido pela comunidade judaica portuguesa de Belmonte.

Esta foi a forma encontrada pela Fundação Internacional Raoul Wallenberg e pelo Museu da Herança Judaica para assinalar a memória de Sousa Mendes e comemorar o seu legado de "humanidade e compreensão". "Contra as ordens escritas do ditador português, António Salazar, que proibiu vistos para judeus, Sousa Mendes, com o apoio da sua mulher, Angelina, e dos seus filhos, emitiu vistos de última hora ao maior número de refugiados que conseguiu, sem atender à sua nacionalidade ou religião. Este acto de coragem moral resultou na sua demissão e no empobrecimento da sua família", relata a fundação, acrescentando que Sousa Mendes morreu na miséria em 1954 e "permaneceu sem reconhecimento no seu país natal mesmo depois da Revolução dos Cravos que levou a democracia a Portugal".

Hoje à tarde, o museu promove uma cerimónia de homenagem a Aristides de Sousa Mendes, "o honrado pagão português que salvou a vida de cerca de 30 mil judeus e outros durante o Holocausto nazi". Na mesma ocasião, a fundação e o museu apresentarão igualmente a sua homenagem à figura do diplomata brasileiro Luiz Martins de Souza Dantas, que,

como Sousa Mendes, facilitou a fuga de milhares de judeus através da emissão de vistos a partir de França — o antigo embaixador norte-americano em França Felix Rohatyn será um dos oradores que recordará como escapou do Holocausto com um visto brasileiro autorizado por Souza Dantas.

Além da inscrição do nome de Sousa Mendes na galeria dos mais notáveis contribuintes para a causa da liberdade das vítimas das atrocidades nazis, o evento prevê ainda um outro momento de reconhecimento da sua obra, através da atribuição de medalhas humanitárias às pessoas que têm "trabalhado para honrar a sua memória e o seu exemplo": Robert Jacobvitz e Anne Treseder, dois activistas da Califórnia que trabalharam com o filho de Sousa Mendes, João Paulo Abranches, na fundação do Comité Internacional para a Comemoração de Aristides de Sousa Mendes. Actualmente, o comité tem ramos em Portugal, no Canadá e em Israel.

Uma outra medalha distinguirá a campanha de António Rodrigues, um luso-americano que tem batalhado para transformar a casa de Aristides de Sousa Mendes em Cabanas do Viriato num museu e centro de conferências dedicado aos valores humanistas que o antigo cônsul defendeu. Como nota a fundação, o esforço destas três personalidades contribuiu para "reabilitar" a imagem de Sousa Mendes junto do público português. "Hoje, Sousa Mendes é homenageado pelo Governo português, e a sua história é encarada como um exemplo de coragem moral pelas crianças portuguesas e os seus pais", lê-se na nota que acompanha a exposição. ■ RITA SIZA, WASHINGTON

Salvador, S. (2005, maio 8). O cônsul português que desafiou Salazar. *Diário de Notícias*, 4.

O cônsul português que desafiou Salazar

Aristides de Sousa Mendes, cônsul português em Bordéus, emitiu milhares de vistos de passagem que permitiram a fuga de um largo número de pessoas do terror nazi. Uma história, entre muitas outras, de portugueses que marcaram presença directa ou indirecta na II Guerra Mundial. Isto apesar da “estrita neutralidade” decidida por Salazar

Susana Salvador

Em apenas três dias, há 65 anos, o cônsul português em Bordéus emitiu vistos para milhares de fugitivos e opositores ao regime nazi, permitindo a sua saída de França. Com esse gesto altruísta, Aristides de Sousa Mendes salvou a vida a um número indeterminado de pessoas, mas, por desobedecer a António de Oliveira Salazar, acabou por morrer na miséria. “Um homem que fez o bem mas, por isso, acabou por ser castigado”, lembra o neto Álvaro de Sousa Mendes.

Em 1940, e apesar de a famosa circular 14 proibir a emissão de vistos portugueses a determinados refugiados de guerra, como os judeus, sem a autorização do Ministério dos Negócios Estrangeiros – então liderado por Salazar –, Aristides Sousa Mendes decidiu não acatar as ordens superiores. Primeiro no seu consulado, em Bordéus, e depois respondendo a um pedido de ajuda do colega de Bayonne.

“Chegando ali, e perante tantos milhares de pessoas – cerca de cinco mil na rua, de dia e de noite, sem arredar pé, à espera de vez (...) aguardando a ocasião de se aproximarem do Consulado –,



CÔNSUL. Aristides de Sousa Mendes salvou milhares de pessoas

Direitos reservados

propus ao meu colega Faria Machado [cônsul de Bayonne], como único meio de resolver as dificuldades, conceder-lhes os vistos desejados”, escreveu Aristides de Sousa Mendes em sua defesa, depois de ter sido aberto um processo disciplinar.

Os vistos de passagem eram entregues de forma gratuita, não havendo por isso registo do nú-

“Prefiro estar com Deus contra os homens do que com os homens contra Deus”, dizia o cônsul português Aristides de Sousa Mendes

mero de pessoas que ajudou. Fala-se de 10 a 30 mil. “Era realmente meu objectivo salvar toda aquela gente”, dizia o cônsul, acrescentando saber “a sorte que aconteceria àquela gente caso caíssem na mão do inimigo”. Os refugiados que queriam fugir de Hitler não tinham abrigo em Espanha e nas fronteiras só deixavam pas-

sar quem tivesse um visto português – garantia de que o país de Franco não era o destino final.

“A formação jurídica do meu avô e o facto de ser um católico fervoroso foram as principais razões para ele ter feito o que fez, sem esperar agradecimentos”, referiu Álvaro de Sousa Mendes. Uma frase resume a sua filosofia: “Prefiro estar com Deus contra os homens do que com os homens contra Deus.” E foi contra Salazar que Aristides se colocou. Ao regressar a Portugal e à localidade onde nasceu, Cabanas de Viriato, o antigo cônsul viu-se impedido de trabalhar. Impossibilitado de sustentar os 14 filhos, pede-lhes que abandonem o país, já que o nome Sousa Mendes será para sempre perseguido. “Foi assim que o meu avô morreu, em 1954, pobre, doente e perseguido”, refere Álvaro. Só em 1988 o Parlamento português reconheceu a heróica coragem de Aristides de Sousa Mendes.

O cônsul viveu ainda o fim da guerra, temendo por dois dos filhos que, nascidos nos EUA, ingressaram no exército aliado. “Chico Nando” e “Tata”, como eram conhecidos, participaram no desembarque na Normandia, a 6 de Junho de 1944.



PATRIMÓNIO

Casa do Passal mais perto da recuperação

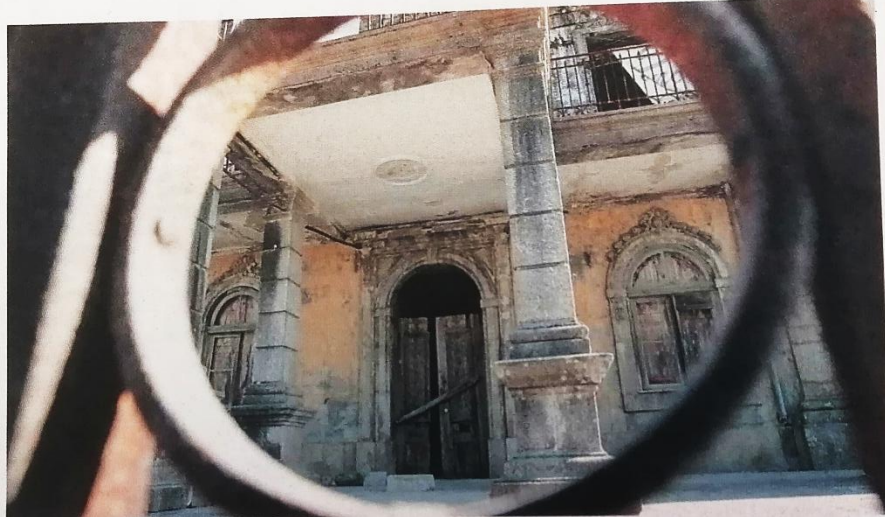
Arquivo DN-Luis Carregã

Casa de Aristides de Sousa Mendes será reabilitada sob projecto da DGEMN

■ MARIA JOÃO PINTO

A Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) está a ultimar um estudo preliminar sobre o futuro programa de ocupação da Casa do Passal, que foi residência de Aristides de Sousa Mendes (1885-1954) em Cabanas de Viriato, Carregal do Sal, e está hoje em crítico estado de conservação. O imóvel foi adquirido em 2001, com o apoio do Ministério dos Negócios Estrangeiros, pela fundação instituída em memória do diplomata, mas a ausência de recursos financeiros por esta invocada tem adiado a sua recuperação e conversão em casa de memória com valências complementares de centro de estudos na área dos direitos humanos.

Com este estudo, elaborado pelo arquitecto Carlos Amaral, chefe da Divisão de Monumentos de Coimbra, aferir-se-á da possibilidade de conjugar o programa pensado pela fundação com o perfil do imóvel. E, se tal se revelar necessário, "de que modo poderá ser adicionalmente



MEMÓRIA. Após largos anos de abandono, imóvel encontra-se hoje em crítico estado de conservação

desenvolvido nos terrenos anexos" da quinta do Passal, como referiu ao DN Vasco Martins Costa, director-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. "Teremos, no fundo, um primeiro *layout* do que poderá vir a ser a ocupação da casa e, a partir daí, veremos como desenvolver, então, o projecto de execução".

Erguida em Oitocentos, a Casa

do Passal, cuja classificação como Monumento Nacional foi homologada em Fevereiro último, esteve ao abandono largos anos, encontrando-se hoje "num estado de pré-ruína". "Toda a estrutura terá de ser revista, alguns tectos e pavimentos estão muito danificados", refere. "Tudo indica que terá de ser muito refeita, mas preservar-se-á o

maior número possível de elementos, pelo que veremos este projecto com todo o cuidado e atenção".

Nos terrenos anexos "põe-se a hipótese de construir um auditório ou um centro de interpretação". A solução a adoptar depende, no entanto, "do modo como o programa for levado à prática, atendendo, nomeadamente, ao espólio existente

e ao tipo de museu que for possível criar", sublinha Vasco Martins Costa. Entre esse espólio figura mobiliário "disperso por famílias da área que já manifestaram disponibilidade para o restituir", bem como as centenas de manuscritos do diplomata que dois voluntários encontraram na casa, em 2004, sob densas camadas de entulho, como o DN então noticiou. João Crisóstomo, há largos anos emigrado nos EUA e que já antes se destacara pela sua intervenção cívica em prol das gravuras do Cão e de Timor, foi um desses voluntários. A DGEMN conta com o seu contributo e com o de Mariana Abrantes de Sousa, economista e voluntária que se envolveu de igual modo na missão de ver recuperada a Casa do Passal.

Vasco Martins Costa acredita que será possível fazer da casa de Sousa Mendes "um pólo de valorização do seu nome e ponto de visita obrigatória para quantos estão ligados aos mais de 30 mil refugiados que ajudou" enquanto cônsul de Portugal em Bordéus. Mais do que meios financeiros para a intervenção, que, cre, acabarão por surgir, a questão-chave prende-se com o futuro. "O nosso objectivo", frisa, "é que possamos desenvolver um projecto que amanhã, após a recuperação, possa ser auto-sustentável".

Solar de Aristides Mendes sem dinheiro para obras. (2006, março 28). *Jornal de Notícias*, 26.

Carregal do Sal

Solar de Aristides Mendes sem dinheiro para obras

Embaixador de Israel visitou ontem o imóvel e prometeu mobilizar o seu Governo e a comunidade judaica

► O embaixador de Israel em Portugal, Aaron Ram, visitou, ontem, a Casa do Passal, em Cabanas de Viriato, solar onde viveu Aristides de Sousa Mendes. O cônsul português, em Bordéus, que durante a II Guerra Mundial evitou que mais de 30 mil pessoas, a maioria judeus, morressem às mãos dos nazis.

"Visitou o imóvel, onde pretendemos instalar um museu evocativo da vida e obra do cônsul, e prometeu mobilizar o seu Gover-

no e a comunidade judaica para contribuírem financeiramente para a sua reconstrução", disse ao JN Luís Fidalgo, membro da Associação Aristides de Sousa Mendes.

Com estudos prévios elaborados, um dos quais da autoria do arquitecto Alcino Coutinho, a reconstrução da Casa do Passal precisa de projecto e de mais de 1,5 milhões de euros. "A Direcção-Geral do Património está disponível para elaborar o projecto, multidisciplinar, de uma casa que em 2005 foi classificada de monumento nacional. Mas continua a faltar dinheiro para as obras", acrescentou Luís Fidalgo.

"É um crime deixar cair esta

casa. Já falei com a actual ministra da Cultura e acredito que algo será feito no sentido de a salvar da ruína", disse Maria Barroso, presidente da Fundação Aristides de Sousa Mendes, que, à tarde, participou nas comemorações do Dia Nacional dos Dadores de Sangue, assinalado em Cabanas de Viriato.

A escolha da terra de Aristides de Sousa Mendes para o encontro de dadores foi justificada, pelo presidente do Instituto Português de Sangue, com as semelhanças entre o "cônsul sem medo" e os milhares de pessoas que, sem esperar moeda de troca, "dão o seu próprio sangue para salvar muitas vidas de uma morte certa", enfatizou. ◀

Assor, M. (2006, junho 18). António Sousa Mendes - “Penso que a causa do meu avô devia avançar com todas as facções políticas. É universal.”. *Domingo Magazine*, 38-42.

Entrevista

António Sousa Mendes

“Penso que a causa do meu avô devia avançar com todas as facções políticas. É universal.”

Texto: Miriam Assor Fotos: Marta Vitorino

António Sousa Mendes não esconde orgulho do património pessoal. A exímia herança recebida pelo seu avô – Aristides Sousa Mendes – fê-lo criar uma fundação para eternizar a memória de quem preferiu “estar com Deus contra os homens do que estar contra Deus a favor dos homens”. Falamos do cônsul de Portugal em Bordéus, esse homem que, em pleno Holocausto, não se curvou às ordens de Salazar, estampadas na Circular 14 – o despacho que interditava os diplomatas de deferir vistos a judeus e a todos que estivessem no alvo nazi, sem autorização precedente do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Aristides sempre catalogou este ofício de duas formas: xenófoba e bárbara. Inicialmente começa a esgrimir a norma em casos isolados, mas a polícia política portuguesa desvenda a acção e adverte o MNE. A ordem que chega é à moda do antigo regime e amolga a egrégia neutralidade portuguesa: Aristides devia parar de dar vistos e é

ameaçado com medidas disciplinares. A 14 de Junho 1940, data em que tropas hitlerianas invadiram Paris, Aristides Sousa Mendes recolhe ao seu quarto. Talvez precisasse de reflectir para tomar uma decisão. Sai de lá a 17 de Junho com uma certeza: iria passar vistos a todos que pudesse. Os 700 000 refugiados que se amontoavam em Bordéus, não podiam esperar pelas ‘anuências’ que, afinal, nunca chegavam de Portugal. Entre esse dia e 19 de Junho de 1940 escancara as portas do consulado e garante: “salvarei todos os que puder”. Ciente que a cólera de Salazar estava a caminho, Aristides não suspende o que o seu escrípulo lhe dita. Dirige-se para Bayona, vai até à fronteira de Hendaye, e a sua caneta só conhece uma vereda: assinar os passaportes, salvo-condutos, guias, papéis, onde quer que fosse. Sabia que a sua assinatura significava que os outros pudessem viver. Quando chega a Portugal, a 7 de Julho, estala o drama. Salazar condena-o a um ano de inactividade com direito a metade do vencimento e estípula que,

Anexo 103 | Continuação

Assor, M. (2006, junho 18). António Sousa Mendes - “Penso que a causa do meu avô devia avançar com todas as fações políticas. É universal.”. *Domingo Magazine*, 38-42.



Assor, M. (2006, junho 18). António Sousa Mendes - “Penso que a causa do meu avô devia avançar com todas as facções políticas. É universal.”. *Domingo Magazine*, 38-42.

40 | entrevista | ANTÓNIO SOUSA MENDES

“Eu só tinha cinco anos quando o meu avô faleceu”

► após um ano, seria aposentado, factos que nunca aconteceram. É lhe instaurado um processo disciplinar, expulsam-no do corpo diplomático, fica interdito de exercer a advocacia e do Estado não recebe nem uma migalha.

A liberdade do 25 de Abril de 1974, ainda assim, foi lenta para restituir a dignidade de um homem que salvou cerca de 30 mil pessoas. E ainda há muito para fazer. Quem nos assegura é o próprio neto. A Casa do Passal, sede da fundação Aristides Sousa Mendes, situada em Cabanas de Viriato, terra natal do cônsul destemido, encontra-se em situação calamitosa. Se o Estado português não se apressa na sua restauração a mansão acabará por ruir. Ontem, 17 de Junho, várias pessoas juntaram-se em frente desta casa para não esquecer o dia que mudou o destino de milhares de seres humanos. Uma carta chegará à mão do primeiro-ministro José Sócrates. O intuito é só um: começar obras.

Quando é que foi constituída a Fundação Aristides Sousa Mendes?

Formalmente em 2000. A iniciativa que deu o arranque para a formação foi em 1998, quando o Ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Jaime Gama, ofereceu, em nome do Estado português, cinquenta mil contos para o impulso da fundação, e também ofertou 15 mil contos à família, como forma de indemnização. Este montante foi por nós revertido para a compra da Casa do Passal, sede da nossa fundação, que, após acordo, custou 100 mil contos. A diferença foi dada pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Recebem subsídio estatal?

Agora voltámos a ter. É bom referir que, na altura em que Jaime Gama era ministro, ficou assente que, anualmente, o Estado português daria dois mil contos para a fundação. Tal aconteceu até ele ser ministro. No governo do dr. Durão Barroso a verba deixou de ser atribuída. Escrevemos cartas e car-

tas, mas nunca tivemos resposta. Só em 2005 a situação ficou alterada. Fomos recebidos pelo chefe de gabinete do ministro dos Negócios Estrangeiros que decidiu retomar esse pagamento.

Quando os governos são socialistas existe cooperação, e quando não, as ajudas desaparecem?

Em Portugal tem sido assim. Mas a causa do meu avô devia avançar com todas as facções políticas. É, sem margem para dúvidas, uma causa universal. Como é óbvio desconheço a razão que levou, o então primeiro-ministro, dr. Durão Barroso, a não dar nenhuma importância a Aristides Sousa Mendes.

Lembra-se do seu avô?

Eu só tinha cinco anos quando ele faleceu, daí que as lembranças sejam demasiado vagas, muito embora, às vezes, tenham alguma nitidez quando me lembro dele. O meu pai, até falecer, falava-me dele todos os dias, literalmente todos os dias.

E o que lhe
Ele dizia-
pendido d
portava d
zes prefe
ciência tr

O terá lev
veira Sal
A 17 de
do quar
sobede
As pess
direita
deste p
do vist

O facto
govern
É evic



Assor, M. (2006, junho 18). António Sousa Mendes - “Penso que a causa do meu avô devia avançar com todas as fações políticas. É universal.”. *Domingo Magazine*, 38-42.



domingo | 18 DE JUNHO DE 2006 | 41

“Ser filho de A. Sousa Mendes não era um bom cartão de visita”

nomista, teve muitas dificuldades para conseguir emprego em Portugal. O meu pai nunca teve um patrão português! Só trabalhou para empresas belgas. Ser filho de Aristides Sousa Mendes não era um bom cartão de visita. Depois de ter feito o serviço militar, e como não arranjava trabalho, integrou uma comissão para Angola. Quando a missão acabou, dirigiu-se ao consulado da Bélgica em Luanda e, aí sim, deram-lhe trabalho. Eles não se esqueceram que meu avô tinha salvo ministros belgas.

Regressou a Portugal?

Sim, mas, mais uma vez, não encontrou trabalho. Falou com o reitor da Faculdade de Ciências, Prof. Moisés Amzalak, o então presidente da Comunidade Israelita, um homem bastante influente, que nunca lhe deu emprego. E falou com outras pessoas de poder, mas ninguém o ajudou. Só conseguiu trabalhar na Companhia do Gás e da Electricidade (que nessa altura era uma multinacional) porque lá

trabalhava um engenheiro belga! Mas nunca exerceu a sua profissão de economista, pelo facto de existir um compromisso com as autoridades portuguesas, que o proibia.

A França, Israel, os E.U.A, Canadá, Bélgica e outros países foram rápidos em reconhecer o gesto do seu avô. Acha que em Portugal o processo foi lento?

Foi e é um processo lento. Demasiado lento. É preciso não esquecer que foram precisos 14 anos, após o 25 de Abril de 1974, para que o meu avô fosse reintegrado na carreira diplomática, e só a partir daí, é que se começou a falar dele. Enquanto a Casa do Passal não estiver restaurada, o processo é sempre lento.

Quer dizer que o estado calamitoso da Casa Do Passal faz parte dessa lentidão?

Sem dúvidas. É o retrato do grau de civilização deste país. Se houvesse dignidade, o Estado democrático português tinha e tem obrigação de recuperar a casa. Mas tinha de ter dado esse passo desde o primeiro dia.

E o que lhe contava?

Ele dizia-me sempre que o meu avô nunca se tinha arrependido de ter agido daquela maneira. Dizia que não se importava de ter ficado sem nada, porque era milhões de vezes preferível ter ficado daquela maneira a não ter consciência tranquila.

O terá levado um homem com 14 filhos a infringir as ordens de Oliveira Salazar?

A 17 de Junho, após três dias de reflexão, o meu avô saiu do quarto e disse à minha avó e aos meus tios que iria desobedecer a Salazar, por uma única razão: humanidade. As pessoas, fossem elas, judias, cristãs, muçulmanas, de direita ou de esquerda, tinham direito a viver. E em prol deste pensamento fica justificada a sua atitude; concedendo vistos conseguia salvar seres humanos.

O facto de Aristides Sousa Mendes não ter acatado a vontade governamental teve repercussões na sua família?

É evidente que sim! Por exemplo, o meu pai, que era eco-

Anexo 103 | Continuação

Assor, M. (2006, junho 18). António Sousa Mendes - “Penso que a causa do meu avô devia avançar com todas as fações políticas. É universal.”. *Domingo Magazine*, 38-42.



42 | entrevista | ANTÓNIO SOUSA MENDES

► **O facto de ter sido classificado de Monumento Nacional, em 2005, não contribuiu para que o processo se acelerasse?**

Tudo indica que a situação irá melhorar. O director dos Monumentos Nacionais, inclusivamente, propôs que fosse feito um estudo prévio, arquitectónico, que, ao que tenho conhecimento, já está feito e será, em breve, apresentado à nossa fundação.

Então falta o quê?

Apesar de a ministra da Cultura ter demonstrado muito interesse, ainda não ouvimos “vamos fazer isto!”. Precisávamos que vários ministérios se juntassem a esta iniciativa. Falta da parte do governo português uma atitude de avançar para a recuperação da casa. Não existem compromissos, mas é preciso.

O que existe em Portugal, para além da fundação, alusivo a Aristides Sousa Mendes?

Ruas, escolas, uma medalha na estação do metro do Parque com o seu nome, que, até, já foi roubada. Em Mangual-

de, Beira-Alta, alguém arrancou as letras da placa de uma rua, e a câmara municipal não restaurou.

O nome Aristides Sousa Mendes ainda incomoda?

Talvez para pessoas que vêm da direita salazarista, o meu avô ainda seja uma espinha na garganta. José Hermano Saraiva, numa entrevista ao jornal “A Capital”, disse que foi Salazar que facilitou a vinda dos judeus a Portugal, e que o meu avô não fez nada de especial. Inclusive, afirmou que ele terá recebido dinheiro em troca dos vistos. Pura falsidade! Mas não é só esse senhor que tenta corromper a imagem do meu avô. O embaixador Carlos Fernandes, no seu livro de memórias, também o denigre sem nunca apresentar provas nenhuma.

Há também pessoas da esquerda não encaram com bons olhos o seu avô.

Depende da esquerda. Há gente que considera o meu avô burguês e apontam que ele fez parte do sistema. Outra grande mentira! A sua linha monárquica só advinha por descendência! E nunca esteve ligado a nenhum partido.

Portugal tem sido ingrato?

As pessoas individualmente podem dizer que admiram e que reconhecem o acto do meu avô, mas como na prática ainda não se interveio na recuperação da Casa do Passal, onde ele recebeu muitos refugiados, isso é uma ingratidão.

Como idealiza o que deveria ser Casa do Passal?

Um centro vivo de memória do seu gesto, um espaço para aludir o Holocausto e os direitos humanos. José Pacheco Pereira tem razão quando diz que há uma coisa que em Portugal não existe: uma reflexão sobre o Holocausto. Não se fala muito do papel de Portugal durante a II Guerra Mundial, porque para se falar desse tema, temos que referir Aristides Sousa Mendes. 

Questionário Domingo

■ **Um País...** França.

■ **Uma pessoa...** o meu avô

■ **Um livro...** Bíblia.

■ **Uma música...** 9.ª sinfonia de Beethoven.

■ **Um lema...** Faz aos outros o que queres que te façam a ti.

■ **Um clube...** Não tenho.

■ **Um prato...** Bife.

■ **Um filme...** Guerra e Paz

6 ESPAÇO PÚBLICO
PÚBLICO • SEXTA-FEIRA, 19 JAN 2007

O voto num justo

O formato de um concurso em que os portugueses podem votar, que se baseia num modelo já testado em vários países, está a emprestar à iniciativa visibilidade, polémica, controvérsia, tudo ingredientes adequados no nosso tempo para fixar a distraída atenção do público-alvo. (...) É uma excelente ideia e que pode ter efeitos pedagógicos relevantes, que se concretiza num modelo que pode ajudar muito a que tais efeitos se produzam e considero que Aristides Sousa Mendes deve ser a personalidade escolhida como "o melhor português"



JOSÉ MIGUEL JÚDICE

Aceitei participar no programa da RTP sobre "Os Grandes Portugueses". Fui por causa do dr. Aristides de Sousa Mendes, a personagem que fui convidado a "defender". Tudo o que vou escrever a seguir pressupõe, por isso, este registo de interesses. Em resumo: acho que esta é uma excelente ideia e que pode ter efeitos pedagógicos relevantes, que se concretiza num modelo que pode ajudar muito a que tais efeitos se produzam e considero que Aristides Sousa Mendes deve ser a personalidade escolhida como "o melhor português".

A instrumentalização da História de Portugal pelo salazarismo (mas que atire a primeira pedra o regime político que o não fez), dando-lhe assim "mau ambiente" no pós-25 de Abril, a tendência dominante na historiografia portuguesa para denegrir (ou valorizar, sem ponderação, sobretudo os aspectos negativos) a nossa história quase milenar, a hegemonia da escola dos "Anais" (em regra, parafraseando Eça de Queirós, traduzida em "argot") e a consequente subvalorização do papel do indivíduo no processo histórico, a indigência dominante no ensino da Cultura Portuguesa e a crescente iliteracia, tudo se congregou para tornar ainda mais importantes os programas televisivos de divulgação histórica.

O formato de um concurso em que os portugueses podem votar, que se baseia num modelo já testado em vários países, está a emprestar à iniciativa visibilidade, polémica, controvérsia, tudo ingredientes adequados no nosso tempo para fixar a distraída atenção do público-alvo. Com muito agrado me apercebo de que, em encontros de amigos ou em jantares sociais, a escolha do "melhor português" está a ganhar às graças a propósito do livro de Carolina Salgado, aos problemas de José Veiga e aos temas de política avulsos que se conhecem.

Bem ou mal, entre muitos outros que seriam seguramente também (ou até mais) merecedores, existem 10 nomes para votar e entre eles está Aristides de Sousa Mendes. É de todos o menos conhecido, o menos referenciado nos livros de História, o menos odiado ou criticado, tudo factores – é sabido – que vão dificultar a sua escolha na votação em

curso. Dizem que os advogados preferem defender as causas mais difíceis. Isso é verdade: Afonso Henriques, Camões, Vasco da Gama, por exemplo, já estão "vendidos" antes de o programa começar. O desafio é grande e estimulante, sem dúvida.

Mas não basta. Aceitei participar sobretudo por causa do que simboliza em Portugal e neste século XXI a figura de Sousa Mendes. A história dele é simples e breve: diplomata de carreira, católico e conservador e monárquico, enfrentou um dilema: cumprir ordens do Governo e não conceder vistos sem autorização prévia do ministério, dada caso a caso, em relação a apátridas, refugiados políticos, judeus e outros "indesejáveis", sabendo que isso levaria em regra à recusa ou ao "veto de gaveta"? Ou desobedecer às instruções

que não fossem muito ricos, prestigiados ou bem relacionados.

O resultado era inevitável: foi censurado, difamado, apodado de louco. Foi suspenso com o vencimento reduzido a 25 por cento e depois aposentado compulsivamente da função pública. Não conseguiu qualquer emprego e acabou os dias crivado de dividas a ter muitas vezes de alimentar a família na Cozinha Económica da Comunidade Israelita, em Lisboa.

Mas este Homem derrotado pela máquina do poder foi um vencedor. Revelou as qualidades decisivas para se poder olhar todos os dias de frente o mundo: a coragem, a empatia com o sofrimento, a luta pelos Direitos Fundamentais, o sacrifício dos confortos burgueses em favor de valores superiores. Exerceu o dever de desobediência cívica, exprimiu o primado da Civilização sobre a Barbárie, demonstrou que as leis e os regulamentos têm por vezes de ser desrespeitados para servir o Direito e a Justiça. Num país como Portugal, no tempo do Salazarismo, esta resistência cívica e pacífica era muitíssimo difícil. Mas ainda hoje dizer que não, mais difícil. Mas ainda hoje dizer que não, enfrentar os tiranos e tiranetes corajosos em leis, estatutos e regulamentos, sempre a pregarem os interesses grupais contra a liberdade, recusar negociar a coerência, assumir a frontalidade e enfrentar os poderosos, tudo isso são luxos pouco usados e que se pagam muito caro.

CARLOS LOPES



Aristides de Sousa Mendes foi um expoente deste reduzido grupo de portugueses, os que podem de modo duradouro dar pelo exemplo novos mundos ao mundo. Numa única semana de uma longa vida, um homem normal tornou-se num Homem excepcional

da ditadura e conceder os vistos, sabendo que Salazar nunca perdoaria essa atitude e que, dobrados já os 50 anos, estaria condenado a pagar um preço muito elevado pela sua atitude?

Aristides Sousa Mendes tinha 12 filhos, muitos deles ainda menores; não era rico e toda a vida fora apenas diplomata. Decidiu desobedecer e com isso evitar que dezenas de milhares de refugiados arrisassem o destino de outros milhões. Numa semana concedeu mais de 30.000 vistos, cerca de um terço a judeus que salvou de um destino cruel. Fê-lo até ser impedido pelas autoridades portuguesas, e numa altura em que as grandes potências – hipocritamente – não abriam as suas portas para estes refugiados, desde

Mas Portugal, para sobreviver como país independente em que dê gosto viver, tem de ser povoado por pessoas assim. Os iconoclastas, os revoltados, os de antes quebrar que torcer, os que não têm medo, os que acham que se não pode ceder perante os abusos, os que se guiam pela sua consciência, os que sentem que a defesa da liberdade e da dignidade dos outros é a defesa da nossa própria liberdade e dignidade, esses são os que podem levar Portugal para a frente.

É também desta mesma massa que se fazem os que podem criar empresas exportadoras, os que lutam e resistem à corrupção e a outros vícios sociais, os que cumprem os deveres de Cidadania. Aristides de Sousa Mendes foi um expoente deste reduzido grupo de portugueses, os que podem de modo duradouro dar pelo exemplo novos mundos ao mundo. Numa única semana de uma longa vida, um homem normal tornou-se num Homem excepcional. Foi, como chamam aos que lutaram contra o Holocausto nem sendo judeus, um Justo. ■ ADVOCADO

Mucznik, E. (2007, março 1). A solidão de um “justo”. *Público*, 47.

O meu voto vai para Aristides de Sousa Mendes, que não mudou Portugal, não mudou o mundo, não marcou a história

A solidão de um “justo”

O que é “um grande português”? Alguém que tenha marcado e transformado decisivamente o país? Que tenha contribuído para mudar a visão que o homem tinha sobre o mundo? Que tenha enriquecido a arte, a cultura ou a ciência? Alguém que simplesmente tenha tido a coragem de seguir a sua consciência? E será um grande português necessariamente um “bom” português?

A verdade é que todos os critérios são válidos e uma coisa não é objectivamente melhor do que outra. Mas afecte os sentimentos, os valores e sobretudo a forma como a população – pelo menos a parte que se exprime a si própria. Quanto mais não fosse por essa razão, a galeria a pena participar no jogo.

O meu voto vai para Aristides de Sousa Mendes. Um homem que não mudou Portugal, não mudou o mundo, não marcou a história. Se eu decidisse seguir esses critérios, provavelmente votaria nos grandes descobridores que rasgaram novos horizontes ao mundo. Mas há outra forma de ser um grande português e um grande homem: não desviar o olhar do sofrimento alheio, é ter a força de compaixão e a coragem de agir em conformidade.

Naqueles anos trágicos, muito poucos foram os que tiveram essa coragem. As cerca de 20 mil árvores plantadas em nome desses homens e mulheres, na Ala dos Ossos, do Yad Vashem, em Jerusalém, mais de 60 anos depois do final da guerra, são testemunhas silenciosas da solidão da compaixão humana. Mas são árvores da vida, porque cada uma delas representa vidas salvas. A morte de Aristides de Sousa Mendes ali está, lembrando-nos que “quem salva uma vida é como se salvasse toda a humanidade”.

Sousa Mendes salvou não uma, mas milhares de vidas. Pagou-o com a sua tragédia pessoal, como José Miguel Gonsalves já o narrou aqui e no documentário que a RTP produziu. Sabia o risco que corria. Mas o seu acto não deixa de nos interrogar porque, “em todos os actos heróicos de humanidade, fica sempre qualquer coisa de incompreensível, porque eles se elevam tanto acima da média do banal”, como afirmou Stefan Zweig, citado por Rui Gonso, no seu excelente livro *Um Homem Bom*.

No processo disciplinar que foi instaurado a Sousa Mendes em Agosto de 1940, Francisco de Calheiros e Mendes, à época ministro de Portugal em Bruxelas e a testemunha de defesa, afirmou que “outros menos pressionáveis ou mais fortes física ou moralmente teriam possivelmente suportado a tormenta e resistido às pressões veementes e angustiosas que sofressem”, mas que “o cônsul em Bordéus se deixou dominar, como todos os outros, pelo horror da tragédia a que assistia”. Provavelmente com o intuito de minimizar a sua culpa aos olhos de Salazar, ou porque assim o pensava, a acção de salvamento do cônsul é assim apresentada como uma demonstração de fraqueza, quando, na realidade, como a história dramaticamente o comprova, é muito mais difícil fechar os olhos, virar a cara, sobretudo quando se recebe ordens. Essa é, aliás, como bem o demonstrou Hannah Arendt, a essência da banalização do mal.



Esther Mucznik

Com a desobediência a Salazar, Aristides de Sousa Mendes entra em ruptura com tudo aquilo que tinha sido o seu universo: católico, conservador e fiel servidor do Estado, ele não hesita em salvar pessoas de religião e ideologias diferentes, contra o regime que serviu ao longo de toda a sua vida, arriscando carreira, família e saúde. É pois um homem em ruptura que chega a Portugal em Julho de 1940. Não encaixa nos parâmetros tradicionais. Talvez por isso, ao longo do combate pela sua reabilitação ele é um homem completamente só: não tem obviamente a solidariedade do seu campo tradicional, mas não sendo um opositor salazarista também não tem a solidariedade da esquerda, nem do movimento antifascista; quer num campo, quer noutro, nenhuma voz se levanta para o defender.

Os últimos 14 anos da vida de Aristides de Sousa Mendes são uma verdadeira descida ao inferno, mas nunca desistiu de lutar: recursos legais, pedidos de clemência, audiências, cartas e contactos pessoais com diplomatas e embaixadas, tudo tentou, sempre em vão. A sua saúde debilita-se, a família desfaz-se com a morte da mulher e a dispersão dos filhos pelo mundo.

No final da guerra, enquanto Salazar é saudado pelo acolhimento de muitos milhares de refugiados durante a guerra, as portas fecham-se definitivamente para Sousa Mendes. Sobre vive à custa de hipotecas sucessivas sobre a sua propriedade de Cabanas de Viriato, da venda do seu recheio e da ajuda da Comunidade Israelita de Lisboa. Uma coisa, no entanto, Aristides de Sousa Mendes nunca fez: arrepender-se do que tinha feito. “Realmente eu desobedecei, mas a minha desobediência não me desonra”, escreve ele em carta endereçada ao único advogado que aceitou defendê-lo, Adelino da Palma Carlos.

Sousa Mendes morre amargurado em 1954. Graças ao combate dos seus filhos, a sua acção humanitária é reconhecida em 1967 por Israel, uns anos mais tarde pelos Estados Unidos. Em Portugal, só em 1988, por proposta de Jaime Gama, a Assembleia da República reabilita formalmente Aristides Sousa Mendes. O mesmo destino tiveram outros homens que, tal como ele, desobedeceram às ordens dos seus governos para salvar vidas humanas: Sempo Sugihara, cônsul japonês na Lituânia, Paul Gruninger chefe da polícia fronteiriça na



Sousa Mendes salvou não uma, mas milhares de vidas. Pagou-o com a sua tragédia pessoal. Sabia o risco que corria. Mas o seu acto não deixa de nos interrogar porque, “em todos os actos heróicos da humanidade, fica sempre qualquer coisa de incompreensível, porque eles se elevam tanto acima da média do banal”

Suíça, Harry Bingham, cônsul americano em Marselha. Todos foram punidos, marginalizados, esquecidos – para não mencionar o nome de Raul Walleberg, desaparecido nos campos do gulag soviético.

Certamente era muito cedo. A história e a justiça têm tempos diferentes e esses homens representavam uma consciência crítica de algo que se queria esquecer ou sequer ver. Hoje Aristides de Sousa Mendes é unanimemente reconhecido, festejado, homenageado. Esperemos que a sua inclusão nos maiores dos Grandes Portugueses seja de facto um sinal de apreço pela sua acção e pelos valores que a orientaram.

Investigadora em assuntos judaicos

8 • P2 • Sexta-feira 22 Junho 2007

Os netos de Aristides da diáspora

Descendentes de Aristides de Sousa Mendes, o cônsul de Bordéus que, desobedecendo a Salazar, emitiu vistos a 30 mil refugiados da II Guerra Mundial, estão em Portugal, numa viagem ao passado da família. Querem garantir que o futuro não volta a esquecer o diplomata

Álvaro Vieira

Um avô comum, que nem se chegou a conhecer, é um elo suficientemente forte para reunir, numa excursão de autocarro entre Bordéus e Cabanas de Viriato, uma analista de negócios do JP Morgan, em Nova Iorque, um engenheiro informático canadiano, um técnico de seguros belga e um major português? Pode ser, se o avô em causa tiver sido Aristides de Sousa Mendes, como sucede com Sheila, Gerald, Marc e Álvaro. Ou com Paul, António e Louis Philippe. Um e-mail ou um telefonema podem bastar para embarcar numa viagem ao passado da família, se além da vontade de conhecer novos primos e tios, como acontecia com a francesa Marie-Rose, de 67 anos, a única filha do segundo casamento do diplomata, estas pessoas tiverem assumido como um objectivo de vida a promoção da memória do cônsul português em Bordéus que, desobedecendo ao seu próprio Governo, emitiu dezenas de milhares de vistos que permitiram a dez mil judeus e a 20 mil outros

perseguidos fugir dos campos de concentração nazis.

Durante os dias 17, 18 e 19 de Junho de 1940, com as forças alemãs prestes a invadirem Bordéus, onde o Governo francês se refugiara, Aristides de Sousa Mendes emitiu vistos a um ritmo febril para judeus, apátridas, ciganos e activistas políticos, todos declarados "indesejáveis" pelo regime de Salazar. A desobediência custou-lhe caro. Nem o cardeal Cerejeira nem a esposa de Carmona demoveram o ditador de expulsar do Ministério dos Negócios Estrangeiros e de lhe impedir o exercício da advocacia. O diplomata, de uma família aristocrática abastada, acabou por morrer na miséria, em 1954. Treze dos 14 filhos do primeiro casamento viram-se obrigados a emigrar para os Estados Unidos, Canadá, Bélgica e França. Mas essa é uma história que os netos conhecem bem. São os filhos desses emigrantes, a quem ouviram a história triste da família vezes sem conta. São os Sousa Mendes da diáspora.

Todos já conheciam parte dos

companheiros de viagem, mas é a primeira vez que se reúnem em simultâneo, e com maridos, mulheres e alguns filhos. Até estes conhecem a história de Aristides de cor. Ao longo da excursão, que recriou o percurso dos refugiados no Sud Express, participaram em homenagens ao cônsul em Bordéus, Baiona, Hendaya, Irún, Vilar Formoso, Carregal do Sal, descerrando placas e visitando os locais onde Aristides viveu.

Filhos de emigrantes

Para Sheila, uma nova-iorquina de 43 anos, espriar o apartamento de Bordéus, o que lhe permitiu imaginar o quotidiano de Aristides e dos filhos, foi o que doeu mais: "Deu para perceber que tinham uma vida boa. Imagino o que não deve ter custado ao meu pai perder aquele conforto, para emigrar e começar do zero". O pai de Sheila, um dos dois únicos filhos do primeiro casamento ainda vivos, ficou nos Estados Unidos porque está doente. Sheila trabalha para uma prestigiada instituição financeira de Manhattan, mas o pai não teve uma vida tão fácil. Esteve

25 anos sem voltar a Portugal. No dia em que pôde subir para um avião com destino a Lisboa, chorou pela primeira vez à frente de Sheila e do irmão, Paul, de 46 anos.

Recordam que um dos tios foi carteiro, nos Estados Unidos. Os amigos não acreditavam que fosse filho de um diplomata, de um aristocrata. A família também gosta de lembrar que dois outros filhos de Aristides se alistaram para combater os nazis, tendo participado no Desembarque da Normandia, de onde voltaram para contar a história.

Marie-Rose, que só conheceu o pai aos 10 anos, quando ele enviuvou da primeira mulher, conta que só lhe ouviu uma manifestação de raiva: foi quando Salazar enalteceu a forma como Portugal tinha acolhido os refugiados da II Guerra Mundial. "Isso foi de mais!", revolta-se ainda hoje Marie-Rose contra o cinismo do ditador.

Os luxos da família

Os descendentes de Aristides chegaram num autocarro fretado a uma empresa de Pau, no Sul de

França, mas é fácil imaginá-los no lugar do pai, a bordo do *Montes Hermíneos*, o que o cônsul mandou fazer na Bélgica nos anos 30, para viajar com os filhos e com os sete criados que viviam na Casa do Passal, a mansão brasonada de Cabanas de Viriato (Carregal do Sal), onde foi até construída uma casa anexa para servir de garagem ao veículo.

Os filhos de Aristides pouco terão usado o autocarro encomendado, mas provaram outros luxos dessa era, em que a Casa do Passal era o cenário de faustosas recepções. As crianças tinham pianos (três), violinos, violoncelos, faziam uma orquestra. A mansão, propriedade da Fundação Aristides de Sousa Mendes (FASM), está hoje em ruínas, à espera da conclusão dos projectos de reabilitação e de musealização, a cargo do Estado.

A maior parte dos descendentes já tinha estado aqui, com os respectivos pais de quem falam a todo o tempo. Ou em luade-mel, como Louis Philippe, um engenheiro de 39 anos da companhia eléctrica do Québeque,



En
Sc
v
a
c

Vieira, A. (2007, junho 22). Os netos de Aristides da diáspora. P2 – Público, 8-9.



P2 • Sexta-feira 22 Junho 2007 • 9

Votação na RTP Uma desilusão

Até Louis Philippe viu em directo no Canadá. O resultado do concurso Os Grandes Portugueses, da RTP, que deu a vitória a Salazar, seguido de Cunhal e de Aristides de Sousa Mendes, foi uma desilusão para os descendentes do diplomata.

António acredita que a vitória de Salazar se deveu "a uma extrema-direita, que sabe muito bem tirar partido da Internet" e a um "branqueamento da história": "Agora, diz-se que o meu avô morreu na ruína porque era um jogador e que Salazar, se não quisesse, não tinha deixado os refugiados entrar", protesta indignado. Os familiares estrangeiros dizem não compreender como é que um país democrático deu a vitória a um ditador. Mas todos sublinham que uma eleição onde não se controla o número de vezes em que cada um vota, não tem qualquer credibilidade. "O meu filho mais novo assistiu à final do concurso como quem assiste a uma partida de hóquei no gelo". "Pelo menos aí, o jogo é mais claro", comenta-se.

Na terça-feira, na paragem que fez em Vilar Formoso, os descendentes de Aristides ouviram o presidente da Região de Turismo da Serra da Estrela, Jorge Patrão, anunciar que o Memorial da Vida, dois espaços a construir em Vilar Formoso e Guarda consagrados à memória do cônsul, vai assumir a tarefa de identificar as 30 mil pessoas que, em 1940, receberam um visto do diplomata em Bordéus, Baiona e Hendaya, para escaparem aos nazis. A apresentação do projecto do memorial está marcada para 12 de Julho.

Em 1940, Aristides de Sousa Mendes emitiu vistos para judeus, apátridas, ciganos, contra a vontade de Salazar. A desobediência custou-lhe caro



no Canadá. "O estado da casa faz realmente pena, mas a história da família já não. A partir do momento em que se tornou Pública, libertou-nos", explica, enquanto brinca com uma criança de sete anos, filha do primo António.

Tal como Sheila, também Louis Philippe está encantado por conhecer Marc, um técnico de seguros já reformado, que vive em Bruxelas. "É como aquela história do Astérix, em que o Obélix descobre um primo muito diferente, mas por quem sente imediata afeição", diz. A alusão não podia ser mais ajustada numa referência a Marc, que vem de Bruxelas, a capital da banda desenhada.

De barba grisalha muito bem aparada, Marc não parece filho de português e é muito circunspecto. Mas o grupo garante que tem aquele sentido de humor que acreditam ser património da família. Genética é também a emotividade, diz Sheila: "Estamos sempre a chorar", diz já a rir. Marc quer saber onde pode comprar mais exemplares do álbum de

BD sobre Aristides, para levar para Bruxelas: "Estou muito reconhecido a todas as pessoas que lutam para preservar a memória do nosso avô."

Sem barreiras linguísticas

O dia em Cabanas de Viriato começou na Igreja de S. Cristóvão, onde Aristides baptizou os filhos, os pais dos excursionistas, e onde decorreu uma pequena cerimónia religiosa. O padre recordou a máxima do cônsul, para justificar a desobediência ao Governo do Estado Novo: "Se há que desobedecer, prefiro que seja a uma ordem dos homens do que a uma ordem de Deus." E Hermínio Cunha Marques, autor de *O Cônsul Português em Rimas de Acentos Humanitários*, recordou como assistiu, enquanto jovem funcionário das Finanças, às visitas de Aristides à repartição, numa altura em que o diplomata já era açoitado pelas penhoras e execuções.

Irmão de Louis Philippe, Gerald, de 50 anos, técnico de uma multinacional farmacêutica, foi quem teve a ideia da viagem.

Tudo começou no dia em que recebeu um e-mail de alguém que se apresentava assim: "Olá. Chamo-me Nathalie e acho que sou sua prima." Era a mulher de Marc. Gerald lembrou-se então de organizar a excursão. "Quem pôde aceitou logo. Depois foi ano e meio a preparar tudo."

Cabanas de Viriato é uma freguesia que tem ruas estreitas, com casas de pedra à Portugal dos Pequenitos, e também grandes avenidas, surpreendentemente largas, onde quase não passam automóveis. Álvaro, o major reformado que preside à FASM, cruza-se com uma senhora que se aproxima numa carroça puxada por um burro: "Acabo de o ver na televisão, sor doutor", cumprimenta-o, com uma referência à reportagem da RTP sobre a paragem do grupo na véspera, em Vilar Formoso. "O meu filho já fez um trabalho na escola sobre o Aristides de Sousa Mendes", diz. "Muito bem", agradece o militar. Está quase sempre afastado do grupo, ao telefone, a delinear planos de acção relacionados com a FASM e

a campanha da família.

Tal como Álvaro, também o primo António reside em Lisboa e funciona em Portugal como porta-voz dos descendentes de Aristides. Professor e intérprete, viveu no Canadá e é o único do grupo a falar fluentemente português, francês e inglês.

Mas não se sentem barreiras linguísticas na família, que volta e meia deixa gente para trás, a tirar muitas fotografias, distraída com a paisagem ou encantada com a enorme estátua do Cristo-Rei, que Aristides - que nunca foi homem de contar tostões - mandou vir desmontada da Bélgica e instalou numa parte da quinta que hoje é um parque de recreio.

Sheila, a mais extrovertida do grupo, recorda como foi descobrir em Cabanas de Viriato, aos 12 anos, que ainda havia quem precisasse de ir à fonte para abastecer a casa de água ou andasse de carroça. Houve outras constatações mais gratificantes, conta a rir: "Como descobrir que, fora da América, havia muitas mulheres baixas, morenas, com a anca mais larga e peludinhas."

Aristides virtual

O **cônsul altruísta** terá museu *online* esta semana

Ricardo Nabais

ricardo.nabais@sol.pt

A IDEIA inicial tinha quase dez anos. Mas a espera – e o trabalho entretanto desenvolvido – compensou. Na próxima terça-feira, dia 19, é ‘inaugurado’ o primeiro museu dedicado à memória de Aristides de Sousa Mendes. Cônsul em Bordéus na altura da II Guerra Mundial, Aristides ajudou, à revelia das instruções de Salazar, milhares de judeus a obterem vistos para sair da Europa ocupada, rumo a Portugal e, depois, ao Novo Mundo.

As aspas na palavra ‘inaugurado’ têm razão de ser: O museu, ideia e esforço de uma equipa inicial formada pela arquitecta Luísa Pacheco Marques, por Margarida Dantas e pela historiadora Margarida de Magalhães Ramalho, é virtual e estará acessível em <http://mvasm.sapo.pt> a partir desta semana.

A sessão de apresentação do



A família: Aristides (em pé, à esq.) teve um irmão gémeo, César

projecto decorre na Assembleia da República, com uma intervenção de Jaime Gama – que, em 1988, submeteu à votação do Parlamento uma proposta de reabilitação do cônsul – e de Luísa Pacheco Marques.

Desde logo se impõe a pergunta: ‘Por que foi preciso esperar tanto?’. A arquitecta explica que não é possível fazer um museu físico na casa de

Aristides de Sousa Mendes, em Cabanas de Viriato (Viseu), pelo estado de degradação daquele imóvel.

«Por que não fazer, então, um museu virtual?», perguntou. A equipa meteu mãos à obra e entrou no circuito da angariação de fundos. Conseguidos os apoios institucionais, seguiu-se o labor do projecto, com o esforço, na maior parte das

vezes voluntário, de várias pessoas, entre as quais João Francisco Vilhena, editor de fotografia do *SOL*.

O site, amplamente documentado, divide-se em várias partes e é possível ver documentos inéditos ou pouco conhecidos, como o do processo disciplinar a que Aristides foi submetido aquando do seu regresso forçado a Portugal. Outra das jóias da coroa é o acervo de imagens, muitas também inéditas, da chegada dos refugiados judeus a diversos pontos do país ou de testemunhos de sobreviventes desta diáspora. Para isso muito contribuíram as colecções de imagens da Fundação Shoah, de Steven Spielberg, ou do Museu do Holocausto em Washington.

Para quem quiser dar uma espreitadela antes da cerimónia oficial, além do endereço indicado pode ir a www.mvasm.com, o site experimental que funciona desde Julho de 2007.

Robalo, M. (2008, fevereiro 16). O museu da memória. *Expresso*, 32.

32 PRIMEIRO CADERNO
HOLOCAUSTO



Internet A acção do cônsul que salvou milhares de pessoas dos nazis é recuperada na rede

O museu da memória

MÁRIO ROBALO

As ruas apinham-se de mulheres vestidas com casacos compridos e homens de fato e chapéus na cabeça, contrastando com o vestuário singelo da população de Vilar Formoso, que olha atônita as filas de carros inundando a vila fronteiriça. As imagens, a preto e branco, mostram a chegada de milhares de refugiados de guerra que, a partir de meados de 1940, entraram no país com vistos assinados por Aristides de Sousa Mendes, cônsul português em Bordéus (França). A inédita acção do diplomata está a partir de agora preservada no Museu Virtual Aristides de Sousa Mendes (<http://mvasm.sapo.pt>), "destinado a homenagear aquele gesto humanitário e a divulgar o seu contexto histórico", diz Luísa Pacheco Marques, uma arquitecta que, conjuntamente com a investigadora Margarida Dantas e a historiadora Margarida Ramalho, dedicou os últimos sete anos a pesquisar arquivos nacionais e estrangeiros, a procurar testemunhos, a visionar e catalogar filmes, a examinar milhares de documentação oficial e pessoal do cônsul português, além de textos de jornais.

A ideia deste Museu nasceu em 1999. Durante um trabalho de investigação no arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Margarida Dantas viu-lhe "surgir debaixo dos olhos" o processo disciplinar instaurado por Salazar a Aristides de Sousa Mendes, por ter concedido vistos a milhares de pessoas fugidas aos campos de extermínio de Hitler, contrariando as ordens recebidas de Lisboa. Agora, Margarida Dantas diz que só se sentirá "compensada desta aventura" na segunda-feira, quando o Museu for apresentado na Assembleia da República, precisamente duas décadas depois de Jaime Gama ter ali apresentado a proposta de reabilitação do antigo cônsul.

Invasão de famosos

Com a voz pausada mas firme, o rabino Jacob Kruger conta que foi depois de uma conversa com o seu pai, o rabino Chaim Kruger, que o cônsul se decidiu a passar vistos "a todos os judeus". Kruger descreve também o ambiente tumultuoso que, a partir de então, se passou a viver à porta do consulado de Bordéus... O testemunho — retirado de um trabalho de Diana Andringa para a RTP — é um dos 27 depoimentos de perseguidos, registados em vídeo, que o Museu integra no seu acervo. Para os conseguir foi preciso consultar os arqui-

vos de diferentes instituições. Além da Cinemateca Portuguesa, da RTP e do United States Holocaust Memorial Museum, Margarida Dantas refere a "inescunhável ajuda" do Shoah Foundation Institute, organização norte-americana depositária de mais de 50 mil testemunhos de sobreviventes do holocausto e de seus descendentes, alguns dos quais passaram por Portugal.

Com os diversos registos filmicos e fotográficos (mais de 500 fotos recolhidas em diversos arquivos de Paris e Bordéus e da Hemeroteca Municipal de Lisboa, entre outros) reunidos "é possível reconstituir o ambiente que os refugiados encontraram e, simultaneamente, observar as 'diferenças' que eles trouxeram para a sociedade portuguesa", diz Luísa Pacheco Marques, enquanto numa visita antecipada vai mostrando os refugiados a serem observados como exóticos pelas populações de Lisboa, nas esplanadas da Figueira da Foz ou ainda na praia do Estoril. Toda aquela multidão estimulava curiosidade. Alguns despertaram mesmo o interesse da imprensa, como a grã-duquesa Charlotte do Luxemburgo, o actor nor-

te-americano Robert Montgomery, fugido de França, ou Indira Nehru, futura primeira-ministra da Índia.

O Museu não se detém nos efeitos da acção rebelde de Aristides de Sousa Mendes. Contextualiza-a no ambiente político de Lisboa e internacional, disponibilizando informação — mais de três centenas de documentos diversos: bibliografia (mais de 60 títulos), filmes, fotos, imprensa (nacional e estrangeira) e arquivos da Torre do Tombo, dos ministérios dos Negócios Estrangeiros e das Finanças e da Fundação Aristides de Sousa Mendes — que ajuda à leitura das opções políticas do Governo de Lisboa, perante o avanço de Hitler e as manobras dos Aliados.

"Portugal ainda não fez o 'trabalho de casa' em relação a Aristides de Sousa Mendes", lamenta Margarida Ramalho, ao recordar que o Museu do Holocausto, em Nova Iorque, não integra o cônsul na "Sala dos Gentios Justos". A historiadora confia que, a partir de agora, "o caso do homem que individualmente salvou mais gente na II Guerra Mundial desper-te na sociedade um maior interesse".

mrobalo@expresso.pt

A lista de Aristides

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS
SECÇÃO DA ORDEM
Para a [assinatura] de Portugal em PARIS (FRANÇA)
O [assinatura]
Despacho em 23 de Junho 1940 de 1937
65 - Rogo V.Exa. comunicar ao consul Portugal Bordéus que lhe é rigorosamente proibido conceder vistos ou passaportes a quaisquer pessoas, vistos para saída de França em direcção Portugal ficam a cargo consul Bayonne.
a) Ministro
[assinatura]
Cópia à Repetição conservada em 44-b-1740. [assinatura]



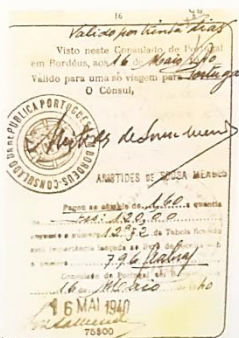
Aristides numa das suas últimas fotos conhecidas. Em cima, com alguns filhos

Com um clique, as folhas amareladas do livro do Consulado de Portugal em Bordéus (França) vão-se voltando. Surgem os nomes, seguidos de apelidos identificadores da origem — Bloch, Levy, Pawel, Wiener. Alguns denunciam ascendência portuguesa — Sousa, Silva ou ainda Rodrigues. Foram mais de 30 mil as pessoas que Aristides de Sousa Mendes salvou do holocausto nazi, desde que em Maio de 1940 iniciou uma acção de desrespeito às ordens de Salazar. A mesma atitude teve-a no Consulado de Bayonne, também em território francês. Intimado a abandonar os Consulados, continuou a passar vistos na rua, no carro e no hotel. A Lisboa, que o demite a 24 de Junho, responde afirmando que apenas obedece à sua consciência... As tropas alemãs chegam a Bordéus a 27 de Junho,

Pedroso, C. (2008, fevereiro 18). Museu virtual recupera Aristides de Sousa Mendes. *Metro*, 3.

Museu virtual recupera Aristides de Sousa Mendes

Documentos e testemunhos inéditos honram memória do cônsul português



Visto concedido por Sousa Mendes a um refugiado

HOMENAGEM A partir de amanhã, há menos motivos para se desconhecer a figura de Aristides de Sousa Mendes. O diplomata português, que salvou milhares de pessoas do Holocausto nazi, vai ter um museu virtual para honrar a sua vida e obra. A inauguração acontece amanhã, na Assembleia da República, 20 anos depois da decisão parlamentar de reabilitar o diplomata.

Neste museu, com três "salas" — o Corredor da Guerra, o Corredor da Fuga e o Corredor da Liberdade — poderemos tomar conhecimento do inestimável contri-

buto do cônsul português em Bordéus ao conceder vistos a refugiados, judeus e outros, que procuravam escapar à perseguição nazi. A sua reabilitação demorou muitos anos, só chegando na década de 80.

Margarida Dantas, uma das autoras deste projecto virtual, conta ao METRO que tudo começou durante a exposição "Liberdade e Cidadania 100 anos de Portugueses" na qual colaborou. Ao consultar todo o processo disciplinar movido pelo governo de Salazar ao diplomata — que se encontra no arquivo histórico do Ministério dos Negócios

Estrangeiros — ficou tão impressionada com o que viu que pensou em fazer algo: "Afim de contas, não existe mais ninguém na II Guerra Mundial que tenha salvo tanta gente — estima-se que ronde as 30 mil pessoas".

Margarida Dantas, com Margarida de Magalhães Ramalho e Luísa Pacheco Marques decidiram homenagear o diplomata. "Pensámos em fazer uma exposição, mas seria sempre algo temporário. Lembrámo-nos então de um museu virtual. Apresentámos o nosso projecto à Direcção-Geral das Artes que nos apoiou e permitiu que concor-

O museu inclui imagens do arquivo de Steven Spielberg

rêssemos a fundos comunitários", conta Margarida. Mas, apesar dos bons resultados, ainda há muito para fazer. "Vamos procurar fundos para conseguir uma tradução para inglês", adianta a responsável. E um dia é mesmo possível que o espólio passe a museu físico: "Poderia ficar na Casa do Passal, a casa de Aristides, em Cabanas de Viriato", um projecto da Fundação Aristides de Sousa Mendes que aguarda



Aristides salvou mais de 30 mil

por financiamentos.

O Museu Virtual, que a partir de amanhã está disponível em www.mvasm.com, tem uma exposição a não perder, dividida pelos tais corredores. Ali são apresentados filmes inéditos pertencentes a arquivos nacionais e estrangeiros da Cinemateca e do Steven Spielberg Film and Video Archive. Existem ainda testemunhos escritos e orais de refugiados. **CÉLIA PEDROSO**

Costa, J.F. (2008, fevereiro 19). Inaugurado hoje museu virtual de Aristides. *Público*, 13.

Inaugurado hoje museu virtual de Aristides

Joana Ferreira da Costa

● O museu virtual Aristides Sousa Mendes é inaugurado hoje ao final da tarde pelo presidente da Assembleia da República, Jaime Gama, assinalando os 20 anos da decisão de reabilitação do diplomata pelo Parlamento.

No museu (www.mvasm.com) será possível aceder a documentos, fotografias e filmes inéditos sobre a vida do cônsul de Portugal em Bordéus, que em 1940, numa França ocupada pelos nazis, assinou milhares de vistos permitindo a fuga de refugiados ao regime de Hitler. Destituído do cargo por Oliveira Salazar por ter desobedecido a ordens e “desonrado” Portugal, Sousa Mendes morreu na miséria em 1954. O museu, uma iniciativa da Direcção-Geral das Artes, está dividido em três corredores virtuais: um sobre a Segunda Grande Guerra, outro sobre a fuga ao regime nazi e outro sobre a liberdade, com imagens da chegada e partida de Portugal de muitos refugiados.

Museu virtual evoca Sousa Mendes. (2008, fevereiro 20). *Diário de Notícias*, 50.

Museu virtual evoca Sousa Mendes

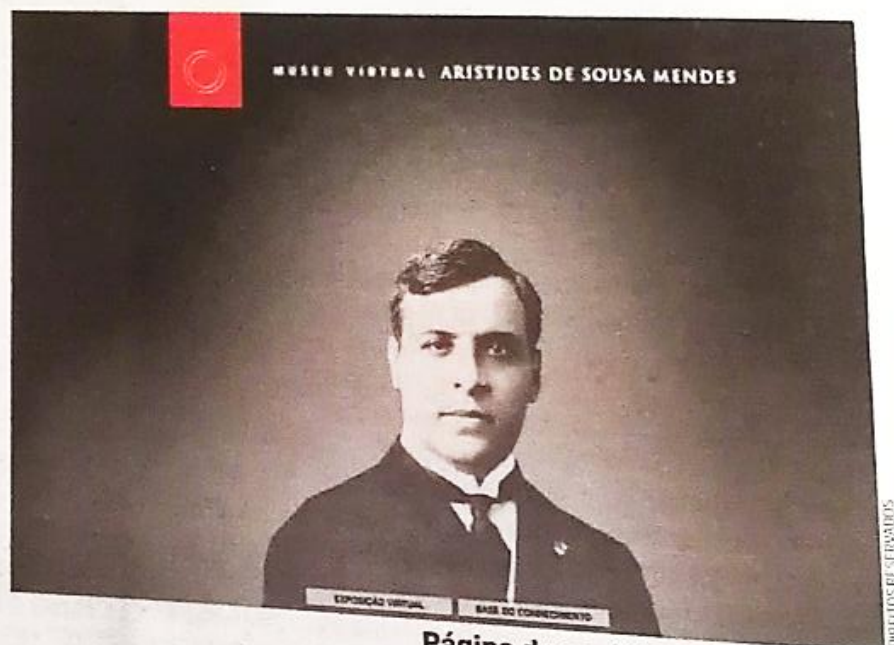
Tributo. Projecto foi ontem oficialmente apresentado na Assembleia da República

O Museu Virtual Aristides de Sousa Mendes, consultável no endereço www.mvasm.com, foi ontem apresentado oficialmente na Biblioteca da Assembleia da República, na passagem do 20.º aniversário da decisão parlamentar que levou à reabilitação do nome do diplomata.

Estruturado em três “corredores” – da Guerra, da Fuga e da Liberdade –, o museu reúne documentos e filmes inéditos da época, provenientes de arquivos nacionais e estrangeiros, nomeadamente da Cinemateca Portuguesa e do Steven Spielberg Film and Video Archive.

Várias bases de dados – de natureza bibliográfica, documental e iconográfica – permitem igualmente enquadrar a acção de Aristides de Sousa Mendes (1885-1954) enquanto cônsul de Portugal em Bordéus, sendo acompanhadas por testemunhos (orais e escritos) e listas cronológica e alfabética dos milhares de refugiados que o diplomata ajudou com os seus vistos.

Promovido pela Direcção-Geral das Artes (ex-Instituto das Artes), do Ministério da Cultura, o projecto, pensado ainda em 1999, começou a



Página de acolhimento do museu

ganhar forma em Maio de 2005, sendo resultado do trabalho de uma equipa pluridisciplinar, coordenada

Projecto envolveu uma equipa pluridisciplinar

por Luísa Pacheco Marques – a quem se deve a ideia de homenagear Aristides de Sousa Mendes e o alcance da sua acção por esta via –, Marga-

rida Dantas e Margarida de Magalhães Ramalho.

Online desde 19 de Julho de 2007 – data escolhida por coincidir com o dia de aniversário de Aristides de Sousa Mendes –, o museu virtual que, a partir de agora, lhe é oficialmente dedicado está também aberto à participação de quantos o visitarem. Continuará, assim, a ser enriquecido com informação sobre o diplomata, o seu tempo e o trabalho que desenvolveu em prol dos direitos humanos. ■

► MUSEU VIRTUAL

Em memória de Aristides

Não é uma iniciativa inédita, mas continua a ser original. A Assembleia da República abriu ontem aos cibernautas um museu virtual inteiramente dedicado a Aristides Sousa Mendes, o cônsul português em Bordéus que, ao longo da ocupação da França pela Alemanha, ajudou a salvar imensas vidas, favorecendo a fuga para Portugal. O museu, disponível em www.mvasm.com, tem três alas diferentes: Corredor da Guerra, Corredor da Fuga e Corredor da Liberdade. É uma espécie de anatomia da fuga – e ao mesmo tempo um tributo justíssimo a uma das mais fascinantes figuras da nossa história contemporânea. Quem disse que da Assembleia da República só vêm tricas partidárias e proibições em catadupa?

Ministros eram quatro. (2008, fevereiro 23). *Expresso*, 14.

Ministros eram quatro

A apresentação pública do Museu Virtual que homenageia Aristides Sousa Mendes, cônsul de Portugal em Bordéus em 1940, que, desafiando Salazar, salvou dos nazis milhares de refugiados (www.mvasm.com), decorreu terça-feira passada, no Parlamento e conseguiu o prodígio de juntar, nada menos, que quatro ministros da Cultura: o actual, Pinto Ribeiro, e os seus antecessores Isabel Pires de Lima, Augusto Santos Silva e Pedro Roseta. Outro ex-titular, da pasta Manuel Maria Carrilho, ainda passou fugazmente pela sessão.

Castanheira, J.P. (2008, novembro 1). "Um mito criado por judeus". *Actual*.

«Um mito criado por judeus»

Um dos capítulos do livro, porventura o mais polémico, chama-se «A mitificação de Aristides de Sousa Mendes». O embaixador acusa o cônsul de «actuação irregular». «De forma totalmente irrealista, fala-se em 30 mil» o número de vistos «concedidos em apenas alguns poucos dias pelo cônsul e seus familiares, de forma cega, no consulado e até nos



ARISTIDES DE SOUSA MENDES

cafés da vizinhança». Themido sublinha «a necessidade de manter disciplina nos serviços que de forma directa ou indirecta pudessem, com a sua actuação, afectar o estatuto de neutralidade» do país. Para o embaixador, Aristides foi um «mito criado por judeus e pelas forças democráticas saídas do 25 de Abril». E mais à frente: «quando a família» do cônsul, «grupos judaicos e forças da esquerda ressuscitaram o assunto, procurei saber mais sobre o ocorrido». Observa que Aristides apenas «pertencia à carreira consular, considerada carreira menor em relação à carreira diplomática». Por outro lado, o processo disciplinar ao cônsul em Bordéus «foi o último de vários de que foi alvo ao longo da carreira, quase sempre por abandono do posto ou concussão». Nota que a maioria dos processos «desapareceu misteriosamente» do MNE e que o de Bordéus está «incompleto». Assim, considera «incompreensível criticar» o Ministério, «incluindo o ministro, por ter aplicado a lei nas circunstâncias da época».

Raposo, L. (2009, abril 7). Um português na Alameda dos Justos. *Diário de Notícias*, 24.

Um português na Alameda dos Justos

No recinto do Yad Vashem (Museu do Holocausto) em Jerusalém existe uma alameda onde as árvores têm uma placa como um nome. É a Alameda dos Justos, ou seja, dos gentios (não judeus) que ajudaram a salvar judeus. Um nome português foi gravado numa placa e colocado junto de uma das árvores da referida alameda: **Aristides de Sousa Mendes**. Cônsul português em Bordéus durante a II Guerra, contrariou as normas de Salazar e outorgou vistos a milhares de judeus, salvando-lhes a vida.

Vida de Aristides em cinema. (2009, outubro 8). *Diário de Notícias*, 53.

Vida de Aristides em cinema

Biopic. O actor Victor Norte será o diplomata português

O filme *O Cônsul de Bordéus*, sobre o diplomata Aristides de Sousa Mendes, começa a ser rodado no dia 20 em Viana do Castelo pelos realizadores Francisco Manso e João Correa, disse a produtora Take 2000. *O cônsul de Bordéus* é protagonizado por Victor Norte, no papel de Aristides de Sousa Mendes, o diplomata português que, à revelia de Oliveira Salazar, atribuiu cerca de trinta mil vistos a refugiados perseguidos pelo regime nazi em 1940. ■

Julião, P. (2009, outubro 13). Victor Norte assume vida de Aristides de Sousa Mendes. *Diário de Notícias*, 68.

Victor Norte assume vida de Aristides de Sousa Mendes

Filme. 'O Cônsul de Bordéus' é apresentado hoje à imprensa. A sua rodagem vai iniciar-se em Viana do Castelo já no próximo dia 20, terça-feira

PAULO JULIÃO, Viana do Castelo

Depois do *Assalto ao Santa Maria*, Viana do Castelo prepara-se para receber a rodagem de um novo filme, desta feita *O cônsul de Bordéus*, que retratará o diplomata Aristides de Sousa Mendes, que será representado por Victor Norte.

A longa metragem terá realização de Francisco Manso e João Correa, sendo a Take 2000 a produtora, e o início da rodagem agendado já para dia 20, percorrendo espaços emblemáticos da cidade de Viana como a Pousada de Santa Luzia, Teatro Sá de Miranda ou o Jardim das Tílias, entre outros.

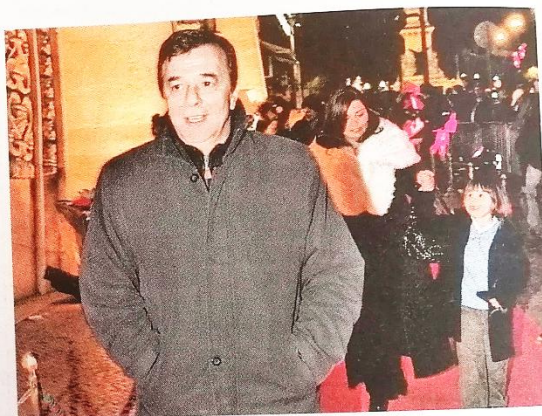
Trata-se de um filme que retrata a história do diplomata português que, à revelia de Oliveira Salazar, atribuiu cerca de trinta mil vistos a refugiados perseguidos pelo regime nazi em 1940. O filme, garantiu a Take 2000 ao DN, cen-

Filme é realizado por Francisco Manso e João Correa

tra-se precisamente neste período, em Junho de 1940, durante o qual o antigo cônsul em Bordéus ajudou milhares de judeus e refugiados a viajarem para Portugal ou Estados Unidos. "O cônsul de Bordéus" cruza a história real de Aristides de Sousa Mendes com a ficção de um refugiado, que no futuro se tornará um reputado maestro e a quem caberá contar a história ao longo do filme, papel interpretado pelo actor espanhol Manuel de Blas.

O argumento é assinado pelo escritor António Torrado e por João Nunes e co-realizado por Francisco Manso e João Correa, realizador português radicado há mais de 40 anos na Bélgica. Do elenco fazem parte ainda nomes como Carlos Paulo, no papel do rabino Chaim Kruger, que dirigia uma sinagoga em Bordéus, Leonor Seixas, Laura Roveral e Pedro Cunha.

A rodagem decorrerá ao longo de sete semanas em Viana do Cas-



Victor Norte encarna cônsul que ajudou perseguidos dos nazis

telo, cidade que já tinha sido escolhida para o *Assalto ao Santa Maria*, também de filme de Francisco Manso. "Vai percorrer grande parte da cidade e por isso é uma boa oportunidade para promover a cidade de Viana do Castelo junto de milhares de pessoas", afirmou Defensor Moura, presidente da autarquia, que vai apoiar financeiramente esta produção. O orçamento ronda os três milhões de euros e conta com produção de Portugal, Espanha e Bélgica, que garante a

estreia do filme nos cinemas nos países de língua espanhola e francesa.

Um filme que, garantem os autores, pretende fazer justiça a uma "importante personalidade da história de Portugal que teve relevo internacional" e que morreu praticamente na miséria, em 1954. Só anos depois da sua morte é que Aristides de Sousa Mendes foi reconhecido não só a nível internacional, mas também pela República Portuguesa. ■

Oliveira, L. H. (2009, outubro 14). "O cônsul de Bordéus" roda em Viana do Castelo. *Jornal de Notícias*, 51.

"O consul de Bordéus" roda em Viana do Castelo

Filme, de Francisco Manso, conta a história de Aristides Sousa Mendes

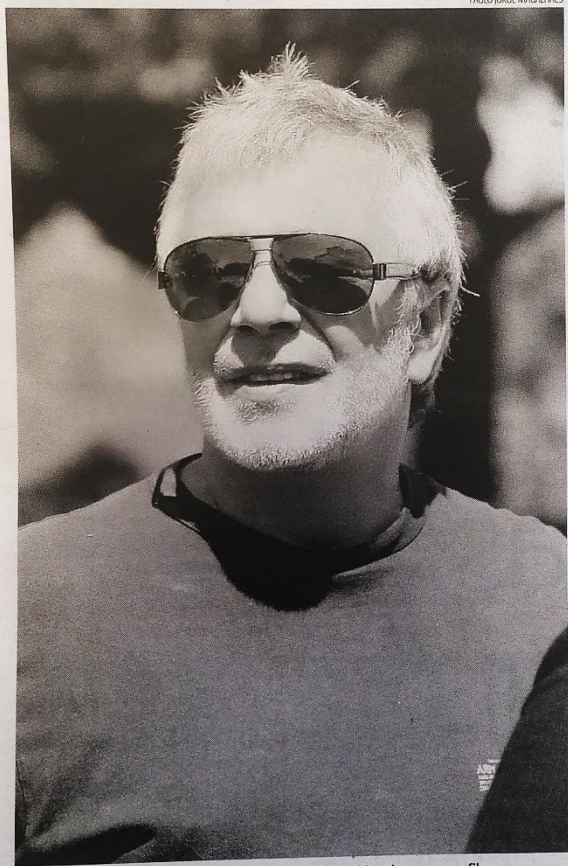
LUÍS HENRIQUE OLIVEIRA
luisoliveira@jn.pt

Vitor Norte será Aristides de Sousa Mendes na obra "O cônsul de Bordéus". Rodagem do filme arranca na próxima semana em Viana do Castelo, que assistirá, até junho do próximo ano, à antestreia mundial da obra.

"A proposta que temos pela frente é a de fazer de Aristides de Sousa Mendes o herói que ele de facto foi. E isso é o mínimo que podemos fazer". Francisco Manso, que assina a realização em parceria com João Correea (realizador luso radicado na Bélgica), sintetizou, assim, a obra sobre o diplomata português que salvou a vida a mais de 30 mil refugiados do regime nazi, na sua maioria judeus.

A frente do elenco está Vitor Norte, que vestirá a pele de Aristides de Sousa Mendes, destacando-se, ainda, os nomes de Leonor Seixas, Carlos Paulo (no papel do rabino Chaim Kruger), Joaquim Nicolau, São José Correia e Laura Soveral, bem como dos espanhóis Manuel de Blas e Miguel Borines. As rodagens decorrerão até finais do próximo mês naquela cidade minhota, estimando a produção, a cargo da Take 2000, dar por concluído o filme até junho próximo, altura em que se comemorarão os 70 anos sobre o feito de Aristides.

Segundo o produtor, José Mazedo, a obra (cujo argumento é as-



Vitor Norte vestirá a personagem de Aristides Sousa Mendes no novo filme

sinado pelo escritor António Torrado) apresenta-se como a continuidade da ligação da produtora a Viana do Castelo, onde havia já rodado o filme "Assalto ao Santa Maria" (sobre o episódio que abalou as ditaduras ibéricas), tendo, para tal, aproveitado o antigo navio-hospital "Gil Eannes".

"A primeira razão da escolha de Viana do Castelo foi porque gostámos muito de rodar aqui o "Assalto ao Santa Maria". A segunda prende-se com uma realidade: Viana está mais bonita do que Bordéus. Conseguimos filmar sem grandes adereços à vista", diria, ontem, Mazedo, na conferência realizada em Viana do

Filme estará concluído

em junho, altura

em que passam 70 anos sobre o feito de Aristides

Castelo, adiantando que espaços como a Praça da República, a pousada de Santa Luzia e o teatro de Sá de Miranda serão retratados na obra.

As restantes filmagens decorrerão na cidade de Bordéus e junto à fronteira entre França e Espanha. O filme retratará duas épocas (1940 e a actualidade), sendo a ligação, ficcionada, entre os dois tempos estabelecida por uma criança que viria a ser salva por Aristides. ■

O cônsul de Bordéus já roda em Viana do Castelo. (2009, outubro 21). *Jornal de Notícias*, 44.

CINEMA

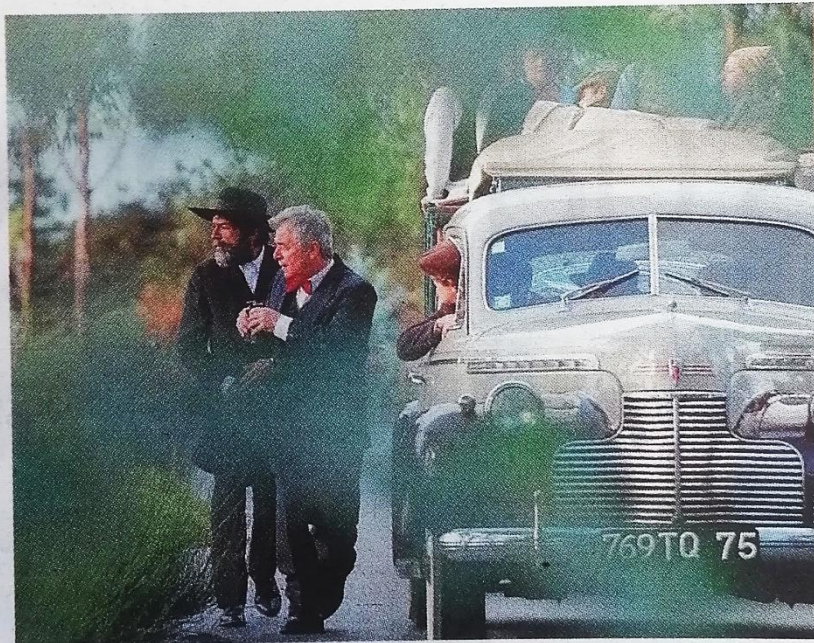
"O cônsul de Bordéus" já roda em Viana do Castelo

As filmagens de "O cônsul de Bordéus" arrancaram ontem, na serra de Santa Luzia, em Viana do Castelo. A longa-metragem, que se baseia na história de Aristides de Sousa Mendes, tem como protagonista Vítor Norte.

Assim, o actor vai vestir a pele de um diplomata que, às escondidas de Oliveira Salazar, atribuiu cerca de 30 mil vistos a refugiados perseguidos pelo regime, em 1940.

Em declarações à Lusa, Vítor Norte admitiu que vestir a pele da personagem é uma "responsabilidade acrescida", uma vez que "foi uma pessoa que sacrificou a sua própria vida para salvar muita gente".

O filme cruza, então, a história real de Aristides de Sousa



Vítor Norte (sem chapéu) é Sousa Mendes, diplomata que se opôs a Salazar

ARMÉNIO BELO / LUSA

Rodagem de “Cônsul de Bordéus” já começou. (2009, outubro 21). *Diário de Notícias*, 53.

Rodagem de ‘Cônsul de Bordéus’ já começou

Cinema. Filme sobre Aristides de Sousa Mendes, protagonizado por Vitor de Sousa, deverá chegar às salas de cinema antes de Junho de 2010

Um tempo cinzento, com chuva e frio, marcou ontem o início das filmagens, na Serra de Santa Luzia, em Viana do Castelo, da longa-metragem *O Cônsul de Bordéus*, sobre o diplomata Aristides de Sousa Mendes.

O Cônsul de Bordéus é protagonizado por Vitor Norte, no papel de Aristides de Sousa Mendes, o diplomata português que, à revelia de Oliveira Salazar, atribuiu cerca de 30 mil vistos a refugiados perseguidos pelo regime nazi em 1940.

No primeiro dia de filmagens, foi gravada a cena em que o “cônsul” Vitor Norte comanda uma coluna de carros em que seguem os refugiados, numa tentativa de fuga desde França até Portugal.

As filmagens vão decorrer em Viana do Castelo até 29 de Novembro, envolvendo mais de 1200 figurantes.

A escolha daquela cidade do

Alto Minho ficou a dever-se ao facto de, actualmente, Viana do Castelo “estar muito parecida” com Bordéus de 1940.

Vitor Norte admitiu que “vestir a pele” de uma personagem real “é uma responsabilidade acrescida”, mas garantiu que já fez o trabalho de casa, falando com alguns familiares de Aristides de Sousa Mendes, para se inteirar dos traços mais marcantes da sua personalidade.

O Cônsul de Bordéus tem um orçamento de três milhões de euros, e do elenco fazem parte nomes como Carlos Paulo, no papel do rabino Chaim Kruger, que dirigia uma sinagoga em Bordéus, Leonor Seixas, São José Correia, Laura Roveral e Pedro Cunha.

A estreia do filme acontecerá “seguramente” antes de Junho de 2010, a tempo de assinalar o 70º aniversário do histórico episódio. ■

LUSA

Hermano Saraiva e Aristides Mendes

@ Não há faculdade mais valiosa para um ser humano do que a memória. A memória é o chão em que fincamos os pés... Se a memória é essencial para a acção de qualquer homem ou mulher, é-o ainda mais para um historiador. É o instrumento que usa no seu trabalho, nas suas pesquisas, se ele a perde torna-se um ser incompleto e absurdo, um falsificador da realidade. José Hermano Saraiva diz que Aristides de Sousa Mendes não foi um herói. Já tinha dito que o Estado Novo nunca o ostracizou, quan-

do na verdade há provas irrefutáveis de que o regime salazarista o afastou da vida diplomática, levando a que vivesse na pobreza nos últimos anos de existência. A memória que eu tinha de José Hermano Saraiva era, apesar de tudo, positiva. Recordava-o como um historiador apaixonado, que divulgava a história do seu país, das suas terras e gentes em sucessivos programas da televisão pública. Agora, pelo contrário, parece-me que ele nunca deixou de ser o autori-

tário ministro da Educação de Salazar, que mandou os polícias atacar os estudantes da Universidade de Lisboa. Na memória histórica ficará que Aristides de Sousa Mendes foi um herói, que se sacrificou para salvar vidas, e que José Hermano Saraiva foi um político sem ética, que serviu um ditador e uma ditadura, como são, aliás, todos os políticos que servem os regimes ditatoriais...

Rui Marques

RUJ.MARQUES@GMAIL.COM

Antunes, J. (2009, novembro 28). Finalmente, Aristides de Sousa Mendes. *Jornal de Notícias*, 54.

Reportagem

JOÃO ANTUNES
cultura@jn.pt

A ordem de acção do realizador começa a ouvir-se na sala a voz do actor espanhol Manuel de Blás. Um arrepio corre pela espinha de quem se encontra à sua volta. O local é o lendário e esplendoroso Teatro Sá de Miranda, no centro histórico de Viana do Castelo. É ali que se repetem as várias takes da cena 12, onde Francisco de Almeida, o maestro que se prepara para dirigir um espectáculo, se encontra pela primeira vez com a jovem jornalista Alexandra Schmidt.

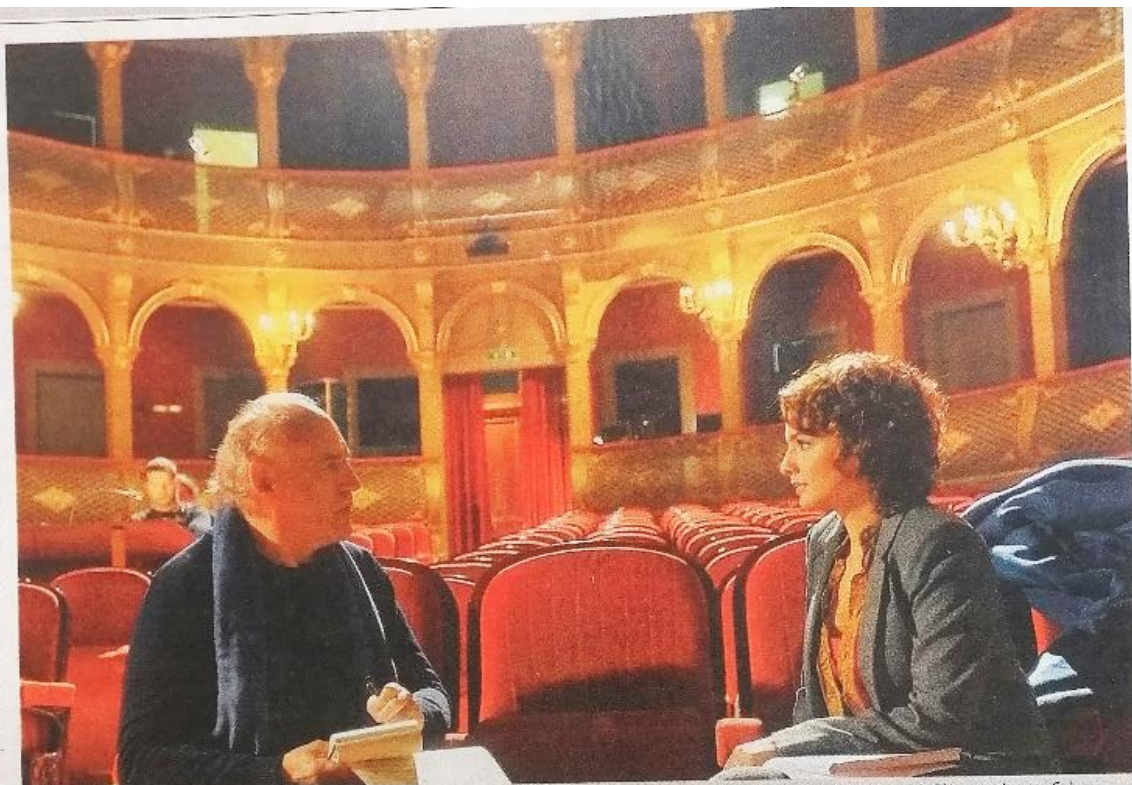
A cena faz parte de "O cônsul de Bordéus", uma co-produção da portuguesa Take 2000 com belgas e espanhóis. O filme aborda os feitos de Aristides de Sousa Mendes que, entre finais de Maio e Junho de 1940, quando dirigia o consulado português naquela cidade francesa, emitiu em todo o tipo de papel que encontrava cerca de 30 mil vistos para judeus que fugiam dos avanços nazis, permitindo-lhe a passagem por Portugal para outros destinos mais seguros.

Uma acção tremendamente humanitária, num momento de horror para a humanidade e que, feita contra as ordens expressas de Salazar, lhe valeu o fim da carreira, mas também a imortalidade. A mensagem que se transmite para fora, para melhor se compreender a importância deste homem, é de que se trata do "Schindler português".

Não é biografia tradicional

No final de mais um dia de rodagem, o realizador Francisco Manso explica-nos a génese do projecto. "Já é uma admiração antiga, pela coragem que teve de enfrentar um governo autoritário com muito pouca sensibilidade para aquele drama humano. E custou-lhe caro, porque havia da parte do governo de Salazar a famosa Circular 14, que dizia expressamente que não deviam ser passados vistos a apátridas, judeus e outras pessoas com nacionalidades indefinidas."

"O cônsul de Bordéus" não é uma biografia tradicional de Aristides de Sousa Mendes, mas uma evocação do período da sua vida que o tornaria famoso. A vertente ficcional permite haver uma montagem paralela com a actualidade, onde alguém recorda como o conheceu. Francisco Manso explica-nos as linhas gerais do argumento: "Há dois miúdos de origem polaca, judeus, que vivem em Antuérpia e que mercê dos avanços do exército nazi acabam por ser enviados pelos pais para Bor-



"O cônsul de Bordéus", durante a rodagem no Teatro Sá de Miranda, em Viana do Castelo, numa cena protagonizada pelo espanhol Manuel de Blás e por Leonor Seixas

Finalmente, Aristides de Sousa Mendes

Filme de Francisco Manso, que conta a história daquele que ficou conhecido como "Schindler português", está a terminar as rodagens em Viana do Castelo e tem estreia prevista para o próximo ano em Bruxelas

déus, onde ficariam em casa de pessoas amigas à espera que eles chegassem"

Sendo este o ponto de partida do filme, estas personagens de fic-

O filme aborda os feitos do cônsul português em Bordéus, entre Maio e Junho de 1940

ção vão enfim cruzar-se com Aristides e outras figuras que realmente existiram. O realizador continua a descrever-nos a história: "Os dois irmãos chegam a Bordéus, em fuga da Bélgica. A

miúda desaparece e o irmão fica na sinagoga com o rabino Kruger e a mulher. Conhece o Sousa Mendes, que o convida lá para casa. É ficção mas podia ser realidade, porque ele convidou uma série de pessoas que estavam naquelas circunstâncias na sinagoga para irem para casa dele, que era enorme, mesmo ao lado do consulado. E ele próprio os conduziu para a fronteira. Isso é incrível e é o lado do Aristides que nos interessa contar."

Como o jovem protagonista é adoptado por uma família de Viana do Castelo que depois emigra para a Venezuela, e aí acaba por se

tornar maestro, regressará já no final da vida à cidade minhota para aí dirigir a Escola de Música, no Teatro Sá de Miranda. Aí, pela mão de uma jovem jornalista que vem acompanhando o seu percurso e pensa saber qual o seu passado, uma surpresa espera-o... Com uma história assim, espera-se que o filme possa ter alguma repercussão também fora de portas. "Já está garantida uma versão dobrada em francês", adianta Francisco Manso. "A Bélgica, tal como a França, soube bem o que foi a ocupação nazi. E acredito plenamente que este filme venha a ter uma versão dobrada em inglês. O mer-

cado americano é extremamente apelativo para um filme deste género. Aristides salvou muito mais gente do que Schindler."

A estreia mundial prevê-se que

"Aristides salvou muito mais gente do que Schindler", garante Francisco Manso

possa ser feita em Bruxelas, no próximo ano, quando se comemorarem os 70 anos dos feitos de Aristides, esperando-se que as autoridades portuguesas estejam presentes ao mais alto nível. ■

Antunes, J. (2009, novembro 28). "Tive menos coisas a que me agarrar. Estou um bocado em pânico". *Jornal de Notícias*, 55.

"Tive menos coisas a que me agarrar. Estou um bocado em pânico"

Entrevista

Foi Vítor Norte o actor escolhido para vestir a pele de Aristides de Sousa Mendes. Trata-se de um artista que tem acumulado êxitos, tanto em termos de cinema, onde já deu o seu contributo em mais de 30 películas (estreou-se em 1982 com "A vida é bela", de Luís Galvão Telles), como de televisão (passou a ser um dos actores habituais de telenovelas e séries a partir de "Vila Faia", também de 1982). Aos 58 anos, o actor que começou a sua carreira na Casa da Comédia, em Lisboa, colecciona prémios. Por exemplo, foi distinguido com os globos de ouro para melhor actor de cinema em 1999 ("Jaime", de António Pedro Vasconcelos), em 2000 ("Tarde demais", de José Nascimento) e em 2002 ("O gotejar da luz", de Fernando Vendrell). Num dia em que não filmava, o experiente actor falou-nos sobre os desafios deste seu novo trabalho.

Como é que se representa uma figura mítica?

Não sei bem. Andei a fazer pesquisa sobre o Aristides e não há grande coisa. Mesmo os netos não adiantaram muito. Foram muito simpáticos, mas realmente não há muita documentação sobre como ele era como pessoa. Não sei se era uma pessoa muito tímida, se não era. Se era afável ou não. O que se representa depende do argumento.

Nem mesmo fisicamente?

Era uma pessoa forte, alta. Com uma grande cabeça. Não tem nada a ver comigo. Mas no cinema o que interessa é a personalidade. O que fiz foi seguir o argumento e as orientações do realizador.

O que encontrou no guião para humanizar, dar carne e alma, à personagem?

Em princípio, pelo que ele fez. No guião, ele é uma pessoa até uma certa altura. E quando decide que realmente vai passar os vistos é como se fosse um iluminado, fica diferente. Foi dos papéis de época que já fiz em que tive menos coisas a que me agarrar. Por isso, estou um bocado em pânico também.

O encontro com os netos deve ter sido particularmente comovido...



Vítor Norte durante as filmagens

São pessoas muito interessantes. Mas não adiantaram muito em relação às minhas buscas. Houve um neto que viveu com ele, mas tinha três ou quatro anos e já não se lembra como é que ele era.

Para um actor, é mais gratificante representar uma figura que existiu mesmo?

É muito interessante, mas é muito difícil. Vai haver sempre comparações. Há sempre aqueles grandes conhecedores do assunto que depois nos vão criticar. Mas é sempre aliciante fazer o papel de uma pessoa que existiu por ser uma história verdadeira, estar apoiada em certas bases.

Como conhecedor do cinema português, estamos a fazer um grande filme sobre Aristides de Sousa Mendes?

Acho que sim. Em primeiro lugar, a história está muito bem escrita. É difícil encontrar um argumento de que a pessoa goste e que não tenha de fazer grandes modificações na altura. E mesmo este tempo chuvoso dá um ar dramático à história. Vamos ver o que isto dá. Tenho gostado imenso de ver as imagens que já estão filmadas dos outros. Das minhas, nunca gosto muito. ■

JOÃO ANTUNES
cultura@jn.pt

Quinta-feira 28 (JANEIRO DE 2010)

www.jn.pt

NOTÍCIAS DE ÚLTIMA HORA
jn.pt/ultimas

A LOJA DO JORNAL DE NOTÍCIAS
www.lojadojornal.pt

ARQUIVO ELECTRÓNICO JN
www.jn.pt

LEIA OS NOSSOS BLOGGERS
jn.pt/blogs

02798

5 605290 076213

0 tempo para hoje

Máxima 13°
Mínima 7°

PÁGINA 55

Televisão

SIC estreia ficção sobre vampiros no fim-de-semana

PÁGINA 57

POR OUTRAS PALAVRAS

Manuel António Pina

Socialismo honorário

Como naquele anúncio de um hipermercado, ainda sou do tempo em que o arroz carolino custava um tostão e em que o socialismo tinha como valores estruturantes a liberdade e a igualdade. Para alguns dos por assim dizer notáveis que hoje transportam o inerte facho do socialismo, isso foi chão que deu uvas. As alcantifas do seu socialismo "moderno" não chegam já as ditas vozes dos "humilhados e ofendidos" e dos "condenados da terra", e a liberdade que espere sentada na antecâmara dos valores mais altos que entretanto se alevantaram das "infraestruturas urbanísticas, rodoviárias e turísticas". Dai os elogios do "presidente honorário" do PS, Almeida Santos, à "obra positiva" de Jardim no encerramento do Congresso do... PS-Madeira. Pelo suave milagre das "infraestruturas", esfumaram-se nas brumas da memória deste neo-socialismo o "défice democrático", o caciquismo, a liberdade vigiada e a miséria e exclusão ocultas atrás do "glamour" dos hotéis de luxo. De fora da gaveta onde Soares o meteu, o PS havia guardado do socialismo algumas palavras "ad usum" eleitoral. Agora, pelos vistos, já nem isso.

Viva + Glória Pires

Biografia da actriz repõe verdades

PÁGINA 63

Cultura

Morgan Freeman é o Mandela de Clint Eastwood

PÁGINA 45

BD portuguesa presente no Festival de Angoulême

PÁGINA 51

A história de...



Neto do cônsul em Bordéus assinalou Dia do Holocausto com visita a escola do Porto para que a memória não se apague

Álvaro de Sousa Mendes

Neto de Aristides de Sousa Mendes transmite a mensagem dos "valores actuais" deixados pelo avô

Lembrar o Holocausto

Setenta anos passados, os jovens precisam de aprender os valores deixados por Aristides de Sousa Mendes, algo que o neto Álvaro recorda a cada nova evocação da memória do avô. "Deu-se a milhares de pessoas que não conhecia", afirmou, ontem, na visita ao Colégio Luso-Internacional do Porto (CLIP).

É essa a lição que ensina sempre que visita uma escola para explicar o que foi o Holocausto e o papel que Aristides de Sousa Mendes teve na vida das milhares de pessoas a quem deu vistos de entrada em Portugal, à revelia das ordens de Salazar: a de "querer saber dos outros e dar a mão aos outros".

Álvaro Sousa Mendes, presidente do Conselho de Administração da Fundação Aristides de Sousa Mendes, confessa sentir o "peso enorme da responsabilidade" de passar a mensagem "de solidariedade e de amor pelo próximo" que herdou da vida do avô. "O aspecto educativo é um dos principais objectivos da Fundação", esclareceu, antes de falar aos cerca de 200 alunos do CLIP que encheram o anfiteatro do colégio para o ouvirem.

É durante estes encontros que Álvaro tem a certeza da admiração que as gerações mais novas têm pelo cônsul Aristides de Sousa Mendes. "Sinto grande satisfação por ver os jovens tão interessados nesta temática", explicou.

É para materializar o legado do cônsul português em Bordéus, durante a Segunda Guerra Mundial, que a Fundação a que Álvaro preside pretende recuperar a casa onde Aristides de Sousa Mendes viveu, em Cabanas de Viriato, Carregal do Sal, Viseu. Lá, o sonho é construir um "Museu do Holocausto, uma biblioteca e um arquivo" para que o legado de Aristides de Sousa Mendes não caia no esquecimento.

ÁLVARO SOUSA MENDES
é o presidente do Conselho de Administração da Fundação Aristides de Sousa Mendes

MARIA CLÁUDIA MONTEIRO
claudia@jn.pt

APROVEITE OS SALDOS SEM FAZER GRANDES ESFORÇOS.

0% SURPRESAS 0% PENALIZAÇÕES 100% SATISFAÇÃO

☎ 808 227 227 Chamada local das 0h às 24h 7 dias por semana

www.cofidis.pt m.cofidis.pt

COFIDIS
Energia para viver

A história de...



Neto do cônsul em Bordéus assinalou Dia do Holocausto com visita a escola do Porto para que a memória não se apague

Álvaro de Sousa Mendes

Neto de Aristides de Sousa Mendes transmite a mensagem dos "valores actuais" deixados pelo avô

Lembrar o Holocausto

Setenta anos passados, os jovens precisam de aprender os valores deixados por Aristides Sousa Mendes, algo que o neto Álvaro recorda a cada nova evocação da memória do avô. "Deu-se a milhares de pessoas que não conhecia", afirmou, ontem, na visita ao Colégio Luso-Internacional do Porto (CLIP).

É essa a lição que ensina sempre que visita uma escola para explicar o que foi o Holocausto e o papel que Aristides de Sousa Men-

des teve na vida das milhares de pessoas a quem deu vistos de entrada em Portugal, à revelia das ordens de Salazar: a de "querer saber dos outros e dar a mão aos outros".

Álvaro Sousa Mendes, presidente do Conselho de Administração da Fundação Aristides de Sousa Mendes, confessa sentir o "peso enorme da responsabilidade" de passar a mensagem "de so-

lidariedade e de amor pelo próximo" que herdou da vida do avô. "O aspecto educativo é um dos principais objectivos da Fundação", esclareceu, antes de falar aos cerca de 200 alunos do CLIP que encheram o anfiteatro do colégio para o ouvirem.

É durante estes encontros que Álvaro tem a certeza da admiração que as gerações mais novas têm pelo cônsul Aristides de Sousa Mendes. "Sinto grande satisfação por ver os jovens tão interessados nesta temática", explicou.

É para materializar o legado do cônsul português em Bordéus, durante a Segunda Guerra Mundial, que a Fundação a que Álvaro preside pretende recuperar a casa

onde Aristides de Sousa Mendes viveu, em Cabanas de Viriato, Carregal do Sal, Viseu. Lá, o sonho é construir um "Museu do Holocausto, uma biblioteca e um arquivo" para que o legado de Aristides de Sousa Mendes não caia no esquecimento. ■

ÁLVARO SOUSA MENDES
é o presidente do Conselho de Administração da Fundação Aristides de Sousa Mendes

MARIA CLÁUDIA MONTEIRO
claudia@jn.pt

Anexo 125

Casa de Aristides em risco de ruir. (2010, fevereiro 5). *Diário de Notícias*, 22.



NUNO ANDRÉ FERREIRA LUSA

Casa de Aristides em risco de ruir

PATRIMÓNIO A casa onde Aristides Sousa Mendes viveu e recebeu dezenas de refugiados do Holocausto em Cabanas de Viriato (Viseu) está em risco de ruir, após uma época intensa de chu-

vas. Luís Fidalgo, administrador da fundação com o nome do cônsul, disse à Lusa que é “um milagre ela manter-se de pé”. O próximo passo é, por isso, desafiar arquitectos a fazerem um

projecto de recuperação da Casa do Passal, o que poderá contar com a ajuda de fundos comunitários. Apesar da intenção, não houve ainda resposta do Ministério da Cultura.

Anexo 126

Vida de Aristides exposta em Berlim. (2010, maio 11). *Diário de Notícias*, 19.



MANUEL DE ALMEIDA-LUSA

Vida de Aristides exposta em Berlim

JOÃO GOMES CRAVINHO

SEC. DE ESTADO DOS NEG. ESTRANGEIROS

O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, João Gomes Cravinho, vai inaugurar amanhã, na Câmara dos Deputados de Berlim, uma exposição sobre a vida e obra de Aristides de Sousa Mendes, promovida por uma associação antifascista luso-alemã. A mostra destina-se a lembrar que o cônsul de Portugal em Bordéus salvou cerca de 30 mil judeus fugidos ao regime nazis, em 1940.

Anexo 127

1940. (2010, junho 17). *Diário de Notícias*, 63.

1940 O cônsul português em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes, contraria ordens de Salazar e começa a emitir vistos de entrada aos refugiados.

Aristides exposto em Nova Iorque. (2010, julho 6). *Diário de Notícias*, 11.

Aristides exposto em Nova Iorque

LUÍS AMADO

CHEFE DA DIPLOMACIA PORTUGUESA

O livro de registos de Aristides de Sousa Mendes, cônsul de Portugal em Bordéus durante a II Guerra Mundial, será exposto em Nova Iorque a partir do dia 19 Julho, depois de o Instituto Diplomático português ter recuado nas exigências feitas. João Crisóstomo, membro do projecto “Dia da Consciência”, que divulga o papel do cônsul no salvamento de milhares de judeus perseguidos pela Alemanha Nazi, afirmou que Luís Amado foi “fundamental neste processo”.

Marques, M. (2011, março 4). Portugal tem oito novos monumentos nacionais. *Diário de Notícias*, 54.



Um monumento em perigo: casa de Aristides de Sousa Mendes, em Cabanas de Viriato

Portugal tem oito novos monumentos nacionais

Classificação. A casa onde viveu Aristides de Sousa Mendes e o Terreiro da Batalha do Ameixial são dois dos novos monumentos

MARINA MARQUES

Dos concheiros de Muge (em Salvaterra de Magos), uma das mais importantes estações arqueológicas da pré-história portuguesa, à Casa de Chá da Boa Nova e às Piscinas de Marés, Matosinhos, traçadas nos anos 50 por Álvaro Siza Vieira, o Conselho de Ministros de ontem aprovou oito novos monumentos nacionais.

O “excepcional interesse nacional” justifica a classificação de um conjunto de imóveis por parte do Governo, entre os quais também se encontra o Terreiro da Batalha do Ameixial, perto de Estremoz, onde em 1663 teve lugar a batalha do Ameixial que marcou o final das Guerras da Restauração.

A denominação como monumentos nacionais advém do “va-

lor científico, patrimonial e cultural de cada um dos bens agora classificados, aliado aos critérios de autenticidade, originalidade, raridade, singularidade e exemplaridade, revelados pelo modo

BRAGA

Perigos e ameaças afastadas

› A construção dos acessos do novo hospital levou a população de Braga, e a Junta de Freguesia de São Victor em particular, a alertar para os perigos e ameaças que esta obra constituía para as Sete Fontes. Receios agora afastados com a definição da sua zona especial de protecção.

como foram apropriados pelos cidadãos e na relevância simbólica que adquiriram, como lugares das artes e da memória histórica e política, justificam que sejam classificados como monumentos nacionais”, lê-se no comunicado.

Da lista constam também a casa do Passal, residência de Aristides de Sousa Mendes em Cabanas de Viriato, Carregal do Sal, distrito de Viseu, a Igreja do Carmo, em Coimbra, edifício do século XVI, e o sistema de abastecimento de águas à cidade de Braga no século XVIII, designado por Conjunto Monumental das Sete Fontes, que tem sido alvo de preocupação junto da população local.

A terminar esta lista, o antigo Convento dos Eremitas de São Paulo da Serra d'Ossa ou de Jesus Cristo, no Redondo, classificação que inclui também a cerca.

» Todos somos responsáveis de tudo, perante todos *Fiodor Dostoievski (1821-1881)* ◀

Diário de Notícias

www.dn.pt SÁBADO, 5 de Março de 2011, Ano 147.º, N.º 51 829, 1,50€
Director JOÃO MARCELO Director Adjunta HELENA MARTINS Subdirectores LEONÍDIO PAULO FERREIRA, NUNO SARAIVA E PEDRO TADEU

PSD



Rui Rio
nega ter dito
ser contra
legislativas
antecipadas
POLÍTICA PÁG. 14

Literatura



Umberto Eco
diz ao DN que
escreve para
"dar um murro
no leitor"
DN GENTE

Suspensão

Gil Martins
afastado da
Protecção
Civil por desvio
de fundo
PAÍS PÁG. 24

Património

Judeus
juntam
dinheiro para
salvar casa de
Sousa Mendes
ARTES PÁG. 60

Revista 'NS'



Histórias de
empresários
com
coragem
para inovar

Orçamento de Cavaco é 163 vezes superior ao de Eanes

Para o primeiro ano deste segundo mandato estão disponíveis 16 milhões. Em 76, havia apenas 99 mil euros para gastar. Mesmo sem contar com a inflação, em democracia, as despesas de Belém têm subido 18% por ano

Presidência emprega 500 pessoas, mas paga também a ex-presidentes: um milhão em pensões e despesas

Orçamento de Cavaco para os serviços informáticos subiu 75% depois do caso das escutas

Brisa, EDP e Fundação Luso-Americana são as empresas que mais financiaram as actividades culturais

Cavaco já deu 3,5 voltas ao mundo, mas, com 25, Soares é o mais viajado

INVESTIGAÇÃO PÁGS. 2 A 9



**FOMOS VER
COMO
FUNCIONA
A PRESIDÊNCIA**



**Governo tenta
apoio de parceiros
para mostrar à UE**

ACORDO Ministra do Trabalho está a negociar com patrões e sindicatos apoio à Iniciativa para a Competitividade e o Emprego para mostrar a Bruxelas. Na quinta-feira encontrou-se com líder da UGT. **BOLSA** PÁG. 41

**Função pública
perdeu um sétimo
dos cargos de topo**

POUPAR A reforma do Estado extinguiu 204 chefias superiores em dois anos. São as carreiras com maiores salários, que podem chegar aos 3734 euros mensais mais 778 euros em ajudas de custo. **BOLSA** PÁG. 40

**Rijkaard é aposta
de Dias Ferreira
a pensar no 'Barça'**

SPORTING O candidato à presidência assegurou o antigo técnico do Barcelona com o objectivo de implementar o modelo do clube catalão em Alvalade. Holandês diz-se muito entusiasmado. **SPORT** PÁGS. 46 E 47

**ESTA SEMANA
TRIPLO JACKPOT**

€2.800.000  totoloto

€1.300.000  toto2

€5.200.000  joker

Araújo, A. (2011, março 5). Judeus salvos por Aristides defendem a casa do cônsul. *Diário de Notícias*, 60.

Judeus salvos por Aristides defendem a casa do cônsul

Memória. Redes sociais já mobilizaram 17 mil pessoas no apelo para reabilitação do imóvel

AMADEU ARAÚJO, Visco

Apesar do “excepcional interesse nacional” com que o Governo a brindou, a Casa do Passal, em Cabanas de Viriato, Carregal do Sal, onde Aristides de Sousa Mendes passava férias em família, encontra-se em risco de ruir. Apesar das muitas e propaladas intenções, a esperança da casa está nos judeus que o cônsul ajudou a salvar, que estão a reunir dinheiro e nas redes sociais onde mais de 17 mil pessoas apelam ao salvamento do imóvel. A agravar a situação estão as divisões entre os herdeiros do cônsul.

Há mais de dez anos que os familiares do cônsul, a Fundação Aristides de Sousa Mendes e a autarquia de Carregal do Sal tentam, em vão, instalar na antiga casa e quinta do cônsul português, que salvou 30 mil pessoas de morrerem às mãos dos nazis, um museu que perpetue a

sua memória. Mas nunca tantos não puderam contra tão poucos.

No número 23 da Avenida do Cristo Rei, em Cabanas de Viriato, parece faltar vontade política para recuperar a Casa do Passal, que foi adquirida pela fundação com o seu nome. A fundação nasceu em 2000, pouco tempo depois da reabilitação do cônsul proscrito pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros no tempo de Salazar. A casa foi finalmente aprovada como Monumento Nacional, enquanto continua a aguardar recuperação e obras de sustentabilidade.

“Há quem defenda as obras de sustentação e quem apele à reconstrução imediata”, diz o vice-presidente da Câmara de Carregal do Sal e vogal da fundação, Luís Fidalgo espera que a classificação do imóvel em *Diário da República* “acelere a recuperação”.

A agravar a situação está o desentendimento entre os herdeiros do cônsul. “Há quem defenda a reabilitação e quem não queira intervir”, assegura ao DN um dos administradores da fundação. As divergências “assumiram a

foros de alguma gravidade e foi necessária a mediação externa”, conclui o responsável.

Enquanto a casa não cai, o “Schindler português” ganhou dois aliados de peso na preservação da sua memória. Um grupo no Facebook tem alertado para a deterioração do edifício e pretende recuperar a Casa Aristides de Sousa Mendes, para ali instalar uma Escola de Cidadania. Também muitos dos que o cônsul salvou criaram, em Setembro, a Aristides Sousa Mendes Foundation, nos EUA, onde estão a recolher fundos para restaurar o palacete. A fundação norte-americana conta entre os seus membros com alguns dos judeus que receberam vistos do ex-cônsul e familiares de Sousa Mendes. Se-

bastian Mendes, neto do cônsul e um dos promotores da fundação americana, reconheceu que o projecto “só não arrancou por falta de financiamento”. E isto apesar de o anterior ministro da Cultura, Pinto Ribeiro, e o embaixador de Israel terem visitado a casa e prometido a reabilitação.

Luís Fidalgo lembra que um estudo, já elaborado, estima “o custo do restauro e das obras em meio milhão de euros”. Uma bagatela para transformar a Casa do Passal num espaço que dê a conhecer a importância do cônsul português na história e os valores que representa. Afinal, “uma obrigação do Estado português para purgar a injustiça que caiu sobre Aristides de Sousa Mendes e toda a família”.

OUTRO EXEMPLO

Classificação de Sete Fontes levou 16 anos

“Esta consagração não encerra as preocupações dos que têm defendido a classificação do Complexo das Sete Fontes”, afirmou ao DN o presidente da Junta de Freguesia de São Victor, em Braga, Firmino Marques lembra que este é mais um passo do processo iniciado em 1995 e que ainda há muito para fazer, nomeadamente “a criação de um Parque, com um centro interpretativo da água e um Museu de Água ao ar livre”, explica. Só assim serão aproveitadas as potencialidades deste sistema de abastecimento público de água do séc. XVIII. Para tal é necessário alterar o plano director municipal que confere a esta área um estatuto de construção de alta densidade.

‘Schindler português’ morreu na miséria

DIPLOMACIA Aristides de Sousa Mendes, diplomata de carreira colocado em Bordéus, fez tudo o que pôde para não ficar alheio ao genocídio nazi. Não recusou ajuda aos judeus em fuga e assinou milhares de vistos de entrada em Portugal, violando ordens do Governo de Salazar. Muitos permaneceram em sua casa, em Cabanas de Viriato, entre anónimos e membros de casas reais europeias. Após a ousa-

dia, considerada traição pelo regime salazarista, o cônsul foi destituído e ordenado o regresso imediato a Portugal.

Seria suspenso da actividade diplomática e da advocacia durante um ano, após o que se reformaria. Mas tal nunca aconteceu. Morreu na miséria depois de ter vivido da sopa dos po-

bres, da caridade e da ajuda de alguns amigos. Nascido em Cabanas de Viriato a 19 de Julho de 1885, Aristides de Sousa Mendes morreu em Lisboa, a 3 de Abril de 1954. Em 1966, Israel atribuiu-lhe o título de “Justo entre as Nações” e o seu nome figura no Memorial do Holocausto. A.A.



Aristides de Sousa Mendes

Palacete do século XIX já serviu de aviário

MONUMENTO A 24 de Abril de 1940, uma carta do MNE ameaça Sousa Mendes de sanções se continuar a carimbar vistos. O cônsul continuou e o Estado destituiu-o da carreira diplomática. Regressado a casa, em Cabanas de Viriato, Sousa Mendes mantém-se solidário e às quintas-feiras dava jantar aos pobres e recebia amigos e refugiados. O dinheiro acaba e o cônsul é forçado a vender a casa e a mudar-se para um pequeno apartamento em Lisboa. Sousa Mendes abandonou a casa e

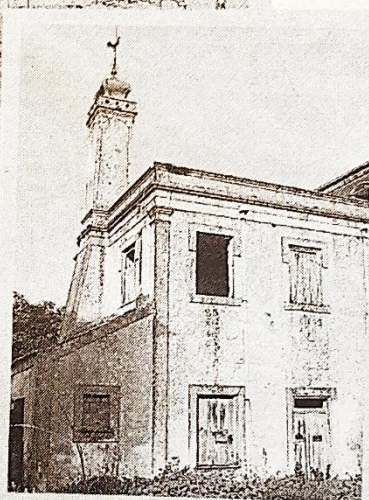
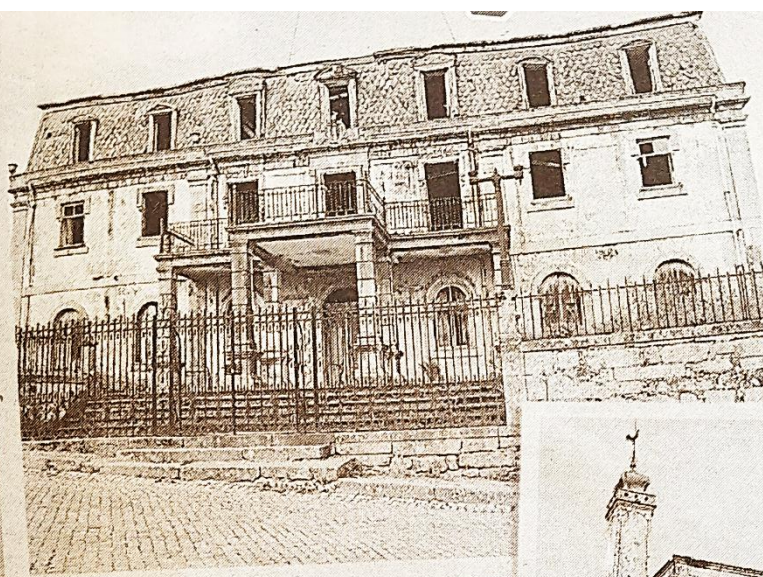
esta foi vendida por 200 contos a dois comerciantes. Em 1970 o imóvel, que então abrigava um aviário, é de novo vendido. Dez anos depois, em 1980, foi vendida a uma construtora que urbanizou a parte da quinta envolvente ao gigante Cristo-Rei que Sousa Mendes mandou vir da Bélgica. Para a casa estava previsto um hotel, mas a constituição da Fundação trava o processo. Com Jaime Gama nos Negócios Estrangeiros a fundação compra a casa, por 128 mil contos (640 mil euros).

Em 3 de Fevereiro de 2005 foi iniciado o processo de classificação da casa como Monumento Nacional. A decisão, só agora tomada em Conselho de Ministros, põe fim a interesses imobiliários e proporciona benefícios fiscais, entre os quais a isenção de IMI.



Casa do Passal está em estado de degradação e ameaça ruína

Marques, M. (2011, maio 15). Falta projeto para uma candidatura. *Diário de Notícias*, 41.



Falta projecto para uma candidatura

À entrada de Cabanas de Viriato, é só seguir as placas castanhas com a indicação "Cristo Rei", para chegar ao n.º 23 da Avenida do Cristo Rei, a Casa do Passal, residência de Aristides de Sousa Mendes (1885-1954), o cônsul português em Bordéus que desobedeceu a Salazar e salvou da morte anunciada mais de 30 mil judeus. Na porta, dentro de uma mica já roída pelo tempo, uma folha A4 alerta: "Perigo de derrocada." Não que houvesse dúvidas. Basta olhar para a casa, abandonada desde o desaparecimento do diplomata, que morreu com enormes dificuldades financeiras após ter sido destituído do cargo pelo ditador. Depois de um primeiro processo de classificação, em 2005, que não chegou a ser concluído, no início de Março deste ano a sua classificação foi aprovada em Conselho de Ministros. "A batalha legal já está ganha. Agora o importante é conseguir que haja cidadania suficiente no País para que valores como estes sejam considerados relevantes", diz Francisco Dias, cidadão que em Abril de 2010 abriu uma página no Facebook dedicada a esta causa. Rapidamente juntou



Casa do Passal

Século XIX
Estilo romântico de inspiração francesa
Monumento nacional desde Março de 2011

doze mil fás, e António Sousa Mendes, neto do diplomata, acredita que esta mediação contribuiu para a acelerar a decisão governamental. Vendida em hasta pública em 1956, foi adquirida pela Fundação Aristides Sousa Mendes em Março de 2001, por 127 mil euros. "Já existia um projecto para transformar a casa num hotel", conta António de Sousa Mendes. E como esta é uma fundação "cheia de boa vontade mas sem dinheiro, parte dos fundos foram dados pelo Estado, por

conta da indemnização devida à família. E para a recuperação até já existe um projecto prévio na Direcção Regional de Cultura do Centro. Mas apesar de, em 2009, o anterior ministro da Cultura, António Pinto Ribeiro, ter ordenado a conclusão desse projecto, isso nunca aconteceu. E sem projecto, que custa entre os 30 e os 40 mil euros, é impossível candidatar a casa a fundos europeus. A ideia é ter aqui instalado um Centro de Memória da II Guerra Mundial e dos Direitos Humanos, para trabalhar em rede com outros centros deste género na Europa", antecipa António de Sousa Mendes. M.M.

A.A. (2011, junho 26). Aristides de Sousa Mendes dá nome a sala na renovada sinagoga de Viseu. *Diário de Notícias*, 24.

Aristides de Sousa Mendes dá nome a sala na renovada sinagoga de Viseu

APOSTA Câmara vai requalificar edifício no centro histórico da cidade e tenciona assim impulsionar o turismo religioso e cultural

Num cruzamento de ruas do centro histórico está uma casa de origem quatrocentista com vestígios da primeira sinagoga da judiaria de Viseu. A casa, que já foi do conhecido penalista Figueiredo Dias, vai ser requalificada e ostentar uma sala com o nome do cônsul de Portugal em Bordéus Aristides de Sousa Mendes, que salvou milhares de judeus do extermínio nazi.

O edifício, que na época dos



Casa tem três pisos

Descobrimentos serviu como sinagoga, vai ser totalmente requalificado. O prédio, entre as ruas Direita e da Árvore, vai receber um

PAÍS

Seis sinagogas e o Porto tem a maior

Portugal tem apenas seis sinagogas e é no Porto que se encontra a maior da Península Ibérica (PI). Em Lisboa, existem duas, sendo uma delas (a Ohel Jacob) a única *ashkenazida* PI. Nos Açores, a comunidade judaica tem duas hipóteses para orar, na ilha Terceira ou em São Miguel. Tomar conta com o único templo judaico proto-*renascença* existente no País.

investimento de um milhão de euros para fomentar o turismo cultural. A obra irá tornar o edifício “capaz de servir o turismo religioso”, adianta o presidente do município, que tenciona criar “uma sala dedicada a Aristides de Sousa Mendes”. Fernando Ruas quer fazer deste edifício, de traça gótica e arcos quebrados, uma “memória viva do cônsul, através da constituição de um centro de investigação e divulgação da cultura judaica”.

Ao transformar o edifício da antiga sinagoga em museu ou núcleo museológico, a autarquia espera “chamar mais gente ao centro histórico” e assim “dinamizar o turismo cultural e religioso. Com a Rede de Museus Municipal vamos criar um centro histórico de muito interesse a nível cultural, afirma Fernando Ruas. Está ainda previsto que o prédio fique dotado com um bar e que integre a Rede Museológica de Viseu. A.A., Viseu

Procura por pessoas salvas do holocausto. (2012, janeiro 14). *Diário de Notícias*, 29.

INICIATIVA

Procura por pessoas salvas do holocausto

► A Fundação Sousa Mendes norte-americana lançou uma campanha global para encontrar o maior número das mais de 30 mil pessoas salvas do holocausto nazi pelo cônsul Aristides de Sousa Mendes em 1940, no Sul de França, segundo explicou à Lusa Sousa Mendes, neto do cônsul e presidente do Conselho Geral da fundação portuguesa. A iniciativa, que abrange ainda os descendentes dos “salvos” pela coragem do cônsul português em Bordéus, tem a colaboração da sua congénere portuguesa, a Fundação Sousa Mendes, do Comité Francês de Homenagem e ainda do Museu Virtual Aristides de Sousa Mendes.

Apesar de ter pouco tempo, a iniciativa já deu frutos. “É maravilhoso começar a perceber como tanta gente nem sequer fazia ideia de como tinha sido salva e, agora, começam a procurar elementos que os liguem a Aristides de Sousa Mendes”, salientou Sousa Mendes.



DIREITOS RESERVADOS

Aristides Sousa Mendes

Fundos “presos” por falta de avanço. (2012, janeiro 16). *Diário de Notícias*, 21.

Fundos ‘presos’ por falta de avanço

OLIVIA MATTIS

SOUSA MENDES FOUNDATION

A falta de avanços no projeto de recuperação da casa do ex-cônsul Aristides Sousa Mendes está a impedir a libertação de fundos, disse à Lusa Olivia Mattis, da direção da fundação.

Anexo 135

Deputados do PSD escrevem a Alain Juppé. (2012, maio 18). *Jornal de Notícias*, 26.



DEPUTADOS DO PSD ESCRIVEM A ALAIN JUPPÉ

Deputados do PSD enviaram uma carta ao autarca de Bordéus, Alain Juppé, a pedir-lhe que batize a nova ponte daquela cidade francesa com o nome Aristides Sousa Mendes, o cônsul português que salvou milhares de judeus na II Guerra Mundial.

PSD faz pedido a Bordéus. (2012, maio 18). *Diário de Notícias*, 13.



PSD faz pedido a Bordéus

CARLOS ABREU AMORIM

DEPUTADO DO PSD

António Rodrigues, Emídio Guerreiro, Carlos Gonçalves e Carlos Abreu Amorim, deputados do PSD, enviaram ontem uma carta a Alain Juppé, autarca de Bordéus, a pedir para batizar a nova ponte da cidade com o nome Aristides Sousa Mendes, um cônsul português que salvou milhares de pessoas que fugiam da perseguição nazi, durante a Segunda Guerra Mundial.

Antunes, J. (2012, novembro 9). "Aristides teve um ato de amor grandioso". *Jornal de Notícias*, 42.

42 //

JORNAL DE NOTÍCIAS
SEXTA-FEIRA 9/11/12

ENTREVISTA // VÍTOR NORTE Ator foi o escolhido para encarnar a figura de Aristides de Sousa Mendes, no filme homónimo que chegou agora às salas. Uma personagem marcante do século XX português **Por:** João Antunes

"Aristides teve um ato de amor grandioso"

J á exibido em vários festivais internacionais, chega agora às salas o filme "Aristides de Sousa Mendes - o cônsul de Bordéus". Realizado por Francisco Manso e João Correia, é dedicado ao diplomata que, sabendo o preço que iria pagar, desafiou as ordens de Salazar e emitiu vistos que permitiram a milhares de judeus atravessar a fronteira com Espanha, fugindo à perseguição nazi. Aristides morreu na miséria em 1954, aos 68 anos. Vítor Norte meteu-se na pele deste português de quem não é de mais recordar os feitos.

Qual é a importância de um filme sobre Aristides de Sousa Mendes nos dias de hoje?

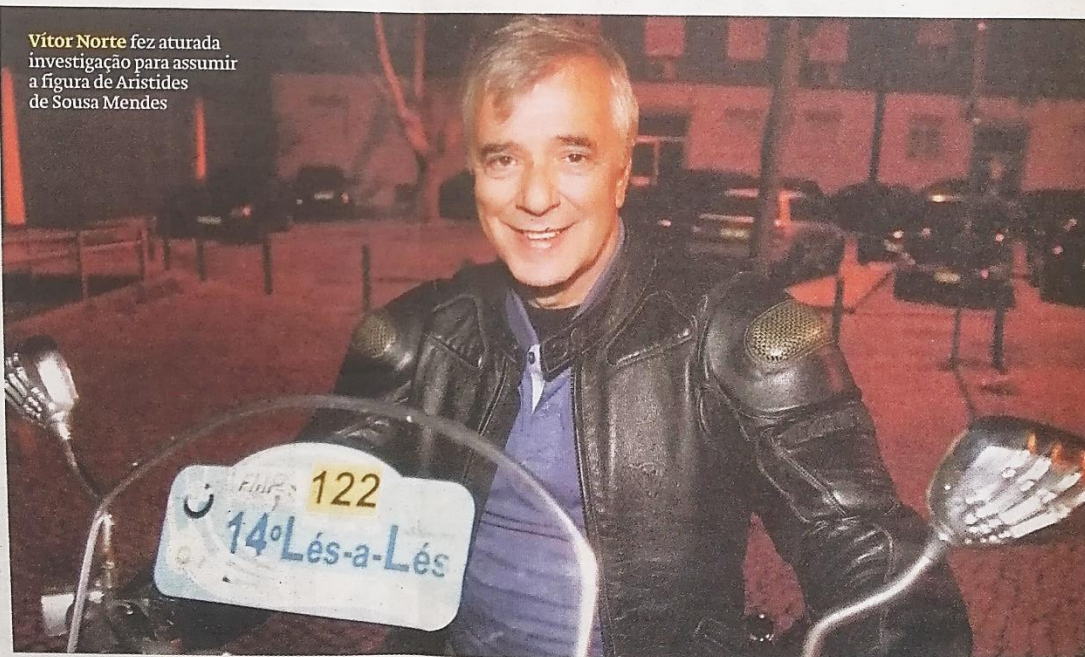
A importância é total. É uma figura emblemática do nosso país. Uma figura histórica incontornável. Há muitos heróis por matar, por salvar há poucos. O Aristides teve um gesto extraordinário de amor ao próximo. A sua vida, na altura em que tomou aquela decisão, começou a cair, até à miséria extrema. Foi um ato de amor grandioso e fantástico. São poucas as pessoas que o conseguem fazer.

É uma responsabilidade acrescida, para um ator, encarnar alguém que realmente existiu?

É diferente de quando é ficcional. Há uma maior responsabilidade, de quem escreve e quem representa, para mostrar às pessoas realmente quem era. Há uma maior dificuldade em dar credibilidade àquele papel. **Que tipo de investigação é que fez para entrar na pele de Aristides?**

Li os livros que há sobre ele, passei muitas noites a investigar na Internet, falei com os sobrinhos. Falei com o produ-

Vítor Norte fez aturada investigação para assumir a figura de Aristides de Sousa Mendes



66

"Em Bruxelas, o filme foi aplaudido vários minutos, nunca tinha assistido a algo assim"

tor e com os realizadores, que já estavam bastante documentados. Foi um trabalho duro, mas valeu a pena.

Que tipo de apoio teve por parte dos familiares?

São pessoas simpáticas,

mas e que sempre me apoiaram. Tentaram colmatar algumas dúvidas que tinha. Encontrámo-nos várias vezes, mesmo durante a rodagem. E eles aprovaram a maneira como estava a representar o papel de Aristides.

Durante todo este processo, o que descobriu de Aristides que desconhecia?

Pouco conhecia dele. Descobri que era um homem de família. Tinha uma família numerosíssima. Até tenho a fotografia da carrinha que mandou fazer para os 14 filhos, para a ama, para a mulher e para ele.

E sobre a personalidade dele?

Descobri que era um homem profundamente católico. Um homem com amor ao

próximo, que devia ser uma pessoa divertida, com palavra rápida. E um 'bon vivant'. Pertencia a grandes famílias, vestia bem, devia ir a grandes restaurantes, gostava de festas.

O filme já foi exibido em vários pontos do Mundo e o Vítor Norte esteve em alguns desses locais. Que reações é que pôde testemunhar?

Foram sempre recepções entusiásticas. Em Israel, houve muitas pessoas que vieram falar comigo porque desconheciam a história e ficaram de boca aberta pela existência de uma personagem como aquela, na Segunda Guerra Mundial, um português. Na Índia, muitos atores e realizadores vieram ter co-

migo. Aliás, o filme teve a honra de abrir o festival.

Também houve uma exibição especial em Bruxelas...

Foi espetacular. Estavam lá muitos embaixadores e pessoas ligadas à política. No final, foi aplaudido vários minutos, nunca tinha assistido a algo assim, num filme ou num espetáculo. Foi retumbante o êxito que teve.

Apesar de uma carreira permanente na TV, nunca se esquece do cinema e tem já uma lista invejável de títulos interpretados.

O cinema está no meu coração. Gosto muito de televisão, é natural. É representar. Gosto muito de teatro, também, foi onde comecei e criei as bases da minha carreira. Mas gosto muito de fa-

zer cinema. Talvez esteja mais vocacionado para a linguagem cinematográfica. É pena não se fazerem mais filmes em Portugal.

O que faz falta para os portugueses se aproximarem mais do seu cinema?

Talvez haja falta de publicidade. Na maior parte das vezes, as pessoas não sabem que há filmes nas salas. As verbas são muito poucas, não se faz publicidade, se as pessoas não conhecem não vão. É claro que as salas de cinema querem êxitos, querem os filmes americanos. É isso que lhes dá dinheiro.



Ver vídeo online
www.jn.pt/multimedia

Anexo 138

Aristides de Sousa Mendes - O cônsul de Bordéus. (2012, novembro 12). *Jornal de Notícias*, 54.



Aristides de Sousa Mendes – O cônsul de Bordéus

Realizador: Francisco Mânso, João Correa

Atores: Vítor Norte, Carlos Paulo, Leonor Seixas

História do cônsul português em Bordéus que, em plena 2.ª-Guerra Mundial, passou vistos para Portugal a milhares de judeus, salvando-lhes a vida. Assim acabou com a carreira diplomática e morreu na miséria.

Anexo 139

1954. (2013, abril 3). *Diário de Notícias*, 55.

EFEMÉRIDES

1954 Morre
Aristides de
Sousa Mendes, diplo-
mata. Cônsul em
Bordéus, no ano da invasão
da França pela Alemanha
Nazi, desafiou ordens expressas por
Salazar e concedeu 30 mil vistos de
entrada em Portugal a refugiados.



RECITAL SOLIDÁRIO E DE HOMENAGEM

PIANO

UM RECITAL solidário e de homenagem a Aristides de Sousa Mendes é a proposta do Centro Cultural de Belém, em Lisboa, para amanhã, às 21 horas. Do programa fazem parte peças de Mendelssohn, Victor Ullmann, Erich W. Korngold e

Britten, com Nuno Vieira de Almeida ao piano.

A receita da venda dos bilhetes reverte a favor da fundação homónima. Enquanto cônsul de Portugal em Bordéus durante a II Guerra Mundial, o diplomata concedeu vistos de entrada no nosso país a milhares de pessoas que, dessa forma, escaparam à perseguição nazi. ●

B.M. (2013, maio 14). Recital lembra Aristides de Sousa Mendes. *Diário de Notícias*, 49.

MÚSICA

Recital lembra Aristides de Sousa Mendes

» O Pequeno Auditório do CCB recebe esta noite (21.00) um recital evocativo de Aristides de Sousa Mendes (1885-1954), o famoso e corajoso cônsul português em Bordéus que em 1940 salvou milhares de refugiados, muitos deles judeus, de caírem nas mãos dos nazis, emitindo vistos de entrada em Portugal. Trata-se de uma coprodução entre o CCB e a Fundação Aristides de Sousa Mendes, sendo que, tratando-se de uma homenagem solidária, a venda dos bilhetes reverterá inteiramente para a referida Fundação. Serão intérpretes (todos atuando *pro bono*) os sopranos Ariana Russo, Teresa Duarte e Ana Tomás; o meio-soprano Rita Tavares e os tenores Carlos Monteiro e Pedro Cachado, acompanhados ao piano por Nuno Vieira de Almeida. No programa, obras de Felix Mendelssohn, Viktor Ullmann, Erich Wolfgang Korngold (entre as quais a *Canção de Marietta*, da ópera *Die tote Stadt*) e, a concluir, de Benjamin Britten, o *Canticle II - Abraão e Isaac*. B.M.



Soares, A. (2013, junho 13). A lista de Sousa Mendes. *Visão*, 56-64.



Anexo 142 | Continuação

Soares, A. (2013, junho 13). A lista de Sousa Mendes. *Visão*, 56-64.



SOCIEDADE MEMÓRIA



Olivia Mattis nunca esquecerá a história que ouvia a sua avó Lucie contar. A 10 de maio de 1940, ainda dormia com o marido, em Bruxelas, quando ouviu o som de uma explosão e correu para a janela. Já era de manhã, o sol brilhava - e mísseis prateados rasgavam o céu azul.

Lucie correu a ligar o rádio. A Alemanha acabara de invadir a Bélgica, a Holanda e o Luxemburgo. Embora ninguém desconfiasse da perseguição que os nazis haviam de fazer aos judeus, a sua ideologia antissionista já era conhecida. Em poucas horas, o casal fez as malas, chamou alguns familiares e apanhou um comboio para Paris.

Dias depois, o seu bairro, na capital francesa, foi bombardeado. O clã Mattis continuou a fuga para sul e chegou, por acaso, a Bordéus. Aqui, um rabi ultraortodoxo, de longos caracóis ruivos, falou-lhes de um diplomata português. «Este cônsul está a ajudar centenas de pessoas», terá dito. A família logo entregou os passaportes no consulado. Em poucas horas foram devolvidos, carimbados. Escaparam para Portugal, embarcando no cargueiro *Santarém*, com destino ao Rio de Janeiro e, meses depois, começaram uma nova vida em Nova Iorque.

A história que a avó de Olivia contava terminava sempre assim, com a referência a um cavaleiro sem nome, que salvara 12 membros da família. A sua identidade permaneceu um mistério, durante sete décadas. Até que, em abril de 2010, o pai de Olivia fazia *zapping* e parou num canal francês, intrigado pelo filme *Disobedience*, do cineasta Joel Santini. Quando passaram os créditos, tomou nota do nome do realizador e enviou-lhe um e-mail, a que este respondeu de

imediatamente. O pai de Olivia reencaminhou as mensagens para a filha. «Descobri o homem que salvou a nossa família», escreveu. «Chama-se Aristides de Sousa Mendes.»

O nascer de uma fundação

Olivia diz que o diplomata «tornou-se rapidamente numa obsessão». A musicóloga, com um doutoramento na Universidade de Stanford, começou a reunir informação sobre o português e organizou uma lista de pessoas, nos EUA, interessadas em Sousa Mendes. «Mas foi apenas quando conheci a sua família, e percebi as dificuldades por que tinham passado, que decidi envolver-me», diz. «Contaram-me que sonhavam recuperar a casa onde ele viveu, em Cabanas de Viriato, mas não tinham fundos. Então disse: 'Vamos angariar esse dinheiro nos EUA.'»

Nesse verão de 2010, Sebastian Mendes, neto do diplomata, reuniu-se em Washington com Lissy Jarvik e Harry Oesterreicher, cujas famílias receberam vistos, e Miguel Ávila, um gestor português emigrado na Califórnia. «No final da reunião, a fundação encontrava-se desenhada», afirma. «Tínhamos administração, presidente, estatutos, tudo.» Em setembro, a Sousa Mendes Foundation já existia legalmente.

O primeiro objetivo era angariar dinheiro para recuperar a Casa do Passal (no último ano, juntaram cerca de 40 mil euros). Além disso, pretendiam divulgar a história do cônsul, com a realização de palestras, filmes e exposições, e, finalmente, queriam identificar todas as pessoas salvas.

Meses depois, Olivia visitou os pais, em Salt Lake City, no Utah, e aproveitou para conhecer a Biblioteca da História da Família. Nesta instituição, gerida pela igreja Mormon, acedeu a uma gigantesca base de

dados. Com a lista de vistos emitidos a seu lado, pesquisou um primeiro apelido e... surgiu um resultado. O nome aparecia num rol de passageiros de embarcações com destino aos EUA. A seguir, mais um, e outro e outro. Rapidamente, percebeu que a lista era muito mais extensa do que imaginara. «Com o mesmo passaporte, podiam viajar várias pessoas», explica. Hoje, calcula-se que as assinaturas de Sousa Mendes tenham salvo cerca de 30 mil pessoas.

Olivia regressou a Nova Iorque, ampliou e imprimiu a lista de nomes e fez uma enorme colagem, que espalhou no chão da sua sala. Em janeiro do ano passado, perguntou a vários colaboradores da fundação se queriam ajudar nesta operação gigantesca de busca. Todos disseram que sim.

Nove pessoas trabalham hoje no projeto, esclarece Olivia, que é agora presidente da fundação. «Vivem em vários Estados americanos e uma investigadora reside na Bélgica. Ninguém trabalha a tempo inteiro e são todos voluntários, mas dedicam uma grande parte do seu tempo a esta missão.» Em 18 meses, identificaram cerca de 3 mil pessoas que Sousa Mendes ajudou a fugir dos nazis. A maioria reside nos EUA, mas há outros no Brasil, Canadá, Israel, Bélgica, França, Holanda, Suíça, Portugal, Rússia e Polónia.

A equipa tem o trabalho facilitado: já não precisa de visitar bibliotecas. Tem acesso

Olivia Mattis A musicóloga cresceu a ouvir a avó contar a história de como 12 membros da sua família tinham sido salvos por um diplomata, em França - mas só em 2010 descobriu o seu nome. Poucos meses depois, estava a formalizar a criação da Sousa Mendes Foundation, nos EUA. Desde então, já descobriu o paradeiro de 3 mil sobreviventes, e seus descendentes. A maioria, tal como sucedera com a sua família, desconhecia a história do homem a quem devem a vida



Soares, A. (2013, junho 13). A lista de Sousa Mendes. *Visão*, 56-64.

SOCIEDADE MEMÓRIA

a páginas online como a ancestry.com ou a familysearch.org através das quais podem aceder a enormes bases de dados. «Se encontramos alguém... bingo! Fazemos um telefonema.»

Uma descoberta transformadora

No início do ano passado, Jonah Peretti, fundador dos sites de informação *Huffington Post* e *BuzzFeed*, recebeu um desses telefonemas. A sua mãe, Della, estava em Genebra, na Suíça, mas ele contactou-a imediatamente. «Mãe, telefonaram-me de uma fundação. Dizem que fomos salvos por um homem chamado Sousa Mendes.»

A americana lembrou-se, então, de uma carta que a mãe escrevera antes de morrer, contando a sua fuga da Suíça. Quando regressou à Califórnia, recuperou o manuscrito:

«Assim que chegámos a Portugal, tudo melhorou, de forma mágica... víamos sorrisos, era limpo, acolhedor, cuidado... Que alívio!»

Sobre a passagem pelo País, era tudo. «Fiquei chocada», lembra Della. «Seis pessoas da minha família receberam vistos e não sabia da existência do cônsul. Ninguém o conhece nos EUA. Como é possível?»

Meses depois, reformou-se da Universidade de Berkeley, onde era responsável por um mestrado em ciências da educação. «Estava à procura de um projeto para a minha reforma e este veio ter comigo», congratulava-se. Prepara agora a tradução de um livro de banda desenhada que a fundação vai editar, faz parte da sua equipa de pesquisa e dá palestras. Por estes dias, participará numa viagem organizada pela Sousa Mendes Foundation, ao lado de Olivia Mattis e de outras 44 pessoas de oito países. Começaram no dia 9 de junho, em Paris, e terminam a 23, em Lisboa. Pelo caminho, irão visitar Bordéus, Vilar Formoso, Figueira da Foz e Cabanas de Viriato, para honrar a memória do cônsul.

Antes de partir para França, a 11 de abril, a professora discursou, no Tribunal Civil de Queens, em Nova Iorque, perante mais de 80 pessoas. O tema foi «Aristides de Sousa Mendes: um herói desconhecido». A americana contou a história de um homem nascido no seio de uma família privilegiada, que se tornou diplomata e contrariou as ordens de Salazar, ao emitir milhares de vistos, entre 16 e 23 de junho de 1940; mostrou imagens das suas assinaturas, muito corretas no início, depois desleixando os contornos,



Leon Korngold O empresário tinha 15 anos (foto pequena) quando a família fugiu de Antuérpia para França e, daí, com um visto do cônsul de Bordéus, para a América

sobrando apenas um apelido mal desenhado nos últimos documentos; relatou o percurso dos fugitivos e mostrou uma fotografia da estação de comboios de Vilar Formoso, a primeira imagem que os refugiados tinham de Portugal; descreveu, finalmente, o julgamento deste homem, a forma como foi expulso da carreira diplomática, e como morreu, a 3 de abril de 1952, viúvo, com muitos dos 15 filhos dispersos pelo mundo, queimando as portas da sua casa para se manter quente. Della sublinhou todos os pormenores, captando a atenção dos americanos, que nunca tinham ouvido falar deste português, mas que foram sentindo de forma cada vez mais profunda as suas palavras, deixando primeiro cair algumas lágrimas, e rebentando, por fim, em aplausos.

Dois homens, uma viagem

Num dos primeiros eventos organizados pela fundação, em 2010, na Sinagoga Portuguesa e Espanhola de Nova Iorque, o orador perguntou se algum dos presentes tinha sido salvo por Sousa Mendes. De imediato, levantou-se um distinto homem de cabelo branco, com uma barba igualmente branca e cuidada. «A minha família foi salva por Sousa Mendes», disse. «A minha mãe trabalhou ao lado do cônsul, a carimbar vistos.»

O homem chamava-se Leon Korngold e,

sete décadas antes, quando tinha 15 anos e a sua única preocupação era «andar atrás de raparigas bonitas», fora acordado, no dia 10 de maio de 1940, pelo estrondo dos bombardeamentos alemães. «Tínhamos uma belíssima casa, com 22 quartos, no bairro judeu de Antuérpia. O meu pai era muito rico», recorda. «Possuía fábricas na Irlanda, Holanda, Bélgica, Checoslováquia e França, e era próximo do primeiro-ministro belga [Hubert Pierlot].» Leon garante que, assim que os alemães invadiram o país, Pierlot disse ao seu pai: «Foge assim que puderes!» No mesmo dia, o adolescente entrou no Chrysler Imperiale da família - com os pais, dois irmãos, os avós e uma tia - e chegou a De Panne, uma cidade junto do Mar do Norte, onde tinham uma casa de férias.

Sylvain Bromberger, então com 16 anos, chegou àquela cidade no mesmo dia que Leon. «Depois das explosões, os meus pais decidiram sair de casa à pressa. Pensei: 'Boa, não vou ter os exames finais.' Levei o fato de banho e escondi umas pratas na mala. Tinha lido que algumas pessoas se haviam salvo, na Primeira Guerra, usando-as como moeda de troca.» Ao mesmo tempo, o seu pai, que era comerciante de diamantes, escondia algumas pedras preciosas na bagagem.

O Governo belga tinha-se, entretanto, instalado em Bordéus. Os pais de Sylvain acharam que segui-lo era a opção mais sensata. Demoraram dois dias a chegar à cidade. O comboio estava cheio de refugiados e sempre a parar, devido aos bombardeamentos. Milhares de famílias cumpriam o mesmo percurso de automóvel. A família de Leon Korngold era uma delas. Quando ►

Soares, A. (2013, junho 13). A lista de Sousa Mendes. *Visão*, 56-64.

SOCIEDADE MEMÓRIA



Aristides de Sousa Mendes

► ouviam os aviões Stuka, que «faziam um barulho de sirene, como se gritassem», abandonavam o carro, lançavam-se nas valetas e tapavam os ouvidos.

Ao chegarem a Bordéus, tomaram conhecimento da ação do diplomata português. Dirigiram-se ao consulado mas ali, as suas casas e carros de luxo de nada valiam: ficaram no fim de uma enorme fila. «Nesse momento, a minha mãe tomou a iniciativa», lembra Leon. «E salvou-nos.»

A belga entrou no consulado, chegou junto das mesas onde se despachavam os vistos e instalou-se ao lado de Sousa Mendes. «Ele estava ali sentado, a assinar vistos, como se fosse um anjo», recorda Leon. Sidzia ficou a ajudar o português durante horas, carimbando passaportes em silêncio, até que o cônsul lhe perguntou:

«A senhora não trabalha para nós, pois não?»

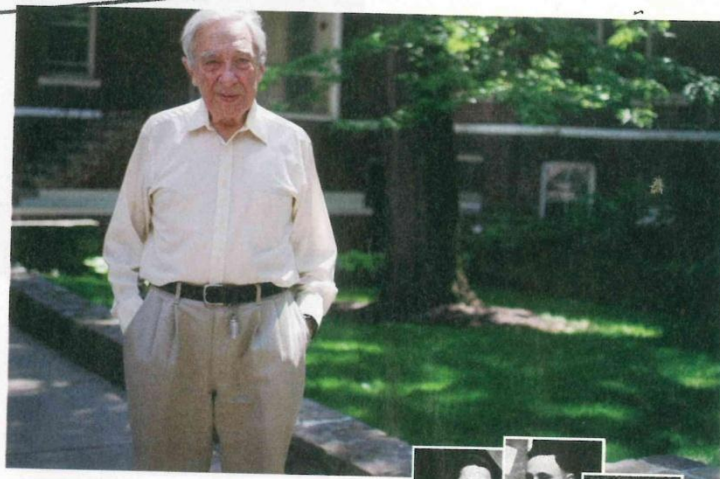
«Não», respondeu a belga.

«Então, porque está aqui?»

«Porque preciso de vistos para a minha família.»

Sousa Mendes aceitou os passaportes de Aidzia. Horas depois, os Korngold eram autorizados a entrar em Portugal.

Entretanto, os Bromberger, que tinham



Sylvian Bromberger

Aos 16 anos, fugiu da Bélgica para França com os pais, escapando aos bombardeamentos alemães. Os Bromberger conseguiram os tão desejados vistos para Portugal e, na fronteira de Hendaye, conseguiram passar os diamantes que lhes viriam a garantir a sobrevivência na América, dissimulando-os no interior de um pão

alugado uma casa na cidade vizinha de Bayonne, esperavam no fim de uma fila imensa, em frente ao consulado português. «Sabíamos que podia ser o último dia em que emitiam vistos e fizemos batota», lembra Sylvain. «O meu irmão tinha a farda dos escuteiros e passou à frente. Toda a gente pensou que ele estava a ajudar. Mas ele queria apenas chegar ao balcão, para lá pousar os nossos passaportes.»

A família ficou na rua, à espera. Os funcionários trouxeram um primeiro saco com passaportes. Nada. Depois, outro e outro saco. Nada. Finalmente, de uma quinta e última leva, lá saíram os desejados documentos.

Foram então até ao posto fronteiriço de Hendaye. Na cidade, circulava todo o tipo de rumores. O mais recorrente era o de que os guardas espanhóis ficavam com tudo quanto tivessem algum valor. O pai mandou Sylvain e o irmão comprarem um pão e, em poucos minutos, comeram o miolo. «Estávamos esfomeados», lembra. Esconderam assim os diamantes no interior da carcaça e colocaram-na no fundo da mala onde estava arrumada a roupa interior.

Na fila da inspeção, um guarda deu um pontapé numa montanha de malas, espa-



Andréa Lotey De uma só vez, descobriu que a sua família tinha antecedentes judaicos e que o seu pai fora salvo por Aristides de Sousa Mendes, com um visto emitido a 21 de junho de 1940

Soares, A. (2013, junho 13). A lista de Sousa Mendes. *Visão*, 56-64.

SOCIEDADE MEMÓRIA

lhando-as no chão. Com um marcador, desenhava uma cruz numa série de volumes. «Marcou a mala dos diamantes», lembra Sylvain. «Ficámos em pânico.» Enquanto o guarda falava com os pais, o irmão mais velho agarrou num chocolate e marcou a outra mala. Deu um pontapé no rabo de Sylvain e arregalou-lhe os olhos. «Percebi logo o que ele estava a fazer, conta. O pequeno belga agarrou na mala e perdeu-se na multidão. Reencontrou-se com a família mais tarde – os diamantes continuavam seguros.

Em Portugal, ficaram na Figueira da Foz, onde alugaram um quarto por cima de uma padaria. Viajaram para Lisboa no outono, tendo embarcado no *Niassa*, com destino aos EUA. Quando chegaram a Nova Iorque, o pai dirigiu-se ao «distrito dos diamantes», na Rua 47, e vendeu as pedras preciosas.

Leon Korngold também passou por Portugal. A família instalou-se no Porto, onde ele e o irmão mais velho se tornaram amigos de um jovem português. Um dia, o rapaz convidou-os a dar uma volta de barco. O portuense remou até muito longe, no Douro. Quando, por fim, pousou os remos, disse: «Tenho de vos contar uma coisa, mas têm de prometer guardar segredo.» Os irmãos juraram que sim. «Sou descendente de marranos», disse o jovem, referindo-se aos judeus forçados a converter-se ao catolicismo em 1497, por ordem do Rei D. Manuel. «As mulheres da minha família ainda acendem velas.»

A vida na América

Dois anos depois de chegar aos EUA, Leon foi incorporado no exército. «Como podia dizer que não queria combater? Aquela guerra era minha», recorda, aos 88 anos, no seu magnífico apartamento de Park Avenue, no bairro do Upper East Side, onde se acumulam obras de arte da sua antiga casa de Antuérpia. O empresário explica que «foi tudo resgatado por vizinhos, antes de o exército alemão tomar conta do edifício para o usar como caserna, e devolvido no final do conflito.»

Silvayn Bronberger também combateu, e foi ferido, com a farda do exército americano. Aos 89 anos, é professor emérito de Linguística e Filosofia, no Massachusetts Institute of Technology (MIT), depois de ter passado pelas universidades de Princeton, Chicago e Stanford.

Na sala da sua casa, em Cambrid-



Chegada a Portugal
Mais de 30 mil judeus chegaram a Portugal graças à coragem de Aristides de Sousa Mendes (ao lado). Em cima, a passagem da fronteira, em Hendaye, por volta de 1940; em baixo, um grupo de crianças refugiadas, nas Caldas da Rainha

ge, mostra as pratas que escondeu na mala, há 73 anos. É desta sala que telefona para as pessoas identificadas pela fundação. «Mais de metade não sabe que foi salva por Sousa Mendes», diz. «Ouve-nos e quer saber mais. Mas há uma minoria que não se entusiasma. Não quer mexer no passado ou não tem mesmo interesse em saber o que se passou.»

No meio universitário de Boston, Sylvain tem dois amigos que foram salvos graças aos vistos portugueses: Henry Rosovsky, um dos académicos mais respeitados do país, que já foi reitor geral de Harvard e hoje é reitor de Artes e Ciências, e Daniel Branton, um conceituado biólogo da mesma universidade.

No início deste ano, os três homens almoçavam juntos quando surgiu uma pergunta: «Como seriam as nossas vidas se não tivéssemos fugido?»

O professor, que toda a vida estudou as ►

Soares, A. (2013, junho 13). A lista de Sousa Mendes. *Visão*, 56-64.

SOCIEDADE MEMÓRIA



Eric Moed O arquiteto nova-iorquino chegou a Portugal há duas semanas para montar o seu projeto de «museu temporário» em frente à Casa do Passal. É a sua forma de agradecer os vistos que salvaram o seu pai e o seu avô (ao lado). A obra inaugura a 20 de junho, marcando o final de uma viagem de meia centena de sobreviventes, entre Bordéus e Cabanas de Viriato



morreu na Figueira da Foz, enquanto a família esperava por vistos para os EUA. A menina não resistiu a uma disenteria. Os pais nunca mais falaram sobre o assunto.

No próximo dia 17, quando chegar a Portugal uma cópia da certificado de óbito da irmã será a coisa mais importante na bagagem de Lee. O documento diz que corpo foi enterrado no Cemitério Judeu de Lisboa, mas Lee sabe que foi trasladado, anos depois. O seu principal objetivo, nesta viagem, é descobrir onde está: «Preciso de saber, para fechar este capítulo.»

Uma instalação pela tolerância

Em janeiro do ano passado, Eric Moed, 25 anos, estava na reta final do curso de arquitetura, no Instituto Pratt, em Nova Iorque. Restavam-lhe cinco meses para apresentar o seu projeto final – e ainda nem tinha tema.

No mesmo mês, o avô recebeu um telefonema de Sylvain Bronberger, um dos investigadores da fundação. Dias depois, durante um jantar de família, partilhou a história. Eric mostrou interesse, mas estava concentrado na sua licenciatura. «Só quando descobri que o desejo mais forte da família é

reconstruir a Casa do Passal, é que percebi que tinha encontrado o meu projeto final», conta. Durante quatro meses, dedicou-se a criar um «parque para promoção da tolerância». Passou muitas tardes com o avô, à volta da mesa do seu apartamento, a discutir vigas, iluminação, revestimentos... e a história do diplomata. Diz que «foi muito especial partilhar o processo» com o avô: «Ele é arquiteto, o meu pai também e agora eu também sou.»

Terminada a licenciatura, Eric ouviu falar no concurso mundial «Desempregado do Ano», promovido pela Unhate Foundation, da Benetton, que distingue jovens com projetos que espalhem uma mensagem de esperança. Fez alguns ajustes à sua tese, que «era um projeto de muitos milhões», e chegou à proposta de um museu semipermanente. Chamou-lhe «WTF: Work Towards Fairness!» e candidatou-se.

Entretanto, a 29 de outubro, o furacão Sandy atingiu os EUA. Os efeitos da maior tempestade registada no Atlântico eram sentidos por milhões de pessoas e Eric permanecia no seu apartamento de Brooklyn, com luz, água e o frigorífico cheio de comi-



Museu Será desta?

A Fundação Aristides de Sousa Mendes (FASM) luta, há 12 anos, pela recuperação da Casa do Passal, onde o diplomata viveu, em Cabanas de Viriato. Apesar de classificada como monumento nacional, tem sido votada ao abandono por sucessivos governos. O projeto para a sua transformação num museu poderá finalmente avançar este verão, graças à libertação de 360 mil euros de verbas do QREN. Isso mesmo deverá ser anunciado a 20 de junho, na inauguração da instalação do arquiteto Eric Moed. Contudo, para erguer a «casa de paz e de homenagem à memória» do cônsul português, como a imagina Luís Fidalgo, vice-presidente do município de Carregal de Sal e membro do conselho de administração da FASM, serão necessários «dois a três milhões de euros». Apesar da verba total ainda não estar assegurada, «para a família este é um momento histórico», diz, animado, António de Sousa Mendes, neto do cônsul de Bordéus. «Estes anos têm sido uma verdadeira prova de resistência», desabafa. Luís Fidalgo corrobora: «Já fizemos muito caminho mas demasiado devagar... e ainda estamos muito longe de alcançar aquilo que se impõe para fazer justiça à dimensão humana deste homem.» Apesar da crise, o autarca não deixa de constatar, revoltado, que «o dinheiro de meio quilómetro de autoestrada chegaria para se fazer esta homenagem». P.F.

da. Recordou as conversas com o avô e saltou do sofá. «Podia ter ignorado o que estava a acontecer, mas senti que tinha de fazer alguma coisa.» Juntou um grupo de amigos e criou centros de apoio às vítimas nas zonas mais afetadas. Distribuíram lanternas, comida, água e baterias. «Trabalhei durante cinco semanas.»

Em Coney Island, Eric ajudou uma idosa, isolada na sua casa. A mulher estranhou vê-lo ali. «És da Cruz Vermelha?», perguntou. Eric hesitou. Deu, por fim, a única resposta que sentia genuína, depois de conhecer o exemplo de Sousa Mendes: «Não, sou ▶

Soares, A. (2013, junho 13). A lista de Sousa Mendes. *Visão*, 56-64.

SOCIEDADE MEMÓRIA



Lista de Sousa Mendes

► apenas de Nova Iorque.» Os resultados do concurso da Unhate Foundation foram, entretanto, anunciados e Eric foi um dos vencedores da bolsa de 5 mil dólares. Através de doações privadas, angariou os outros 20 mil dólares de que precisava. Viajou para a Cabanas de Viriato, onde está desde 22 de maio. O contentor com as estruturas que construiu nos EUA chegaram dias depois e ele trabalha agora, com a ajuda de funcionários do município de Carregal do Sal, na montagem da instalação. Três grandes pavilhões estão a nascer à frente da Casa do Passal. Quando forem inaugurados, «vão ficar iluminados, em contraste com a casa abandonada e escura», explica Eric. No interior do primeiro estarão fotografias e citações dos sobreviventes; no segundo, contar-se-á a história de vida do diplomata; e, no terceiro, explicar-se-á o trabalho da fundação. «Sousa Mendes salvou a minha família da morte quase certa», reconhece. «Descobrir uma história assim, quando se tem a minha idade, é fantástico – ao mesmo tempo, inspira-nos e faz-nos sentir humildes.»

Os sobreviventes

Na noite de 20 de junho, quando Eric Moed acender, por fim, as luzes da sua instalação em Cabanas de Viriato, terá ao seu lado Olivia Mattis, Della Peretti, Lee Sterling e Andrée Lotey. Em frente às ruínas da casa de Sousa Mendes estará ainda outro sobrevivente: Rudolph Winter.



Família Peretti

Jonah Peretti, fundador do site *Huffington Post*, soube no início do ano passado que os seus avós (na foto) foram salvos por um português. A sua mãe, Della, estará em Portugal, no próximo dia 20 de junho, para agradecer o gesto humanitário de Sousa Mendes



Rudolph e Janet Winter

Os pais de Rudolph (em baixo) conseguiram fugir com um visto obtido em Bordéus mas ele e os seus irmãos tiveram de ficar na Holanda, com familiares. Só mais tarde se reuniram, em Nova Iorque



Rudolph tinha 12 anos quando a guerra começou. Os seus pais viajavam por Paris, em negócios. Ele e os irmãos tinham ficado em Amsterdão, ao cuidado de uma avó e de uma tia e, quando os seus pais tentaram regressar à Holanda, as fronteiras já tinham sido fechadas. A família ainda se falou, durante uns dias, mas, lembra Rudolph, «a Holanda rendeu-se no dia 15 e as comunicações foram todas cortadas.»

O casal Winter tinha vistos para os EUA desde o ano anterior, quando pensara emigrar, mas não podia sair de França, que também fora invadida. Foi em Bordéus, nos últimos dias de junho, que obtiveram um visto para Portugal. Passado um mês, partiram do aeroporto de Lisboa, num voo da Pan America, com destino a Nova Iorque. Duas semanas depois, a 9 de agosto, o pai morreu. «Com toda a tensão vivida nesses dias, teve uma grande crise de asma. Os nervos de estar separado dos filhos, de não saber o que fazer...» As crianças continuavam em Amsterdão e, no início do outono, descobriram que o pai tratara dos seus vistos, através da embaixada italiana, antes de morrer. Para os recolher, teriam de apanhar um voo para Roma. Rudolph e os irmãos despediram-se da avó e da tia que tomavam conta deles. Nunca as tornariam a ver.

Reuniram-se com a mãe, a 3 de dezembro, no cais de Hoboken, em Nova Jérsei. «Ela abraçou-nos, chorando muito. Acabara de perder o marido, não nos via desde maio... passou por muito.»

Os EUA haveriam de entrar na guerra, um ano depois, quando os japoneses bombardearam Pearl Harbor, e os Winter perderam o

contacto com os familiares na Europa. «Só descobrimos o que lhes aconteceu quando chegou a paz», conta Rudolph. «A minha avó, a minha tia, um irmão do meu pai, a sua mulher, os três filhos, outra tia e o marido, pais de um filho.... ninguém sobreviveu. Foram levados para três campos de concentração diferentes.» Rudolph diz que nunca mais teve família: «Por isso, descobrir, tantos anos mais tarde, que alguém arriscou a vida por nós... foi muito emocionante.»

Há poucos anos, o advogado regressou a Amsterdão com a mulher, Janet. Fizeram questão de visitar a casa onde ele morara, antes da guerra. «Não sei do que estava à procura», conta. «Acho que buscava um sinal de que a vida continuara, de que o nosso povo, apesar de tudo, resistia.»

Era sexta-feira, *Shabbat*, o dia santo dos judeus. A tarde chegava ao fim quando o casal subiu os degraus e sentiu um cheiro delicioso. «Alguém assava um frango com especiarias, a refeição típica destes dias», lembra Janet. À porta, encontraram uma caixa, colocada no lado direito da ombreira, à altura dos ombros. No seu interior, um pergaminho com versos da Tora:

«Ouve, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor.»

Essa caixa era uma *Mezuzá*, um artefacto que assinala as casas dos judeus. O casal trocou sorrisos cúmplices. Rudolph olhou as flores que trazia na mão, para entregar aos novos moradores da sua antiga casa. E bateu à porta. ■

www.visao.sapo.pt Entrevista a Eric Moed, sobre o projeto em Cabanas de Viriato

Sousa Mendes vai ter um minimuseu. (2013, junho 19). *Diário de Notícias*, 49.

CABANAS DO VIRIATO

Sousa Mendes vai ter um minimuseu

► Um “minimuseu temporário” em homenagem a Aristides de Sousa Mendes, o cônsul português que resgatou 30 mil pessoas do Holocausto, será inaugurado na sua terra natal, Cabanas do Viriato, no dia 20. A ideia partiu do arquiteto americano Eric Moed, cujos avô e bisavô foram salvos pelos vistos de Sousa Mendes.

A estrutura, feita em acrílico e com três divisões, está a ser montada há três semanas na entrada principal da casa de Sousa Mendes, conhecida como a Casa do Passal. A parte exterior dos três pavilhões estará revestida pelas 30 mil assinaturas do cônsul, uma por cada visto que passou. Nos pavilhões laterais estarão instaladas exposições sobre a vida de Sousa Mendes e o contexto histórico em que viveu. Já no pavilhão central serão colocadas centenas de fotografias a preto e branco de sobreviventes da II Guerra Mundial salvos pelo cônsul. Os retratos não terão identificação, “porque o cônsul salvava-as (as pessoas) independentemente de quem fossem”, justificou Eric Moed. Alguns dos sobreviventes estarão em Portugal para a inauguração.

Carmo, P. (2013, junho 20). Sobreviventes do Holocausto à procura de raízes em Portugal. *Diário de Notícias*, 16.

16



FOTOS: FERNANDO FONTES/GLOBAL IMAGES

Familiars dos refugiados judeus consultam jornais da Figueira da Foz, cidade onde Lee Sterling voltou à porta da casa onde morou

Sobreviventes do Holocausto à procura de raízes em Portugal

Figueira da Foz. A descoberta de documentos foi um momento intenso para quem foi portador dos vistos de Aristides de Sousa Mendes.

PAULA CARMO

Voltou 63 anos depois. Naquela casa, na antiga Rua dos Banhos, Lee Sterling encontrou um edifício abandonado mas que sempre preencheu as suas memórias. Tinha ele quatro anos quando ali, naquela casa, no "coração" da Figueira da Foz, todos viveram mais uma etapa para escapar às tormentas do Holocausto.

E, ontem, naquela rua, por merecimento, Lee Sterling, de 77 anos, e a sua mulher, Lynn Streling, encontraram Isabel Moutinho, de 87 anos. A anciã portuguesa confessa: sempre esperara que, um dia, os refugiados judeus voltassem à sua Figueira da Foz. Abraçaram-se. Mais um punhado da gratidão da vida, balbuciaram ambos, emocionados.

Sobreviventes e familiares dos refugiados da II Guerra Mundial (re)visitaram ontem a praia da Claridade, onde alguns encontraram um porto de abrigo após conseguirem o visto do cônsul português Aristides de Sousa Mendes. A cidade atlântica fervilhava de elegância com os refugiados, que trouxeram novos hábitos. "Lembro-me das senhoras muito bonitas, com vestidos finos e anéis deslumbrantes", diz Isabel Moutinho a Lee Sterling. "E cinema? Ainda se recorda onde íamos ver filmes?", pergunta-lhe ele. "Claro, era no cinema parque...mas esse edifício já não existe", responde ela. Ele quer registrar tudo em imagens para mostrar à família que vive atualmente com ele na Califórnia.

Logo de manhã, na Biblioteca Municipal da Figueira da Foz muitos dos 45 elementos desta comiti-

va descobriram valiosos documentos que ajudam a compor o puzzle do seu destino em Portugal. E Lee, afinal, ficou a saber que a sua pequenita irmã esteve internada na Clínica de Saúde da Sofia (Coimbra) durante seis semanas antes de morrer, tendo sido sepultada em Lisboa.

História bem diferente mas também marcante a de Adriano Nagel que, aos 41 anos, resolveu abandonar Londres por uns dias para vir a Portugal acompanhar a mãe nesta viagem intitulada "On the road to freedom". A progenitora, Yara Nagel, de 67 anos, que agora mora em São Paulo, Brasil, fez questão de, também ela, prestar tributo à memória de um cônsul que ousou, com a sua assinatura, salvar milhares de pessoas dos horrores da guerra. "Estou a entender melhor como e por onde os meus avós passaram para sair da Europa e chegar ao Brasil. A minha mãe está bastante emocionada...", acentua, ao DN, o programador de computadores.

Ora, se a cidade da Figueira da Foz ficou na memória de quem era espoliado da sua Pátria, também os figueirenses não ficaram indiferentes – segundo a imprensa da época – à passagem de centenas de polacos, belgas, holandeses, checos, franceses e italianos. Terá sido um verdadeiro furor o uso de biquínis na praia, os hábitos de vestir das mulheres (desinibidas ao ponto de conviver nos luxuosos

DISCURSO DIRETO

“Estou muito emocionado, fui salvo com o visto de Aristides de Sousa Mendes. Vim descobrir a casa onde vivi na Figueira da Foz”

LEE STERLING
CALIFÓRNIA (EUA)

“Estou a fazer o percurso que os meus pais fizeram com os meus irmãos. Eu já nasci no Brasil. Estou muito emocionada e grata por tudo o que o diplomata português fez”

YARA NAGEL
SÃO PAULO (BRASIL)

“Coimbra marcou a minha família antes de partir para o Brasil no navio 'Santarém'. Devemos a vida à assinatura de Aristides de Sousa Mendes”

MONICA BARZILAY
GENEVE (SUÍÇA)

cafés daquela praia). Nos jornais figueirenses, ficaram também registados para a posteridade os recitais de piano de conceituados músicos. Do programa de ontem, neste périplo de cinco dias pela região Centro, a comitiva foi acolhida no Hotel Curia Palace (que mantém integralmente a traça original da sua construção em 1926). Ali, entre 1939 e 1944, estiveram refugiados judeus em busca da sobrevivência.

Nesta visita a Portugal, fazem parte diversos núcleos judaicos incluídos na "Rota das Judiarias". Sobreviventes e seus familiares devolvem a vida a uma assinatura a Aristides Sousa Mendes. Também alguns familiares do diplomata integram esta revisitação emocionada.

COMITIVA

Tributo a Aristides de Sousa Mendes

➤ No programa de cinco dias pelo centro de Portugal, o destaque de hoje: visita à casa da família Sousa Mendes, em Cabanas de Viriato. O presidente do Comité Francês de Homenagem a Aristides de Sousa Mendes, Manuel Vaz Dias, assume que um dos objetivos desta viagem é reunir mais dados sobre os sobrevi-

ventes da "lista Sousa Mendes" e, em forma de tributo, angariar fundos para restaurar a casa do diplomata. Manuel Dias destaca ainda a visita, amanhã, aos arquivos do Ministério dos Negócios Estrangeiros para ver os registos originais dos vistos concedidos pelo Cônsul de Portugal em Bordéus.

Ferreira, S. (2013, junho 21). Sobreviventes visitam casa de Aristides Sousa Mendes. *Jornal de Notícias*, 28.

Sobreviventes visitam casa de Aristides Sousa Mendes

CARREGAL DO SAL

A casa do cônsul em Bordéus vai ser alvo de obras de reabilitação

Sandra Ferreira
locais@jn.pt

SOBREVIVENTES da II Guerra Mundial e familiares, salvos graças a Aristides de Sousa Mendes, cônsul de Portugal em Bordéus, estiveram ontem em Cabanas de Viriato, Carregal do Sal. Para visitar a casa do cônsul – que salvou mais de 30 mil pessoas ao passar-lhes vistos, desobedecendo a Salazar –, muito degradada, e que vai ser reabilitada, disse o secretário de Estado da Cultura, Jorge Barreto Xavier. Para já, 300 mil euros “estão garantidos”.

A iniciativa da visita é da Fundação Sousa Mendes (EUA) e da comissão nacional francesa de homenagem a Aristides Sousa Mendes e pela AJPN-Anónimos, Justos e Perseguidos durante o período Nazi. Yara Nagel, de 67 anos, brasileira, é filha de pai alemão e mãe italiana. “Já não são vivos, mas Aristides Sousa Mendes é o meu herói porque sem ele, nunca estaria aqui”.

Ainda não era nascida, mas



SANDRA FERREIRA

Sobreviventes e familiares contam que têm no cônsul “um herói”

“NO FIM SOBREVIVI”

► Leon Moed vive nos Estados Unidos e tinha oito anos quando fugiu para Portugal. “Lembro-me daquele dia, de toda a gente a querer fugir, os soldados a regressarem feridos. Como criança, não sabia muito bem o que se estava a passar. Sabia apenas que havia uma guerra em curso e acreditava que os meus pais me iam tirar dali”, recorda. E tiraram, com a ajuda do cônsul português, que lhes passou os



vistos. Viajaram para Portugal onde estiveram três meses. “No fim sobrevivi e Aristides de Sousa Mendes é isto: ajudou a salvar pessoas”, afirmou ontem em Cabanas de Viriato.

recorda-se do que os pais contavam: “Diziam que era um terror, deixaram tudo para trás, sem saber o futuro”. O pai, que tinha ido para Bordéus, teve de procurar forma de fugir. “Alguém lhe falou de Aristides Sousa Mendes que arranjou 4 passaportes para ele, a minha mãe e os meus dois irmãos”, relata.

Confessa que a viagem por Portugal com a restante comitiva tem sido ambígua. “É muito bom, mas estamos sempre a trocar as histórias de cada um, que são tristes” confessa emocionada. ●

Ferreira, R.S. (2013, junho 22). Aristides de Sousa Mendes - Sobreviventes do Holocausto em Lisboa. *Diário de Notícias*, 28.

ARISTIDES DE SOUSA MENDES

Sobreviventes do Holocausto em Lisboa

› Os 35 sobreviventes do Holocausto que viajaram até Lisboa em busca do cônsul português Aristides de Sousa Mendes, que num ato de desobediência a Salazar aprovou vistos a 30 mil pessoas, entre eles 12 mil judeus, viveram um “momento alto” ontem quando puderam ver o caderno de vistos com “a assinatura que os



salvou”. “Estão a ver os documentos originais com a assinatura que salvou as suas vidas”, disse à Lusa, entusiasmado, Geraldo Sousa Mendes, 56 anos, um dos netos de Aristides, enquanto a comitiva rodeava o suporte com o caderno de vistos, cujas páginas puderam folhear com recurso a luvas brancas.

Aristides de Sousa Mendes no História. (2013, julho 9). *Diário de Notícias*, 51.

Aristides de Sousa Mendes no História

DOCUMENTÁRIO O Canal de História exhibe na próxima sexta-feira, dia 19, às 16.50, um documentário dedicado a Aristides de Sousa Mendes no qual é recordada a vida e obra do diplomata português. Ao desobedecer às ordens diretas de Salazar, salvou a vida de mais de 30 mil pessoas, concedendo-lhes vistos para entrar em Portugal.

Cabanas de Viriato com 360 mil euros para obras. (2013, setembro 12). *Diário de Notícias*, 24.

Cabanas de Viriato com 360 mil euros para obras

RECONSTRUÇÃO Casa que pertenceu a cônsul Aristides de Sousa Mendes, e que é património nacional, vai sofrer obras durante dez meses

A casa de Cabanas de Viriato, que pertenceu ao cônsul português Aristides de Sousa Mendes, vai em breve beneficiar de uma intervenção orçada em 360 mil euros, que evitará a sua ruína.

Este é um dos oito projetos de recuperação de património que vão ser lançados este ano na região centro, apresentados pela Direção Regional de Cultura ao Programa Mais Centro, da Comissão de Coordenação de Desenvolvimento Regional do Centro, no âmbito

do Quadro de Referência Estratégica Nacional (QREN), que têm um valor total de 2,9 milhões de euros, dos quais 85% atribuídos pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (Feder).

A diretora regional da Cultura, Celeste Amaro, explicou que as obras na Casa do Passal, situada em Cabanas de Viriato (Carregal do Sal), vão durar dez meses, estando prevista “a reconstrução da cobertura, a recuperação do revestimento, a reabilitação das caixilharias e a execução de uma estrutura mista para imóvel”.

Era na casa de Cabanas de Viriato que o antigo cônsul – que, em Bordéus, França, salvou milhares de refugiados do Holocausto, nos primeiros dias da ocupação alemã,



TERESA CARDOSO/GLOBAL IMAGENS

Cobertura será reconstruída

na Segunda Guerra Mundial – costumava passar férias na companhia dos 14 filhos e da primeira esposa, Angelina, tendo aí também vivido alguns anos antes da sua morte, com a segunda mulher, a francesa Andrée Cibial.

Casa de Sousa Mendes vai ser recuperada. (2013, setembro 12). *Jornal de Notícias*, 24.

Casa de Sousa Mendes vai ser recuperada

CENTRO A casa de Cabanas de Viriato que pertenceu ao cônsul Aristides de Sousa Mendes vai beneficiar de uma intervenção orçada em 360 mil euros. É um dos oito projetos de recuperação de património que vão ser lançados este ano na Região Centro, no âmbito do QREN, que têm um valor total de 2,9 milhões de euros, dos quais 85% são fundos comunitários.

Medalha de honra para Aristides. (2013, novembro 12). *Diário de Notícias*, 14.

Medalha de honra para Aristides

HOMENAGEM O neto de Aristides de Sousa Mendes recebeu ontem uma medalha de honra da cidade de Puteaux, França, em homenagem ao avô. A condecoração entregue a Gérald Mendes, decorreu no âmbito da inauguração da exposição *Aristides de Sousa Mendes, o Justo de Bordéus*, da Associação Franco-Portuguesa de Puteaux.



Aristides de Sousa Mendes

Petição por Aristides de Sousa Mendes. (2014, janeiro 9). *Diário de Notícias*, 38.

DIPLOMATA NO PANTEÃO

Petição por Aristides de Sousa Mendes

› Uma petição pública internacional, divulgada nas redes sociais, defende também a transladação dos restos mortais de Aristides de Sousa Mendes para o Panteão Nacional. Sousa Mendes, enquanto cônsul de Portugal em Bordéus, e contrariando or-

dens de Salazar, salvou mais de trinta mil vidas da perseguição nazi, na Segunda Guerra Mundial. José Leitão, presidente da Fundação Aristides de Sousa Mendes, apoia a iniciativa a nível pessoal, mas o assunto ainda não foi discutido na instituição.

Mangas, F. (2014, janeiro 10). “Aristides de Sousa Mendes não compete com Eusébio”. *Diário de Notícias*, 56.

ALEGAÇÕES FINAIS PETIÇÃO SOBRE TRASLADAÇÃO DO ‘CÔNSUL DE BORDÉUS’ PARA O PANTEÃO

“Aristides de Sousa Mendes não compete com Eusébio”

FRANCISCO MANGAS

Uma petição pública internacional, divulgada nas redes sociais, defende a transladação dos restos mortais do diplomata Aristides de Sousa Mendes para o Panteão Nacional. Enquanto presidente da Fundação Aristides de Sousa Mendes, apoia a iniciativa?

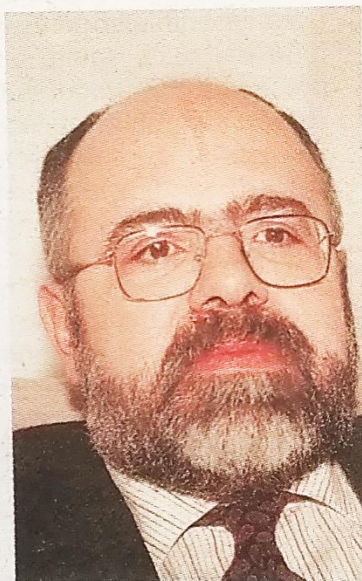
Pessoalmente sou favorável. Mas esse assunto não foi ainda objeto de debate e reflexão no Conselho de Administração da Fundação. Aristides de Sousa Mendes é um exemplo de tolerância, um defensor dos direitos humanos em tempos sombrios, quando muitos se acovardaram. A sua intervenção [enquanto cônsul de Portugal em Bordéus] permitiu salvar milhares de refugiados da perseguição nazi, durante a II Guerra Mundial.

Há cerca de dois anos houve contactos da fundação com deputados, na Assembleia República, sobre esse assunto. O processo não avançou?

Não tenho conhecimento desse encontro. É presidente da Fundação Aristides Sousa Mendes desde quando?

Desde abril do ano passado. Não houve deliberação sobre essa matéria, mas não quer dizer que a título individual tenham existido esses contactos no Parlamento.

A transladação dos restos mortais de Aristides de Sousa Mendes para o Panteão desagradou a alguns dos seus admiradores. O local onde está sepultado – Cabanas de Viriato, Carregal do Sal –, terra onde nasceu, foi escolha sua e deve ser respeitada. Concorde?



JOSÉ
LEITÃO

Presidente
da Fundação Aristides
de Sousa Mendes

“

O Panteão Nacional tem um valor simbólico.

Há a questão das ligações de Aristides de Sousa Mendes a Cabanas, que merece reflexão”

Existem muitas pessoas que manifestam essa opinião. Por isso mesmo, deve ser estudada e merece uma reflexão aprofundada. **O Portugal democrático demorou a reabilitar o “cônsul de Bordéus”, perseguido pela ditadura de Salazar?**

A democracia deu os passos para a sua reintegração a título póstumo. Foi um gesto muito importante, na sociedade portuguesa há cada vez mais consciência do papel de Aristides Sousa Mendes, o que nos honra. O mesmo Portugal da Inquisição, intolerante, das perseguições religiosas, num momento sombrio da humanidade, através do católico Sousa Mendes teve um gesto de preocupação e solidariedade – e, assim, salvaria milhares de vidas.

O Panteão Nacional é, portanto, o local certo para os restos mortais do diplomata?

O Panteão tem um valor simbólico. Há a questão das ligações do Aristides de Sousa Mendes a Cabanas, que, como já referi, merece reflexão.

Todas as bancadas parlamentares apoiam a entrada de Eusébio no Panteão Nacional. Como vê esta unanimidade em torno da figura do futebolista?

Valorizar o legado de Aristides de Sousa Mendes não é uma competição com Eusébio. São situações diferentes. O Eusébio teve o seu mérito, contribuiu para divulgar a imagem do País, é um símbolo da lusofonia: um símbolo com a capacidade de unir em todo o mundo de língua portuguesa, por isso merece entrar no Panteão Nacional. Aristides de Sousa Mendes também não faz competição com o escritor Aquilino Ribeiro ou com a Amália Rodrigues – são situações diferentes.

Marques, C. (2014, abril 7). Casa de Aristides vai ser recuperada. *Jornal de Notícias*, 24.



CRISTINA MARQUES

Cordão humano pela casa do cônsul que salvou milhares

Casa de Aristides vais ser recuperada

CARREGAL DO SAL

A DIRETORA regional da Cultura do Centro, Celeste Amaro, avançou ontem que a casa que pertenceu ao antigo cônsul português Aristides de Sousa Mendes, em Cabanas de Viriato, Carregal do Sal, vai começar a ser recuperada no final de maio deste ano.

Celeste Amaro, que participou num cordão humano onde cerca de 500 pessoas abraçaram a Casa do Passal, revelou que “vai ser recuperada toda a cobertura e as estruturas dos pilares interiores que mantêm a casa de pé”. Já na parte exterior do edifício, que foi construído no século XIX, “será feita a picagem das paredes e a pintura”.

A diretora regional acrescentou ainda que se os 300 mil euros destinados a esta primeira fase das obras de recuperação chegarem, serão colocadas janelas novas. “A obra tem de estar pronta impreterivelmente até dezembro deste ano”, alegou.

O cordão humano foi organizado por um movimento

de cidadãos que pretende “salvar da ruína” a Casa do Passal – classificada como edifício de interesse público – de forma a homenagear “o herói português que salvou mais de 30 mil pessoas do holocausto”.

Um dos promotores do evento, Luís Silva, sublinhou que é importante dar ao antigo cônsul de Bordéus “o merecido reconhecimento do que fez em vida”, “arriscando a carreira e sacrificando o bem-estar da família numerosa (Aristides tinha 14 filhos)”. CRISTINA MARQUES

*“Trouxe flores
para
homenagear
o homem que
salvou 30 mil
pessoas”.*

**Maria
Conceição
Martins**
Nelas



PATRIMÓNIO

Recuperação da casa de Aristides de Sousa Mendes

► A diretora regional de Cultura do Centro, Celeste Amaro, anunciou que as obras de recuperação da casa de Aristides de Sousa Mendes, em Cabanas de Viriato, devem ter início no final de maio. Celeste Amaro, que participou ontem num cordão humano em defesa da Casa do Passal, explicou que decorre a fase final do concurso público para substituição da cobertura, reforço e estabilização estrutural, com um valor base de 316 983 euros e um prazo de execução de 210 dias. Segundo a responsável, as obras incluem a recuperação da cobertura e das janelas da cobertura e toda a parte estrutural de pilares que sustentam a casa. Na parte exterior “será feita a picagem das paredes, a pintura, e possivelmente, se ainda houver dinheiro, iremos ao resto das janelas, porque interessa-nos fechar a casa”. O presidente da Câmara de Carregal do Sal, Rogério Abrantes, avisou Celeste Amaro de que não a largará até que esteja garantida a segunda fase das obras, com vista à criação de um museu, cujo projeto deverá estar concluído até ao final do ano.

B.M. (2014, abril 10). Recital lembra Aristides de Sousa Mendes. *Diário de Notícias*, 48.



Soprano Ana Maria Pinto

Recital lembra Aristides de Sousa Mendes

MÚSICA Assinalando o 60.º aniversário da morte do “cônsul de Bordéus”, que passou a 3 deste mês, a Fundação Aristides de Sousa Mendes organiza hoje ao final da tarde (18.30) o 2.º recital de homenagem ao corajoso diplomata – e amante da música clássica – a realizar-se no Centro de Estudos Judiciários, no Largo do Limoeiro (à Sé).

Serão intérpretes o soprano Ana Maria Pinto e o tenor João Terleira, acompanhados ao piano por Nuno Vieira de Almeida. Do programa, inteiramente dedicado à canção de câmara oitocentista alemã (*Lied*), constam obras de Hugo Wolf (1860-1903) e Robert Schumann (1810-1856). Do primeiro, ouve-se o 1.º Caderno do *Cancioneiro Italiano*, composto em 1890-91 a partir de traduções de Paul Heyse para o alemão de poesia cortesã italiana (oriunda sobretudo da Toscana) dos séculos XIV-XVI, publicadas sob esse mesmo título em 1860. Integram este caderno 22 canções, cantadas em alternância pelos solistas.

Por seu lado, de Schumann serão interpretados oito duetos para soprano e tenor (sobre poemas, por exemplo, de Rückert, Kerner ou Goethe), tirados dos opp. 34, 37, 74, 78 e 101 e datando de 1840-41 (opp. 34 e 37) e de 1849 (restantes). A entrada é livre. **B.M.**

Na Figueira ao fim de 12 anos. (2014, agosto 12). *Jornal de Notícias*, 42.



CINEMA NA FIGUEIRA AO FIM DE 12 ANOS

FESTIVAL

A **PRIMEIRA** edição do festival de cinema Figueira Film Art, que decorre entre 8 e 14 de setembro, na Figueira da Foz, terá 118 filmes a concurso, provenientes de oito países. Em nota de Imprensa enviada à Lusa, a organização destaca “a grande adesão” de realizadores e produtores, sublinhando que o evento vai decorrer 12 anos depois do fim do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz.

Com a promessa de divulgar o programa definitivo até final deste mês, a organização anuncia, para já, que irá prestar homenagem ao antigo cônsul em Bordéus Aristides de Sousa Mendes. ●

Autarquia evoca legado de Aristides. (2014, setembro 22). *Diário de Notícias*, 11.

Autarquia evoca legado de Aristides

ANTÓNIO BAPTISTA RIBEIRO

PRESIDENTE DA CÂMARA DE ALMEIDA
A Câmara Municipal de Almeida pretende instalar, em Vilar Formoso, um memorial dedicado a Aristides de Sousa Mendes, com o objetivo de dinamizar o turismo no concelho. A ideia do autarca António Baptista Ribeiro é evocar a memória do cônsul, mas, em simultâneo, homenagear os judeus e refugiados da Segunda Guerra Mundial.

Primeiras obras prontas no fim do ano. (2014, setembro 22). *Diário de Notícias*, 41.

ARISTIDES SOUSA MENDES

Primeiras obras prontas no fim do ano

► As obras de recuperação na Casa do Passal, que pertenceu ao cônsul Aristides de Sousa Mendes, estão “a decorrer normalmente”, prevendo-se que fiquem “concluídas até ao final do ano”, disse a diretora regional de Cultura do Centro, Celeste Amaro.

À Lusa, recordou que o Governo só assumiu a primeira fase das obras de recuperação da casa que é pertença de uma fundação privada (Fundação



Aristides de Sousa Mendes).

As obras de recuperação da Casa do Passal, situada em Cabanas de Viriato, concelho de Carregal do Sal, tiveram início a 28 de maio, tendo por objetivo a sua pintura exterior, reconstrução da estrutura da cobertura e recolocação dos respetivos revestimentos, reconstrução das janelas e substituição das cauleiras e tubos de queda.

Esta obra, num edifício classificado como

Sousa Mendes ampliou esta casa

Monumento Nacional desde 2011, representa um investimento de 336 mil euros, 85 por cento dos quais provenientes de fundos comunitários e os restantes de fundos nacionais colocados pela Direção Regional de Cultura do Centro.

Luís Fidalgo, um dos elementos do conselho de administração da Fundação Aristides de Sousa Mendes, apontou a necessidade de se preparar uma segunda fase, que contemple o interior da casa construída no século XIX e aumentada em 1920 pelo casal Angelina e Aristides de Sousa Mendes.

Anexo 159

RTP1 emite filme português. (2014, dezembro 7). *Jornal de Notícias*, 57.



RTP1 EMITE FILME PORTUGUÊS
Em "O Cônsul de Bordéus",
transmitido às 22.00 no primeiro
canal, Vítor Norte interpreta o
diplomata Aristides de Sousa Mendes.

Marujo, M. (2015, fevereiro 25). A petição que se segue: Aristides no Panteão. *Diário de Notícias*, 13.

A petição que se segue: Aristides no Panteão

Parlamento. Partidos dizem que é prematuro dizer o que farão. O que contrasta com Eusébio

MIGUEL MARUJO

Já foi admitida no Parlamento a petição que “pretende que o corpo de Aristides de Sousa Mendes seja trasladado para o Panteão Nacional”, mas as bancadas parlamentares dizem que é prematuro, neste momento, antecipar uma decisão sobre o que fazer com esta proposta.

Hoje é votado em sede de Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias o relatório sobre a petição, elaborado pela deputada centrista Teresa Anjinho, mas só se algum grupo parlamentar se chegar à frente é que esta petição poderá chegar a plenário. E, por agora, as bancadas escudam-se no tempo. “É prematuro”, ouviu o DN, confrontadas as direções parlamentares.

Cautelas que tiveram duas exceções no tempo: Amália e Eusébio. A morte da fadista fez alterar a lei, nomeadamente o tempo entre a morte e a possível trasladação. Com

a morte do futebolista, o clamor popular teve imediata aceitação parlamentar. À proposta na manhã de 6 de janeiro de 2014 de um deputado, depois acolhida por todas as bancadas (e votada por fim na semana passada), a presidente da Assembleia da República notava que a decisão competia ao Parlamento, com um reparo que lhe valeu críticas. “A proposta pode ser feita no quadro do Parlamento, pode ser uma sugestão exterior, mas a decisão é do Parlamento. Mas há também custos muito elevados. Mesmo muito elevados”, dizia Assunção Esteves.

A petição defende que o embaixador Aristides de Sousa Mendes – que salvaria milhares de judeus, na Segunda Guerra Mundial desobedecendo às ordens de Salazar – é “uma referência moral e cívica para Portugal e para o mundo”, que pagou “um preço elevado” por ter desafiado o regime e que por isso merece honras de Panteão. A palavra cabe agora aos deputados.

MIGUEL MARUJO

Aristides de Sousa Mendes: o sublime que há em nós

Debate **Direiros humanos**
Paulo Mendes Pinto

"A partir de agora, darei vistos a toda a gente; já não há nacionalidades, raça ou religião"
Aristides de Sousa Mendes

Muito se especula em torno do que é a memória. Entre passado e identidade, muito mais se pode pensar sobre a nossa relação com o passado, onde devemos ainda juntar a ideia de património, este cada vez mais imaterial e não material. Numa revolução mental, onde o primado do material deu lugar aos usos, aos costumes, às tradições, classificamos como património cantares, comidas, paisagens e ritos. O nosso património, aquilo a que olhamos enquanto memória, é uma teia complexa em que nos revemos, nos identificamos, ao qual chamamos nosso, com o que mantemos afinidades. No limite, classificamos para não perder, para chamar a atenção, para valorizar, para cuidar e para dar valor.

Há pouco mais de 70 anos, um cônsul, um representante de um país a que chamamos Portugal, foi contra as ordens dos seus superiores hierárquicos e, com esse gesto de rebeldia, salvou possivelmente umas 30 mil pessoas – discute-se o número, mas isso é o que menos importa: foram muitas. Perdeu a carreira, teve de pedir ajuda para sobreviver, foi proscrito. Mas nunca se arrependeu do gesto que fez.

A justificação legalista para a punição a que foi sujeito colhe adeptos em quem não vê no mundo mais que impressos, requerimentos e formulários, onde a burocracia delimita a razão e, acima de tudo, os comportamentos éticos. A hierarquia, mediada pelo papel, não é um meio para administrar, mas sim um fim em si. Ao contrário dessa mole que somos nós, aqueles que passamos pela vida sem heroicidade, Aristides de Sousa Mendes usou de uma faculdade humana que talvez seja a que melhor nos devia definir enquanto espécie. Aristides usou a consciência e não conseguiu suportar uma imposição legal que ia contra um imperativo que, no fundo, era mais que ético, era de espécie. Aristides estava ciente das consequências do seu acto e, mesmo assim, fê-lo.

Hoje, nos *corpus* legais contemporâneos marcados pelo primado do cidadão e não do papel, o cidadão tem o direito a não cumprir ordens se elas violarem os princípios fundamentais da dignidade humana. Hoje, 70 anos após Aristides de Sousa Mendes ter optado em consciência, já aprendemos que esse gesto do pensamento está acima de todas as ordens e hierarquias. Hoje, um "Aristides-Sousa-Mendes" não seria punido se, agindo contra um seu superior, tivesse salvo vidas.

A grande questão que se nos coloca é o que fazer com essa memória: integrá-la como património imaterial de Portugal ou continuar, de homenagem em homenagem, a não reconhecer a máxima e sublime acção que um de nós fez em prole da humanidade? Dia 17 de Junho é o Dia da Consciência, em memória do seu acto. Mais uma vez nada vamos fazer que se possa equiparar à dimensão que por trás de um gesto uma figura representa.

Se somos feitos da matéria de que são feitos os sonhos, como diz Shakespeare, então somos todos Aristides. Não porque sejamos capazes da abnegação, do gesto de plena fraternidade que é olhar para o semelhante totalmente desconhecido e dar por ele tudo o que se daria por um familiar.



Se não dermos honras de Panteão a Aristides de Sousa Mendes, então estamos a assinar a declaração solene da nossa incapacidade de, sequer, ser herdeiros do seu gesto



Não, somos todos despreocupadamente muito ocupados para pensar assim. Mas porque, incapazes de gestos largos, de visões de futuro, de esperança e de utopia, se não forem as figuras como Aristides Sousa Mendes, então somos um pleno vazio que se esvai e se esgota nos debates televisivos depois dos jogos de futebol.

Ora, eu acredito que queremos ser mais do que isso. Pelo menos queremos ser o receptáculo de uma memória que nos guia como meta de imperativos éticos, de princípios que, mesmo para quem de nós nunca foi confrontado com grandes opções como a de Aristides, a de salvar milhares de vidas, nos tocam, nos remetem para o sublime que há em cada um de nós.

Se não dermos honras de Panteão a Aristides de Sousa Mendes, então estamos a assinar a declaração solene da nossa incapacidade de, sequer, ser herdeiros do seu gesto. Incapazes de heroicidades, declaramo-nos incapazes de reconhecer a sua dimensão única e de inspiração?

A opção é apenas nossa no quadro da identidade colectiva: ou elevamos, de uma vez por todas, a nossa voz em reconhecimento, ou continuamos a remeter-nos a uma imensa cobardia.

Dir. área de Ciência das Religiões na Universidade Lusófona

Freire, M. C. (2015, outubro 4). Buenos Aires homenageou Aristides de Sousa Mendes. *Diário de Notícias*, 12.

Buenos Aires homenageou Aristides de Sousa Mendes

CERIMÓNIA Coragem do diplomata português, que durante a Segunda Guerra Mundial salvou milhares de pessoas, reconhecida na Argentina

Aristides de Sousa Mendes, “justo entre as nações”, foi homenageado na sexta-feira em Buenos Aires, numa iniciativa conjunta da Embaixada de Portugal e do governo da capital argentina. A iniciativa envolveu a deposição, na Praça do Holocausto, de uma placa alusiva ao diplomata português “por salvar a vida de mais de 30 mil judeus durante a ocupação nazi em França”, de acordo com o convite disponível na página daquela embaixada portuguesa na internet.

A cerimónia, no âmbito do 75.º aniversário dos acontecimentos, incluiu também a exibição do filme biográfico *O Cônsul de Bordéus* (2011), dedicado a Sousa Mendes, no salão da Casa da Cultura de Buenos Aires.

Aristides de Sousa Mendes, enquanto cônsul de Portugal na cidade francesa de Bordéus em 1940, desobedeceu às ordens de Oliveira Salazar – à data também chefe da diplomacia portuguesa – e concedeu milhares de vistos de entrada em Portugal a refugiados judeus e de outras nacionalidades provocados pela invasão nazi de França.

Esta cerimónia esteve para se realizar no final do passado mês de junho, mas foi adiada por decisão das autoridades locais, segundo fontes ouvidas pelo DN, que contactou o Ministério dos Negócios Estrangeiros sobre o ocorrido mas não obteve qualquer resposta. Ao contrário do que aconteceu agora, em que a cerimónia foi organizada pelos responsáveis políticos de Buenos Aires – capital onde reside uma importante comunidade judaica – e a embaixada portuguesa, a homenagem prevista para junho não envolvia a representação diplomática de Lisboa, dirigida pelo embaixador Henrique Silveira Borges.

O caso foi noticiado em agosto pelo *Expresso* e suscitou alguma polémica porque, entre outros aspetos, previa a exibição do filme sobre a figura de Aristides de Sousa Mendes sem que as autorizações legais tivessem sido dadas.

O semanário dizia haver luz verde do realizador João Correia, quando a produtora TAKE 2000 – e detentora dos direitos do filme – não tinha sido contactada para o efeito, de acordo com um documento a que o DN teve acesso e que refere igualmente a falta de autorização dada pelo Instituto Camões.

MANUEL CARLOS FREIRE

Almeida, S. (2016, janeiro 3). “Aristides personifica o herói moderno”. *Jornal de Notícias*, 34.

“Aristides personifica o herói moderno”

Livro Vida do cônsul que salvou milhares de judeus inspirou romance escrito pela brasileira Luize Valente

Sérgio Almeida
sergio@jn.pt

● A venturosa vida de Aristides de Sousa Mendes, o cônsul português que salvou milhares de judeus na Segunda Guerra Mundial ao emitir milhares de vistos diplomáticos sem a autorização de Salazar, já deu origem a biografias, documentários e até romances. É, contudo, a primeira vez que uma autora estrangeira se debruça sobre a existência de um dos portugueses mais marcantes do século XX, enquadrando-a numa narrativa ficcional que envolve também duas irmãs gémeas portuguesas de origem judia em luta desesperada pela sobrevivência.

Escritora, jornalista e documentarista, a brasileira Luize Valente faz de “Uma praça em Antuérpia” (romance agora publicado pela Saída de Emergência) uma homenagem a uma figura que admira sem reservas. Apesar de o fascínio não ser recente, a autora confessa que a admiração se aprofundou na pesquisa, quando teve oportunidade de conversar com alguns dos sobreviventes que receberam vistos, de visitar os prédios dos consulados em Bordéus e Bayonne ou ainda de ter trocado correspondência com os netos do cônsul.

“Sousa Mendes foi de uma coragem e sentido de honra e justiça únicos. As pesquisas e depoimentos só comprovaram isso. Um homem que lutou contra um Governo, que desafiou um ditador sem nenhum interesse pessoal, além de salvar vidas. Sousa Mendes é, para mim, a personificação do herói moderno”, afirma a autora.

Mais de 70 anos depois, ainda há dúvidas sobre o número exato de vistos emitidos por Sousa Mendes. Alguns investigadores falam em 30 mil, outros garantem que não foi além dos seis mil. A autora inclina-se para a primeira hipótese, com base no número de refugiados em Bordéus na altura. Mas, qualquer que seja a verdade, a escritora entende que “o que vale é a coragem e ele arriscou a vida para salvar desconhecidos. É o ditado judaico: quem salva uma vida salva a humanidade!”. ●



DIREITOS RESERVADOS

Luize Valente desvaloriza incerteza sobre o número de vistos emitidos por Aristides de Sousa Mendes – teses oscilam entre os seis e os 30 mil – e garante que “quem salva uma vida salva a Humanidade”

“Segunda Guerra Mundial foi a mais insana de todas”

● Estudiosa da Segunda Guerra Mundial, Luize Valente acredita que este conflito foi “o mais insano de todos”. “A perseguição e o extermínio de judeus, ciganos, polacos, pessoas com deficiências, homossexuais e todos os que não se enquadravam no ideal nazista é algo que faz parte de um ‘mundo indecifrável’, diz, recorrendo a uma expressão utilizada por Primo Levi, que dá nome a uma peça de teatro que acabou de escrever sobre o encontro de uma sobrevivente do Holocausto e uma refugiada síria no ano de 2015.

Ligada profissionalmente ao cinema e à televisão, Luize Valente adianta que estão em curso negociações para a adaptação do novo livro. Caso se concretize, diz que gostaria que o realizador fosse português, pois confessa-se “admiradora do cinema português”.

Almeida, S. (2016, janeiro 3). Projeto: Fundação grava em vídeo depoimentos de sobreviventes do Holocausto. *Jornal de Notícias*, 34.

Projeto Fundação grava em vídeo depoimentos de sobreviventes do Holocausto

HOLocausto A fundação dedicada a Aristides de Sousa Mendes, sediada nos Estados Unidos, tem em curso uma iniciativa para gravar os depoimentos de sobreviventes do Holocausto que escaparam com vistos emitidos pelo diplomata português.

Até à data, a Sousa Mendes Foundation já gravou 13 entrevistas, três das quais estão disponíveis numa página onde se fez angariação de fundos para continuar o projeto.

Segundo cálculos da promotora da iniciativa, cada depoimento custa entre 640 e 1400 euros, verba que inclui a gravação e edição.

“Temos planos de gravar mais 50 ou 60 entrevistas nos Estados Unidos, América do Sul, Europa e Israel. Além dos refugiados do Holocausto, queremos incluir trabalhadores e cidadãos portugueses que prestaram abrigo as famílias judias no seu caminho para a liberdade”, explicou a fundação em nota enviada à Lusa.

A angariação de fundos, disponível no site crowdrise, pretendia alcançar 23 mil euros, mas terminou ontem com menos de metade dessa verba (10 mil euros), frustrando, assim, os objetivos dos promotores.

Recorde-se que quem contribuiu-se com mais de 230 euros ficava habilitado a uma viagem aos EUA.

Este projeto é semelhante ao desenvolvido há uns anos pela Fundação Shoah. No entanto, a recolha em vídeo foi abandonada há algum tempo e, segundo os responsáveis da Sousa Mendes Foundation, “a história dos refugiados que escaparam através de Portugal é uma das que está mal contada na sua coleção de entrevistas”. ●



Aristides de Sousa Mendes (1885-1964)

FUNDAÇÃO

Dois milhões de euros para restaurar casa

› A Fundação Aristides de Sousa Mendes está a trabalhar para recuperar a Casa do Passal, em Cabanas de Viriato, cuja fachada exterior já foi restaurada. Maria Abrantes de Sousa, uma das responsáveis, disse ao DN que a intenção é abrir a casa como museu no final de 2018, albergando (por exemplo) os artefactos que estão no LAMOTH. “É provável que tudo custe um a dois milhões de euros”, refere. Entre os artefactos agora em Los Angeles estão fotografias de Sousa Mendes e do irmão gémeo, César, desde a infância à sua formação em Coimbra, um livro que Aristides escreveu em francês em 1932 e uma carta que o cônsul escreveu ao filho Silvério a 13 de junho de 1940 sobre a crise de refugiados no Sul de França.

Guerra, A. R. (2016, janeiro 25). Exposição inédita é homenagem a Aristides de Sousa Mendes. *Diário de Notícias*, 41.

Exposição inédita é homenagem a Aristides de Sousa Mendes

Los Angeles. Patente até 1 de março, o evento lembra o cônsul português que em 1940 contrariou a Circular 14, que proibia a emissão de vistos a judeus e apátridas, e terá salvo 30 mil pessoas

ANA RITA GUERRA, Los Angeles

Aristides de Sousa Mendes já foi chamado "Schindler português", mas o cônsul que desobedeceu a Salazar salvou muito mais vidas do que o industrial alemão: 30 mil pessoas escaparam ao horror na II Guerra Mundial com os vistos emitidos no consulado de Bordéus. Esquecido durante décadas, o feito de Sousa Mendes está a ser reconhecido por todo o mundo com o impulso de familiares e descendentes dos refugiados que salvou.

É o que se pode ver na exposição *Visas to Freedom: Aristides de Sousa Mendes and the Refugees of World War II*, que foi inaugurada neste fim de semana no Los Angeles Museum of the Holocaust (LAMOTH). Estará patente até 1 de março, acompanhada da exibição de dois filmes sobre o português e um concerto do compositor Neely Bruce, intitulado *Circular 14: The Apotheosis of Aristides*, com participação do músico português Pedro da Silva. A exposição faz parte das iniciativas do Dia Internacional



EUA, que em 1986 lhe tinham dado a Ordem da Liberdade, volta a homenagear cônsul

de Memória das Vítimas do Holocausto, que se assinala no dia 27.

"Escolhemos não refletir no crime, mas naqueles que salvaram pessoas de sofrer aquele crime", disse Michael Berenbaum, diretor da American Jewish University, durante a inauguração. "Sousa Mendes mostrou o que é preciso para opor a tirania, a opressão e a morte. A diferença entre vida e morte era um carimbo num passaporte."

E assim foi para 30 mil pessoas, incluindo mais de dez mil judeus, que entre 17 e 23 de junho de 1940

receberam vistos passados pelo então cônsul português em Bordéus e fugiram aos nazis. Muitos deles podem agora ser vistos no LAMOTH, onde também se vê uma edição do romance histórico *Flight through Hell*, que um dos seus 15 filhos, Sebastião, publicou em 1951 sob o pseudónimo Michael d'Avranches. É o primeiro relato do que aconteceu naqueles dias, a que se seguiu o castigo do regime. Sebastian Mendes, filho de Sebastião, esteve em Los Angeles para partilhar a sua história.

"Desde os 5 anos que me lembro de ouvir o meu pai falar sobre isto. Fiquei fascinado com a ideia de que o meu avô tinha trabalhado sem cessar, 20 horas por dia", diz ao DN. "Imaginava-o a escrever um número, o nome de um refugiado e a sua assinatura, e a repetir isto 30 mil vezes. Era como um super-humano para mim." Sebastian criou a Sousa Mendes Foundation com Olivia Mattis, outra descendente, que também esteve na inauguração. "Ele não traiu o seu país, foi traído pelo seu país", disse, salientando que a Ordem da Liberdade

FUNDAÇÃO

Dois milhões de euros para restaurar casa

» A Fundação Aristides de Sousa Mendes está a trabalhar para recuperar a Casa do Passal, em Cabanas de Viriato, cuja fachada exterior já foi restaurada. Maria Abrantes de Sousa, uma das responsáveis, disse ao DN que a intenção é abrir a casa como museu no final de 2018, albergando (por exemplo) os artefactos que estão no LAMOTH. "É provável que tudo custe um a dois milhões de euros", refere. Entre os artefactos agora em Los Angeles estão fotografias de Sousa Mendes e do irmão gémeo, César, desde a infância à sua formação em Coimbra, um livro que Aristides escreveu em francês em 1932 e uma carta que o cônsul escreveu ao filho Silvério a 13 de junho de 1940 sobre a crise de refugiados no Sul de França.

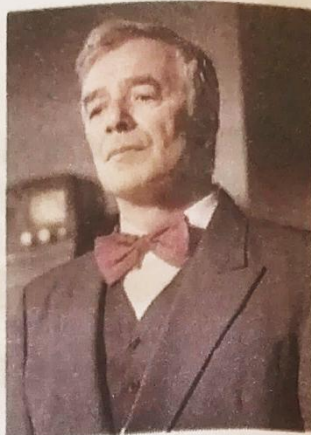
de entregue de forma póstuma em 1986 foi "um resultado direto da pressão dos Estados Unidos".

As vidas que salvou

Foi há pouco tempo que a Sousa Mendes Foundation começou a identificar as pessoas que receberam vistos. Mais de metade não eram judeus, o cônsul português, um fervoroso católico, salvou indiscriminadamente quem fugia do fascismo. Há nomes conhecidos, como o pintor catalão Salvador Dalí e a sua mulher, os Rothschild e a família real do Luxemburgo. Outros tiveram descendentes com impacto na sociedade, como o cofundador do *Huffington Post* e criador do *Buzzfeed*, Jonah Peretti, neto de uma refugiada, e o ator Michel Gill, que interpreta o presidente dos EUA na série *House of Cards*. "Só descobri há alguns anos que o nome do meu pai e do meu avô estavam na lista", revelou o ator no evento. "As nossas famílias nunca foram capazes de vencer o medo. Crescemos com a certeza de que outro Holocausto seria inevitável", partilhou, numa sessão emotiva em que fez a ponte com o que está a acontecer na Europa.

Sebastian Mendes, agora com 67 anos, está a tentar obter cidadania portuguesa. Lembra a extrema tristeza do pai pelo castigo que a família sofreu – a queda em desgraça, que levou os filhos a emigrar, e a pobreza extrema em que Sousa Mendes morreu, em 1954 – mas diz que nunca houve arrependimento. "As pessoas chamam ao meu avô o 'Schindler português'", refere. "Mas eu digo que ele é mais o 'Moisés português'."

Filme sobre Aristides Sousa Mendes passa na América. (2016, março 26). *Jornal de Notícias*, 38.



Vítor Norte é Sousa Mendes, no filme "O cônsul de Bordéus"

Filme sobre Aristides Sousa Mendes passa na América

JUDEUS O filme "O cônsul de Bordéus", baseado na vida de Aristides de Sousa Mendes, estreou ontem nos Estados Unidos, no Centro Paramount, em Boston. O filme realizado por Francisco Manso e João Corrêa, será exibido seis vezes até domingo, através de uma produtora especializada em cinema independente, a SPIA Media Productions Inc.

Em "O cônsul de Bordéus", o ator Vítor Norte encarna Aristides de Sousa Mendes, o diplomata português que, à revelia do ditador Salazar, atribuiu cerca de 30 mil vistos a refugiados perseguidos pelo regime nazi, em 1940, salvando-os da morte. O filme centra-se precisamente neste período, nos dias de junho de 1940, durante os quais o cônsul ajudou milhares de pessoas, designadamente judeus, a viajarem para Portugal e, daí, para diferentes países.

O nosso herói moderno

"Se temos algum herói moderno, ele é Aristides de Sousa Mendes, uma personalidade fascinante, que foi esquecida por razões políticas e por laxismo nacional", disse o realizador Francisco Manso, na altura da rodagem do filme, em Viana do Castelo, no Alto Minho.

O argumento é do escritor António Torrado e de João Nunes. O orçamento rondou três milhões de euros e a produção é partilhada por Portugal, Espanha e Bélgica. Integram o elenco Carlos Paulo, Leonor Seixas, Laura Soveral e Pedro Cunha. ●

Maia, A. (2016, julho 4). Aristides de Sousa Mendes e a viagem do caminho da liberdade. *Diário de Notícias*, 18-19.

Ronaldo: "Obrigado pelo apoio"

Selfies, autógrafos e abraços: a seleção surpreendeu os imigrantes em Marcoussis. EURO 2016 PÁGS. 39 A 45 E ÚLTIMA

Diário de Notícias

www.dn.pt

SEGUNDA-FEIRA, 4 de julho de 2016, Ano 152.º, N.º 53 767, 1,20€

Director ANDRÉ MACEDO | Directora adjunta MONICA BELLO | Subdirectores ANA SOUSA DIAS e JOANA PETIZ | Director de arte PEDRO FERNANDES

Passos Coelho "O governo não virou a página da austeridade virou a da credibilidade"

A OPINIÃO DO LÍDER DA OPOSIÇÃO, NA SEMANA DO PRIMEIRO DEBATE DO ESTADO DA NAÇÃO COM ANTÓNIO COSTA À FRENTE DO GOVERNO

"Governo afunda-se entre os sonhos que vendeu e os resultados que oferece"

"Sem a política do BCE, Portugal já não se podia financiar nos mercados"

"Banif foi tratado da pior maneira, agora especula-se sobre Caixa e NB"

DN+PÁGS. 4 E 5



Stefan Rozenfeld, 82 anos (com a mulher, Linda), tinha 6 quando recebeu o visto

Como Aristides ajudou Stefan a fugir aos nazis

SOCIEDADE PÁGS. 18 E 19

SANÇÕES

Bruxelas quer obrigar Costa a rever já números de 2016

● A Comissão Europeia está preocupada com o cumprimento dos objetivos neste ano, por isso deu três semanas ao governo para apresentar medidas adicionais de controlo do défice e assim evitar o castigo relativo a 2015. Governo ga-

rante que "continua comprometido com as metas" e que "aguarda decisão de Bruxelas fazendo o seu trabalho". Centeno prevê défice de 2,2% neste ano, mas já admitiu que tem de rever o crescimento projetado de 1,8%. PORTUGAL PÁG. 10

VIOLAÇÃO DA LEI DAS SONDAGENS

Tribunal reduz para metade coima aplicada pela ERC ao DN

DN+PÁG. 2

NOVA LEI

Câmara pode pedir revisão de IMI. Imobiliárias temem caça ao imposto

DINHEIRO PÁG. 14

WOLFGANG MÜNCHAU

Brexit não volta atrás. Britânicos têm de negociar nova relação com a UE

OPINIÃO PÁG. 8

CONFLITO

PCP avança contra o PS: superpolícia é para acabar

● Avança hoje o projeto de lei para extinguir o lugar de secretário-geral do Sistema de Segurança Interna, criado quando António Costa liderava a Administração Interna. PS considera lugar "essencial". PORTUGAL PÁG. 11

Cursos intensivos de verão e ano letivo inscrições abertas

www.cambridge.pt

INGLÊS | FRANCÊS | ALEMÃO | PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS



CAMBRIDGE
SCHOOL
PORTUGAL

Maia, A. (2016, julho 4). Aristides de Sousa Mendes e a viagem do caminho da liberdade. *Diário de Notícias*, 18-19.

18

DN SOCIEDADE

Segunda-feira 4 de julho de 2016. *Diário de Notícias*

Aristides de Sousa Mendes e a viagem do caminho da liberdade

Homenagem. Lissy e Stefan receberam vistos do cônsul no início da II Guerra Mundial. Mais famílias fizeram o percurso da fuga

ANA MAIA (Texto)
e ORLANDO ALMEIDA (Fotos)

É a primeira vez que Jeffrey e Laurence acompanham a mãe na viagem que os trouxe de Bordéus, em França, até Lisboa e já depois de terem parado em alguns dos locais mais marcantes para as famílias de sobreviventes e do cônsul Aristides de Sousa Mendes, o homem que concedeu milhares de vistos a judeus para que fugissem da Europa ocupada durante a II Guerra Mundial. Uma viagem para assinalar os 76 anos que passaram sobre essa data. Chamaram-lhe a viagem do caminho da liberdade.

No final do documentário *O Cônsul Desobediente*, realizado por Diana Andringa, e que já leva mais de 20 anos, com a história de Aristides de Sousa Mendes e de muitas das famílias e no qual participa Lissy Jarvik, o filho Jeffrey não resistiu a dar-lhe um beijo. Lissy é uma das sobreviventes de Aristides. Tem 92 anos, 16 na altura em que fugiu da Holanda com os pais e a irmã. Maio de 1940. Viviam em Amsterdão e preparavam-se para ir de férias para a Bélgica. "Acho que o meu pai deve ter ouvido qualquer coisa sobre exercícios do exército, porque partimos mais cedo de férias", recorda, sentada numa das mesas do Museu do Aljube, antes prisão e agora espaço dedicado à liberdade.

Esperavam voltar à Holanda. Não aconteceu. "Aquele foi a noite em que os alemães invadiram a Holanda. Lembro-me que no dia a seguir a termos chegado ao apartamento na Bélgica ir à padaria e as senhoras estavam muito exaltadas. Disse-lhes que só podiam estar erradas porque tínhamos saído na véspera e não havia alemães."

A fuga estava iniciada e já só queriam sair da Bélgica. "Fomos para Paris. Todos achavam que era inconquistável. Parte do caminho foi feito a andar a pé. Viamos os aviões alemães e já havia bombardeamentos. Muitas pessoas iam na mesma direção que nós, outras ao contrário. Era o exército para nos salvar."

Lissy já não era uma criança. Sabia bem o que estava acontecer. "O que sentíamos? Muito medo, que queríamos fugir o mais rápido e o mais longe dali. Combinámos que se nos apanhassem fariamos tudo para ter uma morte rápida, para não sermos torturados". Já estavam em Biarritz (França) quando ouviram que o governo português estava a dar vistos a refugiados.

"Uns amigos do meu pai, um grupo que estava muito bem informado, foram os primeiros a ouvir isso. Fomos logo para Bordéus, porque sabíamos que depois poderia ser mais complicado." Vieram de comboio para Portugal, mas por Lisboa estar cheia de refugiados as portas só se abriram na Figueira da Foz, onde viveram sete meses antes de terem vistos para os Estados Unidos. "Só em 1986, quando a minha mãe leu um artigo no *The New York Times* é que soube que os vistos tinham sido emitidos contra as ordens do governo".

Uma grande família

O grupo reuniu-se no dia 25 em Bordéus, passou por Bayonne, Salamanca e com entrada em Portugal por Vilar Formoso. Fronteira simbólica para muitos dos que fugiram do terror nazi. Cabanas do Viriato, Viseu, foi a paragem seguinte. A casa da família de Sousa Mendes, ainda em reconstrução e que se espera, depois de estar concluída, vir a acolher como museu a



Lissy Jardik recebe um beijo do filho Jeffrey no Museu do Aljube, depois de terem assistido ao documentário *O Cônsul Desobediente*. Ao lado, em cima, Stefan Rozenfeld com a mulher, Linda, e dois dos seus filhos: Leah e Paul. Em baixo, três dos netos de Aristides de Sousa Mendes: Gerard, António e Sebastian (da esquerda para a direita)



PASSAPORTES No grupo de sobreviventes e familiares havia quem levasse os passaportes originais de pais e avós. A prova dos vistos assinados pelo cônsul Aristides de Sousa Mendes, válidos por 30 dias, e que lhes permitia rumar a Portugal. A hipótese de fuga tão desejada para evitar as tropas nazis e os temidos campos de concentração. Muitos dos vistos foram passados em maio de 1940, antes de o governo português retirar o cônsul de França e instaurar-lhe um processo disciplinar por desrespeito às ordens do governo de Salazar.

história da guerra, dos sobreviventes e do homem que os salvou.

Uma passagem por Coimbra e uma noite passada nas Caldas da Rainha, onde conheceram uma família de refugiados sírios, que tal como eles fugiram da guerra na esperança de uma vida segura. Protagonistas diferentes, épocas diferentes, mas histórias de medo que teimam em repetir-se. É por isso, explica Olivia Mattis, presidente da Fundação Aristides de Sousa Mendes nos Estados Unidos, que "é tão importante colocar o foco nas pessoas que correm para ajudar os outros. Numa altura com tantos refugiados, com tanto mal, temos de olhar para o exemplo de alguém que fez a diferença. Queremos ensinar que todos nós podemos fazer a diferença".

Olivia é filha e neta de beneficiários de vistos atribuídos pelo cônsul português. Foram 12 elementos da família que receberam o passaporte para a liberdade assinado pelo cônsul.

Maia, A. (2016, julho 4). Aristides de Sousa Mendes e a viagem do caminho da liberdade. *Diário de Notícias*, 18-19.



sul português. O pai de Olivia tinha na altura 7 anos. "A minha avó contou-nos sempre a história – escreveu um livro com a história da família –, mas não sabíamos o seu nome nem que tinha sido castigado pelo que fez. Quando descobri, senti que não podia continuar como estava, que tinha de fazer alguma coisa. Foi quando avançamos com a fundação, para que o mundo soubesse quem foi este homem e o que fez", diz.

Esta é, afirma, "uma jornada de lembranças das famílias que receberam vistos entre maio e junho de 1940. Há aqui pessoas que vieram da Áustria, de Itália, Israel, África do Sul, Holanda e Estados Unidos. Todas temos em comum esta ligação com Portugal e os vistos atribuídos por Aristides de Sousa Mendes. Somos uma grande família, apesar de só agora nos termos conhecido", refere Olivia Mattis. Esta é a quinta viagem de homenagem ao cônsul, mas a segunda organizada pela fundação norte-americana.

Por cada caminho, cada paragem, conhecem um pouco mais a história dos outros. Dos pontos em comum. Hoje podem descobrir um pouco mais quando nos arquivos do Ministério dos Negócios Estrangeiros consultarem os registos originais dos vistos passados em 1940 por Sousa Mendes para verem os nomes originais das suas famílias.

Descendência que não existiria
Como foi fazer esta viagem? "Muito emocional", diz Linda Rozenfeld, para de imediato fazer sinal com a mão de que precisa de um minuto para limpar as lágrimas e retomar o fôlego. "Dois dos nossos filhos vieram com ele [o pai, Stefan]. Se não fosse o Aristides de Sousa Mendes não estaríamos aqui. Quatro filhos e sete netos que não existiriam se não fosse o Sousa Mendes. Quantas famílias assim..."

Linda está casada há 57 anos com Stefan Rozenfeld. Celebraram o aniversário na semana passada. Co-

nheceram-se quando ela tinha 10 e ele 14 anos. Stefan, o seu nome polaco como o próprio esclarece – "tinha apenas 6 anos quando cheguei aos Estados Unidos e quis mudar para Stephen, queria um nome americano" –, tem 82 anos. Quando fugiu da Polónia com a mãe, em novembro de 1939, estava entre os 5 e os 6. O pai era o único produtor de veludo em Lodz e, como fazia em todos os agostos, viajou para a Bélgica para contactar com atuais e futuros clientes.

"Percebi que ele não queria ir, mas a minha mãe disse-lhe para ir que sabia se alguma coisa acontecesse ele nos tiraria dali. A guerra começou e eu e a minha mãe fomos apanhados no meio. O meu pai estava em Bruxelas e ouviu que o cônsul da Bolívia na Alemanha estava a passar vistos. Estava marcado sairmos da Polónia em novembro, mas tive uma apendicite. Só pudemos sair da Polónia em janeiro de 1940", recorda, durante o almoço na Pastelaria Suíça, no Rossio. Na mesma mesa António Mendes, neto de Aristides, e a sua mulher ouvem com atenção o relato.

A caminhada foi feita com outras pessoas num carro puxado por um cavalo. "Passámos por cidades queimadas. Um dia, quando ainda estava a amanhecer e ainda estava a acordar vi uma coisa no céu, que ia ficando cada vez maior. Deitámo-nos no campo. Era um avião alemão. Não sei se vinha à procura de pessoas. Fechámo-nos na arrecadação de um apartamento. Aprendi a ler à luz das velas."

A família separou-se e uma parte seguiu para a Lituânia onde conseguiram vistos para o Japão. Ele e a mãe seguiram para a Bélgica. Antes de entrar no comboio para a Alemanha, a mãe deu-lhe um recado que recorda com exatidão: "Se alguém te perguntar alguma coisa não digas nada. Eu falo." Stefan não falou. A mãe sabia alemão e foi ela a responder a todas as questões. Foi a mulher do cônsul boliviano que os ajudou a atravessar a fronteira da Bélgica. A família estava finalmente reunida, mas novamente em fuga com a ocupação alemã.

À medida que Stefan conta a história, Linda mostra fotos que tem no telemóvel e o documento que confirma a detenção de Plotr, um tio do marido, que morreu no campo de concentração Neuengamme, na Alemanha. "Fomos para França. O meu pai ainda tentou vistos com os ingleses, mas não conseguiu. Fomos de comboio até Bordéus e foi quando o seu avô nos deu os vistos. Penso que os tivemos cedo, ainda antes da grande fuga de junho. Do que me lembro entrámos em Vilar Formoso em direção a Lisboa", conta Stefan a António. Já na capital, com a ajuda de uma americana, Marie Cole, que lhes emprestou dinheiro, compararam a passagem e rumaram aos Estados Unidos de bordo do navio grego *Nea Hellas*.

O cônsul insubordinado que salvou mais de 30 mil judeus da morte

HISTÓRIA Três dos netos de Aristides de Sousa Mendes fizeram a viagem de homenagem ao avô e falam do orgulho que sentem

Estima-se que Aristides de Sousa Mendes tenha salvado mais de 30 mil judeus. "Talvez a maior ação de salvamento feita por uma só pessoa durante o Holocausto", refere o *site* da Fundação Aristides de Sousa Mendes. Existem duas: uma em Portugal criada sobretudo pela família e outra nos Estados Unidos que surgiu pela mão de um dos netos, Sebastian, mas também de sobreviventes e familiares destes.

"Nasceu no quintal do Sebastian. A Lissy foi a primeira presidente", diz Mariana Abrantes de Sousa, que se divide entre Portugal e Nova Iorque e está ligada à fundação. Curiosamente é da mesma zona de Aristides, Cabanas de Viriato (Viseu), mas só em 1986 soube a história daquele família. "A carreira do colégio dava duas vezes a volta à casa do Passal. Ninguém falava daquela casa que estava em ruínas. Só nos Estados Unidos soube a história da minha terra", conta.

Sebastian – Sebastião em português, seguindo o nome do pai (10.º filho de Aristides e da mulher Maria Angelina) – não conheceu o avô, mas cresceu a ouvir os feitos de um homem que contra tudo e contra todos salvou milhares e acabou na miséria, castigado pelo seu governo por causa disso. "Desde muito pequeno que o meu pai contava com muito orgulho a história do meu avô. Em 1951 escreveu um livro sobre o pai: *Flight through Hell* (*Voo pelo Inferno* em tradução literal). Mandou-lho para ele lhe dar a opinião", recorda. Isso foi três anos antes de o cônsul morrer e já o pai de Sebastian vivia há muito nos Estados Unidos, país pelo qual lutou em 1943.

"Sei que o meu avô tinha muito orgulho de representar Portugal e de ter salvado os refugiados.

Era advogado, conhecia bem a Constituição. Era uma pessoa muito humana e o que fez foi qualquer coisa como desobediência ética", diz, assumindo que esta, embora não sendo a primeira, tem sido uma viagem muito emocional. "E todos os dias se torna mais um pouco à medida que vamos conhecendo a história de cada um."

É casado com uma lusodescendente e tem um filho: Gabriel Aristides Duarte. Aristides como o bisavô. Um nome difícil de dizer? "Um bom nome para aprender", remata. Gabriel, agora estudante universitário, fez para a escola um projeto sobre o bisavô. Sebastian reforça a simbologia do avô "tão

importante" numa altura em que milhares de refugiados fogem da guerra, a mesma mensagem que o Gerard, outro neto de Aristides, faz questão de afirmar.



Aristides de Sousa Mendes, cônsul em Bordéus

António Mendes conheceu o avô e lembra-se bem dos tempos difíceis que a família passou depois de Salazar o ter mandado vir para Lisboa e aplicar-lhe um processo disciplinar por incumprimento da circular 14: proibia a emissão de vistos a judeus. Aristides emitiu milhares e mandou fazê-lo de forma indiscriminada e sem custos. Foi impedido de seguir a vida diplomática, de praticar advocacia e sem direito à reforma.

"Ele morreu quando eu tinha 5 anos. Sempre tive uma imagem forte, de carinho. Era muito simpático. Uma das últimas imagens que tenho foi de ir a casa dele, em Cabanas de Viriato, com a minha mãe e levar uns pastéis de nata. E ele apareceu à janela", recorda. António, a mãe e o pai (o sexto dos 14 filhos de Aristides) viviam em Portugal. "A vida foi complicada. Salazar não proibiu nada [referindo-se à informação que os filhos de Aristides tinham sido impedidos de frequentar o ensino superior em Portugal], criava sim um ambiente de medo e de pouca simpatia para com determinadas famílias", diz, lamentando as portas que se fecharam quando o pai dizia o seu nome à procura de um trabalho. A.M.

Jornal de Notícias

ASSINATURAS 707 200 508
Das 7 às 18 horas, das obras. Custo das chamadas da rede fixa 0,10 Eur/minuto e da rede móvel 0,25 Eur/minuto, sendo ambas taxadas ao segundo após o 1.º minuto. Valores sujeitos a IVA. E-mail: apatech@jornaldenoticias.pt

LOTARIA POPULAR 22.09.2016 SÉRIE SORTEADA 2.ª

1.º Prémio	2.º Prémio	3.º Prémio	4.º Prémio
35406	46035	13835	55489

05228
605290 376191

a piscina de Siza :

MATOSINHOS A Câmara de Matosinhos vai assinar um contrato com o arquiteto Álvaro Siza Vieira para requalificação da Piscina das Marés, em Leça da Palmeira. Segundo anunciou, ontem, o vereador da Cultura, Fernando Rocha – à margem do lançamento do livro “Piscina na Praia de Leça” –, “o equipamento (de 1966) apresenta um desgaste natural da estrutura e ninguém melhor que o seu autor para saber o que há a redefinir”. Esta é uma história de muitos anos que agora vai ter novos capítulos”, sintetizou Siza. As piscinas são Monumento Nacional desde 2011. *Pedro Correia/Globol Images*

Paredes Polícia suspeita de que terá origem em obras de um cemitério local

Montes de terra tinham ossadas

Roberto Bessa Moreira
localis@jn.pt

► Ossadas aparentemente humanas foram encontradas, ontem, entre montes de terra depositados recentemente num terreno situado no centro da cidade de Paredes. Elementos da GNR e da Polícia Judiciária estiveram no local, mas afastaram, para já, a hipótese de crime. Os vários ossos encontrados pertencerão, suspeitam as autoridades, a um cadáver sepultado num cemitério e no qual terá havido movimentação de terra.

Segundo o JN apurou, diversos montes de terra foram depositados, há cerca de três dias, num terreno anexo à Circular Rodoviária Interna de Paredes e próximo da rotunda dos Combatentes. Mas só ontem é que cães vadios que se passeiam por aquele espaço privado encontraram alguns ossos enquanto remexiam o local. O tamanho e o formato das ossadas chamaram a atenção de alguns populares que, de imediato, alertaram a GNR. Os militares destacados também estranharam os ossos descobertos no meio da terra, até porque alguns

Bombeiros de Paredes foram chamados para remexer a terra

ainda estavam cobertos por peças de vestuário. Por esse motivo, foi acionada a Polícia Judiciária.

Já em Paredes, os inspetores afastaram a tese de que os ossos poderiam pertencer a alguma vítima de crime. Suspeitam antes de que estes terão sido removidos, inadvertidamente, de um cemitério das proximidades, alvo de uma intervenção recente.

Já ao início da noite, os Bombeiros

de Paredes foram chamados para remexer a terra. Uma ação que serviu para confirmar que não existiam mais ossos no local.

No final da operação, as ossadas foram transportadas para o Instituto de Medicina Legal de Penafiel, que irá agora realizar os exames, para confirmar se se trata efetivamente de restos mortais humanos e se pertencem a um ou mais cadáveres. ●

António Guterres Semana crucial

● O candidato a secretário-geral da ONU António Guterres disse ontem, em Nova Iorque, que esta semana foi “crucial” para a sua campanha. “Segunda-feira há a última votação em que os países do Conselho de Segurança não votarão numa cor separada e, portanto, é uma espécie de pole position” para o processo final, disse o antigo primeiro-ministro. O português passou a semana na Assembleia Geral da ONU a multiplicar os contactos dos últimos meses. Guterres venceu as primeiras quatro votações secretas para o cargo, entre julho e setembro.

Marcelo R. Sousa Condecorar Aristides

● O presidente da República anunciou ontem em Nova Iorque que vai condecorar a título póstumo o cônsul português Aristides de Sousa Mendes com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade. Marcelo fez este anúncio durante uma visita ao Centro para a História Judaica de Nova Iorque, onde se encontrou com uma dezena de pessoas que Aristides de Sousa Mendes salvou do regime nazi. Durante a II Guerra Mundial, o cônsul salvou do regime nazi milhares de judeus e outros refugiados, emitindo vistos sem autorização do Governo português.

últimas na última

Partidos PSD muda de ideias e quer manter cortes de 2013

● Em pouco mais de 24 horas, o PSD mudou de ideias em relação às subvenções partidárias: antontem, o secretário-geral do partido, Matos Rosa, tinha defendido o fim dos cortes de 10% nas subvenções partidárias anuais, em vigor desde 2010, e de 20% nas subvenções para as campanhas eleitorais de 2013. Ontem, os socialistas-democratas recusaram após o assunto ser levantado por Catarina Martins no debate quinzenal, onde confrontou António Costa com o alegado entendimento entre PS e PSD para acabarem com a austeridade nos partidos. Costa remeteu o assunto para o Parlamento. Ao fim do dia, o PSD, num comunicado assinado por Matos Rosa, revelou que apresentará “uma proposta de alteração à lei do financiamento dos partidos para que os cortes hoje em vigor se tornem permanentes”. O PS tinha mostrado intenção de repor os valores, tendo em conta que o prazo de vigência dos cortes termina em dezembro. Já o PCP, BE e CDS defendem a manutenção.

Internet Yahoo pirateada

● A Yahoo anunciou que 500 milhões de contas dos seus utilizadores foram pirateadas no final de 2014, o que poderá afetar as negociações em curso para a venda do seu principal negócio. Segundo a Yahoo, o pirata informático foi “apoiado por um Estado” e conseguiu obter informações pessoais, como números de telefone, email, datas de nascimento e senhas de 500 milhões de usuários.

Arraiolos Fugiu à GNR

● Um homem está em fuga e uma mulher foi identificada depois de o automóvel em que seguia, ontem, em Arraiolos, ter abalroado uma viatura da GNR. O automóvel foi mandado parar por militares que regulavam o trânsito na EN4, depois do incêndio de um camião carregado de palha. “O condutor não obedeceu à indicação dos militares para parar, avançou com o veículo sob os olhos e pôs-se em fuga”, adiantou a GNR.

Moçambique Executado a tiro

● Um dirigente da Renamo foi assassinado ontem no distrito de Moatize, Tete, numa ação que o movimento atribui a um esquadra da morte. O membro da assembleia provincial de Tete e delegado distrital da Renamo em Moatize, Armino Nkuteche, foi executado com tiros, minutos depois de discursar no encerramento da 5.ª sessão ordinária do órgão que fiscaliza o Governo provincial.



Marcelo R. Sousa **Condecorar** **Aristides**

● O presidente da República anunciou ontem em Nova Iorque que vai condecorar a título póstumo o cônsul português Aristides de Sousa Mendes com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade. Marcelo fez este anúncio durante uma visita ao Centro para a História Judaica de Nova Iorque, onde se encontrou com uma dezena de pessoas que Aristides de Sousa Mendes salvou do regime nazi. Durante a II Guerra Mundial, o cônsul salvou do regime nazi milhares de judeus e outros refugiados, emitindo vistos sem autorização do Governo português.

Jornal de Notícias

ASSINATURAS 707 200 508

Das 7 às 18 horas, dias úteis. Custo das chamadas da rede fixa 0,10 Eur/ minuto e da rede móvel 0,25 Eur/ minuto, sendo ambas taxadas ao segundo após o 1.º minuto. Valores sujeitos a IVA. E-mail: apolocliente@noticiasdirect.pt

JOKER 14.2017

8 778 753

NOTA: ESTA INFORMAÇÃO NÃO DEPENDE DE CONSULTA DA LISTA OFICIAL



rolamentos :



PORTO Com partida na Alameda das Antas e meta junto ao Museu do F. C. Porto, no Dragão, decorreu ontem à tarde mais uma etapa do Campeonato Nacional de Carros de Rolamentos. O tempo ajudou e os 70 participantes, nas diferentes categorias, fizeram as delícias do público, que apreciou os destemidos condutores. *Pedro Correia / Global Imagens*

Itália Obra estratégica para UE suspensa após confronto entre Polícia e ativistas

Olival trava entrada de gasoduto na Europa



População contesta arranque de oliveiras, algumas das quais com 400 anos

► Um olival da região da Apúlia, no Sul de Itália, foi este fim de semana palco de confrontos entre a Polícia e manifestantes que estão contra a construção de oito quilómetros de um gasoduto estratégico para este país e para Europa, uma operação que implica arrancar 211 oliveiras centenárias.

Em causa está a construção por parte da União Europeia do Gasoduto Trans-Adriático que visa distribuir anualmente 10 mil milhões de metros cúbicos de gás natural em toda a Europa. Trans-

portará gás do Azerbaijão, ligando os gasodutos do Sul da Itália através da Grécia, Albânia e Mar Adriático.

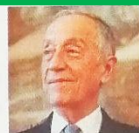
Apesar desta obra obrigar a arrancar 211 oliveiras, algumas com mais de 400 anos, o objetivo é voltar a plantá-las no mesmo local.

Operação obriga a arrancar 211 oliveiras na Apúlia

Porém, isso não travou os protestos dos ativistas, segundo noticiou o jornal diário espanhol ABC. Estavam há dias no local e forçaram o adiamento dos trabalhos. O grupo responsável pela obra acabou por anunciar a suspensão das operações na Apúlia, relataram outros meios de comunicação. Esta nova suspensão das obras aconteceu poucas horas após terem recommençado no final da tarde de sexta-feira, apanhando de surpresa os manifestantes.

Reduzir dependência da Rússia
Este gasoduto faz parte do corredor do Sul da Europa, num investimento de 40 mil milhões de euros e numa iniciativa da Comissão Europeia. Pretende-se com isto garantir a energia na União Europeia e reduzir a dependência da Rússia e da Gazprom. Outro objetivo é evitar crises energéticas como a vivida em 2009, na sequência dos cortes de fornecimento de gás provocado pelo conflito entre Rússia e Ucrânia.

Os protestos na Apúlia ganham dimensão pelo facto desta região ter como principal fonte de riqueza o cultivo de 60 milhões de oliveiras, além do crescente turismo. No escudo e na bandeira da região está uma oliveira. ●



Marcelo R. Sousa Homenagem a Sousa Mendes

● O presidente da República condecora hoje, a título póstumo, Aristides Sousa Mendes (1885-1954) com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade, no dia em que passam 63 anos da morte do cônsul português. De acordo com a agenda do chefe de Estado, Marcelo Rebelo de Sousa homenageará o antigo cônsul português que durante a II Guerra Mundial (1939-1945) salvou do regime nazi milhares de judeus e outros refugiados, numa cerimónia que decorrerá na Casa do Passal, Cabanas de Viriato (Viseu).



Theresa May Não cede Gibraltar

● A primeira-ministra britânica, Theresa May, declarou ontem em Londres que não cederá a soberania sobre Gibraltar sem o acordo da população do território situado no extremo sul de Espanha, indica um comunicado de Downing Street. O debate sobre a questão regressou na sexta-feira com a apresentação do projeto com as orientações da negociação para a saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit) pelo presidente do Conselho Europeu, Donald Tusk.

últimas na última

Budapeste Milhares nas ruas

● Mais de dez mil pessoas manifestaram-se ontem em Budapeste para apoiar a universidade financiada pelo multimilionário norte-americano George Soros, contra a qual o Governo da Hungria quer legislar. Estudantes, antigos alunos, funcionários e apoiantes da Universidade da Europa Central financiada por George Soros, que tem ascendência húngara, juntaram-se numa multidão com distícos em que reclamavam liberdade para o ensino. O Governo da Hungria pretende banir as universidades cujos currículos sejam diferentes dos dos países de origem.



CP Longa espera por alternativa

● Com a Linha do Norte cortada desde sábado devido ao descarrilamento de um comboio, o transbordo ontem à noite estava a ser feito com uma espera superior a duas horas e com os passageiros a queixarem-se de falta de informação. (Ler mais na pág. 26).

Incêndio Viaturas arderam

● Um incêndio no parque de estacionamento de um prédio em Vila do Conde destruiu ontem duas viaturas ligeiras, uma delas apenas parcialmente. Tudo aconteceu por volta das 20,30 horas, na Rua do Outeiro, em Vilar. Os bombeiros de Vila do Conde estiveram no local com dois veículos e cinco elementos.



Fogo Carro em chamas na A4

● Um automóvel ardeu, ontem à noite, na A4, no sentido Matosinhos-Vila Real. Os bombeiros de São Mamede deslocaram-se ao local, junto à saída para a Ponte da Pedra, para controlar as chamas, não havendo registo de feridos.

Síria 245 milhões para ajuda

● Organizações não-governamentais de países árabes e da Turquia prometeram hoje o equivalente a 245 milhões de euros para fazer chegar ajuda humanitária à Síria, anunciou a agência oficial do Qatar, a QNA. As organizações reuniram-se ontem na capital do Qatar, Doha, para preparar uma conferência internacional prevista para quarta-feira em Bruxelas.

Anexo 170

Homenagem a Sousa Mendes. (2017, abril 3). *Jornal de Notícias*, 56.



Marcelo R. Sousa

Homenagem a Sousa Mendes

● O presidente da República condecora hoje, a título póstumo, Aristides Sousa Mendes (1885-1954) com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade, no dia em que passam 63 anos da morte do cônsul português. De acordo com a agenda do chefe de Estado, Marcelo Rebelo de Sousa homenageará o antigo cônsul português que durante a II Guerra Mundial (1939-1945) salvou do regime nazi milhares de judeus e outros refugiados, numa cerimónia que decorrerá na Casa do Passal, Cabanas de Viriato (Viseu).

Marcelo diz que condecoração de Aristides Sousa Mendes é “muito especial”. (2017, abril 4). *Jornal de Notícias*, 13.

Homenagem Marcelo diz que condecoração de Aristides Sousa Mendes é “muito especial”

● O presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, condecorou ontem, a título póstumo, Aristides Sousa Mendes com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade, no dia em que passam 63 anos da morte do cônsul português. O chefe de Estado considerou a condecoração “muito especial”

numa altura em que se vive “o maior drama de refugiados” desde a II Guerra Mundial. Aristides salvou do regime nazi milhares de judeus e outros refugiados, durante a II Guerra Mundial. A cerimónia realizou-se na Casa do Passal, Cabanas de Viriato (Viseu), que pertenceu ao cônsul português. Marcelo fez votos para que a casa possa abrir como museu em 2019.



Anexo 172

Museu dedicado a Aristides Sousa Mendes em 2019. (2017, abril 4). *Diário de Notícias*, 10.



Museu dedicado a Aristides Sousa Mendes em 2019

» O Presidente da República fez ontem votos para que a Casa do Passal, em Cabanas de Viriato, possa abrir ao público em 2019 como museu dedicado à vida e obra de Aristides de Sousa Mendes. A Casa do Passal pertenceu ao antigo cônsul português em Bordéus, que salvou milhares de judeus durante a Segunda Guerra Mundial e que foi ontem condecorado, a título póstumo, com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade. Marcelo Rebelo de Sousa considerou que hoje é “um dia muito bonito”, em que se assinalam os 63 anos da morte de Aristides de Sousa Mendes e que coincide “com a segunda fase das obras na sua casa”.

Bertrand, R. (2017, junho 14). O musical do cônsul-herói Aristides. *Sábado*, 39.

O musical do cônsul-herói Aristides

António Leal abriu uma escola de artes numa aldeia, onde faz três espetáculos anuais, que nunca vêm a Lisboa. O mais recente, porém, chega dia 15 à Casa do Artista

TEXTO RITA BERTRAND

A "necessidade imperiosa de tirar este herói do semianonimato" foi a primeira motivação para a produção de *Aristides - O Musical*, projecto de António Leal, que encena e co-assina à música do espectáculo, com o compositor inglês, seu amigo radicado em Portugal, Simon Wadsworth, a quem desafiou "para criar ambientes sonoros que reforçassem o lado épico do texto, que é bastante denso". A estreia foi em Abril, em Carregal do Sal, com a presença do Presidente da República, que aproveitou a ocasião para condecorar o herói português a título póstumo. O êxito foi enorme, esgotando 13 sessões, e o inevitável aconteceu:

"Começou a surgir interesse em levar o espectáculo a Lisboa, de modo que mais gente conhecesse esta história. É a primeira vez e estamos expectantes e nervosos, até porque só temos dois dias para montar tudo e ensaiar, num palco que não conhecemos."

Fala no plural – e não se refere a meia dúzia de almas. De facto, a logística é grande: "Temos 52 pessoas em cena, entre os sete principais, profissionais, o quarteto de cordas Contratempo, formado na nossa escola, coro e figurantes." Parece megalomania, mas basta espreitar o currículo de António Leal para lhe dar crédito: em parceria com a mulher, Sandra Leal, que escreveu o texto de *Aristides - O Musical*, já antes adaptou à língua portuguesa espectáculos de monta como *Jesus Christ Superstar*, *Fame* e *Oliver!*. Aliás, neste momento, e apesar de estar também a preparar a viagem à capital, está já a ensaiar *Les Misérables*: "Somos os primeiros do País a conseguir os direitos de adaptação, talvez por fazermos sempre um trabalho digno e íntegro."

No entanto, é bem diferente adaptar um musical já testado do que criar um original, de raiz: "Foi um trabalho desgastante", admite António ao **GPS**, acrescentando de imediato que não se arrepende, embora o equilíbrio familiar tenha sido prejudica-

Manuela Maria interpreta a única personagem ficcionada da obra; Ruben Madureira é Aristides



A HISTÓRIA TODA

O musical recua a Junho de 1940, quando as tropas nazis invadem Paris. Para sobreviverem, milhares de judeus e apátridas refugiam-se no Sul de França, com a intenção de escapar da Europa pela Península Ibérica. Contudo, precisam de um visto e, nessa esperança, amontoam-se à porta do consulado português em Bordéus, dirigido por Aristides de Sousa Mendes, para o solicitar. Salazar, porém, não quer aborrecer Hitler e proíbe a ajuda. Não contava com a consciência humanitária de Aristides, que heroicamente desobedece... e salva mais de 30 mil.



José Lobo dá vida a Salazar, o fascista que optou pela neutralidade na Segunda Guerra Mundial

TEATRO & DANÇA

39



António Leal

ARISTIDES - O MUSICAL

TEATRO ARMANDO CORTEZ,
CASA DO ARTISTA, LISBOA
De 15 a 18/6
• 5ª a sáb, 21h30 • Dom, 18h
• €15 a €18

do", por não haver fronteira entre o trabalho e a vida doméstica, de marido e mulher. Mas tinha de ser feito: "Desde que abrimos a nossa escola de artes, na aldeia da Lapa do Lobo – no concelho de Nelas, vizinho de Carregal do Sal, em cujo centro cultural costumamos estreitar três espectáculos por ano, sempre juntando alunos e artistas amadores com profissionais convidados (como José Raposo, que no Natal esteve cá a fazer *Do Outro Lado do Mar*) – que percebemos que havia duas figuras proeminentes na História da região, o Aristides de Sousa Mendes, de Cabanas de Viriato, e Salazar, de Santa Comba Dão. Como são contemporâneos, e viveram esta fase aguda, que foi a Segunda Guerra Mundial, pareceu-me natural juntá-los."

Meteu mãos à obra e depois convidou Ruben Madureira para ser o cônsul-herói, José Lobo para o papel do ditador e Manuela Maria Almeida para representar uma velha cantora lírica judia, única personagem ficcionada do espectáculo, que conta ainda com Joana Leal (atriz de 36 anos e filha de António e Sandra), Carlos Martins, Sissi Martins e Hugo Baptista – tudo gente com experiência no teatro musical, para ver na Casa do Artista, de 15 a 18 de Junho. ●

Anexo 174

Aristides - O Musical. (2017, junho 16). *Evasões*, 1,4.



VER

música | teatro e dança | exposições | cinema | televisão

**ARISTIDES
- O MUSICAL**

TEATRO ARMANDO CORTEZ,
LISBOA
DIAS 16 A 18 DE JUNHO

A vida de Aristides de Sousa Mendes,
o cônsul português em Bordéus
que, durante a Segunda Guerra Mundial,
salvou milhões de judeus.
Espetáculo com texto de Sandra Leal.

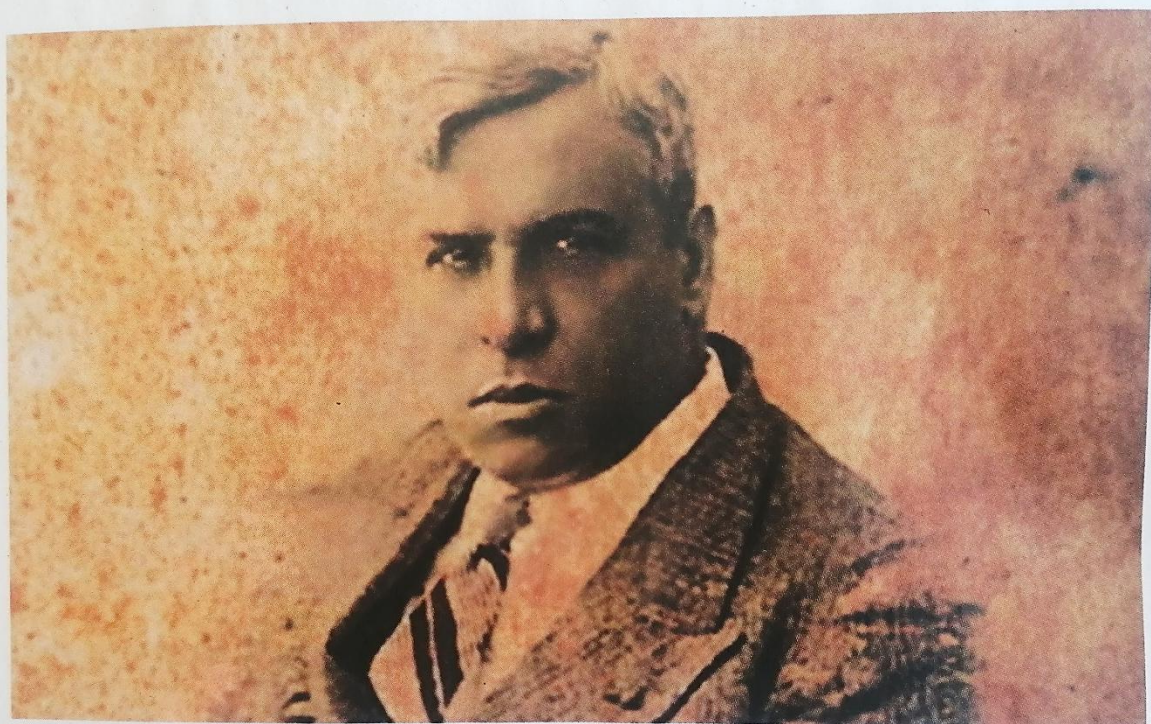
MÚSICA: ANA CAROLINA Coliseu do Porto **DIA 18 DE JUNHO** | **EXPOSIÇÃO: SLITHER BETWEEN THE BLINDS SHOWS OUR FEARS**
Underdogs Gallery, Lisboa **ATÉ 15 DE JULHO** | **TELEVISÃO: A QUEDA DA SÍRIA** NATIONAL GEOGRAPHIC CHANNEL, 22h30 **DIA 18 DE JUNHO**

Anexo 174 | Continuação

Aristides - O Musical. (2017, junho 16). *Evasões*, 1,4.

VER

teatro e dança



DR

LISBOA Aristides - O Musical

TEATRO ARMANDO CORTEZ, DIAS 16 E 17 ÀS 21H30 E DIA 18 DE JUNHO ÀS 18H00. BILHETES: 15 A 18 EUROS

A vida do cônsul Aristides de Sousa Mendes, o português que salvou milhares de vidas do Holocausto, contrariando o poder político e as ordens diretas de António de Oliveira Salazar. Um espetáculo com

texto de Sandra Leal e direção artística e encenação de António Leal. Com Manuela Maria Almeida, Ruben Madureira, José Lobo, Joana Leal, Carlos Martins, Sissi Martins e Hugo Baptista.

André, A. C. (2017, julho 13). O museu dos fugitivos judeus e de Aristides. *Sábado*, 66-70.

Sociedade

Passaportes
Muitos descendentes de refugiados ainda guardam os documentos que garantiram a sua entrada em Portugal

REPORTAGEM. MILHARES FORAM AÇOLHIDOS EM VILAR FORMOSO EM 1940

O MUSEU DOS FUGITIVOS

Dezanove descendentes de refugiados da II Guerra Mundial fizeram a mesma viagem dos pais

André, A. C. (2017, julho 13). O museu dos fugitivos judeus e de Aristides. *Sábado*, 66-70.

13 JULHO 2017
SÁBADO • www.sabado.pt



A visita ao novo museu está prestes a começar. Junto à estação ferroviária de Vilar Formoso, a norte-americana Rebecca Barber e outros dezoito descendentes de judeus que escaparam aos nazis durante a II Guerra Mundial escutam com atenção a explicação da arquitecta Luísa Pacheco Marques. "Estamos no preciso local em que os vossos familiares estiveram no fim de Junho de 1940. Nesses dias este sítio estava cheio de gente. Há quem diga que parecia Piccadilly Circus [centro de Londres] em hora de ponta. Duas mil pessoas chegaram aqui diariamente ao longo de uma semana – quase todos com vistos concedidos por Aristides de Sousa Mendes." Foi graças ao cônsul português de Bordéus, em França, e à sua rebelião contra as ordens de Salazar que cerca de 30 mil pessoas escaparam ao Holocausto.

Entre elas estava Orylia Lea Steppel, mãe de Rebecca Barber, que exhibe agora o passaporte da progenitora. O documento está amarelado pelo tempo – Rebecca tirou-o do cofre, especialmente para esta viagem que reconstitui os passos de tantos outros refugiados que, como a sua mãe, foram salvos por Aristides. O grupo, organizado pela Sousa Mendes Foundation, saiu de Bordéus a 24 de Junho e terminou a viagem em Lisboa a 4 de Julho. Pelo meio os descendentes (a maioria de nacionalidade norte-americana) passaram por Salamanca, Viseu, Porto e Figueira da Foz – cidades que acolheram refugiados na II Guerra Mundial. E pararam na vila fronteiriça para conhecer o novo museu de Vilar Formoso, Fronteira da Paz, com inaugura-

Aristides de Sousa Mendes
O cônsul português, que nasceu em Cabanas de Viriato (Carregal do Sal), salvou cerca de 30 mil pessoas durante a II Guerra

JUDEUS E DE ARISTIDES

que sobreviveram graças ao cônsul português. Por Ana Catarina André (texto) e Guilherme Venâncio (fotos)

André, A. C. (2017, julho 13). O museu dos fugitivos judeus e de Aristides. *Sábado*, 66-70.

Sociedade

ção marcada para 26 de Agosto.

O projecto de homenagem ao cônsul português e aos refugiados que por ali passaram custou 1 milhão de euros e foi financiado pelo fundo europeu EEA Grants, pelo Ministério da Cultura e pela Câmara Municipal de Almeida. "Além de reavivar a memória, é também uma forma de dinamizar a região", disse à **SÁBADO** António Baptista Ribeiro, presidente do município, que também acompanhou a visita.

Num espaço ainda em obras, já é possível vislumbrar o resultado final. Gente como Nós, O Início do Pesadelo e Viagem são os nomes de alguns dos núcleos que evocam o Holocausto, a fuga para Portugal e a vida dos judeus no País. Ali será também exibido um documentário do cineasta russo George Rony, que retratou a chegada de centenas de refugiados à estação de caminhos-de-ferro de Vilar Formoso. "E vamos contar a história do Aristides através do testemunho do filho Pedro, que estava lá [em Bordéus] quando o cônsul atribuiu os vistos", diz a historiadora Margarida Magalhães Ramalho, responsável pelos conteúdos do museu.

A luz de Vilar Formoso

Primeiro em corredores, depois num espaço mais amplo, a arquitecta Luísa Pacheco Marques vai apresentando o novo museu. Rebecca Barber aproveita para mostrar mais



Uma coincidência Nem todos os refugiados conheciam Sousa Mendes

A família de Olivia Mattis, presidente da Sousa Mendes Foundation, descobriu por acaso o nome do homem que os salvou. "Em 2010, o meu pai viu o filme *Désobéir* [de Joël Santoni] e percebeu imediatamente que aquele era o português que nos tinha ajudado. Ele perdeu tudo para que nós sobrevivéssemos". Foi esta inquietação, diz Olivia, que esteve na origem da fundação, criada no mesmo ano.

1 Paulette Freed nasceu nos EUA, mas os pais vieram de Antuérpia

2 Rebecca Barber trouxe o diário e o passaporte da mãe

3 Lissy Jarvik, refugiada em 1940, e Gerald Mendes, neto do cônsul

4 Dezanove descendentes de refugiados conheceram o novo museu

5 A arquitecta Luísa Pacheco Marques e a historiadora Margarida Magalhães Ramalho são responsáveis pelo projecto

6 As paredes ainda por terminar serão preenchidas com fotografias e vídeos

um documento da mãe. Desta vez é o diário, que lê em voz alta. "Chegámos a Vilar Formoso. Em Espanha, estava tudo andrajoso, sujo e frio nesta época do ano. Nesta cidade fronteira era diferente: quente, luminoso e limpo".

Rebecca, 69 anos, só soube que a mãe era uma das sobreviventes do Holocausto depois de Otylia Lea Steppel ter morrido, em 1983.

"Quando limpei a casa onde vivia, encontrei o diário na mesa de cabeceira. Demorei 10 anos até conseguir lê-lo. Tinha medo de descobrir quem era esta mulher."

Otylia e os pais saíram de Dusseldorf, na Alemanha, na sequência da Noite de Cristal e dos violentos ataques a judeus em Novembro de 1938. Estiveram em fuga durante dois anos, até chegarem a França. "Esconderam-se em vagões, estive-ram no meio de bombardeamentos. Foi terrível", diz Rebecca, acrescentando que além de Vilar Formoso os familiares estiveram na Curia, concelho de Anadia, e em Pampilhosa da Serra. Na viagem que agora fez a Portugal tirou fotografias nos mesmos locais em que a mãe esteve. "Não quero chorar, mas esta foi provavelmente uma das viagens mais emotivas da minha vida."

Setenta e sete anos depois

Quem também quis conhecer o novo museu foi Lissy Jarvik, de 93 anos. De fato de treino, boné e óculos de sol, caminha pelo braço do filho Jerry. É a única do grupo que es-



"CHEGAMOS A VILAR FORMOSO. EM ESPANHA ESTAVA TUDO ANDRAJOSO, SUJO E FRIO", DIZ O DIÁRIO DE UMA SOBREVIVENTE

André, A. C. (2017, julho 13). O museu dos fugitivos judeus e de Aristides. *Sábado*, 66-70.



teve na estação de caminhos-de-ferro em Junho de 1940 – tinha 16 anos. Confessa que já se esqueceu de muitos detalhes – foi há 77 anos –, mas com a ajuda do filho conta que viveu com a família na Figueira da Foz antes de embarcarem para os EUA, em Janeiro de 1941.

Durante a visita estava longe de imaginar que, dias depois, olharia para a casa onde viveu com os pais e com a irmã, na Rua Bernardo Lopes. “Encontrámos essa informação no arquivo municipal da terra”, explicaria Jerry, em Lisboa (o périplo terminou na capital). “Estivemos à porta e tirámos fotos”, revela. O local avivou as lembranças de Lissy. “Sempre tive a imagem daquela casa. Não consigo explicar o que senti”, refere a idosa.

Além das memórias ou dos relatos dos familiares, grande parte das pessoas que viaja com a Sousa Mendes Foundation traz também fotografias. É o caso de Paulette Freed, que exhibe dezenas de retratos enquanto conta que o pai viveu 10 meses na Figueira da Foz. “Sem o Sousa Mendes eu provavelmente não existia”, sublinha a norte-americana. Paulette diz que a família, que fugiu de Antuérpia, na Bélgica, a 10 de Maio de 1940, acabou por “revolucionar” a vida social na Figueira da Foz, onde viveram uns meses. “A minha mãe contava que as portuguesas eram muito submissas – não saíam sem os maridos. Só os homens iam ao café. A minha mãe conseguiu convencer algumas mulheres locais a irem também. Estava muito orgulhosa. De certa forma contribuiu para a emancipação feminina”, refere.

OS HOLANDESES VAN DER BERGH CHEGARAM A PORTUGAL NUM BARCO DE PESCA DE SARDINHAS E SÓ COMERAM FIAMBRE

Marcelo

O grupo da Sousa Mendes Foundation foi recebido pelo Presidente da República, no Palácio de Belém, a 3 de Julho



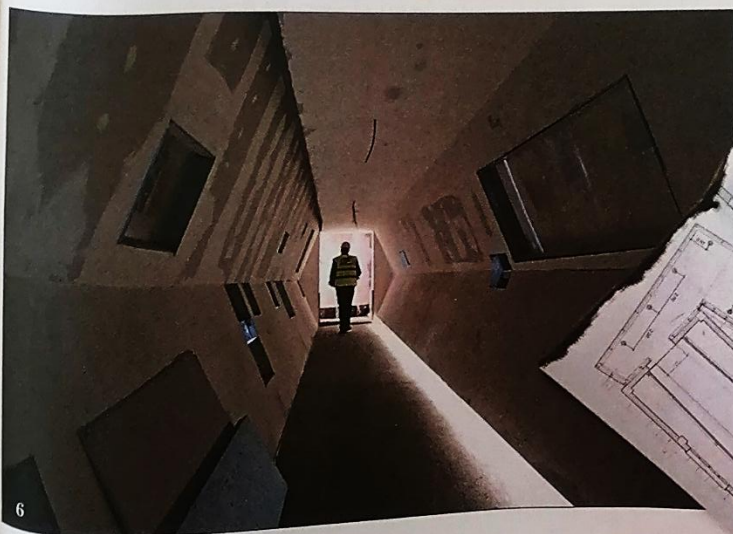
Neste Caminho da Liberdade – Journey on the Road to Freedom, nome da viagem que já vai na terceira edição, está também Gerald Mendes, um dos netos do cônsul. “O meu pai, 12.º filho de Aristides, falava muito de Portugal e do meu avô [que emigrou para o Canadá], um homem feliz que gostava de contar piadas e que foi recebido como um herói em Cabanas de Viriato [onde nasceu], em 1940”, diz o descendente.

A vida da família Mendes complicar-se-ia pouco depois. Salazar não permitiu que Aristides continuasse na carreira diplomática e o cônsul passou por graves privações económicas. “O meu pai não foi à escola entre os 13 e os 20 anos, porque estava empenhado em ajudar o meu avô na sua defesa. Só voltou a estudar quando saiu de Portugal”, diz Gerald, que vive entre Lisboa e Paris.

De barco com cheiro a sardinhas

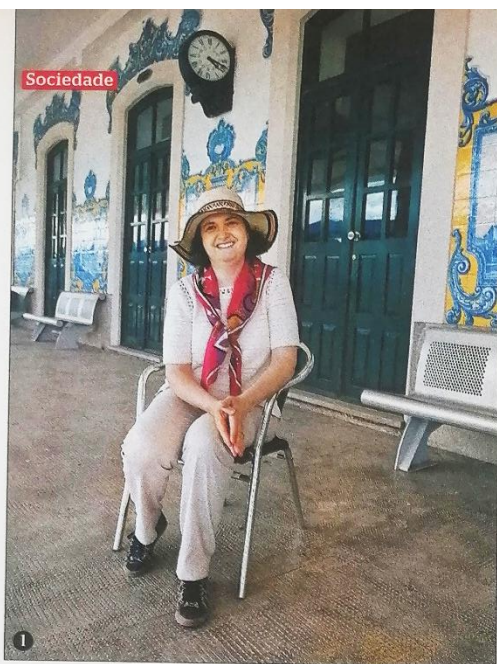
Se é verdade que a maioria dos refugiados viajou de automóvel e de comboio, houve quem optasse por vir de barco. Foi o caso da família holandesa Van Der Bergh, que chegou a Bayonne no início de Junho de 1940. “Havia milhares de pessoas a tentar sair de França. A minha família decidiu contratar um barco de pesca português que tinha vindo de Aveiro com sardinhas e que iria regressar à cidade do Porto vazio”, conta Cookie Fishcher, descendente dos Van Der Bergh, que integrou a viagem da Sousa Mendes Foundation para conhecer as suas raízes. “É uma forma de pôr a minha vida em perspectiva.”

Comovida, recorda os dias que a família viveu antes da fuga para Portugal. “Souberam que esta-



André, A. C. (2017, julho 13). O museu dos fugitivos judeus e de Aristides. *Sábado*, 66-70.

Sociedade



1 vam a dar vistos no consulado português e um deles recolheu os 15 passaportes e levou-os a Aristides para que os carimbasse [nessa altura não sabiam o nome do português]". Já com autorização, viajaram durante oito dias numa embarcação suja e onde o cheiro a peixe era nauseabundo. Partilharam a mesma casa de banho (uma para 15) e os poucos alimentos que restavam. "O que havia em maior quantidade era fiambre, o que não é propriamente adequado para judeus. Mas claro que naquela situação acabaram por comer", conta Cookie Fisher, acrescentando que a mãe, então com 25 anos, era uma das passageiras mais engenhosas. "Antes da fuga preparou várias mochilas com o mesmo kit de sobrevivência (todas incluíam uma muda de roupa, sapatos e uma lanterna) para precaver a perda de alguma delas.

E quando soube que ia de barco, comprou plástico para proteger o passaporte em caso de naufrágio." Nem a lanterna de Ada Van den Bergh era uma lanterna qualquer – arranjou uma antioxidante. "Era uma mulher muito prática. Estava determinada a chegar aos Estados Unidos não importava de que forma fosse e sabia que os judeus eram um alvo a abater. O meu avô tinha lido o *Mein Kampf* e estava ciente do que isso

1 Olivia Mattis presidente à Sousa Mendes Foundation desde 2010

2 O museu ocupa dois armazéns, junto à estação ferroviária

3 António Baptista Ribeiro, presidente da Câmara de Almeida, e a arquitecta Luísa Pacheco Marques

"O MEU PAI NÃO FOI À ESCOLA ENTRE OS 13 E OS 20 ANOS PARA AJUDAR O MEU AVÔ", DIZ GERALD



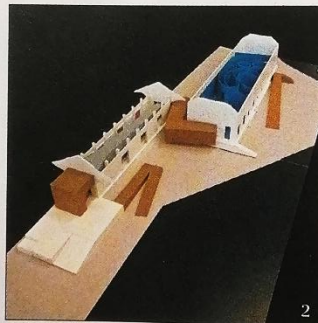
Diário de uma fuga

Em 1940, Otylia Steppel, polaca, viu assim Portugal

"Que diferença em relação a Espanha. Até então não tínhamos visto campos plantados. Aqui [na Curia] **passamos por jardins verdejantes, aldeias limpas e campos férteis**"

"Não percebo a mentalidade dos portugueses. Ontem um 'pequeno nada' acabou em confusão entre eles. **Talvez bebam demasiado vinho**"

"[Os portugueses] não fazem nada imediatamente, a menos que os incentivemos. **É difícil tirá-los da letargia**"



significava", conta Cookie, revelando que nessa altura a mãe escrevia a um homem por quem se apaixonara. "Nunca me falou dele em vida, o que me chocou de certa forma". Ada e a família chegariam a Portugal em segurança. Semanas depois, a refugiada partia para os Estados Unidos – Cookie não sabe exactamente como conseguiu. Descobriu apenas que na lista de passageiros o nome da mãe constava como criada de um casal de professores – estava responsável por seis cães.

Do grupo que esteve em Vilar Formoso faz parte

também Marianne Rosenberg, neta do famoso colecionador de arte Paul Rosenberg. O francês, que representou artistas como Pablo Picasso, Georges Braques, André Masson e Henri Matisse, tinha uma galeria de arte em Paris quando a guerra chegou. "Uns anos antes, pressentindo o que iria acontecer, começou a enviar obras de arte para os Estados Unidos, Austrália e alguns países da América Latina", conta Marianne, revelando que mesmo assim foram roubadas 400 peças – a família empenhou-se em recuperá-las nos últimos anos; faltam 68.

A lição de Aristides

Graças a Sousa Mendes conseguiram fugir de França, logo após a invasão nazi, em 1940. "Foram de carro para Bordéus e receberam vistos para Portugal. Dos 17 membros da família, três ficaram retidos em França: o meu pai e três primos – os rapazes com mais de 17 anos não podiam sair de França", conta Marianne, acrescentando que acabariam por se salvar, mas mais tarde.

Já em Lisboa, Paul Rosenberg partiu de barco para os Estados Unidos. "O meu avô tinha organizado uma exposição de Picasso no Moma (Museum of Modern Art), em Nova Iorque. Toda a gente o conhecia e foi assim que ele arranjou vistos", conta Marianne que hoje tem uma galeria de arte com o nome da família naquela cidade norte-americana.

A colecionadora de arte, de 63 anos, garante que Sousa Mendes foi fundamental no destino dos Rosenberg. "Antes da guerra, o meu avô organizou protestos contra as vendas de arte promovidas por Hitler. Era certamente um alvo a abater", declara. Para Marianne, o legado do diplomata português é fundamental hoje. "Ele deixou uma mensagem muito importante para a actualidade: é preciso ocuparmo-nos das pessoas". E explica: "Não basta olhar para aquele menino sírio morto na praia [fotografia que se tornou símbolo do drama dos refugiados que tentam chegar à Europa]. Aristides mostrou-nos que é preciso agir." ■

Letria, J.J. (2017, julho 26). Aristides de Sousa Mendes merece o Panteão Nacional. *Diário de Notícias*, 39.

Aristides de Sousa Mendes merece o Panteão Nacional



JOSÉ JORGE LETRIA
ESCRITOR,
JORNALISTA
E PRES. SOC.
PORTUGUESA
DE AUTORES

Agora que passou mais um aniversário do nascimento do diplomata Aristides de Sousa Mendes, herói da luta pelos direitos humanos durante a Segunda Guerra Mundial, faz sentido que se debata a oportunidade do envio dos seus restos mortais para o Panteão Nacional, onde, pela vitalidade do seu exemplo cívico que tão duramente pagou no plano profissional e político, sem dúvida merece estar.

Recordo-me do dia em que, estando de visita ao Museu Yad Vashem em Jerusalém, vi a árvore e a placa que homenageiam o diplomata português, associando-o à resistência dos judeus à perseguição nazi e à violência do Holocausto. Nascido em Cabanas de

Viriato em 19 de Julho de 1885, com um irmão gémeo que teve responsabilidades políticas durante a ditadura, Aristides de Sousa Mendes teve a coragem, quando era cônsul de Portugal em Bordéus, de assumir, sofrendo as consequências políticas, a defesa intransigente dos direitos de milhares de refugiados judeus, dos quais mais de 10 mil chegaram a Portugal, muitos deles a caminho da liberdade e de uma nova vida nos Estados Unidos, no Brasil, no México e noutros países onde podiam viver em liberdade, sem a ameaça dos campos de extermínio em que tantos acabaram os seus dias de forma trágica.

Aristides de Sousa Mendes já em finais de 1939 ficara impedido por Salazar de emitir vistos. Quando as tropas nazis ocuparam França e desfilaram em Paris, o cônsul português voltou a emitir vistos, só que desta vez numa quantidade assombrosa, considerando os escassos meios humanos e técnicos de que dispunha. Era católico e ideologicamente conservador, mas compreendeu

No momento em que se debate a existência de ideias racistas e xenófobas, faz sentido que se evoque e celebre o exemplo de Aristides de Sousa Mendes

com clareza e valentia que só podia ser um o seu caminho: o da solidariedade com quem viajava desesperadamente em busca da liberdade e do direito à vida.

Em 23 de Junho de 1940, Salazar demitiu-o das funções de cônsul. Foram muito duras as consequências profissionais e pessoais do seu acto de bravura e humanidade. Morreu praticamente na miséria, tudo fazendo para assegurar a sobrevivência da sua família, embora estivesse privado do vínculo à administração pública que lhe poderia e deveria assegurar o posto de trabalho como diplomata.

No momento em que se debate a existência de ideias racistas e xenófobas com um candidato autárquico do PSD a pôr em causa a situação dos ciganos em Portugal e em que até elementos da PSP parecem ter estado envolvidos em comportamentos racistas e violentos contra jovens residentes nas Cova da Moura, faz sentido que se evoque e celebre o exemplo de Aristides de Sousa Mendes e se defenda a consagração do seu acto de coragem no Panteão Nacional.

Nacional, onde estão escritores, artistas e outras destacadas personalidades da vida nacional.

Regressando a Portugal em 8 de Julho de 1940, Aristides de Sousa Mendes viu-se privado do seu cargo diplomático, com o salário reduzido a metade e sem a possibilidade de trabalhar como advogado, sendo como era licenciado em Direito. Até a sua carta

de condução emitida no estrangeiro lhe foi retirada pela ditadura. A família numerosa ficou sem sustento e só a solidariedade internacional permitiu que alguns filhos fossem estudar nos Estados Unidos. Dois dos seus filhos participaram como militares no desembarque dos Aliados nas praias da Normandia. Nessa época terá dito um dia: "Também nós somos refugiados."

Aristides de Sousa Mendes morreu em 3 de Abril de 1954 num hospital franciscano em Lisboa. Foi enterrado com uma túnica daquela ordem monástica por não ter fato próprio.

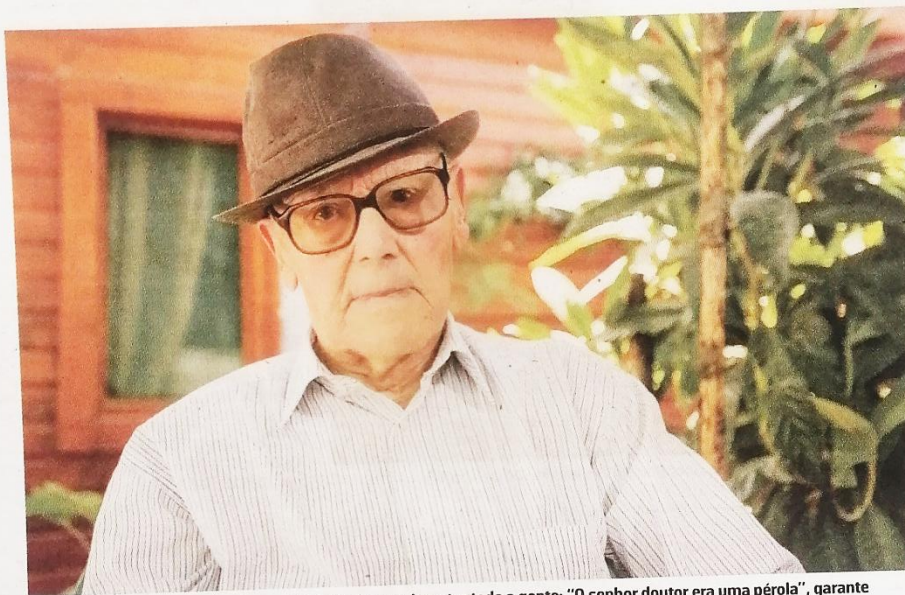
Dos cerca de 30 mil vistos que emitiu em França, mais de 10 mil foram destinados a judeus em fuga da ameaça do Holocausto. Em 1961 já tinham sido plantadas 20 árvores em sua homenagem no Museu Yad Vashem em Jerusalém, onde o recordam e celebram como um "justo entre as nações". O seu exemplo pode ainda hoje ajudar muitos portugueses a perceber que a religião, a origem étnica e a ideologia não podem ser factores de exclusão quando temos de decidir sobre os direitos dos cidadãos e o seu lugar na sociedade e na vida. O Panteão Nacional é o lugar certo para sublinharmos a importância do exemplo que legou ao mundo em Junho de 1940. Mesmo agora é tempo de lhe fazermos justiça.

Por decisão pessoal, o autor do texto não escreve segundo o novo Acordo Ortográfico

Ferreira, S. (2017, agosto 22). Povo era pobre e não podia ajudar Aristides Sousa Mendes. *Jornal de Notícias*, 10.

Memória Ao festejar 100 anos, António Borges Silvestre recorda os tempos em que se cruzava com o cônsul em Cabanas de Viriato e assistiu à sua miséria

Povo era pobre e não podia ajudar Aristides Sousa Mendes



António Borges Silvestre lembra-se do cônsul cumprimentar toda a gente: "O senhor doutor era uma pérola", garante

Sandra Ferreira
sociidade@jn.pt

► Os 100 anos de vida que hoje celebra não impedem António Borges Silvestre de ter a memória viva em relação ao cônsul de Portugal em Bordéus, Aristides Sousa Mendes, natural de Cabanas de Viriato, Carregal do Sal, onde ambos viveram. Em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, o cônsul desobedeceu às ordens de Salazar e passou milhares de vistos (estima-se 30 mil) a refugiados que queriam fugir de França, invadida pelos alemães, e evitar os campos de concentração nazis. O feito valeu a Aristides o fim da carreira de diplomata e do sustento. Com 14 filhos, regressou à terra natal, com uma mão à frente e outra atrás.

António Borges Silvestre, que vive a cerca de 500 metros da casa que foi do cônsul, tinha na altura 23 anos. "Nos primeiros tempos, o senhor doutor manteve cinco criadas, que eram muito bonitas" conta. Mas depois a mulher faleceu, os filhos seguiram as próprias vidas.

"O dr. Aristides teve uma trombose e foi buscar uma ex-namora-

da à Bélgica com quem andava sempre de braço dado, mas aqui não havia quem gostasse dela", assegura o centenário. "O senhor doutor era uma pérola, cumprimentava toda a gente e tratava bem as criadas", recorda o antigo serrador, pai de três filhos (um faleceu), com cinco netos, seis bisnetos, lúcido e sem problemas de saúde, a não ser uma pequena diminuição de audição, própria de quem já viveu um século.

António Borges Silvestre lembra-se de Aristides de Sousa Mendes "ter vendido algum património". Depois, a miséria bateu no fundo. "Passou a comer a crédito.



Fiz o exame da 3.ª classe aos 35 anos e li muitos livros de Aristides Sousa Mendes. Admiro a moral e a bondade dele e lamento que tenha terminado na miséria por causa de um velhaco: Salazar"

António Borges Silvestre

Eram dois merceeiros que lhe forneciam a comida e como garantia tinham a casa e a quinta de Sousa Mendes", recorda. A casa foi leiloadada por 270 contos, mas ninguém lhe chegou e ficou para os merceeiros que depois a venderam", recorda.

António Borges Silvestre não conversava com Aristides Sousa Mendes, mas cumprimentava-o e assistia à decadência de um homem por quem nutre grande admiração. "Aqui ninguém o ajudava, mas só porque as pessoas eram ainda mais pobres do que ele", justifica o centenário, que irá celebrar o aniversário com duas festas fartas em casa da filha Júlia e do genro Joaquim Pereira, com quem vive e a ajuda da nora, Maria do Carmo Borges. "Hoje a festa é para a família chegada e no sábado é para os vizinhos e amigos que o meu sogro convidou. Em cada dia são mais de 100 pessoas", conta o genro.

Por coincidência, no sábado, vai ser inaugurado, em Almeida, o polo museológico "Vilar Formoso Fronteira da Paz-Memorial aos refugiados e cônsul Aristides Sousa Mendes". ●

Anexo 178

O novo museu - Abre em Vilar Formoso e é uma homenagem a Sousa Mendes. (2017, agosto 24). *Sábado*, 13.

O NOVO MUSEU

Abre em Vilar Formoso e é uma homenagem a Sousa Mendes

Foi assim durante uma semana: no fim de Junho de 1940 chegaram 2.000 refugiados por dia à estação ferroviária de Vilar Formoso – quase todos com vistos concedidos por Aristides de Sousa Mendes. Foi graças ao cônsul português e à sua rebelião contra as ordens de Salazar que cerca de 30 mil pessoas escaparam ao Holocausto.

Agora, mais de 70 anos depois, o novo Museu Vilar Formoso, Fronteira da



Paz – inaugurado no sábado, dia 26, pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa – evoca as histórias de quem passou por Portugal para escapar à II Guerra e homenageia os esforços do diplomata português. O projecto promovido pela Câmara Municipal de Almeida custou 1 milhão de euros e foi desenvolvido pela arquitecta Luísa Pacheco Marques e pela historiadora Margarida Magalhães Ramalho.

Anexo 179

Vilar Formoso: um museu que é “uma lição”. (2017, agosto 27). *Jornal de Notícias*, 14.



Anexo 180 | Destaque na primeira página

Júnior, J.P. (2017, outubro 12). Aristides de Sousa Mendes íntimo. *Visão*, 46-53



ARISTIDES DE SOUSA MENDES

íntimo

A "intervenção" da irmã Lúcia que, deixou escrito, lhe salvou uma filha. Os dois filhos que se alistaram no exército aliado, com a sua colaboração, e combateram as tropas nazis. O caso extraconjugal em França, de que nasceu uma menina. A ligação umbilical ao irmão gémeo, César, também diplomata. São as revelações que faltavam sobre o corajoso cônsul de Bordéus que, desobedecendo a Salazar, salvou dezenas de milhares de vidas do Holocausto da II Guerra Mundial

 J. PLÁCIDO JÚNIOR

Anexo 180 | Continuação

Júnior, J.P. (2017, outubro 12). Aristides de Sousa Mendes íntimo. *Visão*, 46-53.



Júnior, J.P. (2017, outubro 12). Aristides de Sousa Mendes íntimo. *Visão*, 46-53.



Em 1927, o jovem diplomata Aristides de Sousa Mendes, então com 42 anos, era bem visto pela ditadura militar que governava o País. Fora nomeado cônsul em Vigo, cidade portuária à época de importância crescente em Espanha e na Europa, devido à localização geográfica e ao desenvolvimento de indústrias, sobretudo a pesqueira, de grande potencial para atrair trabalhadores portugueses. Em resumo, Aristides via a indicação para Vigo, um posto de confiança do Governo, como um sinal de que a sua carreira seguia um auspicioso caminho.

A vida decorria sem percalços quando, num dia de 1928, o cônsul foi chamado a Lisboa, para tratar de um assunto “discreto e delicado”. Adivinhava-se uma qualquer “missão secreta”, mas nada que impedisse que a família acompanhasse Aristides, como sempre acontecera. À partida, num carro espaçoso e resistente, lá se enfiaram todos dentro do automóvel, o cônsul e a mulher, Maria Angelina, ou Gigi, os 11 filhos que na altura já tinham e “a Borges”, fiel empregada. Aristides e Maria Angelina conheciam-se desde pequenos. Cedo se apaixonaram e logo se casaram, em 1908. Ele tinha 23 anos e ela apenas 20, e eram duplamente primos em primeiro grau. Ou seja, ambos os sogros de Aristides eram irmãos dos seus pais. Em 1933, o casal chegou aos 14 filhos – nove rapazes e cinco raparigas.

Por agora, estamos com 11 deles, encafuados num automóvel, e os mais velhos a especular em sussurros sobre o motivo da imprevista viagem a Lisboa. Mas nem a mais fértil ima-

ginação anteciparia a “missão secreta” em que depois participaram. Ainda pernoitaram na moradia da família, a Casa do Passal, na aldeia de Cabanas de Viriato, em Carregal do Sal (Viseu). E, manhã cedo, arrancaram (todos...) para a capital. Em Lisboa, no Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE), Aristides de Sousa Mendes, profundamente religioso, recebeu com satisfação a incumbência “discreta e delicada”. Mas manteve os filhos na ignorância até ao último minuto.

UM SUSTO DO DIABO

No regresso à Galiza, o resistente automóvel saiu da estrada principal para entrar em Coimbra. O cônsul conduziu-o em direção ao Convento das Carmelitas, e aí entrou no carro a irmã Lúcia, a mais velha dos três pastoresinhos de Fátima, que precisava de ser transportada para o Convento das Doroteias, em Tui. Estava explicado o melindre do assunto. Os filhos mais velhos do casal logo reconheceram Lúcia e trataram de passar o segredo aos mais novos. Um alvoroço. “As crianças cantaram, riram, dormiram e ousaram mesmo falar com a irmã Lúcia”, escreve António Moncada de Sousa Mendes, 68 anos, na sua obra *Aristides de Sousa Mendes – Memórias de*

um neto (ed. Desassossego, 348 págs., €17,70), que chega amanhã, sexta-feira, 13, às livrarias. Um dos 39 netos de Aristides e Gigi, Moncada de Sousa Mendes decidiu relatar a intimidade da família, das alegrias às tragédias, num livro cheio de revelações, algumas das quais a *VISÃO* aqui antecipa em primeira mão – numa obra que é também uma homenagem sentida ao corajoso cônsul de Bordéus, que, na II Guerra Mundial, pagou o seu humanitarismo com a perseguição pelo Estado Novo salazarista até à morte.

“Conforta-me saber”, explica o autor na introdução ao livro, “que o homem que salvou tantas vidas, com

*Em 1940
Aristides teve
uma filha da
amante francesa
com quem viria
a casar após a
morte da mulher*

Júnior, J.P. (2017, outubro 12). Aristides de Sousa Mendes íntimo. *Visão*, 46-53.



Um homem de família Com o irmão gêmeo, César, mantinha uma relação umbilical. Com Gigi teria 14 filhos, que o seguiam para todo o lado: da Guiana a Bordéus



Devoção A família conheceu a mais velha dos pastorinhos de Fátima em 1928 e tratava-a por "santa"

a sua assinatura em vistos para quem tentava desesperadamente escapar à morte decretada pelo horror nazi, pôs o seu nome no meu "visto para a vida" (leia-se certidão de nascimento no Registo Civil).

Regressemos ao transporte da irmã Lúcia para Tui, no lotado automóvel. O cônsul calculou a viagem em sete ou oito horas. Tudo correu bem até quase

à fronteira luso-galega. Aí, já a escurecer, a "boa estrada" começou a faltar. Sem sinalização adequada, o fatigado condutor perdeu-se e entrou por um caminho de cabras. E, ao virar numa curva estreita, colidiu com um enorme rebanho. Ovelhas voaram pelos ares, balindo alto, os cães ladraram, o pastor protestou, indignado. Dentro do automóvel gritava-se "ai, meu Deus!". Recuperado o sangue-frio, Aristides abriu a porta para ver os estragos e quantos animais teriam sido atropelados e mortos. Pensava nos danos que causara ao pastor, em quem iria pagar a indemnização, se teria de dar conhecimento do incidente ao MNE, se arriscava alguma advertência por condução perigosa.

MAGIA INEXPLICÁVEL

Dentro do carro, já o silêncio era sepulcral, e as crianças olhavam em súplica para a irmã Lúcia. "E eis que de repente (...) há uma coisa qualquer que começa a mexer no meio daqueles cadáveres todos espalhados pelo caminho", descreve Moncada de Sousa Mendes. "Sim, há uma ovelha que está viva (pelo menos uma), levanta-se e corre para o pastor, depois mais uma, e mais outra, e outra... (...) Acabaram por se levantar todas. Estavam todas vivas e de boa

saúde." No interior do automóvel, os filhos do cônsul viraram-se para a "santa", como lhe chamavam: "Milagre, milagre", exclamavam. "Tinham acabado de assistir a um acontecimento com algo de mágico, de inexplicável, e do qual se iriam lembrar para o resto da vida e transmitir à descendência."

Retomada a rota em direção à fronteira, a noite já havia caído, cerrada. Às tantas, todos ouvem ao longe um comboio, e Aristides, em vez de abrandar, decidiu acelerar, de modo a atravessar a passagem de nível antes da composição, para não perder mais tempo. Quando entraram na rampa de acesso, porém, a cancela da passagem de nível desabou com força mesmo em frente do motor do automóvel, imobilizando-o. Ruídos de ferros e metais sugeriam estragos na dianteira do carro. O cônsul saiu do automóvel, embrenhado em preocupações. O que diria a polícia espanhola na fronteira, alguns metros mais à frente, ao ver chegar um carro do corpo consular a abarrotar de pessoas e sem luzes? Quem seria o irresponsável condutor? O silêncio glacial instalou-se, outra vez, no interior do carro, com os filhos de Aristides e Gigi a olharem fixamente uma muda e queda irmã Lúcia. O cônsul verificou, abismado,

Júnior, J.P. (2017, outubro 12). Aristides de Sousa Mendes íntimo. *Visão*, 46-53.

Um serão com Einstein

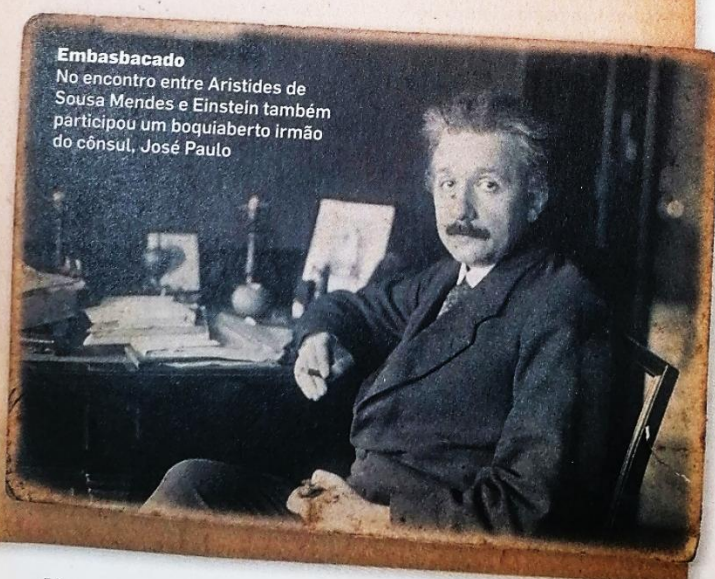
Aristides de Sousa Mendes convidou o cientista para jantar na sua residência consular, em Lovaina. Falaram de uma "velha Europa doente"

Estamos em 1933. Hitler já havia tomado o poder em Berlim e os ventos agourentos, prenunciadores da II Guerra Mundial, sopravam fortes. O cientista alemão Albert Einstein abandonara o seu país e passava uma temporada na Bélgica, a caminho dos EUA. Aristides de Sousa Mendes, além de cônsul de Portugal em Antuérpia, era o decano do corpo diplomático nessa cidade. A isso se deveu a visita que recebeu de Einstein. Convidou-o logo para jantar e para um serão de troca de impressões, na sua residência consular, em Lovaina. O cientista fugia de um louco – Hitler. E preparava-se para deixar aquilo a que chamava a "velha Europa doente". Foi esse o principal tema da conversa entre Aristides de Sousa Mendes e Albert Einstein. Por acaso, estava em Lovaina José

Paulo de Sousa Mendes, irmão do cônsul e comandante da marinha de guerra portuguesa. Mas José Paulo era, sobretudo, um estudioso incansável de História, Matemática e temas científicos. E participou no jantar e na conversa com Einstein. Moncada de Sousa Mendes, autor do livro *Aristides de Sousa Mendes – Memórias de um neto*, agora publicado, conta na obra que foi "longa a conversa sobre Matemática que houve entre o tio Zé Paulo e este prémio Nobel que lhe abriu os olhos, mostrando-lhe como tudo é tão relativo..." A verdade, acrescenta, é que o Nobel da Física já se encontrava nas mãos de Einstein desde 1921 "e o nosso 'tio navegador' apenas olhava com espanto e de boca aberta para o génio que estava à sua frente". O episódio tornou-se numa recorrente piada de família.

Embasbacado

No encontro entre Aristides de Sousa Mendes e Einstein também participou um boquiaberto irmão do cônsul, José Paulo



que os para-choques, os farolins e o motor pareciam estar no lugar. Pediu à mulher que acendesse os faróis – que deram luz. "Foi como se nada tivesse acontecido", relata Moncada de Sousa Mendes. "Afinal, iriam poder prosseguir viagem até Tui. Não iria haver mais nenhum problema, apenas seria necessário conduzir com prudência até ao Convento das Doroteias. E depois: casa!" Mas todos levaram muito que pensar.

CURA DA NOITE PARA O DIA

Na Galiza, Aristides e Gigi decidiram residir em Tui. A cidade era tranquila e havia a prestigiada escola ligada às Irmãs Doroteias, na qual inscreveram as filhas Clotilde, Isabel e Joana. Além do mais, às raparigas era permitido um contacto próximo e frequente com freiras que ensinavam e viviam no convento.

Mas, também em 1928, a filha mais nova do casal, com três anos, Teresinha do Menino Jesus (nome que homena-

*Teresinha,
com 3 anos,
ficou com o
corpo coberto
de tumores.
Um dia, tudo
desapareceu*

Júnior, J.P. (2017, outubro 12). Aristides de Sousa Mendes íntimo. *Visão*, 46-53.



O (auto)carro de família
Os 14 filhos encaixavam-se na parte traseira, à frente viajava o casal e "Borges", a empregada

geava Santa Teresinha), adoeceu gravemente. O que então de extraordinário aconteceu levou o cônsul a escrever um artigo para a revista *Rosas de Santa Teresinha*. Aqui se resume o que o cônsul descreveu. A 9 de janeiro, um furúnculo nasceu no lábio superior de Teresinha. E, ao cabo de meses, todo o corpo da menina estava pejado de tumores. A pequena "tinha sempre uma febre intensa com delírio, sofria dores horríveis, não descansando nem de dia nem de noite". O médico que a seguia não a operava, ou porque considerava não ser ainda a altura, ou porque saía da cidade para acorrer a outras emergências. Com a família em tremendo sofrimento, deu-se numa noite "um fenómeno inexplicável: (...) tudo desapareceu, a febre, o tumor, a inchação da perna!", relatou Aristides. "Quando, de manhã, vimos a nossa filha, horas antes tão deformada e cheia de febre, sem vestígios de qualquer dos incômodos que durante três meses

tanto a tinham apoquentado, ficámos deveras atônitos! A Teresinha então já se ria e dizia que queria ir para o chão, que estava melhor!" O médico foi ver a menina e "ficou na maior das estupefações". Para o cônsul, "houve outra medicina a ocupar-se" da pequena: "a proteção de Nossa Senhora e de Santa Teresinha do Menino Jesus". Em nome da família, agradeceu às Irmãs Doro-teias. "Creio que foram elas que tudo conseguiram com as suas orações." Por sigilo profissional, Aristides não referiu a "intervenção" da irmã Lúcia, da qual estava absolutamente convicto.

BATIZADO NO PALÁCIO DO SULTÃO

O grande amparo de Aristides sempre foi o seu irmão gémeo, César, meia hora mais velho. E vice-versa. Filhos de um circunspecto juiz, José de Sousa Mendes, e de uma aristocrata liberal, Maria Angelina do Amaral e Abran-ches, ambos de famílias enraizadas na Beira, reuniam todas as características que, ainda hoje, a ciência não consegue explicar. Tinham um entendimento completo em tudo, além da grande pareceça física. Adivinhavam o que o outro dizia ou fazia, ainda que houvesse oceanos entre eles. Admiravam os mesmos santos (São Francisco, Santo António e Santo Agostinho) e até "gostavam dos mesmos doces", nota Moncada de Sousa Mendes, neto dos gémeos: o seu pai, Geraldo, era filho de Aristides, e a mãe, Maria Luísa, filha de César.

Os gémeos tiraram o curso de Direito em Coimbra e, aos 25 anos, o "charme" da carreira diplomática, que ambos escolheram, separou-os fisicamente. A partir de maio de 1910, César



Boas relações Em Zanzibar fez amizade com o sultão, que apadrinhou o seu 6º filho

começou com missões em Inglaterra e Espanha. Quanto a Aristides, iniciou-se em Demerara, na "insalubre" Guiana Britânica, na América do Sul. Mas, em 1912, foi nomeado para o consulado de Zanzibar, na então África Oriental inglesa. Aí viveria dias felizes.

Embora fosse um protetorado britânico, a ilha era governada por um sultão, o muçulmano Khalifa bin Harub. Jovem e formado em Inglaterra, o sultão simpatizava com a comunidade portuguesa, constituída sobretudo por comerciantes, e depressa se tornou amigo da família de Aristides. Disponibilizou-lhes, por exemplo, o seu estúdio fotográfico, onde o cônsul se fez fotografar com a indumentária da corte de Zanzibar. Depois, bin Harub manifestou o desejo de se unir à família através de um ato espiritual. Aristides e Gigi consultaram o bispo católico e o bispo anglicano daquela ilha, e depois dirigiram-se ao palácio do sultão para o convidarem a ser o padrinho da próxima criança que viesse. Passado pouco mais de um ano, na primavera de 1917, apareceu Geraldo, o sexto filho do casal, e que foi afixado do sultão muçulmano e dos dois bispos cristãos. O batizado, celebrado no palácio de bin Harub, "foi mais do que uma simples festa", conta Moncada de Sousa Mendes sobre a celebração cujo epicentro estava naquele que viria a ser o seu pai. "Foi um símbolo da união e amizade entre várias culturas e religiões." À criança seria posto o nome de Feliciano do Nascimento Artur Geraldo – Arthur pelo bispo católico francês, e Geraldo pelo bispo anglicano. A identificação muçulmana do sultão foi convenientemente omitida...

A FRANCESA INOPORTUNA

Em 1934, quando Aristides está colocado em Antuérpia, na Bélgica, abatam-se sobre a família duas tragédias de efeitos devastadores. Manuel Silvério, 23 anos, filho do casal, acabava de se licenciar em Ciências Políticas e Diplomáticas, pela Universidade Católica de Lovaina (cidade onde os Sousa Mendes residiam), e pegou numa das suas irmãs nos braços, para festejar. Deu um tremendo mau jeito e ficou de cama dois dias. "Os meus avós chamaram o médico, que recebeu uma injeção, cujo único resultado visível foi a sua morte, sem que nunca se soubesse porquê", relata Moncada de Sousa Mendes. Me-

Júnior, J.P. (2017, outubro 12). Aristides de Sousa Mendes íntimo. *Visão*, 46-53.

De proscrito a herói

CARREIRA

Aos 55 anos, quando Salazar o afastou, Aristides de Sousa Mendes já contava com um percurso diplomático de três décadas, a exercer funções em quatro continentes, ao serviço do último rei de Portugal, D. Manuel II, dos sete primeiros Presidentes da República, da ditadura militar, entre 1926 e 1932, e, por fim, ao longo do Estado Novo até 1940.

DESOBEDIÊNCIA

Após a invasão de França pelas forças do III Reich, em 1940, o cônsul em Bordéus recusou-se a cumprir a ordem de Salazar, que proibia os diplomatas de emitirem vistos "aos judeus expulsos". Todos fugiam do horror nazi e dos campos de concentração. "Não participo em chacinas", justificou Aristides.

RECONHECIMENTO

Em 1966, o Yad Vashem, autoridade judaica para a Memória do Holocausto, nomeia os primeiros Justos Entre as Nações. Há, então, apenas dois diplomatas: Aristides de Sousa Mendes e o sueco Raoul Wallenberg. Ao cônsul português é atribuída a salvação de 30 mil pessoas, dez mil das quais judias.

ATRASO

Só a 18 de março de 1988, a Assembleia da República, reunida em sessão especial, aprovou, por unanimidade e aclamação, a reintegração na carreira diplomática, a título póstumo, de Aristides de Sousa Mendes, com promoção ao grau de embaixador. Em 1995, Mário Soares agradeceu postumamente o cônsul com a Grã-Cruz da Ordem de Cristo, e, em 2017, Marcelo Rebelo de Sousa distinguiu-o com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade.



ses depois, a filha mais nova, Raquel Hermínia, bebé nascida em Lovaina há pouco mais de um ano, sucumbiu a uma meningite.

Embora muito abalado, Aristides torna-se, em 1936, no decano do corpo diplomático em Antuérpia. Já fora condecorado duas vezes pelo rei dos belgas. Crente no valor dos serviços que prestara ao País, decidiu escrever a Salazar, Presidente do Conselho que acumulava a pasta dos Negócios Estrangeiros. Com fundamentos resumidos em sete pontos, solicitava ao ditador que o promovesse, colocando-o na China ou no Japão. Sem o dizer, queria pôr a família bem longe do conflito apocalíptico, na Europa e no mundo, que Hitler se preparava para iniciar.

Abstendo-se de explicações, o ditador recusou o pedido do cônsul e mandou-o para Bordéus – um posto como o precedente, senão inferior. Com um núcleo familiar mais reduzido, Aristides chegou à cidade francesa 11 meses antes do começo da II Guerra Mundial, que eclodiu em setembro de 1939, quando a Alemanha nazi invadiu a Europa.

'Gigi' e Aristides Ela tinha 20 anos e ele 23 quando casaram. A morte separou-os no dia em que ela cumpria 60 anos

Em Bordéus, no início de janeiro de 1940, fez um estranho pedido ao filho Pedro Nuno, que Moncada de Sousa Mendes reproduz. "Há uma senhora que encontrei há dias e que começou a falar muito comigo 'sobre tudo e mais alguma coisa', e agora quer ir ao cinema... Imagina!", dizia Aristides. "Mas ela é muito mais nova do que eu, deve ter uns 30 anos, portanto, pela idade é muito mais próxima de ti", continuava. "Tens de ajudar-me. Vai encontrá-la tu, diz-lhe que estou muito ocupado, mas que tu tens tempo e podes acompanhá-la ao cinema. Chama-se Andrée Cibial." Pedro Nuno foi ao encontro da mulher francesa, como previsto. Contudo, explicou-lhe apenas que o pai não podia ir com ela ao cinema. E não se ofereceu para a acompanhar.

Alguns familiares voltariam a ter notícias de Andrée Cibial, em outubro do mesmo ano. A 19 desse mês, deu à luz uma menina, a que chamou Marie-Rose, na Maternidade Alfredo da

Júnior, J.P. (2017, outubro 12). Aristides de Sousa Mendes íntimo. *Visão*, 46-53.

Costa, em Lisboa, e disse que o pai da filha era o cônsul Aristides de Sousa Mendes. Um imbróglie e tanto.

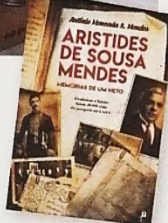
RESILIENTE COMO POUCOS

Era preciso que Gigi não soubesse do *affaire* com a francesa e do nascimento da bebé. Disso trataram César, José Paulo, irmão mais novo dos gémeos, e um amigo da família. Tiraram André Cíbal e a filha da maternidade, pagaram a conta, e ao fim de algumas semanas a polícia política do regime, à época designada PVDE, pôs a “francesa” na fronteira, interditando-lhe a entrada no País.

Aristides, 55 anos, aguardava então o “castigo” de Salazar. Quando as forças do III Reich invadiram França, em maio de 1940, o cônsul de Bordéus emitiu vistos que salvaram dezenas de milhares de pessoas, em fuga dos nazis e do horror dos campos de concentração. Com os vistos, essas pessoas transitavam por Espanha e entravam em Portugal, onde, na maior parte dos casos, apanhavam um navio para os EUA. Em consciência, Aristides ignorou uma ordem do ditador, inscrita na “Circular 14”, de 11 de novembro de 1939, que proibia os diplomatas portugueses de concederem vistos “aos estrangeiros que (...) apresentem nos seus passaportes a declaração ou qualquer sinal de não poderem regressar livremente ao país de onde provêm”, e “aos judeus expulsos dos países da sua nacionalidade ou de aqueles de onde provêm”. A defesa do cônsul era simples: “Não participo em chacinhas, por isso desobedeço a Salazar.” Acabou condenado a inatividade por um ano, com metade do vencimento da categoria, seguida da aposentação compulsiva, sanção esta que, à épo-



Moncada de Sousa Mendes
O neto demorou um ano a escrever as suas memórias do avô Aristides



ca, não se encontrava prevista na lei... E, sem qualquer justificação oficial, o gémeo César sofreu por tabela: esteve quase cinco anos inativo.

Em 1943, Sebastião, 20 anos, e Carlos Fernando, 21, os filhos “americanos” de Aristides e Gigi, nascidos em São Francisco, quando o cônsul ocupava esse posto, conseguiram convencer os pais a deixá-los partir para a guerra. Queriam reverter a má sorte de armas na mão, alistando-se nas forças aliadas que se concentravam em Inglaterra sob o comando do general americano Eisenhower. Mas havia um problema – as autoridades diziam que estavam em idade de cumprir o serviço militar, e que a nacionalidade portuguesa prevalecia sobre a americana, que também tinham. A família engendrou um plano. Sebastião e Carlos pretendiam ir para Inglaterra prosseguir os estudos, e a sua primeira nacionalidade, a americana, tinha de ser reconhecida para o efeito. Inscrito na Ordem dos

Advogados, Aristides encarregou-se de defender a causa em tribunal – e ganhou. No verão de 1945, deu-se o feliz reencontro dos “americanos” com os seus. Tinham combatido do “Dia D” (desembarque na Normandia, em 1944) até ao “Dia V” (da vitória sobre Hitler, em maio de 1945), e saído imaculados da carnificina.

UMA ‘PENUCHA’ EM CABANAS

A 30 de agosto de 1948, Gigi morreu na sequência de uma trombose. Nesse dia cumpria 60 anos. Após o falecimento da mulher, Aristides, que sofrera um AVC que lhe paralisou a mão direita, pediu a um padre que lhe encontrasse André Cíbal e a sua filha francesa. Os filhos emigravam uns atrás dos outros – a carga do apelido era demasiado pesada para conseguirem fazer vida em Portugal. A “francesa” foi descoberta e casou-se, em fins de 1949, com Aristides. Buscava um impossível fausto, pelo que vendeu o que pôde do recheio da Casa do Passal. Anticorpos na família não lhe faltavam.

“A presença de André em Cabanas de Viriato, e na região, foi uma espécie de ‘revolução francesa’”, descreve Moncada de Sousa Mendes. Vestia-se de forma nunca antes vista por aqueles lados, achavam-na estranha, bizarra. Em resumo, uma mulher incompreensível para os cabanenses. Por vezes, provocava desatentos e discussões, era extravagante, fazia rir as pessoas por usar chapéus exuberantes, com plumas. “Deram-lhe mesmo uma alcinha, por essa razão: ‘a penucha’.” Já agora, também arrancava gargalhadas a Aristides.

Em 1950, começou o processo de adoção de Marie-Rose, concluído dois anos depois. A rapariga ficou a viver em França, em casa de uns tios-avós. Aristides conseguiu que a polícia política lhe desse permissão para a conhecer e visitar, por quatro vezes. Foi imediata a empatia entre os dois.

Pelas quatro da tarde de um sábado, 3 de abril de 1954, Aristides de Sousa Mendes morreu, aos 68 anos, num quarto do Hospital da Ordem Terceira, em Lisboa, onde estava internado há três dias. “Talvez só, ou talvez na companhia de André, nunca saberemos”, escreve Moncada de Sousa Mendes. Salazar enviou um cartão de condolências. A família guardou-o, apesar do cinismo desmesurado. E o gémeo César apenas sobreviveu um ano à morte do irmão. ■ junior@visao.imprensa.pt

Depois de todas as provações, Salazar enviou à família de Aristides as suas condolências



Henriques, J. P. (2019, fevereiro 9). Aristides e Salazar voltam a encontrar-se em tribunal. *Diário de Notícias*, 14-15.

Sábado 9/2/2019 *Diário de Notícias*

14 PODER

Aristides e Salazar voltam a encontrar-se em tribunal



► Aristides de Sousa Mendes nasceu em 1885, em Cabanas de Viriato, e morreu em Lisboa, em 1954.

A acusação é forte. E não há memória de um tribunal português ter tido necessidade de a julgar. Descendentes de Aristides de Sousa Mendes acusam seguidores de Salazar de negacionismo do Holocausto. O confronto de 1940 entre o ditador e o cônsul vai ser revisitado.

JOÃO PEDRO HENRIQUES

A té 2014, a vingança de Salazar sobre Aristides de Sousa Mendes parecia que iria durar para sempre. Ela estava bem à vista em duas vilas de Vi-seu. Em Santa Comba Dão, onde o ditador nasceu e está enterrado, a sua memória estava no essencial preservada e os esforços nesse sentido prosseguiram. Mas em Cabanas de Viriato, a escassos 23,5 quilómetros, a Casa do Passal, que foi da família Sousa Mendes até 1950 – quando foi vendida para saldar dívidas –, não passava de uma imponente ruína. Algo que remetia diretamente para os últimos 14 anos de vida do cônsul.

A ruína. Foi esse o preço que o diplomata pagou por, em junho de 1940, ter assinado no Consulado Português em Bordéus (França) milhares de vistos a judeus europeus que fugiam ao nazismo e que tentavam, através de Portugal (país neutro), chegar às Américas. Aristides de Sousa Mendes (1885-1954) fê-lo violando conscientemente ordens em sentido contrário vindas de Lisboa (Salazar era simultaneamente Presidente do Conselho e ministro dos Negócios Estrangeiros). Tais ordens estavam inscritas na Circular 14, emitida em 11 de novembro de 1939, determinando esta, em síntese, que não podiam ser passados vistos sem autorização prévia de Lisboa a várias categorias de pessoas, entre as quais “os judeus expulsos dos países da sua nacionalidade ou daqueles de onde provêm”. Pelo que fez em Bordéus, o cônsul foi alvo de um processo disciplinar que, na prática, implicou o seu afastamento vitalício da carreira consular. Morreu indigente em 1954, com 68 anos, internado num hospital de Lisboa.

Em 2014, a Casa do Passal começou a ser recuperada, com dinheiros da União Europeia e do Estado, e já não é uma ruína – longe disso. Só que, ao mesmo tempo, admiradores de Salazar insistiam em ir colocando no espaço público uma narrativa que diminuía a obra humanitária do cônsul, pondo-a por exemplo à conta de necessidades ve-nais. Uma narrativa que diz também que a reabilitação de Sousa Mendes visou no essencial denegrir Salazar.

Esse confronto está agora em tribunal. Por interpostos herdeiros – de sangue ou herdeiros políticos –, o cônsul e o ditador

preparam-se para regressar aos acontecimentos de 1940. Ambas as partes têm armas iguais: as que o sistema de justiça lhes proporciona.

Os autores da queixa são quatro netos do cônsul: António Pedro, Guy Gerald, Sheila Pierce e Aristides. E os réus da Texto Principal (editora proprietária do semanário *O Diabo*), Duarte Branquinho e Miguel Mattos Chaves (ambos ex-diretores daquele jornal), Carlos Fernandes (um embaixador reformado) e João Brandão Ferreira (coronel reformado). A estes os queixosos pedem, ao todo, 150 mil euros de indemnização cível.

Negacionismo em julgamento

Basicamente, os queixosos avançaram para tribunal por estarem cansados de ver referências públicas ao avô diminuindo-lhe a ação de Bordéus. Mas não só. A certa altura, misturada nessa narrativa, surgiu uma outra: a que ecoava a suspeita de que descendentes de Sousa Mendes haviam desviado para proveito próprio verbas públicas destinadas à reabilitação da memória do cônsul e à reabilitação da Casa do Passal. Ou seja: os queixosos defendem o avô mas não só: defendem-se também a eles próprios.

O historial das publicações dos “herdeiros” de Salazar é longo, inclui textos e entrevistas que *O Diabo* publicou a partir de 2004, pelo menos um livro (*O Cônsul Aristides de Sousa Mendes – A Verdade e a Mentira*, do embaixador Carlos Fernandes), além de textos na blogosfera.

O rol das acusações não é curto (ofensa à memória de pessoa falecida e difamação, por exemplo). Mas inclui também um crime de que não há memória de ter sido alguma vez julgado em Portugal: negacionismo do Holocausto. Este está previsto no artigo 240.º do Código Penal e prevê uma pena de prisão de seis meses a cinco anos para quem, publicamente, proceder à “apologia, negação ou banalização grosseira de crimes de genocídio, guerra ou contra a paz e a humanidade”.

Essa acusação – que agora o tribunal terá de dirimir, julgando-a ou não – surge porque os réus terão desvalorizado a ação de Sousa Mendes em junho de 1940 em Bordéus com o argumento de que, nessa altura, os judeus não estavam verdadeiramente em perigo.

“Aristides não salva ninguém da morte”

Uma entrevista que Carlos Fernandes deu em julho de 2013 a *O Diabo* tornou-se uma peça central da acusação. Nela o embaixador afirmou, por exemplo, que “só em 1942, na conferência de Wansee, é que é decretada a solução final contra os judeus e começa a perseguição”. Até aí, “não é que os tratassem bem antes, mas não os punham em campos de concentração”. Portanto, “Aristides não salva ninguém da morte, porque em 1940 ninguém estava em risco de vida”. E, além disso, “não deu vistos de graça a ninguém porque precisava do dinheiro” (o processo disciplinar de que o cônsul foi depois alvo no MNE não deu como provado que tenha havido extorsão sobre os judeus em fuga, pelo contrário, e essa é também uma peça central agora dos queixosos no processo que intentaram).

Então porquê a fuga dos judeus? Porque estes tinham começado “a fugir da Áustria em 1938, depois do Anschluss, quando o Hitler toma a Áustria com o apoio de toda a gente, exceto dos judeus e da casa real austríaca”. “Há uma debandada geral dos judeus austríacos na sua maioria pobres, que querem emigrar, porque passam a ser alemães juridicamente e não querem ficar sob o Hitler. Portugal tinha um acordo de su-

Anexo 181 | Continuação

Henriques, J. P. (2019, fevereiro 9). Aristides e Salazar voltam a encontrar-se em tribunal. *Diário de Notícias*, 14-15.

Diário de Notícias Sábado 9/2/2019

A Circular 14, emitida pelo MNE em novembro de 1939, dizia que só com autorização de Lisboa podiam ser passados vistos a judeus em fuga. Sousa Mendes desobedeceu-lhe conscientemente.



► Em junho de 1940, Salazar era simultaneamente chefe do governo e ministro dos Negócios Estrangeiros.

pressão de vistos com Alemanha desde 1926, como os judeus austríacos passam a ser alemães e há uma debandada, os países da Europa quiseram pôr um termo a essa debandada e condicionaram os vistos a autorização. Mas isto durou pouco, porque depois veio a guerra. Mas o Hitler só invade a Europa ocidental em maio de 1940, quando há uma nova debandada dos judeus."

Na mesma entrevista, Carlos Fernandes vai ao ponto de pôr em equiparação Hitler e o cônsul português em Bordéus, bem como judaísmo e racismo. Questionado sobre o que achava do Führer, respondeu: "Um homem inteligente mas louco. Era artista, pintava muito bem, e cultíssimo, mas doido. Meteu-se-lhe o racismo na cabeça, como o Sousa Mendes o judaísmo. É muito parecido." Já Aristides de Sousa Mendes – que terá conhecido pessoalmente – "era um homem magnífico, devia ser o homem mais generoso do mundo, mas isso já é um pouco de louco. Era generoso demais sem ter dinheiro para isso, ainda por cima com tantos filhos [14]". Além do mais estava manipulado por um rabi, Kruger, "que fez dele o que quis" e que lhe "meteu o judaísmo na cabeça e a perseguição dos judeus", algo que Aristides passaria a ver "por todo o lado".

Quantos judeus beneficiaram dos vistos do cônsul português? Os números não são claros, até porque um visto poderia servir para várias pessoas da mesma família. Fala-se de números que vão de quatro mil pessoas a trinta mil. Israel fez as suas contas e no deserto do Neguev mandou plantar uma Floresta Aristides de Sousa Mendes com uma árvore por cada vida salva: dez mil ao todo.

Anexo 182

Henriques, J. P. (2019, fevereiro 9). Cônsul português está a ser homenageado na sede da ONU. *Diário de Notícias*, 15.

Cônsul português está a ser homenageado na sede da ONU

► *Beyond Duty* (Além do Dever). Este é o título da exposição, atualmente em exibição na sede da ONU em Nova Iorque, onde se presta tributo a Aristides de Sousa Mendes e a outros sete diplomatas internacionais, considerados “Justos entre as Nações” pelo Centro Mundial de Memória do Holocausto, Yad Vashem, por terem ajudado a salvar milhares de judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Quando a exposição foi aberta ao público, no final de janeiro, António Guterres, secretário-geral da ONU, sublinhou a necessidade de os diplomatas porem acima das necessidades de obediência hierárquica o imperativo da defesa dos direitos humanos. Os diplomatas, disse, “têm o dever moral de aplicar o Estado de direito” e “os valores democráticos” e de defender, “com compaixão”, todos os seres humanos. A comunidade internacional deve “manter fresca” a memória do Holocausto, tal como as memórias que as vítimas nunca vão esquecer, disse António Guterres, apelando também para que as instituições de direitos humanos e de educação sirvam a comunidade judaica e toda a população mundial. Na mesma cerimónia, o embaixador Francisco Duarte Lopes, representante de Portugal na ONU, falou da incerteza que predomina sobre a atividade diplomática.

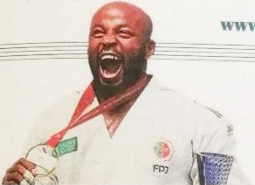
Anexo 183 | Destaque na primeira página

Marujo, M. (2019, agosto 31). Da repressão à liberdade em 22km. *Diário de Notícias*, 8-11.

Fundado em 1864

Diário de Notícias

www.dn.pt / Sábado 31.8.2019 / Ano 155.º / N.º 54 919 / 3 euros / Diretor: Ferreira Fernandes



Jorge Fonseca O campeão judoca que venceu um tumor e quer ser polícia - P. 48

Ferreira Fernandes: "Viva o Jorge Fonseca! Viva a nova Lisboa! Viva nós!" - P. 56



Carclasse
Concessionário Oficial Mercedes-Benz
info@carclasse.pt - www.carclasse.pt

PUBLICIDADE

Mário Machado em guerra contra o Facebook - P. 12

Obras no santuário do Cabo Espichel previstas para 2020 - P. 22 a 24

Pai de Boris Johnson é militante anti-Brexit - P. 28

Lítio Protestos não travam investimentos - Dinheiro Vivo

PUBLICIDADE

à roda da alimentação

O Verão é para ser como as saladas. Colorido.

veja no interior

Patrocínio CONTINENTE

1864. O regresso às rotinas

Reportagem 20 km separam os projetos para recordar Salazar e Sousa Mendes - P. 08 a 11



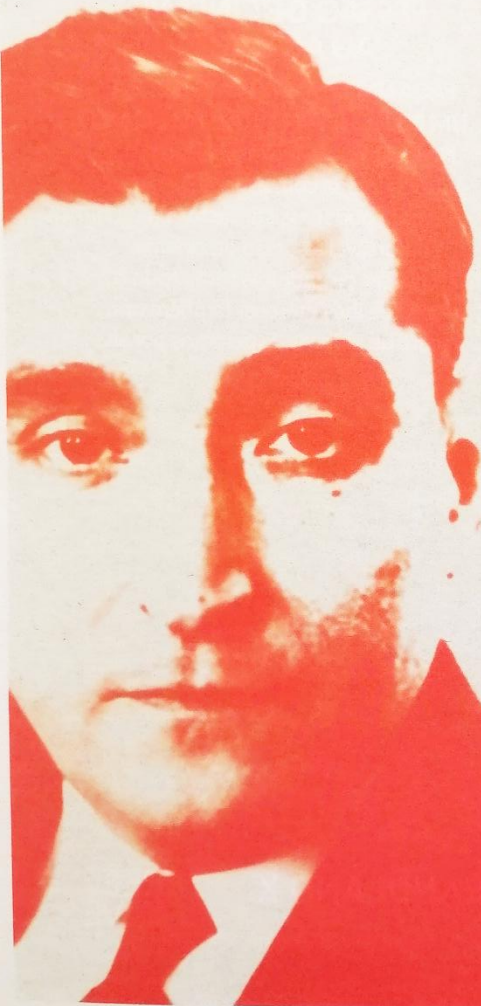
Triplicam médicos que querem ir para o estrangeiro

Jovens recém-formados ou seniores em busca de tranquilidade na carreira. Os pedidos de certificados para ser médico lá fora crescem a olhos vistos. Salários, condições de trabalho e desmotivação enorme são algumas razões apontadas. - P. 18 a 20

Sábado 31/8/2019 *Diário de Notícias*

8 PODER

Da repressão à lib



No Vimieiro, no concelho de Santa Comba Dão, e em Cabanas de Viriato, avançam projetos para a construção de um "centro interpretativo" e de uma casa-museu que querem recuperar a memória de António Oliveira Salazar e de Aristides de Sousa Mendes. Mundos opostos que se cruzam.

IP3
Vimieiro
O3440-61

MIGUEL MARUJO

"Eis o mus" e só se adivinham as outras duas letras, "eu", muito apagadas, com uma seta a apontar para a porta verde da casa branca, um piso térreo com a marca do tempo, uma janela partida, a calça caída, que só a placa escura resgata do esquecimento – para curiosos e devotos. "Aqui nasceu em 28-4-1889 Dr. Oliveira Salazar um Senhor que governou e nada roubou" e a bandeira portuguesa inscrita. Há ideias feitas que perduram. Como a ideia de um museu, que não será museu, alimentando a polémica há semanas e cujo projeto será apresentado na próxima quarta-feira, 4 de setembro.

"A polémica só acontece porque vivemos em democracia", atira em jeito de saudação Rui Oliveira, 66 anos, presidente da Junta de Freguesia de Óvoa e Vimieiro. "A controvérsia é saudável, se víssemos em ditadura seria diferente." Nesse tempo, no tempo de quem ali nasceu, naquele lugar de Vimieiro, concelho de Santa Comba Dão, "quem estivesse contra ia para o Tarrafal", recorda, referindo-se ao campo de concentração em Cabo Verde para opositores políticos à ditadura do Estado Novo.

A democracia tem esta virtude: as opiniões diferentes são acolhidas, ninguém é preso nem morre por as defender. Para Rui Oliveira, o futuro Centro Interpretativo do Estado Novo, que a Câmara Municipal de Santa Comba Dão quer instalar na antiga Escola-Cantina Salazar no Vimieiro, "deveria ter à entrada uma foto de Salazar ou de uma das suas obras e ao lado a foto de Humberto Delgado a dizer que foi morto por Salazar". "O homem não era um santo, completa o autarca socialista sobre o antigo presidente do Conselho, enterrado no cemitério da aldeia, para defender que "um homem só não faz um regime, toda a máquina funcionava". Mas, garante Rui Oliveira, esse centro "nunca será um oratório de Salazar".

Nem lhe chamem museu. O presidente da câmara, Leonel Gouveia, ausente de Santa Comba Dão, não quer falar mais, como a funcionária da autarquia que atendeu o DN a remeter para o comunicado emitido a 24 de agosto sobre o assunto e a corrigir o jornalista quando se fala em "museu".



10 PODER

» continuação da página anterior

Há uma corrente que mantém o portão fechado. Passa um carro com um casal, os dois observam de dentro da viatura e depois seguem. "Não têm mais para ver", aponta ao DN Pedro Matos, funcionário da junta. Falta algo mais, lamenta-se Nuno Seabra, que faça as pessoas parar mais. Por isso, enquanto não há casa-museu, o autarca, independente eleito pelo PS, quer criar uma sala de visitas no edifício da junta, mesmo em frente ao palacete, "para poder receber essas pessoas". Como aquelas que chegaram num autocarro, com turistas franceses e ingleses. Isso e construir um memorial de homenagem, que está há anos numa gaveta da junta. É uma das metas que tem para 2020, quando passam 80 anos do "ato de consciência" do diplomata que fez frente a Salazar.

"Antes com Deus contra os homens"
Com a II Guerra Mundial a alastrar pela Europa e as tropas nazis a entrarem por França dentro, a cidade de Bordéus encheu-se de refugiados, sobretudo judeus, desesperados por um visto para fugir ao terror do Holocausto. O cônsul português na cidade, Sousa Mendes, resolve ignorar a instrução que Salazar tinha dado, através da Circular n.º 14 para todos os diplomatas, determinando a proibição da concessão de vistos a refugiados judeus, exilados políticos e cidadãos do Leste Europeu.

Na manhã de 17 de junho de 1940, o cônsul decide passar vistos sem olhar a quem. "Antes com Deus contra os homens do que com os homens contra Deus", exclama, antes de iniciar uma maratona de três dias e três noites a assinar vistos, salvo-condutos para a liberdade. Salazar não gostou e aplicou-lhe um processo disciplinar, que resultou na suspensão da sua atividade por um ano e na aposentação forçada. Aristides também foi proibido de exercer advocacia. A sua condição económica degradou-se, conseguiu que alguns filhos partissem para os Estados Unidos e morreu pobre, em Lisboa, em 3 de abril de 1954. Só a democracia reabilitaria o título póstumo o cônsul. O que ainda não fez na totalidade para a sua casa, que também se foi degradando e acabou vendida em hasta pública. A casa foi aviação, serviu para um simulacro de bombeiros, foi ruína.

"Era uma casa em que não faltava nada. Depois é que foi o diabo!", descreve Olímpio Dias Távares, de 90 anos e quatro meses, como faz questão de se apresentar ao DN, que convive de perto com filhos mais novos de Aristides, o João Paulo e o Luís Filipe, com quem anda na escola, no edifício que hoje é a junta.

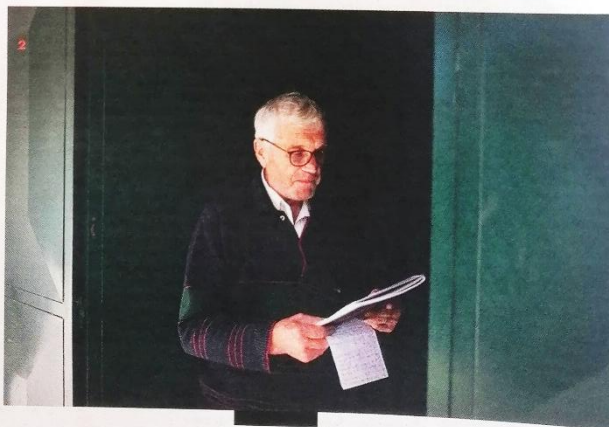
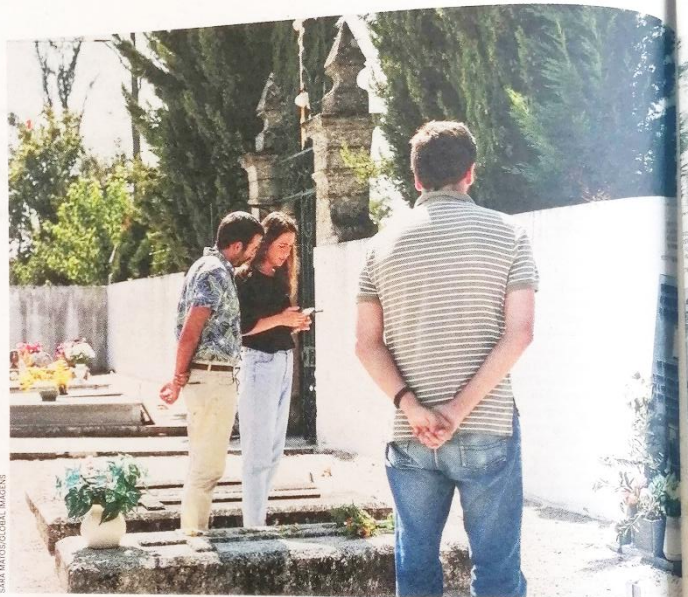
As memórias desses tempos, dele e da vila, começou a registá-las num caderno A4 preto, onde se fala também de César de Sousa Mendes, o irmão gêmeo de Aristides, que foi ministro dos Negócios Estrangeiros de Salazar e intercedeu junto do ditador pelo irmão sem sucesso. "Eu bem tenho dito cá na terra que também temos de recordar o irmão, César", explica Olímpio, numa torrente de histórias nunca atraídas pela memória.

Lembra-se de nomes, recorda episódios, recupera datas, do casamento da D. Clotilde, uma das filhas de Aristides, "com pompa", em que a filarmónica foi convidada

para um concerto, da carrinha Ford, grande, para levar a família toda e os empregados, uns 28/30 lugares, e lá vinha o cônsul "com rebuçados para todos os miúdos". "Tratavam muito bem toda esta gentinha", diz, genuinamente, de Aristides e Angelina, a prima com quem o diplomata se casou. O cônsul acolhe na sua casa refugiados judeus e os seus gestos motivam o epíteto de "justo entre as nações", título atribuído pelo Yad Vaschem, um centro israelita para lembrar as vítimas judaicas do Holocausto e aqueles que salvaram judeus. O católico

A sua condição económica degrada-se e morre pobre em 1954. Só a democracia reabilita Aristides a título póstumo.

que trouxe de Antuérpia em três peças, porque eram muito grandes e pesadas, um Cristo-Rei, que encima a colina onde está a Casa do Passal, e que no canto do jardim fronteiro do palacete tem um crucifixo enorme, foi o bom samaritano de tantos judeus – e a quem Salazar não perdoou o incumprimento de uma circular burocrática. Nos 22 quilómetros que separam as duas localidades, sonha-se com a construção de dois museus. À entrada de Cabanas, atrás do balcão da Pastelaria Viriato, Filomena Carvalho nota que "vêm pessoas de todo o



Marujo, M. (2019, agosto 31). Da repressão à liberdade em 22km. *Diário de Notícias*, 8-11.

Diário de Notícias Sábado 31/8/2019

11

1. Os três amigos vão de propósito ao cemitério do Vimieiro para rezar por Salazar.
2. Olímpio começou a escrever também ele as memórias que guarda da sua terra, onde foi presidente da junta, e da família Sousa Mendes.
3. O interior da Casa do Passal está ainda à espera de obras.
4. Rui Oliveira espreita por uma das casas abandonadas de Salazar.



lado, até de camioneta". Com a casa-museu "ajudava a melhorar", diz. Estão paradas as obras, está parada a tarde de negócio. Pelas 17.00, entra o distribuidor de bebidas, quase não há movimento nas ruas.

O presidente da Junta de Cabanas, Nuno Seabra, concorda que o museu "iria transformar a nossa freguesia e concelho num polo de atração turística". Podia ser este também um centro interpretativo do Estado Novo? Nuno Seabra prefere sublinhar o homem que foi Aristides. "O que mais me encanta é a simplicidade com que lidava com as pessoas", diz, sublinhando "o grande homem que foi". "Era realmente o sonho dele, salvar aquelas pessoas."

Não há quem reze no jazigo da família no cemitério de Cabanas de Viriato. Há uma fita e uma placa que assinalam a memória de Aristides, de homenagens antigas. No cemitério do Vimieiro, Salazar merece a visita quase contínua de pessoas que ali vão. Como aquele santa-combense que levou ali uns primos e pede para não ser identificado. "Passámos no cemitério de Santa Comba e eles achavam que era ali que estava o Salazar e trouxe-os aqui para verem."

A curiosidade alimenta ainda mais a romaria do que a devoção.

Na sede de concelho, num restaurante onde há um busto do ditador e uma foto antiga da estátua de Salazar que foi rebenetada em 1978, uma pequena pagela assinada que se trata de "o melhor governante nos 900 anos de história de Portugal".

Rui Oliveira, o autarca do Vimieiro, diz que dificilmente se encontrará alguém que fale mal de Salazar por ali. "É um tema pacífico em Santa Comba Dão, por bairrismo, não por política. Defendem-no como conterrâneo", esclarece. "Pensar o Salazar é passado, é história", argumenta. "Queremos é pensar o presente e o futuro, isso que é importante", atira a despedir-se.

O homem de 70 anos que passa junto à casa faz notar ao DN "a vergonha que aqui está". A sua indignação é outra e ouvem-se, em som de fundo, cães que ladram. Não é metáfora nenhuma: há ali, no quintal da correnteza de casas que eram de Salazar, um canil de uma associação de proteção de animais. "Meteram aqui um canil!", diz, repetindo que "deixou barras de ouro no banco". "Era um grande homem, só os ordenados eram baixos." A ladainha choca com a realidade: a uns 20 quilómetros, Aristides é mais uma prova do que foi o regime do Estado Novo. Repressivo, iníquo. Uma interpretação que terá de morar em Santa Comba Dão.

Anexo 184

Aristides de Sousa Mendes - Livre quer Panteão. (2019, novembro 20). *Correio da Manhã*, 28.

ARISTIDES DE SOUSA MENDES

LIVRE QUER PANTEÃO

A deputada do Livre Joacine Moreira entregou a primeira proposta na AR: a transladação de Aristides de Sousa Mendes, cônsul em Bordéus que salvou milhares de judeus, para o Panteão.



**TINTA POR
UMA LINHA**
José Jorge
Letria
ESCRITOR



Honrar o nome e a vida de Aristides

Aristides de Sousa Mendes, cônsul de Portugal em Bordéus na altura em que os nazis invadiram a França, é uma figura central da história política e cívica portuguesa por ter tido a coragem, sendo um diplomata conservador e irmão gémeo de um ministro de Salazar, de transformar a sua desobediência num acto que terá contribuído para salvar as vidas de cerca de 30 mil refugiados, na sua maioria judeus em fuga. Foi demitido e humilhado, tendo morrido na miséria, longe dos filhos.

Agora Jerusalém vai ter uma praça, na vizinhança do Museu Yad Vashem. Marcelo Rebelo de Sousa é um dos mais de 40 chefes

PORTUGAL AINDA NÃO FAZ AQUILO QUE PODE E DEVE SER FEITO

de Estados que estarão em Jerusalém. A inauguração coincide com a comemoração dos 75 anos da libertação dos campos de Auschwitz-Birkenau.

Portugal ainda não fez aquilo que pode e deve ser feito para celebrar a memória de um homem que, em nome da liberdade e do humanismo, salvou milhares de vidas e honrou também internacionalmente o nome de Portugal.

Aristides morreu com 69 anos em 1954, vendo-se privado de todos os seus direitos e do reconhecimento do seu sempre inspirador heroísmo. ●

TEXTOS ESCRITOS COM A ANTIGA GRAFIA

Letria, J.J. (2020, abril 5). 80 anos de um ato de heroísmo. *Correio da Manhã*, 40.

**TINTA POR
UMA LINHA**
José Jorge
Letria
ESCRITOR



80 anos de um acto de heroísmo

Em Junho de 1940, o cônsul de Portugal em Bordéus transformou-se, por um consciente acto de desobediência, no herói que, por razões políticas ou civilizacionais, nunca imaginara poder vir a ser. Tinha muitos filhos, um irmão gémeo ministro de Salazar e uma vida social e pessoal estável. Foi banido da carreira diplomática e morreu na miséria, tendo filhos radicados nos Estados Unidos que não voltou a ver. Tornou-se uma figura de referência da História de Portugal, até por ter garantido o acesso à liberdade de cerca de 30 mil refugiados, muitos deles judeus, alguns dos quais permaneceram no nosso país.

TORNOU-SE FIGURA DE REFERÊNCIA DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

O governo português vai comemorar os 80 anos do seu feito heróico. Nessa altura já a pandemia deverá estar controlada, pelo menos nesta fase devastadora. Aristides de Sousa Mendes foi o Schindler que Steven Spielberg não quis consagrar em filme, certamente por razões respeitáveis.

Lembramo-lo nós com a admiração comovida de quem não esquece a sua coragem exemplar que tanto incomoda a extrema-direita portuguesa. Será fundamental o trabalho junto das escolas, pois é aí que o seu exemplo deve deixar marca e orgulho. ●

TEXTOS ESCRITOS COM A ANTIGA GRAFIA

Anexo 187

Parlamento aprova que Aristides de Sousa Mendes fique no Panteão. (2020, junho 10). *Jornal de Notícias*, 12.



Parlamento aprova que Aristides de Sousa Mendes fique no Panteão

HOMENAGEM A Assembleia da República aprovou, ontem, por unanimidade o projeto de resolução da deputada não inscrita Joacine Katar Moreira para homenagear simbolicamente Aristides de Sousa Mendes no Panteão Nacional, através de um túmulo sem corpo. O projeto de resolução (que não tem força de lei) foi aprovado por unanimidade, na sessão plenária de ontem. Essa recomendação tem como objetivo homenagear o antigo cônsul na forma de um túmulo sem corpo, não implicando a habitual transladação para o Panteão Nacional.

ANO XL/Nº 14 969
tiragem média diária em maio 86 120

5 607727 010012 14969

QUINTA-FEIRA 18 JUNHO 2020

ODD TRIUNFAL
"O REGRESSO"
AS MELHORES ODDS

O TEMPO

LISBOA 24° 15°
PORTO 20° 11°
FARO 30° 15°

ISABEL DOS SANTOS VENDER EUROBIC

Isabel dos Santos reforçou ontem que já está a analisar outras propostas para a venda do Eurobic, depois da desistência dos espanhóis do Abanca. O Eurobic anunciou ontem também lucros de cinco milhões de euros até maio.

ÚLTIMA HORA

DÉRBI FC PORTO-BOAVISTA PORTO E GAIA PEDEM ADIAMENTO

Os presidentes das câmaras do Porto e de Gaia pedem o adiamento do jogo FC Porto-Boavista, da próxima jornada do campeonato, agendado para terça-feira, dia 23. Os autarcas temem que a partida a disputar na noite de São João possa ser "um foco de concentração indesejado de adeptos". Rui Moreira e Vitor Rodrigues manifestaram tal preocupação ao Governo, às autoridades de saúde e à Liga de Clubes, com base num parecer da PSP.

REEMBOLSOS DE IRS

FISCO JÁ DEVOLVEU 1868 MILHÕES A 1,8 MILHÕES DE FAMÍLIAS

DIANA RAMOS*

O Fisco já reembolsou 1868 milhões de euros em IRS, de 1,81 milhões de contribuintes, num valor médio de 1051 euros. Contudo, há mais de um milhão de famílias, com vencimentos baixos, que não recebe nem paga imposto sobre os rendimentos. De acordo com o Ministério das Finanças, há 1 091 815 agregados cujo saldo, após a validação pelo Fisco da declaração entregue, é nulo. Desde o início de abril foram entregues 4 748 810 declarações. Deste total, a Autoridade Tributária procedeu à liquidação de 3 584 214 declarações de rendimentos relativas a 2019, tendo apurado que há lugar à devolução de imposto em relação a 2022 861 declarações, no valor de 2124 milhões de euros. Das declarações já processadas, há 469 538 que resultaram em notas de cobrança, no valor de 928 milhões: cada contribuinte terá de pagar em média 1976 euros. Os reembolsos relativos a 2019 começaram a ser processados em 21 de abril, mais tarde do que o observado nos últimos anos, assegurando o Ministério das Finanças que "neste momento se observa um ritmo de execução dos reembolsos similar ao de outros anos". • COM LUSA

BICA CURTA
Manuel S. Fonseca

A dor e a alegria

A História é dor, a verdadeira História é a dor dos gritos. A frase é do prodigioso escritor Raul Brandão. Não sei se o desminta. Afinal, os gritos e a dor bombardeiam-nos todos os dias. Porém, a História da humanidade se avança pela alegria. A nossa alegria, ontem, chamou-se Dexametasona. Porque a nossa alegria está no que nos cura. Neste medicamento que salvará vidas. Há os gritos e a dor que saem da boca da indignação, raiva e protesto. Mas o que nos cura é a alegria que vem da ciência, que vem dos que trabalham com devoção, investigam e protegem. O grito está muito sobrevalorizado. Precisamos de cantar mais vezes a alegria. •

TEXTOS ESCRITOS COM A ANTIGA GRAFIA

PAPA FRANCISCO EVOCA CONSUL PORTUGUÊS

O Papa Francisco evocou Aristides de Sousa Mendes, no Dia da Consciência, efeméride inspirada no antigo cônsul português em Bordéus (França) que na II Guerra Mundial salvou a vida a cerca de 30 mil judeus.

LUANDA LEAKS

BUSCAS NO PORTO, LISBOA E ALGARVE

Uma operação de buscas no âmbito da investigação a Isabel dos Santos decorreu ontem no Porto, Algarve e Lisboa. A casa de Jorge Brito Pereira e a firma Unia Menéndez (advogados) foram visadas, revelou a TVI.

SANTA MARIA DA FEIRA

AMEAÇA MATAR A MULHER À FACADA

A GNR de Santa Maria da Feira deteve um homem de 62 anos que ameaçava de morte a mulher. Recorria a facas de cozinha para atemorizar a vítima. Tinha armas de fogo em casa.

MANUAIS ESCOLARES

RECOLHA NAS ESCOLAS ATÉ 28 DE JULHO

A entrega dos manuais pelos encarregados de educação, nas escolas, será com hora marcada. Serão recolhidos até 28 de julho e a 3 de agosto arranca a emissão de vales para novos manuais.

TOTOLOTO (NOTA: ESTA INFORMAÇÃO NÃO DISPENSA CONSULTA DA LOTOFICIAL)

13	14	38	39	43
NÚMERO DA SORTE 1				

GOLFINHOS EMBARCAÇÃO ARRASTA ANIMAIS PARA A AREIA

MIRA, ENTRE 15 E 20 GOLFINHOS FORAM ONTEM ARRASTADOS POR UMA EMBARCAÇÃO DE ARTE XÁVEGA NA PRAIA DE MIRA, AVEIRO. MORADORES E PESCADORES UNIRAM ESFORÇOS PARA OS DEVOLVER À ÁGUA, MAS UM DOS ANIMAIS ACABARIA POR MORRER.

www.sabado.pt

SÁBADO

O AMOR PROIBIDO DE AMÁLIA

PROIBIDO É NÃO AMAR! NA SÁBADO, SAIBA SOBRE TODOS OS AMORES QUE TEVE A RAINHA DO FADO.

JÁ NAS BANCAS

Anexo 188

Papa Francisco evoca cônsul português. (2020, junho 18). *Correio da Manhã*, 48.



Aristides de Sousa Mendes salvou a vida a Salvador Dalí. (2020, junho 19). *Correio da Manhã*, 40.

LITERATURA

Aristides de Sousa Mendes salvou a vida a Salvador Dalí

■ Mais de meia centena de artistas foram salvos do nazismo por Aristides de Sousa Mendes, cônsul de Portugal em Bordéus em 1940, que emitiu vistos a milhares de pessoas em fuga, revela a investigadora Ana Cristina Luz. 'A Lista de Aristides de Sousa Mendes', agora publicado em livro, conta a his-



Salvador Dalí fugiu para Portugal com a ajuda do cônsul português

tória dos fugitivos que receberam um visto do cônsul para viajarem até Portugal, seguindo depois para outros países, onde prosseguiram as suas carreiras. O pintor catalão Salvador Dalí

e a mulher, Gala, o ator norte-americano Robert Montgomery, o pianista polaco Witold Malcuzyński e a escritora francesa Tereska Torrès são alguns dos que constam da lista. ●

Governo cria programa para lembrar Holocausto

Projeto de educação cívica pretende homenagear vítimas

MEMÓRIA O Conselho de Ministros aprovou ontem o Programa Nacional em torno da Memória do Holocausto, intitulado “Projeto Nunca Esquecer”, que tem o objetivo de homenagear Aristides de Sousa Mendes e outros portugueses que salvaram e protegeram milhares de vítimas.

Este programa terá iniciativas do Estado e da sociedade civil, com dimensões de homenagem “cívica, educação e pedagogia, investigação e divulgação, e preservação patrimonial e museológica”. Estas dimensões serão divididas em quatro eixos: conhecimento, educação, memória e reconhecimento institucional e divulgação.

“O acompanhamento e coordenação da execução do programa será da responsabilidade de uma comissão interministerial composta por elementos de várias áreas governativas”, adianta o Governo.

HOMENAGEM NO PANTEÃO

No início do mês, a Assembleia da República aprovou por unanimidade o projeto de resolução da deputada não inscrita, Joacine Katar Moreira, para homenagear simbolicamente Aristides de Sousa Mendes no Panteão Nacional, através de um túmulo sem corpo. A homenagem não implica a habitual transladação.

Em 1940, o cônsul português em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes, contrariava as ordens de Salazar e começava a emitir vistos de entrada em Portugal aos refugiados que os solicitassem. Estima-se que Sousa Mendes tenha salvado cerca de 30 mil pessoas que apenas tinham a fuga para Portugal como alternativa à prisão e à morte nos campos de concentração nazis. O cônsul faleceu em 1954 e está enterrado em Cabanas do Viriato, distrito de Viseu. ●

Para não esquecer o Holocausto

PROGRAMA O Conselho de Ministros aprovou ontem o Programa Nacional em torno da Memória do Holocausto, intitulado “Projeto Nunca Esquecer”, que tem o objetivo de homenagear Aristides de Sousa Mendes e outros portugueses que ajudaram a salvar e a proteger milhares de vítimas do genocídio.

Letria, J.J. (2020, junho 20). Portugal dá Panteão a Sousa Mendes. *Correio da Manhã*, 38.

**TINTA POR
UMA LINHA**
José Jorge
Letria
ESCRITOR



Portugal dá Panteão a Sousa Mendes

A Assembleia da República fez finalmente justiça ao cônsul Aristides de Sousa Mendes, verdadeiro herói da cidadania e da liberdade, ao votar por unanimidade a trasladação dos seus restos mortais para o Panteão Nacional onde, pelas muitas vidas que salvou e pela firme oposição à vontade de Salazar, tem pleno direito a estar, como algumas vezes defendi nestas crónicas.

Cônsul de Portugal em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes, diplomata de carreira e com um irmão gémeo com responsabilidades políticas na ditadura, soube que a desobediência em nome da liberdade e do direito à vida era

ARISTIDES SOUSA MENDES SALVOU A VIDA A CERCA DE 30 MIL PESSOAS

o único caminho que podia seguir. Foi banido da carreira diplomática e morreu na miséria, com alguns filhos forçados a partir para os Estados Unidos para poderem estudar e viver.

Aristides de Sousa Mendes salvou a vida a cerca de 30 mil pessoas às quais colocou visto no passaporte. Os refugiados vieram para Portugal.

Portugal deve este aplauso e reconhecimento a um homem de princípios que honrou internacionalmente o nome de Portugal e deu, com grande sacrifício pessoal, um excepcional exemplo ao mundo. ●

TEXTOS ESCRITOS COM A ANTIGA GRAFIA

Anexo 193

Ramalho, M.M. (2020, julho 18). Elogio da desobediência. *E | A Revista do Expresso*, 42-47.



Ramalho, M.M. (2020, julho 18). Elogio da desobediência. *E | A Revista do Expresso*, 42-47.



FUGA Paris caiu nas mãos dos alemães, a 14 de junho de 1940, e a suástica foi içada na Torre Eiffel. O pânico e o caos instalaram-se. Uma massa de gente levando consigo tudo o que podia carregar dirigiu-se para sul

Elogio da desobediência

Em junho de 1940, o cônsul português em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes, punha em causa a sua carreira ignorando as ordens recebidas de Lisboa para a concessão de vistos a refugiados. Pagaria demasiado caro esta desobediência. Apesar das dificuldades com que se debateu até ao final da vida nunca se arrependeria da decisão tomada



Madeleine LeBeau foi uma atriz francesa com uma carreira discreta apesar de ter participado em mais de 20 filmes, alguns sob a direção de grandes realizadores. Contudo, mesmo que ninguém se lembre do seu nome, para os amantes de "Casablanca" (1942), o filme mítico de Michael Curtiz, a sua participação nesta película, mesmo que diminuta, é inesquecível. Quem não se lembra do momento em que um grupo de nazis começa a cantar, no Rick's Café, o hino patriótico alemão 'Die Wacht am Rhein', o que leva os franceses presentes, instigados por Victor Laszlo (Paul Henreid), a responderem com a 'Marselhesa'. No final, um grande plano de Madeleine LeBeau (Yvonne), com os olhos rasos de água, clamava "Vive la France! Vive la Démocratie". Uma cena tão forte como a do pianista Sam a tocar, pela primeira vez, 'As Time Goes By' ou a despedida de Humphrey Bogart e Ingrid Bergman antes de esta partir de avião para Lisboa...

E, no entanto, se Aristides de Sousa Mendes não tivesse decidido desobedecer, em junho de 1940, às ordens recebidas do Governo português não seria certamente LeBeau a desempenhar este papel, nem o seu marido, Marcel Dalio a representar o do *croupier* Emil. Como milhares de outras pessoas, Madeleine e Marcel — cujo verdadeiro nome era Israel Moshe Blauschild — terão recebido vistos autorizados por Sousa Mendes.

VOLTANDO UM POUCO ATRÁS

Desde 1938, sobretudo depois da violência da *Kristallnacht* (quando foram destruídas na Alemanha milhares de sinagogas e aprisionados mais de 30 mil judeus) Portugal apertou as malhas de acesso ao país. É possível que essas medidas viessem na sequência do alerta de Veiga Simões, ministro de Portugal em Berlim, que em setembro de 1938, avisava o Governo português que o III Reich se preparava para deixar sair da Alemanha todos os judeus que não quisessem regressar. Segundo o ministro isso poderia provocar uma "invasão em massa de judeus alemães a que as autoridades

portuguesas não possam opor-se senão por medidas especiais".

Com o começo da guerra, em setembro do ano seguinte, as restrições aumentaram. Diga-se, em abono da verdade, que Portugal não foi o único a tentar fechar as suas portas aos refugiados. Todos os países o fizeram, beligerantes ou neutros. Nada que hoje nos surpreenda perante o drama dos refugiados atuais.

A 11 de novembro de 1939, através da Circular 14, os consulados portugueses eram informados que a partir dessa data os cônsules não poderiam, sem autorização prévia de Lisboa, emitir vistos a um largo conjunto de pessoas: russos, judeus, apátridas, portadores de passaportes Nassen (documento de identificação emitido pela Liga das Nações) estrangeiros de nacionalidade indefinida, contestada ou em litígio, aos que não podiam regressar livremente ao país de origem, aos que não tinham meios de subsistência, aos que não tinham vistos definitivos para outros países e/ou sem bilhetes aéreos ou marítimos para um destino final. Ou seja, todos os que, de alguma forma, tinham razões para fugir. No entanto, como nos meses seguintes a guerra parecia ser a brincar, a pressão sobre os consulados não seria demasiado grande. Tanto mais que os judeus fugidos dos seus países se tinham instalado nos países vizinhos. O avanço alemão primeiro sobre a Dinamarca e a Noruega, em abril de 1940, seguindo-se, um mês depois, a invasão do Luxemburgo, Bélgica e Países Baixos lançou o pânico entre os que aí se tinham acolhido aos quais se juntavam agora os judeus belgas, luxemburgueses e holandeses. Milhares de pessoas atravessaram a fronteira acreditando que a França, com a sua Linha Maginot (uma extensa linha de defesa, densamente fortificada que se estendia ao longo da fronteira francesa com a Alemanha),

iria travar a maré vitoriosa germânica. Mas a Alemanha estava imparável. A 14 de junho, Paris caía, e a suástica era içada na Torre Eiffel.

O pânico e o caos instalaram-se. Uma massa de gente, a pé, de bicicleta, de automóvel ou de carroça, levando consigo tudo o que podia carregar, dirigia-se para sul. As estradas tornam-se intransitáveis e são alvo de bombardeamentos do inimigo. As linhas férreas e outros transportes tornam-se escassos e sobrelotados. Bordéus — para onde seguira o Governo francês — era ponto de passagem quase obrigatório para aqueles que queriam chegar à fronteira de Hendaya. Calcula-se que pela cidade do Garonne, onde funcionavam consulados de vários países, terão passado naqueles dias trágicos mais de 50 mil pessoas. Não era contudo fácil sair de França. Era preciso uma autorização de saída (para quem estava em idade militar) e um visto para entrar em Espanha. Este só seria concedido se também tivessem um para Portugal. Para receber o visto português, era necessário ter já um outro para um país definitivo. E todos eles, teriam de estar válidos ao mesmo tempo. Além disso, se não tivessem os seus papéis em ordem ou fossem cidadãos "inimigos", ou seja, de origem alemã ou austríaca arriscavam-se a ser presos e enviados para sinistros campos de internamento.

A medida que os alemães se aproximavam de Bordéus, a cidade começou a ser bombardeada e as comunicações telefónicas e telegráficas tornaram-se difíceis. De início, Sousa Mendes ainda expediria dezenas de telegramas urgentes pedindo autorizações. A resposta era tardia e geralmente negativa. Como tantos outros, o cônsul de Bordéus poderia ter, então, ignorado a catástrofe humana que se desenrolava sob os seus olhos e continuado zelosamente a cumprir as ordens de quem, em Lisboa, no recato do Palácio das Necessidades, não fazia a mínima ideia do que estava a acontecer nem da pressão psicológica que isso significava.

Saber que a sua assinatura poderia ajudar a sair de um pesadelo tantas famílias e não o fazer era um tormento. Depois de alguns dias de indecisão, a sua consciência falou mais alto e desobedeceu. Ainda bem.

Muitos anos mais tarde, numa carta que escreveria, em junho de 1946, ao cardeal Masella explicava a decisão que tomara "só quis cumprir a lei de Deus e seguir a sua consciência, como sempre" (Fundação Aristides Sousa Mendes).

Sabendo que nos consulados dele dependentes (Toulouse e Baiona), a situação não era melhor deu ordens aos respetivos cônsules para fazerem o mesmo. Em Baiona, para onde seguiu, quando os alemães chegaram, continuou o seu trabalho. Só foi parado pelo embaixador Pedro Teotónio Pereira, vindo expressamente de Madrid para o travar e invalidar os seus vistos. Mesmo assim, e antes de regressar definitivamente a Portugal, Sousa Mendes continuaria na rua a visar passaportes

Terão entrado em Portugal com vistos assinados ou autorizados por Aristides de Sousa Mendes entre 10 mil a 15 mil pessoas

Ramalho, M.M. (2020, julho 18). Elogio da desobediência. *E | A Revista do Expresso*, 42-47.



COLEÇÃO ANNA KATHARINA STILLERICH

ou documentos de identificação na esperança de que algumas dessas pessoas pudessem atravessar a fronteira antes de os vistos serem invalidados.

Mas afinal, de quantas pessoas com vistos estamos a falar? Não há, para já, uma resposta linear. A ausência de fontes relacionadas com os movimentos das fronteiras portuguesas para este período não permite um cálculo exato. No entanto, pelo cruzamento de fontes que vem sendo feito, há anos, por investigadores nacionais e estrangeiros, estima-se que terão entrado em Portugal com vistos assinados ou autorizados por ele entre 10 a 15 mil pessoas. Não sendo possível contabilizar os que emitiu na rua, nem os que sob as suas ordens foram passados em Baiona e Toulouse — por não se terem encontrado ainda os livros desses consulados — as primeiras estimativas fizeram-se a partir de outras fontes e, sobretudo, do Livro de Registos do Consulado de Bordéus, à guarda do Arquivo Histórico e Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Por este sabe-se que Sousa Mendes emitiu entre meados de maio (altura em que já passava vistos à revelia) e 22 de junho, 3720 vistos. Sabemos que alguns deles se referem a cidadãos portugueses ou a outros

que poderiam obter esse carimbo de qualquer forma. Porém, basta atentar nos apelidos da esmagadora maioria dos que estão registados para perceber que eram judeus. O cruzamento destes nomes com os registos de unidades hotelarias da região de Lisboa e/ou as fichas da Polícia — guardadas no Arquivo Histórico da Figueira da Foz — permitiu também perceber que, em muitos casos, sendo o passaporte familiar — e havia muitos — esse visto, abrangia, por vezes mais de cinco pessoas.

Foi, por exemplo, o caso da família holandesa Vos, de quatro pessoas, constando apenas com o número 1642 o nome do pai, Elis Vos. Esta família depois de uma passagem por Coimbra, onde seria ajudada pelo empresário Carlos Martha, partiria para os Estados Unidos. Um problema no visto americano impediu-os de entrar nos Estados Unidos e foram recambiados para a Indonésia — então colónia holandesa. Com a ocupação japonesa seriam feitos prisioneiros só se reencontrado no final da guerra.

Também Charlotte e o seu marido Jan Lustig teriam um visto duplo. Este era um escritor judeu de origem austríaca que viria a ser guionista em Hollywood. Trabalhou no guião de vários filmes,

CAOS Sousa Mendes continuaria na rua a visar passaportes ou documentos de identificação na esperança de que algumas dessas pessoas pudessem atravessar a fronteira antes de os vistos serem invalidados

nomeadamente “As Rochas Brancas de Dover”, de 1944. Deixou também uma espécie de diário, publicado em língua alemã com o título “Ein Rosenkranz von Glücksfällen — Protokoll einer Flucht” (“Um Rosário de Acasos Felizes — Diário de uma Fuga”). Deste diário, traduzido para português por Maria José Oliveira, retiramos um excerto que nos dá a noção dos muitos desafios que se colocavam aos que fugiam e também do seu estado de espírito.

22 DE JUNHO

“Hendaye. Milhares e milhares de carros formam uma interminável fila diante do posto da fronteira. Avancam lentamente, passo a passo. Os automóveis mais elegantes são abandonados à beira da estrada; a pé tem-se mais possibilidades de se

passar rapidamente a fronteira. Milhares de pessoas há mais de 36 horas, duas noites à espera dentro dos carros. Encontro o [Marcel] Dalio que chora e, angustiado, limpa constantemente o suor da testa. Não possui qualquer autorização de saída. Uma mulher loura acompanha-o, uma cristã [Madeleine LeBeau]. Adornada de jóias caras. É todo o capital de Dalio. (...) Ainda não estamos a salvo. Passamos muitas horas ali, numa fila enorme diante do gabinete da polícia, onde nos deverá ser entregue a definitiva autorização de saída. Louco nervosismo, desatino dos funcionários, desorganização total — nervosismo sobretudo na multidão. Em qualquer momento a fronteira pode ser encerrada. E os alemães no nosso encalço. (...)

Desde o início da manhã até à noite, lutamos por cada passo que nos aproxime da fronteira. (Falta-nos ainda 500 metros para chegar junto da bandeira espanhola na ponte.) Lutamos há horas por um carro que nos transporte as malas até lá. Em troca de uma soma incrivelmente alta (quase todo o dinheiro que nos resta) encontramos um motorista. Mas a meio do caminho é mandado parar por um francês que por causa de um qualquer documento, não se sabe ao certo qual, lhe “confisca” o carro. Furioso, o motorista atira bem para longe as nossas malas que caem na valeta. E não nos devolve o dinheiro. Atónitos, permanecemos à beira da estrada quase uma hora. Agora é certo que a fronteira será encerrada à noite. Temos de lá chegar antes das nove horas. Na verdade, conseguimos chegar à noite até junto da ponte. Os franceses submetem-nos a uma longa revista ao corpo. Aí assistimos a cenas horríveis entre os fugitivos que abrem caminho à cotovelada a fim de chegarem à ponte antes das nove. Nos últimos raios do sol poente vemos lá adiante a colorida bandeira espanhola, que esvoaça alegre e sedutora, e detrás dela os montes espanhóis. Um quadro verdadeiramente encantador — assim o sentirão muitos. Atravessamos a ponte e caminhamos respirando de alívio, numa atitude de homens livres, pela terra de Franco que hoje representa a nossa salvação — mas, na realidade, é o país da indescritível pobreza, da vergonhosa escrutadura e do louco prazer de matar. (...)”

23 DE JUNHO

“À uma hora da tarde chegamos a Vilar Formoso, a primeira estação portuguesa. Ali todas as portas do comboio são trancadas e ficamos presos. Os portugueses parecem não saber ao certo o que fazer connosco. Entretanto soubemos que o cônsul português em Bordéus, que nos deu o visto, foi demitido. (Esta foi uma das figuras trágicas dos tempos que correm.) Uma semana depois contaram-me o que lhe aconteceu. (...) O homem está agora desempregado e a sua carreira chegou ao fim. Desde o meio-dia até noite alta discutiu-se o nosso destino. As portas do nosso compartimento permaneciam fechadas. (...) Caiu a noite. Não há qualquer luz no comboio. Claro que também nada para comer — e, o que é pior, nada para beber. Acorramos-nos no corredor, uns em cima dos outros, num doloroso adormecimento, mortos de cansaço.

Os franceses, misturados connosco, que pela primeira vez na vida são emigrantes espumam de raiva. Que são pessoas livres, que é um escândalo manterem-nos presos. Coitados! Ainda não percebem o significado da palavra expatriado. Em França tinham achado muito bem que a sua polícia

prendesse velhos e velhas de 65 anos só por terem fugido de Hitler e ficado sem pátria.

Fazem-nos pena; impreparados como estão, o nosso destino comum atinge-os mais profundamente do que a nós. A emigração tem de ser aprendida. No que nos diz respeito esta é a segunda, para alguns já é a terceira ou a quarta...

Enfurecem-se e barafustam na escuridão do comboio, reclamam as leis do direito internacional, como se isso ainda existisse.

Antes do amanhecer deixam-nos inesperadamente sair do comboio. A maior parte de nós deita-se no chão da estação para dormir. A minha mulher e eu dirigimo-nos a uma velha camponesa, que nos arranja uma cama. O casinhoto está surpreendentemente aseado. Com enternecedores napperons de renda. Uma única divisão, um crucifixo enorme no seu interior.

Antes de me deitar pergunto pelo W.C. A senhora, muito séria, pega-me na mão, leva-me para fora da casa, faz um gesto largo e abrangente para a noite escura. Compreendo. O vento tempestuoso uiva em volta.”

Podemos ainda relembrar o que escreveu António Hartwich Nunes, responsável pelo Posto de Turismo de Vilar Formoso, em 1940 e que nos ajuda a ter uma



LIBERDADE Os atores Madeleine LeBeau e Marcel Dalio a bordo do navio português “Quanza”, na sua viagem para os Estados Unidos, em agosto de 1940. Visto com assinatura de Aristides de Sousa Mendes. Jan Lustig, escritor judeu de origem austríaca, também beneficiou juntamente com a mulher, Charlotte, de um visto concedido por Sousa Mendes. Mais tarde viria a ser guionista em Hollywood e trabalhou no guião de vários filmes, nomeadamente “As Rochas Brancas de Dover”, de 1944



ideia do caos que se instalou naquela vila raiana e do número de pessoas que entraram só por essa fronteira. Nesta espécie de diário pode ler-se: “Nos dias 19 a 20 manteve-se aproximadamente este número de 200 e tal por dia, entre comboios e automóveis. (...) e ainda não tinha chegado o momento crítico, os dias de 100 automóveis, e de centenas de passageiros de comboio. Isto era um presságio da avalanche que se aproximava. (...) Trabalhou-se até passadas as quatro horas da manhã. Desembarçamo-nos de uma grande parte dos atrasados, que seguiram destino num comboio especial que partiu quase às 5 horas. No dia seguinte, o reboço começou logo de manhã cedo. Centenas de pessoas empurravam-se, apertavam-se e descompunham-se à porta do Posto [da polícia]. (...) Chegaram comboios. Chegaram automóveis. Na gare não cabia um alfinete. Ao longo do cais estavam sentados os que já não se tinham nas pernas — que eram quase todos. (...) os dias 23 e 24 de junho foram os de maior tormenta. Chegaram à fronteira, nestes dois dias umas 2 mil pessoas, de comboio e de automóvel. (...) os dois ou três dias que se seguiram passaram aproximadamente no mesmo ritmo, com um movimento ligeiramente decrescente. No fim do mês já os refugiados que chegavam seguiam viagem no mesmo dia. (...) A vaga de refugiados diminuía. Era

já uma vaga mansa, mas ainda uma vaga e o trabalho era, ainda denso.”

A “vaga” só desapareceria com encerramento temporário da fronteira de Irun e a anulação dos vistos emitidos por Sousa Mendes.

E pergunta-se, como se pode ter a certeza de que toda esta gente vinha com passaportes assinados pelo cônsul de Bordéus? Afinal, embora numa escala bastante reduzida outros diplomatas contornaram as ordens recebidas. A resposta a esta dúvida é cabalmente esclarecida pelo diretor da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, capitão Agostinho Lourenço. Este seria ouvido enquanto testemunha de acusação no processo disciplinar instaurado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros contra o cônsul “desobediente”. O seu depoimento não deixa margem para dúvidas (“...”) tendo estado em Vilar Formoso durante os últimos dias de junho do corrente ano, a fim de orientar a entrada de refugiados, verificou que a maioria dos estrangeiros que se apresentavam para entrar em Portugal trazia os seus documentos visados pelo nosso consulado de Bordéus (...), que muitos dos vistos foram apostos em documentos que nem sequer passaportes eram: simples papéis de identidade, validados para as autoridades locais, serviram ao senhor cônsul em Bordéus como documento bastante para viajar.” (Arquivo Histórico e Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Processo disciplinar doc. 48.)

Hoje, praticamente toda a gente sabe quem foi Aristides de Sousa Mendes e o que fez. Mas nem sempre foi assim. Afastado compulsivamente da carreira diplomática tornar-se-ia, de certa forma, um “proscrito” tanto mais que esteve impedido, durante alguns anos, de exercer advocacia pelo longo braço de Salazar.

Sem posses e com uma família para alimentar, o ex-cônsul ver-se-ia obrigado a recorrer — enquanto decorria o seu processo disciplinar na capital — à caridade da Comunidade Israelita de Lisboa e da sua Cozinha Económica que funcionava, gratuitamente no Bairro Alto, na Travessa do Noronha.

A 2 de abril de 1941, ainda com dez filhos a seu cargo, escreve a Óscar Carmona uma carta pungente a explicar a situação precária em que se encontrava (“...”) para os meus pesados encargos de família conto apenas com os meus vencimentos [que tinham sido reduzidos para metade], pois não possuo rendimentos particulares apreciáveis nem qualquer espécie de atividade lucrativa. As circunstâncias têm-me obrigado a contrair pesadas dívidas, com hipoteca sobre a minha casa, que, não sendo saldada, acarretarão a perda do lar de família. (...) Ora, como V. Exa. sabe, resulta esta situação gravíssima de eu ter sido afastado do meu cargo por motivo de haver, por pressão invencível das circunstâncias, facilitado a entrada de milhares de fugitivos que procuravam escapar aos horrores da guerra. (...) Apelo em situação extrema, para as altas qualidades de V. Exa., como chefe de Estado, não abandone à completa ruína a família de um funcionário com mais de 30 anos de serviço, que nunca deslustrou o nome português e, pelo contrário, soube sempre merecer a consideração e o respeito, abundantemente comprovados, das autoridades com quem tratou e dos meios sociais com que esteve em contacto, e que apenas procedeu inspirado pelos sentimentos de caridade cristã, de que tanto se orgulha a Nação Portuguesa e que constituem a grande força da sua ação civilizadora no mundo.” (Arquivo Nacional da Torre do Tombo, AOS/CP, 178.)

A acompanhar a carta, um cartão de visita dirigido ao Presidente do Conselho e ministro dos Negócios Estrangeiros, pedindo-lhe autorização para fazer chegar a carta ao Presidente da República. No verso do cartão aproveitava ainda para referir que “os seus vencimentos desde outubro estão por fazer e de que continua impedido de exercer a sua profissão de advogado”.

A suspensão da sua inscrição na Ordem dos Advogados só seria levantada a 13 de outubro de 1944. Quatro anos depois dos acontecimentos de Bordéus!

Porém, em maio do ano seguinte uma hemorragia cerebral deixá-lo-ia hemiplégico do lado direito. Nessas condições, nem a advocacia lhe poderia valer. Em agosto de 1945, já com a guerra terminada, ainda escreveria de novo a Salazar e ao Presidente da República a pedir — à luz dos inúmeros agradecimentos que chegavam do estrangeiro pelo acolhimento dado aos refugiados — que o seu processo fosse revisto. Chegará mesmo a escrever ao embaixador do Brasil em Lisboa e ao cardeal-patriarca para que intercedessem por ele. Em vão. Numa última tentativa envia, em dezembro de 1945, à Assembleia Nacional uma reclamação contra a sua condenação. Obviamente, nada aconteceu.

Três anos depois, a sua mulher Angelina morria com uma hemorragia cerebral. Os seus filhos, também eles “proscritos”, não tiveram futuro no seu país sendo mesmo recusado a Pedro Nuno Sousa Mendes a inscrição na Universidade. Um a um, acabariam todos por emigrar. Alguns, viriam a ser ajudados pela comunidade judaica, outros, pelo Governo belga grato pela atuação de Sousa Mendes. Este não passara só vistos aos membros do Governo belga no exílio mas a centenas de cidadãos desse país tendo mesmo acolhido em sua casa, durante semanas a família Vleeschauwer.

Incapacitado de trabalhar e usufruindo de uma modesta pensão do Estado, Sousa Mendes ver-se-ia obrigado, em janeiro de 1953, a vender o recheio da sua casa. A sua vida, porém estava a chegar ao fim. Morreria no dia 3 de abril de 1954 no Hospital de Ordem Terceira. Salazar enviaria um telegrama de condolências, seguramente não sentidas, ao seu irmão gêmeo, o embaixador César Sousa Mendes.

Quatro anos depois, para saldar as dívidas que ainda estavam pendentes, a Casa do Passal era vendida em hasta pública e iniciava-se o seu processo de degradação só muito recentemente travado.

**Só em 1978
Aristides
de Sousa
Mendes foi,
postumamente,
reintegrado
na carreira
com o posto
de embaixador**

Com a morte do antigo cônsul o assunto parecia ter chegado ao fim. Mas não chegara.

Os filhos, Sebastião, João Paulo e principalmente Joana nunca desistiram de reabilitar o nome do pai. Em 1961, o Yad Vashem, o Instituto Internacional para a Memória da Shoah, plantava, em sua homenagem 20 árvores, e seis anos depois atribuiu-lhe a medalha de ouro dos Justos entre as Nações. Em agosto de 1968, Joana enviava ao Ministério dos Negócios Estrangeiros um conjunto de cartas de pessoas salvas pelo seu pai pedindo a sua reabilitação. Nunca teve resposta. Em janeiro de 1970, ainda escreveu ao Presidente Américo Tomás e o resultado foi idêntico. Silêncio absoluto. A 9 de abril desse ano, pela primeira vez, aparecia na imprensa portuguesa (“O Debate”) um artigo sobre o cônsul de Bordéus e pedia a sua reabilitação. Mas ainda não tinha chegado a hora.

A Revolução dos Cravos não alterou muito este estado de coisas. Afinal, dentro do próprio MNE muitas eram as vozes que não aceitavam que uma desobediência fosse premiada. Joana Sousa Mendes, no entanto, não desiste e volta a pedir a reanálise do processo. Na sequência desta carta, o ministro Melo Antunes pede uma investigação sobre o caso. Em 1976, o diplomata Bessa Lopes propõe a reintegração e reclassificação de Aristides de Sousa Mendes. Apesar disso, tudo ficou na mesma. Três anos depois, é apresentado a Mário Soares, então ministro dos Negócios Estrangeiros, a conclusão do processo que voltava a aconselhar a reabilitação. Seria preciso, porém, um empurrão internacional para que o assunto se resolvesse.

Em junho de 1986 é levada a cabo nos Estados Unidos uma homenagem organizada pelo democrata lusodescendente Tony Coelho na Câmara dos Representantes. Dois meses depois, o Congresso norte-americano enviava ao Presidente Mário Soares o pedido da reabilitação do diplomata.

Finalmente, em maio de 1987, na embaixada portuguesa de Washington, Mário Soares atribuiu a Aristides de Sousa Mendes a Ordem da Liberdade. No ano seguinte, o deputado Jaime Gama propunha na Assembleia da República o projeto de Lei da sua reabilitação. Seria aprovado por unanimidade. Sousa Mendes era, postumamente, reintegrado na carreira com o posto de embaixador.

Este ano completam-se 80 anos sobre a ação de Aristides de Sousa Mendes e a chegada de milhares de refugiados a Portugal. Infelizmente, a pandemia de covid-19 não permitiu que as iniciativas previstas para estas comemorações tivessem lugar.

O Papa Francisco reconheceu o dia 17 de junho — data em que o diplomata português começou a emitir vistos indiscriminadamente — como o Dia da Consciência, lembrando na sua audiência geral o exemplo inspirador de Sousa Mendes. Este reconhecimento do Vaticano ficou a dever-se aos esforços contínuos de João Crisóstomo, um português residente em Nova Iorque, que desde há muito trabalha em prole de inúmeras causas humanitárias.

Na introdução do catálogo da exposição “Portugal et Luxembourg, pays d’espoir en temps de détresse”, aberta até setembro em Neimenster (Luxemburgo), Claude Marx, um dos comissários escreve: “Ao conceito, tão caro a Hannah Arendt, da banalidade do mal, pode contrapor-se a nobre banalidade do bem.” E foi isso que Aristides de Sousa Mendes fez. ●

e@expresso.impreso.pt

Honrar Aristides e os outros



por **Augusto Santos Silva**
Ministro dos Negócios Estrangeiros

Aristides de Sousa Mendes nasceu há 135 anos, a 19 de julho de 1885. Foi uma figura maior do século XX português. Em junho de 1940, sendo cônsul em Bordéus, decidiu passar vistos a todos quantos lhe pediam, assim salvando milhares de pessoas, na maioria judeus, que fugiam da ocupação nazi de França. Fê-lo contra as ordens expressas de Salazar e pagou por isso: expulso da carreira, morreu na miséria. Só anos depois do 25 de Abril foi positivamente reintegrado e condecorado, por Mário Soares, com a Ordem da Liberdade. O seu gesto demonstrou que, quando a instrução recebida põe em perigo a vida e a dignidade humana, termina o dever de obediência. Aristides não se escondeu atrás dos deveres de funcionário, não fingiu ser apenas executor de decisões alheias. Afirmou a sua liberdade de agir de acordo com o que julgava corretamente ser uma consciência ética e universal. Entre submeter-se a Salazar e salvar vidas, escolheu salvar vidas. Por isso, é justo entre as nações; e o seu comportamento inspirou, como recentemente lembrou o Papa Francisco, a declaração do 17 de junho como Dia da Consciência.

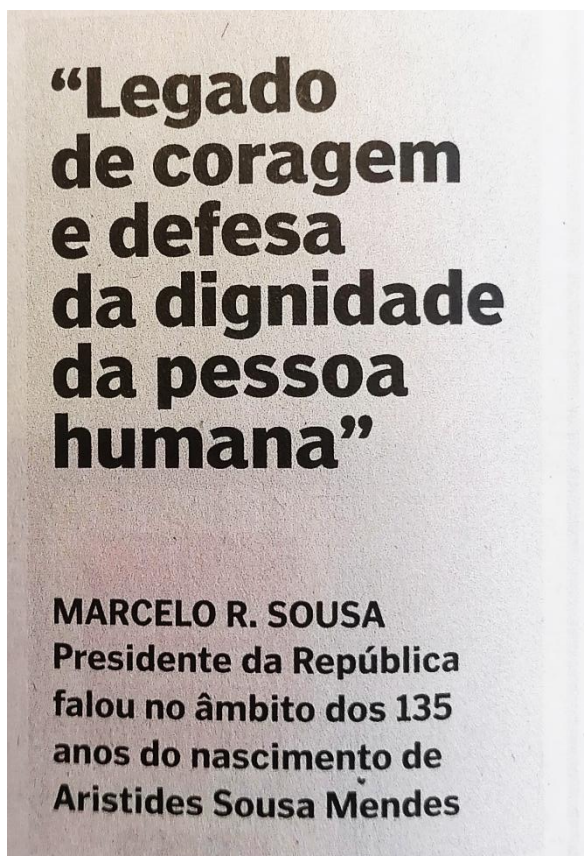
Aristides é, hoje, bem conhecido. Mas outros portugueses que salvaram vítimas da perseguição nazi, livrando-as da prisão, da tortura ou da morte, são ainda ignorados pela generalidade dos portugueses. É o caso de Sampaio Garrido, Teixeira Branquinho, Joaquim Carreira e Brito Mendes; e outros haverá. Não podemos deixá-los no esquecimento. Temos de estudar e divulgar o que fizeram e homenageá-los por isso.

O país também desconhece as vítimas portuguesas do universo concentracionário nazi: as centenas de internados em campos de concentração, de trabalhos forçados ou de prisioneiros de guerra. Também precisamos de resgatar a sua memória e honrá-los.

Lembrar o horror do Holocausto, lembrar as suas vítimas e lembrar os salvadores que impediram outras vítimas, é não só um dever cívico como também uma pedagogia contra qualquer forma de opressão e discriminação. Convido os leitores a acompanhar o trabalho da comissão que, sob a liderança da Dr.^a Marta Santos Pais, desenvolverá, até ao fim de 2021, o programa Nunca Esquecer, em torno da memória do Holocausto. Nunca esquecer, para nunca mais repetir.

Anexo 195

“Legado de coragem e defesa da dignidade da pessoa humana”. (2020, julho 20). *Destak*, 4.



Marcelo evoca legado “de coragem”. (2020, julho 20). *Correio da Manhã*, 27.

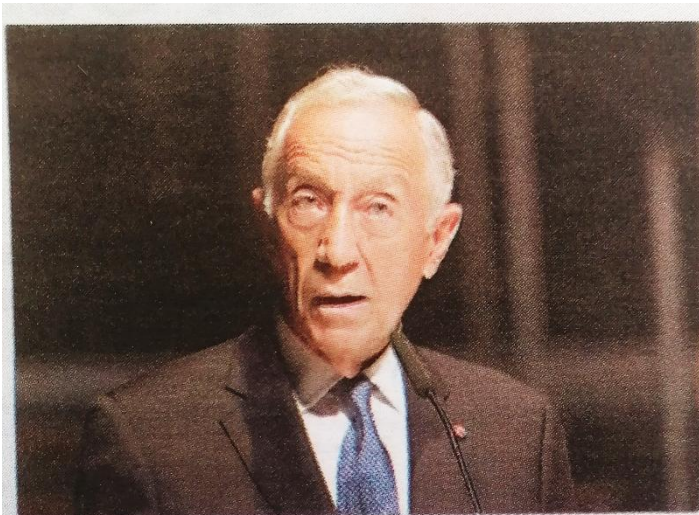
ARISTIDES DE SOUSA MENDES

Marcelo evoca legado “de coragem”

■ O Presidente da República evocou ontem o “legado de coragem e defesa da dignidade da pessoa humana” de Aristides de Sousa Mendes, no dia em que se assinalaram 135 anos do nascimento do cônsul que ajudou refugiados judeus durante a Segunda Guerra Mundial. “Recordar a memória de um português que preferiu estar com Deus contra os homens do que com os homens contra Deus, é também dar público testemunho da gratidão”, referiu Marcelo Rebelo de Sousa numa nota. ●

Anexo 197

Marcelo evoca legado de coragem de Aristides Sousa Mendes. (2020, julho 20). *Jornal de Notícias*, 11.



Marcelo evoca legado de coragem de Aristides Sousa Mendes

ANIVERSÁRIO O presidente da República evocou ontem o “legado de coragem e defesa da dignidade da pessoa humana” de Aristides Sousa Mendes, no dia em que se assinalaram 135 anos do seu nascimento. Em nota publicada no site da Presidência, Marcelo Rebelo de Sousa explicou que ao recordar a memória, “é também dar público testemunho da gratidão, enquanto compatriotas, pelo seu legado”. E lembrou que a recente evocação do Papa ao antigo cônsul português sublinha a importância da fidelidade aos valores “representa e defendeu”.

Anexo 198

Santos, V. (2020, agosto 7). Lembrar Aristides Sousa Mendes. *Correio da Manhã*, 18.

LEMBRAR ARISTIDES SOUSA MENDES

Passam 135 anos do nascimento de Aristides Sousa Mendes, uma figura maior do século XX português. Foi um Homem bom, corajoso, que salvou milhares de judeus das câmaras de gás nazis. Fê-lo contra ordens expressas do fascista Salazar, tendo sido expulso da carreira diplomática. O 25 de Abril também serviu para lhe reabilitar a honra.

VÍTOR SANTOS S. JOÃO LAMPAS

Davim, M. (2020, outubro 8). Covid atrasa Panteão. *Sábado*, 18.

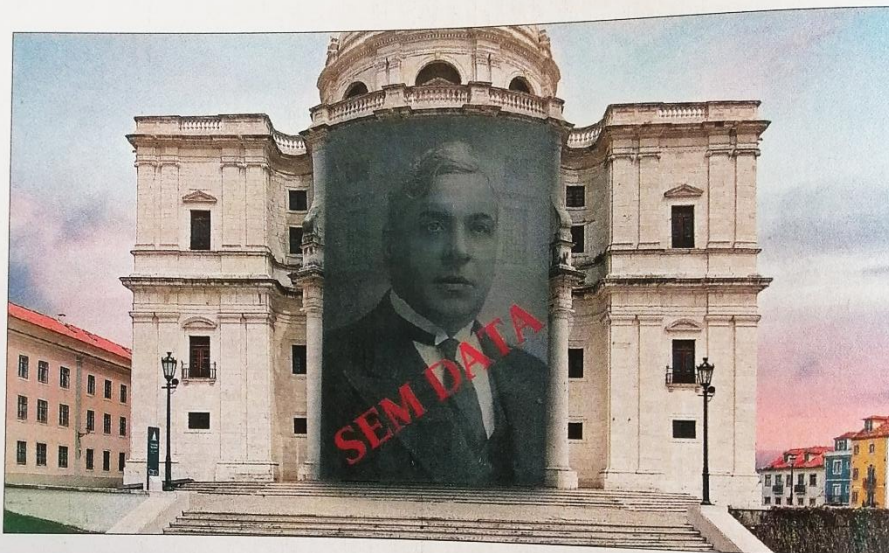
A HOMENAGEM

PARLAMENTO. FAMÍLIA DO EX-CÔNSUL ESTÁ À ESPERA

Covid atrasa Panteão

Pandemia e calendário político empatam cerimónia de reconhecimento a Aristides de Sousa Mendes aprovada em julho. Ferro Rodrigues diz que não há urgência. Chega não integra grupo de trabalho do evento.

Por Margarida Davim



Como fazer uma homenagem no Panteão Nacional em plena pandemia? A resposta é difícil e pode atrasar o evento para dar as honras de Panteão que o parlamento aprovou atribuir a Aristides de Sousa Mendes, o cônsul português que salvou milhares de judeus na Segunda Guerra Mundial. O presidente da Assembleia da República, Ferro Rodrigues, já pediu aos partidos que “refletissem sobre o *timing* desta homenagem”, tendo em conta “a crise pandémica”, mas também “o calendário parlamentar e político”, que inclui orçamento, presidenciais e a posse do Chefe do Estado nos próximos meses.

Em reunião com os líderes parlamentares, Ferro frisou que a pandemia pode ter “sérias implicações no dese-

enho e no formato da homenagem”. E esse trabalho mal começou. A diretora do Panteão Nacional, Isabel Melo, explica que até agora houve apenas uma “muito preliminar” visita ao espaço feita pelo gabinete de Ferro e que “não há nada definido” — nem calendário.

Corpo não será trasladado

Ferro Rodrigues disse, aliás, aos deputados que “o parlamento não está vinculado a nenhuma urgência” para cumprir a deliberação de 24 de julho. Mas enviou um *email* no dia 25 a pedir a todos os grupos parlamentares e deputados não inscritos que indiquem um nome para fazer parte do grupo de trabalho para organizar o evento. Ao que a **SÁBADO** apurou, só o Chega decidiu ficar de fora. Fonte oficial do par-

tido justifica-o com a “impossibilidade de agenda” do deputado único.

Está previsto que o grupo de trabalho integre dois membros da família do diplomata, o que ainda não aconteceu. “Vamos aguardar”, diz à **SÁBADO** António de Sousa Mendes, um dos netos de Aristides, que defende que “o mais importante” foi a decisão tomada “por unanimidade, embora sem o Chega na sala” para honrar a memória do avô.

O corpo de Aristides de Sousa Mendes não irá para o Panteão. “Não há uma trasladação. É simbólico”, explica o neto. Aristides continuará no jazigo de família em Cabanas de Viriato. A família está, por enquanto, na expectativa. É que já houve outra iniciativa parlamentar, em 1988, que ficou na gaveta vários anos. ■

Vitória, A. (2020, dezembro 17). Casa do Passal conhece modelo de gestão no verão. *Jornal de Notícias*, 34.



Casa do Passal conhece modelo de gestão no verão

Protocolo Três entidades assinam compromisso para museu na residência de Aristides de Sousa Mendes

Ana Vitória
anavito@jn.pt

MUSEU A parceria entre três entidades e o investimento de 300 mil euros por parte do Ministério da Cultura vão ajudar a estabelecer os princípios que deverão nortear a futura gestão do museu a instalar na Casa do Passal, residência de Aristides de Sousa Mendes (1885-1954). Ao conceder vistos de entrada em Portugal a

milhares de indivíduos, o diplomata português salvou-os da morte que não poupou mais de 20 milhões de pessoas durante a II Guerra Mundial.

"Precisamos de nunca esquecer que o passado nos serve de guião para o futuro", enfatizou, ao JN, a ministra da Cultura, Graça Fonseca, na véspera de assinar o protocolo que envolve a tutela, através da Direção Regional da Cultura do

Centro, o Município do Carregal do Sal e a Fundação Aristides Sousa Mendes.

"O museu será uma forma de dar a conhecer às novas gerações que, por exemplo, a liberdade de circulação, que hoje temos como garantida, é uma realidade que nem sempre existiu".

Depois de alguns avanços e recuos, que remontam ao ano de 2017, o projeto de requalificação e musealização da Casa do Passal, em Caba-

BIOGRAFIA

Salvou milhares e morreu na miséria

Aristides de Sousa Mendes nasceu em Cabanas de Viriato, concelho de Carregal do Sal, a 19 de julho de 1885. No início da Segunda Guerra Mundial (1939/45), mais precisamente a partir de 1940, Sousa Mendes desempenhava as funções de cônsul em Bordéus, tendo concedido cerca de 30 mil vistos para salvar a vida de refugiados do nazismo, a maioria judeus, contra as ordens expressas do então regime fascista português, liderado por António Oliveira Salazar. Obrigado a voltar a Portugal, Sousa Mendes foi demitido do cargo e ficou na miséria, com a sua numerosa família. Morreu na pobreza no dia 3 de abril de 1954, no Hospital dos Franciscanos, em Lisboa.

nas de Viriato – o imóvel foi classificado, em 2011, como Monumento Nacional –, conhece agora novo impulso graças ao protocolo que será assinado hoje.

Este equipamento cultural, cujas obras de requalificação foram assumidas em maio pela Autarquia de Carregal do Sal, será um dos eixos estruturais do projeto "Nunca Esquecer – Programa Nacional em Torno da Memória do Holocausto", que decorre da resolução do Conselho de Ministro de 20 de junho passado.

SEIS MESES PARA O PLANO

Este protocolo, precisou Graça Fonseca, "estabelece os princípios de parceria a desenvolver entre os signatários para a definição do modelo de gestão e manutenção da Casa do Passal. As regras estabelecidas entrarão em vigor depois da finalização das obras de requalificação e musealização".

Neste sentido, será constituída uma comissão de acompanhamento composta por um representante de cada um dos signatários do documento. A partir de hoje, e por um prazo máximo de seis meses, caberá a

esta comissão a responsabilidade de traçar esse plano e modelo de gestão. Ou seja, deverá ser conhecido em junho do próximo ano.

"Com este passo há um conjunto de compromissos que vão ser assumidos e que estão relacionados com a garantia de abertura ao público do futuro museu", referiu a responsável do Governo. Em causa estão, também, "projetos de estudo e investigação sobre o legado de Aristides Sousa Mendes, cooperação científica com outros museus e organismos vocacionados para a investigação, um plano de edições e outro de atividades educativas destinadas ao público escolar".

Para Graça Fonseca, o objetivo passa por "construir uma plataforma entre parceiros públicos e privados que, com recurso à nova lei do mecenato, contribua para a dinamização e divulgação da iniciativa "Nunca Esquecer". Por isso, assegurou a ministra, "o protocolo que viabiliza o financiamento é apenas um primeiro passo". O Governo, disse, "através de vários ministérios, continuará a ser parceiro futuro neste projeto".

Vitória, A. (2020, dezembro 17). Salvou milhares e morreu na miséria. *Jornal de Notícias*, 34.

BIOGRAFIA

Salvou milhares e morreu na miséria

Aristides de Sousa Mendes nasceu em Cabanas de Viriato, concelho de Carregal do Sal, a 19 de julho de 1885. No início da Segunda Guerra Mundial (1939/45), mais precisamente a partir de 1940, Sousa Mendes desempenhava as funções de cônsul em Bordéus, tendo concedido cerca de 30 mil vistos para salvar a vida de refugiados do nazismo, a maioria judeus, contra as ordens expressas do então regime fascista português, liderado por António Oliveira Salazar. Obrigado a voltar a Portugal, Sousa Mendes foi demitido do cargo e ficou na miséria, com a sua numerosa família. Morreu na pobreza no dia 3 de abril de 1954, no Hospital dos Franciscanos, em Lisboa.

Pincha, J. P. (2021, fevereiro 2). Monumento a Aristides em Alfama ainda não é assunto encerrado. *Público*, 18.

18 • Público • Terça-feira, 2 de Fevereiro de 2021

Local Há divergências sobre o local onde deve ficar a homenagem

Monumento a Aristides em Alfama ainda não é assunto encerrado

Câmara de Lisboa aprovou criação de homenagem ao cônsul no sítio onde era para ter sido o Museu Judaico, mas há propostas para que seja na Tapada das Necessidades, na zona portuária ou no Rato

João Pedro Pincha

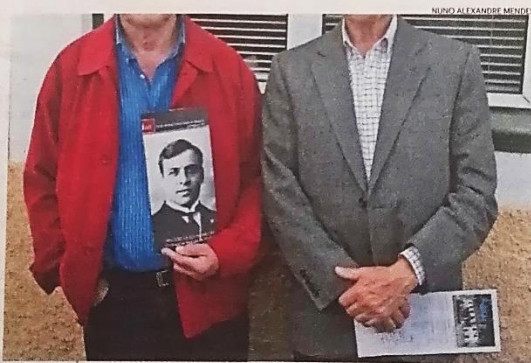
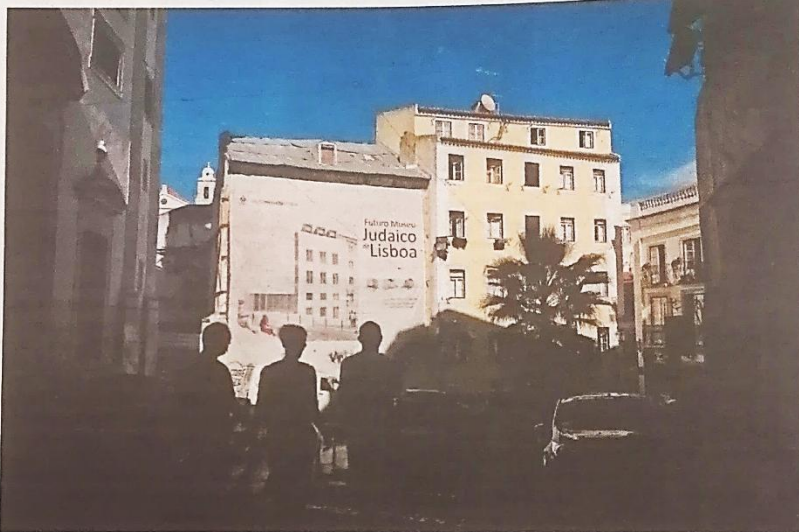
Que em Lisboa deve ser criado um monumento de homenagem ao cônsul Aristides de Sousa Mendes é já uma ideia relativamente consensual, mas a discussão sobre o local e a forma ainda mal começou. Embora a câmara tenha escolhido (e votado) um quarteirão em Alfama, várias vozes vêm agora questionar a opção e sugerir alternativas.

António Pedro de Sousa Mendes, neto de Aristides, receia pela "visibilidade" do monumento, enquanto o arquitecto Luís Monteiro, que propôs a homenagem no Orçamento Participativo de 2019, afirma que nada une Aristides a Alfama. Por outro lado, a junta de freguesia local e a Associação do Património e População de Alfama (APPA) dizem que no local escolhido pela câmara devia ser construída habitação.

A decisão camarária de homenagear o cônsul português em Bordéus que salvou milhares de pessoas durante a Segunda Guerra Mundial foi tomada logo a seguir à de construir o Museu Judaico em Pedrouços e não em Alfama, no Largo de São Miguel, como estava inicialmente planeado. "A ideia é fazer uma requalificação integral do espaço público do Largo de São Miguel e instalar ali um memorial ao povo judaico, com particular enfoque no cônsul Aristides de Sousa Mendes", explicou a vereadora da Cultura, Catarina Vaz Pinto, em meados de Dezembro.

A proposta foi votada em câmara a 23 de Dezembro e prevê "a criação de uma zona verde e um memorial ao povo judaico e a Aristides de Sousa Mendes" no local para onde estava previsto o Museu Judaico. "Nesta zona da cidade existiu desde a época medieval a conhecida Judiaria de Alfama, onde viveu uma das maiores comunidades judaicas portuguesas", explica a autarquia. No que a Aristides diz respeito, "várias homenagens, nacionais e internacionais, lhe têm sido prestadas, a título póstumo", mas Lisboa, "cidade onde viria a falecer em 3 de Abril de 1954, ainda não concretizou a expressão do devido reconhecimento e memória para gerações futuras", justifica o gabinete de Vaz Pinto.

O neto António Pedro, que até recentemente integrou a administração da Fundação Aristides de Sousa Mendes, teme que em Alfama se per-



É para o Largo de São Miguel, para onde se pensou o Museu Judaico, que está previsto o monumento a Aristides Sousa Mendes

A homenagem a Aristides "não pode ser um penso rápido para resolver polémicas urbanísticas"

ca "a universalidade que é central na memória de Aristides", sublinhando que o avô não salvou apenas a vida a judeus que fugiam ao regime nazi. "Qualquer sítio é interessante, mas podia ter um pouco mais de visibilidade. Em Alfama fica escondido."

António Mendes gosta da sugestão dada por Luís Azevedo Monteiro, que apresentou uma proposta de homenagem a Aristides no Orçamento Participativo que reuniu 1953 votos. A sua ideia é que o monumento tenha o formato da assinatura do cônsul, a mesma que garantiu os vistos de entrada em Portugal acerca de 30 mil

pessoas. "Isto precisa de um certo espaço para ser visto, se não fica completamente diminuído", considera. "A assinatura tem uma importância enorme, foi reconhecida como Memória do Mundo pela UNESCO. E não conheço nenhuma assinatura que tenha tomado a forma de um monumento urbano", afirma.

A câmara não esclareceu se pretende levar adiante a ideia de Luís Monteiro ou se vai escolher outro projecto para o local. "Acho pouco elegante esta atitude da câmara, que tomou uma decisão unilateral sem falar com as pessoas", opina o arquitecto. Para ele, não existe relação entre Aristides e Alfama que justifique que a homenagem se situe naquele bairro. E sugere outros. "Um dos sítios que é quase óbvio é a zona portuária", diz Luís Monteiro. O Porto de Lisboa foi ponto de partida para muitos que procuraram refugiar-se na América.

A Tapada das Necessidades, ao lado do Ministério dos Negócios Estrangeiros e com "uma zona verde relativamente generosa", é outra opção que o arquitecto encara com bons olhos. António Sousa Mendes, pelo contrário, encontra-lhe o mesmo problema de falta de visibilidade que vê na solução Alfama. Entretanto, o Fórum Cidadania Lx lançou uma petição para que o monumento

seja antes construído no Largo do Rato, no lote para onde está previsto há anos um polémico edifício pejorativamente conhecido como "mondo do Rato". A ideia de ali se fazer um jardim já tinha sido lançada pelo PSD em 2018. Luís Monteiro prefere não se pronunciar sobre essa opção, mas constata que "ali há uma sinagoga".

E as casas?

A mudança do Museu Judaico para Pedrouços deveu-se à oposição da APPA, que interpsôs uma acção judicial contra o projecto por considerar que a sua arquitectura não se adequava ao bairro. A providência cautelar foi rejeitada em primeira instância, mas aceite em recurso e no Supremo Tribunal Administrativo. Os juizes do Tribunal Central Administrativo do Sul acusaram mesmo a câmara de ter violado as regras urbanísticas que ela própria definira para Alfama ao autorizar a demolição dos edifícios que existiam no Largo de São Miguel.

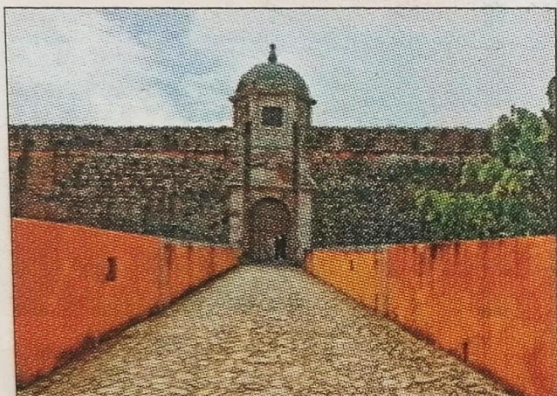
Com esta decisão, a APPA e a câmara põem fim à acção judicial em curso. E, no Largo de Alfama, há agora um buraco para resolver. Luís Monteiro comenta que a homenagem a Aristides "não pode decorrer de uma espécie de penso rápido municipal para resolver polémicas urbanísticas pontuais".

A APPA, por seu turno, não desistiu de que naquele sítio sejam construídas casas e lembra a petição que reuniu 1200 assinaturas com esse objectivo. Na proposta levada a votos por Fernando Medina e Vaz Pinto, os considerandos são extensos e não só falam da importância histórica de Aristides como também das políticas de habitação do município, argumentando-se aí que em breve estarão disponíveis 34 fogos para habitar em Alfama. O PCP tentou que a proposta contemplasse casas, mas a sugestão foi chumbada.

"A junta revê-se numa solução habitacional para ali e também se revê numa homenagem a Aristides", afirma Miguel Coelho, autarca de Santa Maria Maior, que engloba Alfama. Lembrando que este é "um bairro com tradições de luta contra a ditadura", o presidente da junta não vê que os dois objectivos sejam incompatíveis. "Agora é um trabalho para urbanistas e arquitectos." A proposta aprovada em câmara promete uma discussão sobre o tema.

Anexo 203

Exposição de Aristides em Peniche. (2021, abril 21). *Correio da Manhã*, 2.



EXPOSIÇÃO DE ARISTIDES EM PENICHE

O Museu Nacional da Resistência e Liberdade, na Fortaleza de Peniche, abre ao público na 3.^a feira, dia 27, a primeira exposição internacional, dedicada a Aristides de Sousa Mendes - parceria entre a Direção-Geral do Património Cultural, a Fundação Sousa Mendes, Nova Iorque, e o Comité Sousa Mendes, Bordéus.

Museu da Resistência e Liberdade mostra Aristides. (2021, abril 21). *Jornal de Notícias*, 30.

Museu da Resistência e Liberdade mostra Aristides

HISTÓRIA O Museu Nacional da Resistência e da Liberdade, na Fortaleza de Peniche, abre ao público na terça-feira a sua primeira exposição internacional, dedicada a Aristides de Sousa Mendes, anunciou a Direção-Geral do Património Cultural.

Intitulada “Candelabro – Aristides de Sousa Mendes: o exílio da vida”, a exposição é aberta ao público no dia 27, data simbólica da

libertação, em 1974, dos presos políticos da antiga cadeia de Peniche.

Da exposição faz parte uma videoescultura, obra contemporânea de grande porte que interpreta o dilema de Aristides de Sousa Mendes nos dias anteriores à decisão que salvaria milhares de vidas do terror nazi. A peça é de Werner Klotz, artista residente em Berlim que se tem notabilizado no domínio da arte pública. ●



Jornal de Notícias
12 de junho de 2021
jn.pt

EUROMILHÕES 47/2021

9 17 21 33 39 7 11

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial

MILHÃO

Q Z X 1 4 0 7 5

ASSINATURAS
21 924 9999
Das 7 às 18 horas,
dias úteis.



06951
5 605290 176197

ULTIMAS

Restauração pede apoios

COVID A Associação PRO.VAR pediu ao Governo mais apoios para o setor que incluíam os estabelecimentos com mais de 40% de quebra na faturação, alterações nas taxas do IVA e a reestruturação das linhas de crédito Covid-19, numa sessão que decorreu ontem no Algarve.

Autoeuropa para produção

PALMELA A Autoeuropa vai suspender a produção entre 18 e 27 de junho devido à falta de "componentes críticos", mas a atividade de prensa mantém-se, comunicou a empresa aos trabalhadores. Em causa está a escassez de semicondutores que está a afetar várias atividades.

Carrinha arde na VCI

PORTO Uma carrinha ardeu quase por completo na Via de Cintura Interna, no sentido Freixo/Arrábida, antes da saída para Campanhã, e condicionou o trânsito ontem à tarde. De acordo com fonte dos Bombeiros Sapadores de Gaia, não se registaram quaisquer feridos.

SOBE E DESCE



Jorge Fonseca
Judoca

O atleta português repetiu o feito de 2019 e sagrou-se campeão do Mundo de judo. Já tem 13 medalhas no currículo.



Hermano Ruivo
Vereador português em Paris

Por sua proposta, o nome de Aristides Sousa Mendes vai ser eternizado em França num espaço público na cidade de Paris.



Vladimir Putin
Presidente da Rússia

O Kremlin vai fornecer um satélite sofisticado ao Irão, melhorando a capacidade de espionagem da república islâmica.

BANDEIRA DE CANTO

UM AVANÇADO FOI SUSPENSO POR TRÊS MESES NA ALEMANHA POR JOGAR HA DOIS ANOS COM UMA IDENTIDADE FALSA.



GRANDE COISA... EU JOGO HA ANOS COM 20 IDENTIDADES FALSAS E TODA A GENTE PARECE ACHAR NORMAL. EM QUE CLUBE?!



FACEBOOK.



PCR José Bandeira

MAU TEMPO

A tempestade que se abateu sobre o Norte do país causou transtornos em diversas localidades. Em Braga, os bombeiros registaram a queda de cinco árvores, uma das quais provocou danos avultados num carro estacionado na freguesia de São Vitor.

No Porto, a circulação do metro esteve interrompida alguns minutos, devido à falta de luz, enquanto em Vila Real se registaram inundações e quedas de árvores, tal como em Armamar, no distrito de Viseu. A circulação na Estrada Nacional 222, entre a Barragem de Bagaúste e Folgosa, foi mesmo interrompida.



ANASSA PEREIRA

Participação nas diretas do PS supera expetativas

Comissão Organizadora do Congresso socialista fala em 80 mil votantes

POLÍTICA A Comissão Organizadora do Congresso (COC) do PS considerou que a taxa de participação, através de voto eletrónico, nas eleições diretas do líder socialista, "superou todas as expectativas", embora os resultados só sejam divulgados dia 19. De acordo com a COC, cerca de 80 mil socialistas

podiam votar na escolha do secretário-geral do PS – disputadas entre o atual líder, António Costa, e o dirigente Daniel Adrião – e ainda poderão fazê-lo de forma presencial, nos próximos dias 18 e 19, nas federações socialistas.

No entanto, este número de 80 mil eleitores, que foi fornecido à agência Lusa pela COC, é contestado por alguns responsáveis socialistas, que contrapõem um número máximo de 62 mil.

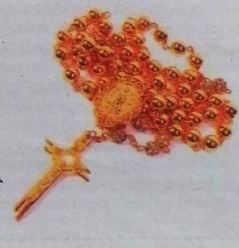
Investimentos no Porto abrangem a região Norte

FUNDOS A Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDR-N) esclareceu que parte dos investimentos contabilizados no conselho do Porto, no âmbito dos fundos do Portugal 2020, "possui uma área de influência que abrange a região Norte". O Expresso noticiou que "só o conselho do Porto viu aprovados 1 406 milhões de euros de fundos europeus do Portugal 2020" e a Área Metropolitana do Porto "4 179 milhões".

Conselho de Administração: Marco Galinha (Presidente), Domingos de Andrade, Guilherme Pinheiro, António Saraiva, Inês Cardoso, João Pedro Rodrigues, José Pedro Soeiro, Kevin Ho, Philippe Yip, Rosália Amorim, Rui Moura Secretário-geral: Afonso Camões Data Protection Officer: António Santos Propriedade: Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 28 571 441,25 euros. NIPC: 502535369. Sede: Rua Gonçalves Cristóvão, 195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Filial: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 Marketing e Comunicação: Carla Ascensão e Patrícia Lourenço Direção Comercial: Frederico Almeida Dias e Pedro Veiga Fernandes Detentores de 5% ou mais do capital social: KNU Global Holding Limited – 35,25%, Páginas Civildades, Lda – 29,75%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 24,5%, Grandes Notícias, Lda – 10,5% Estatuto Editorial: https://www.jn.pt/estatuto-editorial.html Impressão: Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia); Grafica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelenas – 2715-029 Póvoa do Varzim) Distribuição VASP. Registrado na ERC com o n.º 104341. Depósito legal 121 052/98 Edição Norte: Depósito legal: ISSN nº 0870-2020 Edição Sul: Depósito legal: 383340/14 ISSN nº 0874-1352 Assinaturas 219 249 999 Dias úteis, das 08h00 às 18h00. Fax: 229 417 679. E-mail: apoiocliente@noticiasdirect.pt SMS+MMS: 969 840 084 | EMAIL: leitor@jn.pt TELEFONES: 222 096 100/213 187 500 FAX: 222 096 140



Nas bancas,
este domingo,
TERÇO
DA MISERICÓRDIA
por apenas + 3,95€.



OFERTA DE PAGELA E BOLSA INDIVIDUAL COM CADA TERÇO.

Para qualquer esclarecimento: apoiocliente@noticiasdirect.pt
Linha de apoio: 707 200 508.

Dias úteis, das 7h00 às 18h00. Custo da chamada da rede fixa 0,10€/minuto e da rede móvel 0,25€/minuto, sendo ambas taxadas ao segundo após o 1.º minuto. Valores sujeitos a IVA.

Coleção composta por 12 terços + caixa arquivadora. Terços distribuídos em bancas aos domingos, de 28 de março a 13 de junho de 2021, pelo PVP unitário de 3,95€ + JN Caixa arquivadora disponível em banca durante o período total da coleção, pelo ppv de 4,95€ + JN. Preço total da coleção com caixa arquivadora: 52,35€ + 13 JN. Venda limitada ao stock existente.

Anexo 205

Hermano Ruivo (...). (2021, junho 12). *Jornal de Notícias*, 48.



Ferreira, L. P. (2021, junho 17). Heroísmo de Aristides não foi caso único e há outros portugueses no Yad Vashem. *Diário de Notícias*, 8-9.



Ferreira, L. P. (2021, junho 17). Heroísmo de Aristides não foi caso único e há outros portugueses no Yad Vashem. *Diário de Notícias*, 8-9.

8 POLÍTICA

Quinta-feira 17/6/2021 *Diário de Notícias*

Heroísmo de Aristides não foi caso único e há outros portugueses no Yad Vashem

HISTÓRIA Projeto Nunca Esquecer, lançado pelo governo e relacionado com a memória do Holocausto, promove hoje a publicação de três livros de bolso sobre os acontecimentos de há 80 anos. Falam de heróis e também de vítimas.

TEXTO LEONÍDIO PAULO FERREIRA

Uma comunidade precisa de referências morais. Todos os portugueses que salvaram vidas do Holocausto devem ser considerados como exemplos de dignidade e valentia", sublinha o ministro dos Negócios Estrangeiros ao DN. Augusto Santos Silva preside nesta quinta-feira, no Palácio das Necessidades, em Lisboa, à cerimónia de lançamento de três livros dedicados à temática do Holocausto, dois deles sobre heróis – a biografia de Aristides de Sousa Mendes e um livro sobre os salvadores portugueses em geral – e outro sobre as vítimas portuguesas do sistema concentracionário nazi.

Trata-se de edições de bolso, da Imprensa Nacional Casa da Moeda, através da coleção "O Essencial sobre", porque o objetivo é chegar ao maior número de pessoas, dando-lhes a conhecer o que se passou há 80 anos na Europa durante a Segunda Guerra Mundial, nomeadamente o terror de Adolf Hitler contra os judeus, mas não só. Até portugueses sem qualquer ligação ao judaísmo acabaram por morrer por culpa dos nazis.

"Biografar Aristides de Sousa Mendes, como qualquer um dos 'salvadores', é sempre uma tarefa difícil, apesar de existirem já diversos trabalhos de investigação. Todos nós nos perguntamos o que terá levado Aristides, naquele mês de junho de 1940, a desobedecer uma vez mais às diretivas recebidas de Lisboa. Aliás, a questão coloca-se não só à atuação

do antigo cônsul de Portugal em Bordéus, mas à de todos os homens e mulheres que colocaram as suas carreiras e muitas vezes as suas vidas em perigo para ajudar pessoas que nem sequer conheciam. Na defesa que Aristides apresentou aquando do seu processo disciplinar, ele explica que o fez por 'razões de humanidade que não distinguem raças nem nacionalidades', diz ao DN Cláudia Ninhos, autora de *Aristides de Sousa Mendes*.

Acrescenta a investigadora do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa (IHC-Nova) que a história de Aristides "ficou esquecida durante décadas e tem sido alvo de negacionismo e distorção. Para além das críticas à sua ação (registro nomeadamente a última polémica em que um dirigente do CDS se referiu a ele como 'agiota de judeus')", o processo de reconhecimento e reabilitação foi lento e cheio de obstáculos. O estado de degradação a que chegou a Casa do Passal, que quase ruuiu, reflete bem a escassa importância e o fraco reconhecimento a que foi votado. Espero que esta biografia seja mais um dos vários contributos que ajudem a compreender este acontecimento, através do cruzamento e do confronto de fontes e da análise do difícil contexto histórico daquele que foi o mais difícil momento da neutralidade portuguesa".

Entrevistei um dia Salvador Reis Garrido sobre o seu avô, Carlos Sampaio Garrido, embaixador em Buda-



Contrariando as diretivas de Salazar, o cônsul em Bordéus concedeu vistos a milhares de fugitivos do nazismo.

peste entre 1939 e 1944 e que se tornou, em 2010, o segundo português a ser reconhecido pelo Yad Vashem, em Israel, depois de Aristides de Sousa Mendes. Na época, o descendente desse "justo" português declarou admirar muito a coragem de Aristides, o famoso cônsul de Bordéus, que terá salvado 30 mil vidas, de judeus e outros perseguidos pelo nazismo, mas pediu também atenção para outros heróis da época e, de certa forma, um outro dos livros da coleção "O Essencial sobre", intitulado *Os Salvadores Portugueses*, corresponde a esse desafio. "O Yad Vashem distinguiu, até hoje, quatro portugueses pelo papel que desempenharam na proteção a judeus per-

seguidos pelo nazismo: o cônsul Aristides de Sousa Mendes, o embaixador Carlos Sampaio Garrido, o padre Joaquim Carreira e o emigrante em França José Brito Mendes", nota Margarida de Magalhães Ramalho, também investigadora do IHC-Nova, que salienta achar a lista curta.

Para a autora de *Os Salvadores Portugueses*, "falta ainda reconhecer o importante trabalho desenvolvido, em Budapeste pelo encarregado de Negócios Carlos Teixeira Branquinho. Apesar das pressões do governo húngaro pró-nazi e dos obstáculos que teve de superar, Branquinho conseguiu levar a bom porto o trabalho de proteção aos judeus daquele país iniciado pelo seu antecessor, o

embaixador Sampaio Garrido. Mas estes diplomatas portugueses não foram os únicos a fazer a diferença. Sabe-se que muitos outros tentaram ajudar. Emitindo vistos pontuais que não podiam, contornando regras, não pedindo dinheiro por trabalharem fora de horas ou mesmo, como foi o caso de Manuel Homem de Mello, partilhando senhas de racionamento com uma família judia amiga que se encontrava escondida tendo ainda entregue parte das suas poupanças a um elemento da Gestapo para tentar salvar da morte uma jovem dessa família". Conclui Margarida de Magalhães Ramalho que "nem sempre temos a capacidade ou a coragem de fazer tudo o que

Ferreira, L. P. (2021, junho 17). Heroísmo de Aristides não foi caso único e há outros portugueses no Yad Vashem. *Diário de Notícias*, 8-9.

Diário de Notícias Quinta-feira 17/6/2021

é necessário. Mas, se fizermos alguma coisa, já não é mau".

O terceiro livro a ser hoje apresentado resulta do trabalho de uma equipa liderada pelo historiador Fernando Rosas e tem como título *Os Portugueses no Sistema Concentracional do III Reich*. Centrando-se na já numerosa comunidade portuguesa que vivia em França no início da Segunda Guerra Mundial, o livro revela que pelo menos 381 portugueses estiveram presos pelos alemães, 14 deles em campos prisionais, destinados a delitos comuns, 67 em campos de concentração, para onde iam quem se tinha alistado na resistência ou tinha atividades políticas como o sindicalismo, e 300 como prisioneiros de guerra nos Stalag, neste caso portugueses integrados de há muito em França e que serviam nas forças militares francesas, como, por exemplo, a Legião Estrangeira.

Em conversa com o DN, Fernando Rosas sublinha que "nos campos de concentração e nos campos prisionais havia trabalho escravo, trabalho até à exaustão total, até morrer. Identificámos 30 portugueses que morreram. Há mais dez mortos sobre os quais existem dúvidas se são portugueses". O trabalho de investigação desenvolvido por uma equipa onde se incluem também Ansgar Schaefer, António Carvalho, Cláudia Ninhos e Cristina Climaco, inclui ainda os portugueses obrigados a trabalhar na Alemanha nazi.

"Falta agora estudar o que se passou na Bélgica, outro país europeu ocupado onde existia uma presença significativa de portugueses, para se ter uma ideia mais completa do número total de vítimas portuguesas do sistema concentracionário nazi", acrescenta o historiador.

Este lançamento dos três livros insere-se no projeto governamental Nunca Esquecer – Programa Nacional em torno da Memória do Holocausto, comissariado por Marta Santos Pais, e destinado a assinalar ao longo de 2020 e 2021, por ocasião dos 80 anos da ação de Aristides (17 de junho de 1940), uma temática da história do século XX que afetou toda a Europa e Portugal não foi exceção, apesar de ser um país neutro.

Também os CTT se associam hoje a esta celebração do heroísmo de alguns portugueses, no caso dos diplomatas desobedecendo às diretivas de Lisboa. "Vamos pôr em circulação mais cinco selos homenageando as grandes figuras da nossa história que são Aristides de Sousa Mendes, Alberto Teixeira Branquinho, Carlos Sampaio Garrido, José Brito Mendes e o padre Joaquim Carreira", diz Raul Moreira, diretor de Filatelia dos CTT, acrescentando que a empresa cumpre assim "a nossa obrigação de dar a conhecer através dos nossos selos de correio aquilo que de mais importante se fez em Portugal e no mundo e as individualidades que mais contribuíram para honrar o país e os valores supremos da humanidade".

leonidio.ferreira@dn.pt



"Nos campos de concentração e nos campos prisionais havia trabalho escravo, trabalho até à exaustão total, até morrer. Identificámos 30 portugueses que morreram. Há mais dez mortos sobre os quais existem dúvidas se são portugueses."

Fernando Rosas



"Todos nós nos perguntamos o que terá levado Aristides, naquele mês de junho de 1940, a desobedecer uma vez mais às diretivas recebidas de Lisboa."

Cláudia Ninhos



"O Yad Vashem distinguiu, até hoje, quatro portugueses pelo papel que desempenharam na proteção a judeus perseguidos pelo nazismo: o cônsul Aristides de Sousa Mendes, o embaixador Carlos Sampaio Garrido, o padre Joaquim Carreira e o emigrante em França José Brito Mendes."

Margarida de Magalhães Ramalho



Opinião
Augusto
Santos Silva

Conhecer para nunca esquecer

Há um ano, o Papa Francisco invocou este dia como o Dia da Consciência, colocando-o e a nós todos sob a inspiração do diplomata português Aristides de Sousa Mendes. Em 17 de junho de 1940, o então cônsul em Bordéus começou a atribuir maciça e indiscriminadamente vistos a pessoas que fugiam da ocupação nazi de França. Fê-lo em manifesta violação das ordens recebidas de Salazar, e por isso haveria de ser demitido e perseguido. Mas entendeu que devia obediência à sua própria consciência – e o que a sua consciência lhe ditava era contribuir para o salvamento do maior número possível de vidas humanas. Por isso tem toda a razão o Papa Francisco para considerar o dia 17 de junho como Dia da Consciência e escolher Aristides como seu patrono.

Para assinalar os 80 anos passados sobre a ação do cônsul, o governo decidiu lançar um projeto de comemoração que se estendesse ao longo de 2020 e 2021 e comportasse atividades de estudo e investigação, de educação e formação, de homenagem e reconhecimento institucional e de divulgação junto do grande público. É o projeto Nunca Esquecer – Programa Nacional em torno da Memória do Holocausto, comissariado por Marta Santos Pais, e envolvendo, além dos órgãos de soberania, escolas, centros de investigação, municípios e organizações da sociedade civil.

Este projeto apresenta, hoje, um contributo para o conhecimento público que reputo da maior importância. Trata-se de três livros da coleção “Essencial” da Imprensa Nacional: *Aristides de Sousa Mendes*, por Cláudia Ninhos; *Os Salvadores Portugueses*, por Margarida de Magalhães Ramalho; e *Os Portugueses no Sistema Concentracatório do III Reich*, pela equipa coordenada por Fernando Rosas.

O objetivo do projeto está contido no título: nunca esquecer o Holocausto. A memória é essencial para garantir que esse horror absoluto se não repita e, mais geralmente, para recusar e combater todas as formas de negar e violentar a dignidade da pessoa humana, como o racismo. Nunca devemos esquecer o extermínio nazi de seis milhões de judeus e o processo que conduziu a essa barbárie. Nunca devemos

esquecer as outras vítimas do sistema concentracionário nazi. E nunca devemos esquecer os salvadores, isto é, aqueles que com a sua ação contribuíram para que fosse menor o número das vítimas.

Aristides de Sousa Mendes é hoje bem conhecido e reconhecido pelos portugueses. Mas o mesmo não acontece com outros salvadores, que também devemos homenagear e tornar por exemplo. Basta pensar em diplomatas como Sampaio Garrido e Teixeira Brinquinho, ambos colocados em Budapeste, que aí salvaram muitas centenas de pessoas; ou no padre Joaquim Carreira, reitor do Colégio Pontifício em Roma, que deu abrigo a dezenas de judeus e antifascistas; ou na história comovedora do operário José de Brito Mendes, imigrado em Paris, e de sua mulher, que esconderam a filha dos judeus polacos vizinhos, com perigo da própria vida. Estes e outros, que ainda vamos identificando e conhecendo melhor, merecem a homenagem do país. E a melhor homenagem é saber o que fizeram, aprendendo com o que fizeram.

Por outro lado, investigações académicas recentes e em curso mostram também que centenas de portugueses foram vítimas do sistema concentracionário, isto é, dos campos de trabalho forçado, dos campos de prisioneiros de guerra ou dos campos de concentração e extermínio. E esse é um aspeto muito pouco sabido da opinião pública. Compatriotas nossos foram vítimas de Auschwitz, Dachau, Buchenwald, Mauthausen e outros lugares do terror, e a República não pode ignorá-lo.

Os livros que serão hoje apresentados procuram reparar estas falhas. São livros de bolso, obras de síntese e divulgação, cujo conteúdo ficará também a partir de hoje disponível gratuitamente, no sítio eletrónico da Imprensa Nacional. São instrumentos para termos consciência do que aconteceu, do muito que devemos aos salvadores e às vítimas, da nossa obrigação de educarmos as novas gerações no respeito pela dignidade humana, de sermos firmes contra as ideologias do ódio.

Anexo 208 | Destaque na primeira página

Dias, S. (2021, julho 9). Aristides vai receber honras de Panteão. *Correio da Manhã*, 35.

BREVEMENTE NOVAS LOJAS EM BENFICA E ODIVELAS

A NOSSA PEIXARIA
Pescamos e levamos até si o melhor peixe
219 929 826 Linha de Apoio ao Cliente
33% desconto
PARGO GRANDE 12,99 €/kg 8,70 €/kg
IMPERDÍVEL SÓ HOJE E AMANHÃ

EDUCAÇÃO P.27
ESCOLAS LIVRES PARA MUDAR TURMAS A MEIO DO ANO

HOJE 108 PÁGINAS

SEXTA-FEIRA 09/07/2021 | DIÁRIO | € 1,70 (C/IVA)

www.cmjornal.pt

CORREIO da manhã
DIRETOR: CARLOS RODRIGUES

SEXUA
HOJE REVISTA LÍDER DE TV E LAZER
GUIA COMPLETO DE 25 CANAIS

CERTIFICADO DIGITAL OU TESTE NEGATIVO P.18 E 19
PARA ACESSO A RESTAURANTES E ALOJAMENTOS
DOCUMENTOS PERMITEM ENTRADA NOS ESPAÇOS DE RESTAURAÇÃO ENTRE AS 19 HORAS DE SEXTA-FEIRA E A NOITE DE DOMINGO
SESSENTA CONCELHOS EM RISCO NA PANDEMIA COM RECOLHER OBRIGATÓRIO | ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA LIVRA-SE DE CERCO IMPOSTO AOS FINS DE SEMANA

DIZ TRIBUNAL DO PARTIDO P.28
RUI RIO VIOLA ESTATUTOS DO PSD

CRIME NO ALGARVE P.15
TESTEMUNHA VIU HOMICIDA ARRASTAR A VÍTIMA

CASCAIS P.16
Fica sem herança por matar a mãe

PORTO P.14
Conductor morre no rio Douro após despiste

ECONOMIA P.22
Preço das casas vai contar para a inflação

CURSO DE INSTRUTORES DE CONDUÇÃO 198€
ESTÁGIO REMUNERADO GARANTIDO
Informações 21 585 49 07
www.seguranca-maxima.pt

PROCESSO NA JUDICIÁRIA SEGUE MOVIMENTOS FINANCEIROS P.4 A 9
VIEIRA SACA DINHEIRO VIVO DO BENFICA
RUI PINTO COLABORA COM A PJ NA INVESTIGAÇÃO
BRUNO MACEDO É TESTA DE FERRO DO DIRIGENTE ENCARNADO
PRESIDENTE DO CLUBE PASSA MAIS UMA NOITE NOS CALABOUÇOS DA PSP
RUI COSTA APELA À CALMA DOS JOGADORES
MOVIMENTO ACUSA VICE DE TER EMPRESA QUE FAZ NEGÓCIOS COM AS ÁGUAS

VIDAS DE VERÃO P.37 A 45
Ex-Doce LAURA DIOGO DESMENTE ESCÂNDALO SEXUAL
Antiga cantora vive nos EUA
"Quarenta anos depois, ainda não sei quem é o Reinaldo"

HOMENAGEM P.35
ARISTIDES DE SOUSA MENDES NO PANTEÃO

LIGA DE FUTEBOL P.32 E 33
CALENDÁRIO COM CLÁSSICOS EM DEZEMBRO

Procuramos para os nossos clientes internacionais relógios
Rolex, Patek Philippe, Omega e outros relógios de prestígio
Valores
808 256 737
www.valores.pt

Câmara Municipal de Lisboa
Departamento de Biblioteca e Arquivo

Dias, S. (2021, julho 9). Aristides vai receber honras de Panteão. *Correio da Manhã*, 35.

HOMENAGEM



SAIBA MAIS

1885

foi o ano de nascimento de Aristides de Sousa Mendes, a 19 de julho, em Cabanas de Viriato, Carregal do Sal. Morreu a 3 de abril de 1954, em Lisboa.

Túmulos famosos

No Panteão Nacional estão sepultadas figuras como Aquilino Ribeiro, Almeida Garrett, Sophia de Mello Breyner Andresen, Amália Rodrigues e Eusébio.

Salvou Dalí

O pintor Salvador Dalí e a mulher, Gala, terão estado entre as pessoas salvas por Aristides durante a II Grande Guerra.

1 O Panteão Nacional, em Lisboa 2 Aristides de Sousa Mendes emitiu vistos que salvaram milhares de pessoas do Holocausto

Aristides vai receber honras de Panteão

TRIBUTO Antigo cônsul português receberá túmulo sem corpo numa cerimónia a 5 de Outubro

SÓNIA DIAS

Será realizada no dia 5 de Outubro (feriado nacional em que se assinala a implantação da República) a cerimónia de concessão de honras de Panteão Nacional (Lisboa) a Aristides de Sousa Mendes, informou ontem a porta-voz da conferência de líderes parlamentares, Maria da Luz Rosinha. O antigo cônsul

será homenageado com um túmulo sem corpo, não implicando assim a habitual trasladação, sendo que os seus restos mortais permanecerão no cemitério de Carregal do Sal, terra onde nasceu e viveu.

Entretanto, para assinalar o 136º aniversário de Aristides de

Sousa Mendes, a 19 de julho, será realizada uma cerimónia durante a qual será entregue à

DIA 19 SERÁ ENTREGUE NO PARLAMENTO UM BUSTO DO ANTIGO CÔNSUL

Assembleia da República um busto do antigo cônsul por parte do grupo de trabalho responsável por definir todo o processo de homenagem. O grupo foi constituído em outubro do ano passa-

do e conta com representantes de todos os partidos (exceto o Chega) e familiares do antigo cônsul de Portugal em Bordéus (França) que, em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, emitiu vistos que salvaram milhares de pessoas do Holocausto, desobedecendo às ordens do então presidente do conselho, António de Oliveira Salazar, que liderava o governo. ●

Anexo 209

Aristides de Sousa Mendes vai para o Panteão a 5 de outubro. (2021, julho 9). *Jornal de Notícias*, 16.

Aristides de Sousa Mendes vai para o Panteão a 5 de outubro

CERIMÓNIA A cerimónia de concessão de honras de Panteão Nacional ao antigo cônsul Aristides de Sousa Mendes vai realizar-se a 5 de outubro, dia da Implantação da República, disse ontem a porta-voz da conferência de líderes parlamentares. Em 1940, desobedecendo a Salazar, Sousa Mendes emitiu vistos que salvaram milhares de pessoas do Holocausto. No dia 19, o Parlamento receberá um busto seu.

Anexo 210

A Herança de Aristides. (2021, julho 16). *Evasões*, 40.

PLANEAR

A HERANÇA DE ARISTIDES

DIA 19/07, RTP1, ÀS 22H15

Todos conhecemos a história da lista de Schindler, mas será que conhecemos a ação do português Aristides de Sousa Mendes que, em junho de 1940, em Bordéus, salvou dezenas de milhares de judeus e não judeus com a emissão de vistos para Portugal? 80 anos depois destes acontecimentos, este documentário dá voz aos filhos e netos dos refugiados salvos pelo cônsul português e aos descendentes de Aristides, revelando a sua herança intemporal e única.



Anexo 211

J.R.F. (2021, julho 19). Lançada medalha que homenageia Aristides de Sousa Mendes. *Jornal de Notícias*, 26.



Lançada medalha que homenageia Aristides de Sousa Mendes

CARREGAL DO SAL No dia em que Aristides de Sousa Mendes faria 136 anos, é lançada, hoje, simbolicamente, uma moeda de coleção, cunhada pela Imprensa Nacional Casa da Moeda, para homenagear o antigo cônsul português em Bordéus, França, que salvou milhares de judeus do regime nazi. O objeto comemorativo é apresentado hoje junto à Casa do Passal, antiga habitação do diplomata em Cabanas de Viriato, Carregal do Sal, que vai ser transformada num museu. A apresentação acontecerá durante as celebrações do feriado municipal. J.R.F.

Anexo 212

A Herança de Aristides. (2021, julho 19). *Correio da Manhã*, 46.

RTP1 22H07

A HERANÇA DE ARISTIDES

Este documentário dá voz aos filhos e netos dos refugiados salvos pelo cônsul português, e dos descendentes de Aristides de Sousa Mendes, revelando a sua herança intemporal e única.

Francisco, S. (2021, julho 20). Nos 136 anos do seu nascimento, Aristides tem um busto no parlamento. *Diário de Notícias*, 9.



Descerramento do busto de Aristides, na Sala do Senado.

Nos 136 anos do seu nascimento, Aristides tem um busto no parlamento

HOMENAGEM Cerimónia na Assembleia da República marca o início de uma série de iniciativas que vão culminar com evocação no Panteão.

TEXTO **SUSETTE FRANCISCO**

No dia em que passaram 136 anos sobre o nascimento de Aristides de Sousa Mendes, a Assembleia da República foi ontem palco de uma cerimónia de homenagem, com a doação e o descerramento de um busto do antigo cônsul português em Bordéus. Foi a primeira de um conjunto de iniciativas que culminará, a 5 de outubro próximo, com a concessão de honras de Panteão a Aristides de Sousa Mendes, uma decisão aprovada pelo parlamento há pouco mais de um ano.

Um busto que ficará agora no espaço parlamentar em memória de “um homem notável que soube estar à altura dos tempos e da história quando isso lhe foi exigido”, destacou o deputado Pedro Delgado Alves, que coordenou o grupo parlamentar de trabalho que definiu o programa das comemorações em torno da trasladação para o Panteão Nacional. O busto, da autoria do escultor russo Gregory Pototsky, fica no parlamento por doação da ALPI (Associação Lusa Portugueses por Israel), instituição à qual foi inicialmente oferecido pelo empresário francês (e mecenas do artista), Frédéric Lassoeur. Segundo João Rebelo, antigo deputado e atual presidente da ALPI, esta foi também uma forma de responder ao repto do parlamento para que também a sociedade civil se empenhasse na homenagem a Sousa Mendes.

A cerimónia, que contou com a presença de familiares do an-

tigo cônsul, assim como do embaixador de Israel em Portugal, e da embaixadora francesa, foi o desfecho de um “encontro feliz de vontades”, destacou Pedro Delgado Alves. Antes de acrescentar que é “difícil de explicar” – mesmo “incompreensível para as jovens gerações” – que tenha sido necessário reabilitar a figura do diplomata, quando era tão evidente o seu papel de “herói”. Já Madalena Barata, vice-presidente da ALPI, resumiu a sua intervenção numa última palavra – “honra”.

Aristides de Sousa Mendes recebeu em 1966 o título de “Justo entre as Nações”, atribuído pelo Yad Vashem (Memorial do Holocausto), em nome de Israel, a não judeus que tenham arriscado a vida para salvar judeus durante a Segunda Guerra Mundial. À revelia das ordens das autoridades portuguesas, o então cônsul em Bordéus passou vistos de entrada em Portugal a milhares de refugiados, acabando proscrito, num processo que só seria revertido a partir da década de 1980.

A decisão da Assembleia da República de homenagear Aristides de Sousa Mendes com uma evocação no Panteão Nacional partiu da deputada Joacine Katar Moreira, acabando por ser aprovada por unanimidade. Na Igreja de Santa Engrácia, o Panteão Nacional, ficará um túmulo sem corpo, dado que a sepultura do diplomata permanecerá na sua terra natal, no concelho de Carregal do Sal.

susette.francisco@dn.pt

Santos, V. (2021, julho 20). Aristides de Sousa Mendes no Panteão. *Correio da Manhã*, 22.

A SUA OPINIÃO

HOMENAGEM

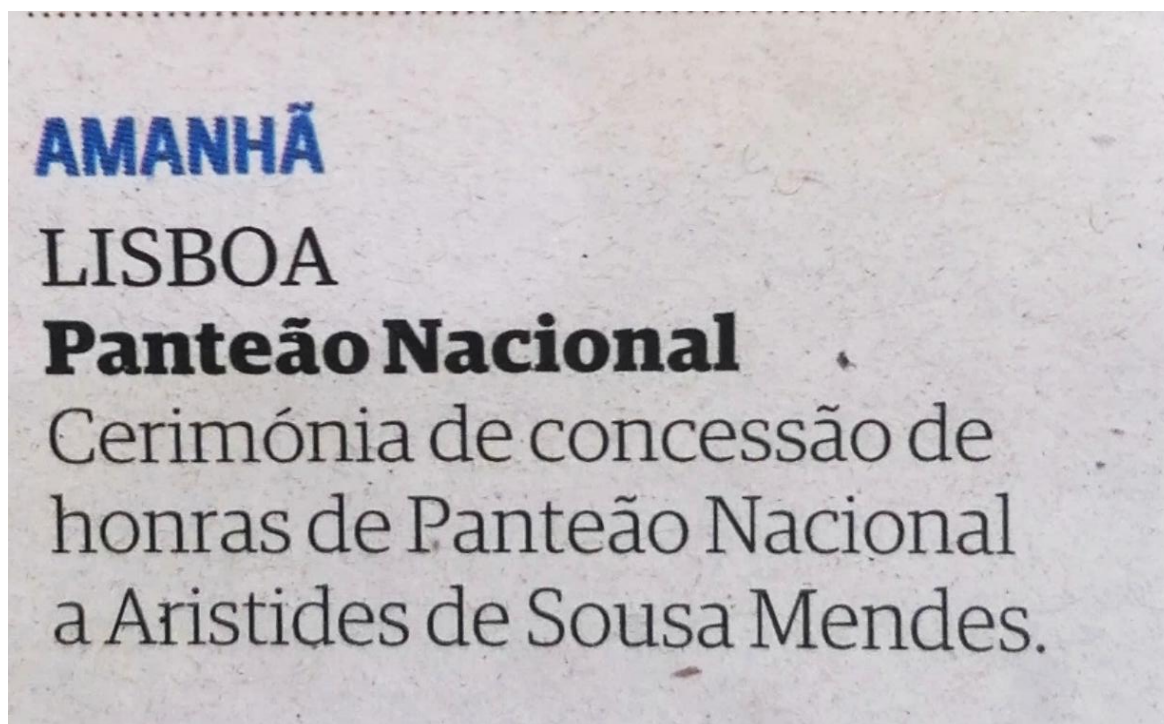
ARISTIDES DE SOUSA MENDES NO PANTEÃO

O Panteão Nacional é o monumento onde repousam os restos mortais dos melhores portugueses. A homenagem a Aristides de Sousa Mendes, que salvou milhares de pessoas dos criminosos nazis, é mais do que justa.

VÍTOR SANTOS S. JOÃO LAMPAS

Anexo 215

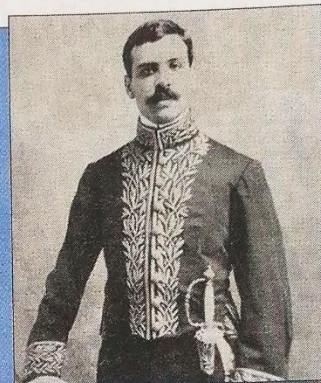
Panteão Nacional. (2021, outubro 18). *Correio da Manhã*, 22.



Fidalgo, V. (2021, outubro 19). Panteão Nacional para o herói que desafiou o regime. *Correio da Manhã*, 38.

CERIMÓNIA MARCADA PARA HOJE

Panteão Nacional para o herói que desafiou o regime



RISCO ♦ Aristides de Sousa Mendes salvou milhares de pessoas das atrocidades da Segunda Guerra Mundial

TÚMULO ♦ Concessão de honras não implica trasladação do corpo de Carregal do Sal para Lisboa

A partir de hoje, Aristides de Sousa Mendes (1885-1954) vai estar representado no Panteão Nacional, ao lado de outras figuras ilustres do nosso país



VANESSA FIDALGO

Aristides de Sousa Mendes, antigo cônsul de Portugal em Bordéus que salvou milhares de vidas do Holocausto, vai hoje ter finalmente honras de Panteão Nacional.

A cerimónia começa às 10h30 e contará com as intervenções do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, do presidente da Assembleia da República, Eduardo Ferro Rodrigues, e da investigadora Margarida de Magalhães Ramalho.

O heroico diplomata, que desafiou a ideologia fascista, irá ser homenageado com um túmulo sem corpo, o que não implica a habitual trasladação para

o Panteão Nacional, em Lisboa.

Assim, o corpo de Aristides de Sousa Mendes continuará em repouso no concelho de Carregal do Sal, terra onde nasceu e viveu (1885-1954), preservando-se a importância cultural e económica que a sua presença tem no turismo da região.

MARCELO E FERRO RODRIGUES DISCURSAM NA CERIMÓNIA DE HOJE

Figura controversa da diplomacia, Aristides de Sousa Mendes desafiou por várias vezes as regras do seu tempo, tendo até sido alvo de processos disciplinares. Um dos seus atos, porém, valeu-lhe o reconhecimento

Outros ilustres no Panteão Nacional

■ No Panteão estão sepultadas figuras como os escritores Aquilino Ribeiro, Guerra Junqueiro, Almeida Garrett e Sophia de Mello Breyner Andresen, a fadista Amália Rodrigues, o futebolista Eusébio e o marechal Humberto Delgado. ♦

universal. A 10 de maio de 1940, quando a França foi invadida pela Alemanha nazi, durante a Segunda Guerra Mundial, Aristides era cônsul em Bordéus, França, e desafiou as ordens

expressas do então presidente do Conselho de Ministros, António de Oliveira Salazar. Durante três dias e três noites concedeu vistos de entrada em Portugal a milhares de refugiados. Entre estes, incluíam-se muitos judeus, que fugiam da Alemanha, da Áustria, de França e de outros países já ocupados pelos exércitos alemães, e famílias de várias nacionalidades que tentavam fugir dos bombardeamentos e regressar às suas pátrias. Embora o número total de vistos passados por Sousa Mendes seja desconhecido, algumas fontes históricas apontam para cerca de 30 mil, sendo um terço deles para judeus. ♦

Aristides de Sousa Mendes recebe hoje honras de Panteão Nacional. (2021, outubro 19). *Jornal de Notícias*, 14.

Aristides de Sousa Mendes recebe hoje honras de Panteão Nacional

HOMENAGEM O antigo cônsul-geral de Portugal em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes, recebe hoje honras de Panteão Nacional. Ao JN, Pedro Delgado Alves, deputado que liderou o grupo responsável pela cerimónia, destacou a “grandeza” de Aristides enquanto cônsul. “Soube estar do lado certo e salvar milhares de vidas”, referiu, aludindo aos vistos concedidos, no início da II Guerra Mundial, a refugiados judeus. A cerimónia, que consiste no descerramento de uma placa simbólica – o desejo de Aristides era ficar sepultado na terra natal –, terá a presença do chefe do Estado e do primeiro-ministro.



Opinião
Sebastião
Bugalho

Aristides e a palavra que não dizemos

Mercedadamente, o regime democrático prestou por fim tributo a Aristides de Sousa Mendes. Por iniciativa da deputada Joacine Katar Moreira, foi desvendada uma lápide em sua memória no Panteão Nacional. Os líderes de PSD e CDS não marcaram presença, o secretário-geral do PCP e o chefe do Chega também não. IL, Bloco, PS e respetivo governo estiveram. O Presidente e o primeiro-ministro discursaram. Na direita mais saudosista, notou-se um rancor por Aristides ter contrariado ordens e regras emanadas do Estado Novo. Na esquerda mais antisemita, o silêncio foi suficiente para se sentir o desagrado. Entre outros, ouviram-se murmúrios sobre a vida não integralmente exemplar do homenageado, como se os heróis – sendo humanos – fossem geralmente impolutos. Alguns, mais rebuscados, relativizaram os feitos do português pela leveza da sua punição (foi “meramente” suspenso) e pelas consequências dos seus atos não lhe terem pesado durante ou depois destes. Argumentos, há que dizê-lo, ausentes de boa-fé. Aristides salvou vidas. Ponto. Isso deve chegar-nos pelo simples facto de lhes ter chegado a eles, que foram salvos. É o ato que conta. E, no caso de Aristides, o número considerável de vezes que o realizou.

O que Marcelo Rebelo de Sousa recordou, e muito bem, é que a natureza do regime nazi era bem conhecida de todos os povos europeus antes da descoberta, nos finais da Segunda Guerra, dos campos de extermínio. Como disse o Presidente da República, “era já genocídio, por perseguição de comunidades, antes de ser Holocausto”. E era. E todos sabiam. A relevância da frase de Marcelo, no contexto geopolítico de hoje, é significativa. O chefe de Estado, observador atento e frequentemente mais interventivo do que o sabido na arena internacional, não a terá dito por acaso.

Nenhuma outra palavra que não “genocídio” provocou tantos ensaios e posições entre agentes

de política externa nos últimos dois anos. No último dia do mandato de Donald Trump, o departamento de Estado norte-americano utilizou-a pela primeira vez para se referir aos campos de concentração em Xinjiang, na China, onde uigures são vítimas de violação, esterilização, reeducação e trabalhos forçados. Joe Biden não reverteu essa decisão. Reportagens da BBC, entrevistas do *The Guardian* e investigações da CNN têm-no demonstrado ao ponto de o parlamento britânico ter neste momento uma comissão de inquérito a decorrer sobre o assunto. Outras publicações defendem que chamar “genocídio” ao que se passa em Xinjiang, o maior enclausuramento étnico desde o nazismo, corresponde a um erro estratégico na relação entre o Ocidente e Pequim. Mais uma vez: quando todos sabem, poucos dizem.

A partir do momento em que a comunidade internacional reconhecesse que a perseguição de uigures representa um “genocídio”, a China passaria a ser olhada como um país “não seguro”, autora de crimes contra humanidade, e qualquer cidadão seu (de Hong Kong, Macau, Tibete ou Xinjiang...) poderia pedir asilo como refugiado a outro país, algo que, evidentemente, a China não deseja. E é aí que a síntese de Marcelo – “era já genocídio, por perseguição de comunidades, antes de ser Holocausto” – nos coloca uma questão: um país que presta justa homenagem a quem salvou centenas do genocídio certo pode estar mudo sobre o que se passa em Xinjiang? Queremos receber Xi Jinping com pompa e circunstância e evocar, ao mesmo tempo, o exemplo de Aristides de Sousa Mendes? Não carimbaria ele os passaportes dos 1,2 milhões de uigures detidos contra a sua vontade na China? Não julgaria ele que a neutralidade e o pragmatismo de um país pobre têm os seus limites, quando é de vidas humanas que estamos a falar?

Colunista

HERÓI IMORTALIZADO NO PANTEÃO NACIONAL

CERIMÓNIA EM LISBOA

HOMENAGEM



EVOCAÇÃO ♦ Antigo cônsul de Bordéus salvou milhares de vidas na Segunda Guerra Mundial
HONRAS ♦ Junta-se a outros 19 notáveis da História imortalizados no Panteão Nacional

VANESSA FIDALGO

O antigo cônsul de Portugal em Bordéus Aristides de Sousa Mendes, que salvou mais de 30 mil judeus do regime nazi durante a Segunda Guerra Mundial, recebeu ontem honras de Panteão Nacional, em Lisboa, numa cerimónia que contou com a presença do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, e do presidente da Assembleia da República, Ferro Rodrigues, entre outras figuras do Estado e familiares do homenageado.

Marcelo Rebelo de Sousa, que a título póstumo lhe concedeu, em 2017, a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade, elogiou o "papel humano" do diplomata. "Portugal, curvando-se perante a sua personalidade moral, eternamente grato, hoje e para sempre o recorda e homenageia", declarou.

O primeiro-ministro António Costa lembrou que os valores defendidos por Aristides de Sousa Mendes têm de continuar a ser "uma inspiração", enquanto



ARISTIDES DE SOUSA MENDES

Ferro Rodrigues alertou para o aumento dos "fenómenos de ódio racial, de antissemitismo, de homofobia, de recusa do outro". "Oito décadas passadas sobre os acontecimentos de Bordéus, com sobressalto que se verifica que o registo histórico do sucedido pode não ter ficado suficientemente enraizado na memória coletiva", declarou.

A cerimónia realizou-se com tómbulo sem corpo, por não haver trasladação dos restos mortais, que vão manter-se na terra natal de Aristides, Carregal do Sal. Junta-se a 19 notáveis cujos nomes figuram no Panteão. •



Correio QUARTA-FEIRA 20 OUTUBRO 2021

ESPECIAL | 25

PORTUGUESES NOTÁVEIS

OPINIÃO

Resistir ao mal

FRANCISCO JOSÉ VIEGAS
ESCRITOR

Tendo terminado a leitura de um livro sobre a casa dos Habsburgos (o Sacro-Império, uma dinastia de criadores e poderosos cujos domínios se estenderam da Europa à Ásia e às Américas) deparo-me com o nome de Otto Von Habsburgo, o último arquiduque da Áustria, um dos sobreviventes dessa família odiada por Hitler, e cujo salvo-conduto para Portugal foi passado por Aristides de Sousa Mendes naquele ano de 1940. É um pormenor na vida do cônsul que, diante da barbárie e da perseguição nazi, desobedeceu ao governo e decidiu que dará "vistos a toda a gente; já não há nacionalidades, raça ou religião". Não foi o único funcionário diplomático que o fez (os casos de Sampaio Garrido, Teixeira Branquinho ou Veiga Simões dariam grandes histórias), mas foi o

que mais gravemente sofreu o castigo do regime e aquele cuja história atingiu maior dramatismo. É incerto e discutido o número daqueles que Aristides de Sousa Mendes salvou da captura certa pela Alemanha - mas cada um deles será (sobretudo depois de se ter conhecido a dimensão do horror planeado e executado pelo nazismo) uma árvore plantada no bosque dos justos. Esta chegada ao Panteão, onde outros portugueses também aguardam entrada, é uma espécie de reparação com anos de atraso; o lugar de Aristides é de um símbolo da capacidade de resistir ao mal e de agir no meio do turbilhão. Nos momentos de destruição e extermínio, nenhuma outra razão é válida senão a de salvar a humanidade. A História encarrega-se, depois, de indicar os nomes a quem coube um papel nesse destino - e Aristides está entre eles. •

O LUGAR DE ARISTIDES É O DE UM SÍMBOLO DA CAPACIDADE DE RESISTIR AO MAL

PANTEÃO FOI PROPOSTA DA DEPUTADA JOACINE

A panteonização de Aristides aconteceu após proposta da deputada Joacine Katar Moreira e aprovação unânime da Assembleia da República (só André Ventura faltou). •

CERIMÓNIA RECORDA FEITOS HEROICOS

A investigadora Margarida de Magalhães Ramalho - coautora do Museu Virtual Aristides de Sousa Mendes - fez o elogio fúnebre e recordou o papel do diplomata no Mundo. •

IGREJA DE SANTA ENGRÁCIA, EM LISBOA

PANTEÃO NACIONAL

ADRO

A HISTÓRIA E QUEM TEM HONRAS
A primeira pedra do atual edifício foi colocada em 1682. A igreja só ficou acabada em 1966, 284 anos mais tarde. A demora na conclusão da obra deu origem à expressão "Obras de Santa Engrácia", para designar algo que nunca mais acaba. É a última morada de 12 portugueses notáveis

DATA DE TRASLADAÇÃO

- 1. SALA I**
Almeida Garrett Escritor 1966
Guerra Junqueiro Escritor 1966
João de Deus Escritor 1966
Amália Rodrigues Fadista 2001
- 2. SALA II**
General Humberto Delgado Opositor ao Estado Novo 1990
Aquilino Ribeiro Escritor 2007
Sophia de Mello Breyner Poetisa 2014
Eusébio Futebolista 2015
- 3. SALA III**
Antigos Presidentes da República
Manuel de Arriaga 2004
Teófilo Braga 1966
Sidónio Pais 1966
Oscar Carmona 1966
- 4. GENÓTIPOS**
Memorial fúnebre erigido para homenagear pessoas cujos restos mortais estão noutro local
Lado Sul
Luís de Camões, Pedro Álvares Cabral e Infante D. Henrique
Lado Norte
Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque e Nuno Álvares Pereira
- 5. ÓRGÃO DO SÉC. XVIII**
- 6. ESCULTURAS**
S.º António, S. João de Brito, S. Teotónio e S. João de Deus

5

CONCESSÃO DE VISTOS DE PANTEÃO NACIONAL A ARISTIDES DE SOUSA MENDES

1 Feito do diplomata valeu-lhe castigo severo de Salazar 2 A cerimónia de ontem contou com o Coro do Teatro de S. Carlos 3 Ferro Rodrigues, Marcelo Rebelo de Sousa e António Costa à chegada 4 O ministro Augusto Santos Silva e o presidente da C.M. de Lisboa, Carlos Moedas 5 Marcelo a discursar

Anexo 220 | Destaque na primeira página

Francisco, S. (2021, outubro 20). Homenagem ao diplomata - “Portugal curva-se, eternamente grato”
- Aristides já está no Panteão. *Diário de Notícias*, 4-5.

Câmara Municipal de Lisboa
Departamento de Bibliotecas e Arquivos
Divisão de Gestão de Bibliotecas
Fundado em 1864 Hemeroteca Municipal de Lisboa

Diário de Notícias

www.dn.pt / Quarta-feira 20.10.2021 / Diário / Ano 157.º / N.º 55.700 / €1,30 / Diretor-geral editorial Domingos de Andrade / Diretora Rosália Amorim / Diretor adjunto Leonídio Paulo Ferreira / Subdiretora Joana Petiz

ARISTIDES DE SOUSA MENDES

“Curvamo-nos, eternamente gratos.”
Portugal dá honras de Panteão a herói
que salvou milhares de refugiados
na Segunda Guerra Mundial,
67 anos depois de morrer na miséria.

PÁGS. 4-5



Aristides de Sousa Mendes

ORÇAMENTO DO ESTADO

MEDIDAS DO BE PARA REPOR PENSÕES CORTADAS CUSTAM 200 MILHÕES

Proposta para que a Segurança Social recalcule reformas de carreiras longas e profissões de desgaste rápido, para que voltem aos parâmetros pré-*troika*, é um dos temas que estão a gerar impasse nas negociações para viabilização do OE 2022. Bloco insiste em nove pontos que passam também pelas carreiras na saúde e pela reversão de leis do trabalho alteradas no governo de Passos Coelho. PÁG. 6



Martinez-Almeida

Alcaide de Madrid
veio a Lisboa apoiar
Moedas e assegura:
“Casado é o próximo
líder do PP e do
governo espanhol”

PÁGS. 18-19

Eleições

Rio vai enfrentar
Rangel para levar
o PSD às legislativas

PÁG. 7

Crime

PJ lançou policial
com casos a sério,
escritos por quem
os viveu e investigou

PÁGS. 10-12

Cinema

“DocLisboa vai ser
uma festa” até dia 31

PÁGS. 24-25

Champions

Da goleada inédita
do Sporting ao
desempenho
heroico do FC Porto

PÁGS. 22-23

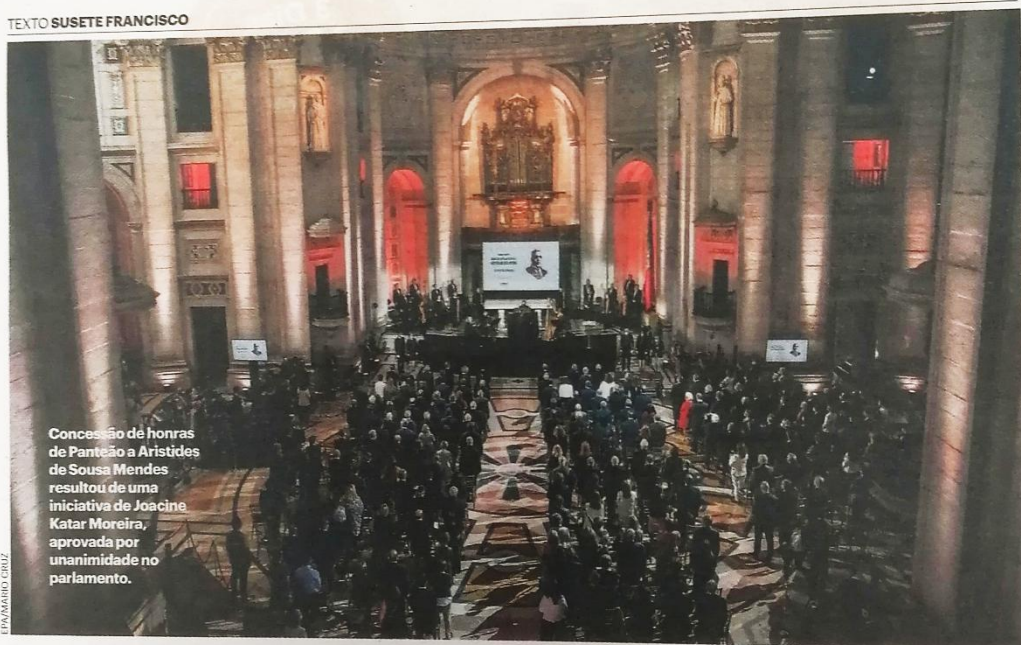
Francisco, S. (2021, outubro 20). Homenagem ao diplomata - "Portugal curva-se, eternamente grato" - Aristides já está no Panteão. *Diário de Notícias*, 4-5.

HOMENAGEM AO DIPLOMATA

"Portugal curva-se, eternamente grato". Aristides já está no Panteão

CERIMÓNIA Sessenta e sete anos após a morte de Aristides de Sousa Mendes, o cônsul que salvou milhares de pessoas durante a II Guerra, o Estado português deu-lhe honras de Panteão. E chamou o seu exemplo para lembrar que os fantasmas daquele tempo não desapareceram.

TEXTO SUSETE FRANCISCO



Concessão de honras de Panteão a Aristides de Sousa Mendes resultou de uma iniciativa de Joacine Katar Moreira, aprovada por unanimidade no parlamento.

Portugal, curvando-se perante a sua personalidade moral, eternamente grato, hoje é para sempre o recorda e homenageia." Foi assim que o Presidente da República terminou ontem o seu discurso na cerimónia de concessão de honras de Panteão a Aristides de Sousa Mendes, uma evocação do diplomata que "serviu com coragem extrema, provação pessoal e familiar e exemplar humildade" valores essenciais de humanidade, que não mudam por "modo de época" nem pela "lei ou ordem de uma ditadura ou de um ditador".

"Aqui entrou Aristides de Sousa Mendes [no Panteão Nacional] e

aqui permanecerá até ao fim dos tempos, se os tempos tiverem fim", disse Marcelo Rebelo de Sousa, expressando assim um reconhecimento para o presente, mas também para o futuro, depois de nem sempre ter sido assim no passado.

Expulso da carreira diplomática por ter assinado, à revelia das ordens que chegavam de Lisboa, vistos que salvaram milhares de refugiados durante a II Guerra Mundial, sobretudo judeus, o cônsul em Bordéus foi proscrito pelo regime de Oliveira Salazar, num processo que só seria revertido a partir da década de 1980. Em 1987 o então presidente da República Mário Soares conferiu-lhe, a título póstumo, a Ordem da Liber-

dade e, em 1989, a Assembleia da República reintegrou-o no serviço diplomático por unanimidade e aclamação. Mais de 20 anos antes, em 1966, o diplomata português tinha recebido o título de Justo entre as Nações, atribuído pelo Yad Vashem (Memorial do Holocausto), em nome de Israel, a não judeus que tenham arriscado a vida para salvar judeus durante a II Guerra Mundial.

Aristides de Sousa Mendes "mudou a história de Portugal e projetou Portugal no mundo. Mudou a história de Portugal nesse momento trágico chamado genocídio, em plena guerra mundial", afirmou Marcelo, reiterando os princípios que nortearam a ação do diplomata naqueles

Quatro Justos entre as Nações

Há quatro portugueses Justos entre as Nações, título atribuído por Israel a não judeus que tenham arriscado a vida para salvar judeus durante a II Guerra. Além de Aristides de Sousa Mendes, é o caso também de Carlos Sampaio Garrido, embaixador na Hungria entre 1939 e 1944, José Brito, emigrante português em França, e o reconhecimento mais recente, o padre Joaquim Carreira.

dias de 1940 - "Não há raça, etnias, religiões, culturas, civilizações, que sejam umas mais do que outras e que não mereçam, todas e todos, o mesmo respeito da dignidade da pessoa, da sua indestrutível natureza, da sua inexpugnável diferença", afirmou.

Antes, também o presidente da Assembleia da República, Eduardo Ferro Rodrigues, apontou Aristides como um exemplo para o presente e para o futuro, num tempo de recrudescimento de fenómenos de ódio racial e recusa do outro: "Que a sua entrada no Panteão Nacional contribua para perpetuar a sua memória" e o "exemplo da sua conduta sirva de farol em tempos de novas dificuldades e desafios para a memória coletiva, demonstrando o valor da resistência ao injusto e desumano".

Um legado ainda mais importante quando, "oitenta e sete anos depois sobre os acontecimentos de Bordéus, é com sobressalto que, pela Europa e pelo mundo fora se verifica que o registo histórico do sucedido pode não ter ficado suficientemente enraizado na memória coletiva das democracias". Sinal disso é o "aumento evidente de fenómenos de antissemitismo, de ódio racial, de homofobia, de recusa do outro, por ser estrangeiro ou diferente", alertou o presidente do parlamento, apontando também o "recrudescimento de discursos negacionistas do Holocausto e das vidas das suas vítimas, cujo testemunho na primeira pessoa vai, por força da lei do tempo, começando a desaparecer". Uma ideia que foi também sublinhada pelo primeiro-ministro, António Costa, que não discursou na cerimónia, mas disse à saída que os valores do antigo cônsul português devem ser recordados e servir de inspiração ao tempo atual, porque "as perseguições não acabaram com a II Guerra Mundial".

Na plateia estiveram o antigo primeiro-ministro Durão Barroso, o novo presidente da Câmara de Lisboa, Carlos Moedas, ministros - casos de Augusto Santos Silva ou Graça Fonseca - e muitos deputados, entre os quais os que integraram o grupo de trabalho que definiu o programa de ontem (e em que participaram todos os partidos e as duas deputadas não inscritas, com a ausência do Chega). Recorde-se que a iniciativa que culminou na concessão de honras de Panteão a Aristides de Sousa Mendes foi apresentada no parlamento por Joacine Katar Moreira, ainda na condição de deputada eleita pelo Livre, e viria a ser aprovada por unanimidade,

Francisco, S. (2021, outubro 20). Homenagem ao diplomata - “Portugal curva-se, eternamente grato” - Aristides já está no Panteão. *Diário de Notícias*, 4-5.

Diário de Notícias Quarta-feira 20/10/2021



Famílias de Aristides de Sousa Mendes na sala do Panteão com a lápide evocativa do cônsul que recebeu o título de Justo entre as Nações.

Contra as ordens das autoridades portuguesas, Aristides passou milhares de vistos a refugiados que fugiam dos nazis.



levando à constituição do grupo de trabalho, que contou também com dois representantes da família do diplomata. Esta, aliás, também marcou presença em peso no Panteão Nacional, onde estiveram igualmente descendentes dos refu-

giados que os vistos passados por Aristides de Sousa Mendes ajudaram a salvar.

“A voz da consciência”

Numa cerimónia intercalada por atuações do Coro do Teatro Nacional de São Carlos, coube a Margarida de Magalhães Ramalho, coautora do Museu Virtual Aristides de Sousa Mendes e responsável científica do Museu Vilar Formoso Fronteira da Paz, fazer o elogio fúnebre do antigo cônsul. A historiadora lembrou “os que estavam em fuga” durante a II Guerra Mundial e tentavam “chegar ao sul de França e passar a fronteira”. “É neste contexto de angústia e desespero generalizados que Aristides de Sousa Mendes, que desde o início da guerra vinha emitindo alguns vistos à revelia da circular 14 – o que lhe custou várias chamadas de atenção –, decide escutar a voz da sua consciência e, ao arrepio das ordens de Lisboa, começa a emitir vistos a toda a gente, ordenando aos consulados dele dependentes” que repetissem o mesmo gesto. Uma decisão graças à qual pelo menos 10 mil pessoas entraram em Portugal, sublinhou Margarida de Magalhães Ramalho.

Após os discursos foi descerrada a placa evocativa de Aristides de Sousa Mendes (não houve trasladação do corpo, que continuará sepultado em Cabanas de Viriato, no concelho de Carregal do Sal, terra natal do antigo diplomata). A homenagem ao antigo cônsul fica agora inscrita na sala dois do Panteão Nacional, que acolhe os túmulos de Aquilino Ribeiro, do general Humberto Delgado, de Sofia de Mello Breyner Andresen e de Eusébio da Silva Ferreira.

susete.francisco@dn.pt

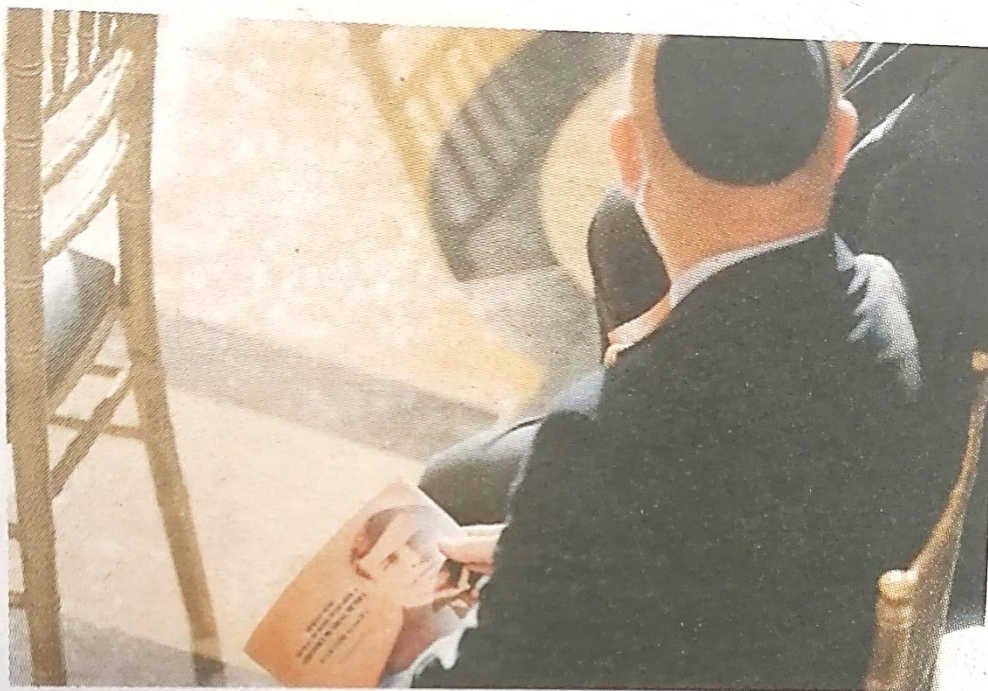
“Não há raça, etnias, religiões, culturas, civilizações, que sejam umas mais do que outras e que não mereçam, todas e todos, o mesmo respeito da dignidade da pessoa, da sua inexpugnável diferença.”

Marcelo Rebelo de Sousa
Presidente da República

“Aristides de Sousa Mendes foi figura maior do século XX português. Que o exemplo da sua conduta sirva de farol em tempos de novas dificuldades.”

Eduardo Ferro Rodrigues
Presidente da Assembleia da República

A última honra ao cônsul que salvou milhares de judeus. (2021, outubro 20). *Jornal de Negócios*, 3



A última honra ao cônsul que salvou milhares de judeus

O antigo cônsul português Aristides de Sousa Mendes, que salvou milhares de judeus do regime nazi, recebeu ontem honras de Panteão Nacional, em Lisboa, através de um túmulo sem corpo. Em Bordéus, o cônsul concedeu vistos à revelia das ordens do Governo de António Salazar, o que lhe valeu a expulsão da carreira diplomática, e acabaria por morrer na miséria.

Fotografia: Miguel Baltazar



Homenagem. Panteão dá visto a Aristides de Sousa Mendes

Aristides de Sousa Mendes foi homenageado com honras de Panteão Nacional.

Portugal teve, durante a Segunda Guerra Mundial, uma figura que se destacou pelo humanismo, pela luta pela liberdade e pela salvação dos refugiados que fugiam das garras opressoras do regime nazi. Aristides de Sousa Mendes, que foi cônsul em Bordéus, e que, contam os relatos, ajudou mais de 10 mil pessoas a fugir da guerra e da morte certa, recebeu, na terça-feira, honras de Panteão Nacional.

Várias figuras políticas – entre as quais Marcelo Rebelo de Sousa, António Costa, Eduardo Ferro Rodrigues, Durão Barroso, antigo primeiro-ministro português, e Carlos Moedas, que tomou posse na segunda-feira como presidente da Câmara de Lisboa –, junto de historiadores, familiares e estudiosos do percurso de Sousa Mendes, como Margarida de Magalhães Ramalho, estiveram presentes no Panteão Nacional para homenagear o antigo cônsul português, que desafiou as ordens do Estado Novo, e que terá ajudado à fuga de milhares de refugiados para Portugal e, a partir deste país à beira-mar plantado, procurar refúgio.

“Os que estavam em fuga apenas queriam chegar ao sul de França e passar a fronteira. Tare-

fa nada fácil, pois tinham de ter válidos quatro vistos: saída de França, entrada em Espanha, que pressupunha uma entrada em Portugal, e esta pressupunha um visto definitivo para outro país”, explicou, durante o evento, a investigadora Margarida de Magalhães Ramalho, coautora do Museu Virtual dedicado ao antigo cônsul. “É neste contexto de angústia e desespero generalizados que Aristides Sousa Mendes, que desde o início da guerra vinha emitindo alguns vistos à revelia da circular 14, o que lhe custou várias chamadas de atenção, decide, a 17 de junho, escutar a voz da sua consciência e, ao arrepio das ordens de Lisboa, começa a emitir vistos a toda a gente, ordenando aos consulados dele depen-

dentes que fizessem o mesmo”, continuou a investigadora.

MARCELO ELOGIA DIVERSIDADE

No seu discurso, Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República, começou por declarar, em seguimento às ações de Aristides de Sousa Mendes, que “não há raças, etnias, religiões, culturas, civilizações que sejam umas mais do que outras”.

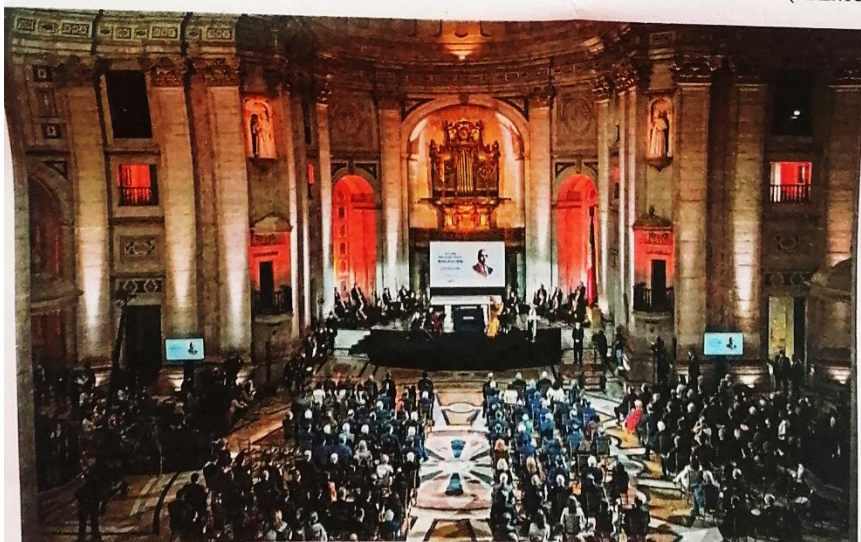
“Recordando-nos, nas palavras de Paulo, que não há judeu nem romano nem grego nem outros mais. Isto é, não há raças, etnias, religiões, culturas, civilizações que sejam umas mais do que outras, e que não mereçam todas e todos o mesmo respeito da dignidade da pessoa, da sua indestrutível natureza, da sua inexpugnável diferença”, reforçou o Presidente da República, que fez questão de relembrar aqueles a quem o antigo cônsul português se junta no solene edifício, onde partilhará “a homenagem pátria com tão diferentes escritores como Camões, Almeida Garrett, João de Deus, Guerra Junqueiro e Aquilino Ribeiro, ou tão opostos presidente da República quanto Manuel de Arriaga, Teófilo Braga, Sidónio Pais e Óscar Carmona”.

A homenagem a Aristides de Sousa Mendes aconteceu sem a presença do corpo no túmulo, que ficará na sua terra natal, em Cabanas de Viriato, Viseu.

A iniciativa partiu de uma proposta da deputada não inscrita Joacine Katar Moreira (ex-Livre).

O antigo cônsul português terá ajudado mais de 10 mil pessoas a fugir do regime nazi

No Panteão Nacional, figuras políticas, familiares e historiadores estiveram presentes



O Panteão Nacional encheu-se para homenagear Sousa Mendes

TWITTER ANTÓNIO COSTA



Opinião Cláudia Ninhos

Aristides

Não podia eu fazer diferenças de nacionalidades, visto obedecer a razões de humanidade que não distinguem raças nem nacionalidade.” Aristides de Sousa Mendes tinha 54 anos de idade quando escreveu estas palavras e uma já longa carreira como cônsul, durante a qual passou por diferentes continentes. Em 1938, quando foi nomeado para o Consulado de Bordéus, não podia imaginar que seria confrontado com o turbilhão de uma nova guerra mundial, apesar de o expansionismo nazi ser já imparável. A guerra deflagrou em setembro de 1939, depois da invasão da Polónia, mas foi na primavera de 1940, com a invasão da Europa Ocidental, que o conflito sofreu uma viragem decisiva. Fugindo à frente do exército alemão, milhares de pessoas tentavam desesperadamente deixar os países ocupados. Muitos eram judeus, vítimas de uma intensa perseguição racial. Pessoas de todas as nacionalidades fugiam de comboio, de carro, de bicicleta ou a pé. A saída abrupta do governo e das autoridades civis e militares francesas ajudou a gerar um clima de pânico coletivo. Não conseguimos imaginar o drama vivido por aquelas pessoas, mas o primeiro secretário da Legação de Portugal em França, José de Bivar Brandeiro, deixou-nos um testemunho pungente da “atmosfera de terror”, com “três milhões de pessoas de Paris e dos arredores precipitaram-se nas estradas, arrastando tudo o que podiam levar e deixando abandonadas as suas casas e as suas terras”. Era este o ambiente que se vivia em França quando Aristides de Sousa Mendes decidiu desobedecer às ordens do Estado Novo. Aliás, já o tinha feito esporadicamente desde que a Circular n.º 14 fora emitida, mas em junho foi ainda mais longe e decidiu conceder vistos a todos os que dele necessitassem. Fausto Navarro, cônsul de Espanha em Hendaya, escreveu na época que, naquela cidade, Aristides “dava os vistos sem nenhuma formalidade, umas vezes sem selo do consulado, outras redigidos em francês,

muitos no seu próprio carro, fora da sua demarcação, na estação, na própria fronteira”. As ordens contidas nas várias circulares que o Ministério dos Negócios Estrangeiros emitiu procuravam limitar a entrada de refugiados em Portugal, sobretudo àqueles considerados “indesejáveis”, como os judeus, os russos ou os apátridas. Armando Lopo Simeão, que Lisboa enviou à fronteira franco-espanhola em junho para avaliar e reportar o que se passava, falava numa “massa ignóbil e em grande parte indesejável sob o ponto de vista social” e referiu-se ao gesto de Aristides como um “ato de loucura”. O embaixador de Portugal em Madrid, Pedro Teotónio Pereira, que também se dirigiu à fronteira nessa altura, descreveu o cônsul como um “homem perturbado e fora do seu estado normal”, que “havia perdido o uso da razão”.

Aristides foi chamado a Lisboa e foi alvo de um processo disciplinar que o afastaria para sempre da carreira consular. Poderia ter-se defendido com as circunstâncias anormais daquele período, que foram apontadas em diversos documentos da época. Nunca o fez, mas não baixou os braços. Escreveu inclusivamente a Oliveira Salazar, ao Presidente da República Óscar Carmona e à Assembleia Nacional. Na missiva remetida à assembleia garantia que as ordens do MNE eram inconstitucionais por violarem o artigo 8.º da Constituição de 1933, que garantia “a liberdade e inviolabilidade de crenças”. Em vão. O seu processo nunca foi revisto. Aristides desobedecera a Salazar, que além de presidente do Conselho era ministro dos Negócios Estrangeiros, não perdoava a quem lhe desobedecesse. A memória do que se passou em Bordéus e na fronteira franco-espanhola em junho de 1940 permaneceu enterrada e esquecida dentro das paredes do MNE, apesar do reconhecimento que veio do Yad Vashem e dos esforços da sua incansável filha, Joana Sousa Mendes.

Foi preciso esperar pela queda da ditadura. Em 1976, num relatório sobre a “Reabilitação póstuma de S. Mendes condenado discipli-

narmente por desobediência (recusa de cumplicidade nos crimes de guerra)”, datado de maio de 1976, Nuno Bessa Lopes afirmava que fora ele a abrir pela primeira vez o processo: “Acabo de abrir o famoso envelope lacrado em que se encontrava o processo guardado no Arquivo Geral”. Em sua opinião, tratava-se de “um caso de alto significado na história diplomática portuguesa”.

A história da ação de Aristides é conhecida de todos, mas a sua memória tem também uma história própria. Que memória guardam os portugueses, enquanto sociedade, deste passado? Como é que essa memória evolui ao longo dos anos? Podemos afirmar que continua ainda a ser uma memória polarizada, como a de tantos outros “salvadores”. O caminho para a reabilitação foi longo e cheio de obstáculos e ainda hoje existe quem tente branquear ou desvalorizar. O estado de degradação a que chegou a Casa do Passal, residência da família, da qual Aristides teve de se desfazer, é a imagem da pouca importância que atribuímos durante décadas a este passado não muito remoto. Têm-me perguntado se a concessão de honras de Panteão Nacional é a homenagem que faltava. Não hesito em dizer que não. Em minha opinião, falta a mais importante de todas as homenagens. Falta reabilitar, musealizar e abrir a Casa do Passal ao público. A casa que pertenceu à família de Aristides, da qual teve de abrir mão para pagar dívidas. O espaço já foi objeto de uma primeira intervenção, durante a qual o exterior foi recuperado e paredes do interior estabilizadas, mas esta deve vir a ser um lugar aberto a todos. Deve afirmar-se como um espaço de memória deste período trágico, de Aristides de Sousa Mendes e dos que ajudou a salvar, de reflexão sobre o passado, mas, sobretudo, para que a partir desse passado, cujas consequências conhecemos, seja possível refletir sobre o futuro que queremos. Acredito que este é um dever moral da sociedade portuguesa e é nele que devemos centrar as nossas atenções e esforços para honrar Aristides e nunca esquecer a sua memória.

Historiadora e autora de O Essencial sobre Aristides de Sousa Mendes

Ribeiro, N. (2021, outubro 20). Marcelo alerta que não há raças, etnias ou religiões superiores a outras. *Público*, 21.

12 • Público • Quarta-feira, 20 de Outubro de 2021

Política

Marcelo alerta que não há raças, etnias ou religiões superiores a outras

Nuno Ribeiro Texto
Daniel Rocha Fotografia

Aristides de Sousa Mendes só foi reintegrado no corpo diplomático e no Estado em Abril de 1988 por iniciativa de Jaime Gama

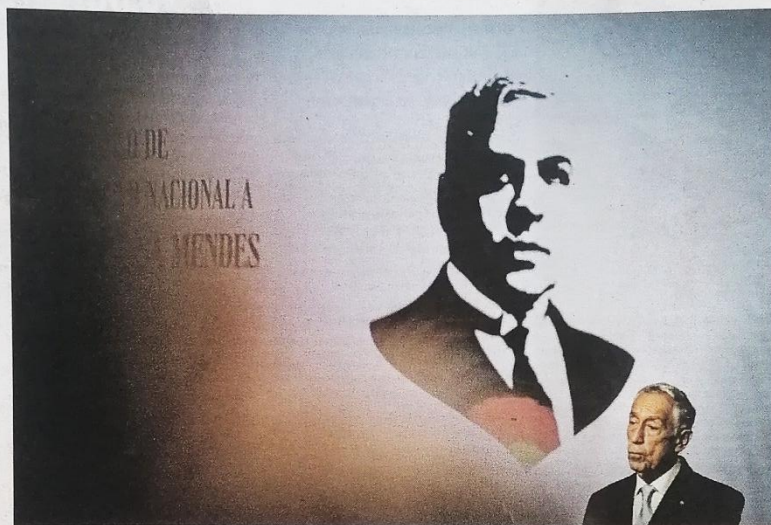
O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, alertou ontem que não há raças, etnias ou religiões superiores a outras. Na intervenção com que encerrou a cerimónia de concessão de honras de Panteão Nacional ao antigo cônsul português Aristides de Sousa Mendes, Marcelo foi extremamente claro na condenação das ideias de supremacia.

“Não há raças, etnias, religiões ou civilizações em que uma seja mais do que as outras”, disse Marcelo, salientando que Portugal se curva perante a personalidade moral de Aristides de Sousa Mendes, que salvou milhares de judeus e outros refugiados do regime nazi durante a Segunda Guerra Mundial em Bordéus.

“Aristides de Sousa Mendes serviu, com coragem extrema, provação pessoal e familiar e exemplar humildade esses valores na sua mais notável expressão.” Marcelo enalteceu que “Aristides de Sousa Mendes mudou a história de Portugal e projectou Portugal no mundo”. “Mudou a história de Portugal nesse momento trágico chamado genocídio em plena guerra mundial. Porque de genocídio se tratava, já na perseguição de comunidades, que haveria de acabar em Holocausto”, considerou.

Mas também “Projectou Portugal no universo”, continuou, desde “o reconhecimento a um dos ‘Justos entre as nações’ em Jerusalém, ao respeito e à veneração na Europa, nas Américas, na África, nas Ásias, onde quer que haja descendentes dos descendentes daquelas e daqueles que ajudou a salvar, ou ao menos um punhado de cidadãos do mundo cultores das bem-aventuranças – das bem-aventuranças das igrejas, como das bem-aventuranças das luzes, que somam a razão ao afecto”.

“Aqui [no Panteão Nacional] entrou Aristides de Sousa Mendes e aqui permanecerá até ao fim dos tempos, se os tempos tiverem fim”, declarou, referindo a acção diplomática do cônsul português contra as orientações do regime de Salazar como “a diplomacia ao serviço da vida e da liberdade”. O que o levou a ser expulso da carreira diplomática e a viver, com a sua família, intensas represálias e a morrer na miséria.



Marcelo Rebelo de Sousa, António Costa e Ferro Rodrigues marcaram presença



Portugal, fugindo ao horror da perseguição nazi.

Sobressalto, 80 anos depois

Por seu lado, o presidente da Assembleia da República, Eduardo Ferro Rodrigues, recordou o “ilustre português” Aristides de Sousa Mendes, alertando para fenómenos actuais de ódio racial, homofobia, anti-semitismo e “recusa do outro”, bem como os discursos negacionistas do Holocausto.

“Oito décadas passadas sobre os acontecimentos de Bordéus, é, porém, com sobressalto que, pela Europa e pelo mundo fora, se verifica que o registo histórico do sucedido pode não ter ficado suficientemente enraizado na memória colectiva das democracias que desde então foram emergindo”, declarou.

“Todos concordarão que o exemplo de generosidade e de coragem de Aristides de Sousa Mendes engrandece Portugal e prestigia o povo português. Tenho a certeza de que a maioria das pessoas gostará de pensar que, se alguma vez estivesse perante um dilema equivalente, escolheria não olhar para o lado e tomar a decisão ética, enfrentando as consequências. Felizmente, poucos de nós são confrontados na vida real com tal dilema”, declarou.

Confessando não ser “nenhum pessimista antropológico, antes pelo contrário”, Ferro Rodrigues apontou, no entanto, ter “idade suficiente, bem como um razoável conhecimento da História, para saber que são muito raras as pessoas que, na hora decisiva, face a situações concretas, arriscam mesmo comprometer a sua segurança, a sua liberdade, ou a da sua família, com o único propósito de ajudar os outros”, sendo que Aristides de Sousa Mendes foi uma dessas pessoas.

Ferro Rodrigues deixou ainda um agradecimento ao grupo de trabalho parlamentar responsável por definir o processo de concessão de honras de Panteão Nacional a Aristides, depois de ter sido aprovado no Parlamento, em Julho de 2020, um projecto de resolução proposto pela deputada não inscrita Joacine Katarr Moreira – na altura ainda deputada do partido Livre.

Já em Abril de 1988, a Assembleia da República decretou, por unanimidade, a reintegração, a título póstumo, na carreira diplomática do ex-cônsul em Bordéus, reconhecendo-se também o direito a indemnização reparadora aos herdeiros directos.

Acto de consciência

A voz da consciência que levou Aristides de Sousa Mendes a salvar mais de dez mil pessoas foi também evocada por Margarida de Magalhães Ramalho, investigadora e co-autora do Museu Virtual Aristides de Sousa Mendes, no seu elogio fúnebre.

Durante o conflito, recordou, “os que estavam em fuga apenas queriam chegar ao Sul de França e passar a fronteira. Tarefa nada fácil, pois tinham de ter válidos quatro vistos: saída de França, entrada em Espanha, que pressupunha uma entrada em Portugal, e esta pressupunha um visto definitivo para outro país”.

“É neste contexto de angústia e desespero generalizados que Aristides de Sousa Mendes, que desde o início da guerra vinha emitindo alguns vistos à revelia da circular 14, o que lhe custou várias chamadas de atenção, decide, a 17 de Junho, ao fim de três dias de uma enorme luta interior, escutar a voz da sua consciência e, ao arripio das ordens de Lisboa, começa a emitir vistos a toda a gente, ordenando aos consulados dependentes que fizessem o mesmo”, referiu.

Nesta sua decisão, Aristides de Sousa Mendes pôde contar com o apoio incondicional da sua mulher e filhos, recordou a investigadora, segundo a qual, graças ao “acto de consciência” do diplomata, pelo menos dez mil pessoas entraram em

Sousa, J.V. (2021, outubro 20). Marcelo destaca “coragem” de Aristides. *Jornal de Notícias*, 11.



Aristides de Sousa Mendes salvou milhares de judeus

Marcelo destaca “coragem” de Aristides

Antigo cônsul recebeu honras de Panteão.
Costa e Ferro alertam contra aumento do “ódio”

João Vasconcelos e Sousa*
joao.sousa@ext.jn.pt

HOMENAGEM O Panteão Nacional descerrou ontem, por decisão do Parlamento, uma placa evocativa de Aristides de Sousa Mendes, o antigo cônsul-geral de Portugal em Bordéus que, no início da II Guerra Mundial, salvou milhares de refugiados judeus. O presidente da República, o presidente da Assembleia da República e o primeiro-ministro estiveram presentes na cerimónia e evocaram a “coragem” do diplomata, que emitiu vistos de entrada em Portugal à revelia de Salazar.

“Aqui entrou Aristides de Sousa Mendes e aqui permanecerá até ao fim dos tempos”, afirmou Marcelo Rebelo de Sousa durante a cerimónia, em Lisboa. Destacando a “coragem extrema” do antigo cônsul, o chefe de Estado considerou que este “mudou a História de Portugal e projetou Portugal no mundo”.

Marcelo destacou que Aristides é, ainda hoje, alvo de “respeito e veneração” em qualquer lugar do mundo onde haja “descendentes dos descendentes daquelas e daqueles que ajudou a salvar”. O país estará, por isso, “eternamente grato” ao diplomata e à “personalidade moral” por ele evidenciada.

António Costa lembrou que, ao contrário do que é

costume dizer-se, o passado pode repetir-se. “Infelizmente, a História tem demonstrado que aquilo com que Aristides foi confrontado continua a ser uma realidade de hoje. Por isso, é muito importante que estes valores sejam lembrados”.

Ferro Rodrigues, presidente da Assembleia da República, também deixou avisos para o “aumento evidente” de fenómenos como o antissemitismo, o ódio racial ou a homofobia. Enalteceu ainda a “coragem” de Aristides ao “desafiar as ordens de Lisboa”, mesmo sabendo que a sua carreira e bem-estar correriam “riscos evidentes”. • COM LUSA

LÁ FORA

Antigo cônsul evocado em várias cidades francesas

Aristides foi ontem lembrado em várias cidades de França. Em Bordéus, a ministra francesa delegada à Memória e Antigos Combatentes, Geneviève Darrieussecq, presidiu a uma cerimónia junto ao busto do diplomata. Em Bayonne (onde Sousa Mendes também trabalhou) houve uma homenagem junto ao antigo consulado português, tendo ocorrido o mesmo em Hendaia, junto à placa evocativa do diplomata.

OPINIÃO

Resistir ao mal

FRANCISCO JOSÉ VIEGAS
ESCRITOR



Tendo terminado a leitura de um livro sobre a casa dos Habsburgos (o Sacro-Império, uma dinastia de criadores e poderosos cujos domínios se estenderam da Europa à Ásia e às Américas) deparo-me com o nome de Otto Von Habsburgo, o último arquiduque da Áustria, um dos sobreviventes dessa família odiada por Hitler, e cujo salvo-conduto para Portugal foi passado por Aristides de Sousa Mendes naquele ano de 1940. É um pormenor na vida do cônsul que, diante da barbárie e da perseguição nazi, desobedeceu ao governo e decidiu que dará "vistos a toda a gente; já não há nacionalidades, raça ou religião". Não foi o único funcionário diplomático que o fez (os casos de Sampaio Garrido, Teixeira Branquinho ou Veiga Simões dariam grandes histórias), mas foi o

que mais gravemente sofreu o castigo do regime e aquele cuja história atingiu maior dramatismo. É incerto e discutido o número daqueles que Aristides de Sousa Mendes salvou da captura certa pela Alemanha – mas cada um deles será (sobretudo depois de se ter conhecido a dimensão do horror planeado e executado pelo nazismo) uma árvore plantada no bosque dos justos. Esta chegada ao Panteão, onde outros portugueses também aguardam entrada, é uma espécie de reparação com anos de atraso: o lugar de Aristides é o de um símbolo da capacidade de resistir ao mal e de agir no meio do turbilhão. Nos momentos de destruição e extermínio, nenhuma outra razão é válida senão a de salvar a humanidade. A História encarrega-se, depois, de indicar os nomes a quem coube um papel nesse destino – e Aristides está entre eles. ♦

O LUGAR DE ARISTIDES É O DE UM SÍMBOLO DA CAPACIDADE DE RESISTIR AO MAL

Pizarro, M., Santos, I. (2021, outubro 21). Celebrar Aristides de Sousa Mendes: um compromisso! *Jornal de Notícias*, 30.

Celebrar Aristides de Sousa Mendes: um compromisso!

POR

**Isabel Santos
e Manuel Pizarro**

Eurodeputados do
Partido Socialista

No momento em que Portugal faz justiça e atribui honras de Panteão Nacional a Aristides de Sousa Mendes, relembramos o seu legado, e a forma como ele ultrapassa largamente a dimensão da evocação da sua personalidade e da preservação da sua memória histórica.

A atualidade do seu exemplo impõe-se ainda nos nossos dias, quando as fronteiras da União Europeia se fecham para muitos daqueles que aqui procuram uma oportunidade de vida em segurança e com dignidade. Ou quando movimentos neofascistas se arrogam o direito de voltar a sair à rua e apelar ao ódio e à intolerância. Ou, ainda, quando observamos o aumento do antissemitismo, da islamofobia e dos ataques violentos

contra minorias étnicas e religiosas por toda a Europa, ou de crimes de ódio como o recentemente registado em Portugal contra uma família sueca. Sim, sejamos claros: estão em causa avanços civilizacionais que julgávamos sem retrocesso. Evocar Aristides Sousa Mendes, um Justo entre As Nações, deve servir para entoarmos uma verdadeira ode à tolerância e à dignidade humana.

É dever de todos lembrar o exemplo daquele que, sendo monárquico e católico fervoroso, perante o avanço das tropas nazis, ousou desafiar uma ordem constitucional de um regime político ditatorial e, movido pela sua consciência, salvar 30 mil vidas das garras da morte, sem olhar a raças, credos ou estatutos sociais. Entre aqueles que salvou encontravam-se não só judeus, mas também republicanos espanhóis exilados em França, comunistas, e tantos outros perseguidos pelo nazismo.

Ele mostra que, perante a barbárie, a atitude de cada um conta e faz a diferença. Recordar o seu exemplo é também assumir o compromisso de defesa intransigente dos valores que permitiram à Europa superar as feridas da II Guerra Mundial e que conduziram à criação da União Europeia.

Sentimos o dever de nos associarmos às homenagens que o país lhe rende. Para isso promovemos ações de tributo a Aristides Sousa Mendes, uma no Porto (dia 22), outra em Bruxelas (dia 26), onde contaremos com o testemunho de Hilda de Vleeschauwer, salva pelo cônsul de Bordéus, tal como toda a sua família, quando ainda era criança.

Celebrar Aristides Sousa Mendes é evocar a sua coragem e a defesa permanente da dignidade humana. Mas é também um compromisso e um ato de fidelidade ao seu legado, que nos cabe preservar.

Anexo 228

Santos, V. C. (2021, outubro 21). Honrar Aristides de Sousa Mendes. *Destak*, 12.

Honrar Aristides de Sousa Mendes

O reconhecimento de Aristides de Sousa Mendes, demorou mais que

o desejado. O antigo cônsul de Portugal em Bordéus salvou do extermínio nazi mais de 30 000 pessoas, entre judeus e também republicanos e comunistas espanhóis, que seriam mortos, às mãos do criminoso fascista, Franco. O exemplo que deixou é o máximo de amor ao próximo, devendo ter honras de repouso no Panteão Nacional.

VÍTOR COLAÇO SANTOS
S. João das Lampas



Opinião
Viriato
Soromenho-
-Marques

Obediente a uma lei maior

O acolhimento do diplomata Aristides de Sousa Mendes no Panteão Nacional é um acontecimento cuja importância não pode ser reduzida a uma justa, mesmo que tardia, reparação da República para com um seu funcionário longamente ostracizado. Com efeito, o Estado português há muitas décadas beneficia do prestígio que a heroica desobediência do nosso cônsul em Bordéus, quando em junho de 1940, a escassos dias da capitulação da França perante a Alemanha hitleriana, em colisão direta com as ordens de Lisboa, decidiu emitir inúmeros vistos, em ritmo acelerado, que salvaram a vida a milhares de refugiados, sobretudo mas não exclusivamente judeus. Salazar poderia depois da guerra terminada, com um gesto que nem sequer feriria o culto do moderno ídolo da “razão de Estado”, ter retirado o cônsul da situação de indigência material em que a sua expulsão da carreira pública o colocou. Teria sido um gesto que até beneficiaria o regime, mas pelos vistos iria causar uma brecha narcísica insuportável para o então presidente do Conselho. Foi apenas com Mário Soares, em 1987, que o Leviathan luso começou a emendar a mão.

Na verdade, a coragem de Aristides de Sousa Mendes pertence à classe mais incómoda, por ser, potencialmente, a mais universal. Sófocles mostrou-nos isso na tragédia *Antígona*, há quase dois milénios e meio, ao colocar o heroísmo moral – pois é disso que se trata em Aristides – numa frágil figura feminina (o que não era coisa pouca

na patriarcal Grécia Antiga). *Antígona* arriscou perder a vida para poder sepultar o seu irmão Polínices, cujo cadáver Creonte – seu tio e rei de Tebas – queria deixar ser devorado pelos animais selvagens. A natureza do heroísmo ético incomoda-nos porque, estando ao alcance de todos, acaba por ter escassos praticantes. Até pela sua relativa raridade, a coragem ética exhibe a nossa fragilidade moral, cuja raiz se encontra, como bem identificou Hannah Arendt, num conformismo que atesta, mais do que cobardia, uma incapacidade de pensar e assumir responsabilidade pelas consequências dos seus atos, como ficou tristemente consagrado na estafada justificação dos criminosos de Nuremberga em 1945: “Eu apenas obedeci a ordens” (*Ich habe doch nur Befehle befolgt*).

Com efeito, a rebeldia de Aristides de Sousa Mendes assume um carácter ético por identificar na obediência a uma lei positiva uma violação de um imperativo não escrito, mas de valor inquestionavelmente superior. O conflito moral coloca duas cadeias de comando em rota de colisão. Por um lado, a vontade manifesta dos poderes estabelecidos, cujo cumprimento oferece a recompensa da segurança e a garantia de ser acolhido numa grande organização, seja ela o Estado ou a empresa. Do outro lado, a voz da consciência, que historicamente se tem tornado cada mais inaudível, cujo comando dispensa a mediação de hierarquias burocráticas, traduzindo-se quase invariavelmente o seu atendimento em risco e sofrimento para aqueles que lhe obedecem. A homenagem a Aristides é simultaneamente uma advertência, a cada um de nós, para os imensos desafios éticos contidos nas tribulações do mundo contemporâneo. A “banalidade do mal”, proposta por Arendt, descreve com rigor essa indiferença danosa, daqueles que, sob o pretexto da submissão hierárquica, mais do que perseguir o mal, simplesmente deixaram de crer no bem, recusando-se a assumir responsabilidade pelo mundo, pelos outros e pela higiene das suas consciências.

“

Na verdade, a coragem de Aristides de Sousa Mendes pertence à classe mais incómoda, por ser, potencialmente, a mais universal.

Professor universitário

Anexo 230

Tecedeiro, H. (2021, outubro 23). Aristides no Panteão: tão importante hoje como há 80 anos. *Diário de Notícias*, 4.



3.a

Aristides no Panteão: tão importante hoje como há 80 anos

"Portugal, curvando-se perante a sua personalidade moral, eternamente grato, hoje e para sempre o recorda e homenageia". Foi com estas palavras que Marcelo Rebelo de Sousa prestou homenagem a Aristides de Sousa Mendes na cerimónia de concessão de honras de Panteão ao antigo cônsul em Bordéus, que salvou milhares de judeus e outros refugiados do regime nazi durante a Segunda Guerra Mundial. Um dos quatro portugueses "Justos entre as Nações" o exemplo de Aristides é hoje, 67 anos após a sua morte, tão importante como há 80 anos, perante o "aumento evidente de fenómenos de antisemitismo, de ódio racial, homofobia e recusa do outro, por ser estrangeiro ou diferente".

Santos, V. C. (2021, novembro 16). Aristides de Sousa Mendes: mais vale tarde do que nunca. *Jornal de Notícias*, 30.

Aristides de Sousa Mendes: mais vale tarde do que nunca

O reconhecimento de Aristides de Sousa Mendes demorou mais do que o admissível. Salvou do extermínio nazi milhares de pessoas, nomeadamente judeus, mas também republicanos e comunistas espanhóis, que seriam mortos às mãos do ditador Francisco Franco.

Esta elevadíssima atitude provocou a sua expulsão de todas as funções ao nível do Estado fascista português, à época. Foi Salazar quem tomou a decisão. E nem deixou o ex-cônsul exercer o professorado.

O exemplo que nos deixou Sousa Mendes – que teve 14 filhos e morreu na miséria – é o do máximo amor ao próximo, devendo, obviamente, ter honras de repouso no Panteão Nacional.

Estas minhas palavras também são uma humilde homenagem póstuma de agradecimento a um bravo que decidiu em consciência e com coração a favor da humanidade.

Ação de Aristides de Sousa Mendes emociona-nos pela grandeza de alma. Por tudo, este homem, este grande português não morreu, continua vivo no coração de muitos de nós.

VÍTOR COLAÇO SANTOS
cyntrascrita@hotmail.com

Aristides de Sousa Mendes vai ter nome em rua de Paris. (2021, novembro 21). *Jornal de Notícias*, 29.

Aristides de Sousa Mendes vai ter nome em rua de Paris

FRANÇA O cônsul português Aristides de Sousa Mendes vai ter o nome num passeio no 17.º bairro de Paris, junto ao atual Consulado-Geral de Portugal na capital francesa, homenageando assim o diplomata português que salvou milhares de pessoas das mãos dos nazis na II Guerra Mundial atribuindo vistos para fugirem de França. Cidades como Bordéus ou Hendaia mantêm viva a memória do diplomata português.

Outros anexos

Anexo 233

A.S. (1954, abril 26). Un Grand Ami de la Belgique est Mort. *Pourquoi Pas?*

Fotografia cedida pelo Dr. António Moncada de Sousa Mendes e peça verificada pela Sousa Mendes Foundation.

Un grand ami de la Belgique est mort

Au début de ce mois, à l'âge de 69 ans, s'est éteint à Lisbonne, le docteur Aristides de Sousa Mendes Do Amaral e Abrantes. En 1909 il avait commencé une carrière consulaire, qui devait le conduire, entre autres, à Georgetown, Zanzibar, San Francisco, Vigo. En 1929, il était nommé Consul général du Portugal à Anvers.

Pendant les nombreuses années qu'il passa dans notre pays il s'était acquis les plus sôdes amitiés aussi bien dans les milieux du commerce et de l'industrie que dans ceux des sciences et des arts. Il contribua dans une grande mesure à l'épanouissement de relations harmonieuses et amicales entre la Belgique et le Portugal. Les nombreux Belges qui le connurent à l'époque n'oublieront jamais son amabilité légendaire, sa bonté, cette bonté qui devait bientôt le conduire à sa destinée.

Consul général à Bordeaux depuis 1939, il voit déferler dans ses bureaux, au moment de l'effondrement de la France, une véritable marée humaine. Traqué de toutes parts, un monde perdu, affolé, cherche à échapper aux camps de concentration nazis, à la mort. La vie de milliers de gens est entre les mains du Consul général. L'Espagne n'accorde le transit qu'aux personnes munies du visa portugais. Aristides de Sousa Mendes n'hésite pas un instant. Il va poser un acte dont il n'ignore pas les conséquences. Il ne met pas dans la balance ses intérêts personnels, les besoins de sa famille — il est père de 14 enfants; il écoute simplement son cœur. Et il s'installe au consulat où jour et nuit, sans discontinuer, épuisé de fatigue, dans une atmosphère d'angoisse, de bagarre (on se bat pour atteindre son bureau, on se bouscule même devant lui) et jusqu'au dernier moment, il examine les passeports, appose ses cachets et son visa, et sauve des hommes, des femmes, des enfants — et parmi eux, bon nombre de Belges. Mais lui, il se perd. Bien sûr, des visas donnés comme cela en hâte, ne sont pas tout à fait réguliers. Et quand, après l'armistice français, il arrive à Lisbonne, la mise en disponibilité l'attend. Sa longue et féconde carrière est brisée.

Tous ceux qui l'ont connu, à Anvers ou à Bordeaux, mais surtout ceux de Bordeaux, ressentiront profondément la disparition de cet homme généreux. Dans leur cœur son impérissable souvenir restera gravé pour toujours.

A.S.



Ezratty, H. (1964, setembro-outubro). The Portuguese Consul and the 10 000 Jews. *Jewish Life*, 17-20.

Fotografias cedidas pela Sousa Mendes Foundation.

The Portuguese Consul and the 10,000 Jews

By HARRY EZRATTY

Amidst terror and despair, there came forward a man of conscience....

IN 1940 there was a race to see which would come to Paris first—summer or the army of Nazi Germany; the army won by a week. On June 10th, Paris was emptied by her government. On the 14th the German 18th Army, led by General von Kuechler, raised its swastika over the rooftops of Paris. In that brief time France had two premiers and three capital cities.

The French moved their government from Paris to Tours, then farther south to Bordeaux. Organizations which live on the government process tagged along. Close behind came a great army of refugees made up of European royalty and heads of fallen governments, intellectuals, professors, writers, anti-Nazis, together with Jews and other "non-aryans" who were unacceptable to the Nazis. They were the designees for the ovens and gas chambers. And they knew it.

They spilled out over the countryside and flooded the roads. The warm air was heavy with the dialects of Europe. For a time before her fall, France had become the new home for many Jews. They had come from Poland, Germany, Czechoslovakia, Belgium, and Holland. Now they were

part of the confused crowd of the hungry, the weary, the harassed. Thousands of them jammed the roads. Movement was slow—a yard at a time—by foot, cart, bicycle, automobile. As the refugees approached Bordeaux they saw roads lined with abandoned cars. Gasoline was for military use. It did not exist for civilians. The closer one moved to Bordeaux the more the roads took on the appearance of a huge junk yard.

THIRTY thousand of these refugees gathered in the town of Bordeaux. A third of them were Jewish. There was only one escape route: over the Pyrenees to Spain and Portugal. The Mediterranean was closed, with British warships patrolling the area to prevent Jewish migration to Palestine. The Franco-German Armistice had sealed Marseilles against any possible passage from that port. It became quickly apparent that Portuguese visas would be needed to get to Lisbon—a neutral port. But word had passed among the refugees that Portugal would not grant Jews asylum. (Portugal had in fact previously been granting visas, with much delay. On May 10, 1940, the government ceased an-

swering all correspondence—relative to visas—that came from Bordeaux. All legal travel to Spain had therefore stopped, creating a great backlog of escapees who were now awaiting determination of the Portuguese Government's position on their status.) The Portuguese Consulate was located on Quai Louis XVIII. Great crowds of unkempt, pitiful refugees waited silently in the street, hoping for a visa to escape the advancing Nazis.

Inside the Consulate sat a remarkable man who was to make decisions that would force a change in the policies of his government—and ruin his own career. He was the Portuguese consul-general to France, Aristedes de Sousa Mendes. The Mendes family were descendants of Jews who had been forcibly converted to Christianity in 1497, when all Jews who had not similarly been converted by force were driven from Portugal. Aristedes Mendes himself was a faithful Catholic. He was a lawyer who, with his twin brother, carved a distinguished career in the Foreign Service. He was a man who could not help but be touched by the misery and suffering of others. Before France had fallen he had helped individual refugees with visas and money. Mendes even issued passports that had no legal validity, but looked valid on their face. One such beneficiary was Mosco Galimir, the leader of the Sephardic community of Vienna, and his daughter (now Mrs. Marguerite Rollins), who had been living in Biarritz. So skillful had been de Sousa's deception—that even after the Vichy Government, together with the Germans, occupied the town, these two—as Mrs. Rollins told this writer in a recent interview—were never molested. This, even though the authorities knew that they

were Jewish. Now Mendes sat in his office. It was no longer a question of a few people. There were thousands in trouble. He could see them from his window. They were waiting for some word. Waiting for the hope that only he could arrange.

ARISTEDES de Sousa Mendes had given his house over to the refugees. They sat in his waiting room, occupied his bedrooms, sprawled out exhausted along the staircase leading to the second floor. Mendes and his family ate in the kitchen, for his dining room was being used to feed and house the aged and sick. But within all this chaos there was some order. No refugee would leave his place in line for fear that he would have to go to the end of the line—thousands of people away. Many had not eaten for days.

"Where is the consul? Where is the Portuguese consul?" someone screamed from the street. Mendes was sitting in his office, looking at the instructions that he had finally received from Lisbon. They read: "No refugees are to be given any visas unless they can establish bona fide residence in Portugal. No Jews are to be admitted under any circumstances."

There were thirty thousand people out there. Each one feared for his life. Ten thousand were Jews—stateless, with nowhere to turn. Mendes walked into the hall of the Consulate, took his wife by the arm and walked to the steps. Those among the crowd who knew him were shocked by what they saw; his hair had turned white and dark rings were etched beneath his eyes. But he stood erect, and everyone knew the long wait was over. The words he uttered are recorded imperishably in the memory of survivors, and in the memory of his nephew,

JEWISH LIFE

September-October, 1964

17

18

Ezratty, H. (1964, setembro-outubro). The Portuguese Consul and the 10 000 Jews. *Jewish Life*, 17-20.

Cesar Mendes, who was there and who subsequently related them to me. "My government has denied all applications for visas to any refugee," he said sadly. "But I cannot allow these people to die. Many are Jews and our Constitution says that the religion or the politics of a foreigner shall not be used to deny him refuge in Portugal. I have decided to follow this principle. I am going to issue a visa to anyone who asks for it—regardless of whether or not he can pay." He turned to his wife. "I know that Mrs. de Sousa Mendes agrees with me. Even if I am discharged, I can only act as a Christian, as my conscience tells me." He called to a police officer standing by the door. "You are no longer to prevent these people from seeing me. You are to merely maintain order."

When the news reached the street it was greeted with a vast outburst of cheers. The long line of refugees began to pour through the Chancellery. Mendes set a low coffee table before a couch in his office. He hunched over it and began to prepare visas. He worked here for three days, assisted by his sons Jose and Pedro, stopping only to sleep and eat. He never took money for his visas. More than once he had been offered a fortune in gold which he rejected. In the end he saved 10,000 Jews* who would have fed the fires of Hitler's ovens. On the third day when the door closed on the last applicant, Mendes got up to go to his desk. He collapsed to the floor, exhausted and sick. He was put to bed where he remained several days.

* This is the figure cited to the writer by Mrs. DeJour, who at that time was a representative of the Hebrew Immigrant Aid Society (HIAS) in Lisbon and assisted the refugees who crossed the border.

September-October, 1964

Word of the refugees reached Lisbon. Two officials were sent from Portugal to bring de Sousa Mendes back. He packed his things for the long motor trip. As they headed toward Spain the car passed through Bayonne. Another crowd such as had gathered at Bordeaux assembled before the Consulate here. Mendes and his party pushed through it and into the office of the vice-consul. His daughter, Joana, and his nephew, who were present, recently related to me what then transpired. "Why don't you help these people?" he demanded of the vice-consul. The latter retorted: "I have received instructions from Lisbon not to grant any visas; especially to Jews. I am carrying out my superior's instructions." Mendes became enraged. "I have not yet been removed from my position. I am still your superior." With this he walked to the vice-consul's desk and began to assemble the necessary seals and rubber stamps for the visas. No one could stop him; not even the two officials from Lisbon. "Go tell these people to come to the Chancellery. I am going to give them visas." They were unique: visas such as these had never been issued before. They were slips of paper with the Consulate seal and the following inscription: "The Portuguese Government requests the Spanish Government the courtesy of allowing the bearer to pass freely through Spain. He is a refugee from the European conflict and en route to Portugal." How simple to save their lives!

A full day was spent issuing visas. The next morning de Sousa Mendes and his family, with the two officials, resumed their travel. By night they reached Hendaye, a Spanish border town. Spain's frontier was closed in concert with Portugal. It seemed as

though all the work and agony of the past days were for nothing. Mendes walked over to the large square where the hopefuls were waiting. "Just follow me," he said simply. Mendes had reasoned that the Spanish authorities would expect the refugees to cross at Hendaye and that only that point would be alerted. He was right. He drove further down the road to the next town. The officials there were ignorant of the whole affair. Mendes flashed his credentials. The people passed through. It was over . . . and now Mendes would have to explain his conduct to Lisbon.

At a hearing Arista de Sousa Mendes was dismissed from the Foreign Service for disobeying orders. He fought for reinstatement but without success. With heavy family responsibilities—Mendes was the father of fourteen children—he was without means. Soon he lost the family home in Cabanas de Viriato, a border village. When Jewish groups in Lisbon began to set up rescue organizations, he was given a position which he held only a short while. Mendes lost everything that he had. He prepared an appeal which he gave to his daughter Joana to present to the government. The appeal was never read. It is a model of logic for the respect and assistance that should be given to

foreigners, regardless of their beliefs. Slowly his children began to leave Portugal. Several of them are in the United States. HIAS, in gratitude for the help that he had given so many Jews, sponsored the emigration of two of de Sousa Mendes's daughters.

Aristedes de Sousa Mendes died in Portugal in 1954. Forgotten and impoverished, he had never regretted his actions. To the end he was convinced that his sacrifice was the only way he could lace G-d. He had saved the lives of thousands. He had forced his government to change its policies of asylum. Many Jews were to escape from Europe after 1940. The 10,000 were a nucleus that grew. The Jews who escaped later owe Aristedes de Sousa Mendes as much as those who were saved the summer of 1940.

On February 21, 1961, the Government of Israel planted twenty trees in the Martyr's Forest in honor of De Sousa Mendes. It is fitting that he should have living things to his memory. But those Jews who still live today because of his sacrifice are a tribute to his noble deeds. If each one remembers the man who gave him succor and lives a life inspired by Aristedes de Sousa Mendes's principles, he will have accomplished even more than Mendes dreamed.

PÁGINA 10

O DEBATE

JUSTA REABILITAÇÃO

NUM cemitério da metrópole jaz há dezasseis anos o cadáver de um homem, de elevada formação moral que, precisamente por isso mesmo, jamais podia ser um instrumento manobrado por preconceitos raciais. Chamou-se em vida esse Homem Aristides de Sousa Mendes, e foi Consul da República Portuguesa em Bordéaux, última etapa da sua vida oficial, que terminou forçadamente após um processo de «desobediência», por ter sido generoso e compadecido, sincero e desinteressado, atencioso e cheio de bondade. Soprava inclemente o tufão da segunda guerra mundial no solo francês, levando à sua frente milhares de foragidos. Era a hora das trevas. Nada se respeitava: nem vidas nem haveres, nem honra, nem inocência, nem a velhice nem a virtude, nem os direitos mais sagrados e invioláveis da pessoa humana e dos povos constituídos em nações. Era a guerra com todo o seu tórrido cortejo de ódios e malquerenças, expandindo em toda a horrorosa realidade os mais baixos instintos inferiores, crueldades e abominações. Milhares de seres humanos eram perseguidos e odiados, como ainda ninguém foi perseguido e odiado.

Na ressaca tremenda e apocalíptica, os desgraçados procuravam a todo o transe salvar o único bem que ainda possuíam: a vida! Derreados, estropeados, acossados por todos os lados esses desgraçados, primeiro centenas, depois alguns milhares chegavam a Bordéux, num estado espantoso e incrível, de depauperamento físico e moral, pedindo, suplicando o visto salvador que pusesse a recua da fúria sangüinária.

Era Portugal um país neutro, e para aquela turba desvairada o nosso País era — como foi — a sua salvação.

Foi neste ambiente de terror, que Aristides de Sousa Mendes, recebeu do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal a ordem expressa de não conceder vistos de entrada em Portugal a cidadãos de origem israelita, e a cidadãos procedentes de países ocupados ou em vias de ocupação.

Entre o cumprimento de tal ordem e o cumprimento dos determinativos, ou melhor, dos imperativos morais, o Consul Aristides de Sousa Mendes, não hesitou. Entre os horrores e as abominações que se estavam a desenrolar, em toda a eloquente grandeza, em frente do seu Consulado, e o cumprimento formal dessa ordem, prevaleceu o Homem e sucumbiu o funcionário. Deu quantos vistos lhe pediram, gratuitamente, febrilmente, numa ansia de salvar as vidas daquela legião de desgraçados.

E assim entraram em Portugal milhares de pessoas que, sem a atitude desassomburada do Consul Português, seriam mais uns tantos milhares de mortos a juntar aos milhões atirados para as valas comuns dos cemitérios e dos campos de concentração.

Todavia, esta nobilíssima atitude do Consul Sousa Mendes foi tomada como um acto de desobediência, incurso, portanto numa punição.

E' chamado a San Sebastian pelo então Ministro de Portugal em Madrid, e este faz-lhe ver a desobediência praticada. Sousa Mendes ri, posta que entre o seu dever de funcionário e o seu dever de Homem não podia hesitar. E' mandado apresentar em Lisboa, ordem que Sousa Mendes acata, depois de ter ido encerrar o seu consulado em Bordéux. Chega a Lisboa. E' sujeito a auto de desobediência disciplinar que — como não podia deixar de ser... — o afasta da actividade diplomática...

Chegam os ecos da vitória final na Europa. Embainham-se as espadas ensanguentadas em mil batalhas, cala-se o canhão mortífero e destruidor.

No azul do céu já não cruzam aviões, arrasando cidades e dizimando populações inteiras. Sousa Mendes não se conforma e deseja, muito humanamente, muito dignamente, muito justamente que seja reabilitado. Portugal goza, nessa altura, no conceito mundial a prestigiosa fama de um País Hospitaleiro. Tece-se ao Povo Português os maiores elogios, pela generosidade dos seus sentimentos.

Dentro do que a legalidade lhe permite, Sousa Mendes recorre do despacho que o puniu para o Supremo Tribunal Administrativo. Nada consegue. Cansado e desiludido, apela, em última instância, para Assembleia Nacional.

Abalado na sua saúde, sofrendo mil vexames, gastando todo o seu património, Sousa Mendes vai-se extinguindo lentamente, numa agonia atroz de revoltado pela injustiça clamorosa de que foi vítima e, depois de toda a gama de sofrimentos morais e materiais, deixa a vida terrivelmente legando como única fortuna — afinal aquela que tem realmente valor — um nome de sacrificado.

Sousa Mendes não morreu para o Mundo, nem muito menos para a sua Pátria. Urge reabilitar a sua Memória Honrada, pondo em compensação a sua acção e a acção que, para com ele foi praticada. Digamos, na forma como se selam as afirmações solenes: «Ad Perpetuum Rei Memoriam».

O Governo de Israel, como reconhecimento e gratidão, mandou plantar 20 árvores na floresta dos Mártires em 1961, e no dia 9 de Outubro de 1967, homenageou a sua memória no Consulado Geral de Israel, em Nova York, com a Medalha dos Justos, que é a condecoração mais elevada de Yad Vashem em Jerusalém, e que foi criada para galardear os cristãos que salvaram judeus durante a guerra.

E' óbvio de desejar e esperar que o Governo Português faça, por seu lado, justiça. Só poderá enaltecer-se aos olhos do mundo.

Aristides de Sousa Mendes foi admitido e privado do seu vencimento durante muitos anos. Faleceu sem perdão, tendo ele, porém, perdoado aos autores do castigo que lhe foi imposto.

Segundo o Anuário Diplomático de 1937, foi condecorado com a Cruz Vermelha de Mérito, com a Estrela Brilhante de Zanzibar e com o Oficialato da Ordem de Leopoldo da Bélgica.

Depois de Israel ter reconhecido a sua obra humanitária têm sido publicados artigos referentes ao General Franco, enaltecendo a sua obra de salvamento dos judeus no tempo de Hitler. Como é sabido, Franco encerrou a fronteira espanhola em 1940 para impedir a passagem dos refugiados. Porém, em 1944 deu facilidades aos judeus de ascendência espanhola para entrarem em Espanha.

E' da maior importância observar que essa obra foi realizada quando Hitler estava em decadência e os aliados vencedores.

CÉSAR MENDES

"Embaixador desmistifica 'lenda' Sousa Mendes". (2007, abril 3). *O Diabo*, 6-7.

João Coito
O meu adeus ao 'DN' e o 'comício' de Maria Elisa

3 Alfredo Farinha
Em defesa da liberdade e da democracia

4 Godinho Granada 18
A presença de Salazar

Mudar Portugal
Um artigo de Alberto João Jardim
Pág. 2

o Diabo

Fundadora: Vera Lagoa PDG e Director Interino: José Esteves Pinto

SEMANÁRIO • Sai às TERÇAS-FEIRAS • 3 de Abril de 2007 • Ano XXXI • N.º 1579 • Preço: 1,80 € (IVA incluído)

EM CARTA A MARIA BARROSO, PRESIDENTE DA 'FUNDAÇÃO A. S. MENDES'

EMBAIXADOR DESMISTIFICA 'LENDA' SOUSA MENDES



- A embaixada britânica denunciou, na época, que Sousa Mendes cobrava dinheiro pela emissão de vistos e passaportes
- Sousa Mendes acumulou numerosos processos disciplinares desde o longínquo ano de 1917, na I República, até 1940
- Desapareceram misteriosamente dos arquivos do MNE várias peças dos processos que incriminavam Sousa Mendes

Págs. 6-7

FALÊNCIAS ENTOPEM TRIBUNAIS DO COMÉRCIO

■ Têm apenas 10 anos de vida mas já estão a rebentar pelas costuras. Se a situação não for resolvida, os juízes Sá Nogueira e Baptista Coelho admitem a sua extinção

Pág. 10

PIRES DE LIMA, EX-BASTONÁRIO DA ORDEM DOS ADVOGADOS

'ESTÁ A SER CRIADA UMA POLÍCIA DE DEFESA DO GOVERNO'

■ A concentração do poder nas polícias e na investigação criminal (SISI) é considerada «perigosa e preocupante». Pires de Lima diz mesmo que o Executivo «está a transformar o País num Estado policial»

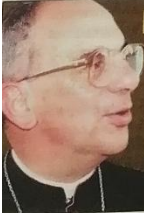
Pág. 11



GOVERNO 'ROUBA' AGRICULTORES PARA FINANCIAR O ALQUEVA

■ O Executivo autorizou o ministro Jaime Silva a desviar para investimento na barragem do Alqueva verbas europeias destinadas aos agricultores. São 100 milhões de euros/ano

Pág. 9



D. ALBINO CLETO, BISPO DA DIOCESE DE COIMBRA, A 'O DIABO' 'SEM FAZER CARIDADE, A QUARESMA É UMA MENTIRA'

■ Em vésperas de Páscoa, o bispo de Coimbra teme que a sociedade caia «num individualismo acentuado», desafia os católicos a «ressuscitar para uma vida melhor» e diz que a lei do PS sobre a IVG vai «banalizar a prática do aborto»

Centrais

Embaixador desmistifica «lenda» Sousa Mendes

478

"Embaixador desmistifica 'lenda' Sousa Mendes". (2007, abril 3). *O Diabo*, 6-7.

Aristides Sousa Mendes

Algumas Notas

Num «memorandum» da Embaixada Britânica, datado de 20/6/40, diz-se:

«O cônsul de Portugal em Bordéus protela para fora das horas de expediente todos os pedidos de vistos, e cobra por eles taxas extraordinárias. Pelo menos **num caso foi ainda o interessado convidado a contribuir para um fundo português de caridade antes de ser-lhe concedido visto**».

Processo

Despacho de Salazar preparado pelo Secretário Geral:

«Atendendo a que às infracções cometidas, não tendo em consideração a reincidência, cabe a pena do n.º 8 do artigo 6.º do Regulamento Disciplinar;

Atendendo a que do relatório consta "e o Conselho reconhece a incapacidade profissional do arguido para dirigir consulados, especialmente os da sua categoria";

Condena o cônsul de 1.ª classe, Aristides Sousa Mendes, na pena de um ano de inactividade com direito a metade do vencimento de categoria, devendo em seguida ser aposentado.

Lisboa, 30 de Outubro de 1940

a) Salazar».

Imputadas Faltas (Desde Novembro de 1939 a fins de Junho de 1940):

- a) desobediência
 - b) falsificação de escrita
 - c) abandono do lugar
 - d) concessão (imputação do Embaixador Britânico, de 20/6/40)
 - e) vistos a austríacos, espanhóis, luxemburgueses e polacos
- Atribuiu falsamente a nacionalidade portuguesa ao casal Miny, em 30/5/40.

Em 18 e 19/6/40, vai a Bayone impondo ao cônsul ali a concessão de vistos, quer de trânsito quer de residência, independentemente de consulta.

Como o cônsul Faria Machado objectasse, afirmou-lhe, falsamente, que recebera instruções nesse sentido e que fora a Bayone expressamente para lhas comunicar.

*

Já assim procedera em Novembro de 1939, quando ainda não havia êxodo de França, o qual só começou em Maio/Junho de 1940.

*

Não propôs à Secretaria de Estado mudanças das instruções com que depois disse não concordar, nem mudança de posto.

*

Justificou a falsificação da identidade dos Miny com o humanitarismo.

*

Era já o 4.º processo disciplinar de Aristides (1935, por declarações públicas; de novo em 1935, por irregularidades na contabilidade consular; em 1938, ausentou-se do seu posto na Bélgica e veio a Portugal sem autorização quer da Legação em Bruxelas quer de Lisboa; e ainda outro que foi instruído pelo Dr. Francisco António Correia).

*

De 1937 a 1939, consta uma extensa lista de repreensões e censuras. Já em 1917 fora repreendido por se ausentar de Zanzibar.

*

O Conselho Disciplinar do MNE propôs a pena de regresso à categoria anterior (cônsul de 2.ª classe), prevista no n.º 9 do artigo 6.º do Regulamento Disciplinar dos F. Civis.

O S. Geral (Teixeira de Sampaio) entendeu diferente. Salazar, dentro dos seus poderes, despachou a proposta do S. Geral (muito mais benigna)

Isto fez que Sousa Mendes morresse aguardando aposentação, recebendo, depois do ano de inactividade, o seu vencimento por inteiro, como se verifica da declaração que apresentou à Ordem dos Advogados em 25 de Abril de 1946 (1.595\$30 por mês) num requerimento que então lhe dirigiu.

Anexo 237 | Destaque na primeira página do jornal original do suplemento

Saraiva, J.A. (2009, outubro 16). José Hermano Saraiva - “Gosto que as pessoas gostem de mim”. *Tabu*, 34-43.



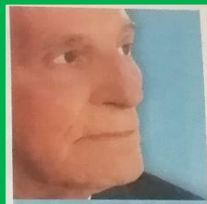
DVD OFERTA

Funcionário do Mês

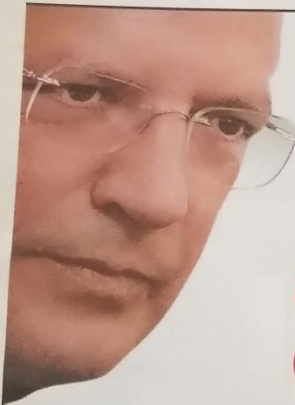
Director **José António Saraiva**
Director Adjunto **José António Lima**
Subdirectores **Mário Ramires** e **Vitor Rainho**

Preço 2,5 euros IVA incluído
500 kwanzas Angola
Código de barras no canto inferior direito
www.sol.pt

Edição n.º 162
16 Outubro 2009



Entrevista José Hermano Saraiva
‘Aristides Sousa Mendes não foi nenhum herói’
» **TABU**



Augusto Santos Silva

‘Ferreira Leite lembra uma anarquista espanhola’

O AINDA ministro da Presidência, Augusto Santos Silva, diz ao *SOL* que Manuela Ferreira Leite, a líder da oposição, usa uma linguagem semelhante à do Bloco de Esquerda ou do MRPP, sendo por isso uma «interlocutora precária». E adianta que ela faz lembrar uma «anarquista espanhola». » Pág. 5



Angolanos podem salvar TAP

UMA parceria entre a TAP e duas outras companhias aéreas de língua portuguesa – a angolana TAAG e a brasileira TAM – pode ser a saída para salvar a transportadora nacional. As três companhias encaixam bem e parecem ser complementares em termos de rotas. » **CONFIDENCIAL**

PGR explica ‘trapalhada’ que envolveu magistrados do Freeport

PINTO Monteiro, procurador-geral da República, explica ao *SOL* a confusão que envolveu os magistrados do caso Freeport, que foram constituídos arguidos por 24 horas e consideraram não ter condições para continuar no processo. » Pág. 17

Estudantes universitários vivem em casas de banho



O DIVÓRCIO e o desemprego dos pais, bem como o aumento do preço das propinas, está a lançar muitos universitários na miséria. Os casos dramáticos sucedem-se por todo o país, com jovens passando fome e chegando a viver dentro de casas de banho. » Págs. 30/31

Santana exige demissão na Católica

SANTANA Lopes exige a demissão do responsável pelo centro de sondagens da Universidade Católica que, segundo ele, teve influência no resultado eleitoral em Lisboa. E cita uma sondagem publicada três dias antes, que dava 12 pontos de vantagem a António Costa. » Pág. 12

Morgado congela sistema informático

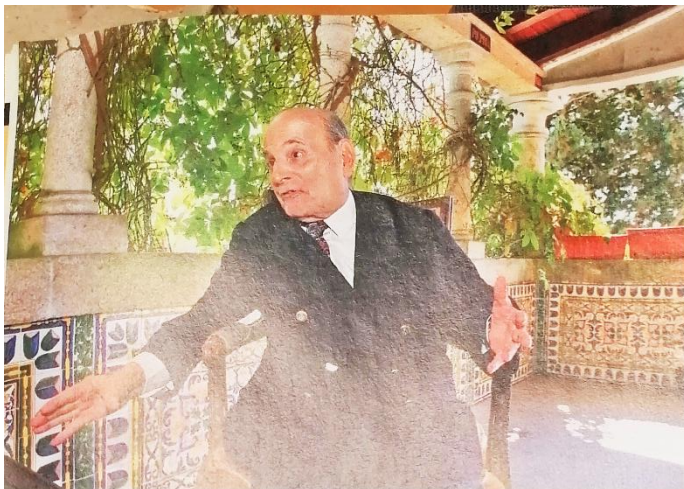
MARIA José Morgado, directora do DIAP de Lisboa, não permitiu que a experiência-piloto de *software* informático se alargasse a todo o departamento que chefia. A falta de segurança e as más performances do sistema estiveram na base da decisão. » Pág. 18

ZON LUSOMUNDO

CONVITE
Este cupão vale 2,5€ em qualquer sala do país
Válido de 16 a 22 de Outubro



Saraiva, J.A. (2009, outubro 16). José Hermano Saraiva - “Gosto que as pessoas gostem de mim”. *Tabu*, 34-43.



melindre. Vou fazer o Museu de Etnologia, a cuja gestão assisti. Foi feito para fixar os costumes dos povos de Angola, Guiné e Moçambique – mas, quando se estava a acabar o edifício, tinha acabado o Ultramar português. Agora têm lá os carrinhos do Minho e alfaías de toda a parte, mas o projecto inicial não foi atingido. Claro que me parece importante que as pessoas se interessem por etnologia cultural...

Teve vários problemas de saúde ao longo da vida, desde muito novo. No Brasil, até há um episódio muito engraçado em que sai de uma recepção, vai para o hospital e depois foge do hospital, volta à recepção e as pessoas não se aperceberam do que se passava. Não vamos falar disso agora. O que lhe pergunto é o seguinte: na nossa campanha de lançamento do *SOL* fizemos um conjunto de cartazes, e um deles era com a sua imagem e a frase ‘O Segredo da longevidade é a acção’. E, de facto, aos 90

ERA IMPENSÁVEL um cônsul [Aristides de Sousa Mendes] fazer transportar 40 mil pessoas num país hostil

anos continua com uma energia e com uma capacidade de agarrar a atenção das pessoas...

Ó Zé, tu não imaginas como é reconfortante o reconhecimento das pessoas por todo o país, mas por vezes chego a casa alta noite esgotado. É um grande sacrifício. Eu continuo, e continuarei enquanto puder. Agora estivemos em Sesimbra. Sesimbra é muito curiosa. Tem o castelo, lá em cima, cercado, todo ameaçado, mas há uma só casa lá dentro. E aquilo cresceu como prolongamento do castelo à praia. A igreja depois mudou... É toda a mudança da igreja, da terra... E a minha mulher fez uma descoberta interessante. Está na Misericórdia (a famosa Misericórdia de Sesimbra) um quadro que se diz ser Carlos V e o Rei de Portugal D. João III, com as respectivas mulheres. Ora bem, não é. É Carlos V e o seu irmão Fernando, Rei da Boémia, no ano em que a este foi atribuído o tí-

tulo de Rei dos Romanos. É uma belíssima tela do século XVI, que nós, como não sabemos, atribuímos a um dos nossos mestres... Mas é muito interessante ver o grande imperador Carlos V e o Rei Fernando a prestarem homenagem à Virgem das Misericórdias portuguesas. É disso que se trata.

Nas suas *Memórias* provocou um grande escândalo ao dizer que Aristides de Sousa Mendes não foi o herói que fizeram dele, e até levantou dúvidas sobre as intenções daquilo que se considera o seu grande papel na salvação de vidas. Em que é que se baseou para fazer esse outro retrato de Aristides de Sousa Mendes?

Quando advogado, eu almoçava todos os dias num restaurante numa rua da Baixa, onde se comia muito bem, e travei ali relações com um homem que tinha sido subinspector da PIDE e que fora demitido. Tornara-se solicitador – um solicitador não encartado – e ajudava muitos advogados. Esse homem contou-me que tinha sido demitido por causa do processo do Aristides. Ele e outro inspector fizeram um cambalacho com uns passaportes falsos que venderam muito caro. Mais tarde, o eng. Leite Pinto, antigo ministro da Educação, contou-me que, quando era administrador dos caminhos-de-ferro da Beira Alta, Salazar lhe pediu para fazer uma operação-mistério, de grande porte, que era transportar da fronteira de Irun para Vilar Formoso milhares de republicanos espanhóis e judeus que lá estavam acumulados e que o Franco, se os apanhasse, matava. E que, se lá ficassem, eram mortos pelos apoiantes do Hitler. Então, os comboios do volfrâmio, que iam para lá selados, eram despejados em Irun e recarregados com os refugiados, que eram despejados em Vilar Formoso. Daí eram levados para várias terras – uma delas, as Caldas da Rainha, onde toda a gente sabe que estiveram um mês. Ao fim de um mês tinham de ir à sua vida. De facto, qual era a possibilidade de um cônsul, um simples cônsul, mobilizar meios para transportar 40 mil pessoas através de um país hostil? Como é que isso era possível? Só era possível para uma organização estadual, como é evidente. Mais: não há nenhum documento do Aristides que diga isso, não há nenhum. E ele nem sequer foi demitido, porque era monárquico, era irmão do César de Sousa Mendes, que tinha sido ministro juntamente com o Dr. Salazar, ministro dos Estrangeiros. Tinha uma carreira obscura, já com vários processos disciplinares. Naquela altura estava em Bordéus, que era um consulado sem grande importância, tinha uma família numerosa e dificuldades económicas. Fizeram umas centenas de passaportes, que venderam, até que a PIDE deu por isso. Acontece que um dos beneficiários dos passaportes, um judeu, soube que tinham sido salvas 40 mil pessoas e concluiu que o haviam sido pela mesma porta dele, pelo cônsul de Bordéus, e veio dizê-lo. E isso foi aceite imediatamente, sem a mínima investigação...

Nas suas *memórias*, os últimos volumes são ocupados, basicamente, por dois tipos de temas: os pro-

Anexo 238 | Destaque na primeira página

Branquinho, D. (2013, julho 2). A verdade sobre Aristides Sousa Mendes. *O Diabo*, 11-13.

2 de julho de 2013 • Ano XXXVI • Nº 1905 • Preço 2,00 € (IVA incluído) • Fundadora: Vera Lagoa • Director: Duarte Branquinho

OS CORTES QUE NOS ESPERAM DEPOIS DAS FÉRIAS

SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS

A VERDADEIRA HISTÓRIA DO CÔNSUL ARISTIDES SOUSA MENDES



- ▶ Embaixador Carlos Fernandes conheceu bem Aristides e desfaz o mito
- ▶ Cônsul em Bordéus não deu 30 mil vistos a judeus em fuga, mas apenas algumas centenas
- ▶ Sousa Mendes não foi perseguido por Salazar, nunca foi exonerado e recebeu o seu vencimento até morrer
- ▶ Surpresa: o "homem bom" que a esquerda venera era, afinal, de direita
- ▶ História ensinada nas escolas às nossas crianças não corresponde à verdade
- ▶ Conheça os outros diplomatas portugueses que salvaram judeus
- ▶ Qual o destino da indemnização paga pelo Estado e recebida pelos herdeiros?

Págs. 11-13

"Aristides era um monárquico da extrema-direita"

O DIABO, 2 de julho de 2013 • 11

Entrevista



A verdade sobre Aristides Sousa Mendes

DUARTE BRANQUINHO

O Embaixador Carlos Fernandes é um homem de elevada cultura e detentor de um currículo impressionante. Diplomata de carreira, foi também professor universitário e tem uma vasta obra publicada. Conheceu Aristides Sousa Mendes e, cansado de ler e ouvir tão abundantes como mirabolantes fantasias a seu respeito, decidiu escrever o livro "O Cônsul Aristides Sousa Mendes. A Verdade e a Mentira" para repor a verdade histórica, sem deixar de evidenciar a sua simpatia pessoal por Aristides. O DIABO foi recebido em casa do Embaixador e entrevistou-o.

O seu livro está a ter um grande sucesso?

Sim, é notável. Mal saiu tive imensos telefonemas e pedidos de livrarias. A primeira edição esgotou rapidamente. A segunda edição estará disponível esta semana. Muita gente me tem contactado para saber onde pode adquiri-lo. Normalmente indico a Livraria Apolo 70, em Lisboa, mas já tive pedidos de outras livrarias.

Isso significa que as pessoas têm interesse no tema...

As pessoas andavam adormecidas. O português é assim, anda calado até que um dia explode. Ninguém quer ondas e deixa andar, até que há um dia em que as pessoas dizem que "a galinha é gorda demais".

O seu livro é principalmente uma contestação ao livro de Rui Afonso?

Exactamente. É um livro de História, completamente imparcial (se alguém achar que não é, que me diga que eu corrijo), não é a favor de ninguém, nem contra ninguém. Também não me meto na vida privada do Aristides - acho

estavam juntos. O Rui Afonso diz que o filho foi perseguido. O filho do secretário-geral também foi? Também ajudei outro filho, o Sebastião, em Nova Iorque.

Há quem ponha Aristides Sousa Mendes como uma questão de esquerdas e direitas...

Quem vir a coisa assim vicia a solução à partida. Até porque ele era da extrema-direita. Era monárquico da extrema-direita e por isso foi para Vigo como cônsul político. Há uma carta dele, que eu publico em anexo no livro, em que ele se gaba de ter perseguido os políticos vencidos no 28 de Maio. É triste, essa carta... Nunca ninguém a publicou.

Como foi possível a construção do mito de Aristides Sousa Mendes?

Eles pensavam, naturalmente, que ninguém apareceria a contar a verdade. Mas deviam saber que eu não poderia ficar calado.

Diz-se que ele deu vistos para salvar judeus que estavam em perigo de vida...

Ele não salvou ninguém, porque ninguém estava em perigo de vida e também não deu o visto de graça a ninguém, porque precisava do dinheiro. Só deu vistos de graça depois de destituído, que se saiba. Mas isso, o Teutónio Pereira, que tinha ido de Madrid para o meter na ordem porque ele não obedecia a ninguém.

Esses problemas já vinham de trás?

Ele teve processos durante a 1 República. Só teve processos depois do 28 de Maio em 1935-36 e só teve uma repreensão. Ele julgou que podia continuar assim. Aliás, com o Salazar ele só teve o último processo.

Não houve uma perseguição por parte de Salazar?

Não. O regime protegeu-o. Deu-lhe um posto que não era da categoria dele. O

irmão gémeo dele, o César, foi o primeiro ministro dos Negócios Estrangeiros do Salazar. Apesar de lá ter estado pouco mais que oito meses. Mas depois foi colocado em bons postos. Foi gente altamente protegida. Houve uma protecção consciente. Quando comecei a trabalhar no Ministério, muito novo, com o Rebelo da Silva, assisti a todas as conversas sobre o Aristides. Ele contou-me toda a tragédia dele, que tinha sido castigado. Naquela altura já não estava, mas ele queria ir outra vez para o estrangeiro, mas não estava em condições para isso. Eu explico o que é o instituto da disponibilidade no livro, porque muita gente não sabe o que é. É algo que vem da 1 República, não foi inventado pelo Salazar. O Sousa Mendes é posto em 1919 dois anos na disponibilidade pelas asneiras que fez em Curitiba, de 1919 a 1921, quando o Salazar nem pensava vir para o Governo. Ele chegou a empregar um filho no Consulado e foi autorizado a trabalhar com o irmão quando estava na disponibilidade.

Porque é que ele era protegido?

O que me disse o Rebelo da Silva, na altura, foi que ele tinha uma família grande e digna e no Ministério havia compreensão pela sua situação difícil. Nem ele nem o irmão tinham amigos no Ministério ou tinham tido uma carreira académica brilhante, mas ele era protegido por causa da família.

continua na página seguinte >

que as pessoas não se devem meter na vida privada dos outros - até porque ele teve uma vida muito complicada.

Conheceu Aristides Sousa Mendes, como era a sua relação com ele?

Nada me move contra o Aristides, pelo contrário. Conheci-o num período muito difícil da vida dele e depois ajudei dois dos seus filhos. Um, o Geraldo, a quem fiz a prova escrita de concurso para o Ministério, mas ele não era capaz. Nem ele nem o filho do secretário-geral, que



O Diabo

12 • O DIABO, 2 de julho de 2013

Entrevista

“A História não se faz por lei ou decreto-lei, que são sempre instrumentos políticos”

▶ continuação da página anterior

Cônsul em Bordéus nunca

Na vida trágica de Sousa Mendes há uma figura sinistra, o rabino Kruger. O que acha dele?

Esse homem estragou-lhe a vida. Ele conheceu-o na Bélgica, mas quando foi para Bordéus a vida piorou, começou a ganhar menos e deixou de ter a importância que tinha em Antuérpia, onde esteve dez anos e já era decano. Em Bordéus passa a ser um Zé-ninguém, foi uma mudança drástica. Aí conheceu uma rapariga nova, muito culta e muito moderna, com quem se envolveu e que acabou por engravidar. Estou convencido que lhe prometeu divorciar-se da mulher e casar com ela. Ora, ele vivia no consulado com a família que assistia ao escândalo que a amante lá fazia. Imagine a tragédia! Isto levou a que ele, no dia 14 de Junho de 1940, caísse de cama com uma depressão. Nesta altura aparece-lhe o rabino Kruger a pedir um visto para Portugal, mas o Ministério recusa o visto porque teve má informação dele da Bélgica.

Porque precisava ele do visto?

Porque não tinha visto para outro lado. Essa é outra coisa que as pessoas não sabem ou não querem dizer. Só precisava de pedir visto para Portugal quem não tivesse visto para outro país ou

viagem marcada para lá. O Kruger devia ser um pobretana, porque senão tinha ido comprar um visto ao Haiti que os vendia. Aristides acabou por lhe dar o visto, mesmo sem autorização, algo que ele fazia. São vistos irregulares, isto é, os vistos dados sem autorização são legais, mas irregulares. Só os que ele deu depois de destituído é que são ilegais.

Mas Sousa Mendes continua a dar-se com Kruger?

Mas do que dar-se, ele mete-o em casa. Ora, como ele estava diminuído psicologicamente, o rabino fez dele o que quis. Não há dúvida nenhuma que é este rabino que o doutrina e lhe mete o judaísmo na cabeça e a perseguição dos judeus. Ele embarca naquilo. Depois de recuperar da depressão, só vê judeus perseguidos em todo o lado. A relação entre os dois continua, o rabino vem para Portugal. Eu publico no

livro uma fotografia onde aparecem os dois e onde o Aristides está com um ar estranho, está manifestamente perturbado.

Mas os judeus não estavam a ser perseguidos?

Os judeus começaram a fugir da Áustria, em 1938, depois do Anschluss, quando o Hitler toma a Áustria com o apoio de toda a gente, excepto dos judeus e da Casa Real austríaca. Há uma debandada geral de judeus austríacos, na sua maioria pobres, que querem emigrar, porque passam a ser alemães juridicamente e não querem ficar sob o Hitler. Portugal tinha um acordo de supressão de vistos com a Alemanha desde 1926, como os judeus austríacos passam a ser alemães e há uma debandada, os países da Europa quiseram pôr um termo a essa debandada e condicionaram os vistos a autorização. Mas isto durou pouco, porque depois veio

a guerra. Mas o Hitler só invade a Europa Ocidental em Maio de 1940, quando há uma nova debandada de judeus. Só depois, em 1942, na Conferência de Wannsee é que é decretada a solução final contra os judeus e começa a perseguição. Não é que os tratassem bem antes, mas não os punham em campos de concentração.

O Aristides não salva ninguém da morte, porque em 1940 ninguém estava em risco de vida.

O que acha de Hitler?

Um homem inteligente, mas louco. Era artista, pintava muito bem, e cultíssimo, mas doido. Meteu-se-lhe o racismo na cabeça, como o Sousa Mendes o judaísmo. É muito parecido.

Como assim?

O Aristides de Sousa Mendes era um homem magnífico, devia ser o homem mais generoso do

mundo, mas isso já é um pouco de louco. Era generoso demais sem ter dinheiro para isso, ainda por cima com tantos filhos.

E em relação ao número de vistos concedidos?

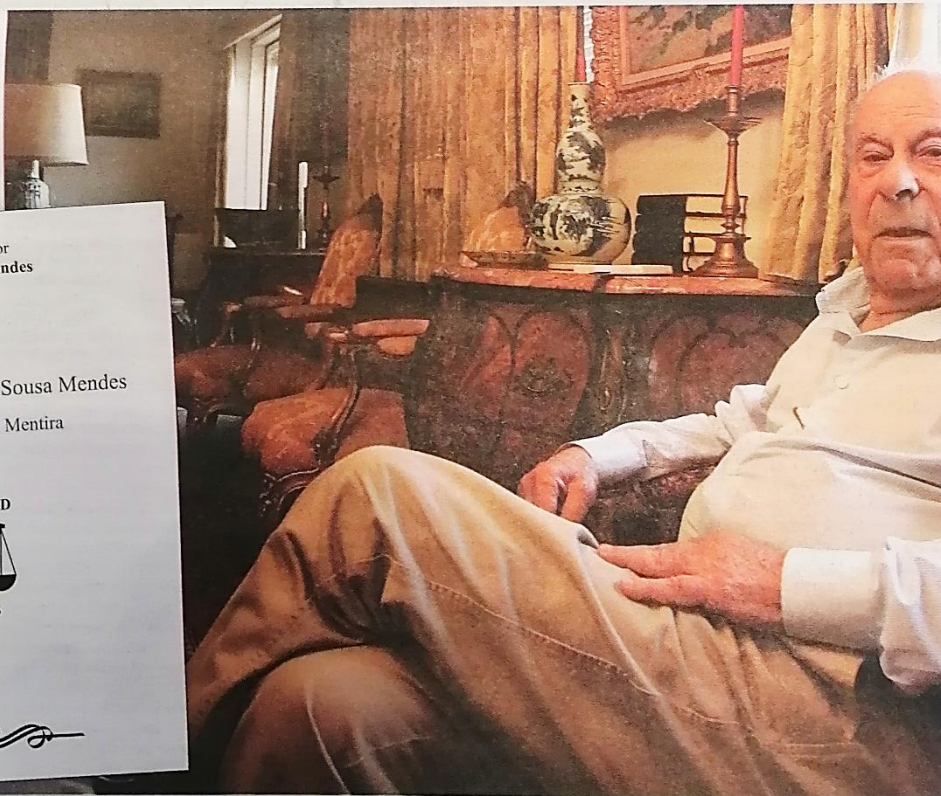
O Rui Afonso fala em 30 mil, dois quais 10 mil são judeus, mas só cá chegaram uns poucos de milhares até Junho de 1940. Se estavam em perigo de vida ficaram lá? Para onde foram? Para Espanha não foram. É claro que nunca existiram.

Mas houve diplomatas portugueses que salvaram judeus?

Sim, eu conheci-os. O Sampaio Garrido e o Carlos Branquinho estavam em Budapeste, salvaram imensa gente. E não foram só judeus, também ciganos e outros. O Calheiros Menezes estava na Turquia e enviou para aqui umas centenas de crianças e alguns adultos. Isto foi-me confiado por Sam Levi, que era um

Embaixador
Carlos Fernandes

O cônsul Aristides Sousa Mendes
a Verdade e a Mentira



O DIABO, 2 de julho de 2013 • 13

Políticos manuseáveis e manuseados por quem tem o poder de fazer as leis.” Entrevista 

foi perseguido por Salazar

amigo e vivia na Turquia nessa altura. Portugal foi de uma generosidade enorme. O regime não se opôs. Aliás, Garido e Branquinho são bem tratados no Ministério e vão depois para bons lugares.

Porque é que não se fala nisso?
Porque o que interessa é atacar o Salazar. Não foram os judeus que inventaram esta história do Sousa Mendes.

Quem foi?
Quem começa a inventar esta história foi um colega meu, o Bessa Lopes, que virou comunista a seguir ao 25 de Abril. Quando eu fui nomeado director dos serviços jurídicos, ele apareceu-me com uma informação que me deixou banizado, onde dizia que o Salazar tinha perseguido o Aristides, que o pôs fora sem vencimento e essas histórias todas. Fiquei horrorizado. Chamei-o e disse-lhe

que tinha lido a informação e que tinha ido ver o processo, mas que a achava muito desonesta. No entanto, devido às nossas boas relações, disse-lhe que não o ia castigar, mas que podia sentar mais na secretária dele, que fosse ter com o secretário-geral e inventasse a história que quisesse para mudar de serviço. Eu encontrei o processo já aberto e com falta de documentos. Esses processos são lacrados até serem postos ao público. Os documentos eram arquivados numa lista e eu fui logo ver se faltavam documentos importantes, que comprometiam Aristides. Portanto, não foram os inimigos de Aristides, foram os amigos que os retiraram. O Rui Afonso diz no livro dele que foi o Bessa Lopes que violou o selo, mas eu na altura não sabia. Se eu soubesse tinha-lhe posto um processo disciplinar. Apesar do 25 de Abril, violar um processo não deixou de ser crime.

Quem ganha com a construção do mito de Aristides?
Ganham os netos. Ninguém sabe o que fizeram ao dinheiro que lhes foi dado como indemnização. Receberam cerca de 70 mil contos, dos quais eu documento no livro 67 mil. Dava para fazer uma casa nova, quanto mais recuperá-la. Não fizeram nada. Convinha saber que destino deram ao dinheiro que o Estado lhes deu generoso, mas abusivamente. É preciso que o povo saiba. É imperioso investigá-lo e dá-lo a conhecer publicamente, até para defesa da sua honra. Por outro lado, será que a filha, a Maria Rosa, teve conhecimento que tinha direito à indemnização? Ainda por cima, porque consta que ela ainda está viva. A informação que eu tenho é que os netos do Aristides ocultaram, não têm correspondência com ela e, até, negam a existência dela.

Escreveu ao ministro da Educação dizendo que o que se ensina nas escolas não é verdade. Qual foi a resposta?
Escrevi agora e já me respondeu, felicitando-me a mim e ao livro, mas não disse que ia tomar medidas. Mas vai. Vou escrever-lhe novamente. Ou muda isto, ou eu daqui a uns tempos vou ter que processar os autores disto. Quem me alertou para isso foram os meus sobrinhos e algumas pessoas, que estavam a ensinar isso aos garotos do 9.º ano. Eu pedi os livros, cujos excertos publiquei no meu livro.

O que diz da lei de reabilitação de Sousa Mendes?
É uma vergonha para a Assembleia da República. Há um decreto-lei, publicado a seguir ao 25 de Abril, a reabilitar toda a gente que tenha sido aposentado, demitido ou posto fora dos serviços por razões políticas. É o decreto mais decente que pode haver, porque eu sou contra as perseguições políticas. Criaram-se comissões de reabilitação nos ministérios para avaliar quem se enquadrava nesses casos. A primeira comissão do Ministério dos Negócios Estrangeiros chegou à conclusão que ele não tinha sido perseguido politicamente e que não lhe podia ser aplicado aquele decreto-lei. Mas depois vem o Bessa Lopes no Ministério, o Rui Afonso com o livro, com as duas delegações do Congresso americano chefiadas por Tony Coelho que vêm a Portugal pressionar o Cavaco e o Mário Soares para reabilitarem o Sousa Mendes. Eles resistiram, mas cansaram-se e acabaram por dizer que sim. E aqui que entra Jaime Gama, pressionado pelo Rui Afonso, que propõe na Assembleia da República uma lei que é aprovada por unanimidade e com aplauso. Uma lei individual, quando as leis devem ser gerais e abstractas. É a Lei n.º 51/88, de 26 de Abril, que diz que “nos termos da lei será reintegrado na carreira diplomática a título póstumo o ex-cônsul geral em Bordéus Aristides Sousa Mendes”. Primeiro, ele não era cônsul-geral,

estava acreditado como cônsul-geral, é diferente. Mas não refere em termos de que lei. Eu escrevi uma carta à Presidente da Assembleia, Assunção Esteves, perguntando qual era a lei, mas ela nunca me respondeu. Ora, só podia ser a lei da reabilitação. O problema é que esse decreto só prevê a reabilitação de pessoas afastadas por motivos de natureza política. O Aristides não foi por natureza política, portanto não podiam invocar este decreto. Deixaram uma coisa genérica sabendo que estavam a mentir.

Como caracteriza este caso?
A chamada solução do caso Sousa Mendes é o paradigma da ligeireza e completa politização com que se tem conduzido a “res pública” em Portugal. De facto, depois de termos como a Assembleia da República e com que argumentos e por unanimidade e grande aplauso, orquestrados previamente entre os partidos alegando as mesmas falácias e demonstrando completa falta de estudo e espírito crítico, admitindo que não agiram de má-fé, admiram-se alguns do estado a que o Estado

chegou e onde infelizmente nos encontramos sem se saber como, nem quando, poderemos sair do pântano em que nos meteram por incompetência e mendacidade. A falsificação seja do que for é a negação da verdade e como tal aberrante. Sendo a falsificação da História uma das mais aberrantes. Se for feita por diploma legislativo, como é o caso, estamos perante a mais completa destruição de uma ordem social baseada no Direito e na Moral que são os pilares da democracia. A História não se faz por lei ou decreto-lei, que são sempre instrumentos políticos manuseáveis e manuseados por quem tem o poder de fazer as leis. Isto foi apanágio dos estalinismos, mas não pode ser dos Estados de direito. ■




Anexo 239 | Destaque na primeira página

O Diabo (2013, julho 9).



10 • O DIABO, 9 de julho de 2013

Polémica

Embaixada britânica deu conta de irregularidades em Bordéus

Ainda sobre Aristides de Sousa Mendes



O Embaixador Carlos Fernandes, que O DIABO entrevistou na passada edição a propósito da publicação do livro da sua autoria "O Cônsul Aristides Sousa Mendes. A Verdade e a Mentira", não foi a única pessoa a pronunciar-se sobre a versão "oficial" da história do Cônsul de Bordéus. Recordamos aqui o que disseram o Prof. José Hermano Saraiva e o Embaixador Hall Themido, bem como o memorando da Embaixada britânica de 1940 que dava conta das irregularidades cometidas no Consulado português em Bordéus.

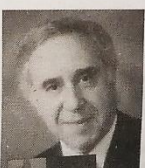


Assim nasceu "a versão, hoje oficialmente consagrada"

O Professor José Hermano Saraiva revela no volume 6.º das suas Memórias, publicadas pelo semanário "Sol", uma conversa com o Professor Leite Pinto: "Fala, a propósito, na operação de salvamento dos refugiados republicanos espanhóis e dos judeus que, no início da Segunda Guerra Mundial, se acumulavam na fronteira de Irun, na ânsia de salvar as vidas. Vieram embarcados nos vagões da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, que iam até Irun carregados de volfrâmio, e voltavam a Vilar Formoso carregados de fugitivos. A operação foi mantida rigorosamente secreta porque as autoridades espanholas não consentiriam. Segundo um

protocolo firmado pelas autoridades ferroviárias dos dois países, os vagões deviam circular selados, quer à ida quer à vinda. Um dos que assim salvaram a vida foi o Barão de Rothschild. O Embaixador Teixeira de Sampaio confirmou-me, mais tarde, esses factos. O salvamento de 30.000 refugiados deu-se ao mesmo tempo que o cônsul de Portugal em Bordéus, em cumplicidade com dois funcionários da Pide, falsificava algumas

centenas de vistos, que vendia por bom preço a emigrantes com dinheiro. Um dos que utilizaram esta via supôs que todos os outros vieram do mesmo modo – e assim nasceu a versão, hoje oficialmente consagrada, de que a operação de salvamento se deve ao cônsul de Bordéus, Aristides de Sousa Mendes. Este, homem muito afecto ao Estado Novo, nem sequer foi demitido, mas sim colocado na situação de aguardar aposentação. Os seus cúmplices da Pide foram julgados, condenados e demitidos."



"A mitificação de Aristides de Sousa Mendes"

Este é o título de um dos capítulos do livro "Uma Autobiografia Desfardada", do Embaixador João Hall Themido, talvez o mais polémico. Aqui, o Embaixador acusa o Cônsul de Portugal em Bordéus de "actuação irregular", afirmando que, "de forma totalmente irrealista, fala-se em 30 mil" vistos "concedidos em apenas alguns poucos dias pelo cônsul e seus familiares, de forma cega, no consulado e até nos cafés da vizinhança". Para Hall Themido, havia "a necessidade de manter disciplina nos serviços que de forma

directa ou indirecta pudessem, com a sua actuação, afectar o estatuto de neutralidade" de Portugal. O Embaixador considera que Aristides Sousa Mendes foi um "mito criado por judeus e pelas forças democráticas saídas do 25 de Abril" e que "quando a família" do cônsul, "grupos judaicos e forças da esquerda ressuscitaram o assunto", procurou saber mais sobre o ocorrido. Recordou ainda que Sousa Mendes "pertencia à carreira consular, considerada carreira menor em relação à carreira diplomática".

Quanto à alegada perseguição, afirmou que o processo disciplinar ao cônsul em Bordéus "foi o último de vários de que foi alvo ao longo da carreira, quase sempre por abandono do posto ou concussão". Acrescentou que a maioria dos processos "desapareceu misteriosamente" do Ministério dos Negócios Estrangeiros e que o de Bordéus está "incompleto". Por isso, considera "incompreensível criticar" o Ministério, "incluindo o ministro, por ter aplicado a lei nas circunstâncias da época".

Algumas Notas

Na edição de 3 de Abril de 2007, O DIABO revelou algumas notas sobre Aristides de Sousa Mendes que agora se republicam para esclarecer o caso.

Num memorandum da Embaixada Britânica, datado de 20/6/40, diz-se:

«O cônsul de Portugal em Bordéus protela para fora das horas de expediente todos os pedidos de vistos, e cobra por eles taxas extraordinárias. Pelo menos, num caso foi ainda o interessado convidado a contribuir para um fundo português de caridade antes de ser-lhe concedido visto».

Processo

Despacho de Salazar preparado pelo Secretário-Geral: "Atendendo a que às infracções cometidas, não tendo em consideração a reincidência, cabe a pena do n.º 8 do artigo 6.º do Regulamento Disciplinar: Atendendo a que do relatório consta "e o Conselho reconhece a incapacidade profissional do arguido para dirigir consulados, especialmente os da sua categoria";

Condena o cônsul de 1.ª classe, Aristides de Sousa Mendes, na pena de um ano de inactividade com direito a metade do vencimento de categoria, devendo em seguida ser aposentado.

Lisboa, 30 de Outubro de 1940

a) Salazar"

Imputadas Faltas (Desde Novembro de 1939 a fins de Junho de 1940):

- a) desobediência
 - b) falsificação de escrita
 - c) abandono do lugar
 - d) concessão (imputação do Embaixador Britânico, de 20/6/40)
 - e) vistos a austríacos, espanhóis, luxemburgueses e polacos.
- Atribuiu falsamente a nacionalidade portuguesa ao casal Miny, em 30/5/40.

Em 18 e 19/6/40 vai a Bayone impondo ao cônsul ali a concessão de «vistos», quer de trânsito quer de residência, independentemente de consulta.

Como o cônsul Faria Machado objectasse, afirmou-lhe, falsamente, que recebera instruções nesse sentido e que fora a Bayone expressamente para lhas comunicar.

Já assim procedera em Novembro de 1939, quando ainda não havia êxodo de França, o qual só começou em Maio/Junho de 1940.

Não propôs à Secretaria de Estado mudanças das instruções com que depois disse não concordar, nem mudança de posto.

Justificou a falsificação da identidade dos Miny com humanitarismo.

Era já o 4.º processo disciplinar de Aristides (1935, por declarações públicas; de novo em 1935, por irregularidades na contabilidade consular; em 1938, ausentou-se do seu posto na Bélgica e veio a Portugal sem autorização quer da Legação em Bruxelas quer de Lisboa; e ainda outro que foi instruído pelo Dr. Francisco António Correia.

De 1937 a 1939, consta uma extensa lista de repreensões e censuras. Já em 1917 fora repreendido por se ausentar de Zanzibar.

O Conselho Disciplinar do MNE propôs a pena de regresso à categoria anterior (cônsul de 2.ª classe), prevista no n.º 9 do artigo 6.º do Regulamento Disciplinar dos F. Civis.

O S. Geral (Teixeira de Sampaio) entendeu diferente. Salazar, dentro dos seus poderes, despachou a proposta do S. Geral (muito mais benigna).

Isto fez que Sousa Mendes morresse aguardando aposentação, recebendo, depois do ano de inactividade, o seu vencimento por inteiro, como se verifica da declaração que apresentou à Ordem dos Advogados em 25 de Abril de 1946 (1.595\$30) num requerimento que então lhe dirigiu.

Mendes, A.S., Mendes, A.S.. (2013, julho 2). Comentário ao "Diabo" -Entrevista a Carlos Fernandes. *O Diabo*, 11.

O DIABO, 9 de julho de 2013 - 11

Direito de Resposta 

Comentário ao "Diabo"

Entrevista a Carlos Fernandes

Nos termos da Lei de Imprensa e ao abrigo do direito de resposta, abaixo se publica o texto, tal como recebido por correio electrónico de Álvaro e António de Sousa Mendes (pelos netos de Aristides de Sousa Mendes), sobre a entrevista com o Embaixador Carlos Fernandes publicada na edição anterior.

Esta "entrevista" não passa de um ataque desesperado à Memória de nosso Avô, Aristides de Sousa Mendes e revela um Carlos Fernandes, antigo embaixador de Salazar, muito confuso, esquecido e enraivecido com tiques autoritários e tirânicos (diabólicos) ameaçando os defensores da Memória de Aristides de Sousa Mendes com Tribunal. O dito senhor pega nos elementos de uma realidade que não conheceu directamente mas arroga-se o direito e o poder de contar as coisas à sua maneira. Não só em relação à vida de Aristides SM, com quem ele se terá cruzado uma vez nos corredores do MNE, mas também em relação aos próprios factos históricos e falsificações conforme a sua conveniência.

Aristides de Sousa Mendes, é reconhecido internacionalmente desde 1966, data em que recebeu a distinção de JUSTO ENTRE AS NAÇÕES ao mesmo tempo que Wallenberg. É cidadão Honorário de Israel e da Califórnia; figura entre os "Justes de France"; tem dezenas de ruas em inúmeros países: - nomeadamente em Viena de Áustria a "promenade Aristides de Sousa Mendes" junto às organizações internacionais. Filmes, documentários, estudos de doutoramento, artigos e livros em muitos países.

Mas... eis que o "Diabo" reaparece e mais uma vez vem ... mentir e lançar a confusão... mas é para isso mesmo que ele existe!...

Logo na 1ª pág. o Director do DIABO e entrevistador Sr. Duarte Branquinho, escreve de forma sensacionalista que: - Embaixador Carlos F. Conheceu BEM Aristides....!ª MENTIRA!

Mais abaixo D. Branquinho escreve que Aristides não deu 30 mil vistos, apenas algumas centenas... SEM PROVAR O QUE DIZ. QUAL É A FONTE DO JORNALISTA??? ... e "recebeu o seu vencimento até morrer!" QUAL É A FONTE? O embaixador também não diz como é que sabe ou onde se pode provar tal coisa !!! Diz ainda que, afinal Aristides era de Direita.... Carlos Fernandes diz mesmo que Aristides era de extrema direita.... Quem é que acredita nisto? ...Os senhores do "DIABO" de certeza que não acreditam !?

Que dizer desta entrevista? Bem... é muito pobrezinha, pois Duarte Branquinho faz apenas algumas perguntas simples e não tenta sequer aprofundar as coisas, talvez com medo que Carlos Fernandes se "espalhe" demasiado. É um "jornalista" que se contenta com pouco e... não sabe nada da segunda guerra mundial!

Ou então aceita as respostas de Carlos Fernandes porque lhe convém!?

Por exemplo, vejamos uma pergunta de D. Branquinho: «Diz-se que ele deu vistos para salvar judeus que estavam em perigo de vida...» ; resposta de Carlos F.: «Ele não salvou ninguém porque ninguém estava em perigo de vida...» ah! Ninguém estava em perigo de vida!!!! A isto D. Branquinho não reage, e não lhe pergunta: - mas a França não tinha sido invadida? O exército alemão não tinha invadido Paris e o norte de França até Bordeus? Não tinha havido bombardeamentos da Luftwaffe?

Não morreram dezenas de pessoas num bombardeamento a Bordeus? Não havia ninguém em perigo de vida em França em junho de 1940??? O senhor jornalista Branquinho aceita esta resposta sem pestanejar.

Se estivessem em França ou na Alemanha estes 2 senhores já tinham ido presos!!!!

Mais adiante o ex-embaixador Carlos F. diz do alto da sua "cultura": «... só depois em 1942, na conferência de Wannsee é que é decretada a "solução final" contra os judeus e começa a perseguição!». Espantoso!!!! E o senhor jornalista não lhe sabe perguntar: então em 1933, quando Hitler sobe ao poder não inaugurou logo o campo de concentração de Dachau? Dachau Não era para judeus? Então o que foi a Kristallnacht? As leis de Nuremberga de 1935 não eram anti-semitas? O senhor jornalista não sabe estas coisas ou não teve coragem para confrontar o senhor Embaixador? Porque proibia a Circular 14 de Salazar vistos a judeus?

Carlos Fernandes afirma: «O Aristides não salva ninguém da morte, porque em 1940 ninguém estava em perigo de vida.»

A isto, D. Branquinho não reage!!! Porque será ??

Acredita mesmo no embaixador Fernandes ou é um jornalista ignorante? teve alguma formação? ou está simplesmente a ser.... colaboracionista?

Outra pergunta de D. Branquinho: «O que acha de Hitler?»; resposta de Carlos F.: «Um homem inteligente mas louco. Era artista, pintava muito bem e, cultíssimo, mas doido. Meteu-se-lhe o racismo na cabeça, como a Sousa Mendes o judaísmo. É muito parecido.»

Fantástico Hitler e Sousa Mendes - é muito parecido!!! E onde ficou a reacção do jornalista?...É a tal "banalização do mal" de que falava A. Ahrendt.

Pensava que este jornal tinha um pouco mais de ambição e que não pretendia permanecer apenas e sem-

pre o "órgão de comunicação" para satisfazer os mesmos saudosistas do tempo da "outra senhora". Pensava que este jornal tinha alguma consideração pelos seus leitores e preparava as entrevistas com profissionalismo! ... Mas Não!!!! NÃO! NÃO!

«Quem ganha com a construção do mito de Aristides?». Pergunta ainda o inocente jornalista. Resposta do embaixador: «Ganham os netos. Ninguém sabe o que fizeram ao dinheiro que lhes foi dado como indemnização.»

Então o senhor Embaixador não sabe o que aconteceu ao dinheiro? E o senhor jornalista também não sabe? Os jornalistas existem para INVESTIGAR, PARA DESCOBRIR, PARA DENUNCIAR... mas este senhor jornalista/ entrevistador também não sabe, ou não se interessou pelo assunto até agora. Não sabe!!! Dinheiros públicos...

Devem ser os únicos que não sabem neste país, mas não lhes vamos dar a resposta certa, que é para eles nos meterem em tribunal, pois como diz o embaixador : é imperioso investigá-lo e dá-lo a conhecer publicamente, até para defesa da sua honra. ■

Assinado por Álvaro e António de Sousa Mendes (pelos netos de ASM)

Nota do Director: Como a Lei de Imprensa permite apenas à Direcção do jornal uma "breve anotação" ao texto publicado ao abrigo do direito de resposta, guardamos para a próxima edição a devida resposta.

Branquinho, D. (2013, julho 16). Do direito e da resposta. *O Diabo*, 18.

Polémica

Do direito e da resposta



**DUARTE
BRANQUINHO**
Director

Na edição passada, O DIABO publicou um comentário dos netos de Aristides Sousa Mendes à entrevista com o Embaixador Carlos Fernandes, ao abrigo do direito de resposta. Infelizmente, o texto não é uma resposta que clarifique os pontos que não são considerados correctos. Limita-se a um ataque ao Embaixador, ao jornal e ao seu Director, onde se critica sobretudo a forma e se deixam muitas interrogações no ar. Esquecem convenientemente que a peça em questão era uma entrevista sobre um livro documentado e perguntam quais foram as fontes... Como se tal não fosse óbvio.

Convém reiterar que O DIABO nada tem contra Aristides de Sousa Mendes, mas não evita qualquer polémica que leve à verdade dos factos. Nesse sentido, os netos de Aristides de Sousa Mendes podiam ter esclarecido tudo aquilo que acham que não corresponde à verdade. Entenderam não o fazer. Estão no seu direito, mas deixaram a entrevista sem resposta.

Brandão, F.C. (2013, julho 16). Qual o paradeiro dos dinheiros recebidos?. *O Diabo*, 18.

Qual o paradeiro dos dinheiros recebidos?

Sendo daqueles (poucos) que perfilham das teses, bem fundamentadas, do Embaixador Carlos Fernandes, em prol da verdade sobre o “mito” Aristides de Sousa Mendes, não posso calar o meu agastamento perante a resposta dos netos, publicada na edição desse jornal n.º 1906, de 9 do corrente, à pág. 11.

Não me compete vir à liça em defesa do Embaixador Carlos Fernandes e, muito menos, do Director desse semanário. Saberão estes, e muito melhor do que eu, ripostar à forma insidiosa e grosseira como os Senhores Álvaro e António de Sousa Mendes, tentam contestar os factos apresentados.

Em contrário nada provam, quedando-se por contornos circunstanciais, sem entrarem na refutação dos argumentos jurídicos esgrimidos pelo autor do livro “Aristides de Sousa Mendes - A Verdade e a Mentira”.

Não é por acaso que figuras insuspeitas, como o falecido Prof. José Hermano Saraiva e o Embaixador João Hall Themido fazem coro com as alegações que repetidamente se oferecem, para repor verdades, até agora jamais clara e objectivamente contestadas.

De todo o arrazoadado da resposta à entrevista do Embaixador Carlos Fernandes, respigo apenas o que se refere aos subsídios concedidos pela Erário Público, em nome e à memória do antigo Cônsul de Portugal em Bordéus.

Tanto quanto me recordo, houve um montante de cinquenta mil contos (à época) que se destinariam, precisamente, à reconstrução da casa de Família em Cabanas de Viriato. Tal verba proveio de um fundo existente no Ministério dos Negócios Estrangeiros denominado “FRI” - Fundo para as Relações Internacionais.

Pergunta-se: procedeu-se à obra?

Seguramente que não. Há poucos anos verifiquei pessoalmente o estado de abandono e ruína em que o edifício se encontrava. Hoje estará obviamente muito pior.

Declaram os presuntivos beneficiários da dádiva abonada pelo orçamento do Estado, que não dão resposta sobre o paradeiro dos dinheiros recebidos!!!

Lamento a decisão, até porque serei dos muitos que lhes desconhecem o destino e a devida aplicação.

Fernando de Castro Brandão,
Embaixador jubilado

Melo, A. (2013, julho 16). Aristides, um pequeno mito totalmente desmistificado. *O Diabo*, 18.



Aristides, um pequeno mito totalmente desmistificado

apátridas e outras minorias. E isto porque, em meados de 1940, a Alemanha nazi já tinha invadido e ocupado os Países Baixos, nomeadamente a França, e havia o sé-

rio risco de descer ainda mais para sul, colocando em grave perigo a neutralidade da Península Ibérica, Portugal e Espanha.

É bom recordar que nesse ano de 1940, estava prevista a Operação Félix (invasão de Espanha e Portugal) pela Alemanha!

Desde o início da guerra, Salazar declarou a neutralidade do País, e tudo fez para preservar a Nação e os portugueses dos horrores da guerra, das mortes, da destruição e da miséria!

Aristides de Sousa Mendes foi um inconsciente ao ter desobedecido às orientações do MNE. E colocou em causa e fez perigar a neutralidade portuguesa, a soberania nacional e a integridade territorial, ao ter concedido vistos de forma ostensiva e indiscriminada aos refugiados que chegavam a Bordéus.

Como se sabe, em Outubro de 1940, por despacho de Salazar, Sousa Mendes fica na inactividade durante um ano, auferindo metade do vencimento, e a seguir, é reformado compulsoriamente. Ao contrário do que se afirma, não foi saneado pelo governo português! E recebeu a reforma a que tinha direito, tanto que ainda se deu ao luxo, de receber inúmeros refugiados na sua Casa do Passal, em Cabana de Viriato.

Acontece que o 'modus operandi' adoptado pelo cônsul pôs em causa a política diplomática do governo, assim como foi denunciado por práticas desonestas, na cobrança ilegal de dinheiro para os vistos.

Quando o mito estiver a chegar brevemente ao fim, o que se seguirá para o manter de pé? Canecas, cromos, canetas, selos, t-shirts, bonés, óculos, sobre Aristides Sousa Mendes?!!

Os grandes humanistas e altruístas impõem-se naturalmente pela grandeza das suas atitudes e o impacto causado, e são logo louvados e reconhecidos por governos, instituições, ilustres personalidades,

etc. Eles não necessitam de familiares que façam propaganda por eles, para que alguém lhes dê atenção e importância!

Não deixa de ser um contrasenso insanável esta tentativa de reabilitação da figura de Sousa Mendes por parte dos defensores, familiares, amigos e simpatizantes. E isto porque, no site oficial da Fundação Aristides Sousa Mendes, diz-se claramente o seguinte: "Aristides de Sousa Mendes é afastado da carreira diplomática e afastado de qualquer actividade profissional, sendo ostracizado pelos seus pares, familiares e amigos".

Aqui se prova, factualmente, que na realidade, a "heroicidade" do cônsul não passa de um mito, bem montado e bem urdido pelos seus (agora) defensores. Caso contrário, não haveria motivo nenhum nem qualquer justificação para ter sido ostracizado pelos seus familiares!!!

E foi-o, porque na realidade, foram divulgadas todas as suas infracções e o seu processo disciplinar e a sua irresponsabilidade que poderia ter arrastado Portugal para a guerra, naquele contexto histórico de alta gravidade!

Os netos do cônsul que foram muito ávidos na resposta frágil e paupérrima dada à entrevista do embaixador Carlos Fernandes, na edição da semana passada de "O Diabo", têm agora uma excelente oportunidade de virem publicamente divulgar as fontes, isto é, todos os registos dos vistos emitidos por Aristides de Sousa Mendes, no Consulado de Bordéus, entre 1939/1940, e a identidade de todos os seus alegados 30.000 beneficiários!

Bem tinha razão Sousa Mendes, quando ainda na década de 20, teve este momento de extrema lucidez, através destas palavras: "Este moço pode vir a ser uma barreira contra a falta de escrúpulos que submerge a Nação. O seu nome? António de Oliveira Salazar. Um dia será alçado a lugar cimeiro do País, prevejo. Mas quando é que ele vai assumir o Poder para nos salvar? Tenho pressa..."

Pena foi que o cônsul de Bordéus não se tivesse recordado destas palavras em 1940, com um espelho à sua frente...

Alexandre Melo, Porto

Venho por este meio, na qualidade de assíduo leitor do vosso jornal, enviar o meu comentário relativamente à polémica recente sobre o cônsul de Bordéus, Aristides de Sousa Mendes, e do grande mito criado à sua volta, por familiares que andam entretidos a confundir a verdade histórica e a opinião pública.

O objectivo deles é claro: denegrir a figura do Doutor Salazar e, com isso, usufruir de dividendos e benesses políticas e financeiras!

Como sabemos, foi lançado recentemente um livro muito interessante, rigoroso e fundamentado do embaixador Carlos Fernandes, que desmonta toda essa alegada "heroicidade" de Sousa Mendes, durante a Segunda Guerra Mundial. Essa magnífica obra tem suscitado enorme interesse junto dos portugueses, pois a 1.ª edição esgotou rapidamente em apenas uma semana.

Na edição de 9 de Julho último, os netos de Sousa Mendes, vêm responder à entrevista concedida pelo embaixador Carlos Fernandes a "O Diabo" na semana anterior, mas fazem-no de uma forma atabalhoada, inconsequente e infundada.

O embaixador é hoje das poucas pessoas vivas que conheceu pessoalmente o cônsul de Bordéus, assim como o seu processo e o dossier no MNE. É uma pessoa isenta, credível e que repõe a verdade sobre Sousa Mendes.

A questão que se coloca é a seguinte: que legitimidade, que conhecimento, e com que autoridade é que os netos de Aristides se arrogam ter para colocar em causa o livro e os documentos oficiais nele contidos, do embaixador Carlos Fernandes?

E o que sabem os netos sobre o cônsul de Bordéus, uma vez que em 1940, com certeza, aqueles ainda nem sequer eram nascidos?!

A Circular 14 do MNE português determinava que não fossem concedidos vistos a judeus,